



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBIEIRO

**EDUCAÇÃO E MÍDIA: FORMAÇÃO DO SUJEITO EM
ESPAÇO-TEMPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**SALVADOR-BA
2013**

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBIEIRO

**EDUCAÇÃO E MÍDIA: FORMAÇÃO DO SUJEITO EM
ESPAÇO-TEMPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Tese apresentada ao Programa de Pesquisa e
Pós-graduação em Educação, Faculdade de
Educação, Universidade Federal da Bahia,
como requisito para obtenção do grau de
Doutor em Educação.**

ORIENTADOR: Dr. Augusto Cesar Rios Leiro

**SALVADOR-BA
2013**

R367 Ribeiro, Sérgio Dorenski Dantas

Educação e mídia: formação do sujeito em espaço-tempo de educação física. /
Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro. – Salvador, 2013.
389 f.: il.

Orientador: Dr. Augusto Cesar Rios Leiro

Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia.

Faculdade de Educação. Programa Pós-graduação em Educação, 2013.

1. Formação 2. Educação-mídia 3. Educação Física - escola 4. TIC's 5.
Autonomia I. Universidade Federal da Bahia II. Leiro, Augusto Cesar Rios III.
Título IV. Subtítulo.

CDD 371.334

TERMO DE APROVAÇÃO

SÉRGIO DORENSKI DANTAS RIBIEIRO

EDUCAÇÃO E MÍDIA: FORMAÇÃO DO SUJEITO EM ESPAÇO-TEMPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte Banca Examinadora:

Augusto César Rios Leiro - Orientador _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Fábio Zoboli _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Giovani De Lorenzi Pires _____
Doutor em Educação Física/Ciências do Esporte (UNICAMP)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Hamilcar Silveira Dantas Júnior _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Romilson Augusto dos Santos _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

João Danilo Batista de Oliveira _____
Doutor em Educação, Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

Salvador (BA), 13 de dezembro de 2013.



ATA DA DEFESA PÚBLICA DE DOUTORADO DE
SERGIO DORENSKI DANTAS RIBEIRO, NO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO –
MESTRADO E DOUTORADO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA.

Aos treze dias do mês de dezembro do ano de dois mil e treze, às quatorze horas e trinta minutos, reuniu-se no Auditório I, desta Faculdade de Educação, a Comissão Examinadora composta pelos Professores Doutores Giovani De Lorenzi Pires, Hamilcar Silveira Dantas Junior, Fabio Zoboli, Romilson Augusto dos Santos, João Danilo Batista de Oliveira e por mim, Augusto Cesar Rios Leiro orientador, para julgar o trabalho intitulado: EDUCAÇÃO E MÍDIA: FORMAÇÃO DO SUJEITO EM ESPAÇO-TEMPO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, de autoria de Sergio Dorenski Dantas Ribeiro. Após arguição e discussão, a banca examinou, analisou e avaliou o referido trabalho, chegando a conclusão que este está APROVADA. Nada mais havendo a ser tratado, esta Comissão Examinadora encerrou a reunião da qual eu lavrei a presente ATA, que após lida e achada conforme, vai assinada pelos presentes e encerrada por mim Augusto Cesar Rios Leiro. Salvador, 13 de dezembro de 2013.

Banca examinadora:

Prof. Dr.(a) Giovani De Lorenzi Pires.....

Prof. Dr.(a) Hamilcar Silveira Dantas Junior.....

Prof.Dr.(a) Fabio Zoboli.....

Prof.Dr.(a) Romilson Augusto dos Santos.....

Prof. Dr.(a) João Danilo Batista de Oliveira.....

Prof. Dr.(a) Augusto Cesar Rios Leiro.....

Aos

Meus grandes amores: Nailene Almeida Lima
Ribeiro e Ulisses Dorenski Lima Ribeiro.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos começam pela Banca. Não pelo formalismo acadêmico, mas, sobretudo, pelo corpo docente que se constituiu e sua influência na minha formação acadêmica e humana. Portanto, gostaria de começar a agradecer:

Ao meu orientador e membro da Banca o Professor Dr. Augusto Cesar Rios Leiro. Antes de tudo agradecer pela pessoa que é. Pelo cultivo da amizade, pela simplicidade e cumplicidade em nossas descobertas; Agradecê-lo por abraçar-me, acolher-me, entender meus limites e ao mesmo tempo, por proporcionar-me liberdade para arriscar nesta aventura. Obrigado meu amigo por tudo que fizeste por mim e saiba que cultivou uma amizade para sempre.

Ao Professor Dr. Giovani De Lorenzi Pires. Fui buscar as palavras do Diego Mendes em sua Dissertação, na sua dedicatória, em que disseste tudo que eu queria dizer e fazer:

*Por todas as lições acadêmicas, políticas e éticas
dedico este trabalho ao meu amigo,
companheiro de debates e produções acadêmicas,
e, grande mestre: Giovani De Lorenzi Pires.
Contigo aprendi mais do que em livros e grandes autores,
aprendi que a força e a emoção prescindem à razão
e que o caráter é uma inabalável distinção.
Em essência, apreendi uma paixão sublime pela docência.*
DIEGO DE SOUSA MENDES

Faço minha estas palavras e saiba que, se hoje estou aqui, estudando mídia, indiscutivelmente, foi por conta do Camarada Giovani a quem eu tenho apreço e admiração. Muito Obrigado.

Ao Professor Dr. Hamilcar Silveira Dantas Júnior. Amigo, antes de qualquer referência, mas, mais que isto, exemplo de postura ética no âmbito acadêmico no qual vem demonstrando em suas conquistas desde a graduação. Obrigado pelo olhar aguçado nas lacunas da Tese, pelas sugestões metodológicas e conceituais e principalmente, por fazer parte da minha história acadêmica. Muito obrigado meu irmão e que possamos compartilhar outros momentos juntos.

Ao Professor Dr. Romilson Augusto dos Santos, que me apresentou o vídeo musical *Playing for Change* e isto mudou meu olhar para a construção midiática e possibilitou que os alunos do Colégio (CEMB) também compartilhassem esta construção. Em nossas conversas me instigou outras leituras, outros caminhos, principalmente, me instigou a repensar a vida. Muito obrigado.

Ao Professor Dr. Fábio Zoboli que ultimamente tem sido uma referência importante no DEF/UFS e principalmente, no LaboMídia/UFS com sua inserção nas pesquisas, nas parcerias em trabalhos coletivos. Muito obrigado pelo olhar filosófico e aguçado pelas questões do corpo e da vida.

Ao professor Dr. João Danilo que nos conhecemos no CONECE – Fortaleza – perdidos no meio do trânsito e com GPS analógico, mas, sobretudo, por estabelecer um laço ético, um respeito para com os colegas de profissão e o lado humano permanente em suas ações. Muito obrigado pelas sugestões e críticas da Tese.

Aos meus pais - Walter e Helenilde – meus primeiros mestres que colocaram o amor incondicional aos filhos como primeira lição para a vida. No período conturbado da história brasileira, sob tortura, opressão, passando por necessidades diversas, eles criaram sete filhos com amor, dignidade, honestidade, numa doação sem limites.

Ao CEMB – Colégio Estadual Murilo Braga – Coordenadores, professores e aos alunos da 8ª Série A – 9º ano – à tarde. Principalmente, ao Grupo *Matrix* para o qual dedico todo meu carinho e apreço, pois, sem eles nada disso teria acontecido. MUITO OBRIGADO.

Aos LaboMídia(s) - UFSC e UFS - o espaço acadêmico que se constituiu minha segunda moradia. O local onde acontecem as pesquisas no campo da Mídia e Educação/Educação Física e que foi propulsor para eu caminhar neste campo temático. Bem como, aos “Labo-Amigos” que em Santa Catarina iniciamos estes laços de comprometimento com a pesquisa, o ensino e a produção em mídia (Cássia Hack; Márcio Romeu; Fernando Bittencourt; Mari Lisbôa; Diego Mendes; Cristiano Mezzaroba; Sheyla Antunes; Paula Bianchi; Antônio Galdino; Mel, Rodrigo Ferrari, Rogério, Iracema, Angélica, Háuscar, Bia, Ângelo, Daniel Xibaba, Fábio Messa, Gilson, Lyana, entre outros novos e velhos..., para sempre amigos.

Ao Grupo LaboMídia/UFS, principalmente à formação inicial na qual era composta pelos primeiros a apostarem nas pesquisas e discussões no campo temático da mídia na UFS: André Quaranta; Luciana Garcia; Paula Aragão e Cássia Fernanda. Esta última, apesar de deixar o Grupo, desenvolveu uma pesquisa que foi a maior inspiração para realização desta Tese.

Aos novos integrantes que fazem a história do LaboMídia/UFS sob a orientação do Diego Mendes e do Cristiano Mezzaroba: Silvan Menezes; Eduardo Carvalho e todos mais novos integrantes que ajudam e ajudarão a manter o Grupo vivo.

Ao Grupo MEL/FACED/UFBA que me acolheu durante este período de construção da Tese e, principalmente, pelas possibilidades de construções coletivas. Aos colegas: Paulinho; Débora; Michelle; Marcela; Elton; Carlos; Nívea; Heider; Alex Meneses; Fernanda Carvalho; Claudio Lucena; Luiz Rocha; Neuber e aos mais novos meu eterno agradecimento.

Ao amigo Fernando Cunha – Pernambucano “arretado” – dividimos um ano de moradia, mas, mais que isso, foi um ano de convívio juntos em que a amizade, o respeito mútuo, superou nossas diferenças.

Aos demais colegas do Doutorado, em especial à Irenides Teixeira a qual compartilhamos vários trabalhos sempre regados às boas discussões e mantendo a coerência acadêmica, sobretudo, humana.

Aos professores da UFBA, os quais me oportunizaram discussões, debates, conhecimentos, Formação: Roberto Sidnei; Maria Cecília; Miguel Bordas; Mary Arapiraca; Lícia Beltrão; Terezinha Miranda.

Ao Prof. Dr. Antônio Carlos dos Santos – Filosofia/UFS. Este estará sempre presente no meu caminhar como um “orientador oculto” que me instigou nos caminhos da filosofia.

Aos professores do DEF/UFS: Pedro Jorge; Carlos Roberto; Evandro Sena; Afrânio Bastos; Martha Bragança meus professores na graduação e hoje colegas. Nossas diferenças no campo acadêmico e de visão de mundo, não impediram que eu reconhecesse a importância de seus ensinamentos na minha formação.

Ao meu primeiro orientador José Tarcísio Grunennvaldt o qual apostou no na trilha acadêmica. A você serei sempre grato.

Ao Professor Randeantony Nascimento – “armengueiro” incomparável e pescador de amizade. Estaremos sempre juntos.

Aos Professores: Nelson Dagoberto; José Américo; Luiz Anselmo; Roselaine Kuhn; Ana Carrilho, obrigado pela confiança depositada em mim.

Ao Professor Luiz Roberto Aragão Lobão (Jurinha) – *In Memoriam*. Construímos uma grande amizade e admiração o que se refletia em nossas conversas que resultavam em imersões e reflexões no campo acadêmico e, principalmente, humano.

Ao grande amigo alagoano André que através de seus encontros espirituais me fortalecia nos momentos de fraqueza.

Aos TRABALHADORES que geram a riqueza deste país e subsidiam a universidade pública e que me possibilitou concluir o Doutorado.

A FAPESB por parte de a pesquisa ser garantida por esta instituição séria!

RESUMO

Estamos em um período histórico em que a cada dia há um “tsunami” - de fabricação e venda - de produtos tecnológicos. Eles chegam ao mercado com a mesma velocidade em que vão embora, ou seja, como se o novo já nascesse com o rótulo de velho. Este contexto envolve também as Tecnologias de Informação e Comunicação (Tic’s) e provoca mudanças significativas na vida das pessoas, nas relações de trabalho e capital, na educação de modo geral e na Formação das pessoas. As inovações tecnológicas ditam uma nova forma de ser e estar no mundo. A velocidade e o “instante já” constituem suas turbinas propulsoras. Tudo tem que ser efêmero; veloz; descartável. Presenciamos também a convergência das Tic’s para um único aparelho móvel que concentra todas as funções de comunicação e midiática. Mas, como a educação está lidando com essas mudanças? Como essas mudanças têm influenciado a vida das pessoas e principalmente dos alunos na escola (pública)? Até que ponto estamos diante de uma sociedade esclarecida? Esta Tese parte da perspectiva de que a Formação se constitui a base para a autonomia e para o esclarecimento a partir das experiências e ações pedagógicas nas aulas Educação Física na escola. Para evidenciar esta premissa, a investigação (de cunho Qualitativo) caracterizada aqui como uma Pesquisa-Formação, provocou a reflexão dos alunos para o esclarecimento a partir da concepção de Educação-mídia. Estes alunos pertencentes a uma escola pública (CEMB – Colégio Estadual Murilo Braga), na cidade de Itabaiana/SE e matriculada na 8ª Série, turma “A”, do ensino fundamental, desenvolveram experiências como a produção de vídeo e a construção de jornal impresso. Para isto, foi articulado um Grupo (*Matrix*) – “Multiplicadores” - que cumpriu o papel de apreender, construir e sociabilizar o conhecimento em Educação-mídia. A crítica pertinente ao uso das Tic’s e a produção da Mídia de modo autônomo e esclarecido foram tensionados pelas diversas concepções conceituais, precisamente a Teoria Crítica e a Marxista, a partir de um diálogo permanente com os autores. Entrelaçamos o arcabouço teórico-metodológico na imersão no campo, com isto, a pesquisa esboçou – a partir da crítica dura - os escapes na dinâmica dialética da vida, do uso das Tic’s para emancipação o que fez todos nós (alunos, professores, pesquisadores) subverter a lógica em que nos aprisiona em função da técnica.

Palavras-Chave: Formação; Educação-mídia; Educação Física; Tic’s; Autonomia

ABSTRACT

We are in a period in history in which there is a "tsunami" of manufacturing and sales of technology products every day. They come to the market with the same speed at which they leave, i.e., as if the new ones were already labeled as old. This context also involves the Information and Communication Technologies (ICT) and causes significant changes in people's lives, in the relations of labor and capital, in education in general and in people's formation. Technological innovations dictate a new way of being in the world. The speed and the "right now" moments are driving the turbines. Everything becomes ephemeral, fast, and disposable. We have also been witnessing the convergence of ICTs for a single mobile device that concentrates all the functions of communication and media. But, how is education dealing with all these changes? How are these changes influencing people's lives and especially the students in (public) school's lives? To what extent are we facing an enlightened society? This thesis is formulated from the perspective that the Formation constitutes the basis for autonomy and for clarification from the experiences and pedagogical practices in Physical Education classes at school. To demonstrate this premise, research (of a qualitative imprint), characterized here as a Formation-research, has provoked students' reflections for clarification from the conception of Educational-media. These students, which attend a public school (Murilo Braga State School), in the city of Itabaiana/SE and are enrolled in 8th grade, class "A", basic education, have developed experiences such as the production of a video and the construction of printed newspaper. For this, a group was articulated (so called Matrix) - "Multipliers" - which accomplished the task of learning, building and socialize knowledge in Educational-media. The criticism regarding the use of ICTs and the production of Media in an autonomous and savvy way was tensioned by different conceptual outsets, precisely the Critical Theory and the Marxist Theory, from a permanent dialogue with the authors. The theoretical-methodological framework was interweaved in the field immersion and, with this, the research outlined - from harsh criticism - leaks in the dynamic dialectics of life, the use of ICTs for the emancipation which has gotten us (students, teachers, researchers) to subvert the logic that imprisons us depending on techniques.

Keywords: Formation; Media-education; Physical Education; ICTs; Authonomy

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA: SUAS “TRAMAS”, SUAS TESES!	21
2.1 Tecer a Tese: Desafios para uma Educação Emancipada!	21
2.1.1 O Objetivo [...] e Suas Redes	28
2.1.2 Os Objetivos Específicos	29
2.1.3 Justificativa	32
2.1.4 Sobre a Educação Física [...] ou Outras Experiências!	34
3 NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO: A <i>ODISSÉIA</i> CONCEITUAL DA PESQUISA	42
3.1 Uma Sociedade Esclarecida é Preciso Desmistificar!	42
3.2 Formação ou Semiformação, Onde Estamos?!	46
3.2.1 Formação para Autonomia: O impasse com a Alienação!	50
3.3 Do Fetichismo de Ontem ao Fetichismo das TIC	55
3.4 Mídia e Novas/Velhas TIC: Faces da Mesma Moeda	59
3.5 As Tecnologias e suas Dimensões Política, Educacional e Social	64
3.5.1 A Convergência Midiática e as Novas Possibilidades Criativas	68
3.5.2 Pensando a Educação Física e Mídia: Pensando o Esporte	72
4 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS: UM OLHAR PARA O CAMPO DE PESQUISA!	77
4.1 Da Abordagem Qualitativa à Pesquisa-Formação	78
4.2 Caracterização do Campo: No Interior de Sergipe Nasce o Colégio Murilo Braga!	82
4.3 Dos Procedimentos para “Colheita” às Estratégias de Imersão ao Campo!	85
5 ANÁLISE: UM ENCONTRO – INDISSOCIÁVEL - ENTRE SUJEITO E OBJETO	91
5.1 Um Lugar em Observação: Do Campo aos Sujeitos da Pesquisa!	96

5.1.1 Os Sujeitos, cúmplices e partícipes da formação	104
5.2 Do Processo de Intervenção à Criação do Grupo <i>Matrix</i> : Formação em Pauta! ...	112
5.3 Germinando a Formação: O Grupo <i>Matrix</i> entra em Cena!	127
5.3.1 Autonomia, esclarecimento, responsabilidade em Educação-Mídia!	134
5.3.1.1 Uma Síntese do Jornalzinho “O <i>Matrix</i> ”: Construção e Cumplicidade!	160
5.4 O Impasse entre a Produção da Mídia e o Uso da Tecnologia!	173
5.5 Planejar é Preciso: O Compromisso Político e Pedagógico na Formação dos Alunos!	177
5.5.1 As Aulas de Educação Física: O <i>Lócus</i> da Pesquisa!	184
5.6 Volta ao Campo: O Processo Formativo se Completa!	203
6 PALAVRAS FINAIS	211
REFERÊNCIAS	228
ANEXOS	241
APÊNDICES	281

1 INTRODUÇÃO

Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens.

(ADORNO, 2000, p. 132)

A influência e incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação nos mais variados segmentos da sociedade atual é um fato. Sua presença na esfera pública, privada, em casa, no trabalho, entre tantos outros locais e, principalmente, na educação, constitui-se numa matriz (*Matrix*). A sua incidência neste *locus* é uma ida sem volta, ou melhor, hoje é quase impossível não relacioná-la no processo formativo.

Das primeiras descobertas no universo das Tecnologias de Informação e Comunicação, passando pelas transmissões via satélite, até os mais avançados e complexos aparelhos de comunicação (da era digital), percebemos uma rápida ascensão e difusão, implicando mudanças significativas na vida das pessoas. O “encurtamento” do espaço, ou seja, a dimensão espaço-temporal, nunca ficou tão reduzida e visto numa pequena tela. Essas mudanças implicam também no grau de desenvolvimento a que uma ou outra sociedade chegou ou chegará.

Os parâmetros mencionados anteriormente exercem uma relação direta com o desenvolvimento, mesmo quando as condições objetivas da vida material ainda estejam longe de serem resolvidas, como a fome, a miséria, a moradia, a saúde, entre outras, mas, antes mesmo que estas (más) condições acabem, o canal é aberto para o progresso tecnológico. Assim como foi com a televisão, que ganhou popularidade e acessibilidade nos lares das famílias de todo o Brasil, hoje vemos nas Tecnologias de Informação e Comunicação esta sintonia e o aparelho celular cumprindo este papel.

Estamos, sim, em “tempos interessantes” de avanços e inovações tecnológicas. Esta “evolução” em certa medida parece aprisionar o homem numa relação de opressão e dominação sobre suas ações.

É cada vez mais fascinante o que a tecnologia nos apresenta na sua relação com o homem. Vemos chips cada vez menores, minicomputadores, videogame, implantes eletrônicos no corpo humano, as mudanças na nova TV (Digital), os celulares mais sofisticados e com múltiplas funções, entre outros, além, é claro, da facilidade de acesso à informação em qualquer tempo e espaço. Os ditames deste avanço nos recriaram e ainda nos

conduzem a ser e sentir, ou melhor, eles pensam e sentem por nós, não precisamos de mais nada, enfim, está posto um processo de dominação e, concomitantemente, de adaptação e acomodação.

Neste sentido, vemos os meios de comunicação, e a crescente incorporação das tecnologias digitais de informação/comunicação na cultura e no cotidiano na sociedade contemporânea, fazerem com que em todos os campos do conhecimento abram-se novas perspectivas de estudos focando no conteúdo dos produtos midiáticos, mas, também, como as pessoas, os sujeitos receptores/produtores, isto é, todos nós, tratamos essas informações e o que fazemos com elas.

Ainda de forma tímida, mas preocupada com este tema, a Educação¹ tem colocado em debate, bem como tem experimentado, ações metodológicas e pedagógicas associando a mídia e as TIC no contexto educacional. No entanto, esse aspecto que esboça um olhar aparentemente “pessimista”, ao contrário também, aponta seus escapes na dinâmica dialética da vida. Pois não há só os benefícios que estão de fato a serviço da sociedade no aspecto da saúde, dos transportes, das comunicações, das inovações nos diversos campos de trabalho entre tantos outros, mas, sobretudo, as possibilidades e perspectivas que (no processo de mídia-educação²) o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação para emancipação pode germinar. Pois, no entrelaçar do arcabouço teórico-metodológico e na imersão no campo, estivemos sempre questionando até que ponto nós estamos diante de uma sociedade esclarecida. O que, sem dúvida, foi nosso desafio neste trabalho.

Neste aspecto, procuramos a partir da relação Educação/Educação Física, Esporte e Mídia, constituir uma *Matrix*³ em que ficasse evidente o processo formativo/formador, autônomo e para esclarecimento desta relação. Foi com o atributo de instigar a possibilidade

¹ Nos mais variados campos de conhecimentos, há grupos que se preocupam com esta temática (Mídia-educação) e que se materializa em eventos Científicos a exemplo do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade” (EDUCON) e, mais recentemente, o Encontro Nacional do Observatório da Mídia Esportiva (ENOME) - entre outros.

² Nesta Tese utilizaremos também a expressão “Mídia-Formação” para representar este conceito, uma vez que estivemos, durante a caminhada da pesquisa, envolvidos com o conceito de Formação. Apesar de já presenciarmos uma série de expressões sobre a temática, seja na comunicação, seja na educação, “Mídia-educação” segue a perspectiva proposta por Rivoltella (2011), o que significa trabalhar do ponto de vista educativo **Sobre** os meios (desenvolvimento do pensamento crítico, estudo dos conteúdos, análise dos produtos da mídia); **Com** os meios (processo de experiências didáticas de sala de aula, utilização de fitas, vídeos entre outros); **Através** dos meios (na produção – áudio-vídeo – em que a mídia vira um ambiente no qual a educação acontece).

³ Aqui fazemos somente alusão ao filme, pois o sentido que atribuímos foi o de gerar, um lugar onde se cria, onde se gera e, ao contrário de um mundo virtual inventado, este é real, vivo e produtivo em Mídia-educação. O Filme *Matrix* é uma produção cinematográfica (EUA e Austrália) de 1999. Gênero - ação e ficção científica - dirigido pelos irmãos Wachowski, que tem como protagonistas Keanu Reeves e Laurence Fishburne.

de construir, produzir mídia na escola – apropriando-se das Tecnologias de Informação e Comunicação – que mergulhamos no campo (Escolar), pois a inquietação como educador era subverter a lógica que (intencionalmente) se aproveita (mercado/ideologia) do fascínio aparente das tecnologias de informação e comunicação, colocando os homens (alunos/alunas) como meros consumidores e os aprisionando aos ditames da técnica.

Outro aspecto importante de nossas intenções de pesquisa era encontrar perspectivas que pudessem levar-nos a uma emancipação sem, com isso, precisar “cortar os pulsos”⁴, pois é determinante o domínio das grandes corporações que lidam com as Tecnologias de Informação e Comunicação, que impõem um modo de ser e estar, fazendo crer que não há saídas. No entanto, assim como Ulisses⁵ ouviu, sentiu o “Canto das Sereias” e não morreu - apesar do processo de alienação estar presente no seu amordaçar - lutamos por estratégias pedagógicas que superem a condição de adaptação e acomodação posta por este modelo de sociedade em que vivemos e pelo germinar a autonomia e esperança frente às Tecnologias de Informação e Comunicação como a mídia e seus agentes⁶.

É importante destacar que não se quis e nem se quer acabar com o aspecto fascinante (“canto”) que as Tecnologias de Informação e Comunicação trazem às pessoas, a exemplo dos jogos eletrônicos, dos celulares, *tablets*, *iPhone*⁷, *iPad*⁸, entre outros. No entanto, é preciso que o educador não feche os olhos para essas transformações que estão marcando e ressignificando o modo de ser humano.

A Televisão, por exemplo, considerada a grande vilã na formação das crianças e jovens nos lares brasileiros, foi crucificada antes mesmo de iniciarmos um processo de Formação no sentido de sua contra dominação, mas ficava evidente sua presença na vida das pessoas. Este é um fato que se refere a só um tipo de mídia, talvez com a amplitude dos

⁴ Vivemos numa época em que tudo vira espetáculo e na qual há a conversão deste em mercadoria. Isto provoca-nos uma sensação de impotência diante da opressão e exploração dos meios de comunicação. Quantas vezes nos deparamos com a imagem do líder da Revolução Cubana, Che Guevara, sendo comercializada em camisas, placas luminosas, capa de livros, entre outros, e na maioria dos casos a ideologia presente é a do comércio e não da causa revolucionária? Parece-nos que tudo está corrompido pelo germe da mercadoria.

⁵ “A Odisséia”: um poema épico da antiguidade clássica grega, escrito por Homero.

⁶ Referimo-nos não só às pessoas, mas também às instituições que monopolizam, gerenciam e distribuem Tecnologias de Informação e Comunicação, como também a mídia. Além, é claro, da cumplicidade do Estado para este fim.

⁷ O *iPhone* é um *smartphone* (telefone celular com funcionalidades avançadas que podem ser estendidas por meio de programas executados no seu sistema operacional) desenvolvido pela Apple Inc. com funções de iPod (uma série de tocadores de áudio digital), câmera digital, internet, mensagens de texto (SMS), *visual voicemail*, conexão *wi-fi* local e, atualmente, suporte a videochamadas (FaceTime). A interação com o usuário é feita através de uma tela sensível ao toque. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/IPhone>. Acesso em: 23/10/2013.

⁸ *iPad* é um dispositivo em formato *tablet* produzido pela Apple Inc. As especificações técnicas incluem redes sem fio Wi-Fi e Bluetooth, tela touch de 9,7 polegadas, acelerômetro e bússola. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ipad>. Acesso em: 23/10/2013.

demais meios de comunicação como a internet hoje, sem sermos futuristas, com alcance muito mais longe do que se imagina. Sob este prisma, pensamos, na condição de educadores, que podemos encontrar saídas que conduzam os sujeitos a uma emancipação, pois acreditamos que há “escapes” dessa opressão.

Portanto, peço licença para expor – a partir deste parágrafo – na primeira pessoa do singular, mas consciente de que não há um “Eu” nesta trajetória e sim vários “Nós” que se entrelaçam com os autores, pesquisadores, alunos, professores, sujeitos, enfim, todos e todas. Aqui vale a reflexão de Umberto Eco: "Dizemos *nós* por presumir que o que afirmamos possa ser compartilhado pelos leitores. Escrever é um ato social [...]." (ECO, 2010, p. 122). Além disso, vale a mensagem do professor João Carlos Salles, no texto “A Primeira Pessoa do Plural”:

Com efeito, podemos estar sós, ter opiniões, veleidades, mas nunca escrevemos sozinhos. De certa forma, estamos presos ao dever de explicitar as regras de uma escrita que, realizando-se diferentemente em cada um, não deixa de ser coletiva. Outro aspecto essencial: quando nos pomos a escrever, nós o fazemos para um outro, para um leitor, em cujo olhar devemos buscar alguma cumplicidade e cujo escrutínio, por dever de ofício, devemos permitir. Escrevemos, assim, porque alguém mais poderia fazer o mesmo e porque, enfim, ao acompanhar-nos com o olhar, escreve conosco, devendo poder ter acesso às mesmas fontes e, quem sabe, às mesmas conclusões. (SALLES, 2006)⁹

Neste sentido, como Professor de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe, ministrando disciplinas de aspecto teórico-prático no campo esportivo, observei o fenômeno esporte pela lente da mídia e, com isso, as inquietações provocadas pela reflexão crítica desses meios, que me aproximaram da Escola de Frankfurt, principalmente do filósofo Theodor Adorno.

O Ingresso no mestrado (2003), na Universidade Federal de Santa Catarina, proporcionou não só a aproximação definitiva com os frankfurtianos, mas, também, da criação do LaboMídia – Laboratório e Grupo de Estudos Observatório da Mídia Esportiva/CDS/UFSC – no mesmo ano, juntamente com o prof. Dr. Giovani De Lorenzi Pires. A partir da ideia de Mídia-educação, passamos a desenvolver uma série de trabalhos de pesquisa¹⁰ que envolvia a relação Educação Física, Esporte e Mídia. Isso foi importante, pois

⁹ Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1155303-EI7485,00.html>. João Carlo Salles é Professor do departamento de Filosofia da UFBA.

¹⁰ Vários trabalhos foram desenvolvidos pelo grupo: “Lazer, Comunidade e Universidade: registro de uma ocupação pacífica”; “A Inclusão no País dos Excluídos: Educação, Lazer e inclusão na Universidade estudo de dois projetos”; “Catarinenses Olímpicos na mídia impressa regional: a dialética local-global”; “O Ritual Olímpico e os mitos da Modernidade: implicações midiáticas” etc., o que implicava a reflexão crítica, a

correlacionamos também os estudos de recepção – Corrente Latino Americana – de Jesús Barbero, Guillermo Orozco e os estudos de John B. Thompson (Inglaterra) sobre a mídia na modernidade no campo da sociologia. Esses estudos proporcionaram uma mudança de olhar sobre o *sujeito-receptor*. Neste aspecto, olhamos para estes sujeitos não como esponjas que recebem as informações e os produtos da mídia de forma passiva, mas, sobretudo, como sujeitos com potencial para apostar numa educação que os privilegiassem em sua autonomia e emancipação. Esses foram os requisitos para construção dessa pesquisa, ou seja, a aposta nos sujeitos, ou melhor, na Formação dos Sujeitos.

No ano de 2007 criamos o LaboMídia/UFS (um “braço” do LaboMídia UFSC), vinculado ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Essa criação possibilitou não só realizar trabalhos referentes ao Grupo Local, como também desenvolver projetos de pesquisas que envolvem as demais regiões do país ¹¹.

Paralelamente a isso, ministrei a disciplina “Tópicos Especiais em Educação Física” no currículo antigo da Educação Física do DEF/UFS, uma vez que fora reformulado em 2007. Ela transitava com temas de escolha do professor no âmbito da Educação Física, o que o currículo não contemplava. Neste sentido, a temática escolhida foi “Educação Física, Esporte e Mídia”.

Assim, o conteúdo básico desta disciplina perpassou o conceito e características da Mídia, a partir da Comunicação Social. Outro aspecto necessário foi a discussão sobre Mídia e Ideologia. Refletimos sobre o entendimento de Cultura de Massa e essa reflexão nos levou ao conceito de Indústria Cultural e Semicultura, ou semi-formação cultural, cuja matriz epistemológica estava no cerne da linha teórica da Escola de Frankfurt (frankfurtianos). Entramos no Campo Educacional e na Educação Física com o conceito de Mídia-educação e da Sociologia do Esporte. Nesse sentido, realizamos uma discussão prévia e, após apresentação de algumas experiências com essa temática, os alunos organizaram as suas análises contemplando essa discussão (vide síntese dos trabalhos desenvolvidos no Apêndice VI desta pesquisa).

Neste aspecto, vivenciamos uma relação empírica e conceitual com trabalhos que abordaram, entre outros temas: a influência da mídia no tocante ao consumo de material

utilização e a produção da mídia. Estes trabalhos, entre tantos outros, bem como dissertações e teses, estão disponíveis em: www.labomidia.ufsc.br.

¹¹ Construimos nossa primeira pesquisa em sintonia com o Grupo de Santa Catarina/UFSC em torno dos Jogos Pan-americanos, ou seja, uma análise da cobertura jornalística acerca dos atletas brasileiros que participaram dos Jogos, que envolveu as 5 (cinco) regiões do país. O Grupo continua com suas pesquisas que envolvem os Espaços Públicos de Lazer; as Competições Esportivas; os Estudos de Recepção; Análise da Mídia na Cobertura dos Megaeventos Esportivos, entre outros.

esportivo a partir de uma modalidade específica (Basquetebol); o discurso midiático acerca das estratégias/apelos discursivos adotados pela mídia em sites em que prevalecia um rito à saúde; a influência da mídia nas escolhas das modalidades esportivas para o divertimento, o que trazia o determinismo da indústria cultural; a influência do telespetáculo esportivo, nos gestos, na moda dos alunos que frequentam escolinha de futsal; a visão de professores e alunos no tocante à violência a partir dos jogos eletrônicos em ambientes como *Lan Houses*; a influência da mídia no cotidiano escolar, referente às aulas de Educação Física, principalmente nas práticas esportivas e na dança; o processo de banalização da cultura presente no cotidiano escolar advinda do rádio, da televisão (da mídia de massa).

Aliado a essas produções neste campo temático, as pesquisas de final de curso (Monografias) dos alunos da Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Sergipe também marcaram a inserção desta discussão – Educação Física, Esporte e Mídia – o que simbolizou um campo de estudo no Departamento de Educação Física/UFS, pois essa área ainda apresentava-se de forma solta e improvisada, portanto foi se consolidando um espaço acadêmico em que o objeto de estudo (mídia) se apresentava nas diversas pesquisas.

Os trabalhos monográficos (Apêndice VI) – inspiradores – que ratificaram e ratificam nossa posição no campo acadêmico da Educação Física versaram sobre: a relação indissociável entre o esporte e a mídia (impressa), resgatando momentos históricos do esporte sergipano nos anos 80; o imaginário dos alunos nas aulas de Educação Física. Seja no gesto reproduzido, a exemplo do gol sendo comemorado com o dedo indicador para o alto, seja na vontade (provocada pelo fetiche do herói esportivo) de tornar-se um ídolo do esporte, entre outros; análise crítica do fenômeno esportivo a partir de sua influência nas aulas de Educação Física, principalmente, no tocante à violência; experiências com a produção em mídia, a partir da construção de um jornal na escola e de vídeos que retratam o ambiente escolar e da Educação Física; o conceito de múltiplas mediações e do sujeito-receptor, a partir da linha Latino Americana da Comunicação Social (Guillermo Orozco e Jesús Martin-Barbero); as estratégias midiáticas utilizadas pelas escolas da rede privada de ensino para atrair alunos numa forma funcional de compra e venda de mercadoria; estudo que analisa o discurso ideológico (para o consumo) da Mídia no imaginário das crianças a partir de desenhos animados.

O desenvolvimento dessas pesquisas apontou diversos caminhos na relação Educação Física, Esporte e Mídia, bem como outras possibilidades metodológicas, principalmente com a utilização de recursos tecnológicos, como a câmara de filmar e

fotográfica, mas a principal característica foi potencializar a reflexão crítica de alunos, professores/pesquisadores para uma mudança de olhar em relação à mídia.

A entrada no Doutorado e a consequente inserção no Grupo de Estudo e Pesquisa em Mídia-Memória, Educação e Lazer (MEL), da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), proporcionou outras interlocuções no campo da pesquisa em Mídia-educação. Foram vários trabalhos com repercussão e publicização em vários fóruns de pesquisa no âmbito Local, Regional, Nacional e internacional¹².

Essas experiências e outras mais no âmbito acadêmico explicitam e ratificam o lugar de onde “falo”, bem como evidenciam que o “falar” é de um sujeito¹³ imerso no campo que traz experiências não como diletantismo acadêmico, mas, sobretudo, de um sujeito que acredita na potência humana; que acredita que em estudos que lidam com as Tecnologias de Informação e Comunicação e a Mídia estejam também o sentido da Formação; acredita que esta Formação dá-se de forma recíproca (pesquisador-sujeito; professor-aluno), na qual o objetivo maior é o exercício da autonomia e da emancipação. Portanto, essas experiências foram inspiradoras e estimularam nossa pesquisa, principalmente, no tocante a instigar os alunos a pensarem, construir suas mídias a partir de sua realidade, de modo autônomo para emancipação.

Essa pesquisa está estruturada em seis capítulos assim distribuídos: nossa Introdução, aqui narrada. O segundo capítulo representa o enredo que fez surgir o enunciado da Tese, ou seja, nele está os fundamentos que envolveram a problemática de pesquisa, os objetivos gerais e específicos, justificativa, entre outras questões. Optamos por deixar em um capítulo específico pela relevância que estes fundamentos têm para toda a pesquisa, pois compreendemos que é comum encontrá-los na Introdução. O terceiro capítulo representa o arcabouço teórico. São campos conceituais que dialogam com o campo da pesquisa e seu objeto. Nele encontramos a discussão sobre Formação, Indústria Cultural, Semiformação, Mídia, entre outros. O quarto capítulo constitui-se na Metodologia desta pesquisa. Aborda a matriz epistemológica da pesquisa e suas interfaces com a abordagem qualitativa. Neste capítulo encontramos a descrição do tipo de pesquisa, dos instrumentos de captura dos dados, as estratégias de imersão ao campo de pesquisa. O quinto capítulo representa a tentativa de penetrar nos significados dos protagonistas da pesquisa e na dialética do campo de pesquisa.

¹² Vide: Leiro e Ribeiro (2013); Leiro et al (2012); Ribeiro; Leiro; Jesus (2012); Leiro; Ribeiro; Jesus (2012), entre outros.

¹³ A perspectiva de sujeito aqui defendida, ao mesmo tempo em que mantém uma relação com o mundo, simboliza também o ser humano, social e singular. O Sujeito que é histórico no seu espaço/tempo social que cresce projetando para a vida com o olhar no passado, pensando no futuro, que elabora suas estratégias para viver e subverter as intempéries da vida.

Representa a Análise da pesquisa, cujo sentido foi aprofundar as questões orientadoras e está concatenado ao arcabouço conceitual. Por fim, após esta estruturação, apontamos as Palavras Finais. São respostas as perguntas iniciadas no processo de pesquisa, também apontando para as lacunas que o campo empírico nos mostrou.

Encontramos após as Referências basilares de nossa pesquisa, os anexos e apêndices assim distribuídos: Anexo I – vida e obra de Murilo Braga, uma vez que o Colégio de nossa intervenção é homenageado com o seu nome; Anexo II – retrata a história de Itabaiana/SE, cidade sergipana na qual se localiza o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB); Anexo III – dados quantitativos das escolas públicas de Sergipe e do CEMB; Anexo IV – estão contidos todos os Jornais produzidos pelos alunos do CEMB durante e depois do processo de intervenção; Anexo V – matéria jornalística que retrata a Reforma do CEMB; Anexo VI – projeto para a criação do Jornal do Grêmio do CEMB; Apêndice I – são as descrições do Diário de Campo fruto das observações apreendidas; Apêndice II – entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa; Apêndice III – os Planejamentos e Planos de Aula elaborados; Apêndice IV – contém os questionários elaborados para a turma em observação; Apêndice V – roteiro de questões para as entrevistas; Apêndice VI – síntese de trabalhos desenvolvidos em Mídia-educação da UFS.

Portanto, partiremos para a materialização das ideias que balizam a elaboração desta Tese. Neste sentido, enunciaremos a problemática e, com ela, as suas redes indissociáveis com os objetivos e relevância da investigação.

2 CONTEXTUALIZANDO A PESQUISA: SUAS “TRAMAS”, SUAS TESES!

Este capítulo representa a idealização do estudo com seus pressupostos elementares: definição dos objetivos, a importância da pesquisa sob o aspecto político, social e educacional e a formulação da tese. Trata-se de um capítulo à parte da Introdução, mas complementar a ela, pois acreditamos que a dimensão conceitual e metodológica já se inicia nesta fase e, portanto, urge a necessidade de formalizar um capítulo em que cada etapa seja explicitada e contextualizada.

2.1 Tecer a Tese: Desafios para uma Educação Emancipada!

Será que o avanço tecnológico tem provocado um esclarecimento ou uma regressão¹⁴ do homem? Talvez, esse problema inicial seja apenas a ponta de um *iceberg*, pois, junto com ele, entrelaçam-se ideologias, visões de mundo, determinismos (econômico, político, social, cultural e científico) e, principalmente, práxis pedagógica.

“Educação e Mídia: Formação do Sujeito em Espaço-Tempo de Educação Física” constitui-se em um exercício pleno de não adaptação, de não acomodação, significa dizer que este estudo representou a ousadia de subverter a lógica capitalista que investe em uma semiformação para a sociedade.

Neste aspecto, este estudo investigou e edificou desafios para superação desta condição. Ou melhor, este foi um estudo em que se entrelaçaram teoria e prática, Tecnologias de Informação e Comunicação e Mídia, professor e aluno, entre outras relações, sem perder de vista que “as tecnologias necessitam ser compreendidas como elementos fundantes das transformações que estamos vivendo” (PRETTO e ASSIS, 2008, p.80). Ainda, nosso entendimento, a partir de uma realidade concreta, de uma imersão direta no campo de pesquisa, foi que elas passaram a configurar-se como necessárias à formação do sujeito e, com isto, elas também abriram possibilidades para construção do conhecimento, o que gerou efetivas contribuições à Educação, à Educação Física, à Escola e ao universo acadêmico no âmbito da pesquisa.

¹⁴ O sentido de Regressão é extraído da obra de Adorno (2000) “Fetichismo na música e a regressão da audição” e que, aqui, entrelaça-se com o processo de banalização da cultura (Indústria Cultural).

O desafio posto colocou-nos numa posição de alerta ao processo banal que a mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação vinculadas à Rede Mundial de Comunicação – Internet – vêm provocando nos jovens de modo geral, o que ratificou a necessidade de estabelecermos vínculos de cumplicidade entre a pesquisa e a realidade escolar.

Foi com este intuito que acreditamos no possível potencial democrático advindo das Tecnologias de Informação e Comunicação e da Mídia-Educação e que, efetivamente, consolidou novas formas de aprender-ensinar-aprender envolvidas com a tomada de conscientização quando lidamos com a produção, comunicação, com o uso das mídias – digitais ou não – ou dos diversos recursos tecnológicos, que, ao expressarmos nosso pensamento, produzimos mudanças significativas na vida das pessoas, dos alunos, dos sujeitos, dos professores, enfim, todos nós envolvidos no contexto da pesquisa.

Ocupamos o campo de pesquisa na certeza de que a incerteza nos conduziria para as idiossincrasias da realidade e que, devido ao rigor da Indústria Cultural, haveria desafios a superar, o que foi materializado nas mudanças significativas de olhares e saberes acerca da Mídia e das Tecnologias de Informação e Comunicação por parte de alunos e professores proporcionada pela criação compartilhada entre si (alunos, pesquisadores/professores) de um projeto para emancipação. Isso ratifica a necessidade de que, no âmbito da formação básica, a discussão, ação e reflexão crítica da mídia-educação estejam presentes no ambiente escolar (no Capítulo III e IV encontram-se os aspectos metodológicos e da análise, respectivamente, que balizam nossas pretensões).

Neste aspecto, de um lado o professor (es) e do outro os alunos, estabelecemos um diálogo em que ficou evidente a perspectiva em Mídia-Educação. Este diálogo foi representado não só por um momento de reflexão, mas, sobretudo, na valorização dos sujeitos da pesquisa, na criação de um grupo de trabalho (*Matrix*)¹⁵, no olhar crítico e reflexivo para o mundo, na gestação/criação/produção consciente e autônoma que implicou diretamente na formação. Essa foi uma contribuição importante na relação com o campo de pesquisa e que se diferencia entre tantas outras pesquisas, pois abre um canal de diálogo entre a Escola (pública) e o aprendizado em Mídia-Educação.

¹⁵ *The Matrix* (no Brasil e em Portugal, *Matrix*) é uma produção cinematográfica estado-unidense e australiana de 1999, dos gêneros ação e ficção científica, dirigido pelos irmãos Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves e Laurence Fishburne. Lançado em março de 1999, *Matrix* custou 65 milhões de dólares e rendeu mais de 456 milhões. Fonte: www.wikipedia.org. Acesso em: 05/07/2011. Aqui fazemos uma Alusão ao filme, nossa ideia central gira na vontade de germinar, ou seja, “lugar onde se gera ou cria”. Aqui, tratou-se de um Grupo de experiência formativa em Mídia-Educação constituído por alunos do Colégio onde se deu a intervenção.

A cada dia, na atualidade, presenciamos uma explosão de produtos tecnológicos que chegam ao mercado com a mesma velocidade em que vão embora, ou seja, a partir do pensamento de Adorno e Horkheimer (1985), o novo já nasce velho. Observamos que a onda tecnológica envolve também mudanças significativas nas mídias¹⁶, começando pelas mais tradicionais, a exemplo do Jornal (mídia impressa), pois já se fala no fim do papel devido à chegada do computador; do Rádio (mídia falada), os MP3, os celulares (esta mídia/tecnologia carece de um maior aprofundamento e estudo pelo que representa hoje em suas múltiplas funções), entre outros, que substituiriam o velho rádio de pilha; a Televisão (TV) (mídia que envolve a síntese do cinema, do rádio e do jornal), sendo substituída pela TV Digital, que irá revolucionar o modo de ver televisão, principalmente para o olhar do Capital, devido à relação de compra e venda ser muito mais dinâmica e instantânea.

Obviamente, pelo rumo em que caminham as inovações tecnológicas, todas essas mídias citadas sofrerão modificações tendo em vista as transformações que estão ocorrendo, principalmente no âmbito da convergência midiática em que, em um só aparelho, estaremos vivenciando tudo no aspecto da comunicação. No entanto, como alerta Primo (2008), elas ainda estão longe de sua extinção, como fora preconizado, pois o rádio vem acompanhando esse processo de mudança, as revistas vêm sendo digitalizadas, o que implica mudanças em seu formato e hábitos de leituras e consumo.

Corroborando que esses autores e contrariando a lógica de sua extinção (dessas mídias), optamos e trabalhamos com as tradicionais e velhas mídias. Filmamos e produzimos vídeos, mas, sobretudo, construímos um Jornal (*O Matrix*) no processo de intervenção. Esse foi um diferencial na pesquisa, principalmente, como já abordamos, por estarmos vivendo um momento de muita euforia com o uso das novas tecnologias de comunicação. Mas o diferencial estava na forma de concebê-las e de redefini-las para novas construções. Foi na aproximação com os sujeitos, na constituição de um grupo e, principalmente, no debate crítico e reflexivo sobre nossas próprias ações que instigamos, a partir da realidade escolar, através da Mídia-Educação e do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, o processo para construção da autonomia. Não se tratou de estarmos rodeados das mais novas tecnologias, pois este aspecto não é condição necessária para o esclarecimento, mas, movidos por um ideal de transformação, apostamos no potencial criativo do ser humano para um processo educativo (formação).

¹⁶ No Plural, refere-se aos “diferentes veículos ou ferramentas de veiculação da mensagem, cabendo a cada uma delas determinado papel ou função comunicacional na sociedade [...]” (PIRES e HACK, 2004 p. 162).

Nesse caminho, visualizamos o aluno como autor, como protagonista da construção do conhecimento, interagindo com o saber historicamente constituído, mas, sobretudo, fazendo parte dele. Entendemos que essa não é só uma tarefa da Escola nem dos Profissionais da Educação, mas a Escola é um lócus fundamental para provocar o espanto nas novas gerações e, ao mesmo tempo, provocar o conhecimento, historicamente constituído, bem como outros a serem descobertos, por isso precisamos estar abertos às novas educações. Isso não significa colocar a Tecnologia com um fim em si mesma, mas, pelo contrário, colocá-la como um meio entre outros conhecimentos, que garanta a autonomia e o esclarecimento para a emancipação.

Não são mais segredo as mudanças que vêm acontecendo na educação, principalmente quando associada à prática, ou melhor, à realidade do aluno, mas, talvez, o segredo esteja mesmo no processo de construção do conhecimento. Pelo visto, não é possuindo ou tendo acesso às mais sofisticadas Tecnologias de Informação e Comunicação no ambiente escolar que estaremos caminhando para um processo formativo, ou melhor, para formação. Por isso, ao fazermos uso das tecnologias de informação e comunicação, procuramos o sentido de seu uso, a reflexão crítica sobre a construção que se realiza no tempo presente, mas com o olhar no passado, projetando o futuro. Portanto, a criação de uma mídia impressa no ambiente escolar, ou mesmo a produção de um vídeo foram não só a construção, mas, sobretudo, representou a tensão provocativa para a autonomia, para o esclarecimento, para a autorreflexão crítica no processo formativo.

Mesmo com a avalanche tecnológica que simboliza as novas Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano das pessoas (a parafernália aumenta a cada dia), estamos distantes de compreender a sua relação com a formação humana. A preocupação fixa logo no plano utilitário, pois, como expõe Chauí (2006), com a Indústria Cultural, há destruição da autonomia do pensamento e das artes. O Estado e o mercado (faces da mesma moeda no mundo global) operam no sentido de esmagar o pilar da emancipação, pois as barreiras para enfrentar o processo de alienação imposto pelo modelo de sociedade vigente são enormes e provocar a formação requer desafio, enfrentamento, postura ética, compromisso, entre outros valores com os quais ensinamos, por isso nossa aproximação com os sujeitos da pesquisa.

A formulação da tese é construída a partir de vários aspectos. Entre eles, e que consideramos importante: estamos vivendo – enunciado por alguns – já numa sociedade pós-

massiva¹⁷, o que significa dizer que os sujeitos na sociedade contemporânea, atingidas pelos produtos da mídia (massa), não são mais receptores passivos¹⁸ e sim sujeitos que produzem e distribuem informação, que assumem uma “função personalizável, interativa, estimulando não só o consumo, mas também a produção e a distribuição de informação” (LEMOS e LEVI, 2010 p. 47). Aqui, pressupõe-se certa liberdade e uma possibilidade de autonomia sem precedentes, no entanto, sem querer desmerecer a argumentação dos autores, até porque isto realmente está acontecendo, é questionável se esta liberdade/autonomia traz a marca da formação, do esclarecimento, ou será que os sujeitos, principalmente os jovens, não estariam no processo de regressão ou mesmo alienação?

Assista ao que é mais assistido e leia o que é mais comentado nas chamadas “redes sociais”. Você ingressará em um mundo sombrio, uma espécie de pré-humanidade, onde não interessa o conteúdo, onde não existe reflexão, o que importa é a sensação. O que vinga é a velocidade e a superficialidade. O que faz sucesso faz sucesso apenas porque faz sucesso. (DAVID COIMBRA, 2012, s/p)

Essa reflexão representa bem o momento atual em que, se de um lado estamos mais presentes no tocante à produção da informação, ao processo de interatividade das mídias e à visibilidade do “Eu” (um “*show do Eu*” – SIBILIA, 2008) em escala globalizada, por outro lado o processo de banalização também é evidente e o que mais ganha força nos meios é, notadamente, a espetacularização da barbárie que se materializa em forma de mercadoria. Isso não é um exagero apocalíptico, nem tampouco uma negação às Tecnologias de Informação e Comunicação, e a ideia de sermos produtores – “agora que somos autores e produtores, não significa dizer que há uma autoria responsável” (RIVOLTELLA, 2008)¹⁹ – dentro e através da mídia, pelo contrário, constitui-se num discurso pertinente em prol de uma educação que não despreza esses determinantes, mas que, ao mesmo tempo, discute com os alunos a razão de ser desses saberes.

Na pesquisa procuramos não desprezar a cultura da mídia (comercial e ideológica) em que os valores humanos, a ética, a moral, a produção da mídia fossem tensionadas, o que justificou nossa presença no campo. Nesse sentido, observamos que os alunos, ao serem

¹⁷ “Tem por objetivo criar um contraponto teórico aos estudos das mídias de ‘massa’. [...] tensão entre sistemas centrados na massa de consumidores e os atuais, mais conversacionais e centrados na interação entre usuários, que são também produtores de informação” (LEMOS e LEVI, 2010, p. 47).

¹⁸ Sob este aspecto, baseado no pensamento de Thompson (1998), em que os sujeitos receptores não são esponjas e, também, nos trabalhos desenvolvidos em Mídia-Educação nos diversos cantos do país e do mundo, a nossa aposta centra-se nos sujeitos.

¹⁹ Entrevista ao Observatório da Mídia Esportiva. Disponível em: www.labomidia.ufsc.br.

estimulados a pensar a partir de si e do outro e, também, pensando com responsabilidade o que estavam produzindo, caminharam para o esclarecimento.

Outro aspecto importante desta pesquisa refere-se ao tempo de agora, com problemas no campo educacional, com mazelas de acesso, problemas com formação de professores, de infraestrutura no ambiente escolar entre tantos outros. Com isso, ficou visível o encantamento que os alunos ainda têm sobre o mundo da mercadoria e da lógica capitalista, principalmente advindas da mídia de massa. O Esforço então foi aprender, ou subverter, a desencantar, a entender o que está por trás das aparências que são produzidas no mundo, a separar o valor mítico e mágico que ainda paira sobre nós.

Esse foi um aspecto da pesquisa em que ficou evidente que a leitura dos clássicos e sua relação com o campo empírico foram necessárias. Os conceitos enunciados (capítulo II) por Marx (Alienação) e Adorno (Semiformação) tiveram sintonia no processo de formação em Mídia-Educação. Talvez fôssemos engolidos pela lógica da velocidade que paira sobre a sociedade e, na roda viva do fazer sem reflexão, ocorresse de passarmos despercebidos sobre os valores éticos, reflexão crítica, criação com autonomia, pois, ao mesmo tempo em que nos convidam a produzir conhecimento – sob o prisma que com as Tecnologias de Informação e Comunicação agora é possível tudo –, paradoxalmente, os alunos não são estimulados a lerem clássicos, a pensarem, agirem e refletirem sobre o que estão fazendo e o que irão fazer, uma vez que com um simples *download* já pegamos o conhecimento pela cauda. Nosso Oráculo é uma grande plataforma na rede internacional de computadores disposta a responder sobre tudo e ainda falar, escrever por nós.

Com certeza, a possibilidade de produzir conhecimento a partir das Tecnologias de Informação e Comunicação e da Mídia é imensurável e até deslumbrante, no entanto, colocamos como questão essencial à formação entender até que ponto essa produção é responsável e ainda esclarecida e não apenas mais uma relação com o consumo. Como bem disse Milton Santos²⁰, “as ideologias estão nas coisas”, referindo-se à ideia de consumismo, principalmente no Brasil. Ou mesmo questionamos o sentido da alienação sobre todos nós ao pensarmos que somos parte do processo (devido ao acesso) e, portanto, cabe-nos só adaptarmos e, com isto, desconsiderar os valores dominantes, a ideologia do consumo, as transações milionárias com as corporações industriais da mídia, entre outros. Ao colocarmos essas questões em discussão no âmbito escolar, cumprimos o papel também de exercitar o esclarecimento como condição necessária para emancipação.

²⁰ Conexão Roberto D’ávila. Maio de 1998.

Presenciamos um *boom* de vídeos que são postados na internet diariamente e o que nos chama a atenção é justamente o processo de banalização aos quais são submetidos, provocando um acesso que é surpreendente (na casa dos milhões). Aliado a isso, algumas emissoras de Televisão premiam esses vídeos simplesmente pela relação quantitativa. O que está em jogo, nessa ótica, é a quantidade elevada de acessos, o que significa que há um público. Como expõe Thompson (1998), há potenciais consumidores prontos para o encontro com a mercadoria (os produtos da mídia).

Esta contextualização, aqui expressa, teve a intenção de situar alguns aspectos que envolvem a mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação no cotidiano, na vida das pessoas, na sociedade de um modo geral, apontando o quanto seu aspecto hegemônico/dominante é influenciador, com isto, estabelecendo as relações que afetam a área da Educação/Educação Física no sentido de caminhar para uma contra-hegemonia, numa perspectiva para formação.

Partimos do entendimento que a formação conduz à autonomia e à emancipação dos sujeitos e, portanto, era preciso um processo educativo que entrelaçasse as discussões sobre a Mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação na sociedade e sua influência na vida (de todos e principalmente dos jovens). A situação problema dessa pesquisa, então, foi entender em que medida era **possível a mídia** (Tecnologias de Informação e Comunicação) – **no processo educacional – provocar a autonomia e esclarecimento**. Com isso, o sentido que materializou o objetivo geral de nossa investigação representou, assim, a possibilidade de um projeto para autonomia, para o esclarecimento, um projeto contra a dominação e que foi evidenciado em idas e vindas ao campo de pesquisa.

Esse foi um dos aspectos que conduziu a pesquisa a avançar nas discussões e experiências no campo da Mídia-Educação, o que fez gerar outros entendimentos acerca do tema. No tópico 1.1.4 - *Sobre a Educação Física [...] ou Outras Experiências!* – há de modo sintético algumas experiências em Mídia-Educação que foram inspiradoras e provocadoras para a constituição desse estudo. Mas que apontam os avanços e limites que justificam a nossa investigação, principalmente tendo a Educação Física como o lócus para nossas viagens com o conhecimento, uma vez que, reconhecendo que há poucas experiências na educação de modo geral sobre sua relação com a Mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação, no âmbito da Educação Física encontramos a discussão ainda em fase de germinação.

2.1.1 Objetivo [...] e Suas “Redes”

Com o intuito de avançar na discussão em Mídia-Educação, propusemos como objetivo deste trabalho **analisar o processo de Mídia-Educação na Educação Básica a partir da Educação Física na escola**. Com isso, este estudo provocou nossa reflexão-ação no âmbito escolar para uma efetiva mudança nas práticas educativas, no tocante às aulas de Educação Física e sua intrínseca relação com a mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação.

Com esta premissa, a experiência baseou-se primeiramente em instigar os alunos a analisar os produtos da mídia e das Tecnologias de Informação e Comunicação de forma crítica e reflexiva (SOBRE) numa perspectiva educacional. Além disso, eles experienciaram o uso de vídeos, reportagens (advindas dos meios) no aspecto didático-pedagógico (COM), por fim, criamos um espaço propício para o aprendizado ATRAVÉS dos meios (RIVOLTELLA, 2008).

Esse espaço foi formalizado com a criação de um Grupo que foi interlocutor, mediador e multiplicador do processo de aprendizagem. Nesta construção, o Grupo fixou sua *Matrix* e provocou sua expansão – a partir de uma Escola Pública na cidade de Itabaiana/SE²¹ – pelo Estado de Sergipe, pois em suas ações foram concretizados vídeos (não foram veiculados na Rede de Comunicação Mundial – Internet –, mas com propensão para isso), o que levaria para além desses limites geográficos e um Jornal (O *Matrix*) no qual se materializaram as ações do Grupo.

Nesse aspecto, cumprimos (professores/pesquisadores, alunos) um papel importante na relação de apropriação do conhecimento da Mídia-Educação e suas ferramentas, bem como garantimos que esse conhecimento fosse socializado entre os alunos, professores, técnicos administrativos, enfim, todo o contexto escolar e fora dele.

Para Pier Cesare Rivoltella²², o ideal nas escolas, quando se fala de inclusão digital, é ensinar os alunos que a tecnologia é uma ferramenta social. Considera importante, em alguns casos, que haja menos computadores por sala, ou seja, assim os alunos estariam mais envolvidos na socialização desses equipamentos e até em construir algo coletivo, do que brigando por um equipamento, reforçando o plano individualista.

²¹ Sobre os aspectos do campo, ver o capítulo IV – Metodologia.

²² Pier Cesare Rivoltella – Especialista em Mídia Educação da Universidade Católica de Milão. www.observatoriodamidiaesportiva.com. Entrevista a Débora Didonê.

Esse alerta do Professor foi importante, pois com as dificuldades de acesso aos computadores no ambiente escolar, por exemplo, em nossa pesquisa – o que fica evidente na crítica elaborada no Capítulo V da Análise (*O Impasse entre a Produção da Mídia e o Uso da Tecnologia*) – proporcionaram outras estratégias (subversão²³) para socializar nossas construções e, com isso, não perdemos de vista o movimento que estava sendo criado.

Esta (s) estratégia (s) foi um diferencial na pesquisa, pois apontam dois aspectos importantes. Primeiro porque não inviabilizou os três segmentos da Mídia-Educação (Física) no tocante à análise crítica, ao uso e à produção da mídia e isso foi materializado na vivência no campo. Isso mostrou um diferencial em relação a outros estudos do gênero, que são inviabilizados – tolhidos – imediatamente pelo aspecto tecnológico, ou seja, quando não há as TIC para uma construção em mídia, a experiência frustra-se. Segundo, possibilitou também aproximação da temática à realidade do aluno, da escola, da cidade etc. pelas mãos dos sujeitos. O sentido de “mãos” aqui reflete o pegar a máquina de filmar, o escrever o texto, revisar as partes constitutivas do jornal (por exemplo), refazer, ou seja, o que dá sentido à construção numa relação de proximidade com o objeto.

Portanto, neste aspecto da intencionalidade da pesquisa, a perspectiva diferenciada, foi caminhar no sentido de formação, o que implica também repensar o conceito de cidadania, ou seja, como explicita Pretto (2008, p. 80-81), “formar um cidadão é muito mais do que treiná-lo para o consumo. [...] a cidadania como sendo um espaço de enriquecimento da formação do ser, espaço de homens produtores de culturas, de conhecimento e de bens [...]”.

2.1.2 Os Objetivos Específicos

Observamos nos últimos anos um aumento significativo de pesquisas cujo foco relaciona a Educação/Educação Física e a Mídia/Tecnologias de Informação e Comunicação. Mesmo que o âmbito geral das pesquisas no Brasil seja pequeno, paradoxalmente, esse aumento é significativo. Esse é um fato e é observável nos diversos Congressos e Encontros Científicos na Educação, Comunicação e Educação Física em que há um Grupo Temático (GT) que relaciona essa discussão.

²³ A ideia de subversão nessa pesquisa foi inspirada nas astúcias do Herói Grego Ulisses – A Odisséia de Homero – quando precisava usar a razão ao invés da força para superar as dificuldades e obstáculos de sua longa jornada de volta para *Ítaca* (sua terra natal).

Esse fato é ampliado, uma vez que os cursos de graduação e pós-graduação, em seus currículos, incluem a discussão temática em Disciplinas de caráter obrigatório e optativo. O resultado dessa inserção são Monografias de final de curso; Dissertações e Teses que trazem, entre outros problemas, o trato pedagógico da mídia, ou seja, trazem para o debate os problemas e superações que os Professores – no âmbito escolar – vivenciam a cada dia. Com isso, é sempre questionável até que ponto **os Professores, em especial da Educação Física, estão preparados para trabalhar com a mídia numa perspectiva crítica, autônoma e esclarecida**²⁴.

Esse foi um aspecto tensionado nesta pesquisa, mas, ao mesmo tempo, em que questionamos, proporcionamos também aos Professores que estão na linha de frente com seus alunos na escola o aprendizado, a leitura crítica e a produção autônoma para esclarecimento, pois não haveria sentido uma imersão no ambiente escolar sem estabelecer cumplicidade na construção entre pesquisador e professor (Educação Física).

Diante desse aspecto, outra tensão eminente foi entender como a escola vê a relação educação e mídia, ou melhor, **qual visão do corpo escolar (alunos, professores, coordenadores, diretores) sobre a mídia, sua função didático-pedagógica e, ainda, como a escola lida com a mídia nas suas diversas especificidades de conteúdo**. Essa questão foi provocada tendo em vista que a escola (pública), a cada onda de inovação tecnológica, é contemplada com equipamentos que caem em desuso muito antes de se estabelecer uma relação formativa para os alunos a partir desses meios. Foi assim com as televisões e vídeo cassetes, com os DVD's, as antenas parabólicas, os computadores e as famigeradas Salas de Informática, as câmeras de filmar, entre outros. Parece-nos que a pergunta da Professora Tânia Porto vai permanecer por muitos anos: “As tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas?” (PORTO, 2012, p. 167).

Neste aspecto, percebemos nessa pesquisa que apesar dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – *mídia e cultura corporal de movimento* – bem como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), explicitarem a necessidade de o aluno aprender a lidar com esses meios de forma autônoma e esclarecida, o uso das Mídias e das Tecnologias de Informação e Comunicação na educação continua como mais uma ousadia de algum professor, ou grupos de pesquisa, pois não se **constituiu parte integrante no Projeto Político Pedagógico da escola**.

²⁴ Nas Considerações (In) Conclusivas dessa pesquisa há uma síntese entre os objetivos propostos e até onde ele foram alcançados.

Entendemos que nem os PCN's nem tampouco a LDB irão ditar nossas ações, até porque acreditamos que demoraram muito a perceber a necessidade do trato pedagógico com os meios (midiáticos), mas já se constitui em um avanço do ponto de vista do reconhecimento de sua inserção na formação dos alunos.

É notória a presença da mídia no cotidiano dos alunos, principalmente a TV, e se pensar em Tecnologias de Informação e Comunicação, o celular dispõe – a cada novo lançamento de modelos – de incontáveis funções (inclusive televisão). Mesmo com esperança de que o computador esteja em todos os lares, a Televisão ainda é a “grande irmã” presente na maioria deles e funcionando, de acordo com Belloni (2001), como uma espécie de escola paralela; muitas vezes ela representa a única escola. Nesse sentido, **identificamos quais mídias estão presentes e são determinantes no cotidiano escolar e fora dele**, bem como a sua influência no trato com essas mídias.

O universo que se configura hoje nas Tecnologias de Informação e Comunicação no tocante às inovações é impressionante. São muitas possibilidades de ação pelos sujeitos. Um dos objetivos dessa pesquisa **foi procurar estimular este potencial ao mesmo tempo em que orientar para uma autoria responsável**, como explica Rivoltella (2008). Nesse aspecto, percebemos que na atualidade há uma diferença crucial em relação a épocas passadas na produção e veiculação da informação em relação à Mídia e às Tecnologias de Informação e Comunicação, pois os sujeitos, além de receberem as informações, podem produzi-las. Com isso, nos preocupamos em compreender até que **ponto essa produção simboliza uma construção esclarecida, ou mesmo se é marcada pelo germe da regressão ou mesmo da alienação**.

Outro aspecto importante foi **entender a relação do consumo em relação aos produtos da Mídia e das Tecnologias de Informação e Comunicação**. Parece-nos que nada é durável, os produtos devem ser consumidos imediatamente e com a sensação de já serem velhos. Além disso, percebemos, principalmente nos meios de comunicação, um convite exageradamente sedutor para aquisição de diversos bens, em especial o celular. O estudo de Bolaño *et al* (2007) revela uma situação interessante em que o domínio (produção, apropriação e venda) desses bens ainda está nas mãos de pequenos (economicamente poderosos) grupos econômicos, o que justifica sua imposição para o consumo.

Portanto, esses objetivos aqui tematizados foram assim enumerados, respectivamente:

a) identificar até que ponto os Professores, em especial da Educação Física, estão preparados para trabalhar com a mídia numa perspectiva crítica, autônoma e esclarecida;

b) compreender como a escola vê a relação educação e mídia, ou melhor, qual visão do corpo escolar (alunos, professores, coordenadores, diretores) sobre a mídia, sua função didático-pedagógica e como a escola lida com a mídia nas suas diversas especificidades de apropriação do conhecimento;

c) identificar se o campo da Mídia-educação constitui parte integrante no Projeto Político Pedagógico da escola;

d) identificar quais mídias estão presentes e são determinantes no cotidiano escolar, fora dele e na realidade dos alunos;

e) estimular o potencial criativo dos alunos para uma produção de mídia, ao mesmo tempo em que orientar para uma autoria responsável;

f) analisar o processo de construção em Mídia no âmbito escolar imbricado a uma produção esclarecida e autônoma;

g) estabelecer uma crítica ao consumismo em relação aos produtos da Mídia e das Tecnologias de Informação e Comunicação.

Esses objetivos que se entrelaçaram com a problemática da pesquisa permitiram aferir uma determinada realidade (escolar) – CEMB – e levantaram subsídios importantes que ratificam a necessidade de uma reflexão crítica acerca da Mídia-Educação.

2.1.3 Justificativa

Esta pesquisa situa-se no campo da Educação, no entanto, usamos uma estratégia com o intuito de delimitar este campo, que foi a inserção da Educação Física (EDF) no contexto escolar por motivos que consideramos importantes.

Primeiro como veremos a seguir, na EDF (principalmente nas aulas) ainda é nova a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação e da Mídia como um campo de conhecimento didático e teórico-metodológico que estimule ações recíprocas entre professor e aluno;

Segundo, os poucos trabalhos desenvolvidos no ambiente escolar com a EDF e Mídia/Tecnologias de Informação e Comunicação apontam para uma necessidade permanente de situar-se nesse espaço, seja pela carência de políticas públicas para inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação e Mídia na escola, seja pelas dificuldades do Professor de EDF em lidar com as tecnologias, seja pelo potencial advindo dos alunos, professores, a escola em si, quando experienciam essas ferramentas;

Terceiro, a EDF traz um conteúdo que historicamente se constituiu de modo hegemônico a partir do Século XVIII na Europa e que se expandiu para o resto do mundo, que é o Esporte (BRACHT, 1997). Este fenômeno da cultura de movimento manteve ao longo desses anos, e até a atualidade, uma estreita relação com os meios de comunicação, metamorfoseando-se para o espetáculo a ponto de ser considerado, hoje, esporte telespetáculo (BETTI, 1998), uma vez que é inconcebível sua separação.

Esse atributo, ou seja, sua simbiose com a mídia, ao tempo que provoca mudanças estruturais em sua configuração (referimo-nos às técnicas, aos gestos técnicos, a táticas, às regras), bem como em sua prática, também provoca no interior da Educação Física uma mitificação, sobrepondo-se aos demais conteúdos, a exemplo da dança, da capoeira, da ginástica, entre outros, que são subsumidos pela lógica do esporte enquanto espetáculo.

Por essa razão, e principalmente pelo fetiche provocado pelo esporte-espetáculo (telespetáculo) na vida das pessoas e dos alunos em especial, foi fundamental, ao tratar da mídia/Tic's em nossa experiência, ter o esporte como possibilidade de criar situações problematizadoras suficientes para sua (re) significação no âmbito escolar.

Nos últimos anos, os estudos de mídia, seja no aspecto da formação – no curso de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe²⁵(DEF/UFS) –, seja na constituição de um grupo de estudo/pesquisa – Observatório da Mídia Esportiva/CDS/UFSC/UFSC²⁶ –, têm demonstrado a necessidade, bem como a possibilidade de apropriar-se, no aspecto didático-pedagógico e metodológico, da inserção da mídia nas aulas de EDF.

Os Trabalhos – dissertações de mestrado e Teses – nos programas de pós-graduação da UFSC (na área Teoria e Prática Pedagógica), da FAGED/UFBA (Universidade Federal da Bahia), UFSM (Universidade Federal de Santa Maria/RS), UNESP (Universidade Estadual de São Paulo), entre outros programas têm demonstrado a necessidade, bem como as lacunas no campo da Mídia-Educação/Educação Física. Percebe-se também o quanto a escola está distante dessas novas leituras (mídia) e sua interlocução com o contexto dos alunos e do mundo.

No âmbito acadêmico, no DEF/UFS, as orientações em monografias de final de curso indicam um aumento significativo da temática mídia nesses trabalhos, o que só reforça a

²⁵ Vide Ribeiro e Santos (2007, p. 105-117).

²⁶ Criado no ano de 2003, na Universidade Federal de Santa Catarina, vem se constituindo em um Fórum acadêmico/científico que une a discussão entre a Educação Física, Esporte e Mídia. Presente efetivamente no Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (GTT-02 Comunicação e Mídia), Intercom, SBPC e mais recentemente, o Encontro Nacional do Observatório da Mídia Esportiva (ENOME), entre outros. Nesse aspecto, é visível a produção científica veiculada em alguns periódicos específicos da Educação Física: Pensar a Prática; Revista Brasileira de Ciências do Esporte; Revista Motivivência. Vide Pires e Ribeiro (2010).

ideia de que se trata de uma discussão indispensável na formação acadêmico/profissional. Além disso, esses trabalhos vêm revelando as lacunas que se constituem entre o conhecimento (da mídia e das Tecnologias de Informação e Comunicação enquanto possibilidades pedagógicas) e sua utilização crítica e emancipada pelos professores em geral e, em especial, de Educação Física.

Essa pesquisa trouxe para reflexão um componente importante, que foi a inserção – a partir de um processo pedagógico de intervenção – das Tecnologias de Informação e Comunicação e a possibilidade de trabalhar a Mídia (Mídia-Educação) no âmbito escolar (esfera pública). Apesar de encontrarmos políticas públicas²⁷ que tentam amenizar o distanciamento entre o conhecimento produzido na sociedade – exemplo das Tecnologias de Informação e Comunicação, principalmente o computador em rede de comunicação internacional distribuídos nas escolas públicas – e o acesso às camadas mais necessitadas, ainda encontramos um grande abismo educacional, seja na capacitação do professor, seja na infraestrutura das escolas e, principalmente, na potência formativa dos alunos em produzir conhecimento com responsabilidade.

Não é estranho ouvirmos que existe um grande número de “analfabetos digitais” (referindo-se justamente a essa camada da sociedade) e que o processo de colonização dar-se-á agora no aspecto das tecnologias de informação e comunicação.

Portanto, a riqueza dessa pesquisa foi garantir e possibilitar aos alunos a construção do conhecimento de forma autônoma e esclarecida. Foi ratificar o compromisso social que se espera de uma pesquisa dessa natureza, ou seja, garantir o encontro entre a sociedade e aquilo que está sendo produzido por ela mesma, no tocante às Tecnologias de Informação e Comunicação e a Mídia, mas que muitas vezes fica negligenciado.

2.1.4 Sobre a Educação Física [...] ou Outras Experiências!

As Experiências que envolvem a Mídia-Educação e a Educação Física ainda estão em um plano recente, mas ao mesmo tempo apontam para um campo vasto de inúmeras possibilidades e também para um crescimento de pesquisas que abordam essa temática.

²⁷ Inclusão digital; Banda larga nas escolas; Computadores para inclusão; Observatório de inclusão digital; Proinfo e Proinfo Integrado; Um computador por aluno (UCA), entre outros. Disponível em: <http://www.governoeletronico.gov.br/aco-es-e-projetos/inclusao-digital>. Acesso em: 12/12/2011.

O estudo de Azevedo *et al* (2007)²⁸ apresenta uma análise da produção da área de Educação Física e indica um crescimento vertiginoso de estudos que relacionam o esporte, a televisão, às TIC e também a formação profissional do professor de Educação Física com a temática mídia.

Santos *et al* (2013)²⁹ desenvolveram um estudo da produção científica sobre Educação Física e mídia/TIC em periódicos nacionais, tendo como recorte temporal o período de 2006 a 2012. Esse estudo demonstrou um crescimento na produção envolvendo a Mídia e as TIC na Educação Física veiculada nessas revistas, o que possibilitou apontar possíveis tendências e lacunas na produção científica desse campo de conhecimento.

Trazemos aqui alguns trabalhos³⁰ que nos inspiraram para reflexões e que envolveram as tecnologias, a mídia e a Educação Física. O propósito foi demonstrar a aproximação desse campo (Mídia/Tecnologia e Educação Física) e, conseqüentemente, o quanto essa Tese está imbricada como essa área de estudo ora em crescimento. A opção de escolha deu-se principalmente pelos trabalhos que envolvessem a Educação Física, o Esporte, a Mídia, Tecnologias e o ambiente escolar.

Nesse aspecto, a Dissertação de Mestrado de Oliveira (2004) – “O Primeiro Olhar: Experiência com Imagens na Educação Física Escolar” – impressiona por ousar e permitir. Significa dizer que os sujeitos do campo de pesquisa, foram fundamentais para apropriação com reflexão crítica acerca do uso das tecnologias no meio escolar, pois a pesquisa tratou da inserção de meios técnicos na produção de imagens no âmbito da Educação Física Escolar a partir da cultura midiática³¹ na qual os alunos da escola estavam envolvidos. Isso resultou numa significativa mudança de olhar a partir da experiência com a fotografia e a produção de vídeo.

Assim, Oliveira (2004) traz elementos importantes para reflexão em Mídia-Educação. Focaliza, no entanto, mais a possibilidade de como a imagem contribui para a

²⁸ Este estudo fez um levantamento da produção midiática do Grupo de Trabalho Temático – Comunicação e Mídia – do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte no período de 1997 a 2005.

²⁹ Os pesquisadores levantaram a produção em mídia tendo como lócus as seguintes revistas: 1) Licere, 2) Revista da Alesde, 3) Esporte e Sociedade, 4) Pensar a Prática, 5) Educação Física/UEM, 6) Arquivos em Movimento, 7) Cadernos da Educação Física: Estudos e Reflexões, 8) Motriz, 9) Conexões, 10) Movimento, 11) Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 12) Cadernos de Formação, 13) Motrivivência, 14) Revista de Educação Física e Esporte, 15) Revista de Cineantropometria e 16) Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte.

³⁰ Reconhecemos os diversos grupos de estudos e pesquisas que fomentam a relação Educação/Educação Física e Mídia, mas, por uma opção estratégica/metodológica e pela relação com o enfoque epistemológico, recortamos alguns trabalhos disponíveis em: www.labomidia.ufsc.br, cujo acesso foi em: 06/09/2010.

³¹ Vista como produtora de sentidos e, por isso, acaba sendo uma das formas de poder mais influentes em nossa sociedade (OLIVEIRA, 2004).

utilização de diferentes linguagens no trato pedagógico da Educação Física. Alerta de que não pretende formar cineastas ou jornalistas³², mas pretendem que o olhar se transforme num caminho para tematizar os saberes/fazeres da cultura de movimento na escola. Nesse aspecto, para esse autor, a ginástica, jogos, danças, lutas e esportes podem ser ressignificados a partir da construção da imagem (filmadora e câmara fotográfica) no ambiente escolar (OLIVEIRA, 2004).

Essa pesquisa foi instigante, inspiradora e nos provocou, pois, trouxe vários elementos importantes que subsidiaram nossa investigação. Primeiro porque colocou as manifestações da Educação Física (como esporte) para um aspecto lúdico, uma vez que, pela lógica do telespetáculo (BETTI, 1998), esse componente da cultura corporal de movimento é recheado de competição (em que se valoriza excessivamente, o melhor), recordes, entre outros.

Estimulado pelo sentido de que uma educação com a mídia é uma missão urgente da escola (BELLONI, 1991), trouxe para o debate a importância de se discutir e experimentar novas manifestações desta cultura de movimento – esporte – a partir da utilização dos meios dos próprios alunos, o que fez repensar a prática. Com isto, foi possível perceber na investigação que os alunos puderam ressignificar os meios e também suas práticas e ampliar o olhar para a sociedade de modo geral.

Pensamos que a crítica e a formação cultural dos educadores são fatores relevantes que podem, de certa forma, sensibilizar os educadores para interferirem no processo de construção de sentidos vindos do discurso midiático. E, como experienciamos, é preciso tematizar a relação dessa prática como espaço de ludicidade e não-trabalho para os saberes/fazeres da Educação Física escolar, [...] (OLIVEIRA, 2004, p. 97).

A pesquisa de Oliveira (2004) trouxe outra reflexão importante em que o cinema, o vídeo e a fotografia devam ser estimulados no processo educacional dos jovens e crianças, pois se constituem, potencialmente, uma possibilidade para uma educação crítica e emancipadora no espaço escolar. Isso estimulou os pesquisadores a trabalhar, em caráter experimental, com o vídeo na escola, tendo a Educação Física como espaço/tempo para intervenção, reflexão crítica e produção em Mídia-Educação.

³² Concordamos com esse aspecto, pois essa é uma “crítica” do senso comum quando se pensa em trabalhar com mídia – principalmente nos cursos de formação – e se atribui a discussão a um campo específico (jornalístico), como se ele não fosse interdisciplinar.

Outra questão posta nesse trabalho foi utilizar elementos do discurso midiático para a construção de experiências formativas na escola. Para os pesquisadores, a mídia não deve ser entendida como um bicho-papão que tem autonomia sobre os sujeitos-receptores. Com isso, entendem a formação como um elemento importante para que se tenha um olhar mais atento sobre a mídia.

Portanto, o trabalho de Oliveira (2004) foi essencial para nossas reflexões análises/críticas e projeções futuras, principalmente nos dias de hoje, em que as crianças e jovens estão mergulhados nas mais variadas Tecnologias de Informação e Comunicação e consumindo uma diversidade de produtos advindos da mídia. Consumindo também uma forma de ser esportivo, de ver o esporte pelo olhar de outros, o que dificulta uma leitura crítica sobre essas manifestações da mídia.

O importante desse trabalho de pesquisa – Oliveira (2004) – foi iniciar um caminho em que o ambiente escolar foi protagonizado e atores sociais passaram a produzir conhecimento em mídia a partir de suas experiências formativas com as máquinas (filmadora e fotográfica), o que foi indicador para que tivéssemos o cuidado, em nossa experiência, de centrar não só nas questões de análise crítica da mídia, como também da produção consciente, responsável, autônoma, para o caminho da emancipação. Assim, trabalhamos os três segmentos em Mídia-Educação, qual seja: a análise crítica da mídia, incluindo aí o fenômeno esportivo; a utilização de vídeos, filmes, no sentido também de promover um debate crítico a partir do próprio uso da mídia e; por fim, a produção da mídia, que foi materializada na criação de vídeos e o do jornal impresso.

Nesse sentido e por esta razão, o papel da escola, do professor e, em especial, nas aulas de Educação Física, podem se constituir em um espaço profícuo para fomentar a reflexão, a crítica, a produção em mídia de modo que ampliem o olhar sobre elas a partir da experiência de sua realidade, de sua escola, de seus conflitos.

Na pesquisa de Hack (2005) – “Lazer e Mídia em Culturas Juvenis: Uma Abordagem da Vida Cotidiana” – fica evidente que a relação Mídia e Lazer, pela perspectiva de Culturas Juvenis, é condição *sine qua non* para diagnosticar a construção de valores e comportamentos adotados numa sociedade de consumo, produzida pela industrialização da cultura. Nesse sentido, a autora considera que a mídia, enquanto operadora da Indústria Cultural, se caracteriza como um elemento constituidor dos cotidianos juvenis. Assim, ao mesmo tempo em que a mídia esboça – a partir do lazer – uma possibilidade de fruição, na sua outra face, é também influenciadora no consumo.

Entende a autora que o discurso midiático provê de sentidos e significados os cotidianos, de forma que não pode ser considerado isoladamente, mas no conjunto das relações e manifestações desse cotidiano. É importante ressaltar que a autora/pesquisadora considera que uma das possibilidades de se ampliar o debate/reflexão entre os jovens é a implementação de uma educação para a mídia, principalmente nos contextos escolares, o que está no plano da apropriação, produção de seu conteúdo, dos meios e da leitura/recepção crítica da mídia, gerando assim, conhecimentos técnicos e teóricos que resultam em atividades como produção de vídeo, jornais, programas de rádio, internet entre outros. Com isso, estaríamos estimulando os jovens a pensarem e refletirem autonomamente e de forma esclarecida. Essa foi uma inspiração para esse trabalho, que proporcionou e ajudou na formulação de nossa Tese.

Assim as possíveis consequências que este estudo aponta, neste momento, é um caminho de formação para o esclarecimento e as transformações das contradições cotidianas na práxis pedagógica, visto que, retorno para o campo da pesquisa, não mais como a pesquisadora somente, mas como profissional – professora-pesquisadora atuando no chão da escola. (HACK, 2005, p. 169)

Outro estudo importante e que nos provocou olhar para o ambiente escolar como um campo multifacetado foi de Lisbôa (2007) – “Representações do Esporte-Da-Mídia na Cultura Lúdica de Crianças”. O objetivo central foi identificar e compreender as representações sociais do esporte-da-mídia na cultura lúdica das crianças e suas possíveis transformações quando tematizadas na Educação Física escolar e, com isto, quando estimulados, os alunos conseguem narrar a dimensão do esporte telespetáculo³³, percebendo os elementos e recursos utilizados em sua veiculação. Um alerta importante que faz a autora à sociedade/educação foi que a escola, através de uma tematização problematizadora, procure nesses férteis espaços de discussão social contribuir para o fortalecimento da recepção crítica dos diferentes assuntos propostos, caso contrário a simples celebração a-crítica, ou negação dessas temáticas, servirá a perspectivas reproducionistas de muitos discursos e representações colocados pela mídia esportiva (LISBÔA, 2007).

Destacamos a urgência de se investir na contemporaneidade em práticas pedagógicas compromissadas com uma educação para a mídia, com a mídia e produzindo mídia, como uma possibilidade de comunicação crítica e esclarecida frente aos meios e cultura lúdica das crianças. Perspectiva que precisa encontrar suas bases na formação inicial e continuada de professores para que lhes seja possível o

³³ Betti (1998).

domínio técnico e conceitual necessário à leitura reflexiva e comprometida desta realidade. (LISBOA, 2007, p. 113)

Para nosso estudo, a pesquisa de Lisbôa (2007), ao atingir as três dimensões da Mídia-Educação – a crítica, o uso e a produção –, foi determinante para que nos preocupássemos em manter viva uma semente no ambiente escolar e estimular a continuidade de uma perspectiva crítica para a mídia, ampliando para o ensino fundamental e médio.

Nesse aspecto que procuramos ampliar as dimensões produtivas da mídia, como a construção de vídeos e de um jornal. Além disso, procuramos plantar uma semente para que o processo continue independente da pesquisa.

Santos (2007) desenvolveu um trabalho de pesquisa de final de curso – “A Mídia nas Aulas de Educação Física: Uma possibilidade” – de caráter monográfico (DEF/UFS/2007), cujo principal objetivo foi analisar a utilização dos recursos midiáticos (TV, videocassete, câmera, máquina fotográfica, entre outros), nas aulas de Educação Física. Os conteúdos da Educação Física como o esporte, os jogos, não foram desconsiderados, e sim foram perpassados pela a mídia.

Na proposição da Pesquisa com Observação Participante, resultou na criação e recriação da mídia na qual, em conjunto com os alunos, foram elaborados roteiros, jornal, filme, numa perspectiva autônoma e emancipatória dos envolvidos. É importante ressaltar a mudança de olhar dos sujeitos da pesquisa (alunos da escola) em relação à mídia, pois passaram a entender como ela é elaborada (pensada e repensada) na sua construção, ou seja, desvelando os segredos que o fetiche da mídia provoca em todos nós. A exemplo da fala de um dos sujeitos da pesquisa: “Agora entendo como é feito a mídia, como a imagem chega à televisão, como os jornais e revistas são feitos e que não é como um passo de mágica, como parece ser” (SANTOS 2007, p. 10).

Essa pesquisa foi também inspiradora. Envolveu a relação conceitual e metodológica com o processo de intervenção no ambiente escolar a partir da Observação Participante. A mudança de olhar para o entendimento dos alunos para com a mídia nos orientou em que medida nosso trabalho de campo poderia se fundamentar, bem como proporcionou que criássemos estratégias para não frustrar a construção do conhecimento em mídia, ora desenvolvido e conquistado coletivamente.

Mendes (2008) – “Luz, Câmara e Pesquisa-Ação: A Inserção da Mídia-educação na formação Contínua de Professores de Educação Física” – explorou a temática da formação continuada de Professores de Educação Física a partir da seguinte problemática: identificar

quais os saberes produzidos, incorporados e expressos na prática pedagógica dos professores de Educação Física em relação à mídia. Teve como estratégia metodológica a perspectiva de projetos de intervenção escolar com a mídia. O pesquisador percebeu que os professores viam a mídia apenas de forma instrumental e, com a pesquisa, ampliou sua visão para objeto de estudo na produção midiática na escola.

Essa pesquisa garantiu-nos um olhar especial para as relações da Educação Física e a mídia. Primeiro pelo aspecto metodológico e do tipo de pesquisa (Pesquisa-Ação), que deu subsídio para nossa Tese, uma vez que optamos pela Pesquisa-Formação, que traz em seu arcabouço atributos da Pesquisa-Ação. Segundo, pelo campo conceitual com discussões no âmbito da Teoria Crítica na Educação e autores que embasaram a discussão na Mídia e Educação Física. Terceiro, por problematizar a formação (de professores) e revelar situações como esta:

Sendo assim, pode-se afirmar que os professores participantes da pesquisa percebiam influências da mídia em seus cotidianos escolares e desejavam trabalhar com as TIC's. No entanto, estes mesmos professores sentiam-se despreparados para esta tarefa e afirmavam não encontrar nos cursos tradicionais oferecidos pela rede municipal de educação de Florianópolis uma formação adequada, que lhes desse segurança e significados educacionais consideráveis para a realização de interlocuções pedagógicas no âmbito da Mídia-Educação. (MENDES, 2008, p. 160)

Essa constatação de Mendes (2008) nos fez refletir (em relação à nossa Tese) de começar a intervenção no sentido inverso, ou seja, de apostar primeiro nos alunos, e com isso criar uma cultura de que fosse possível também produzir conhecimento em mídia e, paralelamente, o sentido de formação sendo germinado por todos: Pesquisadores, Professores, Alunos. Portanto, nosso estudo soma-se aos demais no sentido de ampliar o campo de apropriação, reflexão crítica e produção em Mídia-Educação.

Os trabalhos/experiências apontam para uma reflexão no trato com a mídia e a tecnologia sob o prisma da Educação/Educação Física. Do simples manuseio de equipamentos, passando pelo olhar atento dos sujeitos que recebem as mensagens dos veículos de comunicação, ressignificam e produzem mídia, à dimensão lúdica nos campos do lazer, esporte, entretenimento, entre outros, ratificam que nenhum segmento da sociedade – em especial a Educação Física – deva ficar de fora da apropriação, reflexão crítica dos meios de comunicação e das tecnologias de informação.

Percebemos então, que o processo de apropriação, criação e recriação da mídia e das tecnologias no âmbito da Educação Física já se configurou como um marco na pauta de discussão da pesquisa e intervenção. Assim, coube a reflexão sobre algumas questões em que nosso estudo/pesquisa percorreu e que foram importantes e significantes no contexto educacional, político e cultural: o que aconteceu depois que essas pesquisas foram realizadas? Será que a semente fora plantada e germinada? Houve uma mudança – na cultura – em sociabilizar o conhecimento e oportunizar aos alunos/sociedade a apropriação com autonomia das Tecnologias de Informação e Comunicação? Essas questões ficam abertas para pensá-las e repensá-las no sentido de que não podemos abandoná-las, e sim que elas constituam-se sempre em nossa utopia.

A velocidade com que as tecnologias são criadas e, nesse aspecto, transformam o modo de ser e estar no mundo na contemporaneidade, é impressionante. A todo instante nasce uma nova tecnologia – comunicacional/informacional/digital – e, com ela, uma nova forma de relacionar-se, o que gera/germina uma nova leitura e interpretação. Impressiona como qualquer tentativa de prever fica ultrapassada pelo novo.

Esse aspecto demonstra o caráter mercadoria que a tecnologia passou a incorporar ao se materializar em um objeto ou bem de consumo. Talvez esse seja o entrave para que haja uma maior apropriação das tecnologias pela humanidade, pois o que está em jogo é sempre uma relação de compra e venda e finda caracterizando o sentido (produto/mercadoria) da tecnologia. Seria ingênuo não perceber que a tecnologia recebe o estigma de quem a criou e assim as forças econômicas, políticas e simbólicas produzem-na sob um prisma ideológico e reforçam os valores de uma sociedade. É com esse estigma que a internet, que poderia ser uma potência no processo democrático de acessibilidade no tocante às tecnologias, ainda é um bem muito caro no sentido econômico. Não existe internet gratuita, há sempre alguém pagando por ela, seja numa relação direta, seja numa relação indireta como a apropriação do que produzem os trabalhadores.

Os trabalhos aqui tensionados expõem de modo empírico, crítico e reflexivo a relação Mídia (Tecnologia) e Educação Física, no entanto, acreditamos que o principal aspecto emancipatório – que está presente em todos os trabalhos – deveria ter sido mais observado na comunidade acadêmica, na sociedade de modo geral, que é o sentido atribuído a uma educação para/com/através da mídia, ou mesmo da tecnologia como uma potência no aspecto pedagógico – ou melhor: o de estabelecer um permanente processo de mudança cultural em que as pessoas – alunos – sociedade em geral aprendam a compartilhar, a colaborar umas com as outras.

3 NOS CAMINHOS DA FORMAÇÃO: A *ODISSÉIA* CONCEITUAL DA PESQUISA³²

Neste capítulo, discutiremos algumas temáticas que se configuram como “trama” conceitual da pesquisa. Abordamos, assim, os conceitos de “Formação” e suas contradições, ou seja, a Semiformação Cultural bem como, suas relações com Alienação.

Nesse aspecto, o conceito de Indústria Cultural³³ será necessariamente foco das atenções, pois ele ainda requer que se coloque em pauta de discussão permanente e que seja problematizado na sociedade de um modo geral, uma vez que o processo de rebaixamento/banalização da cultura marca a sociedade de consumo e interfere diretamente na vida das pessoas. Além disso, na Escola sua presença é marcante tendo em vista que os meios de comunicação, que arrastam parte significativa deste conceito, estão em convívio direto com os alunos. Portanto, para contrapor, de modo crítico, é preciso entendê-lo.

Inevitavelmente e na mesma medida, haverá reflexões sobre a mídia, pelo fato de ela mediar com velocidade – “imediatamente agora” – esse processo que impede o sujeito de libertar-se (emancipar-se) com autonomia e, com isso, apostamos no sentido contrário à “curvatura da vara”, ou seja, a partir de situações concretas observamos escapes, fugas, ou mesmo uma crítica e ação no olhar para os meios midiáticos.

Neste caminho, haverá uma reflexão acerca da “potência” que as Tecnologias de Informação e Comunicação podem constituir-se a partir de um processo democrático, quando pensada, formalizada na práxis, para emancipação humana. Aqui, também discutiremos sobre a relação Educação Física e Mídia/TIC e o Esporte pela relação midiática que exerce na sociedade atual.

3.1 Uma Sociedade Esclarecida é Preciso Desmistificar!

Começamos então, a pensar sobre a crítica posta por Adorno e Horkheimer (1985) em *Dialética do Esclarecimento* a partir das reflexões sobre o conceito de Indústria Cultural – o qual traz um complemento: “O esclarecimento como mistificação das massas” – no sentido

³² O Marco Teórico para esta Tese é fruto da Dissertação de Mestrado, defendida em fevereiro de 2005, sob o título: *Da Fábrica ao Campo de Futebol, Vender Tecido e Vender Espetáculo: tecendo os fios de um “casamento feliz”*, principalmente na relação entre semicultura/alienação e a mídia. Ali nasceu a curiosidade por tal tema, o que foi retroalimentado com os trabalhos em Mídia-Educação desenvolvidos pelo LaboMídia/UFSC.

³³ Adorno e Horkheimer (1985) – O conceito de Indústria Cultural está relacionado com o processo de banalização da cultura e também de sua difusão, por meio de sua mercadorização.

de estabelecer um elo com a *Formação*. Por isso, aqui há uma perspectiva em que muitos não apostariam, ou melhor, a partir da qual muitos diriam que estes autores não trazem uma proposta para emancipação e muito menos – observando hoje o processo que se encontram as TIC na sociedade, principalmente, pelo fato da “massa” estar produzindo conhecimento em sua interação cotidiana – que são autores que poderiam ajudar nas reflexões do tempo presente. A tentativa, portanto, não caracteriza uma forma ingênua de pensar o mundo, mas, sobretudo, que a crítica radical feita à Indústria Cultural pelos autores abre canais possíveis de superação pelo simples fato de que os sujeitos, mesmo vivendo num capitalismo tardio³⁴, não são absolutamente passivos, por isto, desmistificar, era (é) preciso.

Na Indústria Cultural (I.C.), ou melhor, no processo de banalização da cultura em que as coisas são muito semelhantes e preparadas para o consumo, ou como dizem Adorno e Horkheimer (1985 p.113), “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança”, o sujeito é a reificação deste processo, pois aqueles que controlam fazem – com sua persuasão e com os meios e técnicas – com que aceitem essa dominação sem resistência.

Bem, esta é uma crítica dura, que é fruto das análises a partir do contexto histórico em que eles viveram. Primeiramente, desde a Alemanha (na década de vinte/trinta) que o sonho de liberdade perpassa a concepção teórica que vai configurar a Teoria Crítica e que já começa na criação da Escola de Frankfurt. Isto, causado pela desilusão dos movimentos revolucionários que culminaram com um totalitarismo, como também com a ascensão do nazismo/fascismo que fizeram uso dos meios de comunicação, como o rádio, em caráter ideológico e opressor. Este aspecto afetava diretamente os membros da Escola, uma vez que um dos principais objetivos era “o desejo de autonomia e de independência do pensamento” (MATOS, 1995, p. 5). Com a “Diáspora” dos membros da Escola – uma vez que todos tinham origem judaica – provocada pela caça aos judeus no período da II Grande Guerra, que fizeram com que conhecessem outras realidades como a Europa e a América, houve a possibilidade de um olhar mais aguçado às mudanças que ocorriam no mundo.

Foi assim que Theodor Adorno e Max Horkheimer, bem como outros frankfurtianos, fugiram da Alemanha nazista e refugiaram-se em vários países (Europa e América do Norte) e perceberam que no final da década de trinta e início de quarenta ocorria uma mudança significativa no tocante aos meios de comunicação de massa e a influência deles sobre as pessoas, principalmente a respeito da banalização da cultura (o que se

³⁴ Os teóricos da Escola de Frankfurt utilizaram esta expressão, como sinônimo de sociedade administrada e seu caráter imobilizador [...]. (PIRES, 2002 p. 67). Vide também Matos (1995) sobre a história e o pensamento dos que compunham a Escola.

transmitia e ouvia nas estações de rádio nos Estados Unidos, por exemplo) e a ideologia do consumo que era fortemente estimulada e sedutora pelo fetichismo da mercadoria. Com isto, quando eles residiam nos Estados Unidos, vivenciaram o “boom” da indústria e do comércio e a grande difusão dos meios técnicos, música, o consumo, a venda, entre outros, o que caracteriza o período pós-crise provocado também pela queda da bolsa de Nova Iorque em 1929, ou seja, o “milagre econômico” pós-guerra como expõe Matos (1995). Perceberam que tudo era permitido, inclusive a banalização da arte, da cultura na sociedade capitalista.

Nesse aspecto que estes frankfurtianos vão consolidando um conceito sobre este panorama histórico-cultural, a partir da realidade que viveram, a Indústria Cultural, ou seja, a indústria que produz para as massas. Observamos que a sociedade é preparada para isto, pois, cada produto (material ou não-material), adequa-se aos consumidores como se fosse feito para eles, o que deixa o produto irresistível. Ainda, a “força” – entenda-se no plano do Poder Simbólico³⁵ – que ganha um caráter de sedução, aqui explicitada, passa por todos os ramos da sociedade e com os meios de comunicação e as novas TIC aumentam o potencial para o encontro entre produto e consumidores. Neste aspecto, a produção, seja ela nos mais diversos veículos, vídeos, imagens, entre outros, ganha destaque nacional e internacional, quando o processo banal e quantitativo paira sobre o resultado e que logo, logo, vira moeda troca aos interesses da lógica capitalista, do lucro. Isto só reforça a tese de que a educação deve preocupar-se com o uso e a produção neste campo, pois os efeitos da I.C. ainda são determinantes no comportamento das pessoas, principalmente jovens e adultos.

As mudanças socioeconômicas ocorridas no século passado e na atualidade, principalmente na industrialização, e hoje associadas às TIC e às Mídias, marcam o estado atual em que se configura a I.C., na qual está o sentido ideológico do mundo capitalista. Como se todo sistema tivesse um sentido de ser igual.

O trabalhador, neste enredo, situa-se como objeto manipulável seja na produção, seja no consumo. Isto estava e está posto, o que torna difícil pensar em sujeitos autônomos e emancipados. No entanto, compreendemos que é justamente por este caminho, compreendendo-a, que encontraremos sua antítese, ou melhor: a inspiração para preocuparmos com o processo de Formação.

Este fenômeno – Indústria Cultural – observado pelos frankfurtianos em meados do século XX e que, de certa forma, refletia o resultado ou consequência do momento histórico que se configurou na própria sociedade moderna industrial e que perpassava o cientificismo, ou melhor, a racionalidade técnica, o consumo em massa, a banalização da arte,

³⁵ Vide Bourdieu (2002).

implicava no apogeu da ideologia dominante, da alienação e aqui, neste trabalho, relaciona-se precisamente à Semiformação.

A indústria cultural não sublima, mas reprime. Expondo repetidamente o objeto do desejo, o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo, ela apenas excita o prazer preliminar não sublimado que o hábito da renúncia há muito mutilou e reduziu ao masoquismo. [...] é pornográfica e puritana. Assim, ela reduz o amor ao romance, e, uma vez reduzido, muita coisa é permitida, até mesmo a libertinagem como uma especialidade vendável em pequenas doses e com a marca comercial [...]. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 131)

Poderíamos fazer um exercício das produções televisivas nos últimos anos, principalmente o *Big Brother*³⁶ que tal cenário ficaria atualizado, bem como a crítica dos autores supracitados ficaria em constante atualização temporal. No entanto, o entendimento aqui é que, com o olhar aguçado para as arapucas da I.C, possamos encontrar saídas para este poder (simbólico) que chamamos de opressão. Obviamente, estes autores não negaram a possibilidade para a emancipação na sociedade dominada pela mercadoria e, nesse sentido, a astúcia seria uma grande aliada, como vemos nas belas passagens da Odisséia (Homero) em que Ulisses sempre encontra saídas nas mais difíceis situações.

É na I.C. que se percebe a regressão do esclarecimento, pois há uma ideologia em que o principal fundamento é o consumo: nem mesmo de posse de uma autonomia (?) mantemos uma oposição a esse ditame; nem mesmo com as obras de arte presenciamos uma resistência, pois ela vai sendo sucumbida pela lógica do comércio, da mercadoria; o valor crítico, cada vez mais, aproxima-se do valor (enquanto dinheiro), o que bloqueia o pensamento esclarecedor; vemos cada vez menos um pensamento encorajador que fuja dessa lógica em que é determinado pela lei de mercado (demanda e oferta) e parece-nos que tudo está dominado para lograr êxito no mercado, nem mesmo os pequenos artistas da cultura popular escapam, tem sempre alguém o corrompendo com a promessa de riqueza; os resistentes na música, na arte, no cinema, no teatro convivem o tempo todo com a sedução – fetiche – da mercadoria, o que, além de “matar” a fruição artística, materializada no belo, no estético, na crítica, transformam e são transformados em “coisas” (reificação alienada).

Neste aspecto, encontramos um sistema midiático corrompido, principalmente a Televisão. Nela, os negócios são de interesses rentáveis e a lógica é a do dinheiro. Apesar de estarmos hoje vivendo um período em que as TIC potencializam estabelecer uma nova leitura desta dominação e também caminhar para outra esfera em que os sujeitos produzem

³⁶ Trata-se de um reality show que no Brasil é transmitido pela Rede Globo de Televisão.

conhecimento, ainda o que prevalece é a dominação que consiste na eficácia e na técnica de produção e difusão. Portanto, longe de um processo democrático, o que presenciamos é um modelo de dominação – mistificação das massas – em que, em certa medida, é concebido sob a anuência das pessoas. “Isso nos autoriza a sugerir que a técnica mais refinada não necessariamente leva a um aumento das possibilidades humanas, mas, talvez leve, tendencialmente, a uma escravização do corpo por meio da incorporação dos processos reificadores da *tecnificação*” (BASSANI e VAZ, 2008, s/p).

A I.C traz em sua “calda” uma série de implicações (aligeiramento da arte; a repetição; decadência da educação; a regressão; torna as coisas muito parecidas) e tem no sistema capitalista a sua base. Com a perspectiva de tudo se transformar em mercadoria, o processo de banalização (cultura, a arte, política, entretenimento entre outros) vai se materializando. Este é um fato importante, pois vai caracterizar a ideologia que emana da I.C e isto tem implicações também no que acontece hoje nas TIC e Mídia, pois, apesar de estarmos produzindo cultura/conhecimento, o que diferencia dos tempos da mídia como via de mão única, ainda estamos imersos na ideologia na qual o importante tem a cara de novo e o novo, nasce velho.

Neste cenário, vivenciamos uma superprodução de produtos (TIC) a exemplo do celular, na verdade os *Iphone's*, *Ipad's*, que sintetizam a esfera do consumo neste campo e, ao mesmo tempo, mantém no ápice da pirâmide econômica os donos dessas tecnologias que passam a influenciar/dominar nossos comportamentos.

É por estas críticas e análises que advém da Teoria Crítica e dos frankfurtianos, que se faz necessário pensar e repensar o presente. Talvez somente com uma crítica dura e séria sobre a avalanche de produtos tecnológicos que chegam ao mercado na mesma velocidade que vão embora e com um olhar aguçado para a mídia e seus produtos que podemos pensar em estratégias pedagógicas no âmbito escolar.

Não existe um termômetro que indique o grau no qual estamos esclarecidos, até porque, como dizem Adorno e Horkheimer (1985, p. 37), “O esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema”, mas, obviamente, a utopia em nossa perspectiva é justamente a possibilidade de alcançarmos o esclarecimento.

3.2 Formação ou Semiformação, Onde Estamos?!

O enunciado deste subcapítulo traz uma inquietação provocativa, pois, ao que tudo parece, vivemos numa sociedade impregnada pelo germe da Semiformação, ou seja, ao pensarmos que estamos sendo formados na sociedade, o caminho é inverso. Por isso que a discussão aqui sobre a “Semiformação” entrelaça-se com o conceito de Alienação e com o processo de dominação que caracteriza a Indústria Cultural.

A Semiformação³⁷ ou semicultura é um conceito que foi elaborado por Theodor Adorno, um dos filósofos da chamada “Escola de Frankfurt”³⁸ e da “Teoria Crítica”. A correlação que fazemos é que há uma semelhança com o conceito de alienação em Marx³⁹. O que se percebe a partir da crítica de Adorno (1996; 2010) é que há uma decadência ou regressão dos processos formadores que tem grande implicação na cultura, ou melhor, na Formação, gerando a sua contradição, qual seja: a Semiformação. Para Adorno (1996), a *Halb-Bildung*, ou semicultura/Semiformação, é a formação que despreza seus determinantes, sem autorreflexão crítica e é assim que ela se torna matéria da Indústria Cultural. Estaria no plano da subjetividade, mas dominada pelo capital. O que está em jogo é um processo de proliferação, para não dizermos massificação da cultura na sua forma mercadoria que, de certa forma, homogeneiza a cultura, caricaturando a Formação.

Hoje, vivemos numa *aporia* cultural, o que implica esforços múltiplos para conter o seu avanço e, no campo das Mídias/ TIC, significa dizer que esses esforços precisam cada vez mais ser vitalizados. Por quê? Principalmente pela relação espaço-temporal em que estamos presentes, ao vivo e em todo mundo, num instante já! Com isso, multiplicamos também, com muito mais velocidade, a banalização em todos os seus aspectos.

Consideramos também o processo educacional e, com isso, a ideia grega da *Paideia*, em que se deslumbrava um ideal de formação educacional que garantisse o desenvolvimento do homem em todas as suas potencialidades⁴⁰. Neste aspecto, verificamos que a palavra *Paideia* vem de *paidos* (criança)⁴¹, ou simplesmente "criação de meninos". No

³⁷ O termo aparece inicialmente na “Dialética do Esclarecimento”, escrito por Adorno e Horkheimer (1985). Aqui, entrelaça-se o escrito por Adorno (1996; 2010) “Teoria da Semicultura”.

³⁸ FREITAG (1986, p.9) – “Escola de Frankfurt refere-se simultaneamente a um grupo de intelectuais e a uma teoria social. Esse termo surgiu posteriormente aos trabalhos mais significativos de Horkheimer, Adorno, Marcuse, Benjamin e Habermas, sugerindo uma unidade geográfica [...]”.

³⁹ Ver: “Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844”. *Grandes cientistas sociais*. V. 36, 1989 e Mézáros – *A teoria da Alienação em Marx*, 2006.

⁴⁰ A *Paideia* era o "processo de educação em sua forma verdadeira, a forma natural e genuinamente humana" na Grécia antiga”.

⁴¹ Um pedagogo (pessoa que conduz, e que geralmente era um escravo) levava as crianças para aprender os ensinamentos da cultura grega com os sábios. Esse mesmo pedagogo libertou-se, talvez de tanto dialogar nos acompanhamentos do jovem até as assembleias, tornando-se um personagem da *paideia* (JAEGER, 1995).

entanto, ela manifesta uma dimensão para além do que fora criada, como expõe Jaeger (1995, p. 25): "Não se pode utilizar a história da palavra *Paidéia* como fio condutor para estudar a origem da educação grega, porque esta palavra só aparece no século V". O que se observa é que a palavra ganha característica na própria formação cultural do povo grego a partir da educação, ou seja, o sentido atribuído a ela engloba formação geral do homem e sua cidadania. Neste sentido, de geração em geração germinava-se a criação de um homem digno, ético, cidadão, conhecedor, que pode governar e ser governado de forma esclarecida. No entanto, não situamos a *Paideia* utilizando os conceitos e ideias de uma época para analisar os fatos da modernidade, nem, tampouco, do tempo atual, cometendo assim um anacronismo em relação a um ou outro tempo histórico, respectivamente. A ideia aqui se baseia no "sentido" que o termo traz e que foi e é importante para o nosso estudo.

Jaeger (1995, p. 147) explica que, para Platão, "[...] a essência de toda a verdadeira educação ou *Paideia* dá ao homem o desejo e a ânsia de se tornar um cidadão perfeito e o ensina a mandar e a obedecer, tendo a justiça como fundamento". Tomando esse pensamento, o sujeito aprendia, com liberdade, observando seus sábios, a pensar criticamente, a elaborar propostas criativas para problemas, a manter as tradições culturais e a elaboração do novo sem perder, com isto, o conhecimento advindo dos mais velhos.

Não queremos estabelecer um sentido único para sua compreensão, nem tampouco reduzir a Formação a uma dimensão instrumental e, assim, salvaguardar as dimensões históricas e temporais dos termos (*Paidéia* e *Bildung*), mas resgatar o sentido político, pois "parece ser cada vez mais difícil convencer a sociedade sobre a relevância do sentido político da educação". (GOMES, 2010, p. 198)

Além deste aspecto, o autor supracitado expõe que há um distanciamento da sociedade civil dos temas sociais e humanos, por isso propõe uma reflexão sobre o sentido político da educação. "A política, enquanto dimensão vital da sociedade, que compunha a essência da *Paideia* grega e do ideário moderno da *Bildung*, encontra-se hoje eclipsada no interior de uma concepção de sociedade em que impera, de forma reducionista, a dimensão administrativa e gerencial da política". (*Op.cit.*, p. 198)

Com isso, mantendo as diferenças contextuais, históricas e suas épocas nos seus devidos lugares, mas resgatando o sentido dos termos que questionamos sobre um projeto de sociedade esclarecida, até que ponto é possível uma sociedade esclarecida? Parece-nos que a *utopia* de uma sociedade esclarecida e livre é cada vez mais difícil, o que torna nosso sonho frustrante. No entanto, abrem-se caminhos para pensar em pequenos movimentos que possam constituir-se em células (*Matrix*) e assim, germinar outras e outras numa rede de

interconexões. Além disso, não sabemos até que ponto o conhecimento, ou uma sociedade esclarecida, caminha para felicidade, uma vez que a história tem mostrado que esse conhecimento tem levado o homem ao sofrimento e, talvez, a ignorância seja ativada como sinônimo de felicidade. Até porque somos limitados ao conhecimento, o que gera certa ignorância. Ao ampliarmos para o conhecimento produzido pela humanidade, também não damos conta da essência desses conhecimentos, o que autoriza a Mídia a intuir uma Formação (danificada) que é contra essa forma de ser e estar pela qual lutamos.

A Formação cultural para o esclarecimento, nesta sociedade, está coagida em sua própria regressão pela dominação econômica que se configura numa sociedade fragmentada, em que as classes sociais parecem não mais existir, mas que aparecem de forma determinante sempre que o capitalismo oscila em suas crises.

Com isso, o projeto para uma autonomia e esclarecimento passa, necessariamente, por um projeto coletivo em que a formação cultural seria, então, na perspectiva adorniana, a possibilidade de liberdade, de autonomia/esclarecimento. Isso significa que, mesmo sabendo que na sociedade controlada pela mercadoria não há chance para emancipação (ADORNO e HORKHEIMER, 1985), procuramos como estímulo/desafio subverter essa lógica do capital, o que não se trata de um otimismo ingênuo, mas, sobretudo, de o pessimismo ser posto à crítica dura, o desafio!

Para Adorno (2000), o sentido da educação é que ela possa evitar a barbárie. Este seria o pressuposto e o objetivo de toda educação e, portanto, evitar a volta a regimes totalitários e, principalmente, ao nazismo, seria sua tarefa. Neste aspecto, fica claro para esse autor que a possibilidade do retorno da barbárie existe (devido às condições históricas e, principalmente, econômicas vigentes), por isso é preciso coibir o seu ressurgimento e a educação assume um papel importante no sentido de impedir essa regressão.

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. [...] Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta[...]. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. (ADORNO, 2000, p. 119)

Para Adorno (2000), a educação, então, deve contribuir para o processo de formação e emancipação, não apenas como indivíduo isoladamente, mas, sobretudo, como um ser social. Pois, para ele, “o retorno ou não retorno do fascismo constitui em seu aspecto mais

decisivo uma questão social e não uma questão psicológica”. (ADORNO, 2000, p. 123). A educação, portanto, deve contribuir para criar condições em que os indivíduos, socialmente, conquistem a autonomia. A emancipação constitui-se numa formação que leva à autonomia.

Obviamente, um plano para a emancipação passa, necessariamente, por uma mudança política, social e econômica da sociedade e, às vezes, nos questionamos até que ponto seria possível, então, uma educação para a emancipação. Até porque os efeitos da sociedade administrada – como expõe Adorno (2000) – das influências da Indústria Cultural e da Semiformação atingem todos nós, pessoas comuns, alunos, professores, entre outros, o que tem implicações (barreiras são criadas) na tentativa de mudar essa lógica que finda nos reprimindo e oprimindo.

Na “Dialética do Esclarecimento” também encontramos pistas em que o projeto de emancipação e a possibilidade de uma sociedade esclarecida é posta nessas condições: “Não alimentamos dúvida nenhuma [...] de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor”. (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 13). Entretanto, continuam os autores alertando-nos:

Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. (*Op.cit.*,p. 13)

Parece-nos que este alerta é provocado por perceber que a humanidade – e não diferentemente do tempo presente – caminha para uma regressão: “[...] por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 11), sendo a possibilidade de emancipação a autorreflexão crítica, ou melhor: “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica”. (ADORNO, 2000, p. 121).

3.2.1 Formação para Autonomia: o impasse com a Alienação!

Essa discussão aqui fomentada passa necessariamente pela ideia de Autonomia e, ao fazermos uma busca pela filosofia, sociologia, educação, entre outros, encontramos diversos segmentos desde a sua origem etimológica – deriva do grego *auto* (por si) e *nomia* (governo), e significa independência, direito de autodirigir-se. O sentido é também político, ou seja, da estrutura

social em autogovernar-se – até a faculdade que tem (especificamente) uma pessoa se autorregular através de seus próprios princípios, a exemplo de Sócrates (filósofo da Grécia Antiga), ou seja, é a capacidade de conhecer a si mesmo e também, de governar-se.

Nesse estudo, materializou a aposta nos sujeitos ao estabelecer suas metas, seus objetivos, descobrindo as fontes do conhecimento e também a possibilidade de produzir conhecimento. Ou seja: a educação/formação deveria dar condições ao homem de ser autônomo, sem deixar de submeter-se à realidade do mundo que o circunscreve; e, ao mesmo tempo, de submeter-se a esse mesmo mundo sem perder sua autonomia (PUCCI, 2010, p.44).

Entretanto, compreendemos que ela (Formação/Autonomia), em determinado período histórico, esteve ligada a certa classe, ou seja, conforme Pucci (1998), constituiu-se um dos momentos da essência da cultura da classe média burguesa que se configurava no início do capitalismo, em oposição à hegemonia político-econômico-social da nobreza. Esse ideal, que também caracterizava o pensamento iluminista, foi tolhido com a expansão do capitalismo e a partir da Revolução Industrial, que manteve em sua base estrutural a exploração do trabalho, cada vez mais separou o homem da formação cultural, além de estabelecer uma cultura para o consumo incessante com a multiplicação das diversas mercadorias.

Esse é um fato que não só afastou o ideário de construção de uma sociedade de homens livres, como também, e até os dias atuais, estabeleceu uma dominação em que autonomia e formação cultural parecem ser “coisas” alienistas, pois tudo é produzido e criado para um valor de troca, na forma dinheiro de valor. Nesse sentido, percebemos o quanto a Alienação, a partir do pensamento de Karl Marx⁴², estabelece uma estreita relação com o conceito de Semiformação, ao “encobrir” a produção humana, ou melhor, ao alienar-se o homem, curva-se e reverencia-se as “coisas” criadas por ele mesmo, sem reconhecê-las como fruto de sua criação.

Temos clareza de que a Alienação pode ser vista por vários aspectos e, com isto, inclui também outras correntes de pensamento. Mais precisamente nos “Manuscritos Econômicos Filosóficos (1844)” e “Crítica à Economia Política (1857)”, escritos por Karl Marx, estão contidas as reflexões que caracterizam a Alienação e que se constituem na base do sistema capitalista para a exploração da força de trabalho.

Estamos pensando e refletindo sobre a Alienação com esta força (poder) na qual a sociedade – principalmente a capitalista – impõe sobre as pessoas, o que resulta na diminuição da capacidade delas de pensar e agir por si próprias. Algo que se assemelha ao Poder

⁴² “Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844”.

Simbólico (Bourdieu, 2002); à Semiformação (Adorno, 1996) e à Alienação em Marx (1964; 2002).

Hoje, nos tempos de dispersão do mundo do trabalho em que as classes estão camufladas e de difícil identificação, a Alienação é ainda mais voraz. No processo de industrialização (historicamente) em que havia bem definidas duas classes sociais antagônicas (operários e capitalistas), apesar dos trabalhadores não identificarem o poder sobre eles, ficava evidente o domínio da Alienação, pois, como alertou Marx (1964), o produto do trabalho humano parecia estranho a ele mesmo. Ele não reconhecia a sua produção materializada na coisa em si, uma vez que a divisão social do trabalho colocou os homens numa situação de estranhamento. Bem diferente daquele artífice que construía sua carruagem e tinha a perfeita noção de todo o objeto criado, na industrialização o trabalhador perdeu essa noção e passou a enxergar somente uma parte.

Talvez a mercadoria seja a “força” simbólica que mais impressiona o mundo atual, mas que ainda traz, em sua estética, a sutileza de encobrir a dimensão social presente em seu corpo, como explicava Marx (1996, p. 81): "a mercadoria é misteriosa simplesmente por encobrir as características sociais do próprio trabalho dos homens, apresentando-as como características materiais e propriedades sociais inerentes aos produtos do trabalho [...]".

Entendemos que a mercadoria não surgiu com o capitalismo, no entanto, é com ele que ganha uma dimensão impressionante a partir de seu fetiche. O que se percebe é a sensação de que as coisas aparecem aos homens como se fossem naturais, desprovidas de trabalho humano, de relação social. Além disso, estamos numa época em que quase tudo é mercadorizado, ou seja, a forma valor é cada vez mais volátil e se apresenta em todo instante, em todo lugar e de qualquer forma, assim, vamos presenciando a pornografia, a violência, a banalização dos valores mais sagrados, a fé, o conhecimento, entre tantas outras, se transformando numa sedutora mercadoria. Mas será que não existe escape para essa situação?

Tomando o pensamento de Paulo Freire, é necessário um processo de conscientização para intervenção no mundo, o que significa dizer que o homem em sua plena autonomia é um ser ativo e pronto para libertar-se, mas que essencialmente precisa agir (práxis) para alcançar sua emancipação. Percorremos a possibilidade ou oportunidade para a construção do conhecimento, ou melhor, uma relação processual de Formação em que todos (pesquisador, sujeitos, professores entre outros) estivessem imersos na construção, ou seja, todos apreendessem e aprendessem. No plano educacional significa que, ao ensinar, precisamos ter atenção para que o aluno apreenda o conhecimento no processo ou numa prática dialética com a realidade, evitando, assim, o que foi denominado por Freire (1987) de

uma educação bancária, tecnicista e alienante. Nossa esperança no processo formativo é que o educando seja estimulado a criar sua própria educação, construindo seu caminho com todos os obstáculos que possam existir e não seguindo um modelo já previamente constituído. Esta é luta pela autonomia e contra posicionamentos alienantes.

Nesse aspecto, fomos ao sentido contrário ao processo de exclusão da Formação (negação da formação cultural – *Bildung*), o que implica a falsificação da formação (*Halb-Bildung*) – Semiformação – ou seja, não nos adaptarmos ou acomodamos à natureza. Para Macedo (2011, p.109),

a formação nos cenários das organizações educacionais se realiza de forma importante [...] conteúdo e forma, pensamento e outras práticas, instituído e instituinte são concebidos e refletidos de maneira não apartada, relacional, portanto, com todas as contradições, opacidades, ambivalências e paradoxos que as práticas humanas constituem e expressam

Neste sentido que a Formação constitui-se numa potência experiencial e também numa aprendizagem que se configura em ação reflexiva. Macedo (2011), juntamente com outros pensadores, como Pierre Dominicé, acredita que a Formação é um objeto movente, ou seja, compreendido através de seus processos e suas dinâmicas, das contradições, com isso deslumbram uma educação que se estabeleça pelo contato, pelas relações (*Op.cit.*, 2011).

Aqui cabe uma reflexão em que os frankfurtianos já esboçavam uma crítica ao modelo educativo/formativo pautado numa razão instrumental de viés positivista. A alusão é a passagem de Ulisses – já enunciada nesta pesquisa, mas que se torna importante repetir: “o canto das sereias”. Não resta dúvida de que Ulisses utiliza-se da razão instrumental para submeter a natureza aos seus interesses, ou seja, um agir para um fim determinado, objetivado, mas com uma astúcia incomparável. Assim, ao passar pela região das Sereias, no mar, eram provocados e seduzidos pelo canto e isso os levariam à morte.

Neste sentido, coube a ele duas soluções para subverter o canto que os atraía e que, certamente, os faria serem devorados ou ficarem perdidos no mar. Num primeiro momento, ele orienta os marinheiros, seus companheiros e súditos, a colocarem cera nos ouvidos, evitando, assim, ouvir qualquer ruído, com isso, eles não parariam de remar, fugindo do perigo. Dizem Adorno e Horkheimer (1985, p. 45): “quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor [...]. Alertas e concentrados, os trabalhadores têm que olhar para frente e esquecer o que foi posto de lado”. Nessa passagem está a relação direta em que os trabalhadores vivem no sistema capitalista sob a direção da razão instrumental.

Talvez aqui esteja simbolizado bem o processo de alienação ao qual somos condicionados no cotidiano do trabalho, da vida, nessa sociedade em que há classes que dominam e classes de dominados. Ou melhor, a forte aparente sensação de que estamos livres, no entanto, estamos aprisionados pelos caprichos do sistema, o que faz mantermos um olhar somente para frente: “É assim que se tornam práticos” (*Op. cit.*).

Ulisses fez uso da outra possibilidade, também não muito distante do processo de alienação. Amarrou-se ao mastro do barco, mas não tapou os ouvidos. “Ele escuta, mas amarrado impotente ao mastro, e quanto maior se torna a sedução, tanto mais fortemente ele se deixa atar [...]” (*Op.cit.*). E os companheiros nada podem fazer para ajudá-lo, pois estão com os ouvidos tapados: “só sabem do perigo da canção, não de sua beleza” (*Op.cit.*).

Aqui os autores fazem uma crítica aos membros da classe burguesa que não cumpriram a promessa de felicidade, atados ao poder do capital que cada vez mais se acumulava. Talvez seja este o recado: Ulisses não pôde seguir sua pulsão em busca da felicidade na comparação com a classe burguesa. Hoje, é provável que exista muito mais obstáculos, principalmente porque as classes estão cada vez mais divididas em subclasses, bem como envolvidas num processo tecnológico que promete tal aproximação com a emancipação, mas que imprime novos cantos. Ou seja, as TIC ainda configuram-se como uma promessa, mas estão atadas ao capital. É possível sim subverter, assim como fez Ulisses, mas, precisamos encontrar saídas que não convirjam para reificação das relações humanas.

Nesse aspecto, pensando na Formação como um processo não excludente, os pressupostos teóricos deixados pelos frankfurtianos trazem uma questão importante, que é a negação do caráter científico advindo do positivismo, pois esse, que impregnou o mundo com o seu cientificismo, não deu conta das contradições como potência para transformação. A Teoria Crítica dos frankfurtianos resgata o pensamento iluminista do século XVIII, é verdade, mas, substancialmente, tem como meta a emancipação humana e isto é ponto importante para uma transformação, mesmo que singela.

Se é que é possível estabelecer uma relação formativa, processual e cúmplice mediada pelas TIC e Mídia, então é preciso também observar o lado opressor ao qual elas estão a sucumbir – principalmente os sujeitos – como o potencial econômico advindo do seu conhecimento e do monopólio que as garante nas mãos de alguns, ou seja, as relações de poder, como expõe Bolaño *et al* (2007), que se materializa no controle da produção e difusão das TIC e por isso, ainda, a “sociedade massificada seria a forma social vigente assumida pela formação social em seu processo de reprodução na subsunção real e totalizante ao capital”.

(LEO MAAR, 2003, p. 461). No entanto, nos questionamos: como pensar em subverter sem ouvir o canto?

Percebemos que o Governo (Brasileiro) tenta sanar o seu déficit com a Escola Pública com políticas de criação de salas de informática, distribuição de computadores móveis, ampliação de acesso à rede de comunicação, entre outros, mas, sabemos que isto não é a custo zero. Toda ação financeira do Estado só é possível pela arrecadação que faz junto à sociedade, ou seja, junto à riqueza produzida pelo povo/trabalhador e que é explorado, mas que, em sua maioria, desconhece-se nessa produção – “remando com cera nos ouvidos”. Parece-nos que a máxima de Marx e Engels (1996) na Ideologia Alemã, em que "a classe que detém os meios de produção material controla também os meios de produção mental", não pode ser colocada de lado sob o pretexto do reducionismo e, sim, pode ser repensada hoje sob as diversas formas de dominação que transitam sobre nós e que nem percebemos.

As TIC na sua estrutura e difusão estão grudadas à esfera da mercadoria e muitas vezes as são. Isso tem implicações em nossas vidas, pelo fato da mercadoria ser muito forte e determinante – aqui, explicitamente, encontramos com seu fetiche – o que de certa forma tornou as TIC, antes de qualquer coisa, um bem precioso. Portanto, não se pode falar em Formação sem considerar estes questionamentos, sob o perigo de observamos apenas um lado do objeto, que é multifacetado.

Voltemos a questionar: onde estamos? Parece-nos que a resposta é tão difícil quanto a pergunta. Considerando tudo que está acontecendo no mundo hoje, das relações de trabalho, do avanço tecnológico, mas, sobretudo, da dominação tecnológica, das novas descobertas científicas, das configurações econômicas, do distanciamento e encurtamento do globo, das mudanças sociais e políticas – geopolíticas – que mudam o mapeamento mundial e que assinam uma nova ordem (será?), do processo de globalização invisível, visível, presente, dominador, destruidor, “civilizado”, da educação, esta complexa e complicada, que ocorre para formação dos sujeitos, aqui, ali, lá em Itabaiana/Sergipe, numa escola pública, digna, sucateada, com/sem esperança e dos “marginais” que ali habitam (?), estudam, entre outras coisas de nosso tempo e por isso, a resposta é perturbadora, mas, ao mesmo tempo, provocativa, desafiadora.

3.3 Do Fetichismo de Ontem ao Fetichismo das TIC

O fetiche⁴³ tem sido uma das características marcantes na sociedade do consumo. São seduções cada vez mais atraentes e com o processo de globalização no campo midiático e tecnológico em que tudo gira em torno das redes comunicacionais, há um verdadeiro “tsunami” de oferta de produtos em escala local e internacional, pois, com as TIC, tudo ficou mais próximo e veloz.

As tribos antigas (primitivas) criavam fetiches (totens), aos quais depois atribuíam personalidades e poderes próprios, como exemplo, atrair a chuva etc. Aqui parece haver uma relação semelhante, a partir de um fetichismo social, ou seja, como Marx (1996) advertiu: os produtos do trabalho humano (mercadoria, capital) aparecem aos homens como se fossem dotados de personalidade própria, que os dominam.

Neste aspecto, é inevitável não falar da mercadoria simplesmente por ela estar em todo lugar, em todo tempo e a qualquer instante. A mercadoria, à primeira vista parece ser coisa simples e de fácil compreensão, principalmente se olharmos a partir de seu valor de uso. No entanto, por trás do simples aparente, há uma dimensão misteriosa e enfeitiçadora que a torna estranha ao homem. Nas TIC perdemos a dimensão mercadoria devido ao uso que fazemos delas, mas a dimensão social está presente em sua construção, pois ainda é fruto do trabalho humano. O computador chega até nós como um passe de mágica, sabe-se que alguém o comprou, mas ele está ali, em sua frente, pronto para potencializar os laços, atar os nós, produzir etc., mas ele só está aí porque, além de um valor de uso, ele é valor, é fruto do dispêndio de força de trabalho e é viabilizado/sociabilizado no processo de troca.

Para Adorno (2000, p. 77), “Marx descreve o caráter fetichista da mercadoria como a veneração do que é autofabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do homem”. É nesta perspectiva que veneramos o fruto, enfeitiçados pelo brilho da mercadoria (fetiche), dando-lhe mais valor, ao produto e não à sua construção (homem/trabalho humano). Pois há no fetiche o ocultamento que agrega a mercadoria, simboliza a relação social no seu interior, desde a exploração da força de trabalho à venda. Neste sentido, ao ocultar a relação social que incorpora a mercadoria, percebe-se a sociedade caminhando para o individualismo, para a negação da coletividade, até porque, em seu fetiche, a mercadoria não esboça a exploração a que se sujeita o trabalhador.

⁴³ MARX (1996) expõe "o fetichismo da mercadoria: seu segredo". A intenção é revelar a dimensão social do trabalho que se materializa na mercadoria e que não se percebe, como se ela tivesse vida própria.

A fórmula mais conhecida e clara de fetichismo da mercadoria é a de que ele é resultado de uma operação que oculta, sob a aparente equivalência objetiva das mercadorias, as diferenças – sob as formas de dominação e exploração – entre os homens que as produziram. (BUCCI E KEHL, 2004, p. 23)

Para Marx (1996)⁴⁴, nas sociedades em que domina o modo de produção capitalista, a riqueza aparece como uma imensa coleção de mercadorias. Em forma de equivalente geral, ou seja, de dinheiro e o fetiche, este é ainda mais “misterioso”, pois conquista o monopólio de expressar o valor do mundo das mercadorias. Essa relação vai materializando o poder que emerge do processo de circulação das mercadorias. Quando esse processo se evidencia é porque ele recebeu a sanção social e o dinheiro passa a atuar com extrema “autonomia”, não só na troca direta, como intermediando o processo de troca e, com isto, fica “mascarada” a forma social pela qual passa a mercadoria na sociedade capitalista.

Neste aspecto, com as TIC, a forma dinheiro de valor ganhou o aspecto volátil incomparável, sem contar na possibilidade também de possuir a mercadoria em qualquer lugar e a qualquer hora, ou seja, o mundo virou um grande mercado global. “O que distingue particularmente a mercadoria do seu possuidor é a circunstância de ela ver em qualquer outra apenas a forma de manifestar-se o próprio valor” (*Op.cit.*, p. 95).

A nosso ver, essa é a forma mais atuante em que o fetiche da mercadoria (trans) aparece e, com ele, vivenciamos um aspecto – parece-nos que seremos todos condenados ao encontro com as Sereias – que é pessimista diante da realidade na sociedade capitalista, ou seja, cabe-nos perguntar: até que ponto podemos escapar deste domínio/poder? Nesse sentido, há a necessidade de superar os caprichos teológicos das mercadorias e, ao mesmo tempo, superar também a condição de “escravos⁴⁵ dóceis” do consumo, refletindo com autonomia e emancipação diante da “coisa” portadora de valor de troca, subverter esse quadro (RIBEIRO, 2005).

Neste aspecto, percebemos também que a mercadoria envolve e se transforma nos produtos da cultura, da arte, como a música e, neste sentido, no fetichismo da música, segundo Adorno (2000, p. 89), há uma regressão da audição, os bens da cultura (mercadoria), fruto da Indústria Cultural, produzida para um consumo das massas perante sujeitos “semiformados” e “alienados”, impossibilita o sujeito, reificado, de uma autonomia/esclarecimento, ou melhor, de um “casamento feliz” com o conhecimento. Adorno

⁴⁴ Vide esta discussão, também desenvolvida no trabalho de Ribeiro (2005).

⁴⁵ Escravos dóceis, pois não há resistência dos sujeitos frente aos ditames do mercado impulsionados pelo processo de banalização da cultura, advinda da Indústria Cultural. A resistência, numa perspectiva adorniana, com o esclarecimento. Como dizem Adorno e Horkheimer (1985, p.13), “[...] que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor”.

faz uma crítica dura para demonstrar as transformações que a percepção musical sofria com o processo da indústria cultural em evidência. Estas transformações implicariam também numa regressão à capacidade de audição dos homens na sociedade moderna (de seu tempo), com isso, instalava-se um processo de banalização em que o mais importante não era o sentido da música, mas o valor de troca que ela poderia gerar.

Essa é uma faceta do capitalismo, ou seja, apresentar-se sob disfarce e a realidade do trabalho social fica oculto por trás da aparência das mercadorias. Cabe à teoria descobrir o conteúdo essencial e oculto em cada forma que nos aparece, como é no caso da mídia e das TIC. As tecnologias – que a princípio deveria servir para nos libertar – na lógica do consumo da mercadoria, só reforça a dominação.

O poder simbólico⁴⁶ – exercido pelas mais novas formas (das TIC) – convida-nos para um consumo desenfreado. Sob a ótica do novo, as tecnologias mudam o jeito de ser e estar das pessoas. Nossas vovós já navegam na internet e tem *Orkut* e *Facebook*; nossas crianças não se contentam com um simples videogame, é preciso ser o mais novo, mas sofisticado. Além disso, são possuidores dos novos celulares com múltiplas funções, inclusive jogos eletrônicos. Para os professores, estar conectado, possuir um *notebook*, trabalhar com *data show* não é mais uma opção, virou uma necessidade. A relação e a distância campo-cidade ficaram mais próximas e o trabalhador tem acesso aos diversos meios midiáticos e tecnológicos.

Portanto, são necessidades (muitas criadas) que vão se misturando nas relações humanas e passam a fazer parte da vida das pessoas; ter acesso a esses bens passa a se configurar uma exigência para a Formação na atualidade, mas, como alerta Pretto (2008^a p. 81), esse acesso precisa ser qualificado e, por isso, devemos começar pela escola. Neste aspecto, “o computador, o rádio, a tevê, a internet e as mídias digitais precisam estar presentes na escola [...] e passe a se transformar – cada escola, cada professor e cada criança - em produtores de cultura e conhecimento”.

Para Pretto (2008), uma saída para que cada escola comece a ser um espaço de produção, ampliação e multiplicação de culturas (com as tecnologias), é com a adoção de *software* livre⁴⁷. Assim, estaríamos estimulando e propiciando a introdução de uma lógica

⁴⁶ Aqui, a reflexão é no sentido desta capacidade de influenciar as ações das pessoas - como o fetiche provocado pela mercadoria – que vai para além de uma relação de troca mercantil e que domina com o consentimento do outro, mesmo que seja sobre o domínio da alienação.

⁴⁷ **Software livre**, segundo a definição criada pela Free Software Foundation, é qualquer programa de computador que pode ser usado, copiado, estudado e redistribuído sem restrições. O conceito de livre se opõe ao conceito de *software* restritivo (*software* proprietário), mas não ao *software* que é vendido almejando lucro (*software* comercial). A maneira usual de distribuição de *software* livre é anexar a este uma licença de *software*

colaborativa – “as tecnologias necessitam ser compreendidas como elementos fundantes das transformações que estamos vivendo”. (PRETTO, 2008a p. 80)

Corroborando com essa perspectiva, Brant (2008 p. 71) explica que “a comunidade *software* livre é talvez o exemplo mais evidente de uma apropriação social da tecnologia que a modifica e reinventa, adaptando-a ao modo de produção e buscando livrá-la do aprisionamento”. Nesse sentido, essa seria uma possibilidade de subversão da própria estrutura capitalista na qual tudo vira mercadoria, inclusive a informação. Sabe-se que a tecnologia traz a marca ideológica de quem a domina e as forças políticas, sociais, culturais e econômicas determinam seus rumos. No entanto, a aposta aqui é no outro lado desta dominação/opressão, em que reine a autonomia tecnológica para a autonomia e emancipação. Portanto, pensando no ambiente escolar como campo propício para a formação ser tensionada, compreendemos que o professor precisa inteirar-se mais com as tecnologias (até por que ela vive no universo dos alunos) e não adotar uma postura de negação por não conhecê-la, como alerta Brant (2008).

3.4 Mídia e Novas/Velhas TIC: Faces da Mesma Moeda

A atualidade e principalmente o futuro não muito distante, é marcada por um grande avanço tecnológico: seja a partir dos produtos da mídia, das TIC, seja no seu conteúdo simbólico, seja nos equipamentos eletrônicos disponíveis no mercado, configurando-se assim, num mercado altamente efêmero e inovador. No entanto, as “Velhas” tecnologias – a escrita, o jornal artesanal, a máquina fotográfica e máquina de filmar analógicas – constituem elementos ainda presentes no cotidiano das pessoas, podendo tornar-se um potencial criativo no aspecto pedagógico.

Experiências com essas mídias velhas e novas (SANTOS, 2007; BELLONI, 2001; FANTIN, 2011; FANTIN e GUIRARDELLO, 2008; PIRES, 2002; 2003; BETTI, 1989; 2003 entre outros), ainda, em parcerias com grupos de pesquisa no Brasil e no Exterior entre tantas outras, vem demonstrando “que o uso” das TIC no âmbito escolar, constitui-se numa viagem sem volta. A todo instante as pessoas, eu, você, os alunos nas escolas, todos nós, recriamos, ou melhor, damos novos sentidos e novos significados, com autonomia e emancipação a esses meios, o que estimula estudos nesse campo.

Outro aspecto importante refere-se às formas simbólicas⁴⁸ que são mediadas pelos meios de comunicação de massa⁴⁹, principalmente a televisão, mas já vem sendo observada também com os computadores, através da Rede Mundial de Computadores (internet), e neste aspecto estão presentes no conteúdo destes meios, uma gama de poder (simbólico)⁵⁰ que, de certa forma, são expressivos no cotidiano das pessoas, principalmente quando se trata de apelos consumistas no campo de entretenimento, da criança, do brinquedo, pois o que está em jogo é a ideologia do consumo na sociedade atual.

Pensando por este aspecto que estudos no campo da Mídia-Educação corroboram para emancipação com autonomia dos sujeitos em nossa sociedade. Fantin (2011, p. 15), em seus estudos com crianças e mídia, explica que “a educação é entendida como ação em busca da significação, e a mediação escolar na relação entre criança e a cultura se refere às ações que procuram ampliar os conhecimentos e interações das crianças, fazendo-as entender como suas experiências participam dos sistemas simbólicos da cultura”. Nesse sentido que perspectivamos a inserção da mídia e TIC no ambiente escolar e que o lócus desta inserção fosse a Educação Física, pois, apesar de já existir uma variedade de estudos nesta área, ela ainda carece de reflexões.

Compreendemos como as novas Tecnologias de Informação e Comunicação tornam-se fascinantes (enfeitiçamento) frente às pessoas e, como expõe Belloni, (2001 p. 24), “é importante lembrar que este deslumbramento frente às incríveis potencialidades das Tic’s está longe de ser uma ilusão ou um exagero apocalíptico, mas, ao contrário, constitui um discurso ideológico bem coerente com os interesses da indústria do setor”. Esta é uma questão

⁴⁸ Entende-se, a partir do pensamento de Thompson (1998), que em todas as sociedades os seres humanos se ocupam da produção e do intercâmbio de informações de conteúdo simbólico.

⁴⁹ Refere-se à produção institucionalizada e difusão generalizada de bens simbólicos através da fixação e transmissão de informação ou conteúdo simbólico. Mesmo com as considerações feitas por Thompson (1998) de que os termos comunicação e massa (C.M.) são complexos, pelo fato de, na maioria das vezes, na mídia haver uma transmissão e também não atingir a todos os sujeitos. Outro ponto relevante, segundo Belloni (2001), que é comum no meio acadêmico, é a expressão C.M. como sinônimo de mídia.

⁵⁰ Para Tompson (1998) – o poder simbólico nasce na atividade de produção, transmissão e recepção do significado das formas simbólicas. "O Poder Simbólico, é a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações dos outros e produzir eventos por meio da produção e da transmissão de formas simbólicas" (p. 24). Para Bourdieu (2002), o Poder Simbólico é esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exerceu. Poder quase mágico, que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Apesar de Thompson (1998) apropriar-se do termo (poder simbólico) elaborado por Bourdieu o diferencia na sua conceituação. No entanto, entendemos que ambos os conceitos serão utilizados em nosso trabalho, pois no primeiro há um avanço na perspectiva frankfurtiana e o segundo assemelha-se ao conceito de fetiche e alienação que percorremos no decorrer deste trabalho. Ainda, Thompson (1998), a partir do pensamento de Pierre Bourdieu, explica que há quatro dimensões do poder: Político – representado pelas instituições públicas; Coercitivo, as instituições militares e a força bélica; Econômico, instituições econômicas (empresas) marcadas pelos oligopólios dos conglomerados econômicos e o Simbólico – Instituições culturais, igreja, indústria da mídia, entre outros.

importante que não pode ser desconsiderada, mesmo tendo clareza que elas (TIC) possam representar a potência para (des) construir as estruturas (des) iguais postas pelo capitalismo. Além de colocar a comunicação de massa que sempre teve uma estrutura de via de mão única numa outra perspectiva que seja de forma descentralizada, como acontece com a internet, a partir das redes sociais,

[...] a situação é muito melhor do que a que vivemos com os meios de comunicação de massa, nos quais, na prática, a comunicação possível é majoritariamente unilateral e mercantilizada. Há muito mais pessoas em nossa sociedade capazes de expressar e compartilhar seus pontos de vista pela internet do que pelos meios de comunicação de massa. (SIMON e VIEIRA, 2008, p. 27)

Neste caminho – *Odisseia* – cheio de obstáculos e monstros devoradores, (re) nasce a subversão – uma forma política e legítima de fugir aos caprichos da *Fortuna*, de romper com o processo de Alienação e Semiformação entre outros escapes – a exemplo do uso autônomo, da internet. No entanto, ainda constitui-se um entrave a educação para a mídia (internet): seja na formação de professores, seja na “inclusão digital”.

As barreiras são maiores do que pensamos, pois encontramos no contexto educacional situações complexas e complicadas ao uso das TIC no processo de ensino-aprendizagem, ou melhor, encontramos uma resistência por parte dos professores em lidar com elas alegando sua (in) capacidade, os professores alegam que não foram preparados – formados – para lidar com as novas tecnologias/mídias de informação e o sentido emancipador que elas podem provocar, não há uma inserção no Projeto Político Pedagógico das escolas que inclua a discussão do uso das mídias e TIC, entre outras questões. O que se observa é que a formação cultural, aqui baseado no pensamento esclarecedor e no sentido colaborativo, distancia-se das novas linguagens e do cotidiano/escolar.

Essa realidade não é ficção nem exagerada, basta fazermos um levantamento nas pesquisas no Brasil que abordam esse problema e veremos o esboço de um quadro alarmante. Obviamente, esse quadro não é generalizado e na atualidade há muitas experiências com uso das mídias e TIC na educação que potencializam nossas inspirações a, efetivamente, apostar nos sujeitos.

Temos clareza que não basta encher os professores de cursos técnicos para uso das TIC, pois logo que acabam esses cursos a vida escolar é determinante e se não houver um projeto que garanta esta discussão no cotidiano, não veremos avanços. O professor deve estar imerso nesta realidade e atento às mudanças estruturais na sociedade, principalmente advindas

da realidade dos jovens e também experimentar, sem medo de errar, esquecendo o tabu que professor não erra⁵¹.

Mas isto só não basta. É preciso que a Escola também esteja preparada para essa nova etapa do processo de aprendizagem, significa dizer que, além da anuência dos profissionais da educação no interior da Escola, é preciso um espaço adequado, permanente, vivo, que faça com que as TIC e as experiências com a mídia se tornem comuns e não um bicho estranho.

Estamos presenciando, já de algum tempo e mais determinante no momento atual, uma avalanche da chegada de computadores no ambiente escolar e mais que isto, na ideia associa-se um computador por aluno (UCA)⁵². No entanto, algumas experiências⁵³ têm exposto, pelo menos, duas facetas: de um lado a necessidade urgente de se colocar à disposição dos alunos computadores conectados à rede mundial de comunicação face à carência; de outro lado, os obstáculos de uma política pública que garanta a acessibilidade com autonomia no tocante à velocidade dos equipamentos e, neste sentido, pensar na Formação como um estímulo à emancipação. Como diz Pretto (2011, s/p):

Aqui está o foco do que acreditamos ser o centro do processo formativo de professores e alunos: a melhor forma de fazer com que essa turma⁵⁴ passe a viver plenamente o universo da cultura digital e lhes proporcionar uma imersão intensa no universo de informação e comunicação propiciado pelas tecnologias digitais. No caso dos professores, pensamos que isso lhes possibilitará, tão logo estiverem mais relaxados e confortáveis com a presença dos uquinhas nas suas vidas e nas escolas, incorporarem tudo isso como elementos estruturantes da formação da juventude enquanto produtora de conhecimentos e de culturas e não como mera consumidora de informações (e de produtos!). Informações essas que abundam na internet e que, se não trabalhadas, constituem-se numa mera reprodução dos tradicionais (e velhos) meios de comunicação de massa

A perspectiva de construir novos conceitos e linguagens a partir das TIC e da mídia ganha consonância com a cooperação e compartilhamento de conhecimento entre as pessoas, o que implica, também, não só alunos e professores compreenderem a importância de estarem em rede, mas, principalmente, o sentido do compartilhamento, o sentido de ajudar os

⁵¹ Referência ao texto de Theodor Adorno, “Tabus acerca do Magistério”. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

⁵² O **Projeto UCA** é uma iniciativa do Governo Federal que visa a distribuir a cada estudante da Rede Pública do Ensino Básico Brasileiro um *laptop* voltado à educação. A intenção do Programa é inovar os sistemas de ensino para melhorar a qualidade da educação no país.

⁵³ Nelson Pretto. “**A moça do computador**”. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br> Acesso em: 12/08/2011.

⁵⁴ Refere-se a uma turma das 10 escolas do interior da Bahia em que se está trabalhando a formação de professores, onde fora implantada o Projeto Um Computador por Aluno-UCA, mas que, entendemos, ultrapassa os limites territoriais.

outros e a si mesmo, a descobrirem, a conhecerem, o que já vem sendo desenvolvido por vários profissionais da educação⁵⁵. É nesse sentido que buscamos uma imersão com autonomia e emancipação e, ao mesmo tempo, ir quebrando o modelo unilateral da comunicação de massa.

Mas, para isto, além de superarmos as adversidades no campo material da vida, é preciso superar a esfera do Poder Simbólico. O “efeito dominó” provocado por ele presente nas mídias esboça-se em ideologia. É como se o mundo, em todas as suas contradições e diferenças, agora encontrasse um sentido comum. Nesse aspecto,

[...] o poder, portanto, é a supremacia do espetáculo – a nova forma de modo de produção capitalista, como descobriu Guy Debord [...] sobre todas as atividades humanas. O poder, enfim, é a gestão do espetáculo pelos seus encarregados que, no entanto, não são seus autores, mas seus subordinados. (BUCCI e KEHL, 2004)⁵⁶

Assim, chama-nos atenção o alerta de Thompson (1998, p.30) com o termo comunicação de massa, que pode provocar enganos, pois nem todos os produtos da mídia atingem milhares de pessoas. Seja em época passada ou presente, nos permite a pensar que esse termo ("massa") não pode ser reduzido a uma questão de quantidade. "O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que esses produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários".

Outro aspecto importante sobre o qual nos alerta Thompson (1998) é relacionado aos “receptores” (sujeitos) dos produtos da mídia, que são vistos como sujeitos passivos, sem sensibilidade, sem criticidade, como uma "esponja" que absorve água. Isso seria uma contradição, devido à complexidade com que os produtos da mídia chegam até os sujeitos, nas vidas deles, provocando diferentes interpretações e reações. Ideia esta compartilhada por vários autores da Educação e Educação Física no Brasil – Belloni (2001), Betti (1989; 2003), Pires (2002; 2003) – que perspectivam, a partir daí, a necessidade de uma educação para a mídia, no sentido de criar autonomia e esclarecimento ao sujeito receptor.

Por isso, neste estudo, para se compreender o impacto dessas tecnologias nas sociedades e nos processos de relações sociais, bem como em suas instituições, principalmente as educacionais, foi “necessário ir além das condições técnicas [...]. É preciso

⁵⁵ A obra de Pretto e Silveira (2008) traz reflexões importantes no tocante a esta questão e, principalmente, às possibilidades democráticas de subverter a dominação no campo das redes informacionais.

⁵⁶ Parte dessa discussão encontra-se no trabalho de Ribeiro (2005, p. 55).

valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de sua história e não como receptores de mensagens e consumidores de produtos culturais". (BELLONI, 2001 p.21)

A perspectiva de ler criticamente a "comunicação de massa" (C.M.) passa pelo significado de analisá-la também pelo enfoque econômico (indústria de equipamentos eletrônicos) que gera bens culturais; pelo aspecto político, bem como artístico-cultural, para romper com o processo de banalização da cultura – Indústria Cultural – e educacional, campo esse com uma diversidade cultural imensa devido às experiências que os alunos carregam nas suas relações com os meios e as TIC. Assim, os contextos sociais específicos, os quais a mídia está presente, serão lidos, a partir de sua própria realidade. Além disso, como expõe Sibília (2008), hoje vivemos em um tempo em que as pessoas são estimuladas a fazer várias coisas ao mesmo tempo (habilidade multitarefa) e isso talvez possa representar novas formas de cognição, até porque a relação face a face vai dando lugar, cada vez mais, à relação mediada pelos meios de comunicação.

Outro aspecto importante diz respeito ao cunho ideológico presente nos produtos da mídia, pois “transmite informações, alimenta o imaginário do sujeito e constrói uma interpretação do mundo e, com isso, difunde ideias sobre a cultura corporal de movimento" (BETTI, 1998, PIRES, 2003). Isso implica, necessariamente, que precisamos interpretá-la, refleti-la e problematizá-la a partir do contexto social no qual estão inseridos, libertando-se dessas “amarras”. Parece-nos uma visão otimista e o é, mas, sobretudo, não se faz de forma aleatória, e sim envolta no arcabouço teórico-praxiológico que possibilita uma mudança de olhar e de ação.

E as TIC e a Mídia são faces da mesma moeda? Compreendemos que às vezes sim, como é caso da relação de consumo numa visão econômica, mas estamos nos referindo à possibilidade de trabalhar na escola, tanto com a mídia, ou seja, uma ideia de Mídia-Educação em que os alunos analisam criticamente as mensagens da mídia, fazem uso dos equipamentos midiáticos e produzem, com responsabilidade, sua própria mídia, como também relacionar o potencial das Tecnologias de Informação e Comunicação numa perspectiva para a Formação do aluno. É neste aspecto que pensamos que elas se convergem.

3.5 As Tecnologias e suas Dimensões Política, Educacional e Social

Não é nenhum exagero dizer que as TIC constituem-se parte significativa na vida das pessoas⁵⁷, seja no mundo do trabalho, do conhecimento, do entretenimento ou simplesmente nas redes de relacionamentos. Fica evidente, portanto, que elas passam a se configurar numa nova linguagem nos tempos de hoje, ou constituindo-se em novas educações na contemporaneidade. Não situamos a técnica como sinônimo de tecnologia, mas compreendemos que há uma relação determinante em que o conhecimento científico – fortemente determinado pelas ciências duras – transforma a técnica em sua escrava. Quando nos referimos à técnica expressamos essa capacidade, extremamente humana, de criar, de inventar sob os mais diversos segmentos.

Tecnologia é poder (KENSKI, 2007). Este é um aspecto que marca a história da humanidade, pois o domínio da tecnologia representava um domínio sobre outros. Foi assim com os primeiros artefatos (pedra, pau, ferro etc.); com as primeiras invenções (pólvora, máquinas, conquista do espaço etc.) e com os primeiros computadores, o que desencadeou e instigou a luta pelo seu domínio, ou seja, dominar a tecnologia significa dizer estar à frente dos outros. Parece-nos que essa perspectiva – de domínio sobre os outros – continuará por muitas décadas, pois não se muda a concepção de sua posse.

A relação entre conhecimento, poder e tecnologias marcou tempos passados e o presente. Relacionamos as sociedades, sejam elas mais primitivas ou modernas, a um tipo de tecnologia e conhecimento. Foi assim com a idade da pedra, a fase dos metais – ouro, prata e bronze – do próprio período industrial, marcado pela invenção da máquina (vapor e ferramenta)⁵⁸ e hoje caminha-se para uma sociedade informacional⁵⁹, ou melhor, uma sociedade em rede.

A máxima de Francis Bacon⁶⁰ (2000), “saber é poder”, nunca ficou tão evidente. Para esse filósofo, o conhecimento científico e experimental serviria para um bem-estar e harmonia dos homens. Então, apesar das tecnologias, como expõe Kenski (2007), invadirem

⁵⁷ Nos últimos anos foi palco de debate em diversos canais de televisão, pública e privada. Como o programa da TV Brasil “Salto para o Futuro”; TV Senado com “Ver TV”; TV Bandeirante - “Canal Livre”, entre outras emissoras.

⁵⁸ O motor a vapor, que é chamado de máquina a vapor, costumeiramente refere-se também à turbina a vapor, outro tipo de máquina térmica que explora a pressão do vapor. Todas as máquinas térmicas funcionam baseadas no princípio de que o calor é uma forma de energia, ou seja, pode ser utilizado para produzir trabalho, e seu funcionamento obedece às leis da termodinâmica. A máquina ferramenta, também chamada de máquina operatriz, é uma máquina utilizada na fabricação de peças de diversos materiais (metálicas, plásticas, de madeira etc.), por meio da movimentação mecânica de um conjunto de ferramentas. (www.wikipedia.org). Acesso em: 04/10/2010.

⁵⁹ Ver Castells (1999).

⁶⁰ 1561 a 1626, nascimento e morte, respectivamente.

nossas vidas, ampliem nossa memória, garantir o nosso bem-estar, elas ainda estão longe de serem socialmente distribuídas, devido ao poder, seja ele, econômico, político ou simbólico.

O poder, aqui simbolizado pelas tecnologias é fruto da capacidade – intelectual – humana e que, portanto, não são apenas máquinas, a exemplo da linguagem. A Tecnologia perpassa essa dimensão, pois ela está em todas as partes das nossas vidas. Ou seja, ela é o “conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade” (KENSKI, 2007, p. 24).

O homem passa a (re) projetar sua relação com a tecnologia, pois nunca na história humana essa relação foi tão determinante. São chips implantados no cérebro recuperando movimentos perdidos, são próteses dos mais variados tipos, são invenções tecnológicas de forma mais determinante, o que deixaria Aldous Huxley⁶¹ “admirado”, a exemplo das pílulas da juventude⁶², o que provoca um “deslumbramento” nas pessoas.

Essa configuração, como alertou Adorno (2000), gera pessoas tecnológicas, ou melhor, afinadas com a técnica. No entanto, e paradoxalmente, pensar numa vida digna para a humanidade esbarra no fetichismo encoberto pelo “véu tecnológico”. Preocupamo-nos mais com o fetiche provocado pela tecnologia que nos esquecemos da nossa condição humana: “Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens” (ADORNO, 2000, p. 132).

Com o domínio da técnica – condição necessária à sobrevivência do homem – aparece a possibilidade de romper com o mito na busca pelo esclarecimento, como disseram Adorno e Horkheimer (1985). No entanto, essa busca, ao invés de levar o homem para esse caminho (do esclarecimento), provoca o sentido inverso, ou seja, o homem volta à barbárie. Com isto, o uso da razão que instrumentaliza o homem a conhecer sobre a técnica não impede que ele isente-se daquilo que dominou e suas conseqüentes descobertas como, por exemplo, os estudos da fissão nuclear e a criação da bomba para destruição em massa. Portanto, ao invés de provocar a liberdade do homem, o que se dá é o seu sofrimento. Para Adorno e Horkheimer (1985, p. 49), “à medida que cresce a capacidade de eliminar duradouramente

⁶¹ Aldous Huxley é autor do clássico “Admirável Mundo Novo” – publicado em 1932 – que simboliza uma sociedade futurista e dominada pela técnica em que até as sensações são estimuladas artificialmente, ou seja, as pessoas são condicionadas biologicamente e psicologicamente a viverem em harmonia segundo as regras sociais vigentes.

⁶² Constitui-se numa promessa para retardar a velhice. É um comprimido de silício orgânico e traz vitalidade aos tecidos da pele, das unhas e aos cabelos. O silício orgânico tem a função de regenerar as células da pele. Disponível em: www.colmeia.blog.br. Acesso em: 22/04/2010.

toda a miséria, cresce também desmesuradamente a miséria enquanto antítese da potência e da impotência".

Percebemos, então, que a relação com a técnica está associada a um estado de progresso, de desenvolvimento humano, no entanto, à medida em que amplia esse estado, amplia também a aniquilação do pensamento autônomo, da capacidade de resistir à opressão e se instaura um estado de regressão e de acomodação, pois instaura-se também, a capacidade de estranhamento, de alienação. Na *Dialética do Esclarecimento* – Adorno e Horkheimer, (1985)⁶³ – encontramos a narrativa da obra de Homero sobre Ulisses em que retrata a emancipação do herói grego em sua contradição, seu sofrimento. Parece-nos que o avanço da técnica e do progresso da humanidade está condicionado a uma situação de sofrimento e não de liberdade.

Nenhuma dominação conseguiu ainda evitar pagar esse preço, e a aparência cíclica da história em seu progresso também se explica por semelhante enfraquecimento, que é o equivalente do poderio. A humanidade, cujas habilidades e conhecimentos se diferenciam com a divisão do trabalho, é ao mesmo tempo forçada a regredir a estágios antropológicamente mais primitivos, pois a persistência da dominação determina, com a facilitação técnica da existência, a fixação do instinto através de uma repressão mais forte. (*Op. Cit.*, p. 46)

No campo educacional, a inserção das TIC é uma “viagem sem volta”. Não se concebe mais a apreensão do conhecimento – alunos e professores – sem a devida apropriação dessas tecnologias, até porque elas já estão presentes em suas vidas. Por outro lado, temos clareza que isso não representa uma homogeneidade dos acessos aos bens, mas configura-se como um indicativo e acreditamos de forma inevitável e não freada.

No processo de dominação perene da natureza, a técnica, como uma espécie de *segunda natureza humana*, engendra um profundo *esquecimento do sofrimento*, da nossa própria natureza, provindo sua força justamente dessa *cegueira*. Esse esquecimento do sofrimento humano não é outro senão o próprio percurso de constituição do *sujeito esclarecido* e, de forma mais geral, do pensamento racional. (BASSANI e VAZ, 2008, s/p)

Não se pode parar o avanço tecnológico, no entanto, é preciso sociabilizar mais as invenções, pois parece-nos que elas ainda estão no plano tão somente do espetáculo/mercadoria e da comercialização. Percebemos uma “cultura” dos gestores públicos, no âmbito escolar, tímida com relação a disponibilizar, no sentido amplo (formação,

⁶³ Destaque importante do enunciado e seus desdobramentos da página 43 a 52.

continuada e tecnológica, equipamentos etc.) a todos, principalmente alunos e professores, um acesso consciente à tecnologia. Aqui cabe o alerta de Pretto e Assis (2008), em que o computador, o rádio, a TV, a internet e as mídias digitais devem estar inseridos no ambiente escolar para que, com isso, a escola (professor, aluno, entre outros) passe a constituir-se em produtora de cultura e conhecimento.

Essa perspectiva possibilita caminhar para outro lado, ou seja, de estarmos preparando a sociedade/escola, principalmente, na perspectiva de formar cidadãos, produtores de sua própria cultura e que essa seja compartilhada com os demais sujeitos em redes de colaboração quando se institui um pensar coletivo, uma inteligência coletiva. Como alerta Adorno (2000, p. 138), se é possível fazer algo, será “mediante a educação e o esclarecimento”.

Ao fugir da esfera eminentemente consumista e da lógica do dinheiro, encontra-se uma possibilidade que, se estimulada e apoiada pelas instâncias públicas, pode provocar um novo modo de ver o mundo e suas relações.

3.5.1 A Convergência Midiática e as Novas Possibilidades Criativas

“A convergência representa uma mudança no modo como encaramos nossas relações com as mídias” (JENKINS).

Trazemos essa discussão pelo cenário social que está se configurando nos dias de hoje em relação à síntese possível das várias mídias e tecnologias existentes. O que vai se configurando enquanto convergência é ponto de encontro entre esses caminhos que envolvem as TIC. Estamos presenciando a fusão dos mais diferenciados meios de comunicação (computador, televisão, jornal eletrônico, cinema, rádio, entre tantos outros) por um só instrumento, e essa potência está nas mãos das diversas pessoas e, principalmente, dos alunos nas escolas, mas ainda em forma latente, sem o devido cuidado formativo.

Nos dias de hoje é perceptível o quanto estamos substituindo os processos de interação face a face (THOMPSON, 1998) por processos tecnológicos de interação mediada, pois, esse cria novas formas de relacionamentos sociais bem diferentes do passado de nossa história. De uma simples carta escrita à mão, passamos para correio eletrônico, mensagens via celular, relacionamentos que representam uma mudança na relação tempo e espaço, o que

implica uma nova velocidade de comunicação. Isso ampliado ainda pelas redes de comunicação via satélite e pelas novas invenções tecnológicas.

Com isso, os equipamentos tecnológicos de comunicação vão ganhando mais potência e sofisticação e ainda convergem para si uma diversidade de mídias. Por isso, encontramos hoje em um só aparelho celular as funções de correio eletrônico, televisão, internet, videogame, rádio, câmara fotográfica e de filmar e uma série de outras funções. O impacto dessas mudanças é a criação também dessas novas outras necessidades.

O entendimento, nesse aspecto, é que convergência refere-se ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos diversos meios de comunicação (JENKINS, 2009). Isso significa não só uma mudança do uso das tecnologias a partir de um só aparelho, mas, sobretudo, uma mudança de comportamento, de estar no mundo. A interação cada vez mais flui por diversos canais imprevisíveis. Essa mudança afetou todos os ramos da sociedade e principalmente o midiático. Percebemos mudanças significativas nos tradicionais jornais, como a criação de outras interfaces na internet, como sua digitalização, criação de sua página em forma de *blog* etc. Além disso, a disponibilização de vídeos, antes só vistos pela televisão, agora disponível – via rede – num pequeno aparelho.

Talvez esteja aí uma potência ainda não bem articulada para uma educação com esclarecimento, ou seja, entender que essas mudanças também podem ser vistas como formadoras e provocar mudanças necessárias para emancipação. Já vimos movimentos sendo instigados, como a paralisação dos ônibus em Salvador/BA e Florianópolis/SC, que foram convocadas via mensagens de celular, entre outras, mas não só isso: existe muito mais a fazer e, portanto, precisa ser exercitada esta mudança.

A partir da própria dinâmica/velocidade em que o mercado midiático e tecnológico faz surgir novos aparelhos celulares, percebe-se uma tendência em se estabelecer uma convergência possível das tecnologias. Ou seja, uma tecnologia que dê conta de reunir todas as mídias possíveis e conhecíveis até o momento. O celular aparece com essa função, mas de forma muito tímida. Seu uso já é multifacetado, do simples falar às interações mais diversas no campo do entretenimento, comunicação (áudio-visual) entre tantos. Seu acesso – aspecto importante no processo de interação – já tende a ser maior, atingindo a maioria da sociedade, tendo em vista o barateamento de sua produção e com o SL também na sua construção, isso se ampliará.

Quando surgiu, o celular⁶⁴ parecia um simples aparelho com a função de comunicar-se fora de casa ou do trabalho, algo bem modesto. Em pouco tempo tornou-se uma das mídias mais usadas no planeta. Para Tas (2008, p. 203), “a telefonia fixa ficou para trás [...]. A tendência para o futuro aponta a telefonia móvel crescendo mais que a internet”. Entendemos que essa tendência é uma resistência ao modelo ainda vigente da internet, pois a partir do instante em que o celular estiver ao alcance de todos e ao mesmo tempo convergir a maioria das mídias, ele se sobressairá sobre os demais, o que já está acontecendo em pequena escala, mas já coloca o *notebook*, por exemplo, como uma tecnologia muito grande e às vezes, de difícil locomoção. Na contrapartida, o aparecimento do *smartphones* que, em síntese, reúnem todos os tipos de mídia em um só aparelho em pleno movimento, em diferentes locais, em todo lugar e a qualquer hora.

Paralelamente, no tocante a essas invenções que estão sob posse de corporações multinacionais poderosas e bilionárias, observa-se também o celular em rede de colaboração – já há invenções com Software livre⁶⁵ – e isso pode significar uma maior amplitude de acesso pela diminuição de preço ao produto final, ou melhor, mais pessoas utilizarão essa mídia que mais simboliza a função da convergência tecnológica. Como expõe Jenkins (2009, p. 42),

Boa parte do discurso contemporâneo sobre convergência começa e termina com o que chamo de Falácia da Caixa Preta. Mais cedo ou mais tarde, diz a falácia, todos os conteúdos de mídia irão fluir por uma única caixa preta em nossa sala de estar (ou, no cenário dos celulares, através de caixas pretas que carregamos conosco para todo lugar)

O que se presencia, portanto, é o surgimento de uma mudança nos relacionamentos entre as pessoas, uma vez que passamos a relacionar de modo nunca antes visto, a partir das convergências de tecnologias e mídias, nossas vidas, numa dimensão de velocidade, espaço e tempo do “aqui e agora”.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. [...] altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. (JENKINS, 2009 p.43)

⁶⁴ Martin Cooper (Norte Americano, nascido em Chicago) inventou o celular nos anos 1970. Disponível em: www.softwarelivre.org. Acesso em: 22/04/2010.

⁶⁵ Durante o Fórum Internacional Software Livre em Porto Alegre/RS (2008), já foram apresentados softwares para uso em celular. Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Acesso em: 22/04/2010.

Para Lemos (2010), estaria no plano da desterritorialização, ou seja, passar a compreender a cultura midiática e tecnológica a partir de um pensamento móvel. Neste contexto, significa uma mudança na lógica de como operam também os meios de comunicação, pois o “potencial consumidor” dispõe de um poder e ganha um espaço em participar intimamente da cultura. É possível então que as novas narrativas possibilitem um futuro mais livre, em que os sujeitos – aqueles que sempre foram considerados meros consumidores – possam produzir cultura. “O público, que ganhou poder com as novas tecnologias e vem ocupando um espaço na intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar intimamente da cultura” (JENKINS, 2009, p. 53).

Voltamos a uma questão crucial que impossibilita uma mudança estrutural por conta da carência em políticas públicas e de mercado, que é o monopólio das grandes corporações que detém a produção das TIC no mundo e, com isso, sofremos com o custo muito alto de tecnologias.

Nesse contexto, observamos que são poucos os países que estão na vanguarda da produção de microprocessadores, telefones celulares, ou chips para computadores. Para se ter uma ideia do Brasil, “o país importa, anualmente 5 bilhões de dólares em chips. Tais componentes são um dos maiores responsáveis pelo déficit comercial de 27 bilhões de dólares no setor de eletrônicos”. (REVISTA VEJA, 2011, p. 130)⁶⁶.

Portanto, isso tem implicações diretas em todos os ramos da sociedade, mas, em particular, na educação. Ficamos cada vez mais distantes de dar acesso irrestrito às tecnologias nas escolas públicas e, talvez, com uma produção associada à ideia colaborativa, poderemos suprir este déficit.

No campo da Educação Física, especificamente no trato com as TIC e da (re) significação da mídia, compreendemos que se precisa não só fazer uso, mas, necessariamente, germinar o “sentido” da colaboração entre os atores sociais (os sujeitos que estão no campo de observação) e os profissionais da área. Talvez assim esse “bicho papão” (tecnologia/mídia) não assuste tanto, pois será sempre um aliado à emancipação e autonomia. Experiências com o celular – que está presente na vida dos alunos – podem constituir-se em um potencial criativo sem fronteiras.

⁶⁶ Para suprir este déficit o Brasil criou a Ceitec – estatal – mas, funciona em estágio experimental. Agora o Governo firmou acordo entre a Semp Toshiba e a Toshiba e poderá ser criada a primeira fábrica que produzirá chips no Brasil (REVISTA VEJA, 17 de agosto de 2011).

Este é o desafio a ser enfrentado no campo da educação e suas múltiplas interlocuções como a Educação Física, que precisa de um olhar específico, principalmente, pela carência de práticas educativas que o relacione com as TIC e a mídia.

3.5.2 Pensando a Educação Física e Mídia: Pensando o Esporte

A Educação Física apresenta-se como um “campo” multifacetado e de inúmeras possibilidades de intervenção. No entanto, como já exposto, ela apresenta-se de forma tímida na relação com uma proposta pedagógica no trato com as TIC e a mídia no contexto escolar. Mesmo assim, as experiências que se materializaram em seu interior ratificam a necessidade de não abrir mão dessa relação. São relatos que apontam a conectividade entre a Educação Física e a mídia, bem como com as TIC no sentido de sua apropriação, reflexão crítica, produção e sociabilização do aprendizado (apresentamos parte desses trabalhos no Capítulo II).

Experiências que envolveram a Escola, a Educação Física e a mídia/ TIC, mesmo em caráter singelo, apontam para que se repense a Educação Física nesse campo, principalmente porque essas experiências provocaram um aprendizado para formação dos alunos em suas vidas, o que ratifica esse debate.

Nesse sentido, o papel do professor, a sua formação continuada que implique a aproximação com a discussão da mídia e das TIC, as condições favoráveis no ambiente escolar para que o processo formativo se inicie, são condições essenciais e necessárias para que se desenvolva trabalhos em Mídia-Educação. Não se trata de uma “inflação retórica” como alerta Nóvoa (2009) sobre esse tema, criando um clima de falação, até porque muitos discursos que conclamam professores para as suas “competências” não partem deles, e sim de outros profissionais que veem na educação uma forma de fazer pesquisa.

Entretanto, além da necessidade e urgência da discussão do tema (Mídia e TIC), o que presenciamos é um distanciamento dessa relação no interior das escolas. São salas de informática inutilizáveis e, quando se faz o uso, se faz de forma pragmática e sob vigilância e controle absoluto, como se estivéssemos numa sociedade controlada pelo *grande irmão*⁶⁷, inibindo a criatividade dos alunos, sem contar que muitas vezes esses espaços ganham uma dimensão privatista, com acesso restrito e controlado.

⁶⁷ Aqui alusão ao pensamento de George Orwell, na obra 1984 (2005).

Outro aspecto relevante que de certa maneira inibe uma ação/conexão mais presente no âmbito escolar e impede um “casamento” com a Educação Física e as mídias/ TIC refere-se à estranheza dessa relação por profissionais da educação, sociedade em geral, entre outros, pois a história da Educação Física está marcada pelas práticas esportivas, dos exercícios, entre outros da cultura corporal de movimento, e assim tanto os professores quanto os alunos são tolhidos de tão bela e inspiradora aproximação⁶⁸.

Apesar deste embargo social, há algum tempo, mas não tão determinante, a inserção da mídia/ TIC nas aulas de Educação Física vem se materializando e caracterizando-se como um caminho sem volta, o que significa dizer que muitos profissionais da área vêm incluindo, juntamente com os conteúdos hegemônicos, essa discussão e apropriação. Aqui vale destacar o papel pioneiro da Universidade Federal de Santa Maria/RS, dos estudos do Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP/Bauru/SP), da Universidade Federal de Sergipe/Departamento de Educação Física/UFS, Universidade Federal da Bahia, através do Grupo MEL/FACED, mas, principalmente, os trabalhos desenvolvidos pelo LaboMídia do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC.

O esporte, que é um tema da cultura corporal de movimento⁶⁹ e que, portanto, constitui-se um conteúdo da Educação Física, simboliza uma boa aproximação para as discussões em mídia pela sua relação ao processo de espetacularização e institucionalização. A partir dele, a inserção da mídia – como reflexão crítica e produção – começou a ganhar notoriedade. É um conteúdo que tem uma estreita relação com a Mídia e, conseqüentemente, estabelece laços indissociáveis – na conjuntura atual de globalização – com o processo de Indústria Cultural.

Constitui-se, assim, num fenômeno cultural de interação social e de produções de significados (formas simbólicas). Foi por isso que logo assumiu a forma midiática na sociedade do espetáculo, principalmente na realidade brasileira, em períodos de Mega Eventos como: Jogos Pan-americanos, Campeonato Mundial de Futebol e Jogos Olímpicos. Entendemos que, talvez, esta seja a “deixa” para provocar os sujeitos nos seus contextos.

Nesse aspecto, pensando nessa tríade (Educação Física, Esporte e Mídia) de que muitos estudos iniciaram um processo de leitura crítica, apropriação e produção do

⁶⁸ Essas considerações foram observadas em diversas pesquisas na relação mídia/TIC e Educação Física, precisamente os estudos de Ribeiro e Santos (2007 e 2009); Porto (2012).

⁶⁹ Coletivo de Autores (1992; 2009), Kunz (1991; 1994) entre outros. Aqui, não queremos restringi-los e, ao mesmo tempo, ver a possibilidade de outros conteúdos entrelaçarem-se como a mídia e as Tecnologias de Informação e Comunicação.

conhecimento, por isso o esporte tem sido um aliado, seja pela leitura crítica que fazemos, seja pela possibilidade de aproximação com os meios midiáticos.

Nos estudos de Pires (2002, p. 101) traz-se à tona uma questão importante no tocante às articulações entre o pensamento “dominador” presente na I.C, em que ela “[...] notabiliza-se pelo oferecimento de cultura de entretenimento, tipo específico e simplificado de bens culturais para fruição (vivências imediatas) nos momentos em que o cidadão encontra-se dispensado do trabalho para recuperação de suas forças produtivas”. Essa questão é compartilhada por Belloni (2001)⁷⁰, que alerta para a diversão organizada, a partir da cultura do narcisismo do esporte espetáculo, organizado pela Mídia. Essas questões apontadas pelos autores expõem uma faceta do Esporte pouco discutida no universo escolar ou na educação de um modo geral, que é a sua fetichização e, com isso, muita coisa é possível no seu rastro, como a venda, consumo, ilusão, ideologização e muito mais.

Nosso entendimento situa o esporte⁷¹ como sendo filho da modernidade e, especificamente, nasce no final do século XVIII e início do XIX na Inglaterra e tem diversas características, inclusive associadas ao sistema capitalista, como: secularização, igualdade de chances, especialização de papéis, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recorde (BRACHT, 1997).

Nesse aspecto, iniciou-se o processo de *esportivização* que, resumidamente, de acordo com Gonzales (2005), pode ser assim entendido: um primeiro momento, que se configura com o nascimento do próprio esporte na modernidade e paralelamente ao surgimento da sociedade industrial moderna na Inglaterra, de acordo com as características acima citadas, é concebido como um produto da classe burguesa em ascensão.

O segundo momento, muito similar ao anterior, caracteriza-se por transformações de práticas culturais, até então não competitivas, em modalidades esportivas e, com isso, incorpora os códigos do esporte de rendimento. Aqui incluem-se desempenho, regras oficiais, institucionalização, racionalização das práticas, entre outros. Nesse sentido, o processo aqui vai se dando a partir dos interesses pela socialização, mas, principalmente, por interesse de sua mercantilização. Com isso, ocorre a sistematização, organização e regulamentação;

Um terceiro momento diz respeito à inserção do esporte escolar pela lógica do esporte de rendimento/espetáculo, o que faz com que a escola assuma os códigos e valores deste esporte, ou seja, ocorre uma subordinação da escola à prática do esporte

⁷⁰ Belloni (2001) – “O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural”. Revista Motrivivência, nº 18.

⁷¹ Estamos nos referindo à sua dimensão institucional (BRACHT, 1997), mas que abre possibilidades de inserção de novas metodologias educativas.

institucionalizado. Assim, o esporte na escola passa a reproduzir os valores, gestos técnicos, rendimento atlético entre outros atributos da instituição esporte perdendo com isto, o que poderia ser vivenciado como um esporte escolar, ou esporte da escola. Como explica Bracht (1992, p. 22): “O esporte na escola é um braço prolongado da própria instituição esportiva”.

O quarto momento diz respeito ao sentido “esportivo de ser”, que atinge todos os lares, todos os espaços do cotidiano, ou seja, tudo deve ser discutido em termos esportivos, mesmo fora do campo das práticas esportivas. Nesse aspecto também se entrelaça com a Indústria Cultural mais especificamente.

Portanto, observamos essas dimensões do esporte acima citadas e mais ainda, outras características como rendimento, competição, cientificação do treinamento, especialização de papéis, entre outras, mas, ultimamente, a principal característica tem sido a sua aproximação com os meios de comunicação, que o torna onipresente no mundo, unindo as fronteiras territoriais, tornando o longe aqui e agora devido ao potencial das TIC na sociedade de hoje. É neste aspecto que fica difícil não pensá-lo em correlação com a Educação/Educação Física e a Mídia, pois esta última é a responsável por fazer o *link* com diversos cantos do mundo e, com isso, em seu conteúdo, há ideias (des) formativas (?), portanto, esse foi um fator determinante que nos fez apropriar desse discurso e dessas práticas para provocar a reflexão crítica entre os sujeitos da pesquisa.

Para Mezzaroba (2011)⁷², com o advento da modernidade e o processo de globalização, estabelece-se uma relação de proximidade nos planos econômico, social, cultural, político entre os países do mundo o que foi alimentado pelo processo de difusão de informações por alguns meios cada vez mais freqüentes na sociedade. Assim:

As informações, que chegam das diversas e mais variadas formas, tornou-se cada vez mais acessíveis à população, capaz de atingir varias pessoas em diferentes lugares ao mesmo tempo. São vários os instrumentos/meios tem esta funcionalidade como, por exemplo, a TV, rádios, internet, cd, revistas, livros, jornais, e até mesmo o cinema, que nos informa os acontecimentos e fatos do dia-a-dia⁷³

Observamos essa característica marcante ao percebermos que os atletas de destaque internacional, como é o caso de Ronaldinho Gaúcho, são reconhecidos por grande parte da população (no Brasil e no mundo) mesmo fora dos seus limites territoriais, o que

⁷² Disponível em: observatoriomidiaesportiva.blogspot.com. Postado em 25/01/2011. Acesso em: 22/12/2011.

⁷³ *Ibidem*, em 25/11/2011.

caracteriza o aspecto universal da imagem espetacularizada. Em contrapartida, os atletas locais muitas vezes são desconhecidos ou subsumidos pelo discurso midiático que tem o esporte de alto rendimento como prioridade.

Por que então, trazer este conteúdo da Educação Física para reflexão aqui nesse estudo? Justamente pelo caráter hegemônico que se configurou ao longo do tempo em todos os lugares nos mais diversos cantos do mundo. Além disso, ainda há uma tradição no contexto educacional de que o esporte representa a expressão significativa para apreensão da Educação Física, ou melhor, sempre que se pensar em ensinar esse conteúdo, ele é predominante. Assim, traçamos metas para provocar, no âmbito pedagógico, no ambiente escolar, a sua relação com os meios midiáticos.

Principalmente a escola precisa estar atenta a estas mudanças significativas sobre as tecnologias, pois isto implicará mudanças no modo de ensinar-aprender-ensinar e também no modo de produzir conhecimento. Observamos que isso já vem acontecendo, ou seja, já há uma preocupação do impacto das tecnologias e da mídia na educação, no entanto, ainda carece de mais ações no tocante à esfera pública para que não fique distante a relação escola-tecnologia e se prolifere um espaço de tensão permanente.

4 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS: UM OLHAR PARA O CAMPO DE PESQUISA!

Neste capítulo, trataremos dos pressupostos metodológico-epistemológicos que subsidiaram a pesquisa, definindo seu tipo e sua caracterização. Ainda, um esboço no que diz respeito aos caminhos e estratégias de inserção no “campo”, bem como os instrumentos de apropriação da realidade.

O “caminho” metodológico foi a nossa raiz, nossa base para apreensão do realidade/conhecimento. Sobre ele, e conectados ao objetivo, edificamos a pesquisa de um modo geral, mas este caminho não foi simples e, às vezes, constituiu-se no obstáculo maior da pesquisa, principalmente pelo fato das opções metodológicas serem também políticas, retratarem uma visão de mundo e, portanto, serem também ideológicas. Especificamente, aqui se tratou de uma pesquisa no campo das ciências humanas e sociais, tendo seu *locus* na educação, o que fez aumentar o embate pela cientificidade, pois, ainda, em nosso meio acadêmico, parece-nos que há necessidade de legitimar a pesquisa social, como expõe Minayo (2007, p. 23)

[...] é uma interrogação sobre a possibilidade de se considerar científico ou não um trabalho de investigação que, ao levar em conta os níveis mais profundos das relações sociais, não pode operacionalizá-los em números e variáveis, critérios usualmente aceitos para emitir juízo de verdade no campo intelectual

Na atualidade, devido a uma herança moderna de ciência, observamos como o estatuto (ou seria *status*?) científico está arraigado a um modelo que tem sua matriz no pensamento matemático, materializado nas “Ciências Naturais” (Física, Química, Biologia, entre outras, e suas derivações). Este modelo produziu e produz o conhecimento a partir do controle de suas variáveis e, de certa forma, tem dominado a produção do conhecimento no Brasil e no mundo e, como consequência disso, verificamos certa vontade, mesmo que frustrada, de “enquadrar” os fenômenos complexos – da condição humana – numa teoria, ou em um modelo.

Muito já se avançou, principalmente com as contribuições dos antropólogos, sociólogos, filósofos, entre outros. Mesmo assim, na tentativa de fugir a este modelo (poder), como é o caso da Pesquisa Social (Ciências Humanas), ainda caímos nas leis das ciências naturais, ou melhor, parece-nos precisar de seus pressupostos que estão materializados nas

pesquisas que sustentam esta forma de fazer ciência. Com isto, copiamos testes, instrumentos, estratégias metodológicas, entre outros, para nos fazer legitimar a pesquisa no aspecto humano e social. Ora, aqui nesta pesquisa caminhamos (pesquisadores, autores, sujeitos entre outros) numa outra direção, ou seja, arriscamo-nos a ousar, a permitir-nos, a apostar nos sujeitos e a optar por outra forma de fazer ciência, de construir os métodos de apreensão da realidade com a própria realidade, pois entendemos que a relação imbricada com o contexto deixa suspensas nossas mais seguras certezas conceituais.

A potência nesta pesquisa foi saber que essencialmente lidamos com seres humanos e, portanto, sua historicidade foi condição *sine qua non* para entendermos seu passado, presente e futuro numa relação indissociável entre sujeito e objeto. Nesse aspecto, foi importante ouvir/aproximar os sujeitos para que os significados, as intencionalidades, pudessem apresentar-se na pesquisa, uma vez que acreditamos nos atores sociais, em superar o grau ideológico presente na sociedade, o que foi estimulante para superar também os processos de dominação. Para Paulo Freire (2011, p. 86), não há pensamento isolado, uma vez que não há homem isolado:

Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. O mundo humano é, desta forma, um mundo de comunicação.

Neste sentido, consideramos o pensamento freireano imbricado na ideia de Formação e, com isto, a pesquisa levou a caminhos importantes, pois valorizou os sujeitos – todos – ou melhor, caminhamos no sentido de fugir ou subverter a lógica da alienação, na sociedade capitalista atual, o que significou uma orientação para uma consciência autônoma, esclarecida e emancipada. Talvez essa tenha sido a marca da Pesquisa Social ou Humana em questão, em que o principal resultado foi a emancipação humana.

4.1 Da Abordagem Qualitativa à Pesquisa-Formação

Há objetos de estudos que, indubitavelmente, já merecem o caráter qualitativo. As teias que os sustentam vão além de meros dados quantitativos e sua essência é qualitativa. Assim, tratar com sujeitos (participando do processo social) construtores de sua história, numa perspectiva autônoma para emancipação, numa escola da rede pública do Estado de Sergipe, experimentando e analisando a Mídia e as TIC, nos possibilitou acreditar que descobrimos o sentido qualitativo no campo empírico.

Não dispensamos alguns aspectos da abordagem quantitativa que nos ajudaram a analisar alguns dados, o que a tornou compatível e integrada a esta pesquisa, pois estudos quantitativos e qualitativos, em conjunto, “promovem uma mais elaborada e completa construção da realidade, ensejando o desenvolvimento de teorias e de novas técnicas cooperativas”. (MINAYO, 2007, p.76). No entanto, a escolha preferencialmente pela abordagem qualitativa marcou a dimensão dos aspectos subjetivos da realidade social que capturamos, além do universo simbólico que semeou a pesquisa.

Coube-nos pensar a abordagem Qualitativa em seu caráter de aprofundamento nas questões sociais, bem como promovemos um embate teórico-prático para a construção do conhecimento que, muitas vezes, se apreende de forma parcial. Como isso, queremos dizer que não se tratou simplesmente de uma oposição ao quantitativo, até por que compreendemos o “[...] inevitável imbricamento entre conhecimento e interesse, entre condições históricas e avanço das ciências, entre identidade do pesquisador e seu objeto, e a necessidade indiscutível da crítica interna e externa na objetivação do saber”. (*Op.cit.*, p. 23). Essa Abordagem valorizou as construções humanas no ato contínuo de seus significados, compreendendo os atores sociais, sua história, seus valores culturais, entre outros, e isto se deu em plena imersão no campo de pesquisa.

Foi neste aspecto que estabelecemos uma cumplicidade com o campo de pesquisa numa relação indissociável entre sujeito e objeto e, com isto, compreendemos os valores culturais e as representações de determinado grupo sobre temas específicos, principalmente referentes à mídia e às TIC's. Bem como, compreendemos as relações que se deram entre atores sociais tanto no âmbito da instituição escolar e fora dela. A necessidade então foi capturarmos algo do universo subjetivo, da realidade social, ou seja, do próprio dinamismo da vida (*Op. Cit.*). O que se compreendeu foi a fruição que a realidade, em sua mais pura relação teoria e prática, transpirou.

A vivência no “campo” provocou um envolvimento com ações (professor/pesquisador e sujeitos da pesquisa), no sentido em que captou e capturou o objeto, ou seja, o *dever* que nos movimentou, que deu vida ao “campo”. Este envolvimento foi a materialização da aprendizagem em que todos envolvidos foram cúmplices no processo de formação. Portanto, foi por este entendimento que o tipo de pesquisa que nos envolveu na apreensão da realidade foi a **Pesquisa-Formação** (grifo nosso), uma vez que contemplou a possibilidade da mudança das práticas, bem como dos sujeitos em formação como já comprovou Santos (2005). Ainda, partindo da ideia de Nóvoa (2004, p. 15) de que “a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito da formação”, tecemos as redes de relações que

envolveram nossa permanência no ambiente escolar. Conforme citação do Pierre Dominicé – abaixo – nós encontramos consonância, no campo, ao sentido de nossa pesquisa:

A formação é um objeto movente, que implica ser compreendido através dos seus processos, das suas dinâmicas, das evoluções, em geral contraditórias. A formação é sempre singular, mas esta singularidade se constrói através dos percursos socializados, habitados por heranças coletivas. (DOMINICÉ *apud* MACEDO, 2010, p. 51)

Nesta perspectiva, Macedo (2011, p. 111-112) estabelece relações indissociáveis entre o conceito de Formação e o processo de pesquisa no campo educacional e fora dele quando pensa nos sujeitos. Para ele “a formação não se ajusta à fabricação, à previsão que se quer perfeita, à reversibilidade e ao controle de produtos finais [...]. A formação é um assunto do âmbito dos atos de sujeitos humanos, portanto, é do âmbito também do imprevisto e do inusitado”.

Percebemos que a Pesquisa-Formação traz os pressupostos da Pesquisa-Ação, uma vez que esta também tem o caráter participativo do pesquisador diluindo a relação teoria-prática. Como expõe Engel (2000, p. 184), referindo-se às características da Pesquisa-Ação: “O processo de pesquisa deve tornar-se um processo de aprendizagem para todos os participantes e a separação entre sujeito e objeto de pesquisa deve ser superada”.

Neste aspecto, entrelaçamos o sentido da Pesquisa-Ação com a Pesquisa-Formação no que diz respeito a uma ação consciente no processo de aprendizagem no qual o caráter formativo esteve em observação para todos envolvidos no campo. Além disso, ficamos atentos a situações-problema como possibilidades de ação-reflexão-ação (práxis), o que garantiu o compartilhamento e a cooperação como condições necessárias para o fortalecimento e entendimento do grupo sobre o que gerou o impasse.

Outro contraponto da Pesquisa-Ação que nos chama atenção e que está diretamente ligado à nossa pesquisa (Formação):

No ensino, a pesquisa-ação tem por objeto de pesquisa as ações humanas em situações que são percebidas pelo professor [...], que são suscetíveis de mudança e que, portanto, exigem uma resposta prática. Já a situação problemática é interpretada a partir do ponto de vista das pessoas envolvidas, baseando-se, portanto, sobre as representações que os diversos atores (professores, alunos, diretores etc.) têm da situação. (*Op.cit.*, p. 184)

Entendemos que a Formação se dá em todo instante da vida, ou seja, é continuamente retroalimentada como num processo cíclico. Esta percepção foca, obviamente, na vida escolar, não só materializada na relação Disciplina e Conteúdo. Isso também, mas, sobretudo, nas ações coerentes com a vida digna no mundo e isso inclui alunos e professores, pais e filhos, sociedade e cidadania.

A Pesquisa-Formação aqui defendida caminha nestas ações e age na práxis pedagógica. O pesquisador/professor, no dia a dia escolar e se assumindo como aquele sujeito que aprende e ensina diante das situações-problema que aparecem, desenvolve a perspectiva de superação, ao mesmo tempo em que promove a superação de seus obstáculos, o que leva à construção de novos entendimentos e posicionamentos sobre o que ocorre, pois ele não está só.

Com isto, ele (o professor) estabelece relações de aproximação com os alunos, com o corpo docente da escola, os funcionários, os gestores, o que faz gerar novas ações pedagógicas. Não resta dúvida, nesse aspecto, que o ambiente escolar – não desconectado do mundo – se constitui como um espaço de Formação. Esse, talvez, o mais rico e profícuo espaço da Formação (continuada) de professores, pois lida com isso todos os dias, o que lhe assegura um saber diferenciado no campo empírico.

O sentido que percorremos e que buscamos na Pesquisa-Formação foi essencialmente a participação coletiva. Esta participação, que envolveu os sujeitos, pesquisadores, professores, entre outros, foi condição necessária para um bom andamento da pesquisa. Aqui, nas entrelinhas do processo de intervenção no campo, ou nas mensagens subliminares, o envolvimento pessoal multidimensional, que integre as dimensões do emocional, sensorial, imaginativo, criativo e também racional, esteve implicado pela experiência. Foi assim que pensamos na Escola, ou melhor, no CEMB como um espaço multifacetado, mas, sobretudo, com potencial para a transformação, o que fez aproximar educação e pesquisa, professor e pesquisador, aluno e sujeito (s) e para caminharmos juntos em busca da autonomia e da emancipação, pois esse foi o sentido essencial na Pesquisa (Formação).

Corroborando com esta ideia, Macedo (2011, p. 19) explica que “sabemos, ademais, em face da nossa formação moderna secular, que perder as relações que estabelecem sentidos fundamentais para compreendermos de forma pertinente e intervirmos de forma relevante em educação, passa a ser uma problemática séria”. Nesse sentido que nos assumimos implicados com a Formação, que nos assumimos implicados com as questões centrais da pesquisa, mas, sobretudo, como os sujeitos que foram os principais protagonistas

de nossa história no campo. Movidos por este pensamento que refletimos com o que Paulo Freire nos alertou, ou melhor, ficamos atentos a tudo e todos no processo de intervenção:

Não tenho dúvida do insucesso do cientista a quem falte a capacidade de adivinhar, o sentido da desconfiança, a abertura à dúvida, a inquietação de quem não se acha demasiado certo das certezas. Tenho pena e, às vezes, medo, do cientista demasiado seguro da segurança, senhor da verdade e que não suspeita sequer da historicidade do próprio saber. (FREIRE, 2011 p. 62)

Reiteramos que foi por este caminho que a Abordagem Qualitativa de pesquisa entrelaçou-se com a Pesquisa-Formação, ou melhor, o contexto vivido e vivente foi o lugar para que as experiências e apreensão do conhecimento se completassem sem diletantismo acadêmico, sem arrogância científica, seguro apenas pela insegurança de nossa incompletude e que, de posse deste entendimento, conseguimos germinar e cultivar, em um lugar proífico, as primeiras sementes para a formação.

4.2 Caracterização do “Campo”: no interior de Sergipe nasce o Colégio Murilo Braga!

O Estado de Sergipe⁷⁸ localiza-se na Região Nordeste do Brasil, é o menor em extensão territorial da Federação e tem a Cidade de Aracaju como Capital. Ao todo é composto por 75 (setenta e cinco) Municípios. Emancipou-se politicamente da Bahia em 8 de julho de 1820 através de decreto de Dom João VI. A então capitania de Sergipe del-Rei viria a ser elevada à categoria de província quatro anos depois, e, finalmente, a Estado após a proclamação da República em 1889.

A Cidade de Itabaiana⁷⁹ é uma das mais bem sucedidas do Estado de Sergipe e alguns fatores a legitimam para isso. No tocante à agricultura, a tradicional feira popular e principalmente o comércio (considerado o maior do interior do estado de Sergipe, o município

⁷⁸ **Sergipe** é uma das 27 unidades federativas do Brasil. Tem como limites o oceano Atlântico a leste e os estados da Bahia, a oeste e ao sul, e de Alagoas, ao norte, do qual está separado pelo Rio São Francisco. É o menor dos estados brasileiros, ocupando uma área total de 21.910 km², pouco maior que Israel. Em 2010, sua população foi estimada em 2.068.031 habitantes, o sexto estado menos populoso do país. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sergipe> . Acesso em: 23/06/2011.

⁷⁹ Seu Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,678; o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 654.074,032 (milhões) e um PIB per capita de R\$ 7629,91 (sete mil, seiscentos e vinte e nove reais e noventa e um centavos). (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana> .). Vide Anexo II desta pesquisa.

ostenta tal condição há mais de meio século quando foi cognominado Celeiro de Sergipe, por ser, à época, o que mais se destacava na produção de alimentos e no abastecimento da capital. Sua localização geográfica – no centro do Estado – facilita o fluxo de mercadorias para todo o Estado e para todo País, o que é viabilizado com duas estradas federais (BR 235 e BR 101) que perpassam a Cidade. Como expressa o professor José Rivadálvio Lima, em sua obra em que comemora os 50 (cinquenta) anos do Colégio Murilo Braga: “Itabaiana possuía uma economia sólida, que se mantém até os nossos dias, sendo visível o seu maior dinamismo, fruto dos tempos de uma nova mentalidade desenvolvimentista”. (LIMA, 2002, p. 13)

No campo educacional, Itabaiana sempre foi destaque no cenário sergipano, principalmente com o maior número de alunos/cidade aprovados no vestibular no Estado. Apesar disso, no tocante à escola pública, não muito diferente do contexto brasileiro/nordestino, vem sofrendo com o seu sucateamento. Mesmo com o crescimento quantitativo em relação às ofertas para o ensino (exemplo da Educação de Jovens e Adultos – EJA – Escola Ativa, Ensino Profissional, entre outros) a qualidade deixa a desejar.

O número⁸⁰ de Escolas e alunos na Diretoria Regional 3 (DR3), em que está a cidade de Itabaiana, situa-se na 4ª posição, no total de 10 (dez) Diretorias, o que é significativo, pois estes dados ratificam a importância de Itabaiana no contexto educacional sergipano, pelo menos no aspecto quantitativo.

Hoje, a Cidade dispõe de faculdades do ensino privado e desde 2006, por incentivo e interesse da política local e pelo projeto de interiorização das Universidades do Governo Lula, um módulo da UFS, Universidade Federal de Sergipe, foi instalado, alcançando 10 cursos e 500 vagas anuais (MACHADO, sd/sp).

O Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB)⁸¹ – espaço/campo de nossa investigação – nasce da necessidade de políticas educacionais, principalmente no interior do Estado de Sergipe. Para Carvalho (1973), na gestão de Sílvio Teixeira, através do Decreto nº 5, de 27 de novembro de 1937, com a criação do primeiro Grupo Escolar (Guilhermino Bezerra), configurava-se então um marco fundamental no campo educacional, o que fez abrir as “portas” para que germinasse a cultura escolar da época na cidade de Itabaiana. Esse fato fez desencadear uma série de ações no campo educacional, entre elas a criação do Murilo Braga.

⁸⁰ Vide quadro demonstrativo no Anexo III desta pesquisa.

⁸¹ O nome do Colégio é uma homenagem ao Advogado, Político, Diretor do INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Professor e educador de renome nacional, que deu grande contribuição para a educação brasileira, em especial ao Ensino Rural. “Murilo Braga do MEC”, como era conhecido. Vide Anexo I desta pesquisa.

Em torno dele é que o ensino primário, acompanhando as evoluções da época, vai girar, a ponto de exigir, em seguida, a criação de um ginásio, o que foi feito em 1949, na gestão municipal de José Jason de Correia, e no Governo Estadual de José Rollemberg Leite. Funciona a primeira turma da Escola Normal Rural “Murilo Braga”, inicialmente com o curso ginásial, e logo em seguida com o pedagógico. (CARVALHO, 1973, p. 90)

O curso técnico data de 1967 e o curso científico de 1969 e já havia a perspectiva de se instalar, em Itabaiana, uma faculdade de ensino superior, seja de Ciências Econômicas ou de Agronomia. Além das escolas públicas, há também um crescimento das escolas particulares caracterizando a dicotomia pública – privada (educação elitizada) (*Op. Cit.*).

Para Machado (sd/sp)⁸², o Murilo Braga tornou-se a principal escola do interior sergipano, mas, com o passar dos anos, foi perdendo a credibilidade e aumentando a desorganização. Outros fatores, segundo este autor, colaboraram para transformar o ensino do CEMB num declínio nos últimos anos, como falta de professores, incapacidade da gestão administrativa, entre outros. Com isso, para ele, diante deste cenário, as escolas particulares fortaleceram-se, o que fez surgir vários centros educacionais.

Compreendemos, nós, pesquisadores/professores, que este é um cenário da educação no Brasil nos últimos anos e, principalmente, a falta de condições materiais, de trabalho, uma remuneração decente que garanta uma vida digna ao professor, a violência no interior da escola, ou seja, o descaso com a educação pública, a falta de condições de uma educação com qualidade por parte do Estado, entre outros, têm sido fatores determinantes para a ruína da escola pública e do “amor” pela profissão. Como expõe Freire (2011, p. 139), “O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem-querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao *que fazer* docente”.

O CEMB foi o local para experimentação e observação da pesquisa e essa escolha deu-se pela representação política, cultural e, principalmente, educacional que ele assume (e assumiu desde sua criação) para com a formação da sociedade sergipana e itabaiense. Constitui-se na maior escola pública (Estadual) do interior do Estado de Sergipe, com mais de 1800 (mil e oitocentos) alunos, além de uma estrutura⁸³ que inclui laboratório, sala de informática, quadra poliesportiva, Ginásio de Esportes, biblioteca, entre outros. Além disso, mesmo com a desvalorização da escola pública, ainda é o Colégio que mais aprova alunos no vestibular em relação ao interior do Estado.

⁸² www.guiadeitabaiana.com.br/itabaiana. Acesso em: 05/04/2011.

⁸³ Vide Anexo III desta pesquisa.

O CEMB nos chama atenção pela sua história no contexto socioeducacional sergipano. Possui uma representação simbólica, constituída ao longo de sua vida escolar que marca não só o Colégio, mas também a própria cidade. São manifestações no campo das tradições folclóricas, danças (como o Grupo Dança Arte Livre); tradições da música, em que resgata o clássico e o aprendizado dos instrumentos musicais que são importantes na formação dos alunos, como a filarmônica Nossa Senhora da Conceição, que fica em suas dependências; no campo esportivo, possui um Ginásio de Esportes (está em reformas assim como todo o Colégio) que é utilizado não só pelo CEMB, mas, também, pela sociedade de Itabaiana. Presença marcante nos Jogos Escolares de Sergipe com efetiva participação em quase todas as modalidades esportivas. Neste aspecto, ao longo de sua história, conquistou diversos títulos em diversas modalidades esportivas. Essas representações criaram uma “marca” do Colégio Murilo Braga em relação à sua cidade (Itabaiana).

Hoje, a realidade da educação em todo Brasil é caótica e isso repercutiu, também, no ensino no CEMB, portanto, transitar nesse ambiente que mantinha e mantém um espaço profícuo para a Formação e, ao mesmo tempo, enfrenta os obstáculos e problemas que são vividos na escola pública, nos instigou a pesquisar, a fazer uma imersão, a misturar-se no contexto para levantar reflexões.

No tópico (4.1) da Análise, “*Um Lugar em Observação: Do Campo aos Sujeitos da Pesquisa!*”, voltaremos a expor questões importantes sobre o CEMB, que o legitimam no campo educacional na cidade de Itabaiana/SE.

4.3 Dos Procedimentos para “Colheita”⁸⁴ às Estratégias de Imersão ao Campo!

Para “colheita” dos dados utilizamos a **Observação Participante (OP)**, que inclui de imediato o pesquisador no meio pesquisado como parte comum no campo e se constitui em mais um aspecto importante da pesquisa que se junta à “Ação”, ao planejamento, ao plantar, ao germinar, à imersão, à Formação etc. Para Queiroz *et al* (2007 p. 278),

A observação participante é uma das técnicas muito utilizada pelos pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa e consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar

⁸⁴ Colheita é alusão ao sentido de germinar, cultivar, sentir, pois a expressão coleta está muito impregnada pelo positivismo nas ciências. “A partir dos dados colhidos e acumulados, o investigador se volta para os fundamentos das teorias que fizeram parte da elaboração dos conceitos iniciais na fase exploratória [...]” (MINAYO, 2007, p. 355-356).

naquela situação. Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto [...].

Na “observação” ficamos atentos aos sentidos e significados que o objeto apresentou e, com isto, a sistematização técnica da OP materializou-se no dia a dia escolar, nas aulas, nos corredores, nos conflitos, nas contradições que um campo vivo pode apresentar. “A observação ajuda muito o pesquisador e sua maior vantagem está relacionada com a possibilidade de se obter a informação na ocorrência espontânea do fato”. (QUEIROZ *et al*, 2007 p. 278).

Fizemos a sistematização do processo de observação com a aproximação ao campo de pesquisa. Este primeiro momento da observação garantiu um conhecimento mais fidedigno da realidade. Foram quatro visitas, respectivamente, com fins específicos: em 04/07/2011, após agendamento e anuência do Colégio/da Professora de Educação Física, nós realizamos uma visita ao CEMB com o propósito de mapear a sua estrutura física/material e humana (Relatório de Visita); no dia 28/10/2011 já havíamos definido a série, portanto, fomos para o CEMB construir Planejamento Escolar; em 04/11/2011, já definido o Planejamento, nos dirigimos ao Colégio para discutir sobre os planos de aula, ou seja, passar um “pente fino” antes de iniciarmos o período letivo; por fim, em 01/03/2012, iniciamos o processo de intervenção, juntamente com o ano letivo 2012, o que consolidou a aproximação com o grupo social em questão. Nosso encontro permanente no campo foi com os alunos da 8ª Série, Turma “A” – 9º ano – de ensino fundamental no período da tarde. Essas aproximações ajudaram a ler e interpretar a realidade e estão registradas nos Apêndices desta pesquisa.

Nesta fase, fizemos uso do “**Diário de Campo**” (DC). Concordamos com Minayo (2007), que explica que é o instrumento coerente e mais tradicionalmente utilizado na Observação Participante. Para essa autora, o DC nada mais é do que um caderno de notas no qual devem ser inscritas impressões pessoais que vão se modificando com o tempo. Essa estratégia, complementar da observação participante, foi importante para deixar registradas impressões, falas, opiniões, comportamentos, entre outros, que a realidade nos mostrou. Com isso, registramos todos os encontros, desde a fase inicial (primeiras visitas), passando pelo processo de intervenção propriamente dito e no período pós-intervenção, quando realizamos as entrevistas e também retornamos ao campo.

É importante esclarecer que, apesar das divergências (referimo-nos ao uso dos dados contidos no DC) sobre o uso das informações que foram anotadas para a pesquisa, entendemos, como explica Minayo (2010), que o DC constituiu um bom acervo de notas e

impressões sobre o contexto da pesquisa, das falas, comportamentos entre outros, o que tornou mais verdadeira a pesquisa de campo. Após a tomada de consciência sobre esse aspecto e sobre esse instrumento de captura dos dados, partimos para intervenção/observação.

Retornar ao campo de pesquisa foi uma estratégia fundamental para as pretensões da pesquisa, pois foi quando atestamos algumas premissas iniciais da Tese como, por exemplo, a continuidade do processo em Mídia-Educação pelos alunos e professores do CEMB, ou seja, a semente que se fez germinar e gerar outros frutos. Essa etapa estava prevista para realização das entrevistas, mas foi para além deste aspecto, uma vez que nos envolvemos, mais uma vez, com as construções dos alunos (referimo-nos à edição de mais um número do jornal).

Tivemos o cuidado, para garantir a idoneidade do processo, de informar aos entrevistados sobre a pesquisa, bem como garantimos seu anonimato e, mesmo autorizando a veiculação, procuramos criar nomes fictícios. Ainda, após a transcrição das entrevistas, entregamos aos partícipes para que apreciassem o que fora transcrito, como sugere Molina Neto (1999).

Além do DC, as **entrevistas** fizeram parte do processo de captura das informações, constituindo-se em mais um rico instrumento de apropriação da realidade, ou seja, “entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa [...]” (*Op.cit.*, 261).

Neste sentido, utilizamos entrevistas **semiestruturadas**. Nesta modalidade de entrevista, combinamos questões abertas e fechadas, deixando o entrevistado livre para discorrer sobre o tema. Para Molina Neto (1999, p. 128), a opção por esta modalidade de entrevista possibilita “[...] um roteiro para o diálogo e pela flexibilidade que permite aos participantes incluir contribuições relevantes e novas questões sobre o foco de estudo”. Assim, estabelecemos uma cumplicidade com a Observação Participante, com os sujeitos envolvidos e o campo de um modo geral, como sugere Minayo (2007). As entrevistas foram agendadas previamente, combinamos o local e o horário, com isso articulamos pontos no quais a experiência vivida nos instigou. Foram 6 (seis) entrevistas com os membros do Grupo *Matrix*; 3 (três) com alunos da 8ª Série “A”; 1 (uma) com a Professora de Educação Física do CEMB; 1 (uma) com a Professora de Literatura do CEMB; 1 (uma) com o Coordenador. Essas entrevistas foram transcritas e estão nos Apêndices, o que indica, também, o envolvimento desses sujeitos com a pesquisa.

No tocante às Entrevistas, elaboramos um Roteiro⁸⁵, o que de certa forma compreendeu, segundo Minayo (2007, p. 189):

a) cada questão que se levantou, fez parte de um delineamento do objeto e todas se encaminharam para lhe dar forma e conteúdo;

b) permissão para ampliar e aprofundar a comunicação e não cerceá-la;

c) contribuir para emergir a visão, os juízos e as relevâncias a respeito dos fatos e das relações que compõem o objeto [...]. Acrescentou-se ainda para a entrevista semiestruturada a característica de flexibilidade na conversa, além de estarmos abertos para novos temas que surgiram a partir da provocação que o tema sugeriu. Neste sentido, as modificações do Roteiro em campo constituíram-se num processo reflexivo e necessário.

Portanto, segue abaixo uma síntese das estratégias metodológicas no Campo:

1º) fizemos a escolha da escola (CEMB), da Rede Pública Estadual – etapa já definida e com visitas sistemáticas;

2º) escolhemos a turma – 8ª Série “A” - (9º ano) – do ensino fundamental, no horário da Disciplina Educação Física. Essa série simbolizou uma faixa etária (entre 13 a 15 anos) em que, segundo Betti (1998); Orofino (2005), há maior incidência dos produtos da mídia, principalmente os advindos da televisão. Portanto, os alunos já vivenciam o universo das mídias e das Tecnologias de Informação e Comunicação (e Digitais), o que foi constatado quando iniciamos o processo de intervenção e análise dos dados. Aqui houve também a preocupação, do ponto de vista ético, de garantir o anonimato dos sujeitos, os cuidados com a identidade, desde o que foi produzido, escrito, às imagens e sons capturados. Além disso, eles, os Sujeitos, foram tratados com respeito de forma que a autenticidade de suas falas foi garantida;

3º) a partir da anuência da Escola/professor de Educação Física, elaboramos o planejamento semestral das aulas de Educação Física, envolvendo a temática Mídia/Educação Física e Esportes. Neste período, os alunos observaram o trato do fenômeno esportivo e da Educação Física pela lente da mídia impressa, da TV, do rádio e pela internet. Este período ficou marcado pela análise/reflexão, pelo uso das mídias e TIC's, ou seja, pela busca da ideia de Mídia-Educação e que esteve em tensão permanente trabalhar de forma educativa – SOBRE os meios – de modo analisar e elaborar uma reflexão crítica dos conteúdos midiáticos, principalmente no campo esportivo, mas que se abre também para outros campos;

⁸⁵ Partimos da ideia de Roteiro de Entrevista a partir de Minayo (2007, p.189), que consiste em “uma lista de temas que desdobram os indicadores qualitativos de uma investigação. [...] um conjunto de conceitos que constituem todas as faces do objeto de investigação e visar, [...] a operacionalização da abordagem empírica do ponto de vista dos entre-vistados”.

COM os meios – nossas experiências didáticas com uso de vídeos, imagens, reportagens, entre outros e ATRAVÉS dos meios – na produção de vídeos, blog, criando um ambiente propício para a educação acontecer (RIVOLTELLA, 2008)⁸⁶.

Outro aspecto importante desta fase foi a organização de um grupo de trabalho – *MATRIX* – que foi responsável, juntamente com o professor/pesquisador, por organizar as atividades/programas relacionando a Educação/Educação Física e a Mídia (no Capítulo seguinte, Análise da pesquisa, falaremos mais sobre este Grupo). Esse grupo, a partir do pensamento de Paulo Freire (1987), constituiu-se no “Multiplicador” e teve a função de repassar para os demais colegas o conhecimento apreendido – aqui o uso das possíveis tecnologias (mídia) esteve presente (câmera de filmar, máquina fotográfica, computador, entre outros). Importante destacar que no início do processo toda turma se envolveu na produção da mídia seja com a criação de textos sobre a relação esporte e mídia, sobre ídolos esportivos, sobre esportes radicais etc., mas o *boom* da criação em Mídia-educação deu-se quando o Grupo *Matrix* fora criado e assumiu a tarefa de mediar a interlocução midiática.

A perspectiva de constituir um Grupo de Trabalho no interior da 8ª Série “A” do CEMB foi determinante para concretização dos objetivos da pesquisa. Nesta ação, através das discussões e reflexões dos participantes, foi se estabelecendo um espaço democrático no qual todas as ações foram valorizadas, em que a construção midiática deu-se em parceria, de modo coletivo e compartilhado, a fruição para a Formação ficou evidente.

Neste estudo, estabelecemos um espaço democrático, ao garantir que todos expusessem suas opiniões, seus conceitos, e concepções sobre determinado tema, com isto, materializamos não só a cumplicidade no processo de aprendizagem, como também mantivemos o aspecto e o sentido qualitativo da pesquisa que almejávamos. Octávio Cruz Neto expõe um aspecto importante referindo-se a Grupo Focal e, mesmo não usando rigorosamente essa estratégia metodológica em nossa pesquisa, a essência deste entendimento foi importante para nossas Rodas de Conversas (Professores e alunos). Para ele:

[...] se não conjugar tais características ao conhecimento dos temas a serem debatidos, dos conceitos e dos objetivos trabalhados na investigação, dificilmente conseguirá extrair informações mais aprofundadas e pormenorizadas, pois não possuirá parâmetros e paradigmas para avaliar o nível de superficialidade, de artificialidade e de ideologização contido nas falas dos participantes. (CRUZ NETO *et al.* 2002, p. 10)

⁸⁶ Vídeo-entrevista. Disponível em www.labomidia.ufsc.br.

Com isto, estabelecemos discussões conceituais acerca de nossas ações, como o entendimento de mídia, o significado de *decupagem*, roteiro, edição e as mensagens subliminares que compõem esses aspectos. Assim, promovemos o aprofundamento de alguns temas que foram materializados em forma de vídeos e do jornal construído por este Grupo de Trabalho. Previamente, realizamos momentos de apropriação aos meios técnicos (uso dos equipamentos de mídia); análise das mensagens midiáticas no campo esportivo pelos diversos meios (televisão, jornal impresso, internet etc.) e de filmes; até, como etapa final, produção (pelos alunos) de vídeos e jornal constituindo-se num potencial importante para tomada de conscientização pelos alunos;

4º) caracterizou à volta ao Campo de Pesquisa em que foram realizadas entrevistas com os alunos e também com Professores/Coordenador. Além deste aspecto, volta ao campo, este momento – crucial às pretensões do estudo – marcou a reorganização do Grupo de Trabalho e de suas produções em mídia. Este momento também foi registrado nas observações através do Diário de Campo (DC) contidas no Apêndice I.

Portanto, partiremos para a Análise da pesquisa que se configurou numa trama entre o arcabouço conceitual que deu suporte a uma leitura crítica do campo, o campo empírico e a indissociável relação entre sujeito e objeto e os achados da pesquisa em suas diversas formas de apreensão.

5 ANÁLISE: UM ENCONTRO – INDISSOCIÁVEL - ENTRE SUJEITO E OBJETO

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades da nossa existência, perdem, para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e das mulheres.

(PAULO FREIRE, 2011, p. 127)

Este capítulo é destinado a cumprir uma tarefa fundamental: estabelecer o encontro entre pesquisadores e o objeto; entre sujeito e objeto; entre sujeito e sujeitos, enfim, dá sentido a relação entre o campo teórico e o campo empírico.

Neste aspecto, partimos da ideia de que a escolha de um método de análise estivesse ligada as concepções epistemológicas e metodológicas que fundamentam a formação do (s) pesquisador (es) – a indissociabilidade entre sujeito e objeto – e também, as idiossincrasias que o objeto requer. Pensando assim, caminhamos estabelecendo nexos entre método, teoria, a imersão no campo, sujeitos, sem com isso, perder de vista a abordagem dialética presente em nossas vidas.

Nossa perspectiva de pesquisa - que envolveu as tramas com a Formação como categoria necessária para emancipação do sujeito - possibilitou o encontro, do (s) pesquisador (es) com os outros – do passado e do presente – de se colocar no lugar do outro, do diferente de mim, de nós. Este foi o caminho para compreensão que tem sua raiz na Hermenêutica, mas, a partir da perspectiva de Minayo (2007), há uma junção com a Dialética. Esta junção é fruto dos estudos de Gadamer e Habermas⁸⁷.

Neste aspecto, para esta autora, o formalismo das análises de conteúdo e de discurso seria superado pela alternativa Hermenêutica-Dialética que busca entre outras coisas, “[...] beneficiar as discussões sobre método em Ciências Sociais”. (MINAYO, 2007, p. 342). Além disso, a perspectiva neste estudo foi estabelecer caminhos metodológicos que aproximem, dentro do possível, uma interpretação da realidade. Por isto, foi importante o contexto histórico em que foi produzida a fala, a comunicação numa relação de aproximação com a realidade, pois, entendemos conforme Minayo (2007) por mais que nos aproximemos

⁸⁷ “Verdade e Método” (GADAMER); “Dialética e Hermenêutica” e “Conhecimento e Interesse” (HABERMAS).

de uma verdade na pesquisa social, é sempre ela provisória, ou seja, é o nosso olhar – pesquisadores – sobre o objeto.

Encontramos na Dialética - como arte do diálogo, da contraposição, da contradição de ideias – a perspectiva de análise coerente com este estudo, uma vez que foi possível a construção de novos saberes e de novos caminhos. Quando almejamos a inserção da Dialética na pesquisa, até por que consideramos improvável ela não está presente, foi por que ao perguntarmos, ou sermos perguntados, ao respondermos questões significativas ao contexto estudado, ao refutarmos na contradição e contraposição pertinentes, foi com desejo de analisar de forma mais fidedigna a realidade encontrada.

Na Hermenêutica - conforme Minayo (2007) - encontramos um argumento importante em que ela funda-se na compreensão, ou seja, na arte de compreender textos. Esta autora acrescenta que texto tem um sentido amplo que seria: biografia, narrativa, entrevista, documento, livro, artigo, dentre outros. Neste aspecto, a Dialética está diretamente associada à Hermenêutica, pois, quando explicitamos sobre um contexto, uma realidade, seja ela lida, escrita, falada, precisamos que nossos argumentos explicativos sejam exaustivos para o convencimento. Unida a hermenêutica, a dialética objetiva discutir o assunto no seu mais elevado contexto e compreender a realidade.

A união da hermenêutica com a dialética leva o intérprete a entender o texto, a fala, o depoimento, como resultado de um processo social (trabalho e dominação) e processo de conhecimento (expresso em linguagem), ambos fruto de múltiplas determinações, mas com significado específico. (MINAYO, 2007, p. 227)

Neste sentido, o exercício dos gregos antigos com a retórica, como um modo esquemático de explicação da realidade que se baseia em oposições e em choques entre situações diversas ou opostas; no aprendizado da arte de argumentar; no desenvolvimento das contradições do pensamento que afirma o seu contrário, a sua negação, seja no passado, presente e futuro, que observamos uma permanente transformação, enfim, ai está o método dialético que nos provoca a revermos o passado, com olhar do que está acontecendo na atualidade sendo questionado constantemente para se pensar o futuro.

Partindo deste entendimento que a hermenêutica entrelaça-se com a dialética, no sentido de compreender o texto (contexto, realidade), como algo movente, ou melhor, em permanente movimento. Assim, tanto a dialética, quanto a hermenêutica opõem-se ao pensamento único, a linha positivista de entender a realidade, estimulando pesquisadores, sujeitos envolvidos à pesquisa, a liberdade do pensamento. Compreendemos que mesmo

sendo as duas concepções – dialética e hermenêutica - gestadas de movimentos filosóficos diferentes – respectivamente, para o estudo, uma matriz marxista e a fenomenologia – ambas se complementam em relação a produção de racionalidade de processos sociais como este estudo concebe. A partir de Minayo (2007, p. 350) seguem abaixo relações que estabelecem pontos comuns entre as concepções:

- a) Ambas trazem em seu núcleo a ideia fecunda das condições históricas de qualquer manifestação simbólica, de linguagem e de trabalho do pensamento;
- b) Ambas partem do princípio de que não há observador imparcial, nem há ponto de vista fora da realidade do ser humano e da história;
- c) Ambas superam a simples tarefa de serem ferramentas do pensamento, pois elas consideram o investigador parte da realidade que investiga;
- d) Ambas questionam o tecnicismo como caminho capaz de realizar a compreensão e a crítica dos processos sociais;
- e) Ambas referem-se à práxis e desvendam os condicionantes da produção intelectual, marcada tanto pela tradição, pelos pré-juízos, como pelo poder, pelos interesses e pelas limitações do desenvolvimento histórico.

Portanto, para análise dos dados capturados, adotamos as seguintes estratégias de ação: Num primeiro momento observamos as anotações do Diário de Campo e cruzamos com as Entrevistas referentes aos Sujeitos. Isto se deu após a transcrição das fitas, bem como, da anotação das imagens capturadas. Neste aspecto, foi importante realizarmos uma leitura inicial para organizarmos relatos a partir dos objetivos e questões investigativas.

Nesta fase, que representa a totalidade da pesquisa, fizemos o contexto sócio-histórico – de acordo com Minayo (2007, p. 355-356) - do grupo social em observação (a história do grupo, seus ambientes, suas condições socioeconômicas e políticas e como se dá sua inserção no ambiente escolar e fora dele no tocante à mídia e tecnologia). É importante deixar claro que a totalidade aqui se refere, conforme Minayo (2007, p. 354), a uma totalidade parcial, ou melhor, do contexto:

[...], o sentido de totalidade se refere tanto ao nível das determinações como à do recurso interpretativo pelo qual se busca descobrir as conexões que a experiência empírica mantém com o plano das relações essenciais [...]. A operação intelectual pela qual se obtém a totalidade concreta implica um movimento da razão e da experiência, uma articulação da base material e das ideias.

Mapeamos os tipos de Mídias/TIC que representam seu cotidiano. Esta estratégia teve a intencionalidade de capturarmos os discursos midiáticos no campo esportivo e fora dele, que tenham significados com os objetivos da pesquisa, ou seja, esta estratégia procurou

capturar a prática social e a ação humana que de certa forma, relaciona-se com a ideia de Formação.

No segundo momento, ainda seguindo a linha de análise proposta por Minayo (2007) que considera o ponto de partida e de chegada na investigação, representou o encontro com os fatos empíricos no sentido de dá significado aos dados colhidos. Neste sentido, caminhamos para que as observações, entrevistas e o contexto pudessem esboçar nossa perspectiva investigativa no tocante à relação Mídia/TIC/Educação Física e Formação. Isto implicou um olhar atento para Instituição Escola, para discussões em grupo sobre temas específicos e sobre as propostas elaboradas pelos sujeitos.

Neste íterim que introduzimos nossas Rodas de Conversa como estratégia de aproximação com os sujeitos, bem como, para capturar com mais fidedignidade as informações oriundas do campo que perpassavam o imaginário dos sujeitos. Para Mélló (2007, p. 30)

A Roda de Conversa é um recurso que possibilita um maior intercâmbio de informações, possibilitando fluidez de discursos e de negociações diversas entre pesquisadores e participantes. Inicia-se com a exposição de um tema pelo pesquisador a um grupo (selecionado de acordo com os objetivos da pesquisa) e, a partir disso, as pessoas apresentam suas elaborações sobre ele, sendo que cada uma instiga outra a falar, argumentando e contra-argumentando entre si, posicionando-se e ouvindo o posicionamento do outro.

Entendemos que a Roda de Conversa constitui-se em um procedimento novo nas pesquisas – com mais ênfase nos Grupos Focais - mas, em nossa pesquisa, este recurso possibilitou avançar elementos que a Observação e as Entrevistas não capturaram. Principalmente, quando estamos diante de jovens (com suas fantasias, costumes, idiossincrasias próprias no tocante à moda, gosto musical entre outros); Quando lidamos com a Formação na criação de grupos; Quando introduzimos uma discussão nova no cotidiano dos alunos na escola como a mídia (uma vez que, apesar de conhecer ainda não haviam feito uma reflexão sobre a análise crítica e produção da mídia).

Portanto, esta estratégia possibilitou conhecer melhor os sujeitos, suas diferenças, suas particularidades, principalmente, aproximaram definitivamente pesquisadores e sujeitos de forma harmônica e responsável o que garantiu a confiança entre as partes, pois, quando priorizávamos nossas discussões em torno de uma temática – seja ela filmar, produzir o jornal, entre outros – tornava-se possível a materialização de nossas ações o que garantia a visibilidade de nossas práticas no cotidiano escolar.

Neste aspecto que o campo fez emergir categorias empíricas e operacionais que teve sintonia com as categorias analíticas *a priori* (que percorreu toda pesquisa). Esta perspectiva permitiu desvendar as relações abstratas e pôr em questão, em dúvida, as afirmações pré-concebidas bem como, aprofundar outras, ou seja, “o novo contém o antigo, incluindo-o numa nova perspectiva”. (MINAYO, 2007, p. 356)

Para operacionalizar esta fase da pesquisa, esta autora sugere alguns passos os quais seguimos: **Primeiro**, ordenamos os dados. Significa dizer que transcrevemos as Entrevistas, o Diário de Campo e após esta fase, fizemos a releitura de todo material o que garantiu uma ordem cronológica e estimulou uma pré-classificação. Usamos o lápis de cor para mapear as categorias assim identificadas: 1. Cor Vermelha – Aspectos que se referiam à **Formação**: Mídia; Autonomia; Esclarecimento; Os Multiplicadores; Responsabilidade entre outros. 2. Cor Preta – Os Aspectos que se referem à **Escola**: Estrutura Física; Professores e Funcionários; Greves e Paralisações; Transporte Escolar etc. 3. Cor Azul – Sobre a **Educação Física**: Aspectos dominantes das aulas de Educação Física; O Esporte; O Futebol e o Queimado (aspectos hegemônicos); Sexismo; Planejamento; Planos de aula; As aulas práticas etc.

Este primeiro passo fez gerar algumas temáticas (os achados) no campo - explicitadas nos subcapítulos seguintes - e que estão materializadas nos anexos e apêndices desta pesquisa. Portanto, surgiram: “**Um Lugar em Observação: Do Campo aos Sujeitos da Pesquisa!**”; **Os Sujeitos, cúmplices e partícipes da formação** – Estas duas temáticas simbolizam o lugar no qual foi contextualizada a imersão no campo de pesquisa e os sujeitos protagonistas da história; **Do Processo de Intervenção à Criação do Grupo *Matrix*: Formação em Pauta!**”- Esboça a criação de um Grupo de interlocução entre a Educação/Educação Física e a mídia no Colégio (CEMB) em prol de uma construção autônoma, consciente e esclarecida para a Formação; “**Germinando a Formação: O Grupo *Matrix* entra em Cena!**”; “**Autonomia, esclarecimento, responsabilidade em Mídia-educação!**”; “**Uma Síntese do Jornalzinho “O *Matrix*”: Construção e Cumplicidade!**” – Essas três temáticas apontam as produções do Grupo – como vídeos e o jornal – concretizam o processo de Formação e representa a materialização deste processo formativo com a criação, produção e a sociabilização do Grupo em relação à mídia-educação; **O Impasse entre a Produção da Mídia e o Uso da Tecnologia!**” - Aponta as dificuldades em se produzir mídia e (des) uso dos equipamentos existentes no âmbito escolar. Aqui, fica evidente que não basta possuir a tecnologia é preciso um processo de aproximação, formação para se produzir conhecimento em mídia de modo esclarecido; “**Planejar é Preciso: O**

Compromisso Político e Pedagógico na Formação dos Alunos!"; "As Aulas de Educação Física: O Locus da Pesquisa" – Aqui, são dois temas que narram a construção e realização do Planejamento e Planos de Aulas como elementos necessários ao processo formativo em pauta; **"Volta ao Campo: O Processo Formativo se Completa"** - Ratifica a *ação-reflexão-ação* no campo de pesquisa em que o processo formativo mantém-se vivo. Caracteriza um momento pós imersão em que fica evidente que a *Matrix* foi gestada.

Segundo, ao fazer o entrecruzamento, classificamos os dados a partir da leitura dos textos e fazendo dele um momento para nossos questionamentos e reflexões sem com isso, perder a coerência interna das informações. Ainda, na classificação fizemos uma leitura transversal a partir dos grupos e subgrupos formados e das leituras o que dá origem as unidades de sentido, por relevância, tópicos informativos ou temas. Este processo fez abrir uma gama de possibilidades (Minayo, 2007, chama de gavetas) que necessariamente, precisou de um enxugamento e que implicou também, na criação de subunidades que depois foram reagrupadas de acordo com as categorias centrais, "concatenando-se numa lógica unificadora" (Op.cit., p. 358).

Terceiro, a análise final. Etapa esta que foi fruto de uma imersão profunda sobre todo o material disponível (ordenados e classificados), do concreto e do abstrato, do empírico para o teórico, que gerou nossa compreensão sobre o fenômeno estudado, o concreto pensado. Por isto foi importante, de modo geral, não desprezar nenhuma informação sob pena de uma análise superficial.

Para concretizar estes passos estabelecemos uma triangulação de análise que envolveu o Diário de Campo⁸⁸ (Observações e também a produção midiática dos alunos como Jornal impresso e vídeos); as Entrevistas/Questionários e os aspectos Conceituais e Metodológicos. A perspectiva principal – para não fugir do aspecto Qualitativo – foi a compreensão e interpretação dessas informações relacionando-as com as questões centrais de nosso estudo. Neste ínterim, o diálogo com diversos autores que dão suporte à pesquisa, foi condição necessária para compreensão e análise do campo.

5.1 Um Lugar em Observação: do Campo aos Sujeitos da Pesquisa!

⁸⁸ Ficamos imersos ao campo no ano de 2012 e parte de 2013. Devido à greve dos professores do Estado de Sergipe que durou quase sessenta dias, bem como as férias do meio do ano, fizeram com que houvesse uma necessidade de mantermos o calendário anual e a volta ao campo para demais observações e entrevistas.

Começamos então, rememorando o lugar de onde ficamos imersos durante um ano letivo – 2012 e parte de 2013 - para apropriação e reflexão crítica dos dados colhidos para análise. Este lugar situa-se no Brasil, na Região Nordeste, no interior do Estado de Sergipe, na cidade de Itabaiana: Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB).

Assim é que, em 1949, o Governador do Estado, Dr. José Rollemberg Leite, dentro do seu espírito democrático e de metas governamentais, planejou tirar a educação sergipana do marasmo em que se encontrava e resolve edificar inúmeras Escolas Rurais no interior do Estado, destacando-se a maior de todas, a Escola Normal Rural ‘Murilo Braga’, marco vivo de obras honestas e de virtudes presentes até nossos dias. [...], 29 de novembro de 1949, foi criada a Escola Normal Rural ‘Murilo Braga (E.N.R.M.B.) [...]. (LIMA, 2002, p. 14)

Neste aspecto, o CEMB como já fora apresentado na Metodologia é um Colégio diferenciado dos demais no Estado de Sergipe. Sua história marca a excelência na formação dos alunos no interior do Estado, possibilitando o acesso de milhares de jovens que vivem na zona rural não só na cidade de Itabaiana, “mas todos os municípios circunvizinhos, tais como: Campo do Brito, Frei Paulo, Moita Bonita, Malhador, Macambira, São Domingos, Carira e outros mais” (LIMA, 2002, p. 101). Em entrevista publicada no Jornal⁸⁹ “O *Matrix*” nº 2 de novembro de 2012, o Diretor do CEMB ratifica este entendimento. Para ele,

Uma das coisas que mudou a cidade de Itabaiana foi o Murilo Braga [...], em 1949, aqui era Escola Rural Normal Murilo Braga, aqui era zona rural [...], imagine o que trouxe de desenvolvimento para Itabaiana, Murilo Braga mudou a cara de Itabaiana [...], tudo que você imaginar neste centro aqui se desenvolveu graças ao surgimento do Murilo Braga, da ousadia, à época, do Governador José Rollemberg Leite [...]. Foi ao longo dos anos deixando de ser apenas uma escola normal [...] que formava professores, começou a vim o ensino científico [...] e hoje o ensino médio. (JORNAL O *MATRIX*, Nº 2, Nov, 2012, p.3)

É notório o reconhecimento do CEMB – desde sua criação em 1949 até os dias de hoje - como uma instituição importante no contexto educacional de Itabaiana e do Estado de Sergipe em geral: “A Escola ‘Murilo Braga’ foi centro irradiador de cultura e formação de professores que, por conseguinte, foram agentes de transformação de suas comunidades” (LIMA, 2002, p. 101). Apesar de enfrentar dificuldades – como a necessidade de uma reforma

⁸⁹ Discutiremos sobre a criação do Jornal e da produção de vídeos no tópico: Germinando a Formação: O Grupo *Matrix* entra em Cena!”

em sua estrutura física⁹⁰, na melhoria das condições de ensino entre outros – deixou e ainda deixa sua marca na formação dos alunos. Em entrevista com a Professora de Literatura (PL) do CEMB (no próximo tópico, explicitaremos mais sobre os sujeitos da pesquisa) e também com Diretor do Colégio, através do jornal “O *Matrix*”, respectivamente, este aspecto fica evidente e o que mais nos chama a atenção é a perspectiva de Formação que paira nos sentimentos destes professores.

Lá existe um espaço imenso e possível de fazer muitas coisas na educação. É o maior colégio da região com um espaço imenso. Há um corpo de professores excelente, que foram minhas referências e hoje são meus colegas (PL em 08/05/2013).

[...] o Murilo Braga sofreu, mas ainda, continua desenvolvendo muito bem o seu aluno, continua aprovando muita gente no vestibular, ano passado teve dois aprovados em medicina, vários aprovados em todos os cursos, então, a gente se orgulha de ainda ser o colégio com resultado positivo não só em Itabaiana, como também em Sergipe. (JORNAL O *MATRIX*, Nº 2, Nov, 2012, p.4)

Esta relação de prática de ensino e ao mesmo tempo de reconhecimento que a instituição formadora foi importante na vida das pessoas é o que faz, hoje, com que àqueles que foram um dia alunos, agora, assumam a responsabilidade e o compromisso de semear e multiplicar o conhecimento. Para Freire (2011b, p. 25), “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado”. O que vimos – seguindo a linha de Paulo Freire – é que o sujeito que um dia foi objeto da formação é agora, sujeito formador num processo contínuo e permanente em que todos são sujeitos da formação, ou, como explica Macedo (2011) a formação é o fundante da educação.

Por ser um Colégio grande para a realidade de Sergipe e em especial, Itabaiana - sua estrutura física⁹¹ (terreno 709.531 m² e área construída 540.241 m² que envolve um quarteirão) que o diferencia dos demais colégios da região, pois, fora concebido inicialmente como escola rural – Escola Normal Rural Murilo Braga (LIMA, 2002)⁹² - e até hoje, possui diversas áreas verdes e também espaços construídos - surgem também seus problemas que

⁹⁰ Recentemente o Governo do Estado de Sergipe, juntamente com Secretaria do Estado da Educação, autorizou a reforma do Colégio Murilo Braga, a qual terá um custo de R\$ 5.097.526,69 (cinco milhões, noventa e sete mil, quinhentos e vinte e seis reais e sessenta e nove centavos). DC em 16/08/2013.

⁹¹ Para melhor visualização deste espaço, vide Apêndice I – Relatório de visita realizada em 04/07/2011.

⁹² Através do Decreto Lei nº 16 de 15 de maio de 1969, transforma a Escola Normal Murilo Braga em Colégio Estadual Murilo Braga. Pois, faltava um curso científico e quando os alunos concluíam o Ginásio paravam de estudar e os que tinham condições econômicas iam para Aracaju cursar o Científico. Passou então a funcionar os seguintes cursos: Ginásial, Normal, e Científico. (LIMA, 2002, p. 33-34).

vão desde uma reforma à falta de funcionários para execução de tarefas de manutenção das instalações.

Neste aspecto, aparecem os contrastes, ou melhor, a carência de funcionários para gerir um espaço como este é fator determinante para emergir situações que aparentemente é relacionada ao descaso com a coisa pública. Aliado a isto, não há uma política pública (educacional) que aperfeiçoe o espaço para um uso mais proveitoso em prol da formação dos alunos e da sociedade.

Numa primeira visita ao CEMB e ao registrarmos este momento com o uso da câmara fotográfica, fomos indagados por uma aluna em que repercutia a situação que estava ocorrendo no Colégio: “Professora é para denunciar também é?”

Segundo a Professora, esta pergunta tem a ver com alguns problemas estruturais na escola o que gerou algumas manifestações pelo fato de haver cavalos pastando nas áreas internas da escola, além de algumas denúncias que foram postadas em blog`s e outros meios, que desencadeou uma série de manifestações que foram veiculadas na mídia local e também, na mídia de abrangência do Estado de Sergipe e que implicava na urgência de uma reforma na escola, principalmente, na reforma do Ginásio de Esporte do CEMB – José Milton Machado (“O Miltão”) – que a cada dia encontra-se em estado decadente e seu espaço sendo utilizado por usuários de drogas. (DC em 04/07/2011).



“Itabaiana: Colégio da rede estadual está servindo de pastagem”

Fonte: <http://www.gilsondeoliveira.com.br/Noticia-3596.html>. Acesso em: 03/11/2011

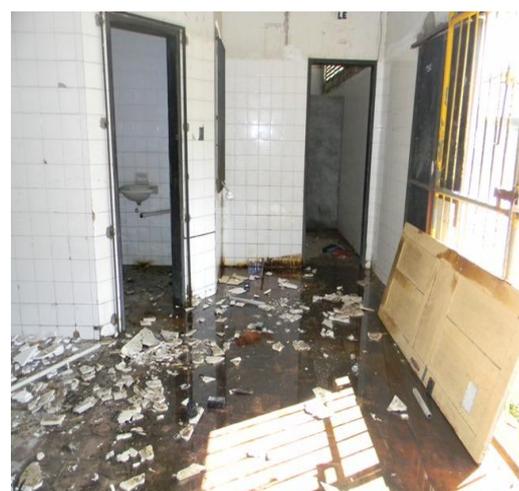


Portão de Acesso ao Ginásio Miltão.

Miltão: Área interna danificada.



Miltão: Piso Ginásio danificado



Banheiros impróprios – danificados⁹³.



Teto Banheiro.

⁹³ Fonte: <http://reporterbetosilveira.blogspot.com/2011/06/morte-de-um-ginasio-de-esportes.html>. Acesso em: 15/07/2011.

A partir de uma análise marxista poderíamos refletir sobre o que ele chamou de *infraestrutura* - composta pelos meios materiais de produção (meios de produção e força-de-trabalho), e a *superestrutura* - que compreende as esferas política, jurídica e religiosa, ou seja, as instituições responsáveis pela produção ideológica (formação das ideias e conceitos) da sociedade. Para Marx e Engels (s/d, p. 301) “O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina sua consciência”.

Por isso, que entendemos que o modo pelo qual o processo econômico de uma sociedade é organizado influencia as ideologias presentes nela. Mas, ao mesmo tempo somos provocados pelo seu contrário. Somos provocados por criar resistências – subversão – a partir das nossas condições materiais para provocar a Formação. Este é o sentido de ser humano, de ser gente. Para Freire (2011b, p.53),

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Estes fatos iniciais que apontam para a estrutura do CEMB foram importantes, pois, fizeram e fazem parte da realidade ou do universo dos alunos e professores e que gerou um debate interno no Grupo *Matrix*, portanto, a sua reflexão crítica implicou na formação consciente dos alunos e que fora manifestado no Jornal *O Matrix* nº 2. (Anexo IV) e que também teve uma ligação direta, ou melhor, tocou no sentimento de outros professores.

A edição que tratava do espaço do CEMB me incomodou porque estávamos (eu, alguns professores e equipe diretiva) fazendo um trabalho externo de resgate da opinião pública sobre o CEMB, cuja imagem está bastante desgastada em virtude da prática de um jornalismo “despreparado, irresponsável e incompetente” dos meios de comunicação locais (rádios e site de internet) (PL, em 08/05/2013).

Ao construir o Jornal *O Matrix* – edição nº 2 – os alunos estavam imbuídos de estabelecer uma relação crítica no que eles estavam vendo e sentido, a partir de sua realidade. Neste sentido, o espaço do CEMB precisaria ser contextualizado, mas, antes mesmo que as imagens e opiniões ganhassem o público, estabelecemos momentos de reflexão, de conscientização para escrever as matérias. Seguem abaixo três momentos importantes para a

tomada de conscientização: O primeiro, o espanto! Fruto da imersão no campo, no processo de *Observação* permanente e registrado no Diário de Campo, quando uma aluna da 8ª Série “A” expõe sua indignação com a situação dos banheiros do Colégio e sua insatisfação em trocar de roupa nesse local; Os dois momentos seguintes, quando a indignação toma forma consciente e é exteriorizado no Jornal dos alunos. De forma consciente e autônoma, fruto de uma reflexão crítica e fazendo com que o processo formativo se complete:

Neste dia, ao chegarmos à sala havia uma professora corrigindo as provas de matemática que realizara. Apesar do atraso, foi importante, pois ficamos no corredor, na porta da sala, e alguns alunos aproximaram-se e relataram situações importantes. A Primeira delas foi quando uma aluna perguntou se iríamos para quadra, pois, segundo ela, não gostaria de trocar de roupas naquele banheiro (referindo-se ao banheiro da escola), que estava muito sujo (DC em 21/06/2012).

Estamos sabendo que o colégio estar com planos de reforma. A reforma vai ajudar muito, mas o que adianta se tem poucos funcionários. Um colégio como o CEMB tem que ter um funcionário para cada área de trabalho. Mas temos que lembrar que todo o espaço CEMB, para ser cuidado, preservado, tem que ter a ação dos alunos. Vamos pensar, temos que parar de riscar paredes, carteiras, banheiros, parar de quebrar portas, lâmpadas, preservar o meio ambiente... Galera!!! Bora pensar conservando o que temos e aos poucos vamos modificando nosso espaço. Agora é com vocês... Para vocês o que precisa mudar no nosso colégio???. (SAMPAIO, JORNAL O *MATRIX*, 2012, p.2)

Em todos os lugares não importa, os banheiros têm que ter higiene, boas condições de uso. Muitos alunos reclamam dos banheiros dos colégios, uns falam que não tem como usar; outros falam que falta higiene; que mal lavam; que vivem sujos etc..Realmente, sabemos que isso acontece todos os dias, nosso cotidiano é este. Para nós, isto é lamentável e ainda é pior para aqueles quem têm necessidades especiais. O que nós alunos queremos é um banheiro organizado que, ao chegarmos, não tenha mau cheiro, que todos possam usar, que ninguém reclame, que tenha alguém para limpá-los diariamente...Temos três turnos durante o dia, e quantas vezes os banheiros são limpos???. Ai galera concorda comigo em relação aos nossos banheiros???. (SAMPAIO e FLÁVIO, JORNAL O *MATRIX* 2012, p.2)

Portanto, estes momentos caracterizados nos recortes acima esboçam o processo de conscientização que emergiu a partir da realidade concreta e viva. Para Freire (2011b, p. 54) “a conscientização é uma exigência humana, é um dos caminhos para a posta em prática da curiosidade epistemológica”. Não se tratou de uma crítica pela crítica, mas, sobretudo de um momento de conhecimento, de esclarecimento, de autonomia, de formação em que os alunos sentiram o problema, refletiram sobre ele e agiram. Agiram de forma subversiva e, mais que isso, eles agiram usando a astúcia com a mídia, característica esta, assim como Ulisses na Odisséia, fundamental para superar os obstáculos da vida.

Talvez, este impacto causado e que repercutiu no espanto e estranhamento da Professora de Literatura advém de uma cultura da mídia viciada no sensacionalismo e que muitas vezes não procura conhecer os fatos, as causas. Bem diferente das informações que foram veiculadas no Jornal dos alunos que partem de um sentimento vivo, de seus problemas reais.

Percebemos que estes conflitos (estruturais) que estão postos no dia a dia escolar, principalmente, numa escola pública e de grande porte como CEMB fazem parte da realidade educacional – pública - brasileira e que muitas vezes são naturalizados ou pior, são banalizados. O olhar dos alunos sobre sua realidade foi um passo importante para eles se reconhecerem como parte da história, como sujeitos que fazem também a história e que, portanto, não estão alheios a tudo, mas, que precisam ser estimulados, em um processo de conscientização, a exercer sua autonomia.

“Para que serve a escola hoje? [...] a escola se tornou obsoleta?”. (SIBÍLIA, 2012, p. 9). Estes questionamentos feitos por esta autora colocam-nos numa *aporia*, pois, se de um lado estamos atravessando um período em que as TIC convidam-nos para um novo modelo de sociedade, de alunos e, portanto, de escola. Por outro lado, ainda continuamos com velhos tabus do ensino, as velhas condições de ensino e trabalho, carência de um corpo funcional qualificado, entre outros. “A escola seria, então, uma máquina antiquada. Tanto seus componentes quanto seus modos de funcionamento já não entram facilmente em sintonia com os jovens do século XXI” (Op.cit., p. 13).

Sob a inspiração de Paulo Freire pensamos a escola como um lugar especial, um lugar de esperança em que a luta seja de ideais e da vida material. Os que passaram por esta instituição formadora reconhecem sua importância na vida. Foi na escola que passamos bons anos de nossas vidas. Por isso, aos nossos olhos, constitui-se em um lugar belo e radiante, um lugar que deve ser cultivado e cultivante a vida, todo instante.

Reconhecemos, justamente por ter ficado imerso neste ambiente, que apesar de presenciarmos que as condições de trabalho não sejam das melhores, a força dos profissionais que fazem a escola - Professores, funcionários, Coordenadores, enfim, todos e todas, principalmente os alunos - exercitam diariamente o que lhe parece ser melhor para esta instituição, isto é inquestionável.

Fomos tocados também pela produção dos alunos no Jornal *O Matrix* (nº 2) em que a crítica ali posta não significou uma negação à escola, nem tampouco que eles estavam isentos da responsabilidade em querer uma escola melhor, mas, a perspectiva de uma possível mudança nas condições de trabalho, na prática docente. “Não podemos esquecer que a escola

também faz parte da sociedade. Ela não é uma ilha de pureza no interior da qual as contradições e os antagonismos de classe não penetrem”. (GADOTTI, 1979, p. 23).

Reconhecemos, justamente por ter ficado imerso neste ambiente que apesar de presenciarmos que as condições de trabalho não sejam as melhores, a força de abnegados profissionais – professores, alunos, funcionários, coordenadores, diretores – faz, todos os dias, o melhor pela educação

Eu penso no aspecto pedagógico, de como lidar com isso, com a formação dos alunos, pois, assim eles vão tendo consciência da informação, que muitas vezes é mentirosa, não é verdadeira [...]. É o maior Colégio da região com um espaço imenso. Há um corpo de professores excelente, que foram minhas referências e hoje são meus colegas. Os alunos, quando estimulados, são fantásticos e com um potencial enorme [...].(PL, em 08/05/2013).

Reiteramos as palavras da Professora de Literatura, uma vez que o Colégio Murilo Braga mantém sua jornada na formação dos jovens no Estado de Sergipe e mesmo com os problemas do sucateamento da educação brasileira, no tocante a alocação de verbas para educação, continua viva sua história, o que fica evidente no número de alunos matriculados anualmente.

[...] instituição segue em ritmo acelerado e aponta que até o momento, o colégio obteve um crescimento estimado em cerca de 40% no número de novas matrículas, se comparado ao ano passado. A instituição fechou o ano de 2012 com um saldo de 1.800 alunos matriculados, e a expectativa para este ano é que o número de matrículas chegue a 2 mil. (DIAS, 2013, s/p)

Estes dados, aparentemente quantitativos esboçam a dimensão social e política que o CEMB representa para a sociedade de Itabaiana/SE, como também, para o Estado de Sergipe o que implica numa dimensão qualitativa para o processo de educação dos jovens desta região e demais localidades.

5.1.1 Os Sujeitos, cúmplices e partícipes da formação

Quem são os **Sujeitos** da Pesquisa? Ou melhor, quem são os sujeitos que ficaram mais diretamente envolvidos ao processo formativo de pesquisa? A princípio é importante destacar que quando se fala em Sujeito da pesquisa compreende-se logo aquele ser humano, voluntário que, depois de informado sobre a pesquisa, decide participar. No entanto, este entendimento leva-nos uma separação entre sujeito e objeto, bem como, coloca o Sujeito

numa posição de subordinação à pesquisa, mas, ao contrário disto, nesta investigação, o que mais os caracterizou foi a indissociável relação formativa que ficou evidente na imersão ao campo, ou seja, foi a construção coletiva que se deu na aproximação com campo o que produziu um imbricamento entre pesquisadores e o contexto social em observação.

Neste sentido, o processo relacional que se configurou na pesquisa, na relação professor (pesquisador) e alunos foi marcado por um momento dialógico, aberto, curioso, indagador, de cumplicidade entre as partes e não uma relação apassivada. “O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos”. (FREIRE, 2011b p. 83)

Os Sujeitos aqui simbolizam o ser humano, social e singular, que é histórico no seu espaço/tempo social, que cresce projetando para a vida com o olhar no passado, pensando no futuro, que elabora suas estratégias para viver e subverter as intempéries da vida. Acreditamos que “o sujeito humano realiza sempre uma *política de sentido*, ou seja, realiza opções nos âmbitos da sua história de vida, ‘define situações’, [...] o que implica na heterogeneidade, na diferença como emergências inelimináveis dos cenários humanos”. (MACEDO, 2011 p. 86)

Macedo (2011) traz uma reflexão importante fazendo referência à Garfinkel⁹⁴ em que, para este, o ator social não é um idiota cultural, como tratou a ciência funcionalista e positivista. Neste sentido, propõe que a negatividade⁹⁵ deva ser cultivada como condição *sine qua non* para que as práticas formativas alcancem a emancipação.

Com isto, esta pesquisa materializou o entendimento de que os atores sociais, antes de tudo, representam pessoas que vivem e constroem suas histórias e têm a potência para transformação e isto foi o ponto de partida e de chegada de nossa investigação. “De nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade, mas, impor ao educando a vontade arrogante do mestre”. (FREIRE, 2011b p. 61)

Foi sob este alerta, tomando cuidado para não confundir autoridade e liberdade e exercitando este princípio ético irrevogável que caminhamos na pesquisa, valorizando a relação professor-aluno; professor-professor; professor-escola-aluno, enfim, todos e todas. “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. (Op. cit., p. 58)

⁹⁴ GARFINKEL, H. *Studies in ethnomethodologie*. New Jersey: Prentice Hall, 1976.

⁹⁵ “Indica o sentido da negação que se movimenta no jogo interativo das resistências, no desejo do outro; ou seja, nas re-existências contidas nas alteridades que se apresentam à cena formativa. Um *arkhé* dos movimentos afirmativos e de pertencimento contemporâneos. [...] é a capacidade, reconhecida em todo ser humano, de querer e de poder resistir [...]” (MACEDO, 2011, p. 85).

Neste aspecto, os Sujeitos compreendem uma População que envolveu professores (as) e alunos (as) da 8ª série “A” (9º ano) do Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB), tendo como Amostra: Uma Professora de Educação Física; Uma Professora de Literatura e Português; Um Coordenador de Educação do CEMB; cinco alunos (as), que foram escolhidos aleatoriamente, a partir de nossas observações no decorrer do processo de intervenção no ano letivo 2012 que demonstraram compromisso, dedicação ou interesse pela temática. Estes alunos formaram um Grupo de Trabalho – *Matrix* – que representou o sentido dos multiplicadores, na perspectiva de Paulo Freire (1987). Por fim, 03 alunas, também escolhidas aleatoriamente, pertencente à turma em observação, mas, que sua participação durante o processo de intervenção foi decisiva para a escolha (vide Apêndice II, em que estão na íntegra as entrevistas). Segue abaixo, respectivamente, uma síntese que caracteriza os sujeitos levando em consideração que apesar da autorização dos nomes verdadeiros serem concedidos, optamos por nomes fictícios numa viagem pela Grécia Antiga:

- **PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA (PEF)** - A Professora de Educação Física – Às vezes, identificada como **Penélope** (nome fictício) - foi cúmplice e se constituiu a principal aliada ao processo de aprendizagem sobre mídia-educação. Formada pela Universidade Federal de Sergipe, 1998, alegou que “nunca vivenciou experiências com mídia, nem tampouco, nenhum professor tematizou este assunto nas aulas”, durante sua formação universitária. No entanto, durante a elaboração do Planejamento, ela trouxe para o debate uma infinidade de experiências com os alunos neste tema. Explicou que, mesmo sem saber realizava pesquisas nos meios midiáticos para a Educação Física, pois, todos os anos, ela criava estratégias avaliativas em que os alunos eram solicitados a observar o fenômeno esportivo pela televisão, ou outros meios midiáticos, como a internet e também, como estes meios expunham sobre os atletas de um modo geral. Às vezes também, solicitava aos alunos que pesquisassem sobre um determinado esporte, sua história, seus fundamentos, suas regras entre outros conforme exposto no Diário de Campo em 28/10/2011.

Esta professora tem um carinho muito grande com os alunos e gosta de sua profissão, pois, sente-se realizada naquilo que faz.

- **PROFESSORA DE LITERATURA DO CEMB – PL** – Esta Professora foi escolhida para fazer parte de nossa pesquisa, principalmente, por percebermos que entre os demais professores do Colégio, foi ela quem mais estabeleceu uma relação de intercomunicação com a mídia e com a nossa pesquisa, uma vez que ela já havia trabalhado com os alunos no tocante à rádio do CEMB, ajudou na criação do jornal do Grêmio e também, fez uma especialização em Educomunicação o que foi fundamental para nossa aproximação.

No CEMB, ela leciona as Disciplinas Literatura e Português e todos os anos ela é responsável por realizar a Semana Literária do CEMB. Em 2012, acompanhamos este evento e descobrimos também que ela produziu um vídeo (texto) que retrata um Romance “Trama Covarde”, de Odete de Barros Mott.

Esta professora foi instigada pela produção do Grupo *Matrix* quando se deparou com o Jornal pela primeira vez. Isto provocou um espanto e curiosidade, pois, conhecia os integrantes do grupo e não imaginava que eles estavam produzindo algo daquela natureza como o jornal.

- **COORDENADOR DO CEMB – CO** – Há três Coordenadores no CEMB. Este, em especial, esteve mais próximo do que estava acontecendo sobre nossa pesquisa. Pois, em vários momentos conversávamos sobre o Colégio, os problemas internos e também, solicitávamos cooperação no tocante à utilização da sala de vídeo, sala de informática, tiragem de cópias para o jornal entre outros.

Desde início do processo de intervenção que expusemos os objetivos da pesquisa que ele se mostrou solícito, bem como, deu apoio incondicional as nossas ações o que facilitou não só o acesso no interior do CEMB, como também, autonomia para as ações pedagógicas e de pesquisa.

Leciona também no Município de Itabaiana e começou a coordenar o CEMB a partir de 2012, juntamente com nossa entrada no Colégio. Percebemos o quanto é um Professor – Coordenador - mais aberto para que os alunos acessem os computadores, pois, segundo ele mesmo, os alunos já vivenciam isto com os celulares e também que ele já desenvolveu trabalhos neste campo, como a produção de vídeos - mesmo alegando desconhecer o assunto - e isto facilitou nossas ações.

- **ATHENA – Aluna da 8ª Série “A”, membro do Grupo *Matrix*** – Possuía 13 anos em 2012. Reside numa área rural da cidade de Itabaiana. É uma moradia simples e afastada do centro da cidade. Localiza-se em povoado chamado Barro Preto. Ela mora com seus pais que possuem um bar e a casa é anexa a este estabelecimento. Na entrevista realizada em 04 de abril de 2013 percebemos de imediato que seus pais são pessoas simples, trabalhadoras e preocupam-se com a formação de Athena.

Neste dia da entrevista constatamos que todos em sua casa trabalham e há um interesse para que Athena se dedique unicamente aos estudos o que foi relatado pela irmã mais velha: *“só depende dela que todos estão fazendo o máximo para que estude e conquiste sua independência [...] “até para lavar os pratos, quando é época de provas, ela fica livre”*.

Athena se diferencia dos demais alunos. Consegue captar as mensagens da mídia com mais facilidade (ela provocou diversas discussões no Grupo *Matrix*, como espaço do CEMB, a questão dos banheiros limpos, deu a ideia de verificarmos um jornal primeiro antes de construirmos o do Grupo entre outros); Estava engajada no movimento estudantil e foi da chapa que concorreu à Presidência do Grêmio; Seu desejo maior é fazer o vestibular para medicina.

No dia da entrevista, que foi a primeira vez que visitamos sua residência, ficamos emocionados com a simplicidade do lugar, das pessoas, de Athena e de sua família.

- **CALYPSO - Aluna da 8ª Série “A”, membro do Grupo *Matrix*** – tinha 14 anos em 2012. Como a maioria dos alunos da 8ª Série “A”, mora afastada de Itabaiana, em um povoado, e utiliza o transporte escolar para ir à escola. Percebemos de imediato a sua seriedade e responsabilidade com as questões do Grupo e muitas vezes ela teve que assumir as tarefas – como digitar – para que o Jornal fosse finalizado.

Destacou-se no Grupo pela sua responsabilidade nas tarefas compromisso e cumplicidade em construir a relação com a mídia. Suas ideias eram sempre bem acolhidas sejam na elaboração de um roteiro de filmagem, seja nas partes que iriam compor o jornal, como caça palavras, jogos dos erros, as entrevistas

com os professores do CEMB entre outros e que foram materializadas nos vídeos produzidos e nas edições do jornal;

- **ULISSES - Membro do *Matrix*** – Mora em um povoado na divisa entre a cidade de Itabaiana/SE e a cidade de Moita Bonita/SE. Possuía 18 anos em 2012 e sua característica principal foi a inteligência para articular as criações no Grupo *Matrix*. Sempre astuto, fazia da criação um momento de inspiração que deixávamos surpreendidos. Outro aspecto era a tranqüilidade – sempre bem humorado – em resolver os problemas internos do Grupo. Parecia estar sempre de bem com a vida, ao contrário do restante dos alunos em que, muitas vezes, deixavam os problemas pessoais, de relacionamento interferir no andamento do *Matrix*.

Quando estávamos criando o primeiro número do jornal foi dele a ideia de pegar um lápis, uma folha de papel e ir montando a estrutura que iria compor. Juntamente com Calypso, quase sempre, elaboravam os roteiros para as filmagens e as temáticas que iriam compor o Jornal. Constituiu-se no elo fundamental para evoluir o processo entre a reflexão crítica e a produção consciente do jornal.

Em 2012 já trabalhava no comercio de Itabaiana pela manhã e estudava à tarde, mas, deixou os estudos em 2013, pois, não estava conciliando trabalhar e estudar.

- **HELENA – Integrante do *Matrix*** – tinha 14 anos em 2012. Mora em um povoado afastado do centro de Itabaiana e utiliza-se do transporte escolar para ir à escola. De fisionomia séria, estava sempre fechada para o diálogo ou brincadeiras. Entretanto, constituiu-se numa pessoa importante para o *Matrix* pela sua seriedade e responsabilidade com as tarefas.

Percebemos a timidez de Helena imediatamente. Até para fazer uso dos equipamentos era uma dificuldade, pois, recusava-se sempre que fosse o centro da atenção. Seu rosto ficava vermelho por qualquer situação em que precisava expor-se aos colegas, professores, nas aulas, mas, à medida que foi familiarizando com os equipamentos e se adaptando mais com o Grupo foi perdendo a timidez.

Descobrimos que assim como CALYPSO, ela é uma pessoa muito presa em casa e só sai de casa para igreja e com os pais.

- **HERMES – Membro do Grupo *Matrix*** - Possuía 18 anos em 2012. É um jovem de poucas palavras, tímido e não gosta de se expor aos demais colegas da sala e do Colégio, prefere sentar no fundo da sala e durante as aulas se não for provocado a falar, passa todo tempo em silêncio.

Como outros alunos na cidade de Itabaiana seu tempo é muito escasso uma vez que ajuda aos pais - que são agricultores e comercializam seus produtos na feira da cidade - ou seja, divide seu tempo entre a escola e o trabalho.

Com isto, percebemos que uma grande dificuldade para organizar melhor o Grupo, como também, para reunirmos em outros horários, tinha relação com as questões de trabalho, pois, sempre alegava que estava trabalhando.

Mesmo com estas dificuldades, ele diferenciava-se entre os demais pela sua seriedade e responsabilidade com as tarefas. Foi o primeiro a integrar o Grupo e também, juntamente com Athena, a manusear os equipamentos e à medida que ia aprendendo, ele também ia repassando seus conhecimentos aos demais. Indicou o nome *Matrix* para o Grupo, pois, era o único que já havia assistido ao filme e achou interessante que o grupo tivesse este nome. No início dos trabalhos no Colégio, ele tinha a função de multiplicador de ensinar aos demais aquilo que ia aprendendo, como mexer na máquina de filmar, fotografar.

- **MINERVA – Integrante do *Matrix*** – Em 2012, como Hermes e Ulisses eram os três alunos da turma que tinham 18 anos. Enquanto o Ulisses seu comportamento era mais extrovertido, mais bem humorado e Hermes em contrapartida, mais fechado, silencioso, a Minerva mediava entre estes comportamentos, pois, conseguia mesclar entre um e outro.

Nos primeiros contatos com a turma, explicando um pouco sobre a mídia, ou mesmo, passando um filme para nossas reflexões, ela (Minerva) não parecia um tanto surpresa quanto aos demais e sempre que se colocava em refletir sobre uma questão, trazia elementos importantes com certo grau de amadurecimento como o próprio entendimento do que seria mídia.

Estes aspectos nos chamaram atenção e a convidamos para integrar o Grupo. Percebemos que ela tinha muito a contribuir e desde que a convidamos para o *Matrix* que suas ideias e reflexões passaram a fazer parte de todo o processo inclusive, com a ideia de continuidade do Jornal.

Ao mesmo tempo em que ela se mostrava à parte do restante da turma e estava sempre sozinha, pois, não gostava muito de estar com o Grupo ou mesmo com os colegas da turma, com raríssima exceção, ela provocava a discussão interna o que fazia essencialmente nos aproximar. No entanto, ao se constituir como parte integrante do *Matrix* declarou que foi uma das melhores coisas que vivenciou.

- **VANM, VANO E JOFÁ** – São alunas da 8ª série “A” e não faziam parte do Grupo *Matrix*, tinham, respectivamente, 15 anos, em 2012. Moram em povoados circunvizinhos e utilizam o transporte escolar. No CEMB elas estão sempre juntas, é muito raro vê-las separadas. Na sala sentam uma atrás da outra e nos intervalos, pelos corredores, não se separam. Percebemos que compartilham sentimentos de amizade, carinho entre si e na formação de grupos de estudo e pesquisa, em sala, é condição primordial que se comece a formalizar o grupo com elas três e depois agreguem outros alunos. Quando fomos entrevistá-las exigiram que se fizessem com as três juntas.

Durante o processo de intervenção, desde as primeiras tarefas para a turma em trazer notícias que consistiam em informações sobre a relação do esporte com a mídia, foram elas que mais se aproximaram da discussão e isto foi importante para nossas reflexões.

Em todos os números do Jornal elas escreveram matérias mesmo quando havíamos informado que não era obrigado e isto lhes garantiu um sentimento de autonomia e cumplicidade com o processo que estávamos realizando.

Portanto, expusemos o lugar de onde falamos a partir da realidade vivida – imersão – e os principais protagonistas – sujeitos - que deram suporte para as reflexões críticas a partir de algumas categorias oriundas do campo. Neste sentido, o processo de aprendizagem em relação à educação com mídia, com a tecnologia, com a Educação Física completou-se e foi materializado desde a criação do Grupo *Matrix* ao exercício pleno sobre a autonomia, esclarecimento, conscientização, Formação.

5.2 Do Processo de Intervenção à Criação do Grupo *Matrix*: Formação em Pauta!

Iniciamos nossa aventura de pesquisa e pedagógica com a escolha da turma para as observações - 8ª série “A” (9º ano) – no período da tarde e alguns motivos foram determinantes:

Primeiro é uma turma que apresenta uma faixa etária normal para sua série com algumas exceções, mas, no geral, estão entre 13 e 15 anos. Isto é importante, pela incidência dos produtos da mídia, bem como caracteriza uma faixa etária em que destina muito de seu tempo à mídia, principalmente a televisão; **Segundo**, é uma turma que mantém equitativamente um número de meninos e meninas, o que garante um trabalho sem separação e com a junção de ambos os sexos; **Terceiro**, os horários das aulas de Educação Física são seguidos, ou melhor, são todas as quintas nos últimos horários (duas aulas). (DC, em 01/03/2012)

Neste aspecto, nossa aposta foi que a construção do processo para autonomia ganhasse uma luta importante (que é terrível) no mundo atual na qual a velocidade e o tempo são seus algozes. Paraphraseando Pais (2009)⁹⁶: “dize-me em que velocidade tu andas que eu te direi tu quem és”, caminhamos no sentido em que houvesse um tempo de apropriação, de conscientização sobre o que se estava aprendendo a conhecer e aprendendo a produzir.

Com isto, as possibilidades didáticas, as projeções de filmes, os encontros nas rodas de conversas, possibilitaram uma tomada de consciência entre os pares - sujeitos, pesquisadores, enfim, todos envolvidos numa relação indissociável - para a Formação, pois, tivemos um tempo de maturação do conhecimento, bem como, nossos encontros eram mais extensos.

No entanto, foi preciso criar estratégias de aproximação com os sujeitos como estar presente todos os dias no Colégio, agendar orientações, solicitar tarefas entre outros, pois, a princípio, ficar uma semana sem se ver, uma vez que as aulas eram concentradas em um único dia, gerou um distanciamento entre o aprendizado em mídia e a educação/Formação.

O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico. (FREIRE, 2011, p. 90)

⁹⁶ Conferência de José Machado Pais no XVI CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte – Salvador, BA, Setembro de 2009.

Foi com esta inspiração que iniciamos nossos trabalhos e apresentamos nossa proposta aos alunos. “No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre pais, mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia”. (Op. cit., 92)

Dissemos que neste ano, iríamos falar um pouco de Educação Física, de Esporte, da Mídia e vivenciar tudo isto em nossas práticas. Assim, explicamos a eles que as aulas seriam em vários locais, como a quadra, sala de aula, a sala de vídeo, sala de informática, entre outros e que eles fariam parte do processo, sendo os atores principais desta construção. (DC, em 01/03/2012)

Em nossas primeiras aulas, conforme acima, expusemos nossos propósitos e também, começamos a observar os alunos que demonstravam interesse pela discussão em mídia, bem como, aqueles que tinham curiosidade com os equipamentos. Neste sentido, introduzimos a discussão com a utilização de um questionário em que ficasse claro o entendimento de mídia por parte dos alunos e principalmente, em que mídia eles estão mais imersos; Depois veiculamos um filme dos “*Simpsons*” – categoria de desenho animado - e abrimos/introduzimos a discussão de mídia, por fim, mas, no início da experiência, nas primeiras aulas de Educação Física na quadra, solicitamos dois voluntários que contribuíssem com as primeiras filmagens. Estes ingredientes serviram para nos aproximar mais dos sujeitos, como também, identificar àqueles interessados em nossa proposta.

Neste aspecto, iniciamos a experiência munida de um arcabouço teórico inspirado na vontade política e no compromisso com a educação; Aliados a um corpo discente – partícipes do processo que foram tematizados o binômio educação e mídia na perspectiva da Pesquisa-Formação - que envolveu o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB):

O conhecimento científico deve emergir do encontro entre a literatura e a realidade empírica, necessitando de “sujeitos de diálogos”, reconhecidos aqui nos jovens do CEMB, que emprestaram suas escritas ao questionário, e de objetos de estudos e objetivos de pesquisa entrelaçados ao acúmulo teórico produzido historicamente. (LEIRO e RIBEIRO, 2013, p. 347)

O questionário (Apêndice II) – não foi um procedimento formal da pesquisa, apenas para um diagnóstico inicial da turma em observação - dispunha de seis questões (sexo; idade; tem acesso a algum meio de comunicação; o que significa mídia; de que maneira se comunica com as pessoas; como fica sabendo das notícias) simples, objetivas e de fácil

entendimento cuja finalidade maior era diagnosticar a realidade da turma, no tocante à utilização e ao acesso aos meios.

Quatro aspectos nos chamaram a atenção de imediato: Primeiro, com relação à faixa etária que deveria estar entre 13 e 15 anos e constatamos que a idade dos alunos oscilava entre 13 e 18. Nosso receio e estranhamento era que essa diferença de idade entre os alunos pudesse atrapalhar o processo de aprendizagem e, principalmente, o planejamento. No entanto, esta dúvida não se confirmou e os mais velhos passaram a fazer parte colaborando de forma efetiva nas construções propostas e ajudaram aos demais colegas. Inclusive os três alunos que estavam com 18 anos em 2012, integraram o Grupo *Matrix* (explicitaremos melhor a seguir) e um destes, foi o primeiro Multiplicador. Segue abaixo, a quantidade de alunos por faixa etária:

- 13 anos – 03 alunos;
- 14 anos – 05 alunos;
- 15 anos – 13 alunos;
- 16 anos – 04 alunos;
- 18 anos – 03 alunos.

O segundo aspecto de reflexão foi o entendimento dos alunos acerca da mídia, pois, durante a aplicação do questionário alguns estudantes disseram-nos que não sabia o significado da palavra mídia. Neste sentido, dissemos a eles que respondessem o questionário de forma espontânea e individualmente expondo aquilo que achassem que fosse, ou melhor, o entendimento deles sobre a pergunta. Mesmo assim, esclarecemos que a mídia estaria ligada aos meios de comunicação.

Este esclarecimento à turma foi suficiente para que a maioria deles respondesse desse modo: “[...] meio de comunicação...”! Foram 16 respostas usando a expressão meio de comunicação (57%) mais da metade da turma.

Os alunos estavam ansiosos para ir à quadra, mas, antes solicitamos que respondessem um questionário que elaboramos com intuito de perceber o entendimento deles sobre mídia e também, o que eles mais têm utilizados em termos de TIC. Explicamos que não precisava por o nome, ou seja, se identificar. Alguns alunos perguntaram o que era mídia, pois, era uma das perguntas do questionário. Então, respondemos que estava ligado aos meios de comunicação, mas, naquele momento, eles respondessem como compreendiam. Mesmo assim, percebemos que alguns alunos aproveitaram a carona do nosso esclarecimento para acelerar as respostas e ir direto para quadra. (DC em 08/03/2012)

Além deste aspecto em que ficou evidente que alguns alunos queriam se livrar do questionário e, portanto, responder o mais rápido possível para ir à quadra poliesportiva jogar, destacamos abaixo outras respostas importantes que expõem entendimentos sobre a mídia. São respostas que aparentemente não têm relação com o sentido dos meios de comunicação, mas, esboçam o pensamento de alguns alunos sobre o que eles sentem, o que vêem, ou seja, caracterizou o imaginário sobre mídia:

- “*coisas bem interessantes*”;
- “*viver na atualidade*”;
- “*peessoas que trabalha no meio artístico [...]*”;
- “*significa muito importante para as pessoas*”;

Talvez, estejamos diante de sentimentos que expressem realmente o que estes alunos consideram ser mídia, pois, no plano do poder simbólico, as formas simbólicas alteram o modo em que as pessoas observam os fenômenos, os acontecimentos. Pois, quando a mídia potencializa seus produtos e os deixam disponíveis para uma pluralidade de receptores (THOMPSON, 1998) o entendimento sobre àquele bem simbólico – que foi economicamente mercadorizado – pode ser de diferentes maneiras interpretado. Assim, podemos pensar que “*coisas bem interessantes*” podem estar situadas num plano de admiração/contemplação, até porque se trata de uma infinidade de produtos circulando todos os dias, horas, minutos, segundos. Bem como, *peessoas que trabalha no meio artístico [...]* pode está relacionado àquela mensagem advinda dos diversos produtos como as novelas, os filmes, os programas de auditório, os telejornais entre tantos outros que esboçam “[...] o busto no suéter e o torso nu do herói esportivo [...]” como bem alertaram sobre a Indústria Cultural (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 131), assim como os demais entendimentos dos alunos, pois a promessa da Indústria Cultura transita sempre como uma mentira.

O que queremos tencionar, em nosso entendimento, é que os meios de comunicação – de massa – implicam em novas formas de ação e de interação com o mundo social, novas maneiras de relacionar com os outros e consigo mesmo. (THOMPSON, 1998).

Se a mídia alterou a nossa compreensão do passado, criou também aquilo que poderíamos chamar de “mundanidade mediada”: nossa compreensão do mundo fora do alcance de nossa experiência pessoal, e de nosso lugar dentro dele, está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas. (THOMPSON 1998, p. 38)

Em contrapartida, percebemos respostas com um grau mais aprofundado sobre mídia, mais esclarecedor (conforme abaixo) e, portanto, a turma, a princípio, apresentava um quadro heterogêneo com relação a formular um conceito sobre mídia e que, neste aspecto, precisaríamos tocá-los, provocá-los para que iniciássemos o processo deixando claro para todos os alunos o seu significado.

- *“É o conjunto de meios de comunicação que envolve jornais, TV, revistas, internet...etc...;”*
- *“Mídia significa algo que passamos nos interagem com alguém, como por exemplo, celulares, internet, televisões, rádios, etc...”*

Percebemos com isto que havia nesta turma em observação, de modo geral, uma oscilação entre o entendimento sobre o que viria a ser a mídia e uma dificuldade ou desconhecimento em formar um conceito, ou articular uma ideia, apesar dos alunos estarem mergulhados nela, mas, poucos alunos conseguiam formular um pensamento que externasse, de forma clara, o que seria mídia o que reforçava a tese de que seria preciso uma aproximação com estes sujeitos para provocar o esclarecimento.

Este segundo aspecto foi importante, pois, provocou-nos o espanto e também passamos imediatamente a refletir como pretendíamos aproximarmos dos alunos, envolvendo a temática, seus conceitos, o modo de produzi-la e principalmente como, nós, Professores e alunos da 8ª Série A – 9º ano – iríamos iniciar o processo de apropriação dos meios.

Por fim, nos reunimos – professores – depois que os alunos foram embora para fazer uma reflexão sobre o questionário. Primeiro agrupamos as respostas de modo quantitativo, depois, separamos o que os alunos escreveram e a partir destas respostas decidimos sobre o vídeo a ser passado no próximo encontro. A princípio estávamos pensando em passar para os alunos um vídeo com uma experiência em Mídia-educação numa escola pública de Aracaju/SE, mas, achamos mais interessante, devido ao entendimento deles sobre mídia, que começássemos com um desenho animado - Os *Simpsons*, episódio “O Tarado *Homer*” - pois, neste, fica evidente a relação com a mídia, principalmente, a televisão e como podemos criar possibilidades de produzir mídia. Além disso, estaria no plano do desenho animado que poderia cativar mais os alunos. (DC em 08/03/2012)

O terceiro aspecto foi no tocante a questão que se referia “de que maneira se comunica com as pessoas” e neste aspecto, nosso entendimento foi que o celular obteve unanimidade como resposta (100%), pois, 24 (vinte e quatro) alunos responderam diretamente o celular e 02 (dois) escreveram que usam o telefone; 01 (um) respondeu que usa “carta” e 01 (um), “dialogando” (conforme abaixo). No entanto, quando perguntado se “tem acesso a algum meio de comunicação”, esses quatro responderam o celular, o que caracteriza a unanimidade desta mídia na realidade dos alunos no ambiente escolar.

- 24 alunos – celular (sendo que um aluno respondeu celular e site de relacionamento);
- 02 alunos – telefone;
- 01 aluno – carta;
- 01 aluno – dialogando.

Neste contexto que envolve o aspecto da comunicação entre os alunos, além do celular que expressou o caráter dominante nas Tecnologias de Informação e Comunicação, apareceu também site de relacionamento - as redes sociais - que esboça uma tendência nos tempos atuais, mas, somente um aluno a mencionou.

Para Recuero (2009) as redes sociais - na internet – possibilitam ser instrumentos de colaboração e de produção de conhecimento o que implica também num aprendizado de uso deste instrumento e com isso, ampliar a nossa ação sobre o mundo. Considera que as redes sociais

Está mudando profundamente as formas de organização, identidade, conversação e mobilidade social: o advento da Comunicação Mediada pelo computador. Essa comunicação, mais do que permitir aos indivíduos comunicar-se, amplificou a capacidade de conexão, permitindo que redes fossem criadas e expressas nesses espaços: as redes sociais mediadas pelo computador [...]. Essas redes conectam não apenas computadores, mas pessoas. (RECUERO, 2009, p. 16)

Estamos convictos (mais à frente discorreremos sobre este aspecto) que, por conta do acesso limitado aos alunos, principalmente aos computadores em rede e com internet, no CEMB aponta para a veracidade deste dado do questionário, pois, alguns alunos expunham

que não pagaria *Lan House* para se comunicar, além disso, poucos tinham celular com internet desta turma em observação.

O dado, que aponta o celular como uma mídia dominante no meio estudantil, pode ser constatado também por outros profissionais do CEMB - Professora de Educação Física (PEF), Coordenador Pedagógico (CO) em entrevistas, respectivamente, em: 21/02/2013, 08/05/2013 - quando perguntado, no olhar deles, qual a mídia está mais presente no cotidiano dos alunos, bem como, se eles percebem algum domínio desta mídia sobre o comportamento dos alunos:

(PEF) – O Celular, com certeza. Na aula prática ainda eles largam mais. Mas, quando estamos na sala eles ficam muito ligado ao celular, o tempo todo, é quase um vício.

SER – Você já pensou em construir algo com isso – o celular – com os alunos. Talvez fotografia, vídeos [...]?

(PEF) – Ainda não, mas, do jeito que as coisas caminham com o uso do celular, vai ser preciso.

CO – Atualmente é internet, mas, a internet via celular. Internet hoje é celular [...], você passa no corredor você vê o aluno com um celular, não precisa ser modelo mais recente, mas, todos têm a internetzinha que eles usam [...].

O celular - com suas múltiplas funções - merece uma atenção maior, até mesmo para desmitificá-lo como algo prejudicial aos alunos. Obviamente, que se faz necessário entender as possibilidades de sua pedagogização, pois, no outro extremo podemos banalizar seu uso no âmbito escolar.

Fantin e Rivoltella (2012) - quando abordam sobre a cultura digital – explicam que significa uma cultura multimídia, ou seja, que usa códigos, linguagens e estratégias pragmáticas de comunicação diferentes e com isso, é baseada na intermedialidade, ou seja, todas as tecnologias são convergentes (extraído do pensamento JENKINS, 2009), com isso, passou-se o tempo em que televisão era só para assistir, ou mesmo, o telefone só para falar com as pessoas. Eles estão cada vez mais leves, menores, potentes e isto reforça o caráter individual, ou melhor, está se potencializando a mídia pessoal. Para eles,

Hoje, é muito difícil definir o que seja uma TV ou um celular. É difícil porque um celular é também um computador, e esse computador também é um celular, que por sua vez é habilitado para tocar música e ver imagens, e que igualmente se transforma em TV. (FANTIN e RIVOLTELLA, 2012, p. 96)

Na atualidade já observamos diversas pesquisas em que evidenciam o aspecto educacional do uso do celular. Antônio (2010) aponta uma série de atividades possíveis na escola como, por exemplo, solicitar que os alunos façam cálculos matemáticos; usar como agenda o que serve para anotar as tarefas como as datas das provas; usar o telefone celular um serviço de leitura e de publicação de notícias; gravações de sons e imagens e que implica também em gravar suas aulas; como câmara fotográfica e filmadora entre tantas outras possibilidades.

Este foi um aspecto importante no qual possibilitou a discussão com os alunos nos primeiros encontros e que fora explicado também que estamos diante de várias mídias, principalmente, o celular e que ele pode ser um aliado importante para nossas aventuras com a mídia. Vejamos abaixo, dois momentos: Primeiro quando alertamos aos alunos que poderíamos produzir mídia; Segundo, já produzindo conhecimento com a mídia, quando os alunos, na necessidade de entrevistar o Diretor do CEMB e diante de uma dificuldade que lhes aparecia (a bateria da filmadora descarregou) utilizam o celular.

Neste sentido, informamos que era possível construir a nossa mídia. Poderia ser um jornal impresso, filmando e postando na internet entre outros e que de agora em diante começaríamos a pensar nessas possibilidades. Dissemos também, que eles, às vezes, estão com as ferramentas nas mãos e não fazem uso dela para este fim, como o celular, por exemplo, pois, ele possui câmara, pode está conectado a internet e isso pode gerar um bom conteúdo. (DC em 23/03/2012)

[...] reunimos com alguns integrantes do *Matrix* (Calypso, Helena, Ulisses e Hermes) que expuseram sobre a entrevista com o Diretor. [...]. Consideraram que foi boa, mas, que teve alguns contratempos como o da bateria da filmadora que descarregou, mas, explicaram que usaram o celular complementando a gravação. Este aspecto foi importante, pois, os alunos já começam a fazer uso de seus equipamentos – celulares – para um fim determinado e que fora planejado, percebendo as possibilidades para além de trocas de mensagens. (DC em 03/10/2012)

O quarto aspecto de reflexão foi sobre a pergunta: “Como você fica sabendo das notícias que ocorrem em sua cidade, no Brasil e no Mundo?” Vejamos primeiro as respostas dos alunos conforme abaixo:

- Televisão – 08 alunos;
- Televisão e Internet – 05 alunos;
- Televisão, Internet e Rádio – 05 alunos;

- Televisão, Internet, Rádio e Jornais – 01 aluno;
- Televisão e Rádio – 05 alunos;
- Televisão, Internet e celular – 01 aluno;
- Televisão e Jornal – 01 aluno;
- Televisão, Rádio e Jornal – 01 aluno;
- Internet e Jornais – 01 aluno.

Com isto, alguns pontos são importantes a considerar: primeiro, que se refere a abrangência da mídia, em certa medida, foram contemplados os diversos veículos que fazem o papel de circular a informação, as notícias, deixas simbólicas (THOMPSON, 1998) ao longo da história como o jornal, o rádio (que segundo Thompson, 1998 p. 147, “para populações rurais [...], em muitos países do Terceiro Mundo, o rádio foi um meio de comunicação mais importante que a televisão”), a televisão e mais recentemente a internet. Neste aspecto, foi bom saber que o meio impresso e o rádio ainda fazem parte do cotidiano da vida das pessoas nas casas e lares brasileiros. Isto foi importante, pois, o que era apenas uma perspectiva – construir um jornal impresso – tornou-se realidade para nós.

Para Leiro et al. (2010, p. 15), “os jornais ainda se constituem numa mídia que possibilita significativamente a circulação de formas simbólicas [...]”. Neste sentido, observamos ainda os periódicos mantendo uma tradição com temas para os diversos públicos com imagens, opiniões, sínteses científicas, entre outros que garante uma receptividade pela população de um modo geral.

Assim, consideramos este aspecto importante, pois, ao ser apropriado no âmbito pedagógico, no processo de mídia-educação (como realizamos e veremos a partir do Jornal *Matrix*) o jornal impresso constitui-se e constituiu-se em um grande aliado à reflexão crítica dos alunos sobre as mídias; promove e promoveu a produção midiática de modo amplo; é de fácil confecção (com um custo baixo) e divulgação na ambiente escolar.

O segundo ponto importante de reflexão que também se constituiu em ação no meio escolar foi perceber que a televisão ainda configura-se como a mídia mais presente nas vidas das pessoas, o que implicou um olhar diferenciado para este veículo, principalmente, no tocante as pesquisas que os alunos realizaram, bem como, o trato que é dado ao fenômeno esportivo uma vez que estávamos atuando por dentro da Educação Física na qual existe uma “cultura” de por este conteúdo como hegemônico no âmbito escolar e esta imposição, a nosso

ver, advêm do telespetáculo esportivo (BETTI, 1998) cujo maior mediador é a televisão, enquanto instituição responsável por comercializá-lo como um bem simbólico.

Na televisão as “[...] deixas auditivas são combinadas com deixas visuais para produzir a complexa imagem audiovisual”. (THOMPSON, 1998, p. 117). Este, talvez, seja o impacto maior deste bem simbólico sobre o imaginário das pessoas e cria um público imenso devido às transmissões via satélite em tempo real e em caráter global que alcança nos dias de hoje. O que gera também, um domínio ideológico impressionante devido ao monopólio das grandes corporações do campo televisivo. Isto não significa dizer que, como educadores, formadores, não provoquemos a reflexão crítica dos educandos no processo de mídia-educação, principalmente, nas mensagens advindas do campo telesportivo. Para Pires e Ribeiro (2004, p. 216),

O campo das manifestações da cultura de movimento, especialmente o das práticas esportivas espetacularizadas, tornou-se um grande conteúdo cultural para a televisão, que lhe dedica largas faixas de sua programação, tanto jornalística quanto de entretenimento e publicitária.

Neste sentido que discutimos para que a televisão não se torne um instrumento de opressão simbólica (BOURDIEU, 1997). Pensamos, a partir de seu domínio, em criar escapes que configure um processo pedagógico formativo e que os alunos percebam os interesses – ideológicos, econômicos, políticos – ou seja, “conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias” (ADORNO, 2000, p. 79).

Estas reflexões sobre mídia de um modo geral – impressa, televisiva, radiofônica – foram propulsoras do processo formativo e, ao mesmo tempo em que íamos introduzindo a discussão, também, íamos observando o comportamento dos alunos (sujeitos) com relação à temática idealizando, a partir daí, um grupo. Abaixo segue um recorte do Diário de Campo (Apêndice I), um pouco longo, mas, retrata esta situação de entendimento, aprendizagem, conscientização e Formação.

Neste dia também, aproveitamos o momento da discussão para introduzir a ideia, ou melhor, o conceito de mídia. Então, explicamos que a mídia é um meio, uma forma de passar uma informação, uma mensagem. De modo geral, está vinculada a um conglomerado de empresas da comunicação, como a televisão, o rádio, o jornal e mais recente a internet. Mas, sobretudo, a mídia somos nós. Naquele momento nós estávamos sendo mídia, pois, estávamos passando uma mensagem. Explicamos também, que tudo que vêem, ouvem, lêem não é por acaso e natural e há pessoas por trás disso tudo conduzindo processo da emissão da mensagem até a recepção. Foi neste aspecto que os alunos começaram a refletir melhor sobre tudo que estávamos falando e voltaram a pensar no filme dizendo que “quando a televisão queria

audiência ela mostrou só Homer como um tarado, monstro, em tudo inclusive modificando as respostas dele, mas, quando precisou fazer uma retratação, quase ninguém notou, foi muito rápido”. Esta reflexão veio da aluna Athena e nós concordamos com ela e acrescentamos dizendo, na maioria das vezes, a televisão só mostra aquilo que ela quer. Perguntamos: Quem assiste ou já assistiu ao jogo de futebol no campo (no estádio)? Poucos se manifestaram. Continuamos: Na televisão? A maioria. Então, dissemos como é diferente ver essas duas realidades, pois, no campo nosso olhar é livre e na televisão ele é condicionado por um diretor de imagem que passa aquilo que ele quer, ou melhor, que é pago para passar aquilo [...]. (DC em 22/03/2012)

Terceiro ponto importante relacionado ao questionário e seus desdobramentos foi a relação dos alunos não só com a televisão, mas, incluindo aí internet que, a nosso ver, não se constituía como um veículo de massa, no entanto, aqui já disputa com a televisão um grande espaço na vidas das pessoas. “a criança chega à adolescência depois de ter assistido a 15 mil horas de televisão e mais de 350 mil comerciais, contra menos de 11 mil horas de escola”. (MORÁN apud OROFINO 2005, p. 51). Este dado que, obviamente já sofreu inúmeras alterações - de 2005 para 2013 – alerta-nos para pensar também que agregado à Televisão o computador e à rede mundial de comunicação, as possibilidades de ampliação e impacto destes meios aos jovens de todo mundo é imensurável. Com isto, mais do que necessário, pois, se constitui numa questão urgente na formação, a educação e os educadores precisam estar atentos as mudanças que estão presentes na vida das pessoas, principalmente seus alunos.

A internet vem com uma promessa de superação da televisão no sentido de tornar-se um veículo de massa e obviamente, caminha para este fim, até por que a televisão sempre esteve pautada em transmitir a informação no sentido único – ou via de mão única – o que significa dizer que, apesar de ter um alcance grandioso, ela não interage com os sujeitos receptores das mensagens. O que vem modificando seu formato com TV digital, mas, ainda sua linha está no plano mais comercial. Por isto, o computador associado à linguagem audiovisual entre outras, pode estabelecer um novo cenário nas comunicações.

Nesta turma em observação do CEMB a internet está no cotidiano dos alunos, isto não significa dizer que o acesso à rede está disponibilizado. Veremos mais adiante que há restrições do uso da sala de informática da escola pelos alunos o que faz com que eles estabeleçam relações com os celulares – próprios ou de amigos – e com as famigeradas *Lan houses*. Esta é utilizada com frequência e um dos fatores, a nosso ver, é que estes alunos moram em povoados distantes da cidade e já que há restrições para o uso na escola, esta prática se amplia. Podemos perceber isto quando solicitávamos que os alunos – do Grupo *Matrix* – criassem seus correios eletrônicos para facilitar nossa comunicação.

Em nossa roda de conversa final, ressaltamos para o Grupo *Matrix* que seria interessante todos terem e-mail para conversarmos e trocar ideias, desde primeiro contato, mas, ainda há pessoas sem e-mail e acesso à internet. Questionamos sobre isso, e disseram que não iria pagar em *Lan House*. Isto nos chamou a atenção, pois, O Colégio possui uma sala de informática com acesso a internet, mas eles alegam que é uma “sala fantasma”, não há ninguém para ajudar a eles quando precisam. Só acessam quando um professor os leva. (DC em 02/08/2012)

Reiteramos também com o *Matrix* sobre o jornal, pois, ainda não foi elaborado o primeiro número e que isto era para ser construído por eles. Fizemos um e-mail de um dos membros do *Matrix*, Helena, mas, ainda falta o Ulisses, o qual explica que não acessa a internet porque, para isto, tem que pagar numa *Lan House*. (DC em 30/08/2012)

O outro momento de aproximação aos sujeitos e à temática mídia foi a exibição de um filme dos *Simpsons* – desenho animado, já enunciado acima. Com isso, fechamos este primeiro ciclo de observação em que foram materializados o questionário e exibição de filme:

Provocamos a ideia de mídia e que ela não era neutra. Além disso, percebemos que existem alunos com perfil para dá continuidade ao processo sendo colaboradores, autores e multiplicadores. (DC em 22/03/2012)

Foi assim que observamos que Hermes e Athena (esta, principalmente) apresentavam características importantes – autonomia, crítica, conscientização, responsabilidade entre outras - para recrutarmos e construirmos nosso grupo de interlocução entre a Educação Física e a Mídia.

Portanto, destacamos acima os primeiros momentos de aproximação aos sujeitos em que as estratégias da utilização do questionário, bem como, da utilização do primeiro filme passado aos alunos, serviram para um diagnóstico da turma e a possibilidade de introduzir a discussão de mídia, como também, ampliar aproximação com os sujeitos e, neste aspecto, começar a perceber àqueles com mais interesse pela discussão em pauta.

[...] Ratificamos o encontro na quadra e aproveitamos para avisar que iríamos filmar as atividades e gostaríamos de contar com a ajuda deles. Perguntamos se algum aluno já havia filmado e somente um afirmou positivamente (Hermes). Então, avisamos que contaríamos com a ajuda desse aluno para o próximo encontro. Ele ficou com um “ar” de surpresa e ao mesmo tempo, parecia está preocupado, nervoso. Aproximamos então e explicamos que a ideia era brincar com a máquina e que ele não ficasse preocupado [...]. A ideia é ir inicialmente garimpando aqueles com interesse e depois, estes irem “contaminando” os demais. Com isso, já dispomos de dois nomes, entre os alunos, que toparam a construção da mídia (Athena e Hermes). (DC em 29/03/2012)

[...] observávamos também como o Hermes estava filmando. Ele conduziu as filmagens com um “ar” responsável, sério e quase não falava. Também, víamos que

outros alunos se aproximaram dele e questionavam sobre a filmadora. Então, percebíamos explicando aos colegas e mostrando as imagens capturadas. Em especial, três alunos aproximaram dele: Minerva, Helena e Ulisses. A primeira, a princípio pelo fato de não está participando da aula prática e aguçou a curiosidade dela. A segunda havia participado da aula e entre um intervalo e outro se aproximava de Hermes para ver as filmagens o mesmo aconteceu com o terceiro. [...] Antes de dispensarmos os alunos nos aproximamos de Helena, Minerva e Ulisses e perguntamos se eles poderiam nos ajudar também com o trabalho de filmar. Eles disseram de imediato que não sabiam filmar, mas, explicamos que este não era o problema, uma vez que ninguém ainda dominava os equipamentos e hoje o Hermes fez seu primeiro ensaio com a câmara. Então, eles aceitaram nos ajudar. Portanto, temos agora cinco alunos que paralelamente irão nos ajudar nas filmagens (Hermes, Athena, Minerva, Helena e Ulisses). (DC em 12/04/2012)



Foto: Hermes, primeiras filmagens.

Perguntamos ao Hermes como foi a experiência em lidar com a filmadora e ele soltou um sorriso. Entendemos perfeitamente aquele sorriso, pois, a princípio, ele estava apreensivo com o uso da filmadora, tendo em vista ser um aluno sério, fechado, falar pouco e demonstrar ter responsabilidade com as coisas, por isso, ficara com medo. Mas, imediatamente disse: “foi tranquilo”. (DC em 12/04/2012)

Este intervalo entre as primeiras formações, as primeiras adaptações às filmagens, os primeiros aprendizados e a formulação do Grupo parece um tanto distante e o é. Mas, foi compreensível, inevitável e também necessário devido ao período de greve dos professores da Rede Estadual de Ensino que durou quase 60 (sessenta dias) e, logo após o fim da greve o CEMB decretou férias aos professores de 15 (quinze dias). Portanto, estivemos ausentes quase três meses o que precisou ser readaptado nosso cronograma, estabelecer um novo contato com a turma, promover a discussão da e com mídia, re-observar os sujeitos que tinham o interesse com a temática, enfim: recomeçar.

O período de greve do Professores do Ensino do Estado de Sergipe foi de 16/04/2012 a 12/06/2012 e o período de férias 25/06 a 09/07/2012. Compreendemos a luta

dos trabalhadores por melhoria nas condições de trabalho e salariais. Além disso, estávamos na vida real da escola, sem cortes, com a realidade pura e crua. Neste sentido, foi necessário dá alguns passos atrás, retomar a discussão e o que estávamos construindo, rememorar o que havia sido construído até então, para seguirmos novamente do marco zero.

Após um longo período (58 dias) de greve dos Professores da Rede Estadual de Ensino, retornamos as atividades. Neste dia, em especial, encontramos a escola um pouco dispersa, ausência de alunos e professores, como também, para aqueles alunos que ali estavam não se apresentavam muito interessados nas atividades escolares, popularmente, “matando aula”. (DC em 14/06/2012)

Percebemos que estas rupturas que oscilavam entre começar um processo novo – com a inclusão da mídia nas aulas de Educação Física – e, logo depois, ser paralisado por um longo período, tinham um efeito imediato na quebra do ritmo do aprendizado, da parceria entre professores e alunos e da cumplicidade no processo de construção. Por isto, do período em que as aulas foram reiniciadas à formação do Grupo *Matrix* (foram três encontros, respectivamente em: 14/06, 21/06 e 12/07/2013), consistiu em retomar o processo de formação.

[...] Explicamos que eles foram filmados pelos colegas que estão aprendendo a lidar com os equipamentos e que serão voluntários para ensinar aos que quiserem aprender, portanto, aqueles que quiserem participar eram só ir se juntando. Reforçamos a ideia de que a intenção, neste momento, era de adaptação, de aprendizados com aqueles instrumentos e que ninguém ficasse com vergonha, pois, uns ajudariam aos demais alunos a manusearem os equipamentos e que, agora, partiríamos para realizar algo mais intencionalizado e estaria aberto para quem quisesse participar [...]. Neste início de processo, estávamos também exercitando a confiança mútua, ou seja, além de estabelecer laços de confiança entre alunos e professores, estabelecemos também confiança no que estamos construindo, com princípios éticos, respeitando os valores individuais, mas, também valorizando a importância do trabalho coletivo e sendo honesto uns com os outros. (DC em 14/06/2012)

Ainda pensando na ideia de apropriação dos meios, um aluno (Hermes) fez algumas filmagens. Estamos observando os alunos que têm interesse nas filmagens, bem como, observando a responsabilidade de alguns com o tema da mídia e com isso, convidando-os para manusear a máquina para que possamos constituir um grupo permanente com as atribuições de produção da mídia e também de repassar os aprendizados aos colegas. (DC em 12/07/2012)

Os encontros seguintes marcaram a dimensão perceptiva e adaptativa dos alunos em relação aos equipamentos em que apreendiam, experimentavam, tiravam suas dúvidas,

perguntavam o que filmar entre outros, mas, o principal objetivo nesta fase foi a adaptação aos equipamentos e principalmente, garantindo a constituição de um grupo que ia ganhando cara, personalidade, domínio dos meios técnico entre outras características, até que em 19 de julho de 2012 formalizamos – oficialmente – o Grupo *Matrix*.

Reunimo-nos com um grupo que desde início do ano letivo vem demonstrando interesse na interlocução com a mídia. Neste sentido, convidamos para fazer parte de um grupo em que eles seriam os protagonistas dessas interlocuções, dos aprendizados da mídia, ou seja, seriam os “multiplicadores”. Eles ficaram deslumbrados com a ideia e toparam de imediato, com isso, aproveitamos a discussão para elucidar mais o conceito de mídia. Explicamos da captura das imagens e como elas são editadas para mostrar somente o que interessa e que elas não são imagens aleatórias, são preparadas para um público e, portanto, traz um aspecto ideológico também. Explicamos que a ideia era que este grupo, após sua criação, pudesse se configurar numa célula que germinasse outras construções. Foi neste instante que perguntamos se eles assistiram ao filme *Matrix* (somente um havia assistido) e que a ideia, não como o filme, mas que se configurasse num lugar onde se gera, onde se cria pensando na interlocução com a mídia. Para surpresa nossa, eles ficaram fascinados com isto e pediram para ver o filme. Expomos que seria interessante dá um nome ao grupo. Foi quando um integrante (Hermes) disse: “Por que não fica *Matrix*?” Todos aceitaram de imediato e assim ficou constituído o grupo: **Athena, Helena, Ulisses, Hermes e Minerva**. Explicamos a eles que na próxima aula conversaríamos sobre o roteiro de imagens e qual o papel deles no processo e que, a princípio, eles seriam os multiplicadores. Desde o intervalo da aula até o final chamou-nos a atenção uma aluna que estava lendo um Romance, bem séria e com um tom responsável. Falamos do grupo que acabara de se formar e se ela não tinha interesse em participar a qual aceitou prontamente. Seu nome é **Calypso**. (DC em 19/07/2012)



Foto: Grupo *Matrix* sem Minerva. Da esquerda para direita: Calypso, Helena, Athena, Hermes e Ulisses. Apesar dos responsáveis legais assinarem termo de livre esclarecimento, preferimos criar pseudônimos. Em 26/07/2012.

Esta etapa da formação do Grupo (Hermes, Athena, Minerva, Helena, Ulisses e Calypso) foi significativa para as pretensões da pesquisa. Mesmo com os obstáculos que a realidade, viva, escolar nos proporcionou foi, a partir daí, que alguns conceitos, ações, reflexões, sobre nosso papel (professores e alunos) dentro da escola começaram a ter sentido, pois, fomos inserindo a discussão do papel da mídia, seu significado, sua força (poder) no cotidiano das pessoas e como ela está em toda parte. Além disso, principalmente, foi com a materialização do Grupo que ficou evidente que podemos também, construir e produzir nossos próprios conteúdos midiáticos. Para Fantin (2006, p.52):

Considerar as diversas dimensões da mídia-educação numa perspectiva integrada pode apontar na superação das contradições entre uma concepção mais instrumental (educar com as mídias) e outra mais conteudística (educar sobre as mídias), que, promovendo um uso crítico sobre as mensagens, favorece habilidades próprias de um indivíduo autônomo. [...] assumir uma perspectiva integrada capaz de pensar as mídias como recurso global para a educação, seja porque são interpretáveis e criticáveis, seja porque são utilizáveis como linguagens por meio das quais se articulam as próprias visões do mundo

5.3 Germinando a Formação: O Grupo *Matrix* entra em Cena!

Observamos no decorrer do processo que os membros do *Matrix* são alunos que possuem nível econômico baixo, ou melhor, 4,3 (médio-baixo)⁹⁷ como informado pela Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Os seis membros (Hermes, Athena, Minerva, Helena, Ulisses e Calypso) mais as três alunas (VanO, VanM e Jofá) em resposta ao questionário aplicado para avaliar o nível econômico possuem renda familiar entre um ou dois salários mínimos, tomando como base o valor de R\$ 678,00 (seiscentos e setenta e oito reais) e sem exceção, recebem incentivo do governo federal como o Bolsa Família⁹⁸. Estes alunos são filhos de agricultores que vivem a partir de uma agricultura de subsistência e seus excedentes produtivos são comercializados na feira livre da cidade. Assim, não se comprova

⁹⁷ O nível socioeconômico (NSE) sintetiza as características dos indivíduos em relação à sua renda, ocupação e escolaridade, permitindo fazer análises de classes de indivíduos semelhantes em relação a estas características. No QEdU, os indivíduos foram agrupados apenas por escola. O NSE é um valor numérico, inicialmente variando de -3 até 3. Posteriormente, para facilitar o entendimento, ele foi convertido para uma escala de 0 até 10 e em seguida, separado em sete níveis qualitativos: "Mais Baixo", "Baixo", "Médio-baixo", "Médio", "Médio Alto", "Alto", "Mais Alto". O NSE apresentado no portal sintetiza a relação entre a escolaridade, a ocupação e a renda das famílias. Disponível em: www.qedu.org.br. Acesso em 03.08.2013.

⁹⁸ É um programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. Integra o Plano Brasil Sem Miséria (BSM), que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a R\$ 70 mensais, e está baseada na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos.

uma renda superior a margem exigida que o impedisse a ser incluído no Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (Cadastro Único)⁹⁹.

Outro aspecto importante é que estes alunos, como exceção de Minerva, moram em povoados afastados do centro de Itabaiana e utilizam o transporte escolar gratuito para fazer o traslado casa-escola-casa. Isto implica diretamente na relação desses alunos no ambiente escolar. Pois, por diversas vezes, tivemos que encerrar o processo formativo por que os alunos tinham que pegar o ônibus para irem embora e, quando os motoristas pararam suas atividades devido ao atraso de seus salários, muitos alunos ficaram impossibilitados de vir para o Colégio.

A ameaça agora que paira neste ambiente é que os motoristas dos ônibus – os responsáveis por trazer os alunos dos povoados mais distantes – ameaçam parar suas atividades por que estão sem receber salário há três meses. [...] Tudo é motivo para que não aconteçam as aulas! Somente um pequeno grupo que nos questionava se haveria aula estava presente, mesmo assim já foram nos avisando que iriam embora mais cedo. (DC em 11/10/2012)

[...], mais uma vez o descaso fica aparente. Os alunos foram embora e muitos não vieram devido à paralisação de alguns motoristas responsáveis pelos ônibus que transportam os alunos dos povoados para o Colégio. Com isto, muitas aulas foram suspensas e por conta disso, eles não esperaram para planejarmos sobre o Jornal e outras questões do Grupo. Apenas dois integrantes do *Matrix* estavam presentes, mas, disseram que iriam embora, pois, todos da turma já haviam partido e não havia ônibus, portanto, precisariam sair mais cedo. (DC em 22/10/2012)

No entanto, estes percalços da vida real escolar não foram impeditivos para se constituir um grupo, para que se germinasse um pensamento formativo e autônomo. Com a criação do Grupo *Matrix* o processo de aprendizagem em mídia-educação desenvolveu-se com mais entusiasmo e principalmente, pelo trabalho coletivo que se configurou, desde o início, com cumplicidade no processo. Percebemos, quando estabelecemos relações formativas envolvendo a mídia, as TIC e principalmente com a imersão no campo de pesquisa, pelos pesquisadores, o processo se completa e flui em diversas possibilidades. A responsabilidade naquilo que se está produzindo em mídia-educação se materializa.

⁹⁹ É um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, entendidas como aquelas que têm: renda mensal de até meio salário mínimo por pessoa ou, renda mensal total de até três salários mínimos. O Cadastro Único permite conhecer a realidade socioeconômica dessas famílias, trazendo informações de todo o núcleo familiar, das características do domicílio, das formas de acesso a serviços públicos essenciais e, também, dados de cada um dos componentes da família. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>.

Adorno (2000, p. 80) - em seu debate com Hellmut Becker sobre os efeitos da televisão para as pessoas - faz uma crítica pertinente, à época, no sentido de expor o caráter ideológico que esta mídia traz, mas, sobretudo, ele deixou uma premissa importante (guardada as devidas diferenças temporais no que tange os meios de comunicação nos tempos atuais). Para ele “a formação a que nos referimos consistiria justamente em pensar problematicamente conceitos [...], possibilitando adquirir um juízo independente e autônomo a seu respeito”. Esta foi uma assertiva importante que materializou nossas ações no campo de pesquisa em que os alunos não só elaboravam suas críticas, como também, produziam o conhecimento a partir da crítica, ou seja, inserimos o conceito de emancipação a partir da própria realidade em sua/nossa prática educacional.

A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém ela seria igualmente questionável se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. Nestes termos, desde o início existe no conceito de educação para consciência e para a racionalidade uma ambigüidade. Talvez não seja possível superá-la no existente, mas certamente não podemos nos desviar dela. (ADORNO, 2000, p.143-144)

Neste sentido, a cumplicidade desses sujeitos e a imersão ao campo foram determinantes para que a aproximação entre sujeito/ensino e a pesquisa tornassem indissociáveis. Os conflitos que emergiram no contexto escolar, os obstáculos, as situações problemas, sem perder de vista nosso compromisso em resolvê-los, numa perspectiva dialética, foram problematizados em comum acordo entre todos, o que garantia a formação ética e moral dos envolvidos no processo e isto abriu as possibilidades de aprender a conhecer uns aos outros, nosso ambiente e o mundo. Como explica Freire (2011, p. 30), “O professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”.

Estas premissas marcaram o porquê de estar na escola cujo objetivo possibilitou a transformação dos sujeitos para o mundo. Foi aproximando-se, vindo de perto e podendo concretizar práticas educativas em mídia-educação que o sentido de autonomia, emancipação, esclarecimento entre outros, puderam ser percebidos.

As atividades do Grupo *Matrix* começaram, inicialmente, com o manuseio dos equipamentos. Como dois membros já estavam familiarizados com a tecnologia, pedimos que

eles exercessem a função de multiplicadores com os demais para que todos do grupo apreendessem seu uso. Esta foi uma etapa importante e fez com que os alunos se conhecessem mais, passassem a se olhar com mais afinidade e principalmente, fez unir o grupo em um só objetivo, a construção coletiva.

A experiência com os equipamentos, não como um domínio técnico, mas, sobretudo, para provocar o espanto, a mudança de olhar, de perspectiva em relação às coisas que nos rodeiam e ao mundo. Assim como nos alerta Oliveira (2004, p.12). “Experimentar o olhar e assim, quem sabe, dialetizar o que nos cerca, é um dos pressupostos de um processo educacional comprometido com uma formação cultural plural e emancipatória”.

Percebemos que alguns integrantes ficavam com receio de manusear as câmeras. Explicamos que a ideia era perder o medo dos equipamentos e que eles ficassem a vontade para manuseá-los. Assim, foram perdendo a inibição e começaram a brincar com a câmera (fotográfica e filmadora) registrando todos os passos. (DC em 26/07/2012)



Foto *Matrix*: Multiplicador ensinando a “mexer” na máquina em 26/07/2012



Foto *Matrix*: Primeira reunião – Primeira Roda de conversa em 26/07/2012



Foto *Matrix*: Primeira reunião – brincando com a máquina em 26/07/2012



Foto *Matrix*: Primeiras filmagens – Aula de Educação Física 26/07/2012.



Foto Hermes orientando Helena: Primeiras filmagens – Aula de Educação Física 26/07/2012.



Foto *Matrix*: Primeiras filmagens – Aula de Educação Física 26/07/2012.

Os encontros seguintes com o Grupo *Matrix*, esboçam o exercício da autonomia, do esclarecimento, da emancipação que coaduna com o processo de Formação o qual desejávamos. Nossa tese configura-se principalmente com esta aproximação, ou seja, que a Formação fosse um exercício permanente para a emancipação. Assim, das primeiras reuniões, nossas rodas de conversa, das primeiras filmagens, das primeiras fotografias, os sujeitos foram esclarecidos do seu papel ao mesmo tempo em que compartilhavam suas construções.

Assim, tivemos uma conversa aberta sobre a ideia da pesquisa a qual estávamos realizando e que eles seriam nossos aliados. Explicamos também que a ideia de pensar na mídia seria, principalmente, por dentro, construindo, um jornalzinho, blog, vídeo etc. Eles ficaram contentes com a ideia, sentimos o entusiasmo do grupo. Este foi um dia marcante, pois, os alunos sentiram-se autores e protagonistas do processo e isso deu um diferencial ao grupo [...]. Depois deste momento, abordamos sobre o

roteiro, bem como, da tomada de consciência sobre ele (o roteiro), pensamos então, em sua construção como uma forma de exercício para aquele dia. Eles sugeriram então, a aula de Educação Física e questionaram como seria a elaboração e o que pensar a partir do que foi explicado. Com isso, surgiu a seguinte ideia: Pegar a quadra vazia; depois os alunos entrando; a aula em si e por fim, depoimentos de professores. Ficamos contentes com a construção e assim, eles partiram para suas capturas. (DC em 26/07/2012)

Nossa compreensão foi que o processo de intervenção/pesquisa provocou mudanças não só na construção (midiática), mas, sobretudo, na melhoria das práticas educativas, uma vez que o espaço da pesquisa foi marcado pela liberdade, pelo estímulo para que alunos, pesquisadores, professores se aventurassem, por não autoritarismo, mas, sem perder a autoridade do professor, pois, esta foi construída pela cumplicidade do processo e pela *philia*¹⁰⁰ que construímos com respeito e seriedade entre as partes:

A autoridade coerentemente democrática, mais ainda, que reconhece a eticidade de nossa presença, a das mulheres e dos homens, no mundo, reconhece, também e necessariamente, que não vive eticidade sem liberdade e não se tem liberdade sem risco. O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. [...] Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade de que vá construindo [...] a sua autonomia. (FREIRE, 2011, p. 91)

Nossa sala de aula compunha as dimensões daqui, dali, de lá, de todo lugar, uma vez que às vezes estávamos na quadra, outros dias na sala de vídeo, na sala de aula, pelos corredores entre tantos outros lugares. Obviamente que somos conhecedores que o aprendizado não se limita às salas de aulas do modelo professor-quadro-giz, principalmente, nos tempos de hoje em que as TIC estão mapeando e mudando a geografia da escola no sentido em que as aulas ocorrem em diversos locais como praias, campos, florestas, ambientes multimídia etc. No entanto, isto foi significativo para que colocássemos o centro para fora do espaço de sala de aula, ou seja, o centro estava em todo lugar e, a partir dali – nas aulas de Educação Física – os alunos instrumentalizados na produção da mídia pudessem perceber e olhar para o resto do colégio, da cidade, do país, do mundo. Para Fantin (2012a, p. 299) “entender a sala de aula como uma possibilidade de encontro pedagógico, pois a aula não seria apenas um lugar, e sim um sistema de relações, uma comunidade de aprendizagem [...]”.

¹⁰⁰ Encontramos vários sentidos para a *Philia*, mas, a que nos move nesta pesquisa é o sentimento de amor e carinho em que os envolvidos – numa relação mútua – compartilharam durante o período de campo.

5.3.1 Autonomia, esclarecimento, responsabilidade em Mídia-educação!

[...] a educação/formação deveria dar condições ao homem de ser autônomo, sem deixar de submeter-se à realidade do mundo que o circunscreve; e, ao mesmo tempo, de submeter-se a esse mesmo mundo sem perder sua autonomia.

(PUCCI, 2010, p.44)



Foto: Grupo *Matrix* em Roda de conversa

Iniciamos este tópico com uma epígrafe em que professor Bruno Pucci faz referência ao sentido de Formação exposto por Theodor Adorno. Neste aspecto, partindo do entendimento de que precisamos dizer não ao conformismo, uma vez que a escola, a família, a sociedade findam reforçando este *status*, ou seja, estar conformado é estar adaptado à sociedade em que vivemos, é que discutiremos a partir de três categorias fundamentais em nossa pesquisa que foram: **Autonomia, Esclarecimento e Responsabilidade**.

A Autonomia parte da preocupação, na pesquisa, em instigar o inconformismo à adaptação que paira na sociedade atual e no âmbito escolar esta adaptação, principalmente, advindas dos segmentos midiáticos, parece ter efeito paralisante nas pessoas, como não se pudéssemos fazer nada contra uma opressão provocada pelos meios de massa. No entanto, para Pucci (2010, p. 44), “a verdadeira autonomia é sinal de inconformismo contra a

adaptação que quer ser incomensurável, administrada, mordaz. E a teoria crítica adorniana sempre afirmou sua inconformidade contra a manipulação, a opressão, o aprisionamento do indivíduo em seu frágil enfrentamento do todo”.

Nosso caminho, sem dúvida, foi marcado pelos pressupostos teóricos e praxiológicos de vários pensadores contemporâneos do século passado e atual, mas, sobretudo, na obra de Paulo Freire e Theodor Adorno, principalmente, no tocante aos princípios éticos que foram estabelecidos no campo de pesquisa com os alunos/sujeitos:

A ética de que falo é a que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe. É por esta ética inseparável da prática educativa, não importa se trabalhamos com crianças, jovens ou com adultos, que devemos lutar [...]. Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. (FREIRE, 2011, p. 18-19)

Portanto, a ética caminha e caminhou ao lado da Autonomia (que deve ser aprendida, conquistada, exercitada culturalmente) uma vez que esta é e foi uma conquista de todos no processo de formação, os jovens alunos, os professores, enfim, todos nós. Educar, ou melhor, formar é germinar, cultivar uma educação para liberdade a caminho da autonomia como condição necessária a vida humana. “Quando, porém, falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana”. (FREIRE, 2011, p. 19)

Além disso, meu encanto e motivação [...], ressalvados os entraves que encontramos diariamente em nossa prática pedagógica, são meus alunos. Eles são os verdadeiros protagonistas da minha caminhada com a mídia. Eu me surpreendo tanto com eles que olho para trás e percebo que meu esforço, estresse e dores de cabeça (literalmente) valeram a pena!. (PL em 08/05/2013)

Este desabafo da Professora de Literatura do CEMB expõe a implicação que devemos ter na formação dos jovens. Reconhecemos, necessariamente, que estimular a Autonomia e conseqüentemente, os alunos se reconhecerem em suas produções, possibilita processos formativos para esclarecimento. Talvez, este seja o maior prêmio dado a um professor, qual seja: O reconhecimento que foi parte importante na formação e na vida dos alunos.

Neste aspecto, em busca de nossa utopia, abordaremos estas categorias a partir de três dimensões produtivas em mídia que consubstanciaram a pesquisa: Produção de Vídeo,

edição e jornal impresso! Igualmente, ressaltamos que não descartaremos toda imersão ao campo de pesquisa e que inclui também as aulas de Educação Física e seus conflitos, bem como, a vida escolar e suas contradições.

SER – No número 4 do jornal vocês fizeram uma homenagem [...]. A maneira como vocês construíram foi bem interessante. O que motivou vocês fazerem esta homenagem?

Bom, eu gostei muito de como foi, assim, ensinado a gente a como lidar com as tecnologias, então, quando chegou no último jornal, agora, [...] vamos fazer uma homenagem [...], já que ensinou muitas coisas a gente, bem vamos fazer um número especial para ele. (CALYPSO, em 10/04/2013)

O que motivou foi por que estava terminando o ano e a gente aprendeu muita coisa com o Professor ai a gente decidiu retribuir o aprendizado que a gente teve com o senhor para passar palavras que às vezes a gente não poderia dizer assim, como no jornalzinho. (ULISSES, em 02/05/2013)

Porque ele nos trouxe o saber da mídia, trouxe-nos conhecimentos, ai nós sentimos no dever de fazer essa homenagem [...]. (HELENA, em 02/05/2013)

Por que foi quem idealizou o projeto que, até então, nunca ninguém tinha feito um trabalho assim. Era a forma de dizer que aprendemos [...], ficou marcado para nós. (MINERVA, em 15/05/2013)

Começamos pelo fim, ou melhor, com as entrevistas supracitadas em que aparece o reconhecimento do processo/aprendizado em mídia-educação. Este reconhecimento foi e é a inspiração que nos move no âmbito da formação. Mas, como se deu o processo de aprendizagem e autonomia? Após a formação do Grupo *Matrix* e também da apropriação dos meios, partimos para ações em que ficasse evidente a relação entre a Educação/Educação Física e a mídia. Estas ações começaram a marcar o Processo de Autonomia.

Primeiro, brincando com as tecnologias, como já fora exposto, aprendemos a lidar com a filmadora e máquina fotográfica. Depois, fomos para o nosso espaço – do Colégio – materializar o aprendizado. Com isto, abriu-se a perspectiva de se fomentar a discussão não só de mídia, como também a elaboração de um roteiro de filmagens e foi assim que alunos sentiram pela primeira vez que podiam ser autores desta construção.

Compreendemos para que haja uma transformação no olhar dos alunos acerca de um tema como a mídia, seja importante aguçar a curiosidade deles como, também, o professor esteja mais próximo dos alunos. Isto não significa dizer somente fisicamente, principalmente, em tempos de avanços das TIC na sociedade de modo geral e no âmbito escolar de modo

específico, mas, o tempo inteiro conectado com seus alunos o que se cria uma cumplicidade no processo de ensino-aprendizagem e, essencialmente, o processo seja para o esclarecimento.

O que nos move - e na pesquisa/intervenção - nos moveu é/foi a perspectiva de que os alunos aprendam a ser pessoas esclarecidas. Provocar a Autonomia significa também que eles não só encontre seu caminho no conhecimento, na formação, como também, estabeleçam ações colaborativas, cooperativas, participativas entre si – em grupo – e com os demais.

Abaixo seguem dois recortes do Diário de Campo em que evidenciam o processo de tomada de consciência pelos alunos do *Matrix*, sobre a apropriação e reflexão crítica em que envolve a mídia e que, a partir da roda de conversa na qual eram discutidos tudo que vivenciávamos, bem como, o que poderia ser criado, aparecem novos temas, novas possibilidades. Foi assim, diante da realidade deles, que pensaram em filmar o espaço físico do Colégio e também a construção de um jornal impresso. Este fato gerou uma tomada de consciência, a elaboração de estratégias para apreensão dos fatos (roteiro) e o compromisso em produzir mídia.

Na quadra o restante dos alunos já estava em suas atividades do jogar futebol, queimado e vôlei, com isso, o *Matrix* aproveitou e realizou a captura das imagens a partir da aula em movimento. Não deu tempo para que eles realizassem aquilo que haviam previsto no roteiro (quadra vazia, os alunos entrando, etc.), então, acordaram em continuar as filmagens a partir do próximo encontro. Nossa reflexão (professores) que este dia foi bastante proveitoso e dinâmico com o Grupo *Matrix* intensificando suas ações de forma autônoma e também, com o restante da turma em suas atividades. (DC em 26/07/2012)

Os alunos do grupo *Matrix* continuaram a elaboração do Roteiro de filmagens para aula de Educação Física e também vivenciando as máquinas. [...] a aula transitava com jogo de futebol e queimado e os alunos convidaram os professores (nós) para participar os quais aceitaram e paralelamente, os *Matrix's* iam registrando todos os passos. [...]. Neste dia também, conversamos da possibilidade de construir um jornal impresso. A ideia foi bem recebida e uma aluna (Athena) do Grupo achou interessante, pois, conhecia o jornal do Grêmio. (DC em 02/08/2012)

Estes foram os primeiros passos e se configurou no que Rivoltella (2012) denomina de tendências que vai ser mídia-educação no futuro, entre outras, é a quebra e ruptura que implicam na educação/formação dos produtores de mídia, não só receptores críticos (uma vez que é também é produtor).

Neste aspecto também, que nos colocamos entre aprendizes (professores e alunos) no processo tanto de aprendizagem do uso das TIC como, também, na construção da mídia, uma vez que esta construção foi coletiva e muito do que era sugerido vinha dos alunos,

portanto, o processo formativo se completava. Para Macedo (2011, p. 34), “A formação é do âmbito experiencial, ou seja, acontece na experiência do sujeito, um sujeito sempre constituído pelas suas relações e consigo mesmo”.

Rivoltella (2012, p. 26) traz dois aspectos importantes para que a mídia-educação deva atentar: O primeiro é a convergência da educação para cidadania. Segundo este autor “é muito difícil em nossa sociedade sermos cidadãos ativos sem nos valermos da mídia-educação”; O segundo aspecto refere-se a uma integração da mídia-educação nas outras educações. “Numa sociedade intercultural, a mídia-educação está perdendo ênfase: está perdendo ênfase, mas está ganhando importância.”

No tocante ao primeiro aspecto, parece-nos irrevogável tal assertiva, uma vez que o mundo hoje está repleto das interações midiáticas e tecnológica, o que não significa dizer que há um processo de produção consciente que esboça um grau maduro de formação. Pelo contrário, assistimos, dia a dia, a banalização da cultura e a partir das mídias, principalmente, a televisão e em escala semelhante à internet, o que ratifica a necessidade de uma formação que provoque a autonomia e o esclarecimento para romper com esta opressão. Como diz Adorno (2010, p. 9) “a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual¹⁰¹ [...]” e ainda:

Quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas – sejam elas do espírito ou da natureza, de transcendência ou de acomodação -, cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva. (Op.cit., p. 11)

Com relação ao segundo aspecto, percebemos que a relevância desta temática para a sociedade de um modo geral, incluindo aí crianças, jovens e adultos, é cada vez mais significativa. O trabalho em campo, conhecendo os bastidores da escola, seus problemas, a luta dos professores por uma educação de qualidade, a ausência de uma política educacional que insira de vez no âmbito escolar um projeto de mídia-educação, pois, a cada trabalho realizado, a cada leitura crítica em que os alunos realizavam sobre a sociedade, a cada produção responsável construída fica evidente que sua inserção na formação dos alunos é inquestionável.

¹⁰¹ Não desconsideramos as diferenças históricas – tempo - em que este autor aponta sua percepção para a sociedade, nem tampouco as condições materiais, os avanços tecnológicos da época entre outros, no entanto, a profundidade conceitual em que trata o tema transpassa o aspecto temporal e faz permanecer atualizado.

A minha visão é pedagógica por quê? [...] Eu integrava aos professores da escola para cada um desenvolver atividades com os alunos e para depois divulgar a produção do jornal, não tinha produção dos professores, então, era uma produção dos alunos, no máximo o editorial [...]. Foi bem interessante, pois quando eu fiz a especialização eu disse: “isto vai dá tanto trabalho”. Não é? Pois, você tem que dá aula, planejar, arrumar outro horário, orientar. Eu já trabalho com jornalzinho escolar desde 2001. Foi uma forma que encontrei de estimular os alunos a pesquisarem, lerem, escreverem e se sentirem autores. Ainda tenho a primeira edição com capa ilustrada por um aluno, que hoje se destaca no meio radiofônico e nas artes plásticas. Os alunos se sentiam valorizados vendo seus textos lidos por outros colegas, por professores e até familiares. (PL em 08/05/2013)

O PRIMEIRO TRABALHO (grifo nosso) do Grupo *Matrix* que foi concluído tratou-se da produção de um vídeo que se intitulado “O Espaço do CEMB”. Surgiu das primeiras experiências com os equipamentos e também pela a situação em que o Colégio se encontrava e algumas áreas internas – como os banheiros – precisavam de uma reforma urgente; o estado do Miltão – Ginásio de Esporte – que se encontrava abandonado; as salas de aula que precisavam de reparos urgentes entre outros. A princípio, o vídeo que iria sair primeiro era sobre as aulas de Educação Física, no entanto, como eles já possuíam várias imagens com relação ao espaço do Colégio, demos prioridade a este.

Ao ir para quadra, uma aluna questionou sobre os banheiros para trocar de roupas e disse: “era bom filmar os banheiros!” Esta ideia foi capturada por nós que dissemos: “Por que não?!” Foi aí que eles sugeriram filmar toda escola, principalmente, sobre do ginásio de Esportes – “os repórteres” - como alguns disseram - ficaram de elaborar um roteiro para próxima aula e entregar para que saíssem pelo espaço da escola. (DC em 02/08/2012)

Todos se dirigiram para quadra com exceção do Grupo “*Matrix*” que ficou na sala. Eles explicaram o Roteiro que elaboraram. Disseram que estavam sem ideias, mas, ficou bem interessante, conforme abaixo:

“O Espaço do CEMB” – **Roteiro:** Filmar a entrada do Colégio; Falar sobre o Murilo; Filmar as salas, corredores, professores, banheiros, biblioteca, sala de professores, sala de computação; refeitório; o Miltão; meios de entrada; cada um fala um pouco sobre o assunto; entrevistar a mulher da biblioteca, entrevistar o Presidente o Grêmio, entrevistar o Diretor (Eder); Terminar com o professor [...] dando entrevista sobre o que achou da filmagem. Conversamos sobre o roteiro de filmagem e outras ideias foram surgindo, como a questão do Miltão (o Ginásio de esporte do CEMB) que se encontra em ruínas. Após esta conversa os alunos do *Matrix* iriam filmar o Espaço CEMB. (DC em 09/08/2012)

No processo de conscientização, aprendizagem e formação em mídia-educação a criação do vídeo passou por três momentos importantes: Primeiro como enunciado anteriormente, com apropriação aos meios técnicos em que os alunos do Grupo *Matrix* aprenderam a brincar/manusear os equipamentos; Segundo, no processo de conscientização –

análise crítica – de sua realidade (O Colégio), no qual os alunos encontraram situações que causaram espanto como a questão dos banheiros que estavam sempre sujos, o Ginásio de esportes que estava em ruínas, salas de aula que precisavam de reformas entre outros; Terceiro, o processo de produção do vídeo que envolveu a edição, a decupagem e principalmente, por descobrir que era possível construir sua mídia. Mas, não só isso, o importante no processo foi que estas conquistas passaram pelo crivo da conscientização, da responsabilidade por criar algo, ou melhor, da reflexão crítica dos alunos. Macedo (2010) baseado no pensamento de Antônio Nóvoa, explica que experiência por si só não se constitui em Formação, pode ser uma mera repetição, no entanto, a reflexão sobre a experiência pode ser formadora.

Vejamos a seguir alguns recortes do Diário de Campo em que fica evidente a dinâmica do processo em mídia-educação na produção do vídeo:

Explicamos que precisamos terminar as filmagens para que comecemos a elaborar a edição dos filmes. Nesse momento, explicamos um pouco do significado da edição. Principalmente, que este momento é especial, pois, o olhar deles passa a vigorar, entra em destaque a ideia deles e por isto, toda parte editorial ficará por conta deles, ou seja, o que vai ser cortado, colocar efeitos, música, etc. (DC em 09/08/2012)

[...] voltamos a conversar sobre as filmagens, ou melhor, para que eles fechassem as filmagens de acordo com o roteiro. Com isto, saíram pelo Colégio filmando os pontos que ainda faltavam para captura das imagens e ao retornarem, conversamos com o *Matrix* para pensarmos na produção do vídeo sobre o espaço cemb. Percebemos que a conversa surtiu efeito, pois, eles cumpriram o roteiro na íntegra e ainda acrescentaram ao roteiro outros lugares a ser filmado. Explicamos que ficamos contentes da autonomia do Grupo e também da criatividade. (DC em 23/08/2012)

Fizemos, com o *Matrix*, uma revisão geral de tudo que tínhamos apreendido: equipamentos, roteiro, sobre mídia e seus interesses e também sobre a experiência de está lidando com este tema. Os alunos ficaram soltos, conversamos bem abertos, principalmente, que eles eram protagonistas desta história. Eles eram os autores, atores, produtores da mídia. Este foi um momento importante, pois, via-se o sorriso estampado no rosto deles, como se não tivessem acreditando naquilo. Sentiram-se importantes também, nesta construção. [...] Depois, conversamos sobre a decupagem. Explicamos o que era, como os filmes, novelas, propagandas, vídeo-clipes são preparados para passar somente aquilo que interessa, ou seja, há uma preparação das imagens. Este foi outro momento de tomada de consciência pelo grupo e ao falar do vídeo que estavam produzindo, precisariam também fazer estes cortes. Ou melhor, preparar a edição. Com isto posto, os alunos começaram a realizar a decupagem: Colocamos as imagens, até então capturadas, no computador e eles iam dizendo o que deveria ficar no vídeo e o que deveria sair. Incluímos também frases em que deveria ter um efeito e o título do filme. [...]. Após este momento que fora bastante enriquecedor, acordamos de revisar o filme editado para apresentação a turma. Para isto, marcamos uma segunda-feira (próxima depois deste encontro) uma vez que o último horário era vago. (DC em 30/08/2012)

Neste dia, somente três integrantes fizeram as observações e solicitaram: Por mais músicas; colocar o nome do vídeo (“O Espaço CEMB”); retirar algumas imagens e explicaram também que estavam faltando as entrevistas finais para fechar. Por fim, solicitamos que deveriam planejar a apresentação do vídeo, pois, seriam eles que fariam este papel. (DC em 12/09/2012)

Neste sentido, após um período em que evidenciou o processo formativo em mídia-educação destacando-se - segundo Rivoltella (2012) - as três dimensões da educação: COM a mídia, a exibição de filmes, vídeos, entre outros e, principalmente, o debate estabelecido com os alunos nas rodas de conversa para uma tomada de consciência; PARA a mídia, quando levantamos a crítica em relação à própria mídia, a crítica a nossa realidade escolar e finalmente, ATRAVÉS da mídia, em que os alunos produziram e criaram sua mídia, “diz respeito, sobretudo, à habilidade de produção na escola, onde a educação acontece por meio do trabalho que organizamos e propomos às crianças e jovens em sala de aula”. (RIVOLTELLA, 2012, p. 23). Estas dimensões estão num plano formativo em que cada uma compõe o todo. Não estão fragmentadas, mas, sim, em cada momento, a cada tomada de consciência a formação acontece. Acontece com a experiência do sujeito e suas relações com os outros e consigo mesmo. Não acontece num isolamento como diz o professor Roberto Sidney Macedo: “Ninguém aprende isolado numa bolha ou num tubo de ensaio [...]” (MACEDO, 2011, p. 118). Continua ele:

A formação se realiza num laboratório a céu aberto [...], as circunstâncias fazem parte do próprio ato de avaliar, porque a aprendizagem reflete essa realidade, por isso, as circunstâncias precisam ser conhecidas e interpretadas para compor a compreensão do fenômeno observado. (MACEDO, 2011, p. 118)

O dia da apresentação do vídeo que fora produzido pelo Grupo *Matrix* concretiza o primeiro momento de tomada de consciência em relação à mídia e as nossas possibilidades de construção. Estavam todos os integrantes do *Matrix* na Sala de Vídeo e à medida que o restante da turma ia chegando, percebíamos certo nervosismo por parte do Grupo. Isto implicava o compromisso e a responsabilidade em que foram conduzidos os processos e também, naquele momento, eram eles os protagonistas, os autores e atores da história.

Este foi um dia especial. Fomos para sala de vídeo, pois, iríamos apresentar à turma o filme produzido pelo *Matrix*. Colocamos todos os membros do *Matrix* à frente da sala e aguardamos o restante da turma chegar. Percebemos certa ansiedade e também vergonha do Grupo, pois, naquele instante, eles eram os protagonistas, eram os donos da aula e isso os deixou um pouco assustados. Antes da apresentação do vídeo, eles explicaram um pouco sobre a ideia do vídeo e como fora produzido, mas,

à medida que começavam a falar - o nervosismo, a timidez e também, por estarem diante de seus colegas de sala, - começaram a se calar esperando pelos questionamentos. Após a exibição do Vídeo que se intitulava “O Espaço CEMB”, abriu-se para questionamentos a serem feitos aos integrantes do *Matrix* pelo restante dos alunos presentes. Poucos se manifestaram em questionar. Mas, foi perceptível a admiração pela produção daquele grupo em especial que trouxe para sala uma criação em mídia. Alguns alunos disseram que eles eram “CDF”, mas, reiteramos que todos da sala foram importantes e que a ideia é que eles participem também. [...]. Pois, neste dia se complementava um ciclo de produção que até então estava fragmentado. Assim, compreendemos que mesmo com todos os percalços, obstáculos, problemas que a vida real escolar nos mostra foi possível estabelecer uma produção consciente da mídia, de estabelecer nexos entre a realidade escolar – a vida dos alunos – e uma produção consciente e responsável da mídia. (DC em 13/09/2012)

A tomada de consciência por parte do Grupo foi além da construção de um vídeo que foi passado para os demais alunos da turma, mas, foi, sobretudo, o modo (aqui expressivamente a dialética em debate) como se articulou um conhecimento empírico, o olhar para as contradições da realidade, enfim, a perspectiva de lutar contra o processo de alienação que paira em nossa sociedade, principalmente, quando lidamos com TIC e Formação no país em que o uso da televisão atinge uma massa de consumidores enorme e funciona como *Big sister* nos lares brasileiros. Por esta razão que lutamos para que a radicalização fosse uma característica determinante para uma construção autônoma. Com isto, queríamos dizer e agir para que o germe da regressão e da semiformação não proliferassem entre o Grupo. Como expressa Adorno (2000, p. 86) se referindo ao aspecto dominante e ideológico da televisão:

[...] o contrabando ideológico se realiza sem ser percebido, de modo que as pessoas absorvem a harmonização oferecida sem ao menos se dar conta do que lhes acontece. Talvez até mesmo acreditem estar se contrapondo de um modo realista. E justamente aqui é necessário resistir.

Neste sentido, esse momento em Grupo caracterizou a relação de *philia* entre o pesquisadores/professores, os sujeitos e campo de pesquisa. Foi assim que podemos sentir a dialética misturada entre nossos diálogos permanentes, nas análises (críticas), nas construções compartilhadas e sociabilizadas coletivamente. Colocamos e nos colocamos; Expusemos e nos expusemos; Implicamos e nos implicamos com os fatos no contexto sócio-histórico em Formação o que fez com que entendêssemos uns aos outros. Assim, acreditamos na implicação com o processo de formação e aprendizagem: “Implicar-me consiste sempre em reconhecer simultaneamente que eu implico o outro e sou implicado pelo outro na sua situação interativa”. (BARBIER, 2002, p.101)

“Educar exige querer bem aos educandos”. Ao recuperar esta frase escrita por Paulo Freire está em evidência que as implicações dentro do processo de educação para a Formação, em análise, exigiram também uma relação de amizade e de carinho entre si, “[...] ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la. [...]”. (FREIRE, 2011, p. 138)

Na pesquisa nos deparamos com várias situações com os alunos em que a principal ação por parte nossa (professores/pesquisadores) foi estabelecer um laço de carinho, de amizade, de confiança, mesmo que a força impiedosa da sociedade mesquinha e desigual em que vivemos tenha dito não:

Cada dia na escola é uma realidade particular. Temos que estar sempre preparados para lidar com situações diversas e adversas [...]. Os alunos chegam com mau humor, raiva, chorando, etc. Todas as vezes nos aproximamos e tentamos mediar a situação, mas, quase sempre eles não se abrem. Neste dia uma aluna (membro do *Matrix*), estava muito nervosa e abalada. Perguntamos se havia algum problema com ela. Ela respondeu em tom choroso: “É melhor deixar quieto!”. Insistimos que ela não deveria ficar assim, então, respondeu em tom bravo: “Isto porque não é seu namorado que está ameaçado de morte [...], ameaçado de invadir sua casa para matá-lo”. Ficamos abalados também com este fato, pois, até o momento, não havíamos passado por uma situação parecida. Mesmo assim, demos apoio, perguntamos a ela se não seria melhor conversar com outras pessoas, levar o caso as autoridades, mas ela preferiu que ficássemos em silêncio. Respeitamos a decisão dela, principalmente, porque na cidade de Itabaiana a violência é uma questão preocupante e dissemos que estaríamos a disposição caso ela precisasse. Fomos embora neste dia com um nó na garganta, com uma sensação de impotência. Ficamos atados sem poder fazer nada. Principalmente, por que era uma integrante do *Matrix*, que vem se dedicando bastante ao Grupo, que está sendo solidária em vários aspectos ao Grupo e agora, não pudemos fazer nada, só o carinho, o apoio. (DC em 21/11/2012)

Formar os alunos imbricados numa postura ética, imbricado na valorização do outro, imbricados em lutar por um mundo melhor é também estabelecer um projeto de implicação para que *Auschwitz* nunca mais se repita como disse (ADORNO, 2000).

A irracionalidade racional da modernidade planejou e aniquilou milhares de pessoas como aconteceu na Segunda Guerra Mundial, mas, guardadas suas temporalidades, não diferencia do holocausto diário que vivemos em nossos dias. Nem o grande boom das criações tecnológicas atuais que fazem de um segundo as dimensões de espaço e tempo parecerem pequenas e bem próximas; Nem os avanços das ciências para as curas de doenças, que faz prolongar a vida; Nem a conquista espacial e a descoberta de outros mundos nada disso impedem e impediram de assistirmos a barbárie humana cotidiana.

Relatamos o fato da aluna ao Coordenador do CEMB o qual foi atencioso e se disponibilizou a nos ajudar no que fosse preciso. Ele explicou também, que já pensou em elaborar Projetos junto ao Governo Federal para se aproximar mais desses alunos, pois, principalmente, dentro da escola onde, diariamente, lida com a violência, uso de drogas, racismo, a questão do *Bullying* entre outros.

A fala do Coordenador do CEMB nos fez realizar uma busca nesses projetos e descobrimos que existem muitos com “muita boa intenção”. Nosso entendimento é que exercitar cotidianamente os valores éticos, estabelecer princípios democráticos de justiça, democracia, de exercício pleno de cidadania é uma questão central na Formação e que não pode ficar fora da realidade escolar. Não basta criar Programas, deixar no sentido voluntariado - como é o caso do Programa Ética e Cidadania do Governo Federal – em que ressalta:

Importante desse processo é o papel ativo dos sujeitos da aprendizagem, estudantes e docentes, que interpretam e conferem sentido aos conteúdos com que convivem na escola, a partir de seus valores previamente construídos e de seus sentimentos e emoções [...]. Aprender a ser cidadão e cidadã é, entre outras coisas, aprender a agir com respeito, solidariedade, responsabilidade, justiça, não violência; aprender a usar o diálogo nas mais diferentes situações e comprometer-se com o que acontece na vida da comunidade e do país. Esses valores e essas atitudes precisam ser aprendidos e desenvolvidos pelos estudantes e, portanto, podem e devem ser ensinados na escola. (BRASIL, 2007, p.4)

No entanto, percebemos que estes programas aparecem com a mais bela das intenções, recheados de compromissos éticos, de compaixão, de apelo à cidadania, entre outros, mas, que na verdade, passam despercebidos pela escola. Poucos conhecem, pois, não há uma aproximação entre as intenções dos programas e a realidade escolar e, talvez, problemas como este que relatamos, pudessem ser trabalhos de forma plena com um grupo de profissionais especializados e compromissados a superar as contradições e conflitos da realidade escolar e principalmente, do universo dos alunos.

Mais uma vez conversamos com uma aluna do Grupo *Matrix* – Helena - sobre como ela estava se sentindo em relação ao problema com o namorado. Ela nos informou que estava tudo bem. Ficamos mais tranquilos e refletimos como um pequeno gesto, somente de atenção e carinho já mudou o olhar dessa aluna para conosco. Ela é uma pessoa fechada, de poucas palavras e com “cara de poucos amigos”, mas, bastou um pouco de atenção, de se preocupar com o problema dela, mesmo sem poder resolver, para aproximar-nos mais ainda. Ficamos contentes tanto pelo problema dela ter passado e também por ficar mais forte e cúmplice nossa amizade. (DC em 22/11/2012)

Talvez, estejamos num momento de resgatar o projeto da modernidade – antes mesmo de elucubração para um pós-modernismo – pois, não superamos várias questões, mas, precisamente, pelo seu projeto não cumprido de felicidade, justiça e igualdade e a razão parece-nos que foi seu grande algoz. “O que nos propuséramos era, de fato, nada menos do que descobrir por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”. (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 11)

No ambiente escolar – campo de pesquisa – é repleta de situações como esta e centenas de outras, como já enunciado aqui neste trabalho, mas, ao mesmo tempo, em que nos deparamos com situações-problemas nós vamos, na medida do possível, criando estratégias de superação o que nos fortalece no conceito e na prática pedagógica, especificamente, teoria e prática passam a ter sentido na Formação. Foi nesta perspectiva que passamos a ver a 8ª Série “A” - 9º ano - do CEMB, sem desconsiderar todo o contexto do Colégio, como um espaço de transformação, de construção e superação aos ditames que a sociedade nos impõe, principalmente, em nossa experiência, os advindos da mídia (televisão, rádio, jornal e internet).

[...] entendemos ter as ações da formação uma função historicamente situada de transformação da sociedade; neste sentido, formadores e formandos deveriam ser preparados e considerados capazes de intervir no mundo, inflexionar a realidade e construir possibilidades, entre nós, de uma re-invenção da cidadania via experiências qualificadas de formação. (MACEDO, 2010, p. 37)

O SEGUNDO TRABALHO (grifo nosso), concretizado pelo Grupo *Matrix* foi a construção de um jornal impresso. Este materializou, mais precisamente, nossas discussões acerca dos conceitos em mídia-educação, autonomia, esclarecimento (que aparece também em forma de responsabilidade) e Formação.

A ideia de construir um jornal perpassava nossos encontros. Surgiu na Rodas de Conversas, nas tarefas dos alunos da sala, na produção do vídeo enfim, no nosso convívio no campo de pesquisa. Assim, fomos amadurecendo este pensamento e este amadurecimento foi importante para que o Grupo *Matrix* se sentisse responsável por esta construção ou por aquilo que iriam construir. Seguem abaixo alguns recortes do Diário de Campo (Apêndice I) que retratam os passos desta construção/criação do jornal. Está numa sequência cronológica para

ratificar que estávamos sempre fomentando essas ações e reflexões em relação à mídia, em relação a uma produção responsável e consciente:

Neste dia também, conversamos da possibilidade de construir um jornal impresso. A ideia foi bem recebida e uma aluna (Athena) do Grupo achou interessante, pois, conhecia o jornal do Grêmio. (DC em 02/08/2012)

Aproveitamos a roda de conversa para falar de nosso Jornal – que será elaborado – e que hoje a tarefa a ser passada ao restante da turma servirá de matéria para compor o jornal. Athena sugeriu pegarmos o jornalzinho do Grêmio do CEMB para ter uma ideia como seria o nosso. Acharmos interessante e importante a iniciativa da aluna o que já estabelece a autonomia por parte do grupo [...]. Expusemos para todos que esta atividade iria compor um jornalzinho que o grupo (*Matrix*) irá confeccionar. O Grupo também ficou esclarecido que sua participação nesta atividade era de editoração, então, eles não precisavam trazer uma vez que ficarão com a responsabilidade de organizar todo material. (DC em 09/08/2012)

Neste dia, verificamos a possibilidade de nos reunir no sábado ou na quarta pela manhã para observarmos as imagens e elaborar o jornalzinho. (DC em 16/08/2012)

Lembramos sobre a ideia do Jornal impresso que ainda não se constituiu e que eles estão com as matérias dos demais Grupos, portanto, é preciso ter cuidado para não perdê-las. A responsável por organizar esta etapa está sendo Calypso, mas, alertamos que todo o *Matrix* fica responsável pela construção que vai desde a transcrição, redação, organização até o cuidado com o trabalho dos outros grupos. (DC em 23/08/2012)

Reiteramos também com o *Matrix* sobre o jornal, pois, ainda não foi elaborado o primeiro número e que isto era para ser construído por eles [...]. Finalizamos com uma conversa sobre os trabalhos a serem entregues os quais fariam parte do jornal que o Grupo *Matrix* estava construindo. (DC em 30/08/2012)

Neste dia também, reforçamos a ideia da elaboração do Jornal. Uma integrante do *Matrix* deu a ideia de reunirmos nas segundas no último horário, já que não havia aula, pois, somente a quinta-feira estava com o tempo ficando muito curto. Esta ideia foi compartilhada por todos. E sentimos o Grupo *Matrix* mais focado no trabalho deles. (DC em 13/09/2012)

Finalizando o encontro, reunimos com o Grupo *Matrix* e discutimos sobre o jornal e também, como poderíamos resolver a questão do tempo uma vez que este tem sido o problema maior para que eles se reúnam constituindo-se no empecilho maior para que se cumpram as metas estabelecidas pelo Grupo. Neste sentido, aproveitamos a ideia de Calypso, que sugeriu nos reunirmos na segunda-feira, no último horário, uma vez que é vago. Todos concordaram com a sugestão e se prontificaram a fechar o vídeo e dá início a construção do primeiro jornal (DC em 27/09/2012).

Estes recortes esboçam a trama em articular uma construção diferenciada. Não se tratou de simplesmente criar um jornal e, talvez, isto fosse bem mais simples, mas, sobretudo, de criar consciente do que se estava fazendo. Além deste aspecto, eles (*Matrix*) também passaram por um processo de cumplicidade, de responsabilidade na construção. Este foi um

diferencial no trabalho em grupo, pois, começaram a pensar coletivamente e cada um com sua responsabilidade o que manteve o Grupo coeso e também unido.

Para Paulo Freire está claro que as contradições que a vida material, numa sociedade desigual, condiciona os alunos a compreensão deles acerca do mundo, bem como, sua capacidade aprender, de superar os desafios. Com isto, fomos provocados a seguir neste caminho: “Com relação a meus alunos, diminuo a distância que me separa de suas condições negativas de vida na medida em que os ajudo a aprender não importa que saber, [...] com vistas à mudança do mundo, à superação das estruturas injustas, jamais com vistas a sua imobilização”. (FREIRE, 2011, p. 135)

Temos clareza que as condições objetivas do CEMB (aqui vale para a educação no Brasil) no tocante a uma mídia-educação ainda está longe de ser um ambiente para emancipação, no entanto, isto não impediu que caminhássemos nesta direção, pois, assim como explica Freire (2011, p. 141) “se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar”. Assim, propomos uma Formação crítica que se materializou na prática, no dia a dia, no fazer pedagógico. A tentativa de uma educação para emancipação esbarra, obviamente, nas condições materiais e aqui, nesta experiência não significou um projeto idealista e sim, pensando na transformação das práticas pedagógicas e principalmente, dos sujeitos.

O processo de construção do jornal¹⁰² foi lento, mas, sobretudo, evidenciou-se a partir de uma tomada de consciência, colocando a necessidade de construção para o Grupo e não impondo uma vontade, pois, o Grupo estava livre para não fazer também. Assim, estávamos concretizando outro momento em Formação na vida desses alunos que, ao divulgar suas informações, seus conteúdos, através do jornal em criação, também estavam expondo sua criatividade - seu (s) potencial criativo - estabelecendo uma crítica, exercitando a cidadania. Além deste aspecto, estes alunos aprofundaram o conhecimento sobre determinado tema, sobre sua realidade escolar, de sua cidade, de seu país o que implicou uma luta direta contra os germes da regressão, da alienação e da semiformação conforme expunha ADORNO (1985; 1996; 2000; 2000a; 2010).

Este foi um aspecto importante no processo pedagógico em mídia-educação, pois, - ao proporcionar a relação direta entre analisar a mídia, utilizar, e produzir conhecimento sobre - os alunos passaram a compreender melhor temas ligados a conteúdos específicos - como a Educação Física - e temas de conhecimentos gerais que acontecem no mundo, o que enriqueceu não só nossa prática pedagógica, como também, a dos alunos, enfim, todos foram

¹⁰² No Anexo IV desta pesquisa encontram-se os jornais referentes aos números de 01 a 05.

sujeitos de Formação. Portanto, no dia 01 de outubro de 2012 materializamos o projeto do jornal impresso:

Neste dia todos do *Matrix* estavam presentes (Joflá, Calypso, Helena, Athena, Minerva, Ulisses e Hermes). Encontramos um lugar improvisado na entrada da Secretaria do CEMB. Foi bom por que ficamos bem próximos um do outro em pequeno círculo. Os *Matrix's* expuseram suas dúvidas e o Ulisses deu a ideia de fazermos um modelo do jornal em papel e lápis (boneca). Ficamos satisfeitos com a ideia do aluno e dissemos que deveria ser por ai mesmo, que o primeiro passo era rascunhar para as ideias irem germinando. Para o nome do jornal surgiram três opções: “*Matrix*”, “O Espaço CEMB” e “Educação Física e Renascença” e foi eleito o *Matrix*. Depois, surgiu a estrutura do Jornal que foi: Cabeçalho com o nome, número, mês, etc; “Histórico” do Jornal; “Corpo editorial” – “Quem somos”; “Reflexão”; “Seções Diversos”. (DC em 01/10/2012)

Esta ação em formalizar o jornal passou pelo processo de que “ensinar exige saber escutar”. (FREIRE, 2011, p. 110) e que, para a pesquisa, este aspecto foi fundamental para uma tomada de decisão. O escutar aqui também representa o tempo de maturação, de conscientização daquilo que eles estavam fazendo. Neste aspecto, depois da mostra do vídeo produzido pelo *Matrix* - “O Espaço CEMB” - parece-nos que o encanto começou a ser desvendado. O mito passou a ser aliado na construção e alunos se sentiram não só responsáveis pela construção, como também importantes no processo. Agora eles estavam falando sobre mídia e escrevendo ao materializar o jornal.

Retomando ao pensamento crítico de Adorno e Horkheimer (1985) no qual explicam que a modernidade não cumpriu a promessa de tornar a humanidade mais esclarecida, pois, para eles: “o programa do esclarecimento era o desencantamento do mundo. Sua meta era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber”. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p. 19). Aqui, nesta construção evidenciada na pesquisa de campo, juntamente com seus/nossos pares – professores, alunos – está o cerne do casamento feliz do conhecimento humano com a natureza das coisas, como dizem os autores supracitados.

Ao construir o Jornal, eles explicavam cada seção, o que cada uma deveria conter. Explicavam com autonomia, explicavam sabendo o que queria ver contido naquela construção, assim, eles formalizaram a estrutura do Jornal:

[...] Com isto, no Histórico deveria ter um resumo do que era o Jornal e como ele nasceu; No Corpo Editorial eles propuseram que deveria ser todo o Grupo. Calypso explicou que era necessário que todos ajudassem na construção do Jornal, por isso, a proposta era que ninguém ficasse sem ajudar; na Seção Quem Somos o Grupo propôs que ficasse apenas no primeiro número e que nos outros não haveria necessidade de repetir; Na Seção Reflexão os membros do *Matrix* disseram que deveria está as notícias, reportagens, as matérias dos outros grupos etc.

Compreendemos então que esta seção seria o eixo central do jornal, a parte principal e por fim, Seções Diversos contemplaria tudo a mais que as outras seções não fizeram como notícias nacionais, internacionais, sobre o esporte em Itabaiana, no Brasil, no Mundo. De posse do modelo que estava sendo elaborado de lápis e papel, Ulisses fez uma revisão geral e todos concordaram com as propostas. (DC em 01/10/2012)

Destacamos ainda neste dia, dois momentos importantes para uma tomada de decisão consciente. Como também, a estratégia elaborada pelo próprio Grupo *Matrix* em pensar coletivamente. Foi a partir destes momentos, aqui expresso no DC, que percebemos ficar evidente e aflorar o amadurecimento do Grupo. Eles não só produziram como também, reorganizaram as atividades, planejaram e cobraram a participação de todos. A responsabilidade não estava só no fazer, mas, o compromisso com os demais em ajudar uns aos outros. Por fim, a reflexão final do dia em que fica evidente que trabalhar em grupo, compromissado, com responsabilidade enaltece a formação e, mesmo sendo uma atividade que foi cansativa, consolida o exercício da autonomia.

Por acaso, o Diretor da escola passou no momento de nossa reunião e foi oportuno, pois, os alunos agendaram como ele, para o dia seguinte, uma entrevista o que fecharia o vídeo sobre o espaço CEMB. A entrevista também iria fazer parte do Jornalzinho. Aproveitamos o momento para alertar ao Grupo que seria importante elaborar um roteiro com questões para a entrevista com o Diretor do CEMB. Um dos membros do *Matrix*, Ulisses, indagou se não era interessante fazer logo o roteiro já que estavam todos reunidos. Todos concordaram e elaboraram o seguinte roteiro para a entrevista: 1. O que acha do CEMB no tocante ao desenvolvimento dos alunos?; 2. O que o CEMB está precisando?; 3. A reforma quando vai sair?; 4. A importância do CEMB para o contexto de Itabaiana, principalmente no tocante ao espaço?; 5. Sobre o Miltão: os motivos de está assim, O que aconteceu; O medo?. Por fim, Calypso sugeriu que cada um ficasse com uma pergunta para fazê-la, pois, assim, todos ajudariam e não ficaria a cargo de um só para entrevistar. Todos concordaram com a ideia e explicamos que, independente dessa estratégia, todos deveriam saber o roteiro na íntegra. Ainda, que poderiam, a depender do momento da entrevista, fazer outras questões para além do roteiro. (DC em 01/10/2012)

Este momento foi cansativo e gerou debate, opiniões diferentes, propostas entre outros e, às vezes, o grupo ficava impaciente, mas, explicávamos que a construção deveria ser assim mesmo e quando estamos diante de outras pessoas, com opiniões diferentes, devemos respeitá-las e principalmente, ouvir os colegas. Explicamos, no entanto, que depois que é formalizado a construção ela se torna forte e duradoura, pois, será fruto de um coletivo, consciente do que está fazendo. Dissemos então, que agora era digitar tudo que foi “rabiscado” e incluir as matérias [...]. Calypso se comprometeu e ficou responsável por digitá-lo e passar depois para uma avaliação do Grupo. [...] No final da reunião reiteramos a importância de se trabalhar em grupo e um ajudar o outro e vice-versa e como foi criativo e produtivo dia hoje, principalmente, quando os alunos pensam juntos e as ideias são respeitadas por todos. O encontro fluiu bastante. (DC em 01/10/2012)

Estes momentos citados trazem reflexões importantes e coaduna com a perspectiva da Tese em que a luta para superar o processo de alienação e a semiformação, que paira sobre a sociedade, é prioridade em qualquer espaço formativo. Estamos diante de um momento na sociedade atual em que são criados - inventados, no aspecto da TIC - milhares de produtos que enaltecem a capacidade criadora do ser humano assim, como aconteceu com a imprensa; o canhão; a bússola, entre outras invenções que ratificam o saber (poder) do homem como explicam (ADORNO e HORKHEIMER, 1985). No entanto, questionamos até que ponto estas invenções (como fora no passado e hoje com as TIC) têm levado o ser humano ao esclarecimento? Será que não estamos ainda num período em que a razão instrumental – estimulada pela Indústria Cultural a produzir para as massas em que o novo, em constante movimento, torna-se velho imediatamente já em seu nascimento – não atua no sentido de uma regressão do homem? Ou mesmo, a Indústria Cultural mostra a regressão do esclarecimento à ideologia, aqui entendida como consumo.

Belloni (2012) pensando na inclusão (acesso) de todos e todas às tecnologias, traz questionamentos e reflexões importantes que coaduna com esta etapa de campo em que a mídia-educação esteve presente. Para ela a escola precisa estar mais sintonizada com o seu tempo na função formativa nas novas gerações, com isto propõe: “Levar para dentro da sala de aula as mídia e suas mensagens; considerá-las como fatores de integração escolar e curricular; provocar interação entre disciplinas e metodologias, entre alunos e professores; estimular a motivação e o interesse dos alunos; desafiar os professores a se apropriarem dessas novas ferramentas”. (BELLONI, 2012, p. 53)

Observamos que nem mesmo com o *boom* do crescimento em disparada dos meios tecnológicos – aqui, principalmente, no que se refere às TIC – tem demonstrado que o ser humano tenha conseguido alcançar um grau de esclarecimento necessário a sua formação. Nem mesmo as comunicações (via satélite), os sistemas computacionais e a perspectiva de que agora estamos saindo do analfabetismo digital, têm demonstrado que alcançamos um grau de maturidade para lidar com este avanço.

Por isto, estamos convictos de que a aproximação com estes sujeitos provocou uma mudança/transformação importante para o esclarecimento. Estamos nos referindo a uma construção simples – mídia-educação – nas aulas de Educação Física numa escola pública do interior de um Estado da Região Nordeste do Brasil, mas, que aponta para uma auto-reflexão crítica em que os sujeitos envolvidos nesta construção passaram a olhar para seu entorno de modo diferenciado, passaram a produzir conhecimento com seus instrumentos tecnológicos subvertendo a adaptação, uma vez que eles constituem, na perspectiva da sociedade atual, em

uma nova geração que vivem grudados com estes aparelhos, mas, a nosso ver, não são instrumentalizados para uma produção consciente e esclarecida em mídia.

Portanto, só reitera a perspectiva de que é preciso nós (eu, você, todos) estarmos atentos a essas configurações no campo social e cultural que envolve as TIC sob a pena de cairmos na dominação alienante e ideológica que cerceia a sociedade em que vivemos, pois, nesta pesquisa, só foi possível o encontro com o esclarecimento quando nos aproximamos, quando estabelecemos laços de cumplicidade para a nossa construção, ou seja, quebramos a lógica e o modo de caminhar aos quais os alunos estavam acostumados (adaptados).

Estamos convictos – professores – que a aproximação com os sujeitos e ao campo, com imersão mais ampla e para além do horário das aulas, foi necessário. Numa tarde como esta, resolvemos pendências que se arrastavam por um longo tempo. Óbvio que há autonomia para que os alunos elaborem e realizem suas atividades, [...]. (DC em 01/10/2012)

Estávamos imbuídos de levar à reflexão crítica entre o Grupo, por esta razão, a Roda de Conversa era um momento especial e importante, pois, ouvíamos uns aos outros e refletíamos sobre o que cada um expunha. Seja na edição das imagens para o vídeo, ou mesmo, para a escrita do jornal, discutíamos o sentido de cada matéria, a importância dela, como agrupá-las na estética do jornal, que fotos colocaríamos, ou seja, o processo de conscientização ficava em evidência.

Às vezes, as matérias pareciam simples e singelas e, evidentemente, eram, no entanto, havia por trás do aparente um processo formativo que não era visto aos demais, um processo formativo que ia ao encontro da *Bildung* (ADORNO, 1996; 2010), um processo formativo que tentava - como princípio - romper com elementos regressivos que levam o ser humano à barbárie em nossa sociedade.



Foto: *Matrix* Organizando o Jornal. Acervo: *Matrix*

Uma das estratégias adotadas para que todos os alunos – além do *Matrix* – participassem da construção do jornal, foi distribuir tarefas de pesquisas e o resultado desta, passava a ser uma matéria que iria compor o *corpus* do Jornal. Neste aspecto, o *Matrix* ficava responsável pela parte editorial, recebia as demais matérias dos outros grupos, fazia a revisão do texto, digitava e após, estas etapas saía o primeiro esboço para nossas revisões gerais. Era o chamado pente fino em que íamos ajustando o conteúdo à estrutura do Jornal.

Nos reunimos com o Grupo *Matrix*, na sala e no horário do intervalo e estavam presentes: Calypso, Helena, Athena, Hermes e Ulisses. Estrategicamente, cada um estava com uma cópia do Jornal N° 2, na qual traziam os ajustes, observações e sugestões. Com isto, realizamos a primeira leitura coletiva e cada um ia incluindo sua sugestão. Neste momento, parávamos e refletíamos sobre a sugestão do colega e o que era consenso permanecia no jornal. (DC em 24/10/2012)

Este aspecto coaduna com o processo de Formação do Grupo *Matrix*, era o nosso tecer filosófico. Ou seja, a construção do Jornal não se dava em caráter imediatista. Havia um tempo de apropriação da temática, depois um tempo de recebimento das matérias, resultando a primeira versão que era lida, debatida (reflexão crítica) e voltava a ser escrita, saindo assim, uma nova versão, até que todos os pontos questionáveis tivessem sido superados.

Reiteramos que aqueles que tiveram notas baixas ou não entregaram trabalhos, poderiam fazê-lo e entregar para o grupo *Matrix*, pois, eles estão organizando um jornal da turma e o trabalho serviria de matéria para o jornal. Com isto posto, alguns

alunos vieram tirar dúvidas sobre o trabalho, uma vez que queriam recuperar a nota. Isto foi importante, pois, serviu de subsídio para o Jornal [...]. (DC em 27/09/2012)



Foto: Grupos elaborando suas matérias para o Jornal. Acervo: *Matrix*.

No primeiro número do Jornal, esta atividade referente à pesquisa elaborada pelos demais grupos, valia pontos na avaliação, mas, depois, no decorrer do ano letivo ficou sendo voluntário, ou seja, ficava facultado aos alunos que quisessem participar. Mesmo assim, alguns grupos continuaram a colaborar na composição do corpo de matérias das edições seguintes (Anexo IV). Vale destacar a matéria produzida por um grupo cuja temática envolvia as trilhas ecológicas, esportes de aventuras, entre outros:

Para **Josefa de Fátima, Vanessa Menezes e Vanessa Oliveira** as Trilhas Ecológicas permitem aos apreciadores do exercício caminhar em harmonia com a natureza. Empregada como atividade de lazer também pode ser educativa. Além disso, promove a desintoxicação orgânica; melhoria do condicionamento físico; revitalização e bem estar; reequilíbrio entre corpo e mente; [...] existe o conceito de trilha ecológica interpretativa, utilizada como ferramenta pedagógica ao ar livre, através da comunicação visual, eixos temáticos e estruturas interativas, capazes de avisar a curiosidade, suscitar questionamentos, provocar reflexões e despertar novos conhecimentos. A escolha de um tema para trilha direciona a forma de interação com o ambiente [...]. Aqui, no Colégio Murilo Braga, poderia estar pensando em montar trilhas, excursões, envolvendo as disciplinas e os professores para termos mais contato com a natureza, as plantas, a biologia. Com isso, poderíamos ver a biodiversidade e ter mais contato com a natureza. (JORNAL O *MATRIX*, nº 3, dezembro 2012, p.7)

Este aspecto foi importante, pois, consolida o sentido da gestação de uma *Matrix*, ao mesmo tempo em que a cumplicidade, a *philia*, o compromisso, passam a fazer parte de nossa história enquanto pesquisadores, professores, alunos, enfim, todos que compartilharam com uma construção responsável e consciente. Estas ações – no universo da práxis – apontam para um processo de Formação (*Bildung*) em confronto direto (e também para romper) com o germe da semiformação cultural. Aqui vale rememorar o pensamento do Professor Giovani Pires em que aponta não só uma crítica contundente - fruto de sua pesquisa de doutoramento - mas, sobretudo, a perspectiva em ver uma sociedade melhor, o que foi determinante para nossa estada no campo de pesquisa.

[...] superar a educação danificada pelo travamento de sua dimensão crítica, reflexiva e dialógica é a única razão pela qual ainda se pode falar eticamente em projetos pedagógicos. Abrir mão deste compromisso significa compactuar, pela omissão e silêncio, com o processo de instrumentalização da razão e de reificação do humano, [...], recuperar a utopia educacional do projeto de modernidade – e trabalhar no sentido de viabilizá-la – pode representar a decisiva diferença entre formação imediatista, limitada à instrumentalização de competências técnico-funcionais para o acesso submisso ao mercado, e uma outra, que se projeta para além da estrita instrucionalidade escolar (igualmente necessária), transcendendo sua reflexão na direção da cidadania emancipada, como possibilidade de reconstrução social, a partir dos ideais de progresso, igualdade e justiça para todos. (PIRES, 2002, p. 307)

O TERCEIRO TRABALHO (grifo nosso) produzido pelo Grupo *Matrix*, constituiu-se em outro vídeo que se intitulava “As aulas de Educação Física” (já enunciado advindo do recorte do dia 26/07/2012 do Diário de Campo), em que abordavam o seguinte roteiro: **Pegar a quadra vazia; depois os alunos entrando; a aula em si e por fim, depoimentos de professores** (grifo nosso). Numa ordem cronológica, este seria o primeiro trabalho do Grupo, no entanto, como abordava as aulas de Educação Física, os alunos foram gradativamente fazendo a captura das imagens, à medida que também iam aprendendo a mexer nos equipamentos e estabelecendo uma troca de conhecimentos entre si.

Percebemos que o “*Matrix*” está mais solto com os equipamentos, antes ficavam mais com a máquina para fotografar e tinham medo de filmar, mas, hoje, mesmo aqueles alunos que não pegavam a filmadora, agora, até briga por ela. Portanto, consideramos importante deixá-los mais a vontade e também conceder mais tempo para a produção do vídeo sobre as aulas de Educação Física. (DC em 02/08/2012)

Esta atividade em produzir o vídeo sobre as aulas de Educação Física, apesar de prolongar por quase todo o período letivo e, portanto, exigir um tempo maior foi importante para deixar os alunos mais livres para filmar e também criar um clima de naturalização com os equipamentos, ou seja, à medida que eles experienciavam a filmadora os demais alunos presenciavam esta ação que não mais lhe parecia estranha. O convívio com os equipamentos garantiu um ambiente profícuo para a Formação acontecer.



Foto: Aula Educação Física – Futebol. Fonte: *Matrix*

Basicamente, as filmagens eram das aulas de Educação Física na quadra. Com isto, os alunos capturaram imagens do Voleibol, Basquetebol, Futsal e Handebol, além dos jogos populares como o Queimado. O Roteiro era exercitado pelos membros do Grupo em que uns ajudavam os outros até que o processo de adaptação aos equipamentos fosse garantido.

Na quadra, foram feitas as imagens do jogo e também a continuidade da aula que envolveu jogos de queimado e futebol. [...]. Em nossa reflexão, o ponto importante é que o Grupo *Matrix* está mais solto com os equipamentos, pois, antes eles ficavam com medo, empurrando um para outro. Agora, todos vivenciam e orientam uns aos outros e compartilham entre si. (DC em 09/08/2012)

Esta era a dinâmica das aulas práticas na quadra poliesportiva. Sempre que íamos para este local, havia os membros do Grupo *Matrix* que exercitavam o aprendizado com os equipamentos e também repensava o Roteiro. Este exercício não só deixava-os mais aptos

com os equipamentos e, portanto, o medo do desconhecido ia sendo superado, como também, era um momento em que o aprendizado era compartilhado entre os demais membros do Grupo e demais alunos da turma.

É importante ressaltar que, a cada aula, deixamos disponíveis os equipamentos (filmadora e máquina fotográfica) para que façam os registros, as filmagens, mas, que esta ação seja bem livre, fruto da autonomia deles. (DC em 29/11/2012)



Foto: Aula de Educação Física – Dividindo o espaço com a “Escolinha de Futebol” Fonte: *Matrix*

Assim, nosso envolvimento com a realidade do CEMB, ou melhor, nossa imersão neste espaço possibilitou colocar os atores sociais (integrantes do *Matrix*) num processo de ação, a partir da reflexão, para a conscientização, ou seja, uma ação consciente. Isto garantiu uma transformação no modo de ver e fazer a mídia. Aqui, vale a deixa de Souza et al. (2009, p. 20):

[...] entendemos que, mais do que possível, é necessário pensarmos a mídia-educação na escola. E, para tanto, também se faz relevante que, na formação do professor de Educação Física, da formação acadêmica inicial à capacitação permanente dos professores em atividade, os estudos de mídia-educação se façam presentes, atualizando os processos comunicacionais e aprofundando a crítica sobre os meios e seus discursos, visando à construção da cidadania emancipada.



Foto: Grupo *Matrix* Aprendendo com os Equipamentos/reunião. Fonte: *Matrix*

Uma das principais características de Ulisses – herói grego – era a astúcia para superar seus obstáculos. Quando usava a força estava marcada por esta capacidade previamente articulada. São várias as passagens, desde a criação do famoso Cavalo de Tróia (astúcia que garantiu vitória dos gregos na guerra); passando pelas intempéries de sua *Odisséia* na qual sempre encontrava uma maneira de subverter uma determinada lógica, por exemplo, na passagem pelas Sereias em que todos que por ali passavam não escapavam da morte; até seu retorno à terra natal (*Ítaca*) disfarçado de um velho mendigo para observar (e não ser identificado) o que estava acontecendo em seu reino após 20 anos de ausência. Estas articulações fazem do uso da razão uma forma de vencer os obstáculos da vida nos momentos mais difíceis e que, às vezes, são situações aparentemente impossíveis de sobre passar.

Este foi um ingrediente colocado sempre em pauta. Desde as primeiras aulas até a formulação de Grupo, colocávamos para os alunos a necessidade de pensar – num processo de reflexão – a ação do que eles queriam fazer. Ou melhor, a educação/Formação que buscávamos estava imbricada a levar “produção de uma consciência verdadeira” como diz (ADORNO, 2000, p. 141).

Neste sentido, procuramos evitar que nossos encontros se tornassem num momento de uma educação bancária como expõe Paulo Freire (1987), ou numa requintada transmissão de conteúdos, mas, sobretudo, o processo de Formação que iniciamos envolvendo as interfaces com a mídia, pudesse germinar o sentido emancipador. Que os alunos percebessem o contexto sócio-cultural que lhes envolve e com isso, assim como Ulisses, pudessem sentir, pensar e subverter a realidade em que vivem, estudam, moram..., sofrem.

Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. (ADORNO, 2000, p.142)

O exercício pleno da dialética em que os alunos conheceram sua realidade (contradições) e a partir dela, promoveram uma mudança/transformação, mostrou-nos o cerne do pensamento crítico, ou de uma teoria crítica na educação. Os pressupostos marxistas vinculados à teoria crítica fizeram-nos perceber a teoria na prática e vice versa. De forma subliminar, em nossa experiência conduzimo-nos com uma prática pedagógica para o esclarecimento em contraposição à pedagogia tradicional que amarra os sujeitos impedindo-os de pensar e agir. O exercício foi uma tensão permanente entre um pensamento tradicional - sobre égide da acomodação/alienação - e o pensamento crítico em que fica evidente como poderíamos atuar, agir (aqui, com a inserção da mídia) no âmbito escolar. A intenção foi provocar um pensamento emancipatório no agir.

Comprendemos que a Escola, representada aqui pelo CEMB constitui-se em uma das instituições que tem a função de formar os indivíduos, pois, o processo de Formação dá-se em várias instâncias, no entanto, esta representa a instituição com maior impacto na vida das pessoas, dos alunos. Mas, muitas vezes, principalmente na realidade brasileira, da Região Nordeste, esta instituição reproduz uma lógica em que os alunos são tidos como depósitos de conhecimento como alertou Freire (1987) e, na outra extremidade, o professor que representa o conhecimento (poder). Esta forma de ser desta instituição tem impedido um casamento feliz entre a teoria (crítica)¹⁰³ - que não tem nada de utópica - e prática que aponta para como as coisas deveriam ser.

Nosso entendimento é que neste ambiente fosse, rigorosamente, um espaço de Formação para emancipação, para autonomia, para o esclarecimento e que pairasse sobre ele (e sobre os atores deste palco) o exercício do pensamento crítico, reflexivo o que, no nosso entender, instiga os sujeitos a lutarem por um mundo melhor, uma sociedade justa, uma educação de qualidade.

¹⁰³ Para o filósofo Marcos Nobre quando se refere sobre Karl Marx e sobre o marxismo de Horkheimer e Theodor Adorno, se fosse montada uma equação com esses nomes, o resultado seria a expressão Teoria Crítica, que é o nome pela qual ficou consagrada a versão teórica do marxismo. “O Marxismo da Teoria Crítica” – Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MpaC7UeRuiE>. Acesso em: 30/09/2013.

A postura responsável foi fundamental para criar uma cultura consciente no interior do Grupo *Matrix*. Não só na construção dos vídeos, jornal, mas, principalmente, por aquilo que eles estavam realizando que exigia compromisso e cumplicidade. Ou seja, a “cara” do Grupo *Matrix* ia se materializando e exercia o compromisso em escrever sabendo do significado daquela informação, o que representava também o aspecto ético do Grupo. Como expõe um dos membros do *Matrix* em entrevista realizada no dia 02/05/2013.

SER – Então era uma preocupação nossa [...]. A gente se preocupou em dá a informação com segurança [...] como você vê a seriedade da construção das matérias do *Matrix*?

Ulisses – A responsabilidade, porque tudo que a gente tem que fazer deve ser com responsabilidade, pois, se tiver algum erro...!

SER – Se você fosse fazer outra construção dessa em outra escola, em outro local, um outro jornal, um dos princípios então, seria a responsabilidade?

Ulisses – Sim, primeiro é a responsabilidade e saber de onde vem a notícia, se é original, saber a fonte de onde vem.

Além disso, o compromisso de todos fazerem parte do processo. Isto implicava que aqueles que não estavam se adequando a estes critérios éticos, conscientes, responsáveis findavam saindo do Grupo. A saída do Grupo não era uma retaliação ou punição, mas, evidenciava o sentido “responsável” e a cumplicidade em que todos os integrantes estavam imersos, então, os próprios integrantes faziam suas cobranças entre si.

Na roda com o grupo *Matrix*, conversamos sobre como eles estão se sentindo nesta construção, pois, já estava acontecendo desentendimento interno ao grupo. A queixa é que há um aluno que não está ajudando muito e está ficando para alguns fazerem as tarefas. Com isto, explicamos o sentido do Grupo e principalmente que ninguém é forçado a integrar o *Matrix* e aqueles que quisessem sair ou não estivessem se sentindo bem no Grupo, ficassem à vontade para sair. Esta conversa foi importante – “lavando a roupa suja” – pois, percebemos que há questões fortes em jogo e a idade em que estão com sentimentos de ciúmes, inveja, poder entre outros ajudam a aflorar estes sentimentos e isto tem prejudicado o bom andamento do Grupo. Isto serviu também para alertar o novo integrante do Grupo – Joflá – que não está ajudando de modo geral. Foi assim, que nós – professores – tivemos uma conversa, em particular, com ele e explicamos, mais uma vez, que não era forçado ficar, mas, que ele teria que ajudar aos demais. Ele se comprometeu a ajudar mais ao Grupo. (DC em 23/08/2012)

As queixas sobre alguns membros do *Matrix* continuavam. Calypso exclamou que “era melhor não ter a pessoa no Grupo do que ficar nome e não ajudar em nada”. Explicamos aos alunos que iríamos – professores, juntamente com o Grupo - resolver esta questão. Mas, o importante era que o *Matrix* estava andando, com autonomia, com uma boa produção, com seriedade e que estas questões referentes às pessoas que não querem ajudar ao Grupo existem por que muitos ainda não aprenderam o sentido de trabalhar coletivamente, mas, que não compactuaremos com isto. [...]. (DC em 01/10/2012)

Neste sentido, o próprio aluno em questão – Joflá – solicitou sua saída do Grupo alegando que não estava contribuindo e que preferia ficar de fora. Esta atitude também marca o sentido formativo, não só auto-reconhecimento do aluno sobre sua atitude diante dos colegas, o que implicava maior comprometimento com as ações do *Matrix*. Como também, ratificou o grau de amadurecimento em que o restante do Grupo se encontrava no qual atitude desta natureza não era bem vinda.

5.3.1.1 Uma Síntese do Jornalzinho “O *Matrix*”: Construção e Cumplicidade!

Jornalzinho “O *Matrix*” seguiu uma periodicidade mensal. A princípio, pensava-se em uma produção quinzenal, mas, como as aulas de Educação Física da 8ª Série “A” do CEMB concentravam-se em um único dia da semana e os encontros para organização do Jornal eram difíceis, então, foi racionalizado um número por mês. Como já enunciado (vide Anexo IV), o jornal fora concebido com as seguintes seções:

- **Histórico do Jornal** – Este representa o cabeçalho do Jornal e, portanto, deveria compor todos os números, conforme abaixo,

O *Matrix* é um jornalzinho produzido pelos alunos do 9º ano da turma “A”, do CEMB, que envolvem diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria. (JORNAL O *MATRIX*, Nº 1, 2, 3, Out, Nov, Dez, 2012)

- **Reflexão** – Esta seção caracteriza a essência do Jornal. Composto pelas matérias que os demais grupos pesquisavam, bem como, as que o Grupo *Matrix* construía. Aqui, eram registradas estas matérias, bem como, entrevistas com o Diretor, Professores e outros. Também, neste espaço, ficavam as matérias individuais ou duplas, trios que eram fruto da autonomia de alguns alunos que queriam contribuir com o Jornal.
- **Seções/Diversos** – Neste espaço do Jornal, como o nome sugere, são notícias de abrangência local, regional, nacional e internacional. Ainda, é um espaço para as mais diversas informações como esporte, política, eventos entre outros.

A estrutura do Jornal sofreu duas mudanças significativas: A primeira que fora a inclusão da seção “**Quem Somos**” que incluía a foto do Grupo *Matrix* e seus respectivos

nomes. O Grupo entendeu que esta seção só deveria compor o primeiro número do Jornal e nos demais deveria ser retirada. A segunda refere-se à inclusão da seção “**Divertimento**” que envolviam caça-palavras e jogo dos erros. Esta foi uma sugestão dos membros do *Matrix* por entender que o Jornal estava com muita leitura e precisaria mais fotos e também diversão para ficar mais atrativo.

[...] na Seção Quem Somos o Grupo propôs que ficasse apenas no primeiro número e que nos outros não haveria necessidade de repetir. (DC em 01/10/2012)

Neste dia também, refletimos sobre as matérias que estávamos escrevendo para o jornal e isto foi provocado por uma discussão interna do Grupo quando Calypso disse que “as matérias estavam muito longas” e que deveríamos por mais fotos, palavras cruzadas, passatempo entre outros [...]. (DC em 07/11/2012)

O PRIMEIRO NÚMERO DO JORNAL¹⁰⁴ (grifo nosso) materializou as discussões e aprendizados acerca da temática Educação Física, Esporte e Mídia. A partir dos trabalhos em grupo dos alunos, advindos de suas pesquisas sobre este tema, começamos a idealizar um *corpus* que compôs o primeiro número do Jornal.

Portanto, neste primeiro número do Jornal os alunos foram instigados a observar um fato esportivo pela mídia (Rádio, Televisão, Jornal Impresso, Internet) e registrá-lo. Após esta etapa, eles apresentaram à turma, com isso, reescreviam o fato após discussão em sala e construía um novo texto. Vejamos abaixo os passos descritos no Diário de Campo que ratificam a responsabilidade e cumplicidade na construção:

[...], já formalizados os grupos, solicitamos que cada um trouxesse uma notícia, informação, fato, reportagem entre outros, que envolvesse o esporte, atletas, ou outros do campo esportivo, advindas dos diversos meios como o jornal, a internet, a televisão, o rádio, etc., Explicamos, que daríamos continuidade ao processo de apreensão da mídia a qual havíamos discutido no início do ano. (DC em 21/06/2012)

Nosso reencontro, após o recesso de férias do meio do ano foi primeiro na sala e para surpresa nossa, os alunos entregaram os trabalhos [...] sobre o que eles viram na mídia que relacionasse o esporte, atletas, futebol, ou seja, qualquer fato esportivo. Pensamos até que eles não iriam entregar, pois, passamos 15 (quinze dias sem aulas), mas, ao contrário, todos os grupos entregaram. Consideramos importante este ato dos alunos, pois, demonstrou interesse com a discussão e responsabilidade com suas obrigações. (DC em 12/07/2012)

¹⁰⁴ Ilustraremos aqui os quatro primeiros números do Jornal, pois, levaremos a discussão do número 5 para o período de volta ao campo.

Iniciamos a aula recuperando os trabalhos que os grupos pesquisaram e realizamos uma dinâmica em que cada grupo apresentava, ou explicava o que pesquisou, para isto devolvemos os trabalhos e assim, todos foram perdendo a timidez e expondo onde pesquisou e o que encontraram. Explicamos da importância de registrar a fonte na qual retirou a informação se foi da internet, qual site; se foi da TV, que emissora, programa etc, e se foi de algum impresso, livro ou revista, [...]. Com isto acordado, solicitamos que todos os grupos colocassem essas informações e trouxessem na próxima semana. Percebemos que houve captura de informações a partir da Televisão, da internet, de livros. Isto foi importante, pois, apresenta um universo amplo em relação aos meios. (DC em 19/07/2012)

Após este momento, nos reunimos com a turma toda e passamos a tarefa para os demais grupos, com exceção do *Matrix*, a ser realizada com um prazo de quinze dias e que consistia em: Pegar um “fato olímpico” – algo que aconteceu nas Olimpíadas e que gerasse uma atenção especial - que eles tivessem visto na mídia (radio, jornal, internet, televisão) e fizessem uma redação com introdução, desenvolvimento e conclusão. Explicamos melhor o que seria o “fato” com exemplos, pois, alguns grupos não entenderam: Quebra do braço do levantador de peso; *Dopping* no esporte; Protestos realizados durante os jogos etc, ai eles entenderam melhor. Também alertamos que agora seria diferente da primeira tarefa, pois, não era só pegar algo da mídia e simplesmente copiar. Eles iriam fazer, com suas próprias palavras e que só o fato serviria de base. (DC em 09/08/2012)

Com isto, os demais grupos construía as matérias e passavam para o Grupo *Matrix* que fazia o papel de redator, ou melhor, o Grupo organizava as matérias, fazia a revisão geral e colocava no esboço do Jornal para que todos pudessem ler e fazer uma nova revisão, até sair em definitivo para ser publicado (como já fora enunciado).



Foto: Grupo *Matrix* em reunião – Roda de Conversa – para fechar a edição do Jornal.

Neste sentido, a seção “Reflexão” trouxe para o debate alguns temas sendo o primeiro deles, “Esporte e Educação Física” (escrito por Alcivan, Geovana, Fabiana e Lidiana) em que abordavam a relação dos Jogos Olímpicos e o gari Renato Sorriso na festa de

encerramento das Olimpíadas de Londres. Apesar de certa ingenuidade serviu para que refletíssemos sobre os interesses mercadológicos e da mídia. Segue abaixo a matéria dos alunos:

Os jogos Olímpicos são um dos pontos mais marcantes da vida do ser humano porque é uma forma de entretenimento e acima de tudo, orgulho para nosso país e de outros países. Para os atletas é uma alegria e enorme privilégio todos que torcem pra seu sucesso, o gari Renato Sorriso serve como exemplo para nós, pois ele era gari e através dele houve a transição de Londres para o Rio que foi marcado por sua entrada triunfal uma festa como deve ser lembrada por toda vida, afinal quem luta consegue e quem consegue vence com garra e todos os esforços e prestígio. O Brasil aproveitou para mostrar que existem, pessoas que têm sonho e acima de tudo, força de vontade de representar esse nosso país que foi e sempre será campeão. (JORNAL O *MATRIX*, nº 1, p.3, 2012)

Outro tema apresentado foi “Mídia e Esporte” (Vanessa Oliveira, Vanessa Menezes e Josefa de Fátima) que simbolizou a nossa discussão inicial. Apesar dos outros grupos relacionarem também a mídia, este foi o único grupo que fez a relação direta entre Esporte e Mídia, fato este, que nos chamou a atenção e provocou um debate formativo acerca do tema. Vejamos:

A mídia e o esporte têm uma coisa em comum, a popularidade. Ela é muito importante para divulgar as vitórias, os lances mais marcantes e também as derrotas. Por exemplo, a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos ela está divulgando que o Brasil não tem uma tradição de ganhar medalhas como se espera de uma copa do mundo. A mídia também serve para declarar muitas emoções e também histórias tristes como a última derrota do Brasil na Copa em 2008. O jornalismo às vezes também costuma deixar um pouco de dúvida para mostrar ao torcedor uma vitória ou uma derrota. (JORNAL O *MATRIX*, nº 1, p.3, 2012)

Vale destacar que este fato serviu de base para nossas discussões no tocante a autoria. Ou seja, orientamos os alunos para quando houver textos escritos por outras pessoas, seja em livros, na internet e que nós utilizamos, devemos fazer referência da citação, do autor, da obra. Além deste aspecto, orientamos também que eles devem tentar escrever com suas ideias em contínuo diálogo com os autores do texto e expor suas críticas, sugestões e manter uma linha de crítica e diálogo com o texto.

Neste sentido, este grupo nos informou que realizou uma busca na internet sobre a relação esporte e mídia e descobriram este texto. No olhar dos alunos, o conteúdo trazido no interior deste texto pesquisado cumpria o papel desta relação. Eles disseram também que não entenderam algumas “coisas” como o conceito de indústria cultural. Este relato nos provocou

em dois sentidos: Primeiro por que a pesquisa dos alunos fazia sentido (esporte e mídia) naquilo que estávamos discutindo e fomentando o espanto; Segundo porque nos convidou a problematizar o termo não compreendido por eles e com isto, realizamos uma discussão – adequada à idade deles – para a compreensão conceitual. Assim, consideramos válido e importante a “garimpagem” dos alunos, tendo em vista que pedimos a eles para procurarem notícias sobre o esporte, nos mais variados veículos midiáticos, e, para surpresa nossa, trouxeram um texto com conceitos mais complexos. Entendemos que nossas primeiras conversas sobre a mídia, bem como a mídia esportiva, provocou uma mudança de olhar neste grupo de alunos. Portanto, começando o processo formativo, não só para entender a mídia, mas, sobretudo, outras relações que estão imbricadas em ler, escrever, produzir (compreendendo) a mídia.

Por fim, uma matéria - “A Seleção Brasileira de Futebol perde para Seleção Mexicana por 2 x 1... fica com a prata!” – escrita por André, Carlos Júnior, David, José Edilson, José Júnio e Jonas - que teve repercussão em outro grupo que contribuiu com comentários, vejamos:

A derrota para seleção do México na final do futebol nas olimpíadas/2012, no olhar deste grupo, está relacionada aos aspectos táticos e técnicos, pois, para eles: precisaria melhorar a defesa; nos jogos aéreos o goleiro precisaria treinar mais; Treinar a posse de bola para entrosar com o time. Com os adversários, a marcação precisaria ser mais “pesada”. Ainda, precisa convocar outros jogadores como: Kaká, Júlio César, Ronaldinho e companhia!!

Para: Ernandes, Diego Barros e Everton – A derrota da seleção para o México foi merecida, pois, jogou mal e deveria ter tomado uns quatro gols. Na opinião destes, quem deveria ser convocado era o Fred no lugar de Hulk. Além da presença de Kaká e Ronaldinho!!. (JORNAL O MATRIX, nº 1, p.4, 2012)

Portanto, estava iniciado, elaborado, produzido o processo em mídia-educação. A partir da concretização do processo em que os alunos ouviram, pesquisaram e materializaram suas impressões no Jornal o ciclo se fechou para se abrir novamente e assim, sucessivamente.

O SEGUNDO NÚMERO DO JORNAL (grifo nosso) trouxe para nossas reflexões a questão do “espaço do CEMB”. A construção deste número inicia-se com o próprio contexto do Colégio em que algumas condições estruturais – como os banheiros – apresentam-se em condições impróprias (não abordaremos a questão dos banheiros uma vez que já fora discutido no tópico: “*Um Lugar em Observação: Do Campo aos Sujeitos da Pesquisa!*”). Além disso, no tocante às aulas de Educação Física o estado de conservação do

Ginásio de Esportes, que se constitui não só um patrimônio do Colégio, mas, de toda cidade de Itabaiana, a cada dia, segue uma depreciação e depredação ao ponto de ser considerado como “abandonado”. Segue, abaixo, um recorte da matéria que traz o caso da reforma do “Miltão” (Ginásio de Esportes José Milton Machado)¹⁰⁵ na fala do Diretor do CEMB, explicitando a questão:

Diretor – Eu assumi o Colégio em agosto de 2010, e o Miltão está interditado desde novembro de 2009, [...] eu sei o que aconteceu. Tudo começou por causa de um telhado, por incrível que pareça, [...]. Ai quebrou uma telha, dessa telha a água começou a invadir, começou a acabar o piso [...], teve problema no teto, reformaram o teto, mexeram no teto e esqueceram de trocar uma bendita telha [...], a água começou a invadir [...] danificou o piso. [...], Então a chuva foi destruindo [...], então, fecharam o Miltão, [...] Ai, os vândalos começaram a invadir [...] roubaram todos os fios de energia [...], tentaram tocar fogo no Ginásio, fizeram o que pode imaginar de ruim. Com 5 dias que assumi o Colégio fui ver o Miltão [...], levei um susto [...] Tenho dois anos na direção e infelizmente nem o Murilo, nem o Miltão. O Miltão [...], este sim, está abandonado [...], tudo começou com a bendita telha. (JORNAL O *MATRIX*, nº 2, Nov, p. 5, 2012)

Esta entrevista com o Diretor do CEMB também foi um momento de Formação, principalmente de autonomia e esclarecimento dos alunos, pois, eles elaboraram as questões, agendaram com o Diretor, dividiram as tarefas e perguntas, usaram os equipamentos enfim, houve um comprometimento em realizar a entrevista que faria parte do Jornal.

Fechando o Jornal três momentos importantes: Primeiro na Seção “Diversos” o comentário sobre sergipano Ministro do Supremo (“Ministro do Supremo - Carlos Ayres Brito vota pela condenação dos suspeitos do Mensalão. É a força de Sergipe na moralidade nacional!!!”). Esta simples mensagem identificar o olhar do Grupo *Matrix* não só para as questões da Educação Física e Esportes, mas, um olhar atento às questões de interesse da sociedade em geral; Segundo, que partir deste número foi incluso a “Diversão” com caça palavras e jogos dos erros o que deixou o Jornal mais atrativo; Terceiro, o e-mail do Grupo *Matrix* para contato na perspectiva de atrair outros olhares e com isso, estabelecer um diálogo mais amplo com outros sujeitos receptores.

Calypso informou que fez o e-mail do jornal – Matrix.alunos2012@gmail.com e todos integrantes do Grupo usaria a senha para qualquer atividade que fosse necessária. (DC em 07/11/2012)

¹⁰⁵ Recentemente, iniciou-se a reforma do CEMB. Uma obra avaliada em mais de 5 (cinco) milhões de reais em que contempla entre outras áreas, a reforma do Ginásio de Esportes “ O Miltão”. Vide Anexo “V” desta pesquisa em que consta uma matéria - Reforma estrutural do Murilo Braga é iniciada após 39 anos. Fonte: <http://itnet.com.br/materia-21826>. Acesso em 03/10/2013.

Calypso sugeriu que colocássemos uma parte no jornal que tivesse diversão com palavras cruzadas, jogo dos erros entre outros. Disse também que iria providenciar isto para que o Grupo apreciasse. (DC em 08/11/2012).

Todo número do Jornal produzido foi uma “*Odisséia*” no sentido amplo do termo. Passamos por problemas internos ao Grupo, problemas de relacionamentos (interno e externo ao CEMB), dificuldades para confeccionar e imprimir o Jornal, mas, estávamos convictos que a construção não poderia ser diferente e que este exercício de astúcia e determinação (comprometimento, cumplicidade) era imprescindível para nosso êxito.

Sentamos com o *Matrix* em nossa roda de conversa e antes mesmo de iniciarmos nossas discussões sobre o Jornal nº 3, batemos o martelo no Jornal nº 2 e encaminhamos para impressão. Foi unânime o reconhecimento que o jornal estava muito bem elaborado, rico de informações e com notícias importantes. Demos os parabéns ao Grupo *Matrix* reiterando o compromisso e cumplicidade que estabelecemos nesta construção. Todos do Grupo se sentiram importantes no processo, principalmente, quando viram materializadas suas construções. (DC em 08/11/2012)

O TERCEIRO NÚMERO DO JORNAL (grifo nosso) retomou a discussão acerca da relação Educação Física e Esportes só que com um diferencial importante: havia também a visão dos Próprios Professores do CEMB sobre sua prática de ensino e o espaço do Colégio. Com isto, o enunciado da seção “Reflexão” dizia: “Neste número do *Matrix* fazemos referência à Educação Física e Esportes, com pontos de vistas de professores e alunos. Vejamos!” (JORNAL O *MATRIX*, Nº 2, Dez, 2012, p.2).

Neste sentido, foram entrevistados 4 (quatro) professores de Educação Física do CEMB. Este número reduzido - uma vez que há registrado no Colégio 10 (dez) Professores de Educação Física conforme Relatório de visita do dia 04/07/2011 – justifica-se pelo fato de que desse total, estão em atividade 06 (seis) Professores, pois, (03) três entraram com pedido de aposentadoria e 1 (um) está afastado por licença médica. Neste sentido, 01 (um) Professor recusou-se a participar e outro leciona somente à noite, o que dificultou o encontro com os integrantes do *Matrix*. Com isto, os Professores, em foco, foram abordados sobre as seguintes questões: **O que é educação física para você? Como você trabalha a Educação Física? O que você acha do CEMB para as aulas de Educação Física? Quais os pontos positivos e negativos que você considera para a Educação Física? O que você considera que poderia melhorar?**(grifo nosso).

Em seguida discutimos sobre o Jornal nº 3. Neste aspecto, o Grupo havia elaborado algumas perguntas - uma vez que iria entrevistar professores de Educação Física do CEMB - para serem aplicadas. Após leitura e discussão com o Grupo as perguntas ficaram: [...]. Com isto, alertamos que antes mesmo de partirem para entrevistar seria necessário fazer um agendamento prévio com os referidos professores e também, que eles deveriam explicar o propósito da entrevista, que incluía expor sobre o Grupo *Matrix*, sobre o Jornal, etc, ou seja, que fizessem como foi a entrevista com o Diretor do CEMB. Por fim, explicamos que eles ficassem livres para fazerem outras questões que achassem necessárias. (DC em 08/11/2012)

Percebemos certo estranhamento de alguns professores em participar das entrevistas para o Jornal. Primeiro 01 (um) Professor literalmente recusou-se a participar; Depois, outros dois pediram para levar as perguntas e responder em casa e por fim, esses mesmos não quiseram colocar uma foto sua no Jornal.

Uma análise inicial nos levou a crer que o Jornalzinho “O *Matrix*” já se configurava no ambiente escolar com isto, em certo aspecto, deixava os professores desconfiados. Outro aspecto também foi a insegurança em lidar com o tema da Educação Física. Apesar de ser objeto de vida desses profissionais, eles estão afastados das discussões acadêmicas e isto constitui uma barreira quando vão referir-se a ela.

No tocante às entrevistas, que estão sendo realizadas pelos integrantes do *Matrix*, para o Jornal nº 3, percebemos que estão provocando certo estranhamento por parte de alguns professores e até medo em se expor. Com este fato evidente, explicamos aos alunos que não era para “forçar a barra” e aqueles professores que não quiserem participar do processo, eles poderiam deixar de lado. (DC em 22/11/2012)

Com isto esclarecido aos alunos, o processo de entrevistas continuou e em alguns momentos, como exposto abaixo, tivemos que conversar diretamente com o Professor e explicar mais uma vez, já que os integrantes do *Matrix* já haviam explicitado, de que se tratava a entrevista e qual o propósito dela. Mesmo assim, a barreira entre o tradicional e o novo foi determinante e a exigência do Professor prevaleceu:

Neste dia, um professor de Educação Física do CEMB - Henry - nos falou que preferiria não dá entrevista e responderia digitando e entregando ao Grupo. Estava ele referindo-se às entrevistas que comporia o jornal. Com isso, os alunos haviam consultado ele para entrevistá-lo, agendando a hora, e que seria publicado no Jornal. Ele ficou um tanto receoso, disse, inclusive, que é um sujeito muito crítico e que as pessoas não gostam do que ele fala, portanto, prefere escrever. Aceitamos a proposta dele e respeitamos a posição do professor. Neste aspecto, explicamos ao Professor os objetivos do Grupo *Matrix* e sobre o jornal que estamos construindo e que a ideia, naquele número do jornal, era publicar sobre a Educação Física e que haveria um espaço para a visão dos professores sobre esta temática. Mas, também haveria

seções sobre o esporte, os esportes radicais, esportes da natureza, trilhas etc. que estão sendo construídos pelos alunos. Mesmo assim, ele preferiu entregar digitado. (DC em 21/11/2012)

O Processo de fechamento do Jornal nº 3 passou por várias fases – como já relatado – que implicou na captura das informações, transcrições, análise, revisão, inclusão de fotos etc., mas, principalmente, este movimento (*devoir*) com os alunos, em especial ao Grupo *Matrix*, tem sido o diferencial no processo de aprendizagem em mídia-educação – Formação – pois, foi nos momentos em que estávamos juntinhos (literalmente) - geralmente numa roda de conversa, confrontando ideias, opinando, dando sugestões, modificando, montando o quebra-cabeça, unindo vários pontos divergentes, contraditórios, para formar um novo que será novamente desfeito e assim por diante, num ato espontâneo, na dialética da vida, enfim, fazendo nossa *bricolagem*¹⁰⁶ - que percebíamos a Formação ganhando vida. Percebíamos também, o sentido de cumplicidade, de responsabilidade, de autonomia se materializando diante de nós, o que fazia valer à pena estarmos lá (na Escola, no CEMB) compartilhando e aprendendo com os alunos. Eram momentos “mágicos” que nos retro-alimentavam o que fazíamos dizer: “amanha continuaremos!”

O Grupo esclareceu que apenas duas entrevistas precisariam ser transcritas, pois, os outros professores enviaram digitalizados via e-mail. Então, fomos solidários com o Grupo e estas entrevistas foram passadas para nós (professores) e a transcrevemos. Como uma entrevista, por conta do próprio professor, ficou muito grande, foi preciso enxugar as respostas para caber no jornal. Este trabalho foi delicado e minucioso, pois, não queríamos mexer no sentido que as respostas estavam em respeito ao professor entrevistado. Nossa reflexão foi que o Jornal nº 3 estava quase completo, precisando apenas de ajustes finais e da escolha das fotos, pois, já tínhamos as entrevistas, as matérias dos grupos sobre esportes radicais e etc., agora, era só fechar. Por fim, ressaltamos que eles – *Matrix* – de vez em quando entrem no e-mail do Grupo para ver se há alguma mensagem. (DC em 29/11/2012)

Neste número do Jornal (na seção Reflexão), além das entrevistas com os Professores de Educação Física, também foi constituída por matérias que envolviam os Esportes Radicais, Trilhas, Caminhadas entre outros. Estas matérias foram trazidas por outros alunos – fora do *Matrix* – que quiseram ajudar na edição do Jornal. Outros queriam ganhar pontos para aumentar suas notas, mas, o importante foi que ela (tarefa) não foi exigência da Disciplina. Deixamos livres e só fazíamos avisar do prazo, bem como, orientar aqueles que estavam construindo.

¹⁰⁶ Baseado na ideia de Lévi-Strauss na obra “**O pensamento selvagem**” (1976).

Alguns alunos entregaram o trabalho sobre esportes radicais, ficamos satisfeitos com isto, pois, havíamos dito que eles não precisariam entregar somente os que quisessem. Isto deu ânimo ao processo de autonomia que estávamos propondo e também refletiu no compromisso com nossa proposta que estamos semeando. Outros grupos tiraram dúvidas, pois, queriam colocar somente o que pesquisaram literalmente e não era bem assim que se tratava a tarefa. Explicamos, mais uma vez, que eles deveriam por também, além da pesquisa realizada, a visão deles sobre aqueles esportes, como poderia ser nas aulas de Educação Física e também, como poderia ser no CEMB, assim, completaria a atividade. Eles compreenderam melhor a atividade solicitada e ficaram de entregar na próxima semana. (DC em 22/11/2012)

Um aspecto importante que ajudou aos alunos sobre o que se constituía Esportes Radicais, Trilhas entre outros, foi a exibição do filme “127 Horas”. Começamos a assisti-lo em 25/10/2012 e terminamos em 22/11/2012. O filme conta a história verídica de um alpinista - Aron Ralston - que após sofrer uma queda em um desfiladeiro em Utah (EUA), fica preso com o braço sob uma pedra durante cinco dias. Depois de muitas horas sentindo dor e sem ninguém por perto para ajudá-lo, ele decide amputar o braço com um canivete que levava consigo.

Fomos para sala de vídeo para continuar exibindo o filme 127 horas [...]. No final abrimos para perguntas e um aluno perguntou por que o protagonista do filme, quando estava preso à rocha, furava o braço. Explicamos que aquela parte do braço não estava sendo irrigado pelo sangue, por isso ele fez um torniquete e também ia liberando o sangue aos poucos para não perder o braço todo ou gerar uma gangrena em que apodrece o tecido e há proliferação de bactérias e, neste caso do filme, ele estava tentando evitar isto. Perguntamos se eles conheciam tanto a gangrena quanto o torniquete e a resposta foi negativa, assim, passamos a explicar um pouco sobre estes termos. Os alunos ficaram de olhos arregalados e atentos (caso raríssimo na turma) para as cenas do filme e da explicação. Como a cidade de Itabaiana é propícia para este tipo de aventura, pois, possuem trilhas, rios, serras e acontecem principalmente nos fim de semana muitas atividades desse gênero. Aproveitamos para orientar os alunos de quando sair para uma atividade semelhante a do filme precaver-se e também, principalmente, avisar para onde está indo. (DC em 22/11/2012)

Portanto, do primeiro ao terceiro número do Jornal as matérias seguiam uma linha temática, mesmo com seções diversas em sua estrutura. Isto foi provocado também pela relação que envolvia o conteúdo da Disciplina Educação Física para este ano letivo de 2012, sua imbricação com o Esporte e a Mídia. Esta triangulação, de certa forma, “forçou” estratégias didático-pedagógicas e em mídia-educação que tendenciou a estruturação do Jornal configurar-se enquanto temático. Durante o processo de construção e imersão ao

campo, não havíamos pensado nisto com uma condição pré-estabelecida para sua confecção, mas, as condições objetivas da vida escolar provocaram este caminho. Vejamos o olhar da Professora de Literatura sobre este aspecto:

[...], eu percebi que o jornal *Matrix* era temático. [...] um mês era falando disso, outro mês falava de outro aspecto, por isso, eu disse que era temático e o jornalzinho do Grêmio não é temático, ele dá as manchetes principais e depois têm os artigos e a estrutura que já estão fixas. Os dois ou três números do *Matrix* que eu vi vocês deixavam mais abertos um pouco para que eles pudessem produzir de acordo com o que fosse achando importante e interessante [...]. Entre a proposta do jornal do Grêmio e a do *Matrix*, considero que a do *Matrix* tem muito mais uma concepção pedagógica, contribuindo para a formação de sujeitos estimulando o desenvolvimento de habilidades diversas, dentre as quais as de ler e ir além do que vê, expressar-se e escrever, expondo opiniões [...]. **O jornal temático é interessante porque leva o aluno ou grupo de alunos a se aprofundarem no tema escolhido através de pesquisa de campo ou bibliográfica, de entrevistas, o que contribuirá para desenvolver neles habilidades de confrontar informações. Essa estrutura se assemelha a um fanzine** (grifo nosso). (PL em 08/05/2013)

O QUARTO NÚMERO DO JORNAL (grifo nosso) caracterizou-se enquanto uma homenagem especial. Os alunos do Grupo *Matrix* decidiram – justamente por que o ano letivo já estava acabando – que precisaria fazer uma homenagem ao Professor/ Pesquisador por ter trazido a discussão de mídia para eles e utilizaram-se da própria mídia (Jornal) para fazer isso. Este é um aspecto importante, pois, independente da homenagem, simboliza e ratifica a compreensão de que eles podem construir e produzir mídia para um fim.

Neste sentido, explicamos que o jornal número 4 estaria a cargo do pessoal do *Matrix*, principalmente Calypso, Helena e Ulisses. Com isso, avisamos para aqueles que quisessem continuar a elaborar matérias que conversassem com esses alunos. Explicamos ainda que este número não haveria nenhuma participação nossa - Professores - portanto, ficaria aberto para eles continuar o movimento. (DC em 13/12/2012)

Alguns alunos – Grupo *Matrix* – passavam por nós e diziam que estão terminando o Jornal e disseram: “Este será o melhor jornal de todos”. Ficamos felizes com esta notícia, pois, já no final do ano letivo, os alunos já aprovados nas matérias, sem as aulas práticas e eles ainda mantendo o compromisso em elaborar o Jornal, isto mostra o compromisso que assumiram e também a cumplicidade no processo. Esta informação nos deixou radiantes, pois, esperávamos que o processo de aprendizado em mídia-educação mantivesse um devir constante. (DC em 17/01/2013)

Estamos – professores/educadores - lutando sempre por um novo tipo de mídia em que a voz da sociedade esteja presente. Ou melhor, uma mídia a serviço dos reais interesses da sociedade e que rompa com a hegemonia dominante que nos sufoca com sua ideologia para o

consumo. Neste aspecto, na contra-hegemonia, encontremos possibilidade de mudar esta lógica dominante.

Esta possibilidade (nossa utopia) não esta meramente num plano impossível e talvez, estes ensaios no ambiente escolar – como esta pesquisa demonstrou – caminhe para germinar pessoas esclarecidas no tocante aos meios de comunicação e isto é o primeiro passo para uma mudança de direção. Não estamos nos referindo a um montante de dinheiro para criar um campo propício para a mudança acontecer, estamos nos referindo a um processo de Formação, de conscientização, de autonomia.

Obviamente que somos conscientes de que o poder da mídia – dos oligopólios midiáticos – funciona como um rolo compressor e aniquila os sonhos de uma sociedade melhor em um simples segundo. Mas, a luta é que nos move. Já observamos no cenário brasileiro a mídia estatal com uma boa contribuição no processo formativo das pessoas e isto pode se concretizar enquanto projeto para a sociedade em geral, o que significa dizer que todos possam aprender a ler, analisar criticamente e produzir mídia com o apoio do Estado. Nas palavras de Adorno (2000, p. 79-80) uma educação para emancipação diante dos meios de comunicação de massa como a televisão deve,

[...], desde o início, este ensino deveria desenvolver as aptidões críticas; ele deveria conduzir as pessoas, por exemplo, à capacidade de desmascarar ideologias; deveria protegê-las ante identificações falsas e problemáticas, protegendo-as sobretudo em face da propaganda geral de um mundo que a mera forma de veículos de comunicação de massa desta ordem já implica como dado.

Os recursos do Estado poderiam ser mais bem empregados na Educação. Este é um discurso antigo e, em alguns casos, torna-se já cansativo, mas, é uma das boas alternativas para efetivar um projeto em que envolva a tomada de consciência, começando pelos alunos no âmbito escolar, para produzir algo diferente, referendado e de qualidade no tocante à mídia.

Voltando as partes constitutivas do Jornal nº 4, a seção “Reflexão” colocou em mostra depoimentos sobre o Professor/pesquisador que trabalhou com os alunos da 8ª Série “A” durante o ano letivo 2012. Alguns aspectos destas “falas” escritas merecem atenção, não pensando por narcisismo acadêmico, mas, principalmente, por que os alunos reconheceram nossa presença na Formação deles. Além disso, o respeito, os valores éticos, morais que estavam em evidência a todo instante em nossas vivências na escola, sem discriminar um ou outro e também, sem deixar que isto ocorra entre si, entre eles concorreram para uma tomada de consciência sobre nossa proposta, bem como, uma tomada de consciência sobre a

importância de cada momento em aula. Ou seja, a cada instante, a cada momento, era momento de Formação. Vejamos:

- O QUE VOCE ACHOU DO PROFESSOR [...]?

- [...] um ótimo educador que influencia o esporte e a mídia para as pessoas além de educador um ótimo amigo! O trabalho dele é maravilhoso só tem a ganhar! Por: VANESSA OLIVEIRA, VANESSA MENESES, E FATIMA

- Achei bom por que ele nós ensinou muitas coisas sobre educação física e muitas coisas sobre preconceito e outras coisas sobre mídia e nós ensinou a trabalhar com jornais e muito mais. Por: JAILSON RESENDE.

- Queremos dizer que você é uma pessoa super fina e realmente especial. Com você aprendemos muitas coisas e vivemos coisas legais, tivemos nossas pequenas discussões, caras feias, mais mesmo assim foi muito legal. Na quadra às vezes muitos não queriam jogar pelo fato de ser um jogo diferente até mesmo por motivos de preconceito, ou desavenças pessoais, mas com o seu ensinamento e sua dedicação muitos conseguiram superar. Queremos que saiba que nossa amizade não vai terminar, lembre-se sempre: que tudo que falamos é verdadeiro, pois esse grupo começou através de você, o grupo “*MATRIX*” com muitos ou poucos componentes, agradecemos você por tudo que você nos ensinou, pela amizade, pela presença durante esse tempo todo. Pela compreensão e por ter trazido para a gente coisas novas. “Obrigada de Coração”. Por: GRUPO *MATRIX*. (JORNAL O *MATRIX*, ANO 2, Nº 4, JAN. 2013)

Portanto, neste jornal vê-se o reconhecimento de um trabalho realizado com dedicação, amor, *philia*, compromisso, compartilhamento entre outros que alimentam o sentido de “ser” Professor. Reconhecemos que não é uma tarefa fácil, mais que isso é um trabalho exaustivo, cheio de obstáculo, dificuldades diversas, contradições entre outras. Aliado a isto, estamos numa época – globalizada - em que a Formação advém por inúmeros canais de instâncias mediadoras como diz (ADORNO, 2000) e não só a Escola é responsável por uma (de) Formação, mas, há inúmeros meios, principalmente, os de comunicação de massa como a televisão e isto é um elemento forte que dificultam à emancipação. Como expõe Freire (2011 p. 124) “O discurso da globalização que fala em ética esconde, porém, que a sua é a ética do mercado e não a ética universal do ser humano, pela qual devemos lutar bravamente se optarmos, na verdade, por um mundo de gente”.

Construir um trabalho sério, com autonomia e responsabilidade num tempo em que a banalização da cultura, da educação, da vida está cada vez mais dominante, é uma tarefa árdua, minuciosa, assim como um arqueólogo desvenda seus mistérios enterrados. Pro isso, concordamos com Adorno referindo às dificuldades de uma sociedade emancipada,

[...], diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para contradição e para resistência. (ADORNO, 2000, p. 182-183)

5.4 O Impasse entre a Produção da Mídia e o Uso da Tecnologia!

Este tópico aponta as dificuldades do (des) uso dos equipamentos existentes no âmbito escolar, bem como, os conflitos e contradições que criam uma barreira para que a liberdade – “num país democrático” – possa existir a partir da apropriação das tecnologias (computadores), por exemplo! Com isto, abre uma discussão/reflexão necessária no tocante ao uso das TIC no ambiente escolar, como também, da produção da mídia.

Em nossas primeiras visitas, antes mesmo de conhecermos nossa turma para a experiência em mídia-educação, conhecemos a realidade escolar, os bastidores do Colégio, a estrutura entre outros e com isso, conhecemos a Sala de informática. A primeira vista ficamos satisfeitos, pois, era um local a ser visitado por nós e pelos alunos o que garantiria o acesso aos equipamentos (computadores) e à rede mundial de comunicação.

Ao lado da Secretaria há um corredor sem saída e com pouca luminosidade onde se localiza a sala do Diretor e, no final deste corredor, a sala de informática. (DC em 04/07/2011).



Foto: Corredor que acesso a Sala de Informática. Fonte: *Matrix*.

No entanto, o convívio no campo apontou para outra realidade em que existe uma barreira para o uso livre e irrestrito dos computadores na escola, pelos alunos. Esta barreira foi criada no sentido de garantir que os equipamentos não sejam danificados e também, para evitar que, uma vez acessando, os alunos naveguem por outros sites além do objetivo da pesquisa e do estudo, bem como, não fiquem nas redes sociais.

Este dia foi importante, pois, conversamos com o Coordenador do CEMB sobre a sala de informática e sobre o uso dela, pois, os alunos alegam que ela é uma “sala fantasma” e que é muito difícil usá-la, a não ser que seja com um professor. Neste sentido, o Coordenador explicou que esta informação é um pouco verdadeira, pois, o Colégio sofre com a falta de funcionários e não há uma pessoa específica para ficar na sala de informática, mas, ressaltou que quando nós quisermos usá-la não haveria problema algum e que ele liberaria a sala. Segundo o Coordenador a sala está condicionada a ter um professor presente com os alunos o que implica em certo controle em seu fluxo e de certa maneira os alunos têm razão, pois, não há uma liberdade em ir e vir no tocante aos equipamentos. No entanto, ele foi enfático ao dizer que quando nós quiséssemos a sala estaria a disposição. Repassamos esta informação ao Grupo, para quando eles precisassem não haveria obstáculo e que nós professores estaríamos de prontidão para mediar esta necessidade. (DC em 23/10/2012)

Este é um fato importante e, sem dúvida, há sentido na preocupação da Direção do CEMB em garantir, ou melhor, em salvaguardar os bens eletrônicos – computadores – que além de público é fundamental para o aprendizado do aluno em nosso tempo. No entanto, questionamos: Até que ponto esta preocupação não é prejudicial aos alunos terem acesso? Como percebemos, não há um projeto de formação dos professores para criarem uma cultura em que os alunos aprendam a lidar com estes equipamentos de modo autônomo, ao mesmo tempo, com responsabilidade, sabendo que aquilo ali (computadores e tudo mais da escola pública) é dele também e será de irmãos menores e de outros alunos que ainda entrarão no Colégio, portanto, deva ser preservado.

O balanço da mídia-educação e da integração das TICs no Brasil continua revelando um fracasso parcial: não há TIC na formação inicial de professores e, com professores despreparados e sem mídia-educação, as escolas estão cheias de computadores sem uso e sem qualidade. (BELLONI, 2012, p. 53)

O alerta da Professora Maria Luíza Belloni serve como uma carapuça em nossa realidade pesquisada, pois, esta é uma assertiva verdadeira que aponta para certo acomodamento, pois, por medo que os gestores têm que os alunos danifiquem e ainda fiquem usando para outros fins que não o de estudo e pesquisa, os alunos findam desistindo de tornar

a Sala de Informática em um lugar de aventura, de descobertas. Em entrevista com o Coordenador do CEMB (em 02/05/2013), isto fica mais evidente aos nossos olhos:

SER – Você falou da sala de informática ai eu gostaria de perguntar sobre o uso dela, por que os alunos, sempre que havia uma tarefa para pesquisar ou mesmo digitar [...], diziam que a sala estava sempre fechada, que só poderia ir com um professor. Eu até passei a informação que você havia me dito, que ela estava disponível caso nós quiséssemos, mas, criou-se uma cultura, por parte dos alunos, que a Sala de Informática era uma “Sala Fantasma”.

CO – É rega da escola [...], mas se você fosse precisar [...].

SER – Certo, mas, a Sala de Informática não é um ambiente em que os alunos, por exemplo, estão sem aula, ai querem ir à sala de informática, mesmo sem uma pessoa lá, professor pode liberar um computador? ai não existe, isto não tem né?

CO – Não. Deixa eu explicar [...] esta semana uns alunos vieram solicitar - pesquisar um trabalho - ai eu levei os alunos lá. [...], quando a direção chegou, estavam no facebook [...] ai, já sabe né? Você deixou? [...] Às vezes a gente que fazer e fica impedido de fazer por causa de alguns detalhes, [...] que eu, particularmente, não vejo nenhum problema [...], eu deixo, tomo bronca, mas, eu faço, mas, aviso que tenha cuidado com sites [...], até por que eu mesmo uso [...]. A gente tá na escola [...] tudo gera algo mais. Se deixa, e eles estão no Facebook ai tem bronca, se não usa tem bronca [...].

O fato é que com este “clima” que paira sobre o ambiente informatizado, cria-se no Colégio a cultura do proibido e com isto, reforça que a Sala de Informática constitui-se no “ambiente fantasma”. A pesquisa de Bianchi (2009) aponta que o despreparo para lidar com as TICs e a falta de informações e esclarecimentos sobre as mesmas podem justificar o distanciamento dos professores, entre eles de Educação Física, da sala informatizada, além do “mau” uso (ou a utilização parcial) desses espaços de aprendizagem. Isto foi perceptível durante o tempo em que ficamos imersos no Colégio e que só retroalimenta o afastamento dos professores (em especial Educação Física) deste ambiente.

SER – Aproveitando, por que é tão difícil usar a Sala de Informática do CEMB?

PEF – Bem, eu uso mais a Sala de Vídeo. Mas, acontece que precisa ter um professor com os alunos [...] fique responsável. Às vezes passo tarefas para eles pesquisarem e eles trazem da internet, mas, quando preciso eu vou lá com os alunos. Agendo com a Coordenação [...]. Não é sempre.



Foto: Sala de Informática do CEMB. Fonte: *Matrix*

Este problema de acesso a Sala de Informática, constituiu-se em um conflito permanente também para o Grupo *Matrix*, pois, era o empecilho para concretizar a digitação do Jornal. Sempre ouvíamos que não havia ninguém na Sala e também só poderia ficar lá com um professor responsável. No entanto, mesmo quando conseguimos autorização, bem como, nos disponibilizamos a ajudar o Grupo, os alunos se recusavam a freqüentar este espaço.

Digamos assim, a sala de informática tem que reservar. Geralmente, quando o professor vai lá, ai, diz o aluno não pode, aluno não vai. Tem medo que possa quebrar. Assim mesmo, há câmaras, mas, tenho certeza que se precisasse e falasse antes com certeza eles liberariam, para usar a internet. (ATHENA em 04/04/2013)

Mais uma vez eles expuseram a dificuldade em digitar, pois, não dispunham de computador em casa. No entanto, reiteramos que o Colégio possui uma sala de informática e que poderiam utilizá-la. Isto foi encarado com risos, pois, disseram que nunca a sala está disponível. (DC em 01/10/2012)

Os alunos expuseram a dificuldade de acessar os computadores na escola, por isso, justifica a demora na confecção do jornal. Reiteramos que estamos a disposição deles para o uso da sala de informática e este não seria mais um problema. (DC em 25/10/2012)

Iniciamos a roda de conversa com o *Matrix*, discutimos sobre a transcrição das entrevistas, uma vez que o computador continua sendo um problema. Reiteramos a ideia do uso da sala de informática, mas, eles não toparam por considerar que é sempre um problema e, segundo eles, a sala está sempre fechada (DC em 29/11/2012)

Neste sentido, fica evidente que não basta possuir a tecnologia é preciso um processo de aproximação, Formação, para se produzir conhecimento de modo esclarecido. É

preciso criar a “cultura” de que as TIC fazem parte de nosso cotidiano, mas, mais que isso, que podemos acessá-la e produzir conhecimento a partir dela, como foi nossa investigação na produção da Mídia. “Muitas professoras alegam que não foram formadas (tanto na faculdade quanto na escola) para o uso pedagógico das tecnologias”. (PORTO, 2012, p. 172). Esta constatação da pesquisa¹⁰⁷ é um dado importante para o processo de mudança no tocante ao ambiente escolar – que envolva todo corpo de alunos, funcionários e professores – na perspectiva de uma emancipação em relação às TIC e a Mídia.

Os estudos de Bianchi (2009), Mendes (2008), entre outros apontam que, quando os professores desempenham função de produtores/autores das atividades e se envolvem na interlocução, produção e criação da mídia e do uso das TIC, motivam e são motivados para manter uma continuidade dessas ações na escola. Esta foi nossa premissa na pesquisa, mesmo com a adversidade contextual, mantivemos um olhar voltado para uma construção de modo esclarecido e com responsabilidade, seja com os equipamentos, seja na produção final das matérias do jornal.

5.5 Planejar é Preciso: O Compromisso Político e Pedagógico na Formação dos Alunos!

Discutiremos aqui, de forma sucinta, a construção do Planejamento Escolar que se materializou em ações no campo de intervenção através dos Planos de Aula. Optamos por apresentar o sentido inspirador de cada etapa (desde o sentido do Planejamento, às partes integrantes – Objetivos, Conteúdos, Método e Avaliação). Em segundo momento, discutiremos as idiossincrasias do campo nas aulas de Educação Física e seu aspecto formativo.

Neste sentido, o Planejamento¹⁰⁸ (nosso *Azimute*¹⁰⁹), no sentido de estabelecer uma relação entre o conhecimento historicamente constituído (Esporte, Mídia-educação) e a

¹⁰⁷ Vide o texto completo – “**As Tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas**”. Na obra organizada por Mônica Fantin e Pier Cesare Rivoltella, Pier Cesare: “Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores”

¹⁰⁸ No Apêndice III encontram-se Os Planejamentos (intencional e definitivo) e os Planos e Aula que materializaram a permanência no campo de pesquisa.

¹⁰⁹ **Azimute** é uma medida de abertura angular cujo valor em graus perfaz horizontalmente um círculo que vai do norte geográfico até a intersecção do brilho de uma estrela, refletido na superfície mar, com o horizonte marítimo. Originalmente, representa uma direção definida em função de sua separação angular a um ponto de origem, o Norte astronômico. O nome é de origem árabe, de *as-sumut*, que significa: caminho ou direção. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Azimute>. Acesso em: 09/10/2013. Nossa perspectiva é para uma utopia, ou seja, um caminho a seguir.

Escola materializou a sua flexibilidade uma vez que, a necessidade de luta dos trabalhadores da educação por melhores condições de trabalho e de salários provocou alterações significativas no calendário escolar. Como expõe Libâneo (1994) que ele é uma tarefa e está implícita a previsão das atividades didáticas em relação aos objetivos pretendidos. Com isto, apesar das interrupções (greves, férias, paralisações, feriados) ele foi um instrumento importante para nossas ações pedagógicas e de pesquisa. Sua presença entre os pesquisadores - de forma organizada - foi responsável por mantermos coerentes com nossos objetivos, como também, foi importante para pensarmos a Formação de modo contínuo unindo teoria e prática numa relação indissociável. Principalmente, por perceber em nossas visitas iniciais ao campo, que não há uma cultura de construção política e pedagógica do Planejamento:

Uma constatação apontada pela Professora foi que não há um Planejamento para Educação Física. Anualmente, o CEMB tira uns dois dias para o Planejamento Geral, mas, resume-se a questão da carga horária do Professor e também das turmas, não se discute conteúdos, objetivos..., isto fica por conta de cada professor. Por um lado é ruim, pois, deveria haver um engajamento de todos que vivem a Escola para uma educação melhor, mas, por outro lado, este problema pode nos deixar mais livres e, portanto, nossas ações, objetivos, metodologias e conteúdos possam seguir de perto nossa autonomia em propor mudanças. (DC em 28/10/2011)

O Planejamento foi neste aspecto, essencial para o desenvolvimento da pesquisa. Pois, projetando-o, reelaborando-o, colocando-o em prática seus objetivos que transformamos uma determinada realidade. Este *dever* marcou nossa utopia sem desconsiderar os problemas e conflitos que o ambiente escolar demonstrou.

Neste aspecto, seguimos uma linha de raciocínio em que valorizasse a importância do planejamento juntamente com as intenções da pesquisa. Ou seja, a cada passo, decisão, projeção futura, nossa problemática, que envolve principalmente o sentido de Formação, estava conectado com o contexto social dos alunos e seu universo escolar. Para Libâneo (1994, p. 222),

A ação de planejar, [...] é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político – pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino.

O processo pedagógico estabeleceu nexos com teoria e prática no âmbito da Educação Física, do Esporte e da Mídia. Isto permitiu que vivenciássemos a relação prática-

teórica numa perspectiva para a Formação. Neste sentido, os conteúdos foram tematizados para a prática o que envolveu o esporte, as brincadeiras os jogos, a mídia enfim, as diversas possibilidades de apreensão do conhecimento que foram problematizadas a fim de produzir também, conhecimento. Portanto, sinalizamos quatro segmentos importantes neste Planejamento que materializaram estas intenções: **Os Objetivos, os Conteúdos, o Método e a Avaliação.**

Conversamos (professor de EDF e pesquisador) também, de modo geral, sobre os Objetivos, Conteúdos e Método. Assim, propusemos alguns objetivos (geral e específico), bem como, os conteúdos a serem tratados durante o ano letivo. Ressaltamos que a ideia era [...], dá um “ponta pé” inicial e que depois, durante o ano, iríamos redefinindo todo o Planejamento. (DC em 28/10/2011)

Com isto acordado definimos os Objetivos Gerais e Específicos, conforme abaixo, que se encontram no Planejamento Definitivo no Apêndice III desta pesquisa.

Objetivo Geral: Proporcionar aos alunos do ensino fundamental – de forma crítica, criativa e reflexiva no exercício da autonomia - o encontro entre a mídia e as TIC nas aulas de Educação Física. **Objetivos Específicos:** Tematizar a mídia/tic's nas aulas de Educação Física; Estimular a “produção responsável” no tocante ao uso das TIC e Mídia; Conhecer outras áreas que interligam a Educação Física e a Mídia; Relacionar as manifestações culturais, como o esporte, nas aulas de Educação Física tendo a Mídia/TIC no processo de mediação; Proporcionar a pesquisa no universo escolar a partir da relação Educação Física, Esporte e Mídia/TIC, conhecendo a história dos esportes e suas “tramas” em nossa sociedade; Conhecer e vivenciar práticas esportivas (Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futsal); Promover o senso crítico, o sentido de cooperação, sociabilização a partir das práticas esportivas (Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futsal); Conhecer e redimensionar as regras e práticas esportivas no universo escolar;

Sem admitirmos uma tendência única da educação para este fim, propusemos trabalhar com diversos autores que compartilhasse uma proposta na qual valorizasse o conhecimento, os alunos e a transformação da realidade.

Destacamos que era importante trabalhar as aulas de modo aberto e democrático com os alunos, passar os conteúdos na íntegra e que as visões progressistas da Educação/Educação Física nos ajudariam como as obras de Libâneo, Moacir Gadotti, Saviani, Paulo Freire entre outros, mas, que não ficaríamos presos a uma determinada concepção, engessando assim, nossa intervenção. Também, destacamos várias obras da Educação Física que poderiam nos ajudar dos seguintes autores, respectivamente: Metodologia do Ensino da Educação Física/Coletivo de Autores; Concepções de Aulas abertas/Hildebrandt; Crítico-Emancipatória/Kunz entre outros. (DC em 28/10/2011)

Com isso, elaboramos os objetivos pensando na relação do conhecimento com a realidade concreta e esta relação possibilitando entrelaçar-se com os objetivos da pesquisa. Para Libâneo (1994, p. 119) “Os objetivos antecipam resultados e processos esperados do trabalho conjunto do professor e dos alunos, expressando conhecimentos, habilidades e hábitos (conteúdos) a serem assimilados”. Neste sentido que a prática docente é, antes de tudo, uma prática sistemática e intencional.

Os objetivos educacionais expressam, portanto, propósitos definidos explícitos quanto ao desenvolvimento das qualidades humanas que todos os indivíduos precisam adquirir para se capacitarem para as lutas sociais de transformação da sociedade. O caráter pedagógico da prática educativa está, precisamente, em explicitar fins e meios que orientem tarefas da escola e do professor [...], podemos dizer que não há prática educativa sem objetivos. (LIBÂNEO, 1994, p. 120)

Nesta perspectiva, sistematizamos os conteúdos numa relação direta com os objetivos. Esta estratégia passou a ser materializada na produção e difusão dos alunos através dos vídeos construídos e também do Jornal. Com isto, o restante da escola, da cidade entre outros passaram a compartilhar também desta construção/produção no tocante à mídia e outros conteúdos como o esporte.

Assim, situamos os conteúdos a partir do que foi constituído pela humanidade ao longo da história, obviamente, em sintonia com a nossa realidade, ou seja, da realidade concreta, viva e vivida dos alunos, mas, sobretudo, a perspectiva também, foi ao aprender e apreender um conhecimento torná-lo, democraticamente, patrimônio de todos, principalmente, da classe menos favorecida assim como propõem Libâneo (1994; 1989), Saviani (1997; 1996; 2000); (Freire, 1987; 2011; 2011a; 1979), entre outros educadores que pensam a educação como uma prática para liberdade. Esta inspiração inicial tinha como intuito a transformação desta realidade em observação. Preocupamo-nos em expor e ensinar aos alunos o que nós sabíamos evitando assim, que o conhecimento fosse negado, mas, também, aprendendo com a realidade, com os alunos, com o fazer pedagógico. Para Libâneo (1994, p.128), os conteúdos são:

O conjunto de conhecimentos, habilidades, hábitos, modos valorativos e atitudinais de atuação social, organizados pedagógica e didaticamente, tendo em vista a assimilação ativa e aplicação pelos alunos na sua prática de vida. Englobam, portanto: conceitos, ideias, fatos, processos, princípios, leis científicas, regras; habilidades cognitivas, modos de atividade, métodos de compreensão e aplicação, hábitos de estudo, de trabalho e de convivência social; valores, convicções, atitudes.

A partir deste entendimento, definimos os conteúdos a serem tratados durante o ano letivo. Estes conteúdos estariam ligados à concepção de esporte na modernidade e se configuravam em quatro modalidades esportivas (Basquetebol, Voleibol, Futsal e Handebol) e a Ginástica. Assim, eles foram divididos em ciclos sendo que o primeiro mês seria uma visão geral destes conteúdos (vide Planejamento Definitivo e Planos de Aula no Apêndice III) e a partir do segundo ciclo, entraríamos dando mais ênfase às especificidades das modalidades esportivas no tocante à História, Fundamentos Básicos, Regras, o Jogo entre outros. Paralelamente, envolveríamos os jogos da cultura local (queimado e outros) e também a discussão de mídia (sobre as aulas em si e que envolve esta discussão, apresentaremos no subcapítulo seguinte).

É importante esclarecer com relação aos conteúdos - Ginástica e Basquetebol - apesar de estar implícito no Planejamento, e o Basquetebol ter iniciado o processo de aprendizagem, optamos por suspendê-lo uma vez que os equipamentos da quadra (tabelas, suporte dos aros) para as aulas estavam apresentando perigo aos alunos devido a seu estado de conservação; No tocante à Ginástica fizemos uma reflexão e decidimos retirá-lo também, tendo em vista a gama de conteúdos propostos, principalmente o esporte e a mídia. Além disso, devido às paralisações, o calendário ficou comprometido com o nosso tempo de intervenção. Portanto, os conteúdos da Ginástica e do Basquetebol continuaram como ilustração e intenção inicial do Planejamento, mas, que não foram contemplados, com exceção de uma única aula do Basquetebol (conforme esclarecimento no Apêndice III).

Refletimos – a partir do pensamento de Libâneo (1994) e também de outros autores que os conteúdos têm seu aspecto universal, mas, como foi nosso caso, configurou-se enquanto perspectiva de conhecimento que tem sua matriz (e na *Matrix*) a autonomia e o esclarecimento diante da realidade que os cercam, o que implica a sua amplitude para o que está acontecendo em sua Escola (CEMB), na sua cidade, no seu Estado, no seu País.

Aqui, o importante foi estabelecer significado aos conteúdos para além de um simples ato de ensinar, mas, sobretudo (também), a sua importância para formação humana. Com isto, o conhecimento que é reconhecidamente aceito pela sociedade e que mantém sua base nos currículos escolares, associa-se aos produzidos pelos grupos sociais (locais) – referimo-nos aos produzidos pelos alunos da 8ª Série “A” do CEMB – para assim, ganharem legitimidade e impulsionar os sujeitos para processo de transformação.

Um exemplo (está na íntegra no Anexo IV da pesquisa) trazido por um aluno desta turma, cuja matéria expunha sobre os “**Esportes Radicais, Trilhas e Caminhadas**”

(grifo nosso), representa a dimensão com a apropriação do conteúdo discutido em sala de aula, a pesquisa (por parte do aluno) e sua divulgação/publicização através do Jornalzinho da turma.

Nosso colega **Diego Barros**, do 9º ano, “A”, trouxe alguns esportes radicais para nossa reflexão e conhecimento. Seria bom pensar como aproveitá-los em nosso Colégio, em nossa cidade..., vejamos! **Rapel** - Existem vários locais onde se pode praticar rapel com orientação de instrutor em esporte de aventuras. O fim é sentir as emoções de descer dependurado em cordas sobre grandes paredões e vãos. Exige adrenalina, destreza e um pouco de instrução prévia [...]. (BARROS, JORNAL “O MATRIX”, p. 5, 2012)

A partir disso, foi determinante para um bom andamento do Planejamento, a articulação dos objetivos e conteúdos com a perspectiva metodológica. Estes “ingredientes” subsidiaram, principalmente, a trilha da pesquisa. Com isto, associamos a dialética como caminho para atingir nossos objetivos: de ensino e da pesquisa. Portanto, de modos indissociáveis, estavam os objetivos, os conteúdos e o método.

Na matéria abaixo (Anexo I da pesquisa) cujo título é: **O Caso do Ginásio de Esporte “Miltão”** (grifo nosso) está um exemplo da relação que estabelecemos entre os conteúdos transmitidos em nossas aulas (pois, as condições materiais do Colégio/Ginásio de Esportes implicam diretamente nas aulas de Educação Física e seus conteúdos), apropriação/entendimento do método e a realidade social em pauta. Além disso, está em evidência o princípio de autonomia e esclarecimento dos alunos sobre sua realidade:

O Ginásio José Milton Machado, o popular “Miltão”, tinha uma boa estrutura com quadra, banheiros, vestiários com capacidades para muitas pessoas na qual se realizam vários eventos, além dos jogos e aulas de Educação Física. Mas, infelizmente, desde novembro de 2009 está em ruínas não serve para nada disso e sim, para pontos de diversas situações ilícitas que não condiz com um colégio e está no completo abandono. Não seria melhor ativá-lo com pessoas jogando???? (CAROLINA E REZENDE, JORNAL “O MATRIX”, p. 2, 2012)

Neste sentido, o conhecimento advindo da contextualização dos conteúdos nos seus diversos campos (esporte e mídia) e que estabelece um olhar crítico para as realidades sociais, bem como, para as práticas sociais (aulas de Educação Física) ganha sintonia com o método.

Com isto, propusemos uma ruptura aos tradicionais métodos de ensino que mitifica o conhecimento de forma dogmática, bem como, não tornamos superficial este conhecimento com a opinião, ou melhor, como expressa Libâneo (1994) partimos do

conhecimento em sintonia com a experiência contextualizada e referente à prática de vida dos alunos. Portanto, as aulas, as relações professor e alunos; alunos e professores; alunos e alunos entre outras fazem parte do universo escolar e do conhecimento, juntamente com os conteúdos e objetivos de ensino ganham status de conscientização deste processo que esboça nossa práxis (ação-reflexão-ação). A tensão entre a teoria e a prática se completa. Para Libâneo (1994, p. 151),

Os métodos de ensino [...], não se reduzem a quaisquer medidas, procedimentos e técnicas. Eles decorrem de uma concepção de sociedade, da natureza da atividade prática humana no mundo, do processo de conhecimento e, particularmente da compreensão da prática educativa numa determinada sociedade. [...] os métodos de ensino se fundamentam num método de reflexão e ação sobre a realidade educacional [...].

Por fim, mas, não nesta ordem e sim, simultaneamente aos outros aspectos, a Avaliação complementou o Planejamento. Essa, no nosso entender representou uma das tarefas mais difíceis no processo de ensino-aprendizagem, principalmente, por que partimos do compromisso político-pedagógico de não estabelecer uma relação autoritária com os alunos e nem tornar o processo de aprendizagem numa “onda” de provas e notas, pois, estávamos conscientes que “avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos”. (LIBANEO, 1994, p. 195). Assim,

Optamos também, por avaliar os alunos durante todo o processo de intervenção e que ela (a avaliação) estaria presente em todo o momento, seja na presença, nas tarefas, pesquisas, participação, provas etc, enfim, não se daria em um único instante com isto, contemplaríamos e envolveríamos todos os alunos de diferentes formas, no aspecto qualitativo e processual. (DC em 28/10/2011)

Nossa perspectiva então foi estabelecer a avaliação como um processo em que o principal objetivo fosse (com ela aliada) entender o contexto em que estávamos inseridos e suscitar mecanismo de transformação social. Neste aspecto, ela foi, é e será sempre parte integrante de um projeto para a Formação e assim, ela conecta ao objetivo, conteúdo e método. Ao avaliar estamos também nos avaliando e com isso, refletindo sobre nossa prática pedagógica, sobre nossas ações, sobre nossa realidade. “Desse modo, entendemos que a avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica”. (LUCKESI, 1995, p. 28).

Explicamos também que haverá tarefas, pesquisas e outras construções e que será necessário a formalização de grupos [...]. (DC em 08/03/2012)

Pedimos, para que começassem a observar as notícias que são veiculadas na mídia – rádio, televisão, internet, jornal - que relacionam o esporte. Informamos que a próxima aula seria na quadra a fim vivenciar algumas práticas. Eles gostaram da ideia. (DC em 22/03/2013)

No encerramento da aula, fizemos um grande círculo e discutimos sobre a avaliação. Rememoramos todo processo avaliativo que envolvia tudo que estávamos fazendo desde participação na aula até as provas, os trabalhos e alertamos para aqueles que precisam melhorar suas notas pensarem nisso, já que muitos estão com notas ruins. (DC em 27/09/2012)

Neste sentido, a Avaliação estabeleceu uma relação intrinsecamente conectada ao processo pedagógico que desenvolvemos para a pesquisa. Isto significa dizer que houve uma cumplicidade na relação professor-aluno, mas, não significa dizer que esta cumplicidade foi unânime e, portanto, em alguns momentos, fizemos uso do poder que ela representa no campo educacional sem, com isso, estabelecer um mecanismo autoritário diante dos alunos. A avaliação foi sempre uma conquista de ambas as partes (professores e alunos).

A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas, resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do quefazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da liberdade e não da domesticação. (FREIRE, 2011, p. 114)

Nosso propósito foi estabelecer uma cumplicidade no processo avaliativo – como já exposto anteriormente – além disso, pensar nos alunos em constante movimento, ou seja, da simples participação em aula à formulação de um texto de amplitude mais complexa, estava o cerne de nossas discussões e conteúdos apresentados o que consolidava a mediação no desenvolvimento intelectual dos alunos. Como expõe Luckesi (2001, p. 28) sobre avaliações (educacional e da aprendizagem) em que elas “são meios e não fins em si mesmas, estando assim delimitadas pela teoria e pela prática que as circunstancializam”.

5.5.1 As Aulas de Educação Física: O Lócus da Pesquisa!

O *locus* de nossa pesquisa/intervenção foi a Escola, precisamente, o Colégio Estadual Murilo Braga, no âmbito da Disciplina Educação Física, no período vespertino, na turma “A” da 8ª Série (9º Ano) do ensino fundamental. Neste sentido, este espaço/campo de pesquisa foi responsável por estabelecer interlocuções no tocante à Educação que ratifica o que é “ser” e “estar” no chão da escola.

Elaboramos nosso Planejamento (conforme Apêndice III desta pesquisa e já enunciado no tópico anterior) em dois momentos: O primeiro que fora uma “intenção” ao campo de pesquisa, sem uma turma definida e o segundo - definitivo e reelaborado – para o início das aulas já com a turma definida. Juntamente com eles, elaboramos também, os Planos de Aula para o processo de intervenção.

Obviamente, que elaboramos o Planejamento pensando em sua compatibilidade com o calendário escolar e com isso, os Planos de Aulas estariam contemplados no tocante aos horários das aulas e a turma, respectivamente. Entretanto, a realidade (escolar) viva e dinâmica nos conduziu para outras interfaces com este ambiente devido às constantes interrupções como greves, paralisações, feriados, entre outros e isto forçou a mudança no Planejamento e, conseqüentemente, nos Planos de Aula, como também, os conteúdos e metodologias adotadas, pois, o calendário ficou comprometido com o nosso tempo de intervenção. Aqui, vale a assertiva de que o “Plano é flexível” não só nos conteúdos a serem transmitidos, métodos e objetivos que requer um período de assimilação por parte dos alunos, mas, principalmente, a realidade escolar que é dinâmica, contraditória, conflitante, portanto, é Dialética e não dá para “encaixotar” tudo como se isto não interferisse decisivamente em nossas metas. Portanto, abordaremos aqui, alguns pontos importantes durante o período de aulas em que ficou marcado o caráter da Formação numa relação indissociável entre teoria e prática.

Escolhemos o esporte institucionalizado (BRACHT, 1997) para gerir nossas reflexões no âmbito escolar, materializado em quatro modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal). Esta escolha deu-se principalmente por ser ele aglutinador da relação mídia e sociedade, principalmente, no Brasil quando nos referimos à modalidade futebol.

Neste sentido, é importante perceber que o Estado, numa sociedade regida pela ordem do capital, funciona no sentido de garanti-la o que implica a submissão de todos os campos/valores ao capital e isto inclui a cultura e com ela, o esporte. Poderíamos exemplificar, no caso do Brasil, a criação de um Ministério (dos Esportes) para este fim, além das realizações dos chamados megaeventos esportivos – como Olimpíadas e Copa do Mundo

de Futebol – com o aval e verba do Estado para este fim, ao mesmo tempo em que nos questionamos como é difícil vermos e ouvimos debates – sérios e responsáveis – envolvendo as partes interessadas como a sociedade de modo geral, as instâncias públicas, as universidades, a mídia e isto sendo levado para meio escolar.

Analisando o pensamento de Bracht (1997, p.70)¹¹⁰ em que aponta algumas características que estão no cerne do esporte na contemporaneidade e que, aos olhos do Estado elas têm uma atenção especial, destacamos uma em que fica claro sua relação com a comunicação de massa e que incide diretamente no universo escolar pelo fetiche produzido pelo esporte-espetáculo:

O esporte é uma atividade com um conjunto de regras de fácil compreensão, [...]. O resultado de uma competição é anunciado imediatamente após o seu encerramento e não deixa dúvidas [...], adéqua-se bem às características da comunicação de massa e à indústria do entretenimento.

Esta característica foi de fato tensionada durante o processo de intervenção. Obviamente, que temos clareza que estamos lidando com outra manifestação no âmbito escolar que é bem diferente da esta instituição (esporte), mas, precisamente, lidamos com o fetiche provocado por ele e com isso, foi importante para fomentar o debate com os alunos acerca deste fenômeno. Assim, já nas primeiras “deixas” para relacionar a Educação Física, o Esporte e a Mídia colocamos para os alunos as contradições desta relação e como está bem articulada na formação da sociedade brasileira.

[...]. Outro aspecto da mídia – esportiva – foi quando perguntamos se eles conheciam algum jogador de futebol dos times do Estado. Não sabiam, apenas ouvimos um aluno responder que conhecia o jogador Waldson, que já teve passagem pelo Botafogo do Rio de Janeiro e de times tradicionais do Estado como Sergipe e Confiança e nesta temporada estava defendendo o Itabaiana, ou seja, estava sempre na mídia, mas, os alunos não lembravam nenhum outro jogador que atua no Estado. Mas, quando perguntamos sobre o Ronaldinho Gaúcho, foi unânime a resposta, todos conheciam. Foi neste sentido que mostramos como são veiculados esses jogadores e também são criados os ídolos esportivos, pois, eles geram audiência na mídia e, portanto, pode ser bem explorada sua imagem. (DC em 22/03/2012)

Conforme nosso Planejamento para as práticas esportivas, dividimos os conteúdos das modalidades esportivas em 4 (quatro ciclos), bem como a apropriação dos meios técnicos e a discussão de Mídia (já enunciado na discussão sobre o Planejamento). Assim, as primeiras

¹¹⁰ Vide todas as características em Bracht (1997, p. 70-71).

aulas teriam uma visão geral das modalidades e logo após esta fase, retomaria o conteúdo com as especificidades de cada modalidade como (a história, os fundamentos, as regras básicas e o jogo específico). Com isto, estabelecer uma crítica ao esporte que é veiculado nos meios de comunicação de massa.

Esta estratégia metodológica permitiu que iniciássemos um ciclo de aprendizagem (apropriação, discussão e reflexão dos conteúdos), bem como estabelecêssemos uma crítica fundamentada seja no esporte, na mídia, na educação Física, etc., pois, mantivemos nexos entre eles. O primeiro mês representou a iniciação ao processo (Formação) em mídia e também para apreensão das modalidades esportivas (introdução) conforme descrito no Planejamento (Apêndice III).

No campo escolar, mas, não só nele, especialmente nele, “*todo momento é de Formação*” (grifo nosso). Esta premissa nos conduziu durante o período de intervenção. Lidar com a Formação em pauta é ficar atento - o tempo todo - nas relações e conflitos que existem na escola; é não deixar de lado valores morais, éticos que estão imbricados nos conteúdos, nas práticas, na vida; é não admitir que as pessoas – os alunos – sejam expostas a discriminação racial, social, econômica, política religiosa, enfim é tratar todos e todas com princípios igualitários. Por esta razão, já nos primeiros momentos com a nossa turma em observação e percebendo que alguns alunos adotavam uma postura individualista e de segregação que, de imediato, estávamos convictos de desfazer tais concepções. Foi sempre levantando questionamentos e problematizando que abordamos sobre o sexismo, racismos, individualismo entre outros:

Na quadra, vivenciamos o futebol e também o voleibol. Para isto, dividimos a quadra em dois espaços respectivamente. Um grupo misto - meninos e meninas - ficou no jogo de vôlei e um grupo somente de meninos ficou no futebol. Estas separações têm nos preocupados e no final da aula dissemos que durante o ano não haverá separação, ou seja, dissemos que não poderia continuar um “grupinho” do futebol somente de meninos e que era necessário haver uma “mistura” de ambos os sexos. Eles disseram que as meninas não gostam, mas, não foi bem assim que averiguamos. Na verdade, elas sentem medo de se machucar ao jogar com os meninos, pois, segundo elas, os meninos são violentos. Então, reafirmamos que haverá momentos em que todos irão jogar independente do sexo. Combinamos que para o próximo encontro a aula seria na sala de vídeo, pois, iríamos passar um filme. (DC em 08/03/2012)

Nossa percepção foi que – ratificando diversos estudos neste aspecto – a Educação Física constitui-se numa disciplina em que os alunos gostam de praticar

(principalmente). Durante o período de intervenção ficava evidente a ansiedade dos alunos em ir para quadra.

Os alunos estavam ansiosos para ir à quadra, mas, antes solicitamos que respondessem um questionário que elaboramos com intuito de perceber o entendimento deles sobre mídia e também, o que eles mais têm utilizados em termos de TIC. (DC em 08/03/2012)

Obviamente que esta afirmativa não era uma unanimidade, pois, era comum alguns alunos ficavam sem participar das aulas práticas alegando diversos motivos (enfermidade, mal estar, cólicas menstruais, entre outros). Reconhecemos também, que alguns desses motivos eram idôneos, mas, na maioria das vezes, os poucos alunos que se negavam a participar omitiam a verdade.

Neste aspecto, criamos estratégias que valorizassem a aula prática e estas “espertezas” dos alunos eram ressignificadas como a construção de um texto ou algo assim. No entanto, o que mais nos incomodavam era perceber que alguns alunos, que se negavam a participar, preferiam ridicularizar seus colegas que participavam. De imediato, intervimos no sentido de uma reflexão sobre este comportamento. Por esta razão estávamos convictos que *“todo momento é de Formação”* – reiteramos este argumento - pois, este se constituía numa tomada de consciência, num momento para o esclarecimento e, principalmente, um momento para auto-reflexão crítica sobre o ato que se constituiu em banalização para com os colegas, para o professor e para eles (agressores) também. “Mas é fundamental que percebam o respeito e a lealdade com que um professor analisa e critica as posturas dos outros”. (FREIRE, 2011, p. 18)

A aula foi na quadra poliesportiva. Nesses dias iniciais estamos nos conhecendo e também familiarizando os conteúdos básicos que serão ministrados durante o ano letivo. Assim, a cada dia eles vêem uma modalidade esportiva na perspectiva do jogo. Hoje, especificamente, eles viram o Voleibol [...]. A maioria dos alunos participou, mas, um pequeno grupo não quis participar [...]. Perguntamos o porquê e eles disseram que na próxima aula participariam. Ficamos incomodados com a atitude de alguns alunos deste pequeno grupo [...], pois, se limitaram a zombar dos colegas que estavam jogando. Nossa atitude foi instantânea e conversamos com estes alunos, inclusive, alertando que eles não precisariam ficar na quadra, caso não quisessem, mas, que não permitiríamos [...] atitudes desrespeitosas com os colegas. A bronca surtiu efeito e eles pararam. [...]. Por fim alertamos, mais uma vez, que não permitiríamos o desrespeito com os colegas, pois, é muito cômodo ficar numa posição de inércia e não se arriscar a aprender o novo. (DC em 29/03/2012)

Conduzimos nossas aulas em relação à Educação Física, ao Esporte ou à Mídia, tendo a clareza que o princípio formativo deveria estar em evidência. Não só na produção da mídia – como já relatamos – em que a responsabilidade, a conscientização a autonomia estavam presentes, mas, também, em todo processo e isto inclui nossas aulas de Basquetebol, Futsal, Handebol e Voleibol.

Por fim, apresentamos a proposta para o ano letivo e que consistia, basicamente, no tema esporte e que aliado a este vivenciaríamos as quatro modalidades (Basquetebol, Voleibol, Handebol, Futebol e a Ginástica), mas, paralelamente estaríamos vivenciando outros jogos (queimado) e também nossa construção com a mídia. Pedimos, para que começassem a observar as notícias que são veiculadas na mídia – rádio, televisão, internet, jornal - que relacionam o esporte. (DC em 22/03/2012)

Nossa preocupação foi que esses conhecimentos - aqui tematizados - tivessem significados para além das aulas de Educação Física, para além dessas práticas esportivas e que contribuíssem para Formação humana. Muito mais do que aprender a sacar, a arremessar, a chutar entre outros fundamentos básicos, estava em jogo o respeito aos colegas, ao professor e a si mesmo. O respeito aqui não significa uma subserviência aos ditames do Professor, pelo contrário, o respeito era o processo de conscientização que estava em prática em todo momento e que se materializa (ou) no dia a dia de aulas. O saber fazer dos alunos carregava em si um aprendizado para vida.

Deparamo-nos com uma realidade no mínimo “estranha” na Educação Física em que não há uma sistematização dos conteúdos a serem transmitidos e isto auxilia na precariedade de sua prática. Assim, por exemplo, caso o Professor deseje trabalhar com apenas um conteúdo durante todos os ciclos formativos (fundamental e médio), não há empecilho.

Neste sentido, com relação às modalidades esportivas elaboramos o Planejamento e os Planos de aula envolvendo 4 (quatro) ciclos. Cabe aqui explicitar que seguimos a cronologia do Planejamento com os ciclos iniciando em Março/2012 e término em junho/2012. No entanto, conforme anotações postas no Diário de Campo houve diversas interrupções no cronograma, mas, mantivemos a sequência da relação conteúdo e método. Resumidamente: Iniciamos em Março; paramos em Abril; retomamos em Julho (com férias de 15 dias, portanto, nova paralisação); retomamos em Agosto; finalizamos em Fevereiro de 2013.

O primeiro ciclo (grifo nosso) - Março/2012 – representou a parte introdutória às modalidades esportivas. Apresentando aos alunos as quatro modalidades em forma de jogo,

ou seja, a cada dia/aula uma modalidade. Este primeiro ciclo envolveu também, a elaboração crítica ao esporte através da leitura da mídia e que, paralelamente, começávamos a usar os equipamentos (filmadora).

Com isto, neste primeiro mês, estabelecemos nexos entre a Educação Física, o Esporte e a Mídia o que instigou uma mudança de olhar para o fenômeno esportivo, pois, estava sempre em pauta a análise e reflexão crítica o que gerou nossos primeiros passos para buscar a ideia de mídia-educação. Este ciclo representou o momento de “quebra de gelo” para apreensão dos conteúdos esportivos (introdução); para introdução da discussão em mídia-educação; para criarmos o vínculo e cumplicidade com os alunos e vice-versa e os alunos entre si. Percebemos no início do processo que a cultura do futebol e do queimado está enraizada no âmbito escolar e que se constituiu num obstáculo a ser superado.

Eles haviam solicitado jogar futebol, então, reservamos alguns minutos finais para esta prática e assim, a quadra ficou dividida em dois grupos: futebol (após o voleibol) e queimado. No final da aula, fizemos um grande círculo refletimos sobre o que eles acabaram de realizar e abrimos para perguntas. Explicamos também, que de hoje em diante reuniríamos no final da aula para pensarmos o que fizemos. (DC em 29/03/2012)

O segundo ciclo (grifo nosso) representou um aprofundamento das modalidades esportivas em questão. Este aprofundamento foi representado pelo conhecimento da história sobre as modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal); dos fundamentos e regras básicas e o jogo em si. Paralelamente estávamos estimulando o uso das TIC – filmadora - e iniciando a produção em mídia com a criação de vídeo com roteiro, edição, *decupagem* entre outros.

Neste sentido, o processo de aprendizagem em mídia-educação - com produção e apresentação de Vídeos – foi se consolidando. Este processo estimulava não só a autonomia e a produção responsável e consciente, como também e, principalmente, o sentido de Formação que fez gestar a criação/formação de um grupo permanente (*Matrix*) para análise, uso e produção de Mídia no ambiente escolar exercitando a autonomia, a responsabilidade, a conscientização, o esclarecimento. Portanto, no desenrolar das aulas este Grupo registrava os momentos de aprendizagem dessas modalidades.

No tocante às modalidades esportivas em debate, é importante explicitar que o Basquetebol sofreu uma mudança de planejamento e fora suspenso. Este fato se deu pelo perigo que as tabelas poderiam causar aos alunos, o que foi relatado no “Jornal O *Matrix*” nº 5

(Anexo IV - que será discutido no tópico Volta ao Campo: O Processo Formativo se Completa!) conforme abaixo:

DIFICULDADE DE SUA PRÁTICA NO CEMB – Por: José Edilson, José Junio, Carlos Junio, Diego, Everton e Ernandes. Na Opinião deste grupo de alunos, a maior dificuldade em aprender o Basquetebol são os fundamentos, as regras e a altura da cesta que impede um melhor acerto. Além disso, as consideram que impedem a prática são as tabelas que estão quebradas. (JORNAL “O MATRIX”, p. 4, 2013)

No entanto, apesar desta suspensão de nossas pretensões, pudemos observar que a única aula prática ministrada sobre o Basquetebol possibilitou algumas reflexões importantes: Primeiro, que mesmo arraigados aos tradicionais conteúdos (futebol e queimado) oportunizar aos alunos outras vivências, outras práticas, como foi o caso do Basquetebol, possibilitou uma mudança de olhar para o novo como fica registrado na fala das alunas no recorte do Diário de Campo:

Fomos para quadra e ouvimos as mesmas solicitações em que os alunos (meninos) queriam jogar futebol, mas, neste dia explicamos que incluiríamos também o basquetebol [...]. A princípio, houve uma resistência, depois fomos brincando e fluiu o jogo. Sobre jogo, usamos uma só tabela e limitamos o espaço [...] no final da aula falamos que vivenciaríamos o voleibol no próximo encontro e algumas meninas, justamente as que resistiam a jogar, disseram: “**não, agora eu só quero basquete**”. [...], o que mostra que oportunizar outras práticas aos alunos quebra a hegemonia do futebol e queimado. Não descartamos estes elementos da cultura corporal, no entanto, é importante, no nosso entender, que eles conheçam outras práticas. Explicamos que, às vezes, por vergonha, deixamos de aprender uma modalidade esportiva, como a de hoje (Basquetebol) e que esta não é difícil e também é um jogo muito prazeroso de brincar, como foi relatado por alguns que participaram. Dissemos que é importante enfrentar o desconhecido e aprender coisas novas. Alguns alunos concordaram com isso ressaltando que gostariam de continuar jogando Basquetebol. (DC em 21/06/2012)

Outro aspecto foi que poderíamos, também, redimensionar este conteúdo com outros materiais, bem como, redefinir o espaço como várias experiências já publicadas (NERY e RIBEIRO, 2003; SANTANA e RIBEIRO, 2003) entre outras possibilidades. Ainda, experiências na relação Universidade (UFS) e Escola têm demonstrado o quanto é importante esta aproximação para mudanças significativas nas práticas educativas:

Foi através do diálogo permanente que pudemos ouvir o ‘canto’ do esclarecimento e repensar a prática. Obviamente que numa perspectiva crítica de ação e reflexão (práxis) para a educação/Educação Física o diálogo [...] constituiu-se na expressão fundamental para uma transformação das práticas vigentes, das relações teórico-

práticas, do olhar acerca do fenômeno esportivo o que justificou a nossa presença na escola. (RIBEIRO, 2010, p. 234-234)¹¹¹

No entanto, redistribuímos este conteúdo (Basquetebol) para o fim do Planejamento na esperança de que as tabelas fossem consertadas – o que não aconteceu – e, assim, pudéssemos continuar a sistematizá-lo, porém, fomos engolidos pelo contexto escolar - pela realidade escolar - na qual, muitas ações pretendidas são subsumidas por esta realidade.

Explicamos aos alunos que a ideia, conforme nosso planejamento era fechar o processo com Basquetebol, mas, devido a situação em que se encontravam as tabelas, ficava preocupante, pois, elas estavam encostadas e sem condições de uso, causando perigo caso viesse a cair. Inclusive, nos Jogos Internos, as partidas de Basquetebol foram realizadas em outra escola. (DC em 13/12/2012)

O terceiro ciclo (grifo nosso) consistiu em retomar o conhecimento apreendido nas modalidades esportivas e aprofundar o uso das TIC, o conhecimento em mídia e a produção consciente em mídia.

Esta fase foi decisiva na constituição de um grupo em que multiplicou este conhecimento com as apresentações de suas produções (vídeos e jornal). Além disso, este grupo se arriscou mais, projetou e construiu com experiências didáticas vividas e isto possibilitou ousar mais com as reportagens e entrevistas realizadas e a publicação de um jornal.

Esta tomada de consciência pelo grupo possibilitou consolidar reflexões críticas sobre a produção no campo midiático com responsabilidade, autonomia, responsabilidade, conscientização, esclarecimento. Assim, o processo de sociabilização se intensificou a partir desta tomada de consciência da construção midiática do grupo e isto foi contaminando os demais alunos do Colégio da cidade.

No aspecto das modalidades esportivas ficou evidente o significado de trabalhar em grupo, de pensar coletivo, do processo de sociabilização que era condição obrigatória para fluir as práticas. Como Expõe Coletivo de Autores (1992, p. 75): “É necessário que o professor promova a compreensão do que é ‘equipe’, bem como do papel ‘solidário’ que cada um dos seus membros deve ter, estimulando-os para o coletivo [...]”.

¹¹¹ Vide (RIBEIRO, 2010), Educação Física Esporte e Sociedade: Temas emergentes Vol. IV, 2010.

Fomos para quadra e demos sequência ao planejamento com a introdução ao futebol. Neste sentido, a ideia principal era colocar para todos os alunos a importância de jogar coletivamente, de estimular o senso de cooperação, de valorizar o colega e principalmente, incluir as meninas no jogo, uma vez que é constante a separação por sexo quando o tema é futebol. (DC em 08/11/2012)

O quarto ciclo (grifo nosso) foi representado pelo fechamento do processo de aprendizagem das modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal). Aprofundamento do conhecimento em mídia e as TIC (filmadora). Com isto, materializamos a produção em mídia (jornal e vídeos produzidos), sua sociabilização e difusão, bem como, mantivemos permanente um grupo de alunos que se tornou multiplicador e manteve o processo de mídia educação mesmo após o período de intervenção. Professores e alunos passaram a compreender o que se construiu e também a importância de trabalhar em grupo.

[...]. Aprendi muito, pois, como já havia falado, não tinha experiência com a mídia. Minha formação nem de longe fazia isto. Às vezes, fazíamos uma crítica sobre um programa, sobre o esporte [...], mas, aqui eu aprendi fazendo [...] e vi que é possível, foi muito bom e com certeza, continuarei o trabalho. (PEF em 21/02/2013)

[...], é saber dividir, pois, não queriam dividir, compartilhar com outra pessoa, acho que é isso não é ter posse. [...] teria que compartilhar [...]. As pessoas acham que é meu aí não quer dividir [...]. (ATHENA em 04/04/2013)

SER – Teria alguma coisa que teria te marcado mais e que você vai levar para sempre em sua vida?

CALYPSO – Tem muito. Sua amizade, o ensinamento, aproximação mais com os colegas, minha amizade com Helena, a construção dos jornais. (CALYPSO em 10/04/2013)

Este ciclo, no tocante às modalidades esportivas, priorizou o jogo como possibilidade de se criar um espaço aberto para as questões pertinentes ao processo de Formação. Com isso, a sistematização do jogo para cada modalidade esportiva, respectivamente, sofria modificações importantes na sua construção.

Primeiro, tínhamos o cuidado de garantir a participação de todos e com isto, a preocupação em evitar acidentes devido ao contato excessivo dos alunos; Segundo, a inclusão das meninas e com isso, garantir sua permanência no jogo o que implicava algumas mudanças significativas (como, só valia o gol se elas chutassem, a bola tinha que passar por elas antes de validar o ponto etc); Terceiro, ficar atento aqueles que estão no jogo, mas, efetivamente, não estão participando e colocá-los para jogar; Por fim, sistematizávamos o jogo envolvendo o fundamento, a regra específica e o jogo propriamente dito.

Estas mudanças eram iniciais até os alunos se perceberem na construção do jogo e, principalmente, perceberem-se uns aos outros. Assim, entendiam que precisariam cuidar dos colegas e que não era necessário agredir o adversário, pois, ele também era seu colega.

Estas mudanças no ritual do jogo - que é institucionalizado - foram necessárias para que os alunos pensassem o colega como um companheiro e, portanto, indispensável na luta do jogo e, principalmente, para que eles olhassem para os adversários como colegas necessários e importantes, pois, sem eles não haveria jogo. Para Coletivo de Autores (1992; 2009), numa aula de basquetebol, por exemplo, a habilidade de passar a bola pode se constituir num tema lúdico, além de implicar várias dimensões e sentidos como ser mais interessante refletir sobre a vontade de dar ao outro uma coisa; dispor-se a receber; que é mais fácil passar do que receber do outro entre outras possibilidades. Estas questões, juntamente com outras, eram problematizadas na construção do jogo.

Com isto, durante a aula, estávamos atentos às questões problematizadoras o que fazia com que sempre parássemos a atividade para reflexão e no final da aula, em nossa roda, voltávamos a conversar sobre elas, pois, entendíamos que se constituía, também, num processo de Formação. Além deste aspecto, paralelamente, estávamos instrumentalizados com as câmaras registrando as aulas e também, aprendendo a usá-las o que gerou um vídeo sobre as aulas de EDF.

Para o Basquetebol o jogo objetivava, inicialmente, simplesmente encestar. Mas, para isto, foi preciso mudar as regras oficiais e adaptá-las às nossas necessidades, principalmente para evitar que os alunos se machucassem e à medida que iam dominando suas habilidades, introduzíamos a regra oficial,

A equipe que defendia, não poderia sair da área delimitada (garrafão). Só poderia sair quando recuperasse a bola. Esta estratégia servia para evitar os contatos mais fortes e evitar acidentes, pois, no início de uma prática, os alunos correm à procura da bola em velocidade o que geram lesões. No início, deixamos os alunos livres e poderia fazer o que quisesse, ou seja, carregar a bola, driblar com duas mãos, correr com a bola, etc, mas, depois, fomos limitando os passos (somente dois) a não ser que quicasse a bola. Este, o drible, era ilimitado quanto ao quicar ao solo, mas, quando o aluno parasse de driblar, só poderia arremessar ou passar ao colega e não driblar novamente. Preocupamo-nos com as faltas, o contato e, portanto, não poderia empurrar os colegas. (DC em 21/06/2012)

No tocante ao Voleibol a perspectiva do jogo assemelhava-se ao Basquetebol, separando aí suas especificidades, mas, sempre começávamos com atividades simples e leves; individualmente e em duplas, trios etc; ou seja, primeiro estabelecíamos um momento de

adaptação à modalidade específica e a partir desta compreensão, íamos ampliando a complexidade do jogo.

A ideia era brincar com o Vôlei sem estabelecer regras oficiais, somente algumas regras básicas. Com isto, dividimos os alunos ficando 6 de um lado e 7 de outro. Então, uma aluna disse que estava errado, pois, a partir das regras deste esporte, o correto seria 6 contra 6. Respondemos a ela que não teria importância isto, pois, naquele momento o que estava em questão era a participação de todos. No início cada aluno poderia dá quantos toques quisessem na bola, depois reduzimos para três por equipe e assim que completassem os três toques deveriam passar para o outro lado e quando a bola tocasse o chão seria ponto. Outro aspecto importante do jogo foi colocar todos para executar os movimentos (saque) rodiziando e aqueles que achavam que não sabiam começaram a desafiar sua própria dificuldade. Mesmo com as dificuldades de alguns o jogo fluiu. Paralelamente outros alunos jogavam futebol em espaço menor e com uma trave pequena. Expusemos que todos deveriam jogar e que era importante aprender a passar a bola para o colega. [...]. (DC em 12/07/2012)

Para o Handebol, não muito diferente das demais estratégias adotadas para apreensão do jogo (adaptação, conhecimento da modalidade, aspectos técnicos dos fundamentos básicos entre outras) limitávamos a ação dos alunos (masculinos) para que a participação feminina fosse maior, como por exemplo, só as meninas poderiam arremessar ao gol para marcar o ponto. Esta estratégia, apesar de tolher um pouco a ação dos meninos, obteve seu lado positivo, pois, estimulou uma maior participação das meninas, principalmente, por que elas nunca haviam experienciado esta modalidade esportiva e isto era um obstáculo a mais para nossas práticas.

Na quadra experimentamos o Handebol. A princípio houve uma rejeição, depois, os alunos foram ganhando coragem para se aventurar. Colocamos algumas regras para não haver acidentes, como delimitação do espaço; não poder segurar o adversário, não empurrar; não tomar bola no contra-ataque entre outras. [...] alertamos os alunos que continuaríamos com o Handebol no próximo encontro como fora planejado no início do ano. (DC em 16/08/2012)

[...], alguns alunos se recusam a jogar, simplesmente por não gostar do Handebol e outros, por que não querem se sujar. Mas, a maioria experimentou o jogo. Antes, realizamos atividades de passes, recepção, arremesso e defesa/ataque. O jogo ainda estava limitado às algumas regras criadas para garantir segurança e deixar os alunos – aqueles que sentem medo e inibição – mais livres. Com isto, ao perder abola não poderia recuperá-la no ataque somente na área de defesa; a bola teria que passar por todos; era crucial que utilizassem os passes e arremessos apreendidos [...]. (DC em 23/08/2012)

[...], fechamos o ciclo do Handebol e também suas filmagens. Houve boa participação, mas, alguns alunos recusaram a participar ainda arraigados ao queimado e o futebol. Neste dia, entregamos uma apostila contendo todo conteúdo do handebol (histórico, fundamentos, regras básicas etc) para que eles leiam, pois, seria conteúdo para prova. (DC em 20/09/2012)

No Futsal, que a princípio era o futebol, no entanto, como utilizávamos o espaço da quadra poliesportiva e a delimitação deste espaço provocou uma mudança da prática para que os alunos percebessem melhor a modalidade, uma vez que para eles tudo era futebol e não havia distinção.

A principal estratégia dessa atividade, em nossas aulas, foi torná-la uma atividade feminina, pois, desde o início do processo, era perceptível o quanto havia a separação – sexismo – na prática do futebol (futsal) em que ficava evidente o domínio e monopólio deste jogo pelos alunos do sexo masculino. Com isto, uma primeira mudança à regra foi permitir que somente as meninas executassem o chute final para o gol (semelhante ao Handebol), além de que a bola, antes do chute, deveria passar por todos de sua equipe o que obrigava uma troca de passe entre eles e evitava concentrar a posse sobre ela de um ou outro jogador.

Outra estratégia foi quebrar com o estigma de que o futebol (futsal) é jogo para macho como dizem popularmente entre os alunos. Assim, nas primeiras atividades propomos a quebra deste preconceito a exemplo do jogo de mãos dadas o que foi encarado com certo receio pelos alunos (masculinos), mas, com o passar do tempo eles foram quebrando o preconceito.

Fomos para quadra e demos sequência ao planejamento com a introdução ao futebol. A ideia principal era colocar para todos os alunos a importância de jogar coletivamente, de valorizar o colega e principalmente, incluir as meninas no jogo, uma vez que é constante a separação por sexo quando o tema é futebol. Para “quebrar o gelo”, começamos com o tradicional “bestinha” em círculo, mas, só poderiam dar um toque na bola. [...] Por fim, no jogo final, limitamos os chutes. Inicialmente, somente as meninas poderiam chutar e depois todos, mas, somente de perto, ou seja, dentro da área. Parávamos a aula sempre para provocar a reflexão dos alunos quando se joga coletivamente e ainda de mãos dadas, estimulando o pensar coletivo e não individual. (DC em 08/11/2012)

Trabalhamos com a ideia do chute, recepção e passes. Propomos que sempre passasse a bola para as meninas chutarem. Isto foi motivador, pois, havia sempre um monopólio dos meninos com ânsia de fazer gols. Então, nas atividades de passe, recepção e chute, este era realizado por uma menina e, ocasionalmente, um menino fazia o chute final. No jogo final, continuamos modificamos a regra e só era validado o gol quando realizado por uma menina, para que elas tivessem mais oportunidades para chutar e permanecer com a bola. (DC em 29/11/2012)

Alguns aspectos são importantes destacar em nossas rodas de conversa com alunos e que fazem parte do processo de Formação. Primeiro (como já fora explicitado) a falta de ética e respeito dos colegas entre si, o que proporcionou uma atenção especial e também nos instigou a problematizá-la sempre que ocorria, não permitindo, em nenhum momento, a

discriminação dos outros e isto foi crucial para os alunos perceberem que estávamos atentos a tudo que ocorria no dia a dia escolar e, portanto, o respeito mútuo se deu no plano professor-aluno e principalmente, no plano aluno-aluno. Aqui, seguem dois recortes, em tempos distintos, mas, que ratifica nossa atenção com a questão ética.

No Final da aula, fizemos um círculo e discutimos sobre o jogo e que o importante não era ganhar, mas participar da brincadeira e principalmente, colocar os outros alunos que sentiam dificuldade em jogar, para participar. Sobre as “mangações” explicamos como era fácil rir do colega por estar tentando fazer. Ficar numa posição cômoda, somente rindo ou mangando seria mais fácil, ou seja, ficar numa posição confortável de zombaria do que arriscar a participar. Pedimos que não se repetisse tal atitude, pois, isto era um desrespeito não só com os colegas mais com todos nós, inclusive com eles mesmos. (DC em 12/07/2012)

[...] sentamos na quadra, em um grande círculo, ressaltamos a importância de pensar no colega como parte importante no jogo coletivo, pois, não há heróis. Eles são construídos pela sociedade e a mídia tem uma participação determinante nesta construção, principalmente no esporte. Além disso, alertamos que não adianta ter um artilheiro (herói) sem uma boa defesa, ou melhor, que todos têm uma importância no jogo e seria muito mais interessante por os colegas, principalmente, as colegas para participarem ativamente no jogo. Reiteramos a importância de deixar os preconceitos de lado e principalmente evitar um posicionamento machista diante dos colegas. [...]. (DC em 08/11/2012)

Segundo, foi marcante o quanto os alunos estão arraigados com algumas práticas na Educação Física, como o futebol e o queimado. Foi preciso negociar com eles para que pudessemos ofertar outras atividades. Mesmo assim, sempre no final da aula abríamos para estes famigerados jogos.

Após este momento, abrimos para que os alunos jogassem futebol e queimado. É impressionante como os alunos estão arraigados às práticas (de futebol e queimado) e como é difícil propor outra coisa além disso, mas, alertamos os alunos que continuaríamos com o Handebol no próximo encontro como fora planejado no início do ano. (DC em 16/08/2012)

Terceiro, em relação às questões de raça, gênero, sexo etc, em que ficava evidente o preconceito quando trazíamos, para o contexto escolar, um vídeo musical com negros cantando pelo mundo e os alunos faziam o uso palavras preconceituosas; Ou mesmo nas atividades em que os alunos precisariam segurar a mão do colega (mesmo sexo). Estas e outras questões, também serviram para nossas reflexões e ao mesmo tempo em que íamos expondo o conteúdo e colocando em prática nossa metodologia, íamos também, problematizado estes preconceitos para que em nosso dia a dia e, principalmente, na Formação dos alunos, isto não mais ocorresse.

Depois, introduzimos o passe e a recepção no futebol através do jogo lúdico em roda e de mãos dadas. Percebemos também, o quanto os alunos estão arraigados aos preconceitos que marcam nossa sociedade, pois, alguns meninos se recusavam a dar as mãos aos colegas (do mesmo sexo), o que fez nós – professores – interrompermos a aula e explicar que alguns preconceitos não deveriam existir e que dá a mão ao colega não iria mudar a sua opção sexual e que era, inclusive, falta de educação com seus próprios colegas. A interrupção surtiu efeito e todos reiniciaram as atividades como havíamos proposto. (DC em 08/11/2012)

O quarto aspecto importante tratou-se dos problemas que ocorreram internamente no contexto escolar. Não é novidade alguma para ninguém, muito menos para os profissionais da educação, os problemas que ocorrem como a falta de estrutura, material, transporte escolar, professores faltosos, calendário comprometido (todos esses foram observados em nossa permanência na escola) entre outros, mas, gostaríamos de destacar um em especial que nos deixou espantados. Referimo-nos a uma Escolinha de futebol que acontecia/acontece na quadra do CEMB e ainda, disputava espaço com as aulas de Educação Física.

Este fato ocorre/ocorreu diariamente no CEMB e o problema maior foi que estava ocorrendo junto com as aulas de Educação Física, em nosso espaço de intervenção. Obviamente que não iríamos compactuar com tamanha estranheza e de imediato, comunicamos à Coordenação do CEMB que nos garantiu que o professor (e a tal escolinha) não tinha autorização para ficar no horário de nenhuma aula de Educação Física. Mas, disseram que a escolinha era prá ficar quando não houvesse aula, o que, de certa forma, legaliza a permanência dela em um espaço que é público e que estava/está sendo usado em caráter privado e comercialmente.

Não havia nenhuma restrição quanto ao Professor desta escolinha de futebol, bem como, dos próprios alunos, ou seja, não se tratava de uma questão pessoal, pelo contrário, era uma questão pública. Nossa inquietação provocou a mudança de horário desta escolinha, mas, não o seu fim, enfim, como diz o ditado popular: “quem cala, consente”! Isto também representa o princípio formativo de não acomodação e se indignar (e não naturalizar) com acontecimentos como este que desvirtua o sentido de uma escola pública.

Neste dia, um fato nos chamou a atenção, é que um professor usa a quadra para uma escolinha (paga) e nem é professor da escola. Isto ocorre já há um bom tempo. Não sabemos ainda se ele paga a alguém da escola, mas, é no mínimo estranho. (DC em 21/06/2012)

Depois, como havíamos combinado no último encontro, fomos para quadra. Dividimos o espaço da quadra com a “tal” escolinha de futebol. Ficamos sabendo

que já houve vários conflitos com professores da escola e esta atividade que, inclusive, é externa à escola. Resolvemos que iríamos levar para coordenação da Escola, para que este fato não ocorresse mais durante o horário das aulas. [...]. (DC em 12/07/2012)



Foto Área interna Quadra. Fonte: *Matrix*. Escolinha Jogando, junto com aula de Educação Física.



Foto Área externa Quadra. Fonte: *Matrix*. Escolinha aguardando entrar à quadra

Por fim, gostaríamos de descrever três aspectos que se referem às aulas em si. O primeiro, (conforme abaixo e presente no Apêndice III), o cronograma foi reelaborado, no entanto, não alteramos a data dos planos, apenas, colocávamos as anotações no Diário de Campo. Além disso, o Plano de aula era um guia de nossas pretensões, como já fora aqui relatado e a flexibilidade acontecia no dia a dia escolar. Essas paralisações (em nossa pesquisa) prejudicaram nossa presença no campo e muitos professores do CEMB evadiram-se antes mesmo do calendário escolar acabar. Com isso, apesar de estarmos cumprindo nossa

meta, os alunos da 8ª Série “A”, muitas vezes, evadiam-se também, pois, como o restante dos alunos do Colégio iria embora, eles não queriam ficar esperando.

MÊS	DIA (Quinta-Feira- duas aulas por dia)
MARÇO	1-8-15(Paralisação)-22-29
ABRIL	5 (Semana Santa)-12- Greve
MAIO	Greve
JUNHO	Greve -14-21- Férias
JULHO	Férias – 12-19-26
AGOSTO	2-9-16-23-30
SETEMBRO	6 (Paralisação) -13-20-27
OUTUBRO	4-(preparar a escola para eleições)11-18-25
NOVEMBRO	1-8-15-22-29
DEZEMBRO	6-13-20-27
JANEIRO/2013	3-10-17 (Semana Literária) -24-31
FEVEREIRO/2013	7-14-21

CRONOGRAMA DEMONSTRATIVO - Datas efetivas de intervenção ao campo (Reelaborado dia/aula uma vez por semana a partir de 01/03 com as paralisações ocorridas e ampliação do calendário)

Estas paralisações aconteciam, muitas vezes, pela especulação da informação que poderia ser sobre uma possível assembléia dos professores, possível paralisação dos motoristas, possível dia de ponto facultativo por conta de um feriado local, enfim, isto ocorria em vários dias da semana. Aqui, estamos nos referindo somente à quinta-feira dia de nosso encontro. Mas, a escola parou para realizar as provas do Enem, para as eleições municipais (na semana anterior e posterior):

As aulas foram encerradas, pois, precisariam preparar a escola para as Eleições. Isto ocorreu numa quinta-feira, sendo que as eleições seriam realizadas no domingo, mas, que gerou um esvaziamento prematuro de alunos e professores, com isso, não houve aula. (DC em 04/10/2012)

Ainda, houve os feriados locais, paralisação dos motoristas que transportam os alunos dos povoados entre outros. Esta era uma reflexão constante, de nós professores, no processo de intervenção.

No final deste encontro, nós professores, fizemos uma reflexão no sentido de que estamos no mês de dezembro, que habitualmente marca o fim do ano letivo, no entanto, este ano deveria ser diferente devido aos sessenta dias de greve, além das férias do meio do ano. A previsão do encerramento seria para fevereiro, mas, a realidade é outra. São poucos professores que cumprem rigorosamente a sua jornada e o ano letivo foi encurtado para quatro meses. Sem exageros a escola já apresenta

sinais de fim de ano, com poucas aulas, os alunos indo embora, um quadro lamentável. (DC em 06/12/2012)

[OBS: diálogo com a Professora de Literatura] Conversamos também, sobre o ano letivo que fora muito conturbado, paralisações, feriados, greve, férias, entre outras e isso tudo cansou alunos e professores e agora na reta final, quase não conseguimos motivar os alunos. Ela ressaltou que está sofrendo com isto também, pois, a impressão que paira no ar é que estão condensando o ano letivo em um semestre e isto prejudica o aprendizado dos alunos. (DC em 20/12/2012)

Segundo, conforme abaixo, mantivemos uma sequência didático-pedagógica conforme havíamos estabelecido para as aulas, mas, suprimimos os conteúdos do Basquetebol (que se efetivou apenas em uma aula) e da Ginástica. Esta última, apesar de contida no Planejamento e Planos de aula não foi efetivada.

Por fim, entendemos que a discussão sobre mídia-educação (principal objetivo de nossa intervenção) deveria aparecer como um tema transversal. Paralelamente às discussões sobre o Esporte e a Educação Física, íamos instigando a sua discussão, apropriação, construção, com isso, afastamos a rejeição imediata sobre o novo e aos poucos fomos cultivando o interesse dos alunos sobre a temática.

TABELA¹¹² COM CRONOGRAMA TEMÁTICO

DATA	TEMA PRINCIPAL	TEMA TRANSVERSAL
01/03/2012	Apresentação da proposta de ensino para o ano letivo com os temas: Esporte, ginástica e mídia	
08/03/2012	Uma introdução aos esportes coletivos: Futsal e voleibol	A Mídia na vida dos alunos, seus, formas de comunicação
15/03/2012	Uma introdução ao estudo da mídia. A mídia em nossa sociedade. A relação da mídia com Educação Física e esportes	
22/03/2012	Uma introdução ao Voleibol	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar
29/03/2012	Introdução ao Futsal	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar
05/04/2012	Uma introdução ao Basquetebol	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores); Observação ao contexto da mídia no campo esportivo
12/04/2012	Uma introdução ao Handebol	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores). Reflexão acerca das mensagens da mídia (geral) e do campo esportivo (específico)
19/04/2012	Voleibol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
26/04/2012	Voleibol - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
03/05/2012	Basquetebol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
10/05/2012	Basquetebol - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
17/05/2012	Handebol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
24/05/2012	Handebol- fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo.
31/05/2012	Futsal, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
07/06/2012	Futsal - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Exercício da autonomia e responsabilidade na produção da mídia
14/06/2012	A Ginástica. Aspectos históricos. Concepções históricas da Ginástica. A Ginástica no âmbito escolar na atualidade	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise, reflexão crítica, utilização e produção da mídia, tendo como referencia o esporte e a educação física. Processo de “multiplicação” sobre a apropriação dos meios
21/06/2012	Ginástica – Possibilidades de aplicação no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Produção Responsável em Mídia
28/06/2012	Revisão Geral sobre os esportes e a Ginástica	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo

¹¹² Esta tabela é ilustrativa e a partir de abril – quando iniciou a greve dos professores – as datas sofreram alterações.

5.6 Volta ao Campo: O Processo Formativo se Completa!

“E quando acabar as aulas o jornal acabará?”. (MINERVA, DC em 12/11/2012)

Começamos esta temática com o questionamento (em epígrafe) de um dos membros do Grupo *Matrix*. Este questionamento foi o princípio fundante da tomada de consciência pela construção em Mídia-educação e ratifica nossa *ação-reflexão-ação* no campo de pesquisa em que o processo formativo mantém-se e manteve-se vivo. Neste aspecto, aproveitamos a indagação da aluna para problematizar a questão e esclarecer, mais uma vez, só que agora com uma prática em evidência e já construída, nosso propósito com este aprendizado:

Respondemos que o sentido de todo esse processo que estamos realizando no Colégio sobre a produção consciente da mídia é para germinar, ou seja, estamos plantando uma semente para nascer e renascer sempre, pois, esta construção, tudo que estamos realizando é patrimônio deles e da escola. Assim, dependia deles para que ele continuasse ativo. Neste sentido, aproveitamos o momento oportuno para reiterarmos a ideia dos multiplicadores, bem como, da semente que eles estão plantando e que isto, poderia ficar para sempre se o sentido fosse apreendido e repassado aos demais. Explicamos também, que mesmo alguns saindo da escola, poderiam participar de forma virtual, com e-mail, blog, pelas redes sociais, ou seja, o centro estaria na escola, mas, a construção poderia vir de vários lugares. O que era importante neste momento era repassar o conhecimento apreendido para outros alunos de forma que ficasse em permanente movimento, um devir constante. [...]. Foi neste instante que percebemos que a “ficha” começou a cair para alguns membros do Grupo, principalmente Minerva. Eles começaram a entender nosso propósito na escola e a potência que estava sendo criada naquele processo. Este dia, apesar de ser um pequeno instante, foi muito bom no processo de aprendizagem em mídia-educação. (DC em 12/11/2012)

Nossas ações já caminhavam para um trabalho autônomo e responsável ao longo do ano letivo. Como já relatado, o Grupo *Matrix* estava mais solto, mais autônomo e entendendo o porquê de suas construções. Isto ficava evidente em nossas reuniões para formalizar um vídeo; um número de um jornal; tomar decisão sobre o quê e para quem publicar; a responsabilidade na formulação das matérias, enfim, um clima de conscientização e Formação pairava sobre nós.

Vimos também, o desabrochar de alguns membros do Grupo. Antes, esses alunos, apresentavam uma visão limitada ao significado de mídia e, com o desenvolvimento das atividades, tornaram-se sujeitos fundamentais no Grupo. Suas inferências, decisões e principalmente, suas ideias e sugestões, apontam para um crescimento intelectual e um

amadurecimento na produção da mídia. Parece-nos que nunca as palavras de Freire (2011, p. 70) estiveram tão presentes em nossa caminhada na Formação dos alunos e de nós mesmos: “A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria [...]. A esperança faz parte da natureza humana”.

Percebemos uma mudança de rumo em relação a uma heteronomia para uma autonomia, na perspectiva de Paulo Freire. Com isto, ficou posto uma libertação para a qual os alunos – Grupo *Matrix* – caminharam com a produção em mídia-educação. Sabemos que foi e são determinantes as condições históricas de poder – econômico, político, coercitivo e, principalmente, simbólico (THOMPSON, 1998) – que configuram a vida dos homens na sociedade (brasileira) e quando nos referimos às Tecnologias de Informação e Comunicação e à Mídia, nos dias atuais, este determinismo é ainda mais opressor.

Neste aspecto, foi/é extremamente gratificante e enriquecedor para o processo de Formação experienciar e promover a autonomia, a partir do contexto escolar público, no sentido de uma possibilidade para liberdade, pois, sabemos que é difícil fugir da alienação.

Quanto mais se fala de autonomia dos professores mais a sua acção (sic) surge controlada, por instâncias diversas, conduzindo a uma diminuição das suas margens de liberdade e de independência [...]. Não é possível preencher o fosso entre os discursos e as práticas se não houver um campo profissional autônomo, suficientemente rico e aberto. (NÓVOA, 2009, p. 7)

Este alerta de Nóvoa (2009) estende-se para o campo discente, com certeza. Não é à toa o quanto é difícil trabalhar para a emancipação do aluno num sistema educacional e político tão voltado para a aristocracia dominante. As TIC, não muito diferente das demais construções da humanidade, estão a serviço desta mesma aristocracia e sociabilizar suas invenções é uma tarefa difícil. Percebemos o quanto o processo de dominação e alienação leva os homens para uma acomodação. A globalização é uma extensão desse domínio e por isso, as mensagens da grande mídia sempre procura naturalizar esta construção como se fosse algo do acaso e aceitar a condição subalterna e subserviente é norma desta ideologia.

A capacidade de nos amaciar que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não se poderia evitar, uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder. (FREIRE, 2011, p. 123)

Por isso, ficávamos entusiasmados quando os alunos – Grupo *Matrix* – começavam a produzir conhecimento em mídia por um princípio autônomo. Além disso, de perceber também que eles começaram a ver o mundo, ver sua realidade, ver seu colégio, com um olhar crítico. Este olhar crítico, antes uma crítica pela crítica era fruto de uma tomada de conscientização, de uma construção coletiva em que outro era valorizado, em que a opinião do outro era valorizada e problematizada, jamais, em nenhum momento, permitimos que as opiniões, sugestões, ideias, de algum membro do Grupo fosse desvalorizada. Isto fazia com que houvesse uma implicação com o Grupo e também deles entre si.

Foi neste movimento que vimos – e a práxis foi nosso guia para esta observação – os sujeitos exercitando sua liberdade em confronto com os ditames de uma estrutura que tem por meta coordenar as ações dos homens impedindo sua autonomia, sua liberdade, com isso, vimos também, os sujeitos ampliando sua capacidade de melhorar suas análises e transformar processos alienantes que estão no cerne desta mesma estrutura como é o caso da mídia.

O que estava posto era uma educação para Formação, na sua totalidade e que envolvia sua criticidade para o esclarecimento. Eis, em prática, a relação do campo sensível e da dialética e poderíamos sim, estarmos falando de correntes de pensamento diferentes como a Fenomenologia e a Dialética Marxista, mas, o que se tem de fato é que elas caminharam juntas para a Formação.

Neste dia Ulisses trouxe boas ideias para o jornal, a exemplo de incluir notícias internacionais e também locais. Ele explicou que um vereador de Itabaiana foi eleito, mas, corria o risco de ficar de fora por conta da legenda do partido. Neste aspecto, dissemos a Ulisses que sua proposta era importante e interessante, mas, que ele averiguasse a informação trazendo todos os detalhes e aí, faríamos uma síntese. Isto foi explicado a todos do Grupo para que sempre observe a veracidade da informação, que façamos do jornal uma fonte segura, pois, somos responsáveis por tudo que colocamos nele. [...] Por fim, entendemos que a construção do Jornal é sempre um dilema, com problemas de todas as ordens que vai de relacionamentos entre os membros até problemas estruturais, como digitar o texto, mas, no final, verificamos que é bem produtivo, com muitas ideias que vão surgindo e germinando no contexto. Saímos satisfeitos com a construção. (DC em 01/11/2012)

Esta dinâmica em fazer e refazer para fazer de novo marcava a metodologia de trabalho do Grupo e também, à medida que se brincava (seriamente) de fazer jornal, vídeo, amadurecia o conhecimento sobre cada assunto com isso, os alunos (Grupo *Matrix*) passaram a entender que havia uma potência em suas mãos. O que significava também a possibilidade de não mais acabar, de continuar o processo, de aprender e ensinar aos outros:

Estávamos num período em que a mídia, em especial a televisão, noticiava morte de uma notória apresentadora de televisão – Hebe Camargo – O Grupo questionou se não seria interessante colocar algo, a opinião deles, pois, quase todos os canais – local e nacional – de televisão, transmitiram este fato. Este foi um momento importante, abriu-se um debate interno no Grupo em que uns achavam que deveriam apenas noticiar, mas, outros, achavam que outras coisas estão acontecendo no mundo e principalmente em Itabaiana e não tem tanta notoriedade como, por exemplo, a violência no trânsito, violência nas ruas, a questão das drogas entre outros [...]. Ficamos entusiasmados com o posicionamento deles e aproveitamos para reiterar que esta era a ideia principal quando formalizamos o Grupo e criamos nossa mídia. Que eles ousassem em suas criações, que fizessem suas críticas, opiniões, sobre tudo, mas, que para cada caso, eles tivessem o cuidado no que iriam escrever e responsabilidade com a informação. Dissemos também que esta era a potência da mídia nas mãos deles e que eles poderiam voar em suas construções. Neste dia, eles ficaram mais atentos naquilo que estavam produzindo e também no potencial que estava nas mãos deles. Com isto, fechamos o primeiro número do jornal. (DC em 10/10/2012)

Nas entrevistas com os alunos do Grupo *Matrix* e também com os demais sujeitos da pesquisa (Professora de Educação Física - PEF), a necessidade de continuidade ficava evidente, de manter a chama acesa em relação à produção da mídia e seus desdobramentos sócio-políticos e nos demais campos da Educação, Educação Física e Esportes. Vejamos alguns recortes:

SER - Você pretende continuar relacionando a mídia em suas aulas de Educação Física. Como, Por quê?

Pef – Sim. Porque é importante que eles vejam outras coisas a mais do que a Educação Física e também, percebam o que está por trás das coisas. Não é só ver e acreditar, mas, mudar a visão deles para o que ver na mídia. Esta experiência me ajudou a perceber que podemos ajudar o aluno a ver as demais coisas da sociedade. Assim, a Educação Física ajudando a educação deles como um todo e não só na prática de atividade física, entende?. (PEF em 21/02/2013)

SER – Você pretende continuar com a experiência do *Matrix* ou qualquer outro jornal? [...].

Athena - Então, eu gostaria de falar sobre isto. Tipo assim [...] eu estava em outra chapa. Nossa chapa não ganhou, então, aí falou (o candidato a presidência do Grêmio), para a gente construir outro jornal. O que o Grêmio não está cumprindo, a gente fazer cumprindo [...] a gente ser a voz dos estudantes [...] cobrando [...].

SER – Você percebeu que o jornal, a mídia é um potencial forte na mão, [...] sabendo usar, com responsabilidade [...]? Vocês podem usar a seu favor, como resistência, em prol de uma causa!

Athena – Essa ficha caiu!. (ATHENA em 04/04/2013)

SER – Você pretende continuar com esta experiência?

Ulisses – Por enquanto não, porque agora estou trabalhando. Mas, se eu voltar pro Colégio, por que eu tenho vontade de terminar o ensino médio, aí eu tenho vontade de construir outro jornalzinho.

SER – [...] Só uma dica: não necessariamente, fisicamente, você precisa está presente no Colégio, se as meninas continuarem com o jornal [...] você pode contribuir com pitacos, escrever uma matéria.

Ulisses – Se as meninas precisarem de alguma coisa, sim.
 SER – Você gostaria de acrescentar alguma coisa a mais?
 Ulisses – Para que o pessoal que fez não desistisse que as meninas continuassem com o jornal porque foi uma experiência muito legal que a gente nunca tinha feito isso aqui assim e o professor veio e conseguiu fazer. (ULISSES em 02/05/2013)

Talvez, este seja o ponto crucial em relação a outras pesquisas qual seja: da possibilidade de voltar ao campo e perceber que o processo em mídia-educação continua, que o Jornal criado e gestado a partir de um processo consciente também continua; que os sujeitos partícipes desta construção ressignificaram seu olhar para mídia e passaram a ser não só consumidores, mas, principalmente, produtores, enfim, o processo de Formação se completou para continuar se completando. Mas, não só isto, vê-se que a necessidade em continuar teve uma relação direta com o aprendizado, com a Formação adquirida e que, portanto, os sujeitos envolvidos assumiram-se como protagonistas na construção midiática de modo autônomo. Para Macedo (2011, p. 110) a Formação “realiza-se na existência de um Ser social que, ao transformar em experiências significativas os acontecimentos, informações e conhecimentos que o envolvem, [...], emergirá ‘formação’ na sua incompletude infinita”.

Acrescenta ainda Macedo (2011) “para ser formativa, uma aprendizagem terá que vir imbricada a um ponto de vista, a uma atitude, a uma ação reflexiva”. Talvez, esteja aí nosso diferencial neste estudo, principalmente, quando estabelecemos relações, implicações com os sujeitos envolvidos e estes, jamais simbolizaram objetos para o nosso olhar enquanto pesquisadores. Portanto, estes sujeitos foram marcados para voar e pegaram a formação em pleno vôo.

A primeira informação que soubemos e que se constituiu um fato muito importante para a pesquisa, foi saber que o Jornal está em andamento. Já existem grupos pesquisando e formulando as matérias. Isto nos deixou eufóricos, pois, saber que a semente havia sido plantada e que toda a construção realizada não iria acabar e sim, continuar era nossa maior conquista. (DC em 15/05/2013)

Esta informação – em destaque acima - advinda da volta ao campo durante a realização das últimas entrevistas representou um marco em nossos objetivos, pois, ficou evidente que a semente que fora plantada germinou; que os sujeitos imbricados com o processo não cooptados numa relação funcionalista (sujeito-objeto); eram atores sociais (MACEDO, 2011) que protagonizaram a história, viva, e a continuam no processo contínuo da vida.

O Jornal nº 5 do *Matrix* (Anexo IV) manteve sua estrutura, mas, já no cabeçalho percebemos a imbricação com novos sujeitos tendo com base os alunos do ano letivo anterior, que hoje, em sua maioria estão no 1º Ano do Ensino Médio.

HISTÓRICO DO JORNAL: “O *Matrix*” é um jornalzinho produzido pelos alunos do CEMB. Inicialmente no ano de 2012 foi editorado pelos anos da 8ª Série A - 9º ano – e este ano com a colaboração do 1º Ano “A” do Ensino Médio. O Jornal envolve diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria. (JORNAL “O MATRIX”, Ano: 2, nº 5, Set., 2013)

A seção Reflexão partiu de uma homenagem especial ao Professor de Educação Física Henrique que se aposentou. Esta homenagem trazia depoimentos de outros professores e também do Diretor do CEMB; Além desta homenagem o Jornal apresentou também matérias produzidas por alunos da turma 1º Ano “A”, sobre algumas modalidades esportivas como o Handebol e o Basquetebol. O Importante destas matérias foi que os alunos relacionaram-na ao próprio Colégio e apontaram algumas dificuldades que obstaculizam sua prática. Fechando a seção um grupo de alunos apresentou sobre a Copa das Confederações que foi realizada aqui no Brasil e sagrando-se campeã a seleção Brasileira de Futebol. Eles fizeram um levantamento histórico desta competição nas versões anteriores.

Por fim, o Jornal apresentou notícias nacionais como a Jornada Mundial da Juventude; sobre o Campeonato Mundial de Judô, principalmente o destaque da participação feminina que garantiu 6 (seis) medalhas para o Brasil no total de 7 (sete) conquistadas e sobre o aniversário da cidade de Itabaiana.

Estas matérias trazem de importante não só a informação, mas, sobretudo o processo metodológico de trabalho em que os alunos pesquisaram, realizaram entrevistas, sobre um determinado tema, escreveram sobre este tema e elaboraram sua reflexão relacionando com sua realidade. Isto foi um diferencial na relação com a produção do conhecimento em mídia que ficou evidente na exposição das matérias.

Neste aspecto, o exercício da autonomia ficou em constante movimento. Esta foi a razão também e pela qual, esta pesquisa avançou no sentido de estabelecer um laço entre a produção consciente/responsável em mídia e a autonomia. As tramas com da Dialética com a Hermenêutica e com os pressupostos da Pesquisa-Formação (que tem matrizes na Pesquisa-Ação) mostraram a partir das construções no campo de pesquisa e também da continuidade

deste processo, que caminhamos no rumo certo mesmo sabendo que o que nos movia era a incerteza.

Nossa aposta sempre foi no ser humano, no potencial criativo do ser humano. Nossa aposta foi na Educação. Foi saber “que o fundante da educação é a formação”. (MACEDO 2011, p. 51). Entendemos, portanto, que aqui se deu uma transformação. Transformação das práticas existentes e principalmente, transformação dos sujeitos em Formação. Isto se deu e continua em processo, pensando a Formação como algo a se descobrir a se compreender por mediações dialógicas (Op.cit.,). Não quisemos aplicar uma teoria, mas, sobretudo, aprender com a experiência e a reflexão. A Formação constituiu-se o caminho para superação do processo existencial dos alunos, professores, enfim todos nós.

Estamos em um tempo histórico estranho sob vários aspectos, mas, precisamente, no tocante ao uso das TIC que apresentam mudanças significativas na vida do das pessoas, como a relação com o trabalho, pois, foi alterada a perspectiva de espaço e tempo, uma vez que tudo acontecem no instante já. Estas mudanças que alteraram também a relação do homem com a natureza – trabalho – e que desde processo primitivo do capitalismo vem ditando esta relação seja na comunicação, na linguagem e na interação com o mundo que no modo de ver de Marx (1996) representa a dominação/exploração do homem pelo homem.

O trabalho – condição necessária na produção da existência – que fora capturado pela opressão, dominação e ganância do homem sobre o homem e foi detalhado na crítica marxista, hoje, aparece metamorfoseado e suas faces são obscuras. É preciso um esforço de autonomia para perceber esta dominação sobre todos nós.

Lutamos, há séculos, por ideais que esbocem as condições de igualdade, de liberdade, solidariedade compartilhada entre os homens e parece-nos que ainda estamos longe de sairmos da pré-história humana, como alertou (MARX, 1996). A relação entre Alienação e a Semiformação (ADORNO, 1996) fica evidente em qualquer situação na qual o capitalismo sobrepõe-se sobre o homem e tolhe sua capacidade de emancipação.

O Exercício que realizamos nesta investigação prova isto. Estamos convictos de que o caráter emancipador se dá pela luta; se dá pela aproximação com os sujeitos; se dá pela prática (práxis) de reflexão que interage com a teoria e vice-versa; se dá pela luta de liberdade de expressão, de pensamento; se dá pela luta contra a opressão, contra a alienação.

Quando propomos trabalhar com a mídia e TIC em caráter educacional e tendo o ambiente escolar como *locus* de nossa observação, pareceu um tanto temeroso. Isto porque há um medo latente em aproximar-se desta questão por várias razões, mas, especificamente a falta dela no âmbito escolar. No entanto, este estudo mostrou o quanto este medo é mais um

fetichismo pela onda do efêmero, pela onda do consumismo, pela onda dos alienantes produtos da Indústria Cultural que mantém semiformados em larga escala, do que o medo em si.

Aqui, não fizemos uso da palavra emancipação no sentido meramente retórico como alertou Adorno (2000) e estamos cientes da dificuldade em estabelecer processos emancipadores e a proposta foi encará-los de frente. E que nos impedem?:

O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. (ADORNO, 2000, p. 181)

A volta ao campo de pesquisa nos deu ânimo e perceber - neste momento pós imersão – que a *Matrix* foi gestada. Que mesmo nesse tempo de avanços tecnológicos o maior avanço que pudemos perceber foi a transformação de sujeitos, do olhar desses sujeitos para a mídia e para as TIC usando para isto, requisitos tidos como ultrapassados (como o jornal), pois, o que estava em jogo foi a Formação. Neste aspecto, vale o estímulo do velho e bom Professor Paulo Freire:

Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética [...]. A liberdade do comércio não pode estar acima da liberdade do ser humano. (FREIRE, 2011, p. 126)

Esta deveria ser a principal finalidade da educação: de provocar a autonomia, o esclarecimento do ser humano em processo de formação, pois, enquanto a sociedade de modo geral, estiver com o olhar funcionalista para adaptação das pessoas a serem meras consumidoras, estaremos condenados a uma regressão.

6. PALAVRAS FINAIS

Estávamos habituados a só pensar em educar leitores críticos. Hoje, ao contrário, devemos pensar em educar para a responsabilidade de cada um de nós enquanto autores.

(FANTIN e RIVOLTELLA, 2010, p.100)

Nestas palavras finais, mas, que representa a certeza de uma incompletude, recuperamos alguns aspectos tensionados e conflitantes do campo de pesquisa. Dividimos então, em quatro temas/momentos para reflexão (in) conclusiva que ajudam a problematizar a Tese.

O primeiro Tema - Expressa nossa tentativa de intensificar a educação de modo geral e a Mídia-Educação de modo específico, a constatação foi que a realidade escolar pública ainda está longe de um ideal esclarecedor, mas, ainda é o *locus* fundamental para um processo Formativo.

Obviamente que não é só este espaço para o aprendizado, para a Formação, mas, é instituídamente um local propício para isto. Sibilia (2012), a partir da realidade da Argentina, que não seria muito diferente no Brasil - expõe que a escola pública é uma das instituições que mais confiança desperta, pois, segundo esta autora, é menos corrupta. Mas, sobretudo, expõe sobre a necessidade de se reinventar esta instituição como algo ainda impensável em que volte acontecer alguma coisa nas aulas, dando densidade à experiência, despertando entusiasmo e a vontade de aprender (SIBILIA, 2012).

Este é um aspecto importante que reforça, a cada dia, a necessidade de estar pensando a Escola. Pensando em sua estrutura, seu modelo curricular, os alunos, enfim, precisa ser pauta diária na política pública educacional sob pena de afastarmos ainda mais a relação conhecimento e formação.

Não resta dúvida do papel político que a Educação possui e em nossa imersão ao campo de pesquisa mostrou, mais que nunca, da importância de exercitar este papel no âmbito escolar. O papel político, a nosso ver e antes de tudo, representa o processo de transformação que a realidade almeja; e/ou gostaria que fosse de outro modo; ou que deveria ser.

Neste aspecto, estamos convictos que a reflexão crítica desenvolvida e exercitada durante a nossa estada no campo de pesquisa, promoveu uma mudança significativa entre

todos nós (pesquisadores/professores/alunos), pois, aprendemos e promovemos o aprendizado de modo que a autonomia, a dialogicidade, a conscientização entre outros fossem princípios inexoráveis para uma Educação em que o objetivo maior fosse a emancipação. Este caráter foi inegociável, esteve presente em todo momento para que garantíssemos o exercício da democracia. Esta, longe de um discurso retórico, foi também um princípio que envolveu nossa Formação na qual garantimos a fala, a expressão, o gesto a vontade de mudar.

Aproveitamos o momento para fazer uma reflexão avaliativa do ano e acreditamos termos atingido nossos objetivos. Mais do que criarmos um jornal, ou mesmo, de tematizar conteúdos no âmbito dos esportes, os alunos - principalmente do Grupo *Matrix* - descobriram o sentido da autonomia, descobriram o papel da mídia, descobriram que podem ser construtores e não só receptores da mídia. Esta reflexão nos deixou contentes, pois, quando iniciamos o processo não imaginávamos que provocaríamos tanto a percepção dos alunos no tocante à mídia e a sociedade de modo geral. Para além dos conteúdos, estamos formando sujeitos – com responsabilidade – para viver em nossa sociedade de modo que possam ser críticos e atuantes. (DC em 10/01/2013)

Reconhecemos também que a discussão em Mídia-Educação ainda está distante, está dispersa e há poucas experiências, principalmente na escola pública e na região Nordeste do país, a exemplo de nosso campo. Mas, gostaríamos de recuperar as palavras da professora Maria Luiza Belloni em que “[...] há, contudo, um toque de otimismo, uma razão de esperar: com o avanço da história, novas gerações de professores vão incluindo esse tema em suas reflexões e essas máquinas em suas práticas”. (BELLONI, 2012, p. 53)

Destacamos três momentos que são importantes e reforçam este aspecto enunciado pela autora supracitada e que foram visíveis em nossa experiência: O primeiro da Professora de Literatura (PL) do CEMB que despertou sua curiosidade para o nosso trabalho pela construção midiática que ali estava acontecendo. Esta curiosidade foi advinda da própria formação da Professora em que havia realizado uma pós-graduação em Educomunicação pela PUC do Rio de Janeiro e isto a fez desenvolver também experiências no campo da Mídia-Educação:

A especialização em Tecnologias em Educação pela PUC/RIO, que concluí em 2010 me instrumentalizou muito mais abrindo minha visão sobre o uso das mídias como recurso pedagógico. Mas antes disso, acho que em 2003, não recordo bem, fiz um curso à distância da TV Escola, que tratava do tema. Toda essa formação foi bastante enriquecedora para mim. [...]. Eu penso no aspecto pedagógico, de como lidar com isso, com a formação dos alunos, pois, assim eles vão tendo consciência da informação, que muitas vezes é mentirosa, não é verdadeira. (PL em 15/05/2013)

No entanto, ainda estamos longe de se criarmos uma cultura de reflexão crítica, de apropriação e produção em Mídia-Educação. São vozes soltas, esporádicas e no olhar desta Professora em suas experiências pedagógicas, no qual concordamos plenamente, ainda é uma voz solitária no espaço escolar, o que provoca um desânimo, mas, também, provoca uma força para prosseguir, pois, sabe o compromisso que tem em levar o conhecimento, em ajudar os alunos a se libertarem. Ainda, nosso trabalho é mais uma voz que se soma e, reconhecidamente por esta Professora, amplia a necessidade de pensá-la de modo irrevogável para a Formação dos alunos.

Gostaria ainda de fazer um desabafo: às vezes me sinto solitária no trabalho docente e em especial com o trabalho com a mídia [...] Parece que não consigo dialogar concepção de ensino com meus colegas. Penso que tanto numa gincana, quanto na produção de um jornal, de um vídeo ou de um programa de rádio escolar nós professores temos o papel de munir nossos alunos com conhecimentos necessários para que eles próprios produzam conhecimento, sejam autores e coautores de várias produções que existem ou deveriam existir na escola. Sinto-me sozinha, parece que não entendo bem o que é educação e qual é a função da escola ou qual é a concepção de educação e a função da escola para meus pares. Mas, nesse caminho, vez ou outra, encontro alguém, seja colega de trabalho ou não, seja aluno ou ex-aluno, em quem me apoio para desenvolver o que sei fazer e o que acho que pode ser bastante proveitoso para o aprendizado de meus alunos [...] O trabalho que você está realizando com o *Matrix* é mais um desses aportes que me sustentam, pois, quando penso que não vale mais a pena tanto esforço (porque trabalhar com a mídia – e com concepção mais aberta de educação - demanda esforço mesmo: planejamento, execução e finalização do produto!), vejo que outros trabalhos nessa área estão sendo executados e dão frutos e vejo que não sou tão solitária assim, só não tenho a sorte de cruzar os mesmos caminhos com pessoas que de fato pensam a escola. (PL em 15/05/2013)

Apesar de a Professora ter iniciado um processo de Mídia-Educação no CEMB com realização de um filme sobre um romance e ter instigado a criação do jornal do Grêmio escolar, ela não deu continuidade devido ao seu afastamento da escola e isto quebrou sua perspectiva de continuidade em relação à Mídia-educação.

O segundo momento foi representado pelo aluno Wmarques – atualmente é estudante de Comunicação na UFS – que foi Presidente do Grêmio escolar do CEMB, no qual aponta também sua relação com a Mídia-Educação e esta relação advinda de uma experiência em outra escola em que os alunos construíram um jornal. Este sujeito entra em cena nesta pesquisa pela sua idealização do Jornal do Grêmio. A princípio não previmos esta aproximação, mas, durante o processo de intervenção e após um diálogo com a Professora de Literatura, ficamos sabendo que ele foi um dos responsáveis pela criação do referido Jornal.

Segundo ele, uma professora (cujo nome era Nivalda) havia realizado uma especialização em Educomunicação e a experiência dela nesta pós-graduação foi crucial para estabelecer nexos com a escola e a mídia, pois, uma das construções realizadas foi um jornal. Com isso, ele também – ao ser transferido para o CEMB – trouxe o aprendizado para esta realidade (o caráter *multiplicador* fica evidente) e juntamente com a Professora de Literatura (PL) entraram em sintonia para estimular a produção em Mídia-Educação, pela formação adquirida, ao elaborarem um projeto (Anexo VI) para a construção do Jornal do Grêmio.

Ele explicou que trouxera a ideia de outra escola (municipal) na qual uma professora (Nivalda) realizou uma experiência em educomunicação [...]. Com isso, quando veio para o CEMB trouxe esta experiência de lá. Então, ele elaborou um projeto para o Grêmio e hoje o jornal encontra-se na 14ª edição. Ele disse que a ideia era que “os alunos fossem protagonistas desta construção”. Explicou que o jornal é bem diversificado com várias seções. (DC em 06/02/2013)

O importante desse relato foi saber que outras vozes estão se somando como explicou Belloni (2012), multiplicando assim o aprendizado no qual ratifica sua construção estar presente – de forma ampliada – para toda escola, todos os alunos. Mas, também, consideramos importante pensar no caráter formativo socializando e compartilhando mais a construção com os alunos, pois, uma das queixas deste jornal (do Grêmio) foi sua limitação aos aspectos locais (somente do CEMB) e também, que era muito restrito ao grupo (chapa) que preside esta entidade, portanto, precisaria ouvir mais os alunos para que eles realmente se constituam enquanto protagonistas. Abaixo seguem algumas observações feitas pelos sujeitos de nossa pesquisa - quando perguntado se já leu o Jornal do Grêmio e que diferença eles viam em relação ao *Matrix* - mas, certamente abre um leque para entendermos os demais alunos do Colégio:

PEF – Já vi pregado no mural do Grêmio, mas, nunca nenhum aluno me deu. Via rapidamente. No que percebi, o *Matrix* tem mais notícias da Educação Física, apesar de ter notícias de modo geral. O do Grêmio são notícias mais gerias do Colégio, mas, é tudo muito resumido. Já o *Matrix* as informações eram mais densas. Umas até muito grandes e isto fez os alunos pensarem mais, pesquisarem [...], foi um diferencial. (PEF em 21/02/2013)

ATHENA – Eu acho, digamos, eu sei comparar mais sobre o do Grêmio, ele tem assuntos falando mais sobre o colégio, fatos que acontecem no colégio e o nosso não. A gente falava fatos do Colégio, fatos que aconteciam na cidade e digamos também tinha as brincadeiras, que o Grêmio também tinha, mas, o grêmio é mais focado prá o Colégio, para os estudantes, o nosso influenciava mais um pouco. (ATHENA em 04/04/2013)

CALYPSO – Bom, no Grêmio quando eu lia só via coisas sobre o Cemb e quando nós construíamos, nós colocávamos mais informação sobre o mundo, sobre as pessoas lá fora. (CALYPSO em 10/04/2013)

SER – Vocês já leram alguma vez o jornal do Grêmio?

Vanm – Já.

SER – O que vocês acham em relação ao que foi construído aqui, o Jornal *Matrix*?

Jofá – Bom.

Vanm – Muito melhor, muito melhor do que o do Grêmio.

SER – Por quê?

Vanm – Porque o do Grêmio não falava nada que interessava

Vano – O *Matrix* fala mais a realidade da gente.

SER – O que você mais diferenciava em relação ao nosso (*Matrix*)?

Vanm – Porque assim, eles falavam mais dos eventos importantes que iriam acontecer aqui no Colégio e a gente não, falava sobre a mídia, a Educação Física.

(VANO, VANM, JOFÁ em 17/04/2013)

HELENA – O Jornal deles, do Grêmio, são mais notícias e às vezes pode até ser que eles nem procurem saber se é verdade a notícia e o nosso não. Todas as nossas notícias eram confirmadas. (HELENA em 02/05/2013)

HERMES – O nosso tem mais notícias. O do Grêmio é mais notícias do Colégio e o nosso não. Nós fazemos pesquisas e o do Grêmio parece que é só para eles [...]. (HERMES em 15/05/2013)

ULISSES – Li assim, de passagem, pouco. O Jornal da gente era uma coisa mais para os alunos. Os alunos que mostravam o que era realidade aqui do Murilo e o do Grêmio escondia realidades que tem aqui. (ULISSES em 02/05/2013)

O que percebemos - sem querer fazer uma distinção e colocar a prova qual o melhor jornal, pois, ambos são projetos de mídia-educação - é que os alunos, em especial dessa turma em observação, não sentiam prazer em ler o Jornal do Grêmio, pois, não se sentiam parte dessa construção. Para eles o Jornal do Grêmio cumpria uma burocracia da gestão do Grêmio e não representava os demais alunos do Colégio.

O terceiro momento tem a *praxis* pedagógica como um critério de verdade. Vai ao sentido inverso dos dois primeiros momentos, mas, tão importante quanto. Representam assim, as experiências que Professores, de modo geral, realizam no contexto pedagógico e em nossa experiência aqui, referem-se à Professora de Educação Física (PEF) e ao Coordenador (CO) do CEMB.

Neste sentido, ambos não realizaram cursos de formação, seja na graduação, seja na pós-graduação em que a discussão Mídia-Educação fosse apreendida. No entanto, a vida escolar provocou e instigou a aproximação com ela, mesmo que inconscientemente, quando usam as TIC e/ou produzem Mídia com seus alunos. Além deste aspecto, a Mídia-Educação é visível – mesmo que de forma não esclarecida - em todos os cantos da educação, em todas as disciplinas curriculares, dentro e fora do ambiente escolar e precisamente dentro.

Eu já trabalhei [...] eu, sem querer, meio “sem que tivesse noção da história” [...]. A gente produziu um vídeo – documentário – sobre a cidade de Itabaiana [...]. Produzimos um pequeno filme, [...] uma coisa simples, mas, que foram eles mesmos que deram a ideia. A minha ideia era tirar umas fotos, mas, os meninos têm celular e celular é câmera, ai eles filmaram [...] terminou sendo um atrativo muito mais interessante [...] o mais importante foi que eles que fizeram e adoraram [...] eles gostaram de participar [...] uma coisa simples que se tornou uma coisa bem grande [...]. Você vê hoje [...] muitos programas, aplicativos na internet [...] *Msn, Facebook, Skype* [...] e nós estamos lá no final, no rabo do foguete e não acompanhamos.[...], mas, não temos um projeto [...] é sempre off. (CO em 02/05/2013)

Não é mais estranho para ninguém saber que os meios técnicos (TIC) e a Mídia exercem um papel determinante na vida das pessoas, pois, são grandes intermediadoras entre bens culturais e os sujeitos na sociedade atual. Isto indica um grau de (de) Formação que se estabelece sem dúvida na vida das pessoas e que implica a necessidade de pensar estes meios no aspecto educacional.

Percebemos que a formação continuada foi e é um instrumento importante para diminuir a distância entre a apropriação, análise crítica, produção da mídia e o ambiente escolar. Alguns professores, após cursos nesta área procuram estabelecer relações com Mídia-Educação no seu contexto educacional, como aqui foi evidenciado. No entanto, acreditamos que já passou da hora de atitudes mais ousadas e corajosas no sentido de garantir condições para o desenvolvimento de uma competência midiática na formação e que envolve:

a discussão sobre apreciação, recepção e produção responsável no sentido de uma mediação sistemática que contribua com uma atitude mais crítica em relação aos modos de ver, navegar, produzir e interagir com as mídias. [...] a experiência com a cultura digital está construindo não apenas novos usos da linguagem, mas novas formas de interação a serem problematizadas no currículo escolar. (FANTIN, 2012, p. 438)

No tocante à Professora de Educação Física (PEF) observamos em nossas primeiras conversas e também em nossa entrevista final, que a Mídia-Educação esteve presente no seu - e também de demais professores (CO) - contexto educacional e que as experiências com mídia (educação), mesmo “sem saber”, colocou em pauta aspectos importantes que ratifica sua presença no meio escolar.

Mesmo declarando que em sua graduação “nunca vivenciou experiências com mídia, nem tampouco, nenhum professor tematizou este assunto nas aulas” durante sua formação universitária (formou-se em 1998, pela UFS), ela trouxe para o debate

uma infinidade de experiências com os alunos neste campo. Explicou que, mesmo sem saber realizou pesquisas nos meios midiáticos para a Educação Física; Solicitou dos alunos que observassem o que a televisão veiculava sobre os atletas; sobre as regras de determinado esporte; que os alunos pesquisassem na mídia impressa também e na internet. (DC em 28/10/2011)

SER – Você já havia realizado uma experiência dessas – com mídia – que foi realizada aqui?

PEF – Não, de construir não. Assim, já havia passado vídeo, passava trabalhos para os alunos pesquisarem na mídia, na internet, na televisão, mas, de construir jornal [...] não.

SER – Como você ver a participação de outros professores lidando com a mídia. Eles estão preparados para atuar provocando a autonomia e a reflexão crítica?

PEF – Nunca percebi outros professores realizando um trabalho como este. Teve a Professora de Literatura, mas, também não conhecia seu trabalho. Só soube por que ela nos procurou. (PEF em 21/02/2013)

Talvez, estes momentos aqui relatados, possam nos encorajar, pois, talvez, estejamos numa época propícia para radicalizar o currículo – oculto – e incluir a discussão, como obrigatória no âmbito escolar e fazer parte do Projeto Político Pedagógico da Escola - já que compreendemos que esta é necessária - sob pena de caducar e continuarmos lá no fim do “rabo do foguete”, como bem disse o Coordenador do CEMB.

Há tempo que pesquisadores do campo da educação e comunicação, [...] enfatizam a necessidade de o currículo da formação de professores não apenas contemplar a comunicação, a mídia e a tecnologia mas que estas sejam estudadas, praticadas e aperfeiçoadas no sentido de uma relação emancipatória com as mídias. (FANTIN, 2012, p. 438)

O segundo Tema - representa outro aspecto importante desta pesquisa que foi a articulação entre o campo empírico e o arcabouço teórico-metodológico. Trabalhamos com a certeza que estávamos lidando com o ser humano e, portanto, o método de apreensão da realidade esboçou, a todo instante, o seu compromisso em tornar o objeto de estudo no campo subjetivo e por isso, aproximamos da hermenêutica-dialética como método de análise das ciências humanas e sociais, como expõe (MINAYO, 2007).

Com isto, a partir da hermenêutica e de seu (s) campo histórico (semântico) encontramos, na pesquisa, aspectos como: compreensão; liberdade, significado, intencionalidade entre outros como balizas deste pensamento. Segundo Minayo (2007) compreensão é em princípio, entendimento e, compreender significa entender-se uns com os outros. Assim, uma das ideias centrais que fundamenta a hermenêutica é de que os seres humanos, na maioria das vezes se entendem ou fazem um movimento interior e relacional

para se porem de acordo. A compreensão só se transforma numa tarefa quando há algum transtorno no entendimento, um estranhamento que se concretiza numa pergunta. (Op.cit.,).

Com a Dialética nos deparamos com o exercício (pensamento) crítico de negar, da contradição, de se opor, contrapor e também de propor na realidade escolar em que se gestava a *Matrix* na qual era instigada a mudança, a transformação da realidade em um *devoir* contínuo. Neste sentido as duas correntes do pensamento filosófico não se excluíram, pelo contrário, foram complementares.

Nosso entendimento perpassou que a “reflexão” foi condição fundante para a compreensão entre estas duas correntes do pensamento filosófico (a crítica dialética e a hermenêutica). Reflexão quando os alunos tomaram consciência em si sobre as coisas que estavam em tensão (entendimento de mídia, produção de vídeo e jornal, obrigações, tarefas, relacionamentos pessoais etc.) permanente o que gerou também uma consciência do outro e do Grupo.

Com isso, os antagonismos produziam o *devoir* em suas contraposições. Ou seja, no momento em que precisávamos agir sobre algo isto exigia uma tomada de consciência no plano individual, para pensar coletivamente e, portanto no outro, para uma construção. Enfim, a compreensão começou a ser exercida na dialética do nosso convívio, interpretando as opiniões, sugestões e escritas dos colegas, dos autores diversos, sem tempo para se esgotar, num processo circular de entendimento. Neste aspecto, um ponto crucial foi posicionarmos junto, no meio, em intersubjetividades, ou seja, pesquisador/professor que faz parte da história e não um observador externo. A professora Maria Cecília de Souza Minayo ao expressar sobre a hermenêutica e a dialética, respectivamente, diz:

Ao mostrar como a primeira realiza o entendimento dos textos, dos fatos históricos, da cotidianidade e da realidade na qual ocorrem, ressaltar que suas limitações podem ser fortemente compensadas pelas propostas do método dialético. A dialética, por sua vez, ao sublinhar o dissenso, a mudança e os macroprocessos, pode ser fartamente beneficiada pelo movimento hermenêutico que enfatiza o acordo e a importância da cotidianidade. (MINAYO, 2007, p. 349)

O terceiro Tema - importante na relação conceitual e metodológica foi a articulação entre o conceito de Alienação (KARL MARX) e Semiformação (THEODOR ADORNO). Estes autores, juntamente com o pensamento de Paulo Freire estiveram presentes de forma direta e indireta nas “tramas” da Tese. Suas críticas duras, seus pensamentos firmes – epistemologicamente - suas esperanças, aparecem subliminar e explicitamente à formulação de nosso pensamento neste trabalho.

Neste aspecto, quando partimos para a prática em Mídia-Educação sabíamos da força dessas concepções que marcam a vida desses autores supracitados e que retroalimentam nossa esperança na práxis. Assim, era como tentássemos explicar a Mídia-Educação somente através de apresentações, vídeos, de outras pesquisas, leituras, sem fazer nossa experiência prática, sem vivenciarmos a autonomia, sem alimentarmos a Formação, pois, tínhamos clareza que o domínio alienante do mundo em que vivemos, e a mídia dá suporte incondicional a seus caprichos, aumenta o retrocesso da consciência, estimula a regressão e isto banaliza a cultura. Fazendo uma analogia na comparação elaborada por Adorno (2010) quando se referiu aquele que ouve música erudita pelo rádio e outro que ouve e ver ao vivo. Não dava para pensar uma Formação cultural “ouvindo de longe”, pois, seríamos engolidos, ou nas palavras de Adorno (2010), seríamos aniquilados.

A semiformação estimula o conformismo, algo que se assemelha a acomodação na alienação. Assim como explica Adorno (2010), é contraparte subjetiva da indústria cultural e converte-se em alienação onipresente. Neste aspecto, que sentimos diretamente que a Alienação/semiformação poderia ser enfrentada pelo seu contrário (Formação) e manter viva a cultura em nossos dias: “A única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a autorreflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu”. (ADORNO, 2010, p. 39). Por isso, foi necessária aproximação com os sujeitos, criarmos pressupostos teóricos e metodológicos para a Formação, abrir para reflexão crítica e provocar a autorreflexão crítica e, com isso, quebramos alguns tabus; alguns preconceitos, algumas ideologias pregada e alicerçada pela Indústria Cultural.

Parece-nos que a tal passividade oriunda da relação capital e trabalho (alienação) como elaborou Marx (1996), na crítica da economia política, ganha, na esfera do mundo do não trabalho, como no universo dos alunos, um caráter dominante que simboliza a semiformação. Em nossa pesquisa isto era observado quando discutíamos no Grupo os gêneros musicais, os gostos, a leitura da mídia, nas pesquisas que os alunos faziam entre outros, ou seja, adaptando-se as regras do jogo do mundo da mercadoria: aceitar passivamente, consumir sem reclamar. Neste aspecto era necessário combater este germe da regressão e não deixar a banalização da cultura ser naturalizada.

Desde processo de Revolução Industrial e a aceleração do capitalismo pela exploração do trabalho humano existe um campo ou campos antagônicos que se enfrentam direta ou indiretamente na tensão capital e trabalho. Este confronto sempre foi representado de um lado pelos capitalistas e do outro, pelos trabalhadores (operários), respectivamente (MARX, 1996). O problema dessa relação era justamente o estranhamento de um desses

campos (operários) por aquilo que ele mesmo construía. Mais que isso, a sua construção, ou melhor, o produto do seu trabalho ganhava autonomia em relação ao produtor. Ganhava independência sobre ele, pois, este produto já não o era para satisfazer as suas necessidades vitais e sim a necessidades externas a ele, o que gerava uma dependência sobre o objeto construído.

Neste aspecto, o homem vai se desumanizando e passa a viver para trabalhar (alienar-se) e trabalhar para viver (acomodação) alienando-se entre si (seres humanos). Com isso o homem passa a ser estranho de si mesmo mantendo a reificação/coisificação o que lhe impede de mudar de status, transformar seu mundo. O que vemos nisto é castração da liberdade consciente que caracteriza o homem. Neste sentido é que a semiformação implica numa alienação, por pactuar com esta castração impedindo os homens de se libertarem. “A desumanização implantada pelo processo capitalista de produção negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação e, acima de tudo, o ócio. As tentativas pedagógicas de remediar a situação transformaram-se em caricaturas”. (ADORNO, 2010, p. 14)

Talvez, essa seja a diferença entre outros trabalhos de pesquisa (expressos no Capítulo I) em que a perspectiva no trato com a Formação dos alunos, a aproximação com o campo tinha a preocupação de que este processo não virasse uma “caricatura”. Por isso, a importância de voltar ao campo, de ver que o processo continuava de modo esclarecido, com reflexão e autoreflexão crítica dos fenômenos/coisas que nos rodeiam/cercam. A mídia, neste aspecto, sendo estabelecido um olhar crítico para ela e também como parceira no processo de autonomia.

MACEDO (2011, p. 109) fazendo referência a Josso (1993) explica que,

A formação não é uma ação simples, extereodeterminada, não é um método, não é uma técnica, não é um processo de maturação, não pode ser confundida simplesmente com educação, nem com ensino ou aprendizagem, [...] formação, não sendo uma propriedade privada da pedagogia, ou é experiencial ou então não é formação.

Isto significa que se realiza na existência de um ser social que transforma suas experiências consigo mesmo, com os outros e com o mundo, mas, que ela se dá na sua incompletude infinita (MACEDO, 2011).

Para Adorno (2010), sua realização deveria corresponder a uma sociedade de homens livres. No entanto, entendemos que a Formação, seguramente, enfrenta um gigante muito poderoso (Indústria Cultura, semiformação/Alienação) e que por si só e isolada terá

dificuldades nesse enfrentamento que foi socialmente constituído (forma dominante da consciência atual) para uma semiformação.

A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental – mudar é difícil mas é possível – que vamos programar nossa ação político-pedagógica, [...]. (FREIRE, 2011, p. 77)

Este é o sopro da esperança. A vontade de ver um uma educação melhor, um mundo melhor. Tarefas não tão fáceis, mas, que se constituem no vir a ser, numa utopia, como possibilidade de um sonho possível, de liberdade.

O quarto Tema – refere-se aos objetivos propostos na pesquisa e sua intrínseca relação com o campo empírico e os achados. Não estabelecemos uma relação causal, pois, a clareza sobre a elaboração dos objetivos (geral e específicos) desta pesquisa possibilitou um encontro em consonância com o objeto, portanto, se apreende na relação com o campo de pesquisa.

Neste sentido, quando elaboramos um objetivo geral para esta pesquisa foi pensando na amplitude da problemática em questão e seus desdobramentos que envolvem com isso, os objetivos específicos e/ou outras questões norteadoras, ou seja, as especificidades que o objeto requer. O professor Cipriano Luckesi e outros autores explicam que quando vamos iniciar a narrativa de um texto devemos:

Ter claro nesse passo que objetivo pretendemos alcançar, isto é, qual a problemática a ser refletida, ou ainda, o que pretendemos dizer, realmente, sobre o assunto tematizado. A clara determinação do objetivo garante, na explicitação da mensagem, uma linha de coerência interna, isto porque se trata de um esforço de, mesmo antes de escrever, deixar patente para que “ponto” devem “convergir” as idéias. (LUCKESI, et al, 1997, p. 169)

Neste sentido, ao “*analisar o Processo de Mídia-Educação na Educação Básica a partir da Educação Física na escola*” – objetivo geral desta pesquisa – possibilitou convergir para outros encontros. Encontro que materializou a relação professor-aluno, aluno-aluno, aluno-professor, para a construção da mídia com autonomia e responsabilidade.

Mais que isto, convergimos também para criar um ambiente propício para a educação/Formação acontecer e isto gerou também, uma cumplicidade na construção que ratificou a *philia* entre pesquisador/professor e alunos no qual eles se sentiram parte, cúmplices e responsáveis pela construção o que garantiu o reconhecimento por esta relação.

SER – Que críticas você faria a todo este processo que foi construído aqui, as aulas, ao *Matrix*, a escola, de modo geral?

CALYPSO – Nada não, por mim faria a mesma coisa. Só queria assim, com a chegada de novos componentes, tivessem a compreensão de mais responsabilidade.

SER – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

CALYPSO – Não, só de agradecer por tudo. (CALYPSO em 10/04/2013)

SER – Você gostaria de acrescentar alguma coisa a mais?

ULISSES – Para que o pessoal que fez não desistisse que as meninas continuassem com o jornal porque foi uma experiência muito legal que a gente nunca tinha feito isso aqui assim e o professor veio e conseguiu fazer. (ULISSES em 02/05/2013)

SER - Gostaria de acrescentar alguma coisa, qualquer coisa?

HELENA – Nada, só agradecer o desempenho de vocês professores e pela oportunidade de conhecer muitas coisas novas, entender a mídia e ter a chance de construir os jornais. (HELENA em 02/05/2013)

SER – Alguma coisa que você queira acrescentar, dizer?

CO – Não, só agradecer [...] a gente agradece também a sua disponibilidade de ter vindo. Dá-nos oportunidade de conhecer outros meios, [...]. Estamos disponíveis a hora que quiser voltar, fique à vontade viu?. (CO em 02/05/2013)

Reconhecemos que os Professores, de modo geral, e da Educação Física, de modo específico, ainda estão “acanhados” em trabalhar com as TIC ou com a produção da mídia. Mas, também, descobrimos que se trata de uma questão de cultura. De estabelecer prioridade em desenvolver atividades escolares em que as TIC e a mídia estejam presentes e sejam problematizadoras para acontecer a reflexão crítica e autonomia diante desses meios técnicos.

Isto ficou claro com o relato do Coordenador de Educação do CEMB, da Professora de Literatura e principalmente, com a Professora de Educação Física em suas experiências cotidianas. São pontos já discutidos aqui nesta pesquisa, mas, que merece retomar pelo fato de que enquanto não houver um projeto mais incisivo quanto à sua permanência (das TIC e da Mídia) na Formação dos alunos será ocasional, ao acaso, fortuito e isto não é mais concebido na atualidade tendo em vista a importância do tema na Formação.

CO - Eu já trabalhei [...] eu, sem querer, meio “sem que tivesse noção da história” bota aspas. A gente produziu um vídeo – documentário – sobre a cidade de Itabaiana, aonde eu levei os alunos no local de origem, no prédio da igreja velha de Itabaiana que está em ruínas [...] um pequeno filme, mais ou menos de 5 minutos [...] uma coisa simples, mas, que foram eles mesmos que deram a ideia. A minha ideia era tirar umas fotos, mas, os meninos têm celular e celular é câmera, ai eles filmaram [...] terminou sendo um atrativo muito mais interessante [...]. (CO em 02/05/2013)

PL - Foi assim que consegui aceitar o desafio de fazer um “filme” com meus alunos [...]. Fiquei surpresa, porque os alunos se mostraram bastante envolvidos. Até quem não tinha lido a obra, decidiu ler espontaneamente (não sei se por inteiro) para poder entender o personagem que iria representar. E acredite: eu só dei uma ajudinha na organização do roteiro. Fiquei muito satisfeita com a adaptação que eles fizeram da obra, com o envolvimento na hora da gravação, e com o resultado final do vídeo que foi apresentado na Semana Literária. Com esse trabalho, sugerido de última hora pela própria turma, descobri outro instrumento bastante aceito pelos alunos para trabalhar nas minhas aulas com literatura. O legal da produção do vídeo é que se pode corrigir o que não deu certo e gravar outra vez. Os próprios alunos se autoavaliavam e pediam para refazerem a cena. Eles queriam que saísse tudo perfeito. (PL em 08/05/2013)

SER – Você já havia realizado uma experiência dessas – com mídia – que foi realizada aqui?

PEF – Não, de construir não. Assim, já havia passado vídeo, passava trabalhos para os alunos pesquisarem na mídia, na internet, na televisão, mas, de construir jornal [...] não. [...] Interessante por que eles fazem pesquisas, entrevistas, produzem vídeos, jornais com um olhar mais crítico a partir daí, muda a visão. Não é só ir para internet pegar e copiar [...], assim, não precisaria nem de um professor.

SER - Na experiência que realizamos o que mais te marcou, houve alguma coisa que você levará para sempre em sua vida?

PEF – Sim, a continuação do Jornal e principalmente, os alunos que participaram do *Matrix*. (PEF em 21/02/2013)

No início da pesquisa levantamos os seguintes questionamentos: Será que os Professores, em especial da Educação Física, estão preparados para trabalhar com a mídia numa perspectiva crítica, autônoma e esclarecida? Como a escola vê a relação educação e mídia, ou melhor, qual visão do corpo escolar (alunos, professores, coordenadores, diretores) sobre a mídia sua função didático-pedagógica? Como a escola lida com a mídia nas suas diversas especificidades de conteúdo? Será que isto constitui parte integrante no Projeto Político Pedagógico da escola? Identificar quais mídias estão presentes e são determinantes no cotidiano escolar e fora dele. A reflexão que fazemos, tendo em vista os questionamentos levantados na pesquisa, é que ratificamos a sua relevância na construção do Projeto Político Pedagógico da Escola – enquanto instituição – e do Colégio (CEMB) enquanto lócus de nossa investigação.

Deparamo-nos com as TIC no universo dos alunos, principalmente, o celular e este, agregado à rede mundial de comunicação, sendo provedor de várias intercomunicações entre os alunos, professores, enfim, no universo escolar. Além disso, os alunos absorvem os conteúdos midiáticos e produzem conteúdos também em que, muitas vezes, não se abrem para serem discutidos e provocar a reflexão crítica sobre esta produção, o que gera um processo alienante (semiformação) e arraigado de conteúdo advindo do processo da Indústria Cultural.

Não é concebível mais ver uma escola com sua sala de informática fechada e/ou limitada no tocante ao acesso dos alunos, pois, eles precisam, urgentemente, dialogar com

essas máquinas e na escola pública, principalmente, de modo gratuito e livre, pois, a constatação dessa realidade, é que os alunos são empurrados para fora da escola no chamado se vire na pesquisa o que provoca as idas e vindas às famigeradas *lan house*, enquanto que as salas de informática da escola (CEMB) são classificadas como “salas fantasmas” ou mesmo soa como piada o seu uso pelos alunos.

SER - Percebemos durante nossas aulas que vocês alegavam dificuldades em usar o computador na escola, por quê? [...]. Você mesmo chamou de “Sala Fantasma”.

MINERVA – Porque sempre que precisamos diziam que não tem ninguém lá, ou estão quebrados (computadores). (MINERVA em 15/05/2013)

SER - Percebemos durante nossas aulas que vocês alegavam dificuldades em usar o computador na escola, por quê?

HELENA – Sim, porque a sala de computação não ficava aberta e nem fica, ai, tínhamos e temos muito pouco acesso. (HELENA em 02/05/2013)

Este é um fato determinante e que indica também a falta de uma formação continuada dos profissionais da educação e também em sua formação inicial (graduação), uma vez que são eles que estão no dia a dia escolar e que precisam interagir com os meios, pois, os alunos estão fazendo isso o tempo inteiro. Obviamente, que já há uma presença maior desta relação – educação e mídia/TIC – mas, é ainda aleatória e do esforço individual de um ou outro professor.

No CEMB, não muito diferente da realidade da escola pública brasileira, ainda, no tocante ao acesso às Tecnologias e às redes de comunicação, há um distanciamento grande entre disponibilidade aos alunos e manutenção dos equipamentos. Ou seja, apesar de dispor de uma Sala de Informática, os alunos sentem dificuldades em ter um livre acesso. Parece contraditório, mas, ao mesmo tempo em que se deveriam estimular os alunos a usarem as TIC, em contrapartida a escola mantém sua tradição conservadora e o medo para que não se quebre os equipamentos toma conta da administração escolar. Na verdade, a escola deveria estar na frente e não no rabo do foguete (como disse o Coordenador do CEMB) para as descobertas, os acessos, as produções em tecnologias.

Por fim, mas, na certeza de que não esgotaremos o tema, ressaltamos que este estudo traz várias lacunas no tocante a apropriação das TIC e da construção da mídia, no entanto, proporcionou a participação dos atores sociais que estavam envolvidos diretamente na pesquisa. Dando voz, aqueles que estavam calados, mostrando para a sociedade aqueles que estavam invisíveis.

Assim, observamos as tramas usadas entre os sujeitos e entre professores/pesquisadores que gerou um significado na arte de se comunicar e interpretar os fatos, os acontecimentos, a realidade. Por isto, a todo o momento, estávamos lembrando nossas construções como também refletindo sobre o que faríamos e iríamos fazer e a Roda de Conversa foi *locus* de tomada de consciência para uma produção responsável.

Preocupamo-nos que o conhecimento apreendido e socializado estivesse sempre na perspectiva sujeito. Aquele que foi o principal protagonista desta história, aquele que fez suas interpretações, que conheceu e que deu sentido a nossa pesquisa.

Neste sentido, nossa pesquisa foi realizada numa cidade do interior do Estado de Sergipe, considera uma área rural, mas, hoje com o crescimento das cidades e proximidade com a capital, tornou-se grande. No entanto, os alunos que frequentam o CEMB, em sua maioria, são das áreas rurais (povoados) desta cidade e isto implica uma mudança de olhar, pois, são filhos de agricultores (de subsistência), pecuaristas, produtores rurais, com pouca formação cultural. Na maioria, analfabetos ou só concluíram as primeiras séries do ensino fundamental. Foi, sem dúvida, que os meios de comunicação – televisão e rádio – tiveram em têm uma influência determinante sobre os jovens, filhos destes e isso foi um obstáculo difícil a ser vencido no convívio no campo. O pensamento de Theodor Adorno nunca este tão vivo:

Hoje as zonas rurais são, sobretudo, focos de semicultura. O mundo pré-burguês de ideias, essencialmente vinculado à religião tradicional, rompeu-se ali subitamente, o que muito se deve aos meios de comunicação de massa, em especial o rádio e a televisão. O campo foi conquistado espiritualmente pela indústria cultural. (ADORNO, 2010, p. 15)

Talvez, trabalhar com um grupo específico, *Matrix*, tenha sido importante, pois, garantiu uma mudança de olhar no tocante aos objetos da Indústria Cultural, à Mídia, às TIC e principalmente, garantiu a Formação para vida. Garantiu um aprendizado que poderá ser multiplicado para outras pessoas e outras necessidades, enfim, aprenderam que o ciclo do conhecimento é movimento, sempre.

Quando voltamos ao campo de pesquisa e percebemos nos olhares dos alunos, no aperto de mão, no abraço apertado, no respeito entre si, na cumplicidade do processo entre outros, descobrimos o quanto valeu à pena, o quanto aprendemos com os alunos, o quanto fomos parceiros, companheiros, uns com os outros. Aqui, seguem algumas falas que representam um pouco a mudança, a transformação.

SER – [...] o que é mídia para você hoje?

ATHENA - [...], mídia é algo que a gente ver, mas, a gente não sabe se realmente é verdade ou não, não tem certeza, a gente tem que coletar fatos para saber se realmente o que a mídia divulga é verdade de fato. (ATHENA em 04/04/2013)

SER – [...] depois de todo processo que nós construímos. Você construiu o jornal, [...] as matérias, vocês produziram um vídeo, depois disso tudo houve uma ideia do que é mídia. No início você disse que mídia é: “pessoas que trabalham no meio artístico, com televisão, rádio, revistas”. Mudou este seu entendimento?

ULISSES – mudou!

SER - Bom, se eu te perguntasse o que é mídia prá você hoje, o que seria?

ULISSES – É tudo que passa a ideia para alguém. Uma ideia, uma notícia, um letreiro [...] tudo é mídia. (ULISSES em 02/05/2013)

SER – Nós produzimos vídeos, construímos um jornal, o que representou isto para você?

CALYPSO – Representou uma história assim em minha vida. Como algo que marca.

SER – Então, o que mais te marcou?

CALYPSO – Tudo, o envolvimento com os colegas, as dificuldades, vê se conseguia conciliar, se juntar com eles, a parte mais difícil, por que muitos não tinham interesse né?

SER – Teria alguma coisa que teria te marcado mais e que você vai levar para sempre em sua vida?

CALYPSO – Tem muito. Sua amizade, o ensinamento, aproximação mais com os colegas, minha amizade com HELENA, a construção dos jornais. (CALYPSO em 10/04/2013)

Estas falas dos sujeitos expressam, em especial, um sentimento, para nós pesquisadores, de realização. Realização por ter concluído este estudo, mas, sobretudo de saber que o envolvimento no campo – CEMB – foi marcante, provocante e formativo. Neste sentido, gostaria de voltar à primeira pessoa do singular para expressar, enquanto pesquisador, o sentimento que está posto, a partir da imersão ao campo, ao Colégio, público, de Sergipe.

Estudei toda minha vida na instituição pública em Aracaju/SE. No primeiro grau, de 1ª à 4ª série, no Colégio Estadual José Augusto Ferraz e de 5ª à 8ª série no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco; No segundo grau estudei do 1º ao 3º ano científico no Colégio Estadual Atheneu Sergipense.

A partir daí entrei na Universidade Pública – Universidade Federal de Sergipe/UFS – na qual me graduei. Após esta fase, fiz o Mestrado também numa Instituição pública – Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC e, neste momento de minha vida acadêmica concluindo o doutoramento em Educação na Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal da Bahia/UFBA.

O laço comum nesta narrativa é a instituição pública. É saber que um filho de pais trabalhadores (professores) caminhou até esta fase da vida (acadêmica e pessoal) com a ajuda incondicional dos trabalhadores que geram a riqueza neste país e sendo, portanto, legítimos

responsáveis pela minha formação; pela garantia e o valor da instituição educacional pública que ajudou a formação (minha). Este é um aspecto importante, pois, apesar de sucateada e não restam dúvidas sobre isto, a escola pública ainda garante um lugar de destaque para as pessoas, como eu, na sociedade em que vivemos, pois, mantém o ensino gratuito de acesso a todos e todas indiscriminadamente

Voltar à escola pública e realizar uma pesquisa como esta, não foi somente o cumprimento de uma exigência burocrática para titulação, pois, sei que logo, logo o Diploma ficará amarelado pelo tempo, mas, foi, sobretudo, o compromisso com esta instituição legítima da formação humana. Esta instituição que me abraçou, me acolheu e me deu suporte para eu enfrentar o desafio do conhecimento. Foi a clareza de saber que este é um ambiente profícuo e que os sujeitos que lá estão carregam em si uma gama de valores, de potências e de potencialidades a serem descobertas e descortinadas e, que às vezes, basta um simples estímulo para que floresça, germine, gere (o conhecimento) que me fez mergulhar em suas águas.

Além disso, é importante deixar claro que a Escola – pública – ainda o é (este ambiente profícuo), por possuir professores compromissados que exercem sua autonomia para a formação dos alunos. Professores que não medem esforços para garantir um mínimo de conhecimento que seja compartilhado com todos, nas condições mais adversas possíveis. Por isso, fui contaminado pela Escola Pública: *Hasta Siempre!*

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor Wisengrund. Teoria da semicultura. Campinas. **Revista Educação & Sociedade**, Ano XVII, nº 56, dez. 1996.

_____. **Teoria da semiformação**. In: PUCCI, Bruno, ZUIN, Antônio, LASTÓRIA, Luiz A. Calmon (Orgs.). Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

_____. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. O Fetichismo na Música e a Regressão da Audição. In: **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 2000a. p. 65-108.

_____. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Editora Ática, 1993.

_____. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular). **Professor Digital**, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em: <http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>. Acesso em: 15/05/2013.

ANTUNES, Scheila Espindola. **O “país do futebol” na copa do mundo**: estudo de recepção ao discurso midiático-esportivo com jovens escolares. Florianópolis/SC. Dissertação de Mestrado, 2007.

AZEVEDO, V. A. et al (2007) – **A produção do GTT Educação Física, Comunicação e Mídia/CBCE – Período 1997-2005: um estudo de uma centena de textos**. Anais do XV CONBRACE, Recife/PE, 2007.

BACON, Francis. **Nova atlântida**. Tradução: José Aluysio Reis de Andrade. São Paulo: Nova cultural, 2000.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Editora Plano, 2002.

BARROS, Diego. **Esportes Radicais, Trilhas e Caminhadas**. Itabaiana, SE. Jornal o *Matrix*. Ano I, nº 3, Dezembro, 2012.

BASSANI, Jaison José e VAZ, Alexandre Fernandez. Técnica, corpo e coisificação: notas de trabalho sobre o tema da técnica em Theodor W. Adorno. Campinas, SP: **Revista Educação & Sociedade**. Vol. 29 nº 102. Jan./Apr. 2008.

BENKLER. Yochai. Saber comum: produção de materiais educacionais entre pares. Salvador/BA, **Revista da FAGED/UFBA**, nº 15, jan/jul. 2009.

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Imagem e ação**: a televisão e a Educação Física Escolar. In: Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Mídia e educação**: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física. Bauru/SP. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte, 1998a.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. O lazer espetacularizado: cultura do narcisismo e indústria cultural. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis, SC: UFSC. Ano XII, nº 17, 2001. p. 85 a 103.

_____. **Mídia-educação**: contextos, histórias e interrogações. In: FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: EDUFSC, 2002.

BIANCHI, Paula. **Formação em mídia-educação (física)**: ações colaborativas na rede municipal de Florianópolis/Santa Catarina. Dissertação de mestrado. UFSC, 2009.

BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **Fotografia na era digital**: produção, protagonismo e performance – problemas para a educação física/ciências do esporte. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. **Anais...** Salvador/Bahia, 20 a 25 de setembro de 2009.

BOLAÑO, César et. al. **Economia política da Internet**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2007.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Indústria Cultural, informação e capitalismo**. Tese Doutorado, São Paulo, UNICAMP, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução, UFES: Vitória 1997.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRANT, João. **O lugar da educação no confronto entre colaboração e competição**. In: PRETTO, N. De L. e SILVEIRA, S. A. (Orgs). Além das redes de colaboração: Internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 69-74.

BRASIL (País). Ministério da Educação. **Programa Ética e Cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade: relações étnico-raciais e de gênero. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2007.

BUCCI, Eugenio e KEHL, Maria R. **Videologias**. São Paulo: Boitempo, 2004.

CARVALHO, Vlademir de Souza. **Santas Almas de Itabaiana Grande**. Itabaiana/SE: Edições o Serrano, 1973.

_____. **A república velha em Itabaiana**. Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2000

CAROLINA, Ana e REZENDE, Jailson. **O Caso do Ginásio de Esporte “Miltão”**. Itabaiana, SE. *Jornal o Matrix*. Ano I, nº 2, Novembro, 2012.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas: Papirus, 1991.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação - economia, sociedade e cultura**. Tradução: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**: São Paulo, Ática 1994.

_____. **Simulacro e poder: uma análise da mídia**. São Paulo: Perseu Abramo, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. Campinas: Autores Associados, 1992.

_____. _____. São Paulo: Cortez, 2009.

CRUZ, Dulce M. et al. **Jogos eletrônicos e o uso de software livre na escola: um relato de experiência**. Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 20, Anais... Florianópolis: UFSC, 2009.

CRUZ NETO, Octávio et al. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. Ouro Preto/MG. XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Novembro de 2002.

DAIUTO, Moacir. **Basquetebol, metodologia do ensino**. São Paulo: Hemus, 1991.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: Uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DAVID COIMBRA. Um século injustiçado. Porto Alegre: **Jornal Zero Hora**. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/>. Acesso em 03.02.2012.

DIAS, Leonardo. **Cresce o número de matrículas da rede pública em Itabaiana**. Disponível em: <http://itnet.com.br/materia-20140>. Acesso em: 20.04.2013.

DIETRICH, Knut et al. **Os grandes jogos: metodologia e prática**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. Curitiba: Editora da UFPR. **Revista Educar**, nº 16, ano 2000. (p. 181-191).

ESTEBAN, Maria Tereza et al. **Avaliação**: Uma prática em busca de novos sentidos. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação**: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

_____. **Crianças, cinema e educação**: além do arco-íris. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. Mídia-educação no ensino e o currículo como prática cultural. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v.12, n.2, p.437-452, maio/ago.2012.

_____. O lugar da experiência, da cultura e da aprendizagem multimídia na formação de professores. Santa Maria/RS. **Revista Educação**. Vol. 37, n. 2, p.291-306, maio/ago, 2012a.

FANTIN, Mônica e GIRARDELLO, Gilka. **Liga, roda, clica**: Estudos em mídia, cultura e infância. Campinas: Papirus, 2008.

FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e formação de professores**: usos da mída, práticas culturais e desafios educativos. In: FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. **Crianças na era digital**: desafios da comunicação e da educação. **Revista Estudos Universitários**. Sorocaba, v.36, n.1 (pp89-104) junho 2010.

FAVERO, Celso Antonio e SANTOS, Stella Rodrigues. **Semi-árido**: fome, esperança e vida digna. Salvador: UNEB, 2002.

FERREIRA, Aluísio & XAVIER, Elias. **Basquetebol: técnicas e táticas, uma abordagem didática pedagógica**, São Paulo: EPU, 1987.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Extensão ou comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

FREITAG, B. **A teoria crítica**: ontem e hoje, São Paulo: Brasiliense, 1986.

GADOTTI, Moacir. Educação e ordem classista. In: FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 13-41.

GUIRARDELLO, Gilka e FANTIN, Mônica. **Práticas culturais e consumo de mídias entre crianças**. Florianópolis: UFSC, 2009.

GALLARDO, Jorge S. Pérez. **Ginástica**. In: Dicionário crítico de Educação Física. Orgs. GONZALEZ, Fernando J. e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Ijuí: UNIJUI, 2005.

GOMES, Luiz Roberto. **Teoria crítica, educação e política**. In: PUCCI, Bruno, ZUIN, Antônio, LASTÓRIA, Luiz A. Calmon (Orgs.). Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

GONZALES, Fernando J. **Esportivização**. In: Dicionário Crítico de Educação Física. Orgs. GONZALEZ, Fernando J. e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Ijuí: UNIJUI, 2005.

GRECO, Pablo Juan e BRENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

GRUNENVALDT, José Tarcísio. **Escola Nacional de Educação Física e Desportos: o projeto de uma época**. Dissertação (Mestrado). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. UFS, São Cristóvão-SE, 1997.

_____. **A educação militar nos marcos da Primeira República: estudo dos regulamentos do ensino militar (1890-1930)**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: História, Política, Sociedade. PUC, São Paulo, 2005.

HACK, Cássia. **Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana**. Florianópolis/SC. Dissertação de Mestrado, 2005.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HILDEBRANDT, Reiner. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: ao livro técnico, 1980.

HIMANEN, Pekka. **A ética dos HACKERS e o espírito da era da informação: a importância dos exploradores da era digital**. Tradução: Fernanda Wolff. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

HOBBSAWM, E. J. **Era dos extremos: O breve Século XX (1914- 1991)**. São Paulo: Cia das Letras 1995.

_____. **Era do Capital, 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOMERO. **Odisséia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2007.

HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução: Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: GLOBO, 2001.

IANNI, Octávio. **Enigmas da Modernidade - mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 141-160.

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paidéia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

JENKINS Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: PAPIRUS, 2007.

KUNZ, E. **Educação física: ensino & mudança**. Ijuí: UNIJUÌ, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÌ, 1994.

_____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUÌ, Vol. 1, 2001.

_____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUÌ, Vol. 2, 2002.

_____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUÌ, Vol. 3, 2005.

LEIRO, Augusto Cesar Rios. **Educação e mídia esportiva: representações sociais das juventudes**. 290f. Tese (Doutorado em) – Faculdade de educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2004.

LEIRO, Augusto César Rios et al. **Política, esporte e mídia impressa**. Salvador: EDUFBA, 2010.

LEIRO, Augusto Cesar Rios e RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. Dialogicidade como desafio de pesquisa em educação e mídia. Blumenau-SC: **Atos de Pesquisa em Educação**. V.8, n.1, jan/abr, 2013, p. 338-360.

LEIRO, Augusto Cesar Rios; RIBEIRO, Sérgio Dorenski D.; JESUS, Alex Meneses. Era uma Vez Ricardo: Poder e Queda. IV Congresso Nordeste de Ciências do Esporte. **Anais do IV Conece**. Feira de Santana, BA, 2012.

LEIRO et al. **A menina dos olhos: uma análise do circuito BB de vôlei de praia em Salvador/2010**. In: Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. (Orgs.) DANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira; KUHN, Roselaine; ZOBOLI, Fábio. vol. 5. São Cristóvão/SE: EDUFS, 2012.

LEMOS, André. **Ciberespaço e tecnologias móveis processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura**. Disponível em: www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/territorio. Acesso em: 10 de abril de 2010.

LEMOS, André e LEVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LEO MAAR, Wolfgang. Adorno, semiformação e educação. Campinas/SP: **Revista Educação e Sociedade**. Vol. 24, nº 83. Agosto, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. **Democratização da escola pública**: A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

LIMA, José Rivadálvio. **Cinquentenário do colégio estadual Murilo Braga**. Aracaju: J. Andrade Ltda, 2002.

LIMA, Clovis R. M. de. et al. Trabalho imaterial, produção cultural colaborativa e economia da dívida. Rio de Janeiro. **Liinc em Revista**, v.5, nº 2, setembro, 2009.

LISBÔA, Mariana Mendonça. **Representações do esporte-da-mídia na cultura lúdica de crianças**. Florianópolis/SC. Dissertação de Mestrado, 2007.

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. Salvador, EDUFBA, 2013.

LUCENA, R.F.. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

_____. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2001.

LUCKESI, Cipriano et al. **Fazer universidade**: uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 1997.

LÜDKE, M. & André, M. **Pesquisa em Educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Compreender/mediar a formação**: O fundante da educação. Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

_____. **Atos de currículo formação em ato?**: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus: Editus, 2011.

MACHADO, Jamyson. **Saiba como surgiu o Murilo Braga e outras escolas de Itabaiana.** Disponível em: www.guiadeitabaiana.com.br/itabaiana. Acesso em 05/04/2011.(sd/sp).

MARQUES, Mario Osorio. **Formação do profissional da educação.** 3.ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

_____. **A orientação da pesquisa nos programas de pós-graduação.** In: A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. (Orgs.) BIANCHETTI, Lucídio e MACHADO, Ana Maria Netto. Florianópolis: EDUFSC, 2002.

_____. **Escrever é preciso: O princípio da pesquisa.** Ijuí: Unijuí, 2001.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política: livro I** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____. **O Capital: capítulo VI inédito.** São Paulo: PAZ E TERRA, 1991.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos.** São Paulo: Martin Claret, 2002.

_____. _____. Lisboa: Edições 70, 1964.

_____. **Crítica à economia política.** In: Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, Vol. 1, (s/d).

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** São Paulo: Moraes, 1996.

MATOS, Olgária C.F. **A escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo.** São Paulo: Moderna, 1995.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.

MÉLLO, R.P. et al. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa em psicologia social. Belo Horizonte – MG. **Psicologia & Sociedade.** Vol. 19, Nº 3. Dezembro 2007. p. 26-32.

MENDES, Diego de Sousa. **Luz, câmera, pesquisa-ação: a inserção da mídia-educação na formação continuada de professores de educação física.** Dissertação de mestrado. UFSC, 2008.

MEZZARROBA, Cristiano. **Os jogos pan-americanos rio/2007 e o agendamento midiático-esportivo: um estudo de recepção com escolares.** Florianópolis/SC. Dissertação de Mestrado, 2008.

_____. **Educação Física, esporte e mídia: aproximando-se do tema para entendê-lo melhor!** Disponível em: observatoriomidiaesportiva.blogspot.com. Postado em 25/01/2011. Acesso em: 22/12/2011.

MINAYO, Maria C.S. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2007.

_____. **Pesquisa Social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ:Vozes, 1994.

MOLINA NETO, Vicente. **Etnografia:** Uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. (Orgs): TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo e MOLINA NETO, Vicente. Porto Alegre/RS: Ed Universidade UFRGS, 1999.

MOREIRA, Wagner Wey e SIMÕES, Regina. **Esporte como fator de qualidade de vida.** Piracicaba: editora UNIMEP, 2002.

NERY, Marco Arlindo A. Melo e RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. Escola, Educação Física e Esporte: O caso do Basquetebol. São Cristóvão, SE. **Caderno do Estudante:** UFS, 2003.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

_____. **Professores imagens do futuro presente.** Lisboa: Educa, 2009

NÓVOA, António. Prefácio. In: JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de. **O primeiro olhar:** Experiência com Imagens na Educação Física Escolar. Florianópolis/SC: UFSC. Dissertação de Mestrado, 2004.

OLIVEIRA, Sávio Assis. **Reinvenção do esporte:** possibilidades de prática pedagógica. Campinas: Autores Associados, 2001.

OLIVEIRA, Vanessa et al. Mídia e esporte. Itabaiana/SE. **JORNAL O MATRIX**, Nº 1, out, 2012, p.3.

OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar:** pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez, 2005.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PAES, Roberto Rodrigues. **Aprendizagem e competição precoce:** o caso do basquetebol, Campinas, SP: Unicamp, 1992.

_____. Educação Física Escolar: **O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

PAIS, Machado José. **Culturas juvenis.** Coleção Análise Social. Imprensa Nacional. Casa da Moeda. Portugal, 2003.

_____. **Sociologia da vida quotidiana:** teorias, métodos e estudos de caso. Imprensa de Ciências Sociais: Portugal, 2002.

_____. **Formação, Sujeito e Quotidiano**. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte (Conferência). Salvador/Bahia, 20 a 25 de setembro de 2009.

PEREIRA, Rogério Santos. **Second life**: o lazer em um ambiente de sociabilidade na internet. XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. **Anais...** Recife, setembro de 2009.

_____. **Avatares no Second Life**: corpo e movimento na constituição da noção de pessoa on-line. Florianópolis/SC. Dissertação de Mestrado, 2009.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física. In: **Revista Motrivivência**. Dezembro de 1997.

_____. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá-PR, 1998.

PIRES, Giovani DE L. e HACH Cássia. **Mídia**. In: GOMES, Christianne Luce. Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.p. 162-165.

PIRES, Giovani. DE L. e RIBEIRO, Sergio D. D. **Pesquisa em Educação Física e Mídia**: contribuições do Labomídia/UFSC. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010.

_____. **Televisão**. In: GOMES, Christianne Luce. Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.p. 213-217.

PIRES, G. DE L. e SILVEIRA J. **Esporte educacional ... existe?** Tarefa e compromisso da educação física com o esporte na escola. Esporte, educação, estado e sociedade. Chapecó: Argus, 2007.

PORTO, Tania Maria Esperon. **As Tecnologias estão nas escolas. E agora, o que fazer com elas**. In: FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

PRETTO, Nelson De Luca. “**A moça do computador**”. Disponível em: <http://terramagazine.terra.com.br> Acesso em: 12/08/2011.

PRETTO, Nelson De Luca e SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Além das redes de colaboração**: Internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

PRETTO, Nelson De Luca e ASSIS, Alexandra. **Cultura digital e educação: redes já!** In: Além das redes de colaboração: Internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008a.

PRIMO, Alex. **Fases do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade.** In: Além das redes de colaboração: Internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008.

PRONI, Marcelo e LUCENA, Ricardo. **Esporte: história e sociedade.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

PUCCI, Bruno. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. In: ZUIN, Antônio; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton. **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Theodor Adorno, educação e inconformismo: ontem e hoje.** In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio; LASTÓRIA, Luiz A. Calmon (Orgs.). Teoria crítica e inconformismo: novas perspectivas de pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

QUEIROZ et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. Rio de Janeiro: **Revista Enferm UERJ.** Abr/jun, 2007.

REVISTA VEJA. O projeto do chip brasileiro. São Paulo: 17 de agosto, 2011, p. 130.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. **Amadorismo/Profissionalismo: suas relações com o trabalho na história de um clube de fábrica.** Monografia de final de curso. Departamento de Educação Física, UFS, 1997.1.

_____. **Da fábrica ao campo de futebol, vender tecido e vender espetáculo: tecendo os fios de um “casamento feliz”.** Florianópolis: CDS/UFSC. Dissertação de Mestrado, 2005.

_____. **A pedagogia dos esportes: uma experiência “superadora” e “emancipatória”.** In: Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. (Orgs.) DANTAS JUNIOR et al. Vol.IV, São Cristóvão, SE: UFS, 2010.

_____. As tecnologias: do software livre às experiências com a Educação Física e Mídia. **Revista Motrivivência.** Florianópolis, SC, ano XXII, v. 34, jun/2010.

RIBEIRO, Sérgio D. D. e SANTOS, Cássia F C dos. **Educação Física e mídia: primeiras aproximações no DEF/UFS.** In: Educação física, esporte e sociedade: temas emergentes. (Orgs.) (GRUNNENVALDT, J. T et al). vol. 1, São Cristóvão: UFS, 2007.

_____. **A Mídia nas Aulas de Educação Física: Uma possibilidade.** XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; II Congresso Internacional de Ciências do Esporte. **Anais...** Recife, setembro de 2009.

RIBEIRO, Sérgio Dorenski D.; LEIRO, Augusto Cesar Rios; JESUS, Alex Meneses. **Queda e Legado de Ricardo Teixeira: Uma Leitura do Jornal Folha de S. Paulo.** Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. **Anais do XVIII Conbrace.** Brasília, 2013.

_____. A CBF pela lente da folha de S. Paulo: fim de jogo para Ricardo Teixeira e implicações político-esportivas. VI Colóquio internacional de Educação e Contemporaneidade. **Anais do VI Educon**. São Cristóvão/SE, 2012.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Retrospectivas e tendências da pesquisa em mídia-educação no contexto internacional**. In: FANTIN, Mônica e RIVOLTELLA, Pier Cesare. Cultura digital e escola: pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. Vídeo-entrevista. Disponível em www.labomidia.ufsc.br. Acesso em: 25/06/2011

RODRIGUES, Pedro Luis de La Paz. **Baloncesto: aspectos históricos, metodológicos y de organización de competencias**. Habana: Pueblo e Educación, 1989.

SAMPAIO, Patrícia. “Espaço Cemb”. Itabaiana/SE. **JORNAL O MATRIX**, Nº 2, Nov, 2012, p.2.

SAMPAIO, Patrícia e FLÁVIO, José. “Banheiros”. Itabaiana/SE. **JORNAL O MATRIX**, Nº 2, Nov, 2012, p.2.

SANCHO, Juana M.; HERNANDEZ, Fernando. **Tecnologias para transformar a educação**. Trad. Valérios Campos. Porto Alegre: ArtMed, 2006.

SANTANA, Angélica Jesus de e RIBEIRO, Sérgio Dorenski D. As influências mercadológicas num determinado fenômeno esportivo – basquetebol – alterando sua forma e conteúdo, na realidade escolar sergipana. São Cristóvão, SE. **Caderno do Estudante**: UFS, 2003.

SANTANA, Aparecido. **Reforma estrutural do Murilo Braga é iniciada após 39 anos**. Disponível em: Fonte: <http://itnet.com.br/materia-21826>. Acesso em 03/10/2013.

SANTOS, Cássia Fernanda Cardoso dos. **A mídia nas aulas de educação física: uma possibilidade**. São Cristóvão/SE. Monografia de final de curso em Licenciatura em Educação Física. UFS, 2007.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. **Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente**. 2005. 300f. Tese (Doutorado em) – Faculdade de educação, Universidade de Federal da Bahia, Salvador: UFBA, 2005.

SANTOS, S. M. et al. **Estudo da produção científica sobre educação física e mídia/tics em periódicos nacionais (2006-2012)**. Anais do XVIII CONBRACE, Brasília/DF, 2013.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: Primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

_____. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

_____. **Da nova LDB ao novo plano nacional de educação: por uma outra política educacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SIBILIA, Paula. **O Show do eu: a intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Ana Lúcia. **Entre as armas da fome e as arma de fogo.** In: A outra face da moeda. Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. 2000.

SILVA, Ana Márcia. **Esporte espetáculo: a mercadorização do movimento corporal humano.** Florianópolis: Dissertação de Mestrado. 1991.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Convergência digital, diversidade cultural e esfera pública.** In: PRETTO, N. De L. e SILVEIRA, S. A. (Orgs). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 31-50.

_____. **Software livre: a luta pela liberdade do conhecimento.** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SIMON, I e VIEIRA, M. S. **O rossio não-rival.** In: PRETTO, N. De L. e SILVEIRA, S. A. (Orgs). Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 15-30.

SOARES, Carmem Lúcia. **Educação física: raízes européias e Brasil.** Campinas/SP: Autores Associados, 1994.

SOUZA, Daniel Minuzzi de. et al. Construindo diálogos em mídia-educação e educação física: algumas reflexões a partir de estudos do observatório da mídia esportiva/UFSC. **Revista Conhecimento Online**, ano I, v. 1, set., 2009.

STÖCKER, Gerhard. **Basquetebol: sua prática na escola e no lazer,** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983

TAS, Marcelo. **Para um bom uso das novas ferramentas, observem as crianças.** In: PRETTO, N. De L. e SILVEIRA, S. A. (Orgs). Além das redes de colaboração: Internet, diversidade cultural e tecnologias do poder. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 201-209.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1985.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.

TORVALDS, Linus. **O que faz o coração de um Hacker bater mais rápido, também conhecido como lei de linus.** In: A ética dos HACKERS e o espírito da era da informação: a importância dos exploradores da era digital. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXO I - VIDA E OBRA MURILO BRAGA

Este anexo esboça uma síntese do “Homem” Murilo Braga a partir de uma matéria publicada no Portal da Internet “*luzilândia on line*”. A escolha deste site foi devido ao local (Luzilândia-PI) de nascimento do Sr. Murilo Braga. O Intuito deste anexo foi apenas esclarecer a homenagem em relacionar o nome ao do Colégio. Neste sentido, seguem alguns aspectos da história de Murilo Braga:

Há 58 anos, mais precisamente em abril de 1952, morria um dos homens mais influentes de nosso país, na época, o luzilandense Murilo Braga de Carvalho, que foi na verdade, uma grande expressão nacional, expoente como Educador brasileiro, triunfal renovador do ensino no Brasil.

Semelhante a Petrônio Portela, que chegou a ser Ministro da Justiça e só não foi Presidente da República porque veio a falecer, também Murilo Braga exerceu importantes cargos de reconhecimento nacional e até internacional politicamente, e esteve cogitado para ser Ministro da Educação no governo do Presidente Vargas.

Homem mais influente do MEC e uma das inteligências mais cheias de possibilidades que já se conheceu naquela época, o exemplo da sua atividade nunca foi esquecido. Sua morte repercutiu em todo território nacional.

Muito mais que Gaspar Dutra, Murilo Braga era o homem de maior confiança do Presidente Getúlio Vargas, de quem foi assessor direto na pasta da educação e ficou conhecido nacionalmente como “Murilo Braga do MEC” ou “Murilo Braga de Luzilândia”.

Era formado em Direito. Foi Diretor da Divisão do DASP em 1939 e Diretor do INEP-Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Organizador de Planos de Construções Escolares em todo Brasil. Professor e educador de renome nacional. Deu grande contribuição para a educação brasileira, em especial ao experimento do Ensino Rural. Nunca negou ser luzilandense, nem mesmo nos centros das decisões do país.

Murilo Braga de Carvalho nasceu por volta de zero hora do dia 08 de dezembro de 1911, era neto de João Francisco de Carvalho Filho e seu nascimento está registrado no Cartório do 2º Ofício de Luzilândia, às fls. 52/52/V, do Livro A-01, registro testemunhado por José Teles e por Manoel Pires.

Formou-se Bacharel em Direito em 1937 pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas não se dedicou à carreira de advogado.

No dia 13 de janeiro de 1937, o INEP foi criado, por lei, sendo chamado inicialmente de Instituto Nacional de Pedagogia. No ano seguinte, o órgão iniciou seus trabalhos de fato, com a publicação do Decreto-Lei nº. 580, regulamentando a organização e a estrutura da instituição e modificando sua denominação para Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, organismo do Ministério da Educação.

Em 1938, Murilo Braga tornou-se Técnico de Educação por concurso público em que alcançou o primeiro lugar. Logo foi designado para exercer a chefia da Seção de Psicologia Aplicada do INEP. Diretor da Divisão de Seleção do Departamento Administrativo do Serviço Público – DASP. Planejou e executou os concursos de seleção de pessoal de órgãos federais, em todo o país, no início da década de 40.

Em fevereiro de 1946, com o fim do Estado Novo, Murilo Braga substituiu a Lourenço Filho, Diretor do INEP-Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

Como Diretor nomeado do INEP, organizou o plano de construções escolares com recursos federais, em todo o Brasil, e de desenvolvimento de escolas normais para a formação de professores. Iniciou convênios com os Estados para o aperfeiçoamento de professores, criando bolsas de estudo na cidade do Rio de Janeiro, à época capital federal.

Com a extinção da Diretoria do Ensino Primário e Normal, e a passagem das suas atribuições para o INEP, junto com a administração dos recursos do Fundo Nacional do Ensino Primário, passou a ocupar a quase totalidade da atenção do instituto: a tarefa de construir escolas em zonas rurais, nas fronteiras e nas áreas de colonização estrangeira, levaram à necessidade de estudos a respeito do melhor tipo de prédio para grupos escolares, escolas isoladas, escolas normais. Da função de administrador do Fundo Nacional do Ensino Primário surgiu um novo setor, o de Aperfeiçoamento do Magistério, que oferecia cursos de especialização no Distrito Federal, para professoras primárias do interior, em regime de bolsas de estudo.

Embora indicado para assistente da cátedra de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia da hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da qual era titular o eminente prof. Lourenço Filho, nunca a exerceu efetivamente. No entanto, deixou apreciável número de trabalhos, dentre os quais:

- 1) As classes homogêneas e os testes ABC, em 1933;*
- 2) "O datilógrafo" (Relatório apresentado ao Conselho Federal de Serviço Público), em colaboração com o Professor Lourenço Filho, publicado em 1938, e com a conclusão também publicada na Revista do Instituto de Organização Racional do Trabalho - IDORT;*
- 3) "Validade e fidedignidade nos testes coletivos de inteligência" (1948);*
- 4) "Seleção do pessoal: seus objetivos e seus problemas" (1951).*

Na cidade de Barra do Piraí - RJ existe uma escola com o seu nome, por certo testemunhando o quanto lutou para que se instalassem escolas em todo o país. A administração de Murilo Braga no INEP-Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, estendeu-se até abril de 1952, quando veio a falecer na floresta ao sul da Região Amazônica, num acidente com o "avião Presidente", da Pan American, quando se dirigia para os Estados Unidos, para representar o Brasil num Congresso Internacional de Educação. Sua morte cortou sua triunfal carreira de renovador do ensino no Brasil, e o exemplo da sua atividade nunca foi esquecido.

O filho de Dona Maria Benvinda Mendes Braga de Carvalho foi homenageado com nomes de obras públicas em quase todos os estados brasileiros, como em Goiás, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro, Alagoas, Rondônia, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. Só não teve ainda o reconhecimento na sua Luzilândia, onde não existe sequer, um logradouro público que leve o seu nome, o que é vergonhoso. A omissão das autoridades municipais tem feito de Luzilândia, uma cidade sem cultura ou mesmo aculturada, e o que é pior, sem memória.

Até mesma na vizinha cidade de União, no Piauí, existem uma Unidade Escolar com o nome de Murilo Braga. Em Teresina, a prefeitura municipal homenageou o luzilandense com o nome de uma rua, que atravessa os Bairros São Pedro, Macaúba e Monte Castelo, na zona sul da cidade, e um colégio no Bairro Marques de Paranaguá.

Em Luzilândia encontramos como parentes de Murilo Braga, a pessoa de Angélica Braga, filha de Genésio Braga (falecido) e todos os membros da família Carvalho.

Genésio Braga na qualidade de primo de Murilo Braga gostava de comentar "nas rodas" com amigos como Raimundo Marques, Marechal, Joca Marques, Durvalino e outros, a ironia do destino. Dizia que Murilo estava cogitado para ser Presidente da República e morreu exatamente no "avião Presidente".

Disponível em: <http://www.luzilandiaonline.com.br>. Acesso em: 23/06/2011. Matéria publicada em 08/02/2010.

ANEXO II - HISTÓRIA DE ITABAIANA

O Anexo II, assim, como o primeiro anexo tem a intenção de situar o lugar – cidade (Itabaiana/SE) – onde se localiza o Colégio Murilo Braga. Neste aspecto aponta sua história, clima, vegetação, cultura, entre outros. Por fim, apresenta o IDH da cidade em relação aos municípios de Sergipe.

Com isto, seu povoamento se iniciou a partir da doação de terras aos colonos onde hoje é a cidade de Itabaiana. Construíram o Arraial Santo Antônio que hoje é a Igreja Velha para suas orações onde mais tarde ergueram a Capela da Irmandade das Santas Almas. Em 1698, tornou-se vila sob nome Vila de Santo Antônio e Almas de Itabaiana. Em agosto de 1888 foi elevada a cidade tornando-se emancipada politicamente.

Comércio: O comércio de Itabaiana é seguramente o maior do interior do estado de Sergipe, o município ostenta tal condição há mais de meio século quando foi cognominado Celeiro de Sergipe, por ser, à época o que mais se destacava na produção de alimentos e no abastecimento à capital. [...]. O núcleo do comércio ainda é a feira livre realizada aos dias de sábado e quarta-feira num espaço de mais de vinte mil metros quadrados. [...]. Itabaiana se destaca entre uma das principais cidades do estado com maior concentração de atividades comerciais com a presença de estabelecimentos atacadistas, além de varejistas.

Manifestações folclóricas de Itabaiana: A festa de Santo Antônio, uma festa mesclada do tradicional sagrado e profano, ao mercado terapêutico de raízes e plantas, os resquícios do carnaval, a micareta, os paus de sebo, as festas do mastro, o reisado fazem parte do acervo tradicional e oral da cultura do povo na cidade [...]. Além disso, ainda encontramos a presença do **Forró** (dança tradicional nos festejos juninos desde a época do Império); **Quadrilha**; **Chegança** (dança que representa a luta travada pelos cristãos para o batismo dos mouros - árabes); **Festa do mastro** (A brincadeira começava com a busca do mastro no “mato” e era transportado nos ombros dos brincadores ao som da caceteira (conjunto de zabumba, caixa, pife); **Reisado:** (de caráter religioso também conhecido como reseiras, comemora o nascimento de Cristo e a festa do dia de Reis) entre outros.

História:



Imagem das ruínas da Igreja Velha, Localizada no povoado de mesmo nome, local da antiga sede do município de Itabaiana-SE.

Com a descoberta do Brasil, a Coroa Portuguesa, visando à colonização do novo continente, em 1534 dividiu-o em Capitânicas hereditárias, tendo o território sergipano sido dado a Francisco Pereira Coutinho. Com a morte deste, seu filho, Manoel Pereira Coutinho, [...] vendeu sua capitania à Coroa Portuguesa, em 1549, permanecendo as terras sergipanas, ocupadas pelo elemento indígena. Em 1590 a expedição de Cristóvão de Barros liquida os indígenas e se inicia o processo de colonização de Sergipe. Datam dessa época, as primeiras notícias de terras doadas a sete lavradores para colonizarem as cidades circunvizinhas do rio Sergipe. Através de sesmarias (terrenos que eram concedidos pelos reis de Portugal e pelas autoridades coloniais portuguesas às sesmeiros – colonos ou cultivadores), as terras não repartidas entre os colonos, oriundos de Portugal e da Bahia. A primeira sesmaria é dada a Ayres da Rocha Peixoto, casado com uma neta de Caramuru. Suas terras atingiram áreas compreendidas entre os rios Japarutuba e Sergipe, correspondendo dentro de um mapa atual os municípios de Itabaiana, Riachuelo e Santo Amaro das Brotas. Por essa época é que se dá início propriamente dito, ao povoado e colonização de Itabaiana em grande escala, com a distribuição de imenso número de sesmarias de suas terras, notadamente aquelas situadas à margem do rio Jacarecica, os colonos contemplados com tais sesmarias, se espalhando em sítios pelas margens do rio, vão fundar o Arraial de Santo Antonio, a primeira povoação de Itabaiana, na região hoje conhecida por Igreja Velha[...] fundando a Irmandade das Santas Almas. O local onde se encontra hoje a sede do município, conhecida no século XVI como Caatinga de Ayres da Rocha, era primitivamente um sítio de propriedade do pároco de São Cristóvão, Padre Sebastião Pedroso de Góes, que vendeu em 9 de julho de 1675, por Rs. 60\$000(sessenta contos de réis), à Irmandade das almas de Itabaiana, sob a condição de nele ser reedificado um templo sob a invocação de Santo Antonio e Almas de Itabaiana. [...]. Como a capela de Santo Antonio estava edificada numa fazenda de propriedade particular, jamais a freguesia pôde ser criada. Com a venda da caatinga de Ayres da Rocha à Irmandade, foi edificada a Igreja de Santo Antonio e Almas de Itabaiana, passando para este lugar, a sede da vila, que até então funcionava na Igreja Velha. A povoação foi crescendo e já pelo ano de 1678, Itabaiana era Distrito, possuindo paróquia desde outubro de 1675, permanecendo a invocação de Santo Antonio e Almas de Itabaiana. [...] A vila foi levantada pelo Ouvidor D. Diego Pacheco de Carvalho, em 1698, sob a denominação de vila do Santo Antonio e Almas de Itabaiana. Em 1727 aparecia como já possuindo sua Câmara representando o município. [...] Os acontecimentos no fim do século XVIII, com pequenas lutas entre capitães-mores e ouvidores, um ou outro levante de índio, não forneceram subsídios que se pudessem considerar de valor histórico, para indicar o desenvolvimento do município que já se estabilizava aparecendo como o terceiro dos mais populosos do estado de Sergipe no início do século XIX [...].

Etimologia: Os primeiros documentos que tratam da região, apresentam denominações diferentes para o lugar. Os nomes mais freqüentes são ITANHAMA ou TABAIANA. A forma Itabaiana, parece que se definiu no século XVII. Os holandeses, [...] registraram a forma ITAPUANA. A tradição tem uma versão popular demais para ser aceita por eruditos: Havia uma índia chamada Ita, vinda da província da Bahia. Quando ela dançava o povo explodia de entusiasmo: Ita, a baiana! Ita, a baiana! Para o historiador itabaianense Vladimir Souza Carvalho, o nome Itabaiana está historicamente ligado à sua serra, que tem o mesmo nome. O termo Itabaiana, nome indígena, é o resultado da união dos sufixos: Ita, significa pedra – a pedra é serra. Taba, significa aldeia – taba indígena. O ane, significa alguém. Da junção dos três vocábulos, surgiu o nome Itabaiana, pela assimilação dos mesmos. Sendo assim, Itabaiana significa: Naquela serra tem uma aldeia, onde mora gente, naquela aldeia mora alguém. Porém, segundo o poeta da época, Manoel Passos de Oliveira Teles não acreditava na tradição. Por isso, fez um poema referindo-se à lenda do surgimento da serra de

Itabaiana. Numa lenda indígena, havia um cacique castigado por Tupã que transformou seu corpo na Serra que posteriormente recebeu o nome de Itabaiana. Do sangue que jorrava do seu corpo, nasceu o rio Cotinguiba.

Da origem à emancipação: O local onde se encontra o município de Itabaiana era conhecido no século XVI como Caatinga de Ayres da Rocha, em seu início era um sítio de propriedade do Padre Sebastião Pedrosa Góes que vendeu por Rs. 60\$000(sessenta contos de réis) à Irmandade das Almas de Itabaiana, sob a condição de nele ser edificado um templo sob a invocação de Santo Antonio e Almas de Itabaiana. Logo depois passou a ser um povoado ou arraial localizado as margens do Rio Jacarecica, recebendo a denominação de Arraial de Santo Antonio, onde os colonos construíram uma igreja e suas casas ao redor de lá. Apesar das discordâncias quanto à data de elevação de Itabaiana a condição de Vila, a mais aceita é a portaria de 20 de outubro de 1697 e a elevação dá-se em 1698. Devido ao desenvolvimento econômico e processo de divisão administrativa pela qual passava a capitania, em 9 de julho de 1853 é criada a Comarca de Itabaiana, a qual se desmembra de São Cristóvão e compreende as terras de Itabaiana, Simão Dias e Nossa Senhora das Dores. O resultado dessa divisão administrativa é a formação de um distrito que além de comarca compreendia os municípios de Campo do Brito e São Paulo (atual Frei Paulo). Itabaiana foi elevada à categoria de cidade em 28 de agosto de 1888, no entanto tal acontecimento, teve pouca relevância, uma vez que as atenções estavam voltadas para outros problemas, como a crise de variola.

Sites pesquisados:

Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana_\(Sergipe\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Itabaiana_(Sergipe)). Acesso em: 24/06/2011.

Disponível em: <http://cidadebrasileira.brasilescila.com/sergipe/historia-itabaiana.htm>. Acesso em: 24/06/2011.

SOBRE O ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH)

Itabaiana apresenta o terceiro melhor crescimento do IDHM no quesito renda

Município é superado apenas por Aracaju e Barra dos Coqueiros.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de Sergipe, divulgado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), revelou que Itabaiana apresenta o terceiro melhor crescimento no quesito renda.

A renda per capita média de Itabaiana cresceu 86,46% nas últimas duas décadas, passando de R\$237,80 em 1991 para R\$269,07 em 2000 e R\$443,39 em 2010. A taxa média anual de crescimento foi de 13,15% no primeiro período e 64,79% no segundo. A extrema pobreza (medida pela proporção de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 70,00, em reais de agosto de 2010) passou de 17,58% em 1991 para 15,61% em 2000 e para 6,98% em 2010.

Renda, Pobreza e Desigualdade - Itabaiana - SE			
	1991	2000	2010
Renda per capita (em R\$)	237,80	269,07	443,39

% de extremamente pobres	17,58	15,61	6,98
% de pobres	46,58	40,72	21,91
Índice de Gini	0,51	0,51	0,52

Fonte: Pnud, Ipea e FJP

Porcentagem da Renda Apropriada por Estratos da População - Itabaiana - SE			
	1991	2000	2010
20% mais pobres	4,14	3,70	3,68
40% mais pobres	12,40	11,83	11,49
60% mais pobres	25,01	24,52	23,96
80% mais pobres	43,89	44,24	44,09
20% mais ricos	56,11	55,76	55,91

Fonte: Pnud, Ipea e FJP

Itabaiana ocupa a 3254^a posição, em 2010, em relação aos 5.565 municípios do Brasil, sendo que 3253 (58,45%) municípios estão em situação melhor e 2.312 (41,55%) municípios estão em situação igual ou pior. Em relação aos 75 outros municípios de Sergipe, Itabaiana ocupa a 9^a posição, sendo que 8 (10,67%) municípios estão em situação melhor e 67 (89,33%) municípios estão em situação pior ou igual.

Por Aparecido Santana, com informações do Pnud, Ipea e FJP.

Disponível em: <http://itnet.com.br/materia-21447>. Acesso em: 08/08/2013

ANEXO III - DADOS ESCOLAS/ITABAIANA

SERGIPE/EDUCAÇÃO	
Diretorias Regionais	10
Municípios	75
Escolas	378
Rede da DRE03	
Municípios	14
Escolas	52
Rede de Itabaiana	
Escolas	18
Total de Alunos em Itabaiana	
Ensino Regular	
Ens. Fund.	5.735
Ens. Médio	2.507
Ensino Especial	
Especial	2
Escola Ativa	
Escola Ativa	74
EJA	
Ens. Fund. 1º Sem.	775
Ens. Médio 1º Sem.	580
Programas	
Acelera	18
Total Geral de Alunos	
Matriculados	9.691
Total de Alunos na Escola (CEMB)	
Ensino Regular	
Ens. Fund.	752
Ens. Médio	1.055
Total Geral de Alunos	
Matrículas	1.807

Fonte: www.seed.se.gov.br

Colégio Estadual Murilo Braga. Rua Quintino Bocaiúva, 659. Centro. Cep: 49500-000, Itabaiana/SE.
Tele. 79-3431-9846; 79-34312699. Área de 709.531 m² e 540.241m² área construída.

E-mail: cembraga.seed@seed.se.gov.br

Disponível em: www.seed.se.gov.br. Acesso em: 28/06/2011

Estrutura da Escola

Item	Disponível	
Internet	✓	300 Kbps
Laboratório	✓	
Quadra Poliesportiva	✓	
Biblioteca	✓	
Sala de Reforço	✗	
Sala de Recursos	✓	
Oficina	✗	
Laboratório Científico	✓	
Área do Terreno	✓	709.531 m2
Área Construída	✓	540.241 m2

Fonte: www.seed.se.gov.br. Acesso em 04/07/2011.

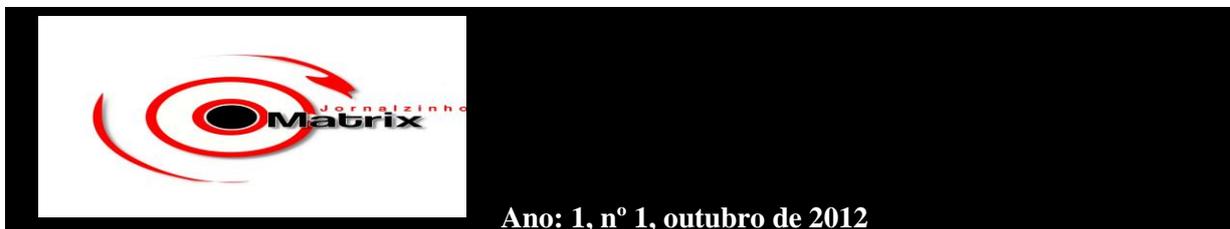
QUADRO DEMONSTRATIVO DR/ESCOLA/ALUNOS/SE

DIRETORIAS	QDE MUNICÍPIOS	QDE ESCOLAS	Nº ALUNOS
DR1	09	21	14.975
DR2	07	53	24.525
DR3	14	52	21.714
DR4	08	15	9.947
DR5	05	07	4.943
DR6	14	45	16.316
DR7	04	15	4.193
DR8	08	65	35.965
DR9	05	15	9.823
DEA	01	90	60.612
TOTAL	75	378	203.013

Fonte: www.seed.se.gov.br. Acesso em 30/06/2011.

ANEXO IV – “JORNALZINHO O *MATRIX*”

Neste Anexo encontram-se os jornais produzidos pelo Grupo *Matrix*. Do número 1 ao 5.



HISTÓRICO DO JORNAL: “O *Matrix*” é um jornalzinho produzido pelos alunos do 9º ano da turma “A”, do CEMB, que envolvem diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria.



Fonte: Grupo *Matrix* – Entrada Colégio Estadual Murilo Braga - CEMB

Corpo Editorial - Quem somos: Flávio, Girleide, Jaislaine, Patrícia, Carol, Carlos Roberto, Jailson,.



REFLEXÃO

“Esporte e Educação Física”

Por: Alcivan, Geovana, Fabiana e Lidiana

Os jogos Olímpicos são um dos pontos mais marcantes da vida do ser humano porque é uma forma de entretenimento e acima de tudo, orgulho para nosso país e de outros países. Para os atletas é uma alegria e enorme privilégio todos que torcem pra seu sucesso, o gari Renato Sorriso serve como exemplo para nós, pois ele era gari e através dele o vê, a transição de Londres para o Rio que foi marcado por sua entrada triunfal uma festa como deve ser lembrada por toda vida, afinal quem luta consegue e quem consegue vence com garra e todos os esforços e prestígio. O Brasil aproveitou para mostrar que existem, pessoas que têm sonho e acima de tudo, força de vontade de representar esse nosso país que foi e sempre será campeão...

“Mídia e Esporte”

Por: Vanessa Oliveira, Vanessa Menezes e Josefa de Fátima

A mídia e o esporte têm uma coisa em comum, a popularidade. Ela é muito importante para divulgar as vitórias, os lances mais marcantes e também as derrotas. Por exemplo, a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos ela está divulgando que o Brasil não tem uma tradição de ganhar medalhas como se espera de uma copa do mundo. A mídia também serve para declarar muitas emoções e também histórias tristes como a última derrota do Brasil na Copa em 2008. O jornalismo às vezes também costuma deixar um pouco de dúvida para mostrar ao torcedor uma vitória ou uma derrota.

“A Seleção Brasileira de Futebol perde para Seleção Mexicana por 2 x 1... fica com a prata!”

Por: André, Carlos Júnior, David, José Edilson, José Júnio e Jonas

A derrota para seleção do México na final do futebol nas olimpíadas/2012, no olhar deste grupo, está relacionada aos aspectos táticos e técnicos, pois, para eles: precisaria melhorar a defesa; nos jogos aéreos o goleiro precisaria treinar mais; Treinar a posse de bola para entrosar com o time. Com os adversários, a marcação precisaria ser mais “pesada”. Ainda, precisa convocar outros jogadores como: Kaká, Júlio César, Ronaldinho e companhia!!

Para: Ernandes, Diego Barros e Everton – A derrota da seleção para o México foi merecida, pois, jogou mal e deveria ter tomado uns quatro gols. Na opinião destes, quem deveria ser convocado era o Fred no lugar de Hulk. Além da presença de Kaká e Ronaldinho!!!

Esses “moleques” entendem do assunto, em?! Cadê a bola?!

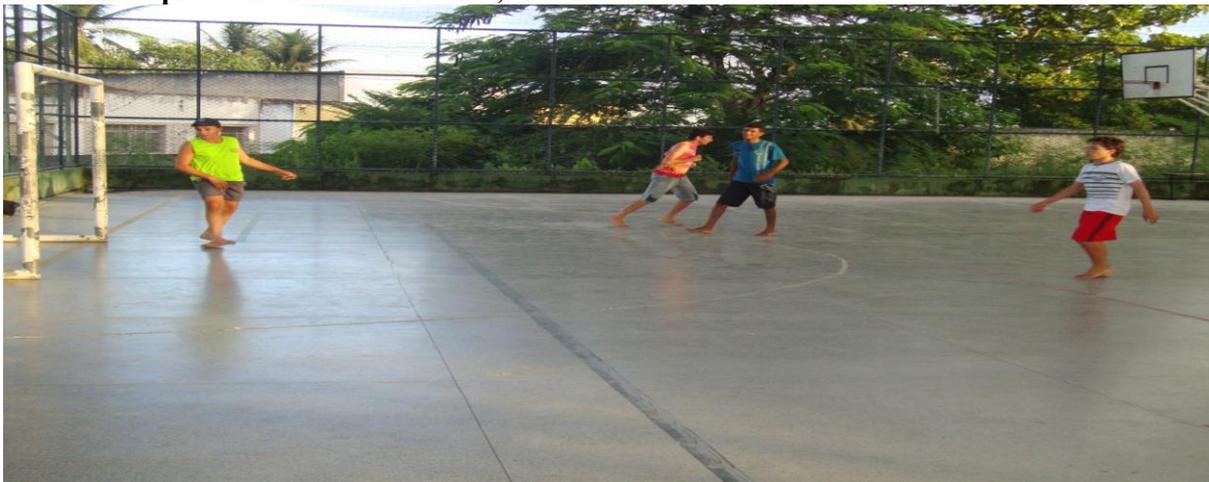


Foto: *Matrix*

Seções/Diversos

Notícias Nacionais – Recentemente, vimos e ouvimos uma notícia de grande repercussão na mídia, a morte de Hebe Camargo, a rainha das telinhas. Ficamos pensando, quando não se trata de uma pessoa de imagem como esta, a mídia teria dado destaque como deu? Quantas pessoas importantes, trabalhadores, professores, poetas daqui de Itabaiana, de Sergipe, dos diversos cantos do País e nem sequer ganha uma linha na mídia???????

Esporte – Vimos no Portal da Itnet em 24/09/2012, que o time de Futebol da Associação Olímpica de Itabaiana passa por dificuldades financeiras depois de ter participado da Série “D” do Campeonato Brasileiro, acumulando um déficit de R\$ 180.000,00. Segundo a notícia o público deixou de ir ao Estádio devido a má atuação de alguns jogadores que tinham salários elevados, será?. Até quando em? Quando vamos ver o nosso Itabaiana na elite do futebol brasileiro? Achamos que nossa geração vai passar e este sonho não se realiza!!!!!!

Eleições/Itabaiana - No último dia 07/10 (domingo) o povo de Itabaiana elegeu seu Prefeito e Vereadores para administrar a cidade. Esperamos compromisso destes, independente de partido político e coligações, com as questões sociais e principalmente, com a educação, na melhoria das escolas, suas quadras, bibliotecas e valorização do Professor..., estamos de olho!!

Eventos – 3º Festival de Dança do Murilo Braga, dia 01/11/2012 – prestigiem!!!



Ano: 1, nº 2, Novembro de 2012

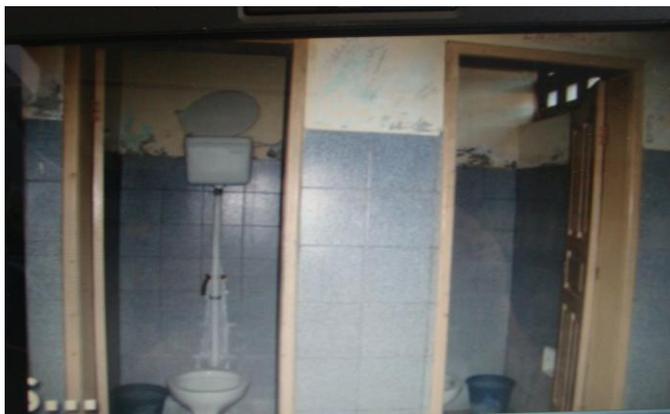
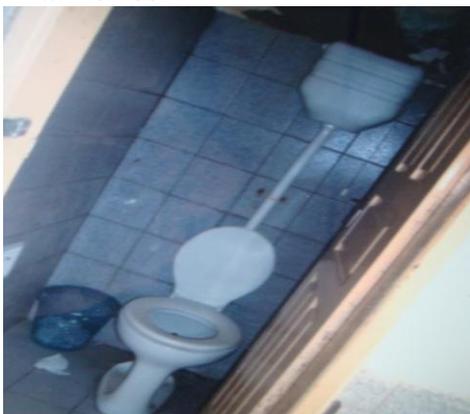
HISTÓRICO DO JORNAL: “O *Matrix*” é um jornalzinho produzido pelos alunos do 9º ano da turma “A”, do CEMB, que envolvem diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria.



Foto: “Entrada CEMB” por Matrix

REFLEXÃO

“Banheiros”



Fotos: “Banheiro do Cemb” por *Matrix*

Por: Patrícia Sampaio e José Flávio

“Em todos os lugares não importa, os banheiros têm que ter higiene, boas condições de uso. Muitos alunos reclamam dos banheiros dos colégios, uns falam que não tem como usar; outros falam que falta higiene; que mal lavam; que vivem sujos etc.,.Realmente, sabemos que isso acontece todos os dias, nosso cotidiano é este. Para nós, isto é lamentável e ainda é pior para aqueles quem têm necessidades especiais. O que nós alunos queremos é um banheiro organizado que, ao chegarmos, não tenha mau cheiro, que todos possam usar, que ninguém reclame, que tenha alguém para limpá-los diariamente...Temos três turnos durante o dia, e quantas vezes os banheiros são limpos??? Ai galera concorda comigo em relação aos nossos banheiros????”

“Espaço CEMB”

Por: Patrícia Sampaio

“Estamos sabendo que o colégio estar com planos de reforma. A reforma vai ajudar muito, mas o que adianta se tem poucos funcionários. Um colégio como o CEMB tem que ter um funcionário para cada área de trabalho. Mas temos que lembrar que todo o espaço CEMB, para ser cuidado, preservado, tem que ter a ação dos alunos. Vamos pensar, temos que parar de riscar paredes, carteiras, banheiros, parar de quebrar portas, lâmpadas, preservar o meio ambiente... Galera!!! Bora pensar conservando o que temos e aos poucos vamos modificando nosso espaço. Agora é com vocês... Para vocês o que precisa mudar no nosso colégio????”

O Caso do Ginásio de Esporte “Miltão”

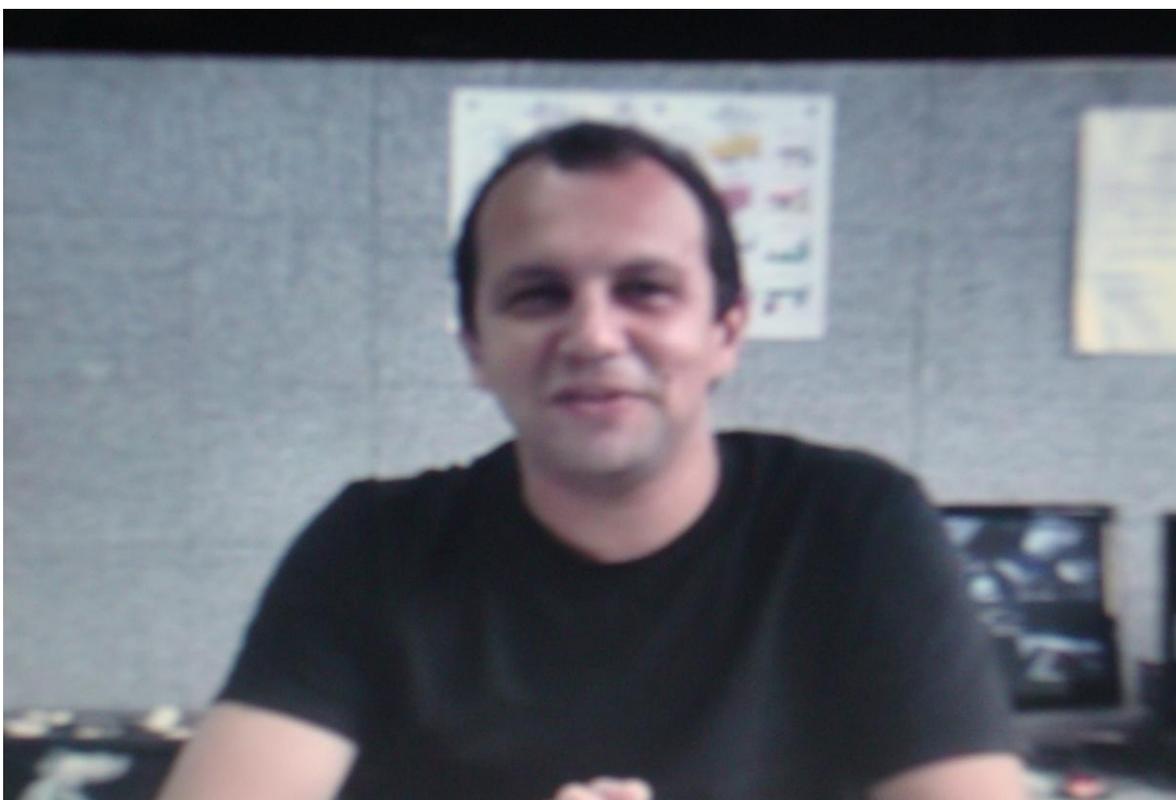
Por: Ana Carolina e Jailson Rezende

O Ginásio José Milton Machado, o popular “Miltão”, tinha uma boa estrutura com quadra, banheiros, vestuários com capacidades para muitas pessoas na qual se realizam vários eventos, além dos jogos e aulas de Educação Física. Mas, infelizmente, desde novembro de 2009 está em ruínas não serve para nada disso e sim, para pontos de diversas situações ilícitas que não condiz com um colégio e está no completo abandono. Não seria melhor ativá-lo com pessoas jogando????



Fotos: Acervo Beto Silveira: <http://reporterbetosilveira.blogspot.com/2011/06/morte-de-um-ginasio-de-esportes.html>

Exclusivo: Entrevista com o Diretor do CEMB “Éder de Jesus Andrade”



No dia 02 de outubro de dois mil e doze, nós do *Matrix* realizamos uma entrevista com o Diretor do Cemb, Éder de Jesus Andrade, sobre o espaço físico do colégio. Vejamos parte deste encontro:

Matrix – O que o senhor acha do CEMB no tocante ao desenvolvimento dos alunos?

Diretor – O CEMB ainda é hoje o colégio que tem um grande desenvolvimento do aluno. Tem uma equipe de professores muito boa..., há falhas, ainda há falta de professores, mas, continuamos ainda desenvolvendo um trabalho reconhecido não só em Itabaiana, mas, em Sergipe. Temos os exemplos do reconhecimento das Olimpíadas de Química, Olimpíadas de Matemática, Olimpíadas de Física..., os alunos recebem resultados positivos, o Colégio é premiado todos os anos, o resultado dos vestibulares em que todos os anos estamos entre os três primeiros..., entre os três primeiros colégios que mais aprovam..., é obvio que a educação

pública teve mudanças..., educação pública sofreu problemas..., e, conseqüentemente, o Murilo Braga sofreu, mas ainda, continua desenvolvendo muito bem o seu aluno, continua aprovando muita gente no vestibular, ano passado teve dois aprovados em medicina, vários aprovados em todos os cursos, então, a gente se orgulha de ainda ser o colégio com resultado positivo não só em Itabaiana, como também em Sergipe.

Matrix – O que o CEMB está precisando?

Diretor – O CEMB está precisando de quê? Primeiro, de uma reforma, mas, não estamos abandonados, não estamos acabados, mas, obviamente, precisamos de uma reforma..., para que haja mais estímulo por parte da população, dos alunos, uma reforma na..., pintura..., não está caindo nada, está tudo ai seguro, mas, é óbvio que precisamos para que mostre a sociedade..., infelizmente uma imprensa muito maldosa diz que o colégio está totalmente abandonado, não está abandonado, estar sendo cuidado..., dentro do possível. Agora, o que acho que mais precisa é uma reforma, não só de uma reforma das paredes, mas, uma reforma do modo de agir dos alunos, uma reforma também do modo de agir de alguns professores..., mudar a mentalidade, mudar a cabeça..., uma mudança que venha trazer resultados positivos para o colégio. A gente sabe que a educação pública sofre problemas..., mas, precisamos enfrentá-los de frente e para isso acontecer não adianta reformar só as paredes, mas, precisa reformar também a mentalidade de quem vive aqui

Matrix – Quando a reforma do Murilo vai sair?

Diretor – Começou a licitação. Quando começa a licitação de qualquer reforma pública, não é só com o Murilo, ela dura em torno de 3 a 6 meses. Porque tem todo um processo de escolha de empresa, quando a empresa é escolhida, aquela que conseguir vencer a licitação, vai ter um tempo, para outras recorrerem..., tem um tempo para ordem de serviço do governador..., é uma burocracia que não é só em Sergipe, é no Brasil inteiro... Como faltam apenas três meses para acabar o ano e a licitação está apenas a um mês..., então, acredito, a reforma inicie em janeiro ou fevereiro de 2013..., dia exato não tem...provavelmente, início de 2013, com fé em Deus, ela sai.

Matrix – Em sua opinião, qual a importância do CEMB para o contexto de Itabaiana, principalmente no tocante ao espaço?

Diretor – Uma das coisas que mudou a cidade de Itabaiana foi o Murilo Braga..., em 1949, aqui era Escola Rural Normal Murilo Braga, aqui era zona rural, era sítio,... imagine o que trouxe de desenvolvimento para Itabaiana, Murilo Braga mudou a cara de Itabaiana..., tudo que você imaginar neste centro aqui se desenvolveu graças ao surgimento do Murilo Braga, da ousadia, à época, do Governador José Rollemberg Leite... Foi ao longo dos anos deixando de ser apenas uma escola normal..., que formava professores, começou a vim o ensino científico..., e hoje o ensino médio..., isso tudo foi trazendo para sociedade de Itabaiana a oportunidade de ter um colégio em Itabaiana,... por que antes se estudava em Aracaju, quem tinha condições para isso, ou não se estudava. Fazia até a 4ª série..., era o máximo que a população tinha. Então, foi a oportunidade de ter em Itabaiana estudantes da sua própria cidade..., e não só de Itabaiana, foi para o agreste inteiro, tinha gente de todo lugar, Frei Paulo, Carira, Macambira, Malhador, Campo do Brito,..., onde você imaginar.... Com a vinda do governo Déda...criou o ensino médio em outros colégios..., Nestor Carvalho, Eduardo Silveira,..., levou o aluno a ter opções. Hoje temos um número reduzido de alunos aqui por isso, mas, na época não tinha esta opção. A grande importância do Murilo Braga na época, ter um lugar para estudar em Itabaiana. Qual a importância do Murilo Braga hoje?, ..., manter o grande desenvolvimento para a cidade..., sair da escola pública direto para universidade pública, exemplo do ano passado que foram 281 aprovados no vestibular. No contexto histórico, esta importância mudou, tem outra importância. Mas, pelo tamanho, pela estrutura..., poderia funcionar outras coisas aqui, como DR3 e outros órgãos do Governo..., poderia pensar em aproveitar melhor o espaço.

Matrix – Como o Sr vê o “Miltão”, o que aconteceu, os motivos de estar assim?

Diretor – Eu assumi o Colégio em agosto de 2010, e o Miltão está interditado desde novembro de 2009, eu já peguei o Miltão interditado, mas, eu era professor da casa..., sou professor do Murilo Braga desde 2006, eu sei o que aconteceu. Tudo começou por causa de um telhado, por incrível que pareça, o Governador não tem culpa nenhuma..., infelizmente, foi culpa dos gestores passados..., construíram esta nova quadra ai..., foram esquecendo um pouco o Miltão. Ai quebrou uma telha, dessa telha a água começou a invadir, começou a acabar o piso..., teve problema no teto, reformaram o teto, mexeram no teto e esqueceram de trocar uma bendita telha..., a água começou a invadir...danificou o piso. Teve um concurso de quadrilha da TV Sergipe e pediram para trocar as luzes, melhorar a iluminação, trocaram as luzes, colocaram andaimes, mas, não trocaram a bendita telha. Então a chuva foi destruindo..., então, fecharam o Miltão, esperando a reforma, fecharam em novembro de 2009. Ai, os vândalos começaram a invadir, foram entrando..., roubaram todos os fios de energia..., tentaram tocar fogo no Ginásio, fizeram o que pode imaginar de ruim. Com 5 dias que assumi o Colégio fui ver o Miltão..., levei um susto..., Procurei ver como fazia a reforma, como poderia resolver. Coincidência ou não o Secretário de Educação veio ao Murilo e eu fiz questão de levá-lo ao Miltão, veio a imprensa, veio todo mundo.... Ele disse para mim que a reforma já estava para vim, e vamos deixar o Miltão quieto, pois, a reforma está vindo e contempla o Miltão..., Só que ai atrasou tudo, já era prá estar reformado. Tenho dois anos na direção e infelizmente nem o Murilo, nem o Miltão. O Miltão..., este sim, está abandonado..., tudo começou com a bendita telha. Na época que eu jogava bola no Miltão, existia um funcionário que tomava conta do Ginásio – Zé Miúdo – ele tomava conta, quebrava uma torneira, ele trocava..., tudo pelo amor que ele tinha pelo Miltão, mas, depois que ele morreu não teve ninguém para tomar conta como ele tomava. Não vai cair..., mas, para usar não tem condições.

Seções/Diversos

Notícias Nacionais – Ministro do Supremo - Carlos Ayres Brito vota pela condenação dos suspeitos do Mensalão. É a força de Sergipe na moralidade nacional!!!.

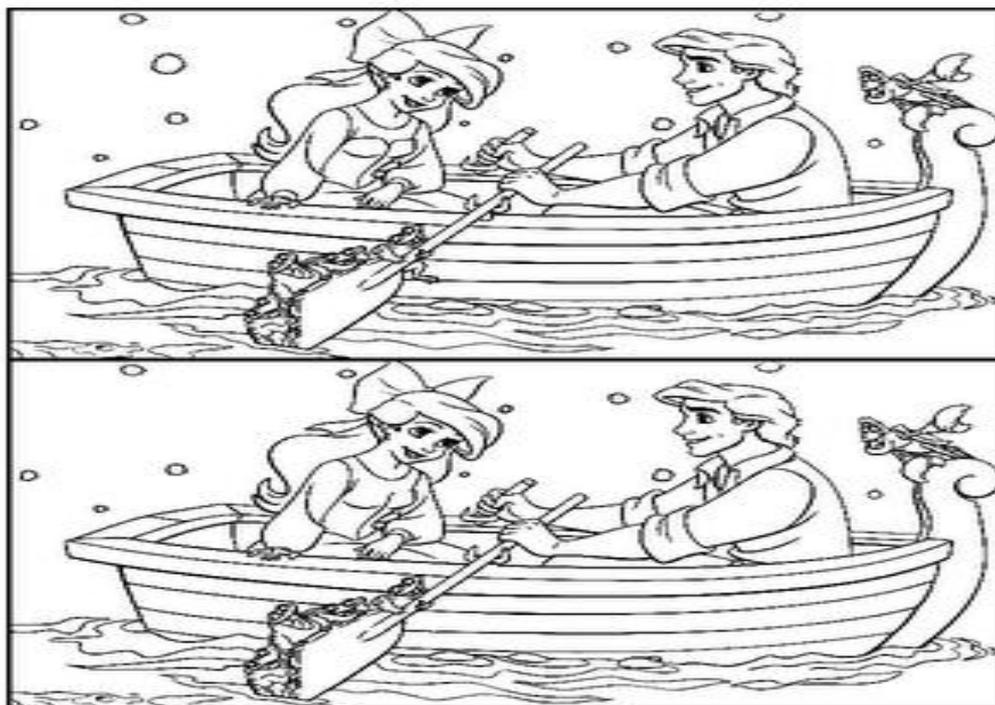
Esportes – Jogos Internos do CEMB de 21 a 29 de novembro/2012 fiquem ligados, as inscrições já estão rolando! Esperamos as medalhas em?!

Eventos – Aniversário do Cemb – 29.11.2012

Agradecimentos: Nesta edição do Jornal, agradecemos ao Diretor do CEMB - **Éder de Jesus Andrade** – pela entrevista concedida; **Daniele Fernandes Santos** – por garantir a reprodução do Jornal em colorido.

PAÍSES DA ÁFRICA															
Z	C	N	M	M	J	A	L	Í	B	I	A	D	S	P	
L	G	O	N	L	G	I	A	W	F	C	P	D	Y	J	ÁFRICA DO SUL
L	K	T	Y	L	L	A	N	B	P	G	F	H	A	C	ANGOLA
X	M	I	S	A	A	N	A	O	H	F	G	I	G		ARGÉLIA
K	R	E	T	H	T	E	X	S	A	G	O	S	X		BENIN
X	L	V	O	F	I	D	P	E	W	J	A	I	Y		BOTSUANA
L	J	R	A	M	R	I	M	D	D	B	T	N	V		BURKINA FASSO
B	N	Q	J	Z	A	U	C	S	Y	N	N	R	U	D	BURUNDI
P	I	X	D	X	R	A	O	V	T	Y	P	X	T	I	CABO VERDE
L	K	L	K	Q	C	O	T	A	G	R	L	T	U	F	CAMAROES
S	B	V	N	S	S	K	A	S	P	A	U	T	S	X	CONGO
N	E	P	B	T	G	Q	E	G	H	M	A	R	G	E	COSTA DO MARFIM
M	N	O	E	U	Á	W	R	É	T	B	O	B	G	L	DJIBUTI
I	A	N	Q	S	N	N	I	A	R	S	N	I	S	N	EGITO
R	A	C	O	I	E	N	G	O	E	S	U	A	I	N	ERITRÉIA
A	U	C	M	R	A	L	B	I	D	A	S	E	A	R	GUINÉ EQUATORIAL
M	O	S	A	A	L	A	S	L	E	I	B	E	I	O	GUINÉ BISSAU
O	D	O	B	O	M	E	G	A	S	E	N	T	K	R	LIBÉRIA
A	T	B	Á	V	E	T	O	A	S	C	A	L	L	O	LÍBIA
S	O	B	B	R	D	E	C	A	L	L	I	U	B	R	MADAGÁSCAR
O	C	O	R	T	A	I	R	E	M	Ç	L	N	K		MALI

Encontre: 7 erros!



➤ **Corpo Editorial:** Ana Carolina, Carlos Roberto, Girleide Silva, Jailson Rezende
Jaislaine Menezes, Patrícia Sampaio.

Sugestões, contatos - matrix.alunos2012@gmail.com



Ano: 1, nº 3, Dezembro de 2012

HISTÓRICO DO JORNAL: “O *Matrix*” é um jornalzinho produzido pelos alunos do 9º ano da turma “A”, do CEMB, que envolvem diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria.



Foto: “lateral do CEMB, frente quadra esportiva” por Matrix

REFLEXÃO

Neste número do Matrix fazemos referência à Educação Física e Esportes, com pontos de vistas de professores e alunos. Vejamos!

Entrevista com a Professora de Educação Física Nailene Almeida
Por: Jaislaine, Girleide



01. O que é educação física para você?

R: Educação Física é uma atividade prática, em que podemos abordar vários temas da cultura corporal, como: a dança, a ginástica, os jogos, os esportes, entre outros, além de ser um exercício ótimo para a saúde.

02. Como você trabalha a Educação Física?

R: Costumo trabalhar da forma mais recreativa possível, abordando vários jogos, sem muita exigência das técnicas, passando para os alunos que a Educação Física não é para ser feita por obrigação, por ser mais uma disciplina, mas sim, para que eles tenham prazer no que estão fazendo.

03. O que você acha do CEMB para as aulas de Educação Física?

R: O CEMB é um espaço muito bom para a prática de Educação Física, temos uma quadra coberta e material. Só não está melhor porque o Miltão está interdito e nós professores, temos que dividir a quadra, muitas vezes há três professores ministrando aula no mesmo espaço.

04. Quais os pontos positivos e negativos que você considera para a Educação Física?

Positivos - É uma disciplina que os alunos podem se distrair, brincar e aprender os temas da cultura corporal.

Negativos - Dentro da escola, o que vemos várias vezes, é a falta de estímulo de alguns alunos, muitos participam das aulas para não serem reprovados, não levarem faltas, o que deveria ser o contrário, eles deveriam participar por prazer e gostarem da prática da atividade física.

05. O que você considera que poderia melhorar?

R: A iniciativa ao esporte e a interdisciplinaridade, pois, vejo a educação física muito isolada.

Entrevista com o Professor de Educação Física Carlos Henrique Santos

Por: Carlos Roberto

O Professor Carlos Henrique, considera que todas as Disciplinas que compõem o currículo são importantes na formação do aluno e que o papel da escola é justamente proporcionar condições igualitárias a todos; formar indivíduos capazes e com senso crítico; perpetuar valores morais de convivência em sociedade e fortalecer o processo de cidadania.

O que é Educação Física para você?

R: É uma das áreas do conhecimento humano ligada ao estudo e atividades de aperfeiçoamento, manutenção ou reabilitação da saúde do corpo, mente e do desenvolvimento do ser humano como um todo. Ou seja, a Educação Física com a prevenção e cura de determinadas doenças no contexto terapêutico e psicossocial. O Professor Carlos Henrique expõe que os Professores de Educação Física DEVERÍAM ser considerados importantes para nossas vidas, pois, ajudam na manutenção da saúde e da qualidade de vida além de estimular a prática esportiva em contraponto ao uso de drogas. Para o Professor, o modismo por um corpo perfeito, um culto ao corpo, tem levado as pessoas a procurarem este profissional para se tornarem mais bonitas, mas, seria importante ministrar os conteúdos no ambiente escolar. Alerta que as pessoas – alunos – deveriam participar de atividade física com moderação e duração mínima de 30 minutos 5 vezes por semana, pois, hoje, eles têm duas aulas por semana e às vezes, as duas aulas ocorrem no mesmo dia ficando o aluno oito dias parados – podendo acarretar algum mal pela ausência longa de atividade física - o que prejudica os objetivos voltados para uma qualidade de vida

Como você trabalha a Educação Física?

R: Carlos Henrique acredita que o professor deve participar ativamente da vida escolar e da formação do aluno, integrando-se as demais disciplinas, expondo a importância da Educação Física na formação geral dos alunos. Ainda, relacionando-se com o Projeto Pedagógico da Escola. Considera que de 1ª a 4ª série deve-se trabalhar – respeitando suas individualidades - os aspectos psicomotores, afetivo e cognitivo, para que cresçam como cidadãos conscientes e capazes de exercer sua cidadania plena. Entende que a escola deva formar cidadãos e não atletas, levando em consideração a prática esportiva, mas, que esta prática seja estimulada para o prazer, para o respeito mútuo, disciplina, lealdade, espírito de superação entre outros que levem os alunos para sociabilidade, ludicidade, integração ampliando a sua cultura. Sobre o esporte, o professor Carlos Henrique considera a prática esportiva importante para o cidadão, pois, além de proporcionar inúmeros benefícios – saúde, valores morais, convivência em sociedade – proporciona a melhoria da qualidade de vida, benefícios fisiológicos, sociais e psicológicos. Assim, trabalha a atividade moral (cooperação, justiça, lealdade, respeito mútuo, caráter...); Atividade Física (fortalecendo a capacidade motora e das qualidades físicas); Atividade Intelectual (possibilitando a observação, experimentar, tentar fazer, refletir, decidir, julgar...). Para o Professor Henrique, na sociedade capitalista a prática esportiva está relacionada à ascensão social e isto tem levado os garotos a procurarem o profissionalismo no esporte, mas, isto também leva a profundas frustrações, por isso, a prática esportiva na escola deva ser encarada com outra abordagem que envolva a atividade recreativa, companheirismo, afetividade, cordialidade, respeito. Por fim, a escola deveria estar desempenhando um papel relevante no processo educacional, proporcionando condições iguais a todos, formasse cidadãos com senso crítico..., fortalecesse o processo de cidadania.

O que você acha do Cemb para as aulas de Educação Física?

R: Existem dificuldades como escassez de cursos de aprimoramento; material didático; espaço Físico (às vezes só usa 1/3 do espaço) o que acarreta a um número desproporcional de alunos ao espaço disponível; turmas heterogêneas sem levar em conta peso, altura, idade; retenção de material didático. Além disso, há outros empecilhos como os conteúdos que não estimulam os alunos; há escassez de fontes de pesquisa e uma distância entre a teoria e a prática. Para o Professor Henrique fazer o planejamento é essencial para o desenvolvimento das atividades, por isto, anualmente elabora-o pensando nas estratégias para nortear o desenvolvimento do seu trabalho. Quanto aos conteúdos, pensando nos aspectos fisiológico, social, motor e cognitivo, seja no desenvolvimento do jogo, do esporte, seja da aula em si. Através de um processo avaliativo que envolve testes teóricos, pesquisas, questionários e observação direta, o professor analisa a aprendizagem dos alunos. Com isso, ratifica a importância da Educação Física nos diversos aspectos como: honestidade, dignidade, respeito mútuo, liderança, afetividade, autoestima, melhoria da qualidade de vida entre outros. O professor Carlos Henrique, esclarece que sua relação com os alunos é de respeito mútuo e que nunca é grosseiro, mas, rígido quando necessário e cordial na maioria das vezes, pois, tem como lema: “conviver bem é respeitar o espaço do outro”. Assim, o Professor enfrenta as dificuldades do dia a dia e procura diversificar suas atividades e suas dinâmicas; não distancia a prática do objetivo final e utiliza a tecnologia como um recurso pedagógico o que amplia seu campo de atuação, pois, procura comprar livros, revistas, buscas na internet para atualizar e inovar suas ações pedagógicas. Apesar das dificuldades do Cemb como: material esportivo nem sempre o indicado para a disciplina; espaço físico com restrições, condições higiênicas e pouca ação para minimizar os problemas; O Miltão em descaso, desleixo, vergonha, falta de compromisso com o Patrimônio Público para melhorar a situação, o professor considera que é possível dirimir algumas dificuldades quando o objetivo é salutar: a formação integral do educando.

O que você considera que poderia melhorar?

R: Maior integração entre a Educação Física e a Escola, pois, ela não é uma disciplina anexa à grade curricular da escola; Melhoria das condições de trabalho (piso, número de alunos nas aulas adequado ao espaço); aquisição de material didático coerente à Disciplina; Material de acesso a todos; melhoria das condições higiênicas; acesso aos banheiros para tomar banho após as aulas o que minimizaria a evasão dos alunos; Adequar os conteúdos às séries; Os Gestores (Administração) ter mais compromisso com a política educacional e com a escola; Maior compromisso de nós professores com o trabalho que abraçamos, dado a sua importância social. Para o Professor Carlos Henrique o Cemb mesmo atingindo seus objetivos como estabelecimento educacional, poderia participar mais ativamente da formação do seu educando.

“Todo mundo está pensando em deixar um planeta melhor para nossos filhos... quando é que se pensa em deixar filhos melhores para o nosso planeta?”

(Carlos Henrique – Professor de Educação Física do CEMB)

Entrevista com o Professor de Educação Física Benjamim

Por: Jailson Rezende

O que é Educação Física para você?

R: É importante para o desenvolvimento mental e físico de todos que praticam e ajuda na formação e socialização do indivíduo que pratica um esporte.

Como você trabalha a Educação Física?

R: De forma prática e reforçando os conteúdos teóricos através de trabalhos, apostila e explicações.

O que você acha do Cemb para as aulas de Educação Física?

R: abnegação dos profissionais de Educação Física.

Quais os pontos positivos e negativos que você considera para Educação Física?

R: Positivos: - contribui para formação intelectual melhorando o raciocínio e percepção;
 - Desenvolvimento motor, coordenação motora;
 - socialização através da prática esportiva;
 - benefício para a saúde a depender da atividade prática apropriada para cada indivíduo;
 - transformador comportamental do indivíduo.

Negativos: - Excesso de atividade física que leva a fadiga (no dia a dia);
 - prática sem acompanhamento adequado (médico, nutricionista e professor capacitado). O mesmo para academias;
 - No esporte, quando esquecem que tem adversário e não inimigos.

O que você considera que poderia melhorar?

R: Na Educação e no esporte: melhorar os incentivos, dando condições adequadas para uma prática saudável e apropriadas e melhor difusão do esporte;
 Escolas – Instalações adequadas e materiais;
 Cidades – Quadras esportivas e espaços em praças;
 Mais competições entre – Escolas, Bairros, intercâmbio entre cidades.

Entrevista com o Professor de Educação Física José Costa Por: Patrícia Sampaio



Fonte: professorjosecosta.blogspot.com/

O que é educação física para você?

R: É a promoção da saúde física e mental através de exercícios físicos, esportes e atividades corporais. É através dela que desenvolvo meu trabalho no dia a dia com meus alunos.

Como você trabalha a Educação Física?

R: Basicamente com aulas práticas através dos esportes coletivos.

03. O que você acha do Cemb para as aulas de Educação Física?

R Faltam espaços esportivos, principalmente o Ginásio de Esportes "Miltão".

Quais os pontos positivos e negativos que vc considera para Educação Física?

R: Através dos ensinamentos dos esportes nas aulas ensinamos valores aplicáveis no dia a dia dos alunos como: respeito, responsabilidade, justiça, companheirismo, amizade, estes seriam os pontos positivos; Pelo lado negativo, a falta de condições de trabalho como: espaço físico reduzido, pouco material esportivo, desinteresse por alguns alunos.

05. O que você considera que poderia melhorar.

R: Reforma imediata do CEMB para atrair mais alunos, reforma do Miltão, melhorias na quadra que trabalhamos atualmente, maior quantidade de materiais esportivos, interesse da direção e coordenação pela educação física.

“Esportes Radicais, Trilhas e Caminhadas”

Nosso colega **Diego Barros**, do 9º ano, “A”, trouxe alguns esportes radicais para nossa reflexão e conhecimento. Seria bom pensar como aproveitá-los em nosso Colégio, em nossa cidade..., vejamos!

Rapel - Existem vários locais onde se pode praticar rapel com orientação de instrutor em esporte de aventuras. O fim é sentir as emoções de descer dependurado em cordas sobre grandes paredes e vãos. Exige adrenalina, destreza e um pouco de instrução prévia.



Tirolesa – É uma atividade bastante segura que oferece emoções de deslizar pendurado a um cabo de aço em vales, rios, ou árvores. Não precisa de treino ou esforço físico sendo indicado para pessoal saudável de todas as idades.



Parede de Escalada – escalada esportiva em muros ou paredes. É importante está com instrutores e segurança adequada para se aventurar.



Arvorismo ou arborismo – é uma atividade recreativa que envolve a travessia entre plataformas montadas sobre árvores. Locomovendo-se entre os topos das árvores, ultrapassando diversos obstáculos como pontes, escadas, proporcionando um contato com a natureza.



Trilha – É uma opção saudável de lazer. Algumas levam ao topo de morros e durante o percurso fica em contato direto com a natureza. Promove uma bela vista ao chegar ao topo.

Caminhada ecológica – Uma caminhada saudável e interessante que pode ser realizada em florestas, praias, caatingas, etc.



Para **Josefa de Fátima, Vanessa Menezes e Vanessa Oliveira** as Trilhas Ecológicas permitem aos apreciadores do exercício caminhar em harmonia com a natureza. Empregada como atividade de lazer também pode ser educativa. Além disso, promove a desintoxicação orgânica; melhoria do condicionamento físico; revitalização e bem estar; reequilíbrio entre corpo e mente; relaxamento total. Ainda existe o conceito de trilha ecológica interpretativa, utilizada como ferramenta pedagógica ao ar livre, através da comunicação visual, eixos temáticos e estruturas interativas, capazes de avisar a curiosidade, suscitar questionamentos, provocar reflexões e despertar novos conhecimentos. A escolha de um tema para trilha direciona a forma de interação com o ambiente... Aqui, no Colégio Murilo Braga, poderia

estar pensando em montar trilhas, excursões, envolvendo as disciplinas e os professores para termos mais contato com a natureza, as plantas, a biologia. Com isso, poderíamos ver a biodiversidade e ter mais contato com a natureza.

SEÇÕES/DIVERSOS

Notícias Nacionais – O arquiteto Oscar Niemeyer, de 104 anos, morreu no Rio de Janeiro (quarta-feira, cinco). Ele estava internado desde 2 de novembro no Hospital Samaritano, em Botafogo, na Zona Sul. Reconhecido internacionalmente por suas obras, Niemeyer completaria 105 anos em 15 de dezembro. Exemplo de profissional e acima de tudo, de homem que sempre desejou uma sociedade justa.

Reflexão por Carlos Roberto - São Paulo vive uma onda de assassinatos, centenas de pessoas mortas inclusive policiais, que violência! Mas, você já parou para pensar que nossa cidade vai ao mesmo caminho?

Agradecimentos: Nesta edição do Jornal, agradecemos aos professores de Educação Física do CEMB, Nailene Almeida, Carlos Henrique, Benjamim, José Costa.

Esportes – Jogos Internos do CEMB realizados no período de 21 a 29 de novembro/2012 tiveram os seguintes resultados: Cadê as medalhas?

VOLEIBOL			HANDEBOL		
MANHÃ	TARDE	NOITE	MANHÃ	TARDE	NOITE
1º - 3º B1	1º - 6º B2	1º - 3º A3; 1º A3	1º - 7ª C1, 1º A1	1º - 8ª A2	1º - 1º A
2º - 2º B1	2º - 1º A2	2º - 3º D3	2º - 8ª B1; 3º B1	2º - 6ª A2	2º - 2º B3
3º - 8º A1	3º - 6º A2	3º - 2º A3	3º - 6º A1; 2º B1	3º - 7ª A2	3º - XXXX
QUEIMADO			FUTSAL		
1º - 3º A1	1º - 7ª B2	1º - 2º B	1º - 2º B1	1º - 3º A2	1º - 2º A
2º - 6º A1	2º - 7ª A2	2º - 2º D3	2º - 1º D1	2º - 1º A2	2º - 1º A3
3º - 2º C1	3º - 5º A2	3º - 2º A3	3º - 8ª B1	3º - 5ª B2	3º - 3º A3
BASQUETEBOL					
1º - 3º B1					
2º - 8ª B1					
3º - 2º A1					
DAMA			XADREZ		
1º - 1º A – JHEFERSON OLIVEIRA			1º - 7ª A – MARCOS ANTÔNIO		
2º - 7ª A – LUIZ FERNANDO			2º - 2º B – STÉFANE ÓCEA		
3º - 1º C – GABRIEL CARLOS			3º - 8ª B – ÍTALO MATHEUS		

Ainda sobre esportes, a Profª Nailene Almeida relata que na cidade vizinha (Areia Branca) no período de 30 de novembro a 7 de dezembro aconteceu o II JEAB – Jogos Escolares de Areia Branca – uma confraternização muito bonita que envolveu a escolha da garota JEAB, Abertura dos Jogos em Praça Pública, com apresentação de dança, corrida com a tocha olímpica pelos atletas culminando com a pira olímpica sendo acesa. Os Jogos envolveram uma diversidade de modalidades esportivas e a escola Municipal José Romão do Nascimento

foi a que mais pontuou ficando em primeiro lugar geral. Estão de parabéns todos os envolvidos - Sec. Educação do Município, Escolas, Funcionários, Professores e alunos.

<p> A B C D E F G H H I G L M N O P Q R S T U V X Z S S Y Z X W K L Ç P A P C D E F G H P A M N O P A Q R S B A A U V X Z S S E X W K L Ç B P A B R R E F G H H I G L M N O P Q R S T R L X Z S S Y Z M É X I C O T B C D E O G H H I G L M V A P Q R S T U B I S Z S S Y Z X W K L Ç P A B C D E R A H H I G L M N O P Q R S T U V X A L Y Z X W K F E L I P Â O D E F G H B I G L M N O P Q R S T U V X Z S S E Z X W K L Ç P A U R U G U A I H I R L M N O M Q R S T U V X Z S S Y Z T W A L Ç A A B C D E F G H H I G L O O P E R R T U V X Z S S Y Z X W K L Ç P Ô B C D E F G H H I G L M N O P Q R N T O V X Z S S Y Z X W K L Ç P A B I D S F G A R R I N C H A B R S T U D X Z S S Y Z X W K L H P A B C D E A G H H I G L M N O P N I S T U V X S A S Y Z X W K L Ç P A B L C D E F G H H I G L M N O P Q R S E T U V X Z S S Y Z X W K L Ç P A C F E S T A D O S U N I D O S P A B C D </p>	<p>FUTEBOL E SELEÇÃO DO BRASIL: DESCUBRAM!</p> <ul style="list-style-type: none"> - Perdeu a copa de 1950 para a seleção do? - Conhecido como "O Anjo de Pernas Tortas" - Capitão da Copa de 1970 - Suposto inventor da "bicicleta" - País em que o Brasil foi bicampeão mundial - Derrotou o Brasil na final dos Jogos Olímpicos/Londres/2012 - O "Rei do Futebol" - Atual técnico da Seleção - técnico da Seleção tetra-campeão - Goleiro titular em 2002 - Em qual País foi realizada a Copa de 1994?
---	--

Encontre: 7 erros!



➤ **Corpo Editorial:** Ana Carolina, Carlos Roberto, Girleide Silva, Jailson Rezende
Jaislaine Menezes, Patrícia Sampaio.

Sugestões, contatos - matrix.alunos2012@gmail.com



Ano: 2, nº 4, Janeiro de 2013

HISTÓRICO DO JORNAL: “O *Matrix*” é um jornalzinho produzido pelos alunos do 9º ano da turma “A”, do CEMB, que envolvem diversos temas e, em especial, ao Prof: Sérgio Dorenski. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria.



Foto: Sérgio Dorenski por *Matrix*.

REFLEXÃO

Neste número do *Matrix* fazemos referência ao Prof: Sergio Dorenski, com pontos de vistas da professora e alunos. Vejamos:

Reflexão sobre Sergio Dorenski



Foto: Professora Nailene Lima Por Matrix

Esse jornalzinho que já está no nº Iv, foi uma iniciativa de nosso prof: Sérgio Dorenski Dantas Ribeiro, graduado em Educação Física pela Universidade Federal de Sergipe , e prof: nesta mesma instituição mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina e está fazendo o Doutorado na Universidade Federal da Bahia. E foi a partir daí que ele chegou aqui no Colégio Estadual Murilo Braga. Como ele está estudando mídia e educação, resolveu fazer sua pesquisa aqui no colégio. Mas por que a escolha do Murilo Braga? Bem, por vários motivos, por ser uma escola de grande porte, conceituada em seu grande número de alunos aprovados nos vestibulares até em curso de medicina o "Murilo Braga" aprova alunos suas conquistas no esporte, os vários troféus recebidos nos jogos da primavera, enfim, por ser uma escola antiga e grande e que consegue se manter até hoje. Bem, como sabemos o porquê da escolha da escola, agora queremos saber o porquê da turma. Essa turma foi escolhida, principalmente por ter a faixa etária que a pesquisa exigia e por serem conhecedores de algumas mídias, como celulares, computadores, televisores, entre outros. E nós só temos a agradecer por tamanha experiência e aprendizado. Obrigada Sérgio Dorenski por tudo que você nos proporcionou, você é um vencedor!!!!

E foi aqui nesta turma que foi formado o grupo MATRIX, para fazer a elaboração e construção do jornalzinho do CEMB, tendo a orientação deste professor.

Por: Nailene Lima

“Nós achamos ele um cara super legal, que através de sua inteligência, carisma, alegria, conquistou o respeito de todos os alunos da turma. Ele chegou por volta da metade do ano letivo, e que conseguiu fazer um ótimo trabalho, sobre mídia, com todos nós. Agradecemos a Deus por ter tido a oportunidade de conhecermos você. Você entrou em nossas vidas como um estranho, e hoje se tornou um grande amigo. Queremos dizer que você é uma pessoa super fina e realmente especial. Com você aprendemos muitas coisas e vivemos coisas legais, tivemos nossas pequenas discussões, caras feias, mais mesmo assim foi muito legal. Na quadra as vezes muitos não queriam jogar pelo fato de ser um jogo diferente até mesmo por motivos de preconceito, ou desavenças pessoais, mas com o seu ensinamento e sua dedicação muitos conseguiram superar.

Queremos que saiba que nossa amizade não vai terminar, lembre- se sempre: que tudo que falamos é verdadeiro, pois esse grupo começou através de você, o grupo “MATRIX” com muitos ou poucos componentes, agradecemos você por tudo que você nos ensinou, pela amizade, pela presença durante esse tempo todo. Pela compreensão e por ter trazido para a gente coisas novas.

Obrigada de Coração”. Por: Grupo *Matrix*



Foto: Grupo *Matrix*

COMENTÁRIOS SOBRE SÉRGIO DORENSKI.. PELOS ALUNOS DA 8º A²..

O QUE VOCES ACHARAM DO PROFESSOR SÉRGIO?

Nos particularmente adoramos. No começo muitos não gostavam dele ate mesmo nós. Sempre tratou os alunos de uma forma muito admirável, sempre sorrindo e com belas palavras. Quem foi Sérgio: um ótimo educador que influencia o esporte e a mídia para as pessoas alem de educador um ótimo amigo! O trabalho dele é maravilhoso só tem a ganhar!

Por: VANESSA OLIVEIRA, VANESSA MENESES, E FATIMA

O QUE VOCE ACHOU DO PROFESSOR SERGIO?

Um professor maravilhoso, alegre e que muitos julgaram sem ao menos conhecer-lo, pois é um professor ótimo.

Por: LESLEY LIMA

O QUE VOCE ACHOU DO PROFESSOR SÉRGIO?

Bom no começo eu achava chato, não gostava dele mas depois de um bom tempo mudei de ideia, comecei a gostar e vi que ele é uma pessoa diferente que não era o que eu pensava. Ele é uma pessoa maravilhosa alegre, extrovertida e principalmente um grande homem que eu adoro muito!

Por: DANIELE FERNANDES

O QUE VOCE ACHOU DO PROFESSOR SÉRGIO?

Achei bom por que ele nós ensinou muitas coisas sobre educação física e muitas coisas sobre

preconceito e outras coisas sobre mídia e nós ensinou a trabalhar com jornais e muito mais.

Por: Jailson Resende

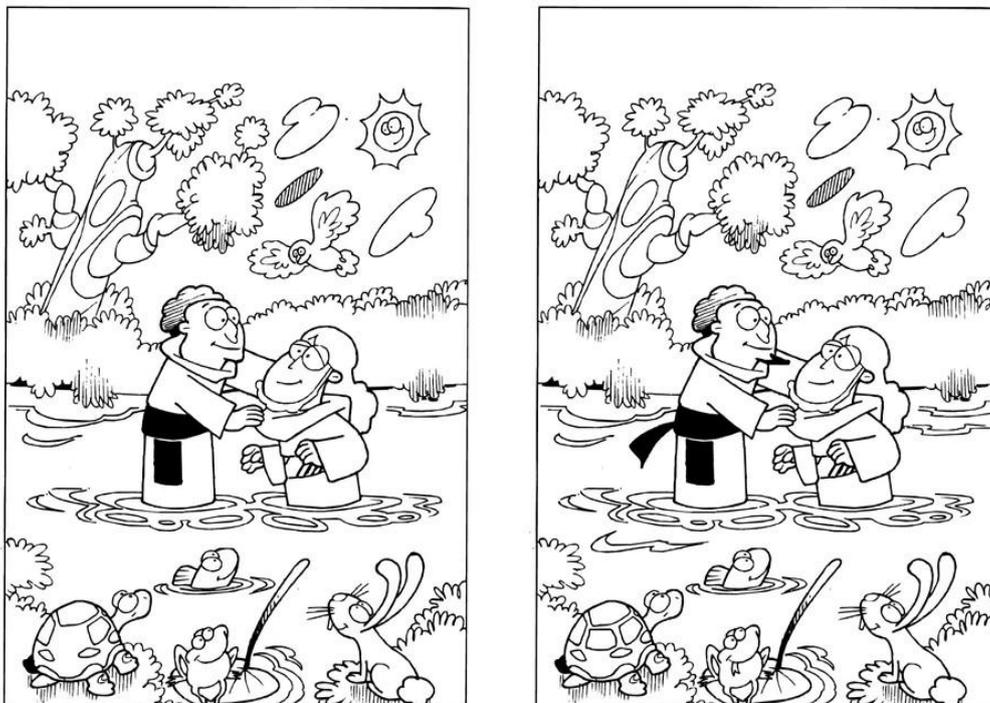
Agradecimentos: Nesta edição do Jornal, agradecemos a professora Nailene Lima, a Daniele Fernandes – por garantir a reprodução do jornal em colorido, e a todos os alunos da 8 A².

Notícias Nacionais: 121 vítimas de incêndio em Santa Maria seguem internadas. Pelo menos 40 estão em estado grave, de acordo com o ministro da Saúde, Alexandre Padilha. Tragédia na madrugada de domingo matou 231 jovens

Divertimento:

Sete erros

**Foi João Batista quem batizou Jesus.
Muito bem. Mas estas cenas têm sete diferenças. Vamos procurar?**



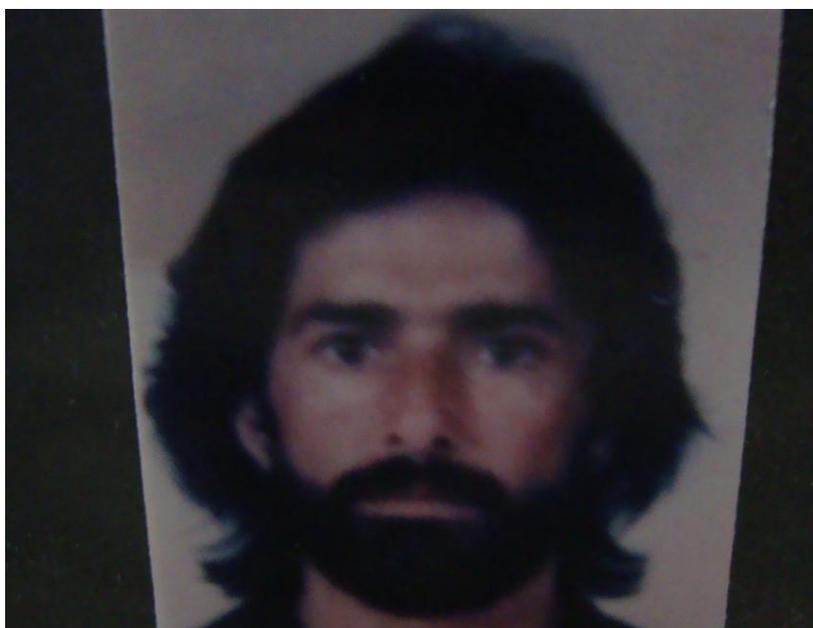
EBDONLINE.com.br - direitos de distribuição adquiridos de Franco Associados Ilustrações

- **Corpo Editorial:** Ana Carolina, Carlos Roberto, Girleide Silva, Jaislaine Menezes.
- **Sugestões, contatos - matrix.alunos2012@gmail.com**



Ano: 2, nº 5, Setembro de 2013

HISTÓRICO DO JORNAL: “O *Matrix*” é um jornalzinho produzido pelos alunos do CEMB. Inicialmente no ano de 2012 foi editorado pelos anos da 8ª Série A - 9º ano – e este ano com a colaboração do 1º Ano “A” do Ensino Médio. O Jornal envolve diversos temas e, em especial, a Educação Física e o Esporte. Fazemos referência à *Matrix* como lugar onde se gera, onde se cria.



Fonte: Arquivo Pessoal do Professor Henrique

REFLEXÃO

“Uma Homenagem ao Professor Henrique”

Por Rose - Professora de Educação Física do CEMB

Para sempre professor Henrique, profissional dedicado ao extremo às suas responsabilidades, nunca mediu esforços para realizar com perfeição os desafios que abraçou como Educador-Colaborador e Amigo do Colégio Estadual “Murilo Braga”

Gibran Khalil Gibran, filósofo, lecionou que “todo o trabalho é vazio, salvo quando haja amor”, de fato a carreira trilhada pelo Mestre de Educação Física Henrique fundou-se no mais genuíno AMOR, que afluía e contagiava a todos, a cada aula ministrada, a cada projeto desenvolvido, tornando seu trabalho profícuo.

Profissional, abnegado, desprendido, atento as necessidades da Comunidade Acadêmica CEMB, pronto para contribuir com sua força laboral e intelectual. Muitos foram os momentos

que assumiu atribuições diversas do seu cargo, a exemplo da implementação da famosa horta, garantidora de colheita de frutas tão apreciada pelos alunos; do cultivo do jardim, de onde belas rosas brotaram; instalação de ventiladores na sala do Arte Livre; substituição das bóias das descargas, criação de largas vassouras para limpeza da quadra, confecção de materiais didáticos por meio de material reciclado, entre outras ações, experiências compartilhadas com o porteiro Cabeludo.

Professor Henrique, seus amigos/colegas de profissão tem orgulho de sua brilhante carreira no magistério, docente probo e humilde, certamente a alma de educador estará presente em todas as suas ações profissionais ou pessoais. Reconhece-se que, na dialética da vida, ciclos são encerrados para possibilitar a inauguração de outros, nesses que tenhas Saúde, paz, produtividade, e muitas realizações são os nossos desejos para sempre... Neguinho!!! Quando sentires saudades, lembre-se... Nossas turmas sempre estarão prontas para recebê-lo como Docente Emérito do CEMB

Por: Girleide, Jaislaine, Vanessa Oliveira, Vanessa Meneses, Josefa e André

O Professor Henrique está se aposentando e, portanto, vai deixar suas atribuições após 28 anos de trabalho no Murilo Braga. Conversamos com o Diretor Eder que diz o seguinte sobre o Professor: “Henrique é um professor excepcional, que ajudou e ainda ajuda o Murilo Braga, não só nas suas aulas em sala e na quadra esportiva, como também, em tarefas que vão além de ser professor. Tem muita dedicação em tudo que faz. Muitas árvores que existem hoje no Cemb foram plantadas por ele. É um professor dedicado, responsável e que busca está sempre atualizado, muito dinâmico e ama o Cemb. É um professor exemplo que respeita a todos e que se dedica de forma impar ao Murilo Braga”.

Outros professores também deixaram seus recados para o Professor Henrique.

Vejamos:

Rose Mota – “Ele é um Professor competente, responsável e educado”

Anselmo – “Ele é um Professor, um homem íntegra e competente”.

“O HANDEBOL”

Por: Wislei, Carlos Henrique, Jaime, Claudiciane e Jailson

O Handebol é um esporte muito parecido com o futebol, mas, jogado com as mãos. Exige um grande esforço físico, pois, é muito rápido e exige muita força nos braços para arremessar. A maioria dos arremessos são convertidos em gols, por causa da rapidez e da precisão que ela vai ao gol.

UM POUCO DE SUA HISTÓRIA:

O handebol é um esporte coletivo que foi criado pelo professor alemão Karl Schelenz, no ano de 1919. Após ter as regras publicadas pela Federação Alemã de Ginástica, o esporte começou a ser praticado de forma competitiva em países como, por exemplo, Áustria, Suíça e Alemanha.

Nesta fase inicial, as partidas de handebol eram realizadas em campos gramados parecidos com de futebol. Assim como no futebol de campo, cada equipe de handebol era composta por onze jogadores.

No ano de 1925, foi realizada a primeira partida internacional de handebol, entre as equipes da Alemanha e da Áustria. Os austríacos levaram a melhor, vencendo os alemães por 6 a 3.

FUNDAMENTOS DO HANDEBOL

Recepção - é a ação específica de receber, amortecer e reter a bola de forma adequada nas diferentes posições e situações em que o jogador for solicitado.

Passe - é a ação de enviar e dirigir a bola ao companheiro, de forma correta, para facilitar a próxima ação. O passe e a recepção são técnicas utilizadas pelos jogadores na preparação da finalização, ou seja, na colocação de um companheiro em condições favoráveis de arremessar a bola em direção ao gol adversário.

Arremesso - é a ação de enviar a bola em direção ao gol adversário, aplicando um forte impulso (força) na mesma, para dificultar a ação do goleiro, procurando que ela adentre ao gol, tendo como objetivo, assim, a marcação de um gol.

Progressão - é a ação de deslocar-se na quadra, movimentando-se de um lugar a outro, de posse da bola, obedecendo as regras do jogo no que diz respeito ao manejo da bola.

Drible - é a ação de impulsionar e dirigir a bola em direção ao solo, uma ou mais vezes, sem perder o controle da mesma. O drible serve para progredir na quadra ou reter a bola em situação especial.

Finta - é a ação que o jogador realiza, de posse de bola, para dirigir os movimentos do defensor numa direção falsa, desviando a sua atenção da própria real intenção, causando-lhe o desequilíbrio. A finta tem como objetivo enganar e passar pelo adversário além de desorganizar a defesa.

Fontes pesquisadas; <http://adsonbarros.blogspot.com.br/2009/07/fundamentos-do-handebol.html>

http://www.suapesquisa.com/educacaoesportes/historia_do_handebol.htm

O que poderia melhorar o Handebol no Cemb e o que impede sua prática.

Reformar a quadra; colocar redes nas traves; incentivar os alunos a praticar o esporte; ter competições de handebol com outros colégios etc..

Dificuldade para aprender o Handebol.

Mau estado da quadra com um pouco mais de ampliação do piso; redes nas traves;

Driblar e jogar sem olhar para bola;

“SOBRE O BASQUETEBOL”

Por: José Edilson, José Junio, Carlos junio, Diego, Everton e Ernandes

O Basquetebol é um esporte muito praticado nos Estados Unidos, mas, se difundiu para o mundo todo, inclusive o Brasil. Temos vários atletas de expressão que deixaram suas marcas não apenas aqui em nosso país, mas que também ficaram mundialmente conhecidos, como é o caso de Hortência, Paula, Janeth e Oscar Schmidt. Mas, infelizmente, esse esporte não tem aceitação popular em nosso país, de modo que sua prática se restringe às escolas e aos clubes, como ocorre com o handebol.

Afirma-se que o basquete foi criado em 1891 por James Naismith, um pastor presbiteriano que era professor de Educação Física na Associação Cristã de Moços (ACM) de Springfield, Massachusetts, nos Estados Unidos. Conta-se que um grupo de alunos, impedidos de praticarem esportes ao ar livre devido ao frio, pediu para que o professor criasse um jogo coletivo que pudesse ser praticado em locais fechados. Como resposta ao pedido, Naismith dividiu os alunos em dois times, combinou que os alunos só poderiam andar com a bola desde

que a batessem no chão e definiu o objetivo: ganhava o jogo o time que acertasse mais vezes a bola ao cesto. Conta-se que no início, todas as vezes que a bola era acertada no cesto, precisavam pegá-la com o auxílio de uma escada. Só mais tarde alguém teve a ideia de cortar o fundo da cesta, fazendo com que a bola caísse de volta à quadra. As regras foram oficializadas, primeiro no próprio clube, no boletim da ACM em 1892, e mais tarde em 1932, com a fundação da Federação Internacional de Basquete Amador (FIBA).

FUNDAMENTOS:

- Jump: é um tipo de arremesso feito a partir de um salto. Isso ocorre para dificultar que o marcador impeça o lance;
- Bandeja: esse arremesso é executado correndo em direção à cesta;
- Rebotes: quando se erra um arremesso, há a oportunidade de reaver a bola para sua equipe: isso é chamado de rebote;
- Fintas: são os movimentos que os jogadores fazem com a bola, cujo objetivo é o de enganar o adversário.

Fonte Pesquisada: <http://www.brasilecola.com/educacao-fisica/basquetebol.htm>

DIFICULDADE DE SUA PRÁTICA NO CEMB

Na Opinião deste grupo de alunos, a maior dificuldade em aprender o Basquetebol são os fundamentos, as regras e a altura da cesta que impede um melhor acerto. Além disso, as consideram que impedem a prática são as tabelas que estão quebradas.



Foto: Nailene Almeida

COPA DAS CONFEDERAÇÕES

Por: Alcivan, Geovana; Fabiana dos Santos I, Fabiana dos Santos II, Suely e Yasmim

Recentemente, precisamente de 15 a 30 de junho de 2013 ocorreu a Copa das Confederações em nosso país cuja seleção brasileira de futebol sagrou-se tetracampeã. Vejamos um pouco sobre esta competição:

A primeira edição foi disputada na Arábia Saudita, em 1992 sendo chamada de *Copa Rei Fahd*. A terceira edição, também na Arábia Saudita, teve seu status incrementado, o número de países participantes aumentado para oito e o nome mudado para *Copa das Confederações da FIFA*. Em 2001 o torneio foi sediado pela Coreia do Sul e Japão como uma prévia para a Copa do Mundo de 2002. A partir de 2005 este precedente foi repetido antes de todas as Copas do Mundo (Alemanha, sediou a Copa das Confederações 2005, África do Sul - Copa das Confederações 2009 e Brasil - Copa das Confederações de 2013 e assim por diante), servindo para testar a preparação do país-anfitrião de cada Copa do Mundo e proporcionar competição à sua seleção nacional, uma vez que não disputas os torneios de qualificação.

Títulos:

Títulos	País	Conquistas
4	Brasil	1997, 2005, 2009 e 2013
2	França	2001 e 2003
1	México	1999
1	Dinamarca	1995
1	Argentina	1992

Países Participantes em 2013: Brasil, Espanha, México, Japão, Itália, Taiti, Nigéria, Uruguai.

Jogadores da Seleção Brasileira: Júlio César; Thiago Silva; Diego Cavalieri; David Luiz; Jeferson; Dante; Filipe Luis; Jean; Luiz Gustavo; Oscar; Hernanes; Bernard; Fred; Réver; Marcelo; Daniel Alves; Paulinho; Lucas; Fernando; Neymar; Hulk e Jô.

Fontes Pesquisadas:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_das_Confедера%C3%A7%C3%B5es_FIFA.

<http://esportes.r7.com/futebol/copa-das-confederacoes-2013>. Acesso em: 27/07/2013.

Seções/Diversos

Notícias Nacionais – Aconteceu de 23 a 28 de julho de 2013 no Rio de Janeiro a **Jornada Mundial da Juventude**. Esperamos que a vinda do Papa possa contribuir para um clima de paz em meio a tanta violência que estamos vivendo!

Esportes – De 26 de agosto a 1 de setembro de 2013 foi realizado na cidade do Rio de Janeiro O **Campeonato Mundial de Judô de 2013**. Esta edição contou pontos para os Jogos Olímpicos de 2016. O Brasil ficou na 4ª colocação geral. Destaque para “meninas” que conquistaram 6 medalhas das 7 totais.

Eventos – No dia 28 de agosto de 2013, Itabaiana comemorou 125 anos. Uma data histórica e comemorativa. Esperamos que os gestores públicos mantenham e estabeleçam metas para o que a “Princesa da Serra” esteja sempre à frente na saúde, transporte, educação, emprego...!!!!

<p> A B C D E F G H H I G L M N O P Q R S T U V X R A M Y E N W K L Ç P A P C D E F G H P A M N O P A Q R S B A A U V X Z S S E X W K L Ç B P A R U E F G T H I A G O S I L V A S T O R Z S S Y Z M É X I C O T B C D E D U H H I G L M V A P Q R S T U B I A G S S Y Z X W E L Ç P A B C D E R V U H I G L M N O S Q R S T U V X A L A Z X W K F E J A P ã O D E F G H A I G L M N O P Q R A A U V X Z S O S Z X W K L Ç P A O R N U O I H I R L M N M Q R S T U V A H S S Y Z T W A L Ç A B C D E F G A A I G L O O P E R R R V X Z S S Y Z X W F P Ô B C D E A G H H I G L M N O R Q R N T O V X C S S Y Z X W K L E A B I D S F G A O A N C H A B R O D U D X Z S S Y Z X N L H P A B C B E A G H H I G L M N ã P N I S T U V X S A S Y Z X W K L Ç P A B L C Z E F G J Ú L I O C É S A R Q R S E T U V X Z S S Y Z X W K L Ç P I N I E S T A D O S U N I D O S P A B C D A B C X I </p>	<p>COPA DAS CONFEDERAÇÕES-2013</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeiro adversário do Brasil. - Artilheiro do Brasil. - Capitão da Seleção. - Estádio da Final da Copa. - Goleiro titular. - Enfrentou o Brasil na Final. - Segundo Adversário do Brasil. - País que ficou em terceiro lugar. - Cidade do jogo Brasil x Itália - Melhor Jogador da Competição. - Segundo Melhor Jogador.
---	---

Corpo Editorial: Nailene Almeida Lima

Sugestões, contatos - matrix.alunos2012@gmail.com

ANEXO V – REFORMA DO MURILO

Este anexo traz informação sobre a Reforma do Colégio Murilo Braga veiculada no portal Itnet.

Reforma estrutural do Murilo Braga é iniciada após 39 anos - Reforma e estruturação tem prazo de 12 meses para ser entregue.

Foram iniciadas as obras de reforma e ampliação do maior polo educacional da região, o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB), localizado no centro de Itabaiana. A obra foi iniciada no final do mês de agosto e tem prazo de 12 meses para ser finalizada.

Há 39 anos a instituição de ensino está sem uma reforma estrutural, e depois de uma luta de estudantes e docentes, o CEMB receberá um investimento de mais de cinco milhões para a reforma do seu prédio, que inclui a recuperação do ginásio José Milton Machado, o Miltão, e da quadra coberta da escola.

Reforma do ginásio José Milton Machado foi iniciada.

O Murilo Braga não é apenas uma referência para a comunidade escolar, é um patrimônio da cidade de Itabaiana responsável pela formação de grandes nomes que hoje trilham caminhos importantes em diversos setores da sociedade.

Os recursos irão viabilizar novos laboratórios de redes, informática com programas específicos, ensaios mecânicos e processos de fabricação moveleira, além de uma biblioteca com acervo específico e atualizado.

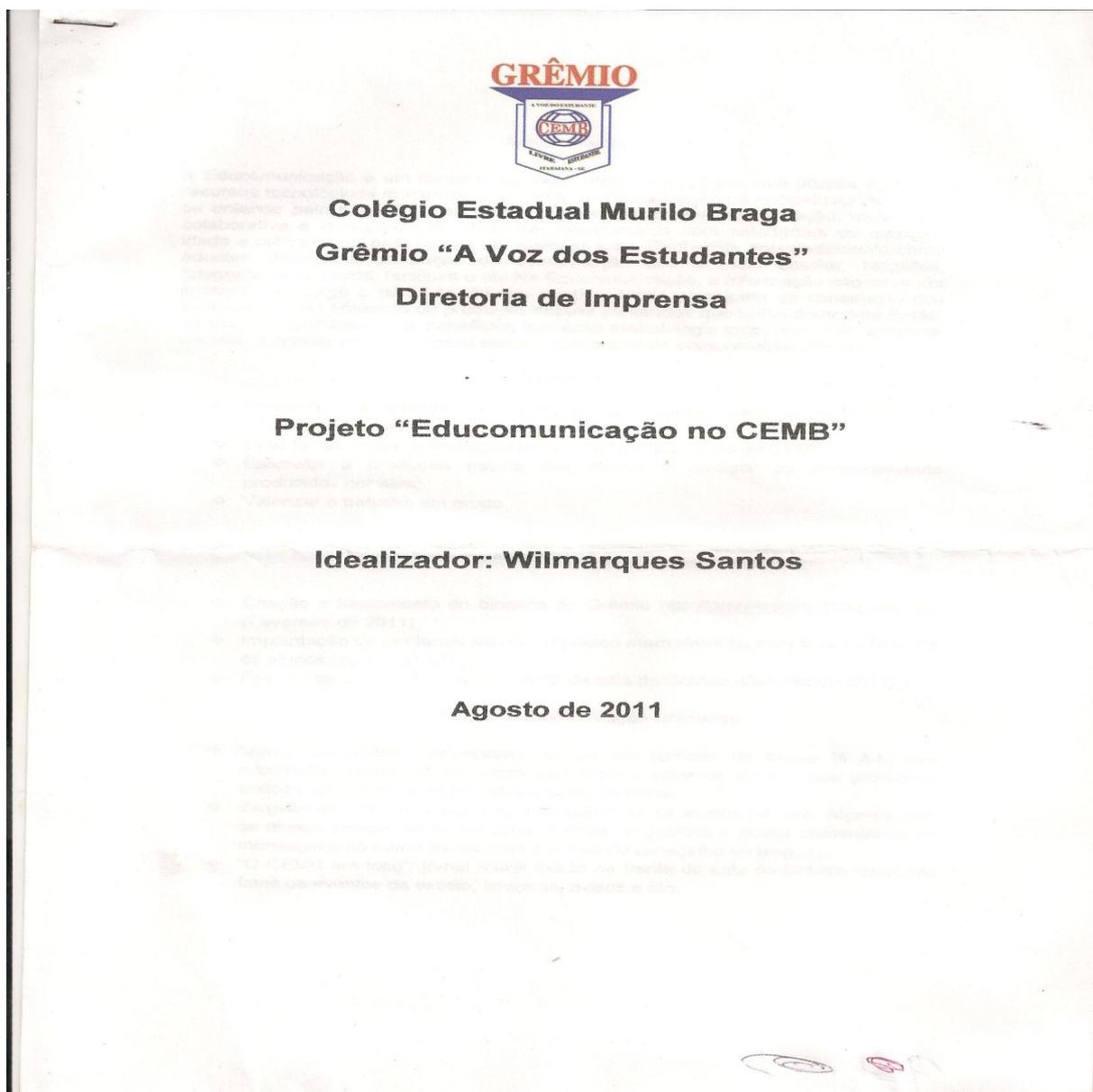
Na reforma está previsto uma revisão da cobertura em todo prédio, das instalações de pontos elétricas e das instalações de pontos hidrossanitárias; instalação de equipamentos de combate a incêndio; execução de forro de PVC; execução de piso de alta resistência; colocação de grade de ferro; execução do polimento e enceramento do piso alta resistência existente e/ou novo; execução de piso e revestimento cerâmico; pavimentação da área interna e área externa; execução de urbanização; colocação do quadro escolar; execução da reforma do ginásio; execução de toda drenagem da escola; pintura em geral; execução do pórtico padrão Seed; demolição e ampliação do muro da frente e lateral; e reforma do muro da lateral e fundo. Foram investidos R\$5.097.526,69 (Federais: R\$ 4.068.709,13; Estaduais: R\$ 1.028.817,56).

Por: Aparecido Santana.

Fonte: <http://itnet.com.br/materia-21826>. Acesso em 03/10/2013.

ANEXO VI – PROJETO JORNAL DO GRÊMIO DO CEMB

Neste anexo, encontra-se o Projeto para elaboração do Jornal do Grêmio Escolar do CEMB que foi cedido por Wmarques, ex-presidente da entidade.



Apresentação

A Educomunicação é um conceito ou metodologia pedagógica que propõe o uso de recursos tecnológicos modernos e técnicas da comunicação na aprendizagem. Como se entende pelo nome, é o encontro da educação com a comunicação, multimídia, colaborativa e interdisciplinar. Pode ser desenvolvida com estudantes de qualquer idade e utilizada por professores de qualquer área. Conhecida abreviadamente como educom. Exemplos de peças de comunicação são o rádio escolar, blogsites, fotografia, jornal mural, fanzines e etc. Na Educomunicação, a informação não deve ser imposta, ela surge a partir do diálogo coletivo, todos participam da construção dos conteúdos, é no processo de produção desses conteúdos que todos aprendem. Então, visando a importância e os benefícios que essa metodologia proporciona ao ambiente escolar, a implantamos em nossa escola, com peças de comunicação definidas.

Objetivos

- ❖ Possibilitar a criação de espaços comunitários para a circulação de informações na escola;
- ❖ Criar ferramentas de interação entre o Grêmio e o aluno do CEMB;
- ❖ Estimular a produção escrita dos alunos e divulgar os conhecimentos produzidos por eles;
- ❖ Valorizar o trabalho em grupo.

Ações Desenvolvidas

- ❖ Criação e lançamento do blogsite do Grêmio <http://gremiocemb.blogspot.com> (Fevereiro de 2011)
- ❖ Implantação de um jornal escolar impresso mensalmente, com circulação entre os alunos. (Junho de 2011)
- ❖ Fixação de um jornal mural na frente da sala do Grêmio. (Outubro de 2011)

Peças de Comunicação Utilizadas

- ❖ “Jornal do CEMB”: informativo mensal em formato de livreto ½ A4, com circulação produzido de forma participativa entre os alunos, que produzem textos e se encarregam por uma editoria do jornal.
- ❖ Blogsite do Grêmio: espaço de interação com os alunos na web. Através dele os alunos podem enviar matérias, críticas, sugestões e postar comentários ou mensagens no mural de recados à direita do cabeçalho do blog.
- ❖ “O CEMB em foco”: jornal mural fixado na frente da sala do Grêmio contendo fotos de eventos da escola, informes, avisos e etc.

APÊNDICE I

Diário de Campo – Relatórios

Aqui, neste apêndice, encontram-se aproximações com o campo de pesquisa e seus sujeitos materializados em forma descritiva. Optamos pela sistematização em que fique evidente a data e, respectivamente, ao conteúdo que envolve o contexto que é oriundo do Diário de Campo.

04/07/2011 - RELATÓRIO DE VISITA - Este relatório expõe a visita realizada no dia 04 de julho de dois mil e onze (2011), cujo principal objetivo foi conhecer o Colégio Estadual Murilo Braga (CEMB) no tocante aos aspectos humanos e materiais, bem como, infra-estrutura. Neste sentido, de posse do Diário de Campo (DC), realizamos a primeira visita na qual soubemos dos dados administrativos, no tocante ao corpo funcional, conforme abaixo:

Número de Professores: Efetivos 78 (setenta e oito), contratados 10 (dez);
Professores de Educação Física: 10 (dez);
Direção: 01 (um);
Coordenação: 03 (três)
Secretário: 01 (um);
Funcionários – Serviços Gerais: 53 (cinquenta e três).

Realizamos um contato prévio com a professora de Educação Física “Penélope” (nome fictício) a qual nos acompanhou pelas dependências da Escola. Era uma quarta-feira, à noite e começamos o “passeio” indo até à Secretaria do Colégio e pegamos alguns dados no tocante ao Corpo funcional. A partir daí, seguimos pelas dependências do Colégio e registrando este momento com fotos e foi neste aspecto que nos chamou atenção a pergunta de uma aluna: “Professora é para denunciar também é?”. Segundo a Professora, esta pergunta tem a ver com alguns problemas estruturais na escola o que gerou algumas manifestações pelo fato de haver cavalos pastando nas áreas internas da escola, além de algumas denúncias que foram postadas em blog`s e outros meios, que desencadeou uma série de manifestações que foram veiculadas na mídia local e também, na mídia de abrangência do Estado de Sergipe e que implicava na urgência de uma reforma na escola, principalmente, na reforma do Ginásio de Esporte do Cemb – José Milton Machado (“O Miltão”) – que a cada dia encontra-se em estado decadente e seu espaço sendo utilizado por usuários de drogas.

Outro aspecto que chama atenção é o fato de boa parte do CEMB está gradeada, ou seja, as grades foram postas em função dos diversos arrombamentos que o Colégio sofreu o que acarretou perda de materiais importantes como computador, televisão entre outros e neste aspecto, em alguns locais, estão sendo colocadas câmeras de segurança.

O Cemb é um Colégio grande no tocante à sua área (terreno 709.531 m² e área Construída 540.241 m²) envolve um quarteirão. É todo murado e há um Ginásio de Esportes anexo (Miltão), que está parado esperando reformas.

Há duas entradas. A primeira em que a maioria dos alunos adentra, há um grande portão de ferro que dá acesso ao Colégio. Ela possui uma longa calçada com palmeiras imperiais ao seu lado e, no final desta, outro portão de acesso interno ao Colégio no qual direciona para as salas de aula, auditório, cantina entre outros. Este portão também é de ferro e existe um funcionário que controla o fluxo dos

alunos. Além disso, ao redor desta calçada, possui uma grande área verde e ao lado desta entrada, situa-se a quadra poliesportiva a qual é coberta por zinco e o piso é de cimento.

A outra entrada – ao lado oposta da primeira – é mais marcante a entrada dos professores, mas, que alguns alunos também a usam. Possui um portão de ferro - como na primeira entrada - e após este, uma calçada que dá acesso ao estacionamento. Logo após este, um portão de ferro cujo local está sempre com um funcionário que controla a entrada e saída de pessoas. Esta entrada dá acesso à Secretaria do Colégio.

Ao lado da Secretaria há um corredor sem saída e com pouca luminosidade onde se localiza a sala do Diretor e, no final deste corredor, a sala de informática.

Voltando à Secretaria e seguindo o corredor à sua frente encontramos, no lado oposto, uma porta que dá acesso à cantina da escola e dentro desta, no final da área em que ficam distribuídas as mesas para o lanche, localiza-se a sala multimídia, mais conhecida no Colégio como sala de vídeo.

Ainda neste corredor que passa em frente à Secretaria, na frente da entrada para cantina e no mesmo lado da Secretaria, encontramos a Biblioteca com a porta de entrada no final do corredor (este, com pouca luminosidade), semelhante ao acesso da sala de informática. Todas as portas, destes locais, são reforçadas por grades e cadeados. Entre a Secretaria e a Biblioteca há um pequeno jardim.

Um pouco mais à frente este corredor encerra-se de frente para a Sala dos Professores. A direita da sala dos professores há uma Ala fechada com grades. Este local é reservado para a Filarmônica Nossa Senhora da Conceição. Há várias salas e o acesso é pelo lado externo do Colégio.

A esquerda da Sala dos Professores e lado contrário a Ala da Filarmônica, segue um corredor que dá acesso a dois banheiros individuais (masculino e feminino). Antes de chegar a estes banheiros, há uma entrada à direita (protegida por um portão de ferro) que acessa outro corredor que se encontra com a primeira entrada do Cemb. Ou seja, materializa-se a união entre a primeira e a segunda entrada.

Descendo este corredor que vai de encontro à primeira entrada, visualizamos as “Alas” e em seus corredores, as suas salas de aula, banheiros e áreas verdes com seus bancos de cimentos e árvores que garantem uma sombra permanente.

É um espaço amplo no qual se localizam as Alas “A”, “B” e “C”. Cada uma com corredores em que ficam situadas as salas e banheiros e também uma lanchonete.

Na Ala “B” há outro corredor que dá acesso ao Auditório e a outras salas que são mais amplas. Chama a atenção que este espaço, na construção das salas e paredes, é feito de tijolo aparente.

Após este “passeio” sentamos (Pesquisador e Professora da Escola) no qual foi explicado melhor o propósito da pesquisa e agendamos para o segundo semestre de 2011 uma nova visita na qual elaboraríamos um planejamento para o primeiro semestre de 2012. Esta ideia foi compartilhada com a professora que gostou uma vez que alegou não ter nenhuma experiência com o ensino da mídia-educação e do uso das Tic’s nas aulas de Educação Física.

Seguem algumas fotos que foram aqui colocadas após a construção do relatório de visita, com o intuito de melhor visualizar as dependências do Cemb.



Foto 1ª Entrada do Cemb. Fonte: *Matrix* 2012.



Foto 1ª Entrada do Cemb. Fonte: *Matrix* 2012



Foto 1ª Entrada Cemb (Corredor com Palmeiras). Fonte: *Matrix* 2012



Foto 1ª Entrada do Cemb. Visão lateral. Fonte: *Matrix* 2012



Foto 1ª Entrada 2º Portão do Cemb. Fonte: *Matrix*, 2012.



Foto Quadra Poliesportiva Visão Lateral. Fonte: *Matrix*



Foto Quadra Poliesportiva Visão Lateral. Fonte: *Matrix*



Foto Quadra Poliesportiva Visão Frontal da Quadra. Fonte: *Matrix*



Foto Quadra Poliesportiva do Cemb à Noite. Em 04/07/2011.



Foto 2ª Entrada do Cemb. Fonte: *Matrix*



Foto 2ª Entrada do Cemb. Fonte: *Matrix*



Foto Secretaria do Cemb. Fonte *Matrix*



Foto Corredor ao lado da Secretaria do Cemb. Fonte: *Matrix*



Foto Sala de Informática. Fonte: *Matrix*



Foto Jardim ao lado da Secretaria. Fonte: *Matrix*



Foto Porta Biblioteca do Cemb



Foto Entrada Refeitório. Fonte: *Maatrix*



Foto Refeitório. Fonte: *Matrix*

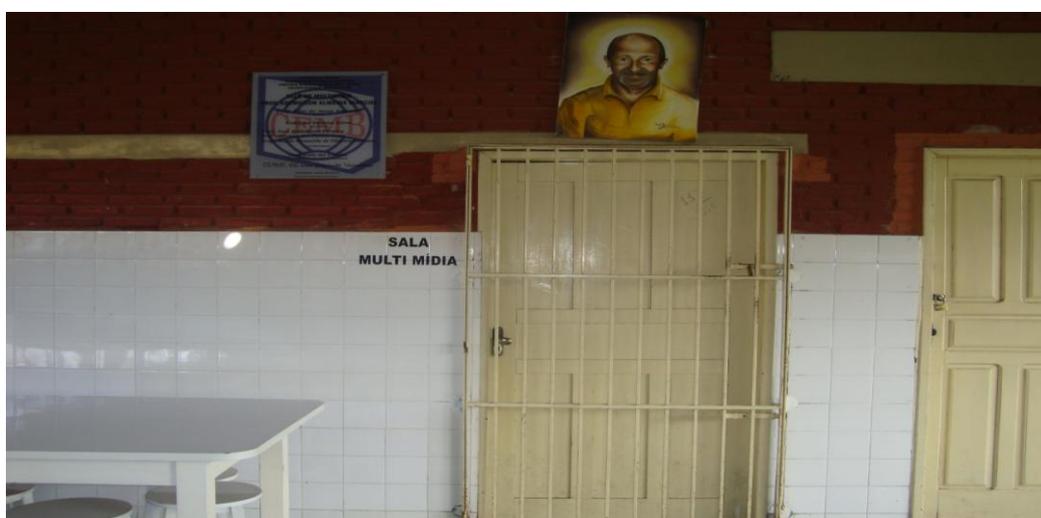


Foto Porta Sala Multimídia. Fonte: *Matrix*



Foto Entrada Sala dos Professores. Fonte: *Matrix*



Foto Ala da Filarmônica N. Senhora Conceição. Fonte: *Matrix*



Foto Corredor em Frente Sala dos Professores. Fonte: *Matrix*



Foto Banheiros no Corredor em Frente Sala dos Professores. Fonte: *Matrix*



Foto Grêmio do Cemb



Foto Acesso ao Corredor Central (Alas). Fonte: *Matrix*



Foto Corredor Central (Alas). Fonte *Matrix*



Foto Corredor Central (Alas). Fonte *Matrix*



Foto Ala "C" – Desativada para Reforma. Fonte: *Matrix*



Foto Área Verde (Interna) do Cemb. Fonte: *Matrix* 2012.



Foto Área Verde em Frente ao Corredor Central. *Matrix* 2012.



Foto Área Verde em Frente ao Corredor Central. *Matrix* 2012.



Foto Corredor Central – Acesso à 1ª Entrada



Foto Ala "B" – Acesso ao Corredor Auditório.



Foto Antigos Bebedouros – Acesso ao Corredor do Auditório



Foto Corredor Acesso Auditório



Foto Porta Acesso Auditório



Foto Auditório (Área interna)



Foto Área Verde entre Alas "A" e "B"



Foto Árvores Área Verde entre Alas “A” e “B”



Foto Muro Lateral 1ª Entrada



Foto Muro Lateral 1ª Entrada



Foto Portão de Acesso ao Ginásio “Miltão”



Foto Ginásio Miltão – Visão Lateral



Foto Nome do Ginásio Miltão.

28/10/2011 - RELATÓRIO DE CONSTRUÇÃO DO PLANEJAMENTO ESCOLAR – Este dia foi caracterizado pela a construção do Planejamento Escolar para 2012, referente ao primeiro semestre e que faz parte de nossa pesquisa em parceria com a escola. Neste sentido, no dia 28 de outubro de 2011, nos encontramos (pesquisador e professora de Educação Física) no Colégio Murilo Braga, às 14:00h. Era uma sexta-feira e foi sugerido pela professora, pois, não ministrava aula neste horário. Discutimos o propósito do planejamento para que se

fomentasse o sentido da mídia-educação. Estávamos com alguns livros e à medida que íamos discutindo, íamos também anotando o procedimento metodológico para o processo de intervenção. Destacamos que era importante trabalhar as aulas de modo aberto e democrático com os alunos, passar os conteúdos na íntegra e que as visões progressistas da Educação/Educação Física nos ajudariam como as obras de Libâneo, Moacir Gadotti, Saviani, Paulo Freire entre outros, mas, que não ficaríamos presos a uma determinada concepção, engessando assim, nossa intervenção. Também, destacamos várias obras da Educação Física que poderiam nos ajudar dos seguintes autores, respectivamente: Metodologia do Ensino da Educação Física/Coletivo de Autores; Concepções de Aulas abertas/Hildebrandt; Crítico-Emancipatória/Kunz entre outros.

Conversamos também, de modo geral, sobre os Objetivos, Conteúdos e Método. Assim, propusemos alguns objetivos (geral e específico), bem como, os conteúdos a serem tratados durante o ano letivo. Ressaltamos que a ideia era esta mesma, ou seja, dá um “ponta pé” inicial e que depois, durante o ano, iríamos redefinindo todo o Planejamento.

Uma constatação apontada pela Professora foi que não há um Planejamento para Educação Física. Anualmente, o CEMB tira uns dois dias para o Planejamento Geral, mas, resume-se a questão da carga horária do Professor e também das turmas, não se discute conteúdos, objetivos..., isto fica por conta de cada professor. Por um lado é ruim, pois, deveria haver um engajamento de todos que vivem a Escola para uma educação melhor, mas, por outro lado, este problema pode nos deixar mais livres e, portanto, nossas ações, objetivos, metodologias e conteúdos possam seguir de perto nossa autonomia em propor mudanças.

A princípio, houve certa inibição da professora em propor dinâmicas, mas, com o passar do tempo ficamos mais à vontade e isto foi possível pelo processo amigável que se configurou no encontro e principalmente, por não impormos nada e ambos respeitarem as propostas e também o conhecimento de cada um.

Mesmo declarando que em sua graduação “nunca vivenciou experiências com mídia, nem tampouco, nenhum professor tematizou este assunto nas aulas” durante sua formação universitária (formou-se em 1998, pela UFS), ela trouxe para o debate uma infinidade de experiências com os alunos neste campo. Explicou que, mesmo sem saber realizou pesquisas nos meios midiáticos para a Educação Física; Solicitou dos alunos que observassem o que a televisão veiculava sobre os atletas; sobre as regras de determinado esporte; que os alunos pesquisassem na mídia impressa também e na internet. Este foi um passo interessante para começarmos a discutir e a propor o Planejamento.

Neste aspecto, consideramos importante saber em que universo midiático os alunos estão mais imersos, ou seja, quais mídias vivenciam seja em casa, na escola ou fora dela. Com isto, pensamos na elaboração de um questionário simples em que estes dados seriam obtidos e também, do entendimento deles sobre mídia.

Além disso, consideramos importante também a estratégia de observar o fenômeno esportivo pela lente da mídia de modo geral e na internet como primeiro passo para o entendimento de mídia-educação, algo que a professora já havia realizado em outros momentos de sua atuação profissional e que garantiria uma maior fidedignidade ao que os alunos conheciam.

Discutimos que aos poucos deveríamos ir incluindo a Ginástica nesta observação em função de ser também um conteúdo hegemônico e tradicionalmente relacionado ao sentido da Educação Física. A professora achou importante isto,

pois, sempre que realiza algo (pesquisa) com os alunos é sempre o esporte que ganha destaque. Sob este aspecto também, discutimos a necessidade de apresentar alguns vídeos e também de filmes que possam envolver a temática.

Finalizamos este encontro com certeza de um bom processo de aprendizagem – todos envolvidos – para 2012. A professora fez questão de esclarecer que a turma a escolher ficaria sob a responsabilidade do pesquisador e ela iria acompanhar sem muita interferência, mas, também, reiteramos que o processo envolve todos nós e ela ficaria à vontade para qualquer intervenção. Iríamos, a seguir, elaborar um questionário e depois passaríamos um “pente fino” com sugestões. Combinamos para o mês seguinte reunirmos para elaboração dos planos de aula.

04/11/2011 – Neste dia havíamos marcado para passar um “pente fino” nos planos de aula. Era uma sexta-feira, pois, a Professora ficava mais a vontade uma vez que não ministrava aula neste dia. Encontramo-nos no CEMB às 14:30h e fomos para uma sala vazia do Colégio.

Os planos seguiram as estratégias metodológicas do Planejamento e a partir disso, incluímos a utilização dos equipamentos midiáticos (filmadora e máquina fotográfica).

Assim, rascunhamos em um caderno, mas, sabíamos que estes eram flexíveis e quando comessem as aulas, já com a turma definida, iríamos refazer o planejamento e os planos.

Imaginamos uma turma da 8ª série, no período da tarde, pois, esta deveria situar os alunos numa faixa etária entre 13 e 15 anos o que seria importante tanto para tematizar as práticas esportivas, uma vez que já haviam passado do período do domínio das habilidades motoras gerais, como, principalmente, por ser uma faixa etária em que os produtos da mídia são mais incidentes na vida deles.

Consideramos que inicialmente os alunos teriam uma visão geral das modalidades esportivas (Futebol, Handebol, Voleibol e Basquetebol) e da Ginástica, depois, faríamos os encontros/aulas mais específicos, ou seja, para cada aula uma modalidade única que poderia prolongar em torno de 4 aulas por modalidade. Com isto, haveria um tempo para apropriação da modalidade esportiva no tocante aos fundamentos básicos, à história, às regras e o jogo propriamente dito.

Discutimos então, que, paralelamente, iríamos incluindo a discussão da mídia e que o primeiro passo seria aproveitar a “deixa” do esporte-espetáculo, das transmissões pela televisão, dos fatos esportivos na internet etc. Neste aspecto, decidimos que uma estratégia importante seria estimular a pesquisa a partir da relação esporte e mídia. Este seria, então, o ingrediente para iniciar a discussão sobre mídia.

Outro ponto para elaboração dos Planos foi que exibiríamos filmes, vídeos entre outros que fizessem relação com a Educação Física, o Esporte e a Mídia. Com isto, citamos vários filmes como: Os Simpsons (desenho animado); “127 Horas”; “O Show de Truman”; “Um Domingo Qualquer” etc. Portanto, consideramos importante manter os elementos da educação física como tema principal e a mídia fosse sendo inserida aos poucos, paralelamente, como um tema transversal, mas, que tocássemos no assunto em todas as aulas.

Com isto posto, fechamos os planos (que seriam agora digitados), mas, com a clareza que eles poderiam ser modificados assim que iniciassem as aulas que estavam previstas para começar em final de fevereiro e início de março de 2012.

01/03/2012 – Estamos iniciando o ano letivo/2012. As aulas do Murilo Braga começaram em 29/02/2012 (quarta-feira), sendo que os dias 27 e 28, segunda e terça, respectivamente, foram destinados para o planejamento escolar do ano. Estabelecemos hoje nosso primeiro contato com a turma em observação. Escolhemos a 8ª série A – 9º ano – no período da tarde.

A escolha deu-se por alguns motivos importantes: **Primeiro** é uma turma que apresenta uma faixa etária normal para sua série com algumas exceções, mas, no geral, estão entre 13 e 15 anos. Isto é importante, pela incidência dos produtos da mídia, bem como caracteriza uma faixa etária em que destina muito de seu tempo à mídia, principalmente a televisão; **Segundo**, é uma turma que mantém equitativamente um número de meninos e meninas, o que garante um trabalho sem separação e com a junção de ambos os sexos; **Terceiro**, os horários das aulas de Educação Física são seguidos, ou melhor, são todas as quintas nos últimos horários (duas aulas).

A vantagem disso é que podemos construir algo com mais tranquilidade, até por que, são as últimas aulas do dia. Além da possibilidade de assistirmos filmes, vídeos e outros. A desvantagem é que passamos muito tempo sem se ver – semanalmente – o que requer estratégias de presença na escola. Infelizmente, os alunos só têm um horário vago que é na segunda, no último horário.

Neste dia poucos alunos (18) estavam presentes, mas, mesmo assim, aproveitamos para nos apresentar e conversar um pouco sobre nossa proposta para o ano. Os alunos estavam quietos, já querendo ir embora, tendo vista que foi um dia atípico, com poucas aulas, além disso, muitos alunos não vieram. Começar as aulas no meio da semana parece-nos que geram esses inconvenientes.

Dissemos que neste ano, iríamos falar um pouco de Educação Física, de Esporte, da Mídia e vivenciar tudo isto em nossas práticas. Assim, explicamos a eles que as aulas seriam em vários locais, como a quadra, sala de aula, a sala de vídeo, sala de informática, entre outros e que eles fariam parte do processo, sendo os atores principais desta construção.

Após explanação, abrimos para eles questionarem, fazer suas observações, mas, o silêncio pairou. Eles não fizeram nenhum questionamento sobre a proposta que enunciamos, apenas perguntaram se iriam para a quadra, pois, havia poucos alunos, dissemos que não e que hoje era só encontro para nos conhecermos.

Percebemos, por conta das circunstâncias deste primeiro encontro, que não deveríamos forçar nada. Avisamos que nos encontraríamos próxima semana e que eles avisassem a turma para não faltar, pois, iríamos apresentar algo para eles, formar grupos, ou seja, estaríamos começando prá valer.

Após este momento, os alunos foram embora e começamos a refletir sobre o Planejamento, ou seja, se havia a necessidade de reformulá-lo. Concordamos que esperaríamos mais um pouco para repensá-lo. Discutimos que manteríamos os planos uma vez que estava adequado do ponto de vista da faixa etária e que somente incluiríamos a turma - “A” – ao Planejamento e aos Planos de Aulas. Outro aspecto observado - uma vez que as aulas são seqüenciadas (dois horários juntos) e, conseqüentemente, há somente um encontro semanal – é que ficaríamos atentos para a continuidade do conteúdo de uma semana para outra, mas, que a princípio não faríamos nenhuma mudança na nossa seqüência pedagógica. A proposta então ficaria centrada nas quatro modalidades esportivas (Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futebol) e na Ginástica tendo a mídia-educação perpassando estes conteúdos.

Fizemos os ajustes no questionário que eles responderiam no próximo encontro. Basicamente constituía-se de quatro perguntas acrescido de sexo e idade. A intenção era saber o entendimento deles de mídia e também, onde eles estão mais imersos nas mídias. Como segue: 1. Sexo: () Feminino () Masculino; 2. Idade:; 3. Você tem acesso a algum meio de comunicação? Qual (is)? Qual você mais utiliza?; 4. O que significa Mídia? Dê sua opinião sobre isto; 5. De que maneira você se comunica com as pessoas, com seus amigos, com seus parentes?; 6. Como você fica sabendo das notícias que ocorre em sua cidade, no Brasil e no mundo? Segue assim, a relação dos alunos da 8ª série A – 9º ano a qual realizamos uma mudança no primeiro nome, retirando algumas letras para não serem identificados:

01. Alvan Passos de Jesus; 02. MINERVA Garcia dos Santos; 03. And Oliveira de Jesus; 04. CJ Cunha de Jesus; 05. CM Souza Santos; 06. ULISSES Mota Lima; 07. Dani Fernandes Santos; 08. Dav de Andrade Oliveira; 09. Den dos Santos Passos; 10. Die Barros da Cunha; 11. Die Peixoto Santos; (*) Elaine de Jesus Santos; 12. Erna Bispo dos Santos; 13. Ever de Assis Silva; 14. Fabi Bispo dos Santos; 15. Geo Silva Santos; 16. HELENA de Almeida Silva; 17. HERMES de Jesus Rezende; 18. CALYPSO de Meneze Santos; (*) JC da Silva; 19. JE Bispo Júnior; 20. JJ Menezes Mendonça; 21. JoFá de Carvalho Lima; 22. Leidi Mesquita Nascimento; 23. Les Lima dos Santos; 24. ATHENA de Oliveira Sampaio; 25. Richa Menezes Santos; (*) Rob Santos Cardoso; (*) Sue dos Santos; 26. Van Menezes de Souza; 27. Van Oliveira Mota; 28. Jon Lisboa Leite. (*) Transferidos.

08/03/2012 - Os alunos estavam ansiosos para ir à quadra, mas, antes solicitamos que respondessem um questionário que elaboramos com intuito de perceber o entendimento deles sobre mídia e também, o que eles mais têm utilizados em termos de Tic's. Explicamos que não precisava por o nome, ou seja, se identificar. Alguns alunos perguntaram o que era mídia, pois, era uma das perguntas do questionário. Então, respondemos que estava ligado aos meios de comunicação, mas, naquele momento, eles respondessem como compreendiam. Mesmo assim, percebemos que alguns alunos aproveitaram a carona do nosso esclarecimento para acelerar as respostas e ir direto para quadra.

Neste dia, quase todos os alunos estavam presentes – 27 alunos – no total de 28. Então, estabelecemos uma estratégia de aproximação com os alunos, sem querer ainda impor alguma coisa, no entanto, informamos (principalmente, por que no encontro anterior houve muitas ausências), nossos objetivos e também a sistematização dos conteúdos a serem trabalhados durante o ano e que, paralelamente, estaremos discutindo e produzindo mídia. Para isto, já temos disponíveis a filmadora e também máquina fotográfica e que iremos precisar de voluntários para nos ajudar nesta construção.

Explicamos também que haverá tarefas, pesquisas e outras construções e que será necessário a formalização de grupos, portanto, alertamos para que fossem pensando em seus grupos que logo, logo iríamos solicitar.

Na quadra, vivenciamos o futebol e também o voleibol. Para isto, dividimos a quadra em dois espaços respectivamente. Um grupo misto - meninos e meninas - ficou no jogo de vôlei e um grupo somente de meninos ficou no futebol. Estas separações têm nos preocupados e no final da aula dissemos que durante o ano não haverá separação, ou seja, dissemos que não poderia continuar um “grupinho” do futebol somente de meninos e que era necessário haver uma “mistura” de

ambos os sexos. Eles disseram que as meninas não gostam, mas, não foi bem assim que averiguamos. Na verdade, elas sentem medo de se machucar ao jogar com os meninos, pois, segundo elas, os meninos são violentos. Então, reafirmamos que haverá momentos em que todos irão jogar independente do sexo. Combinamos que para o próximo encontro a aula seria na sala de vídeo, pois, iríamos passar um filme.

Por fim, nos reunimos – professores – depois que os alunos foram embora para fazer uma reflexão sobre o questionário. Primeiro agrupamos as respostas de modo quantitativo, depois, separamos o que os alunos escreveram e a partir destas respostas decidimos sobre o vídeo a ser passado no próximo encontro.

A princípio estávamos pensando em passar para os alunos um vídeo com uma experiência em Mídia-educação numa escola pública de Aracaju/SE, mas, achamos mais interessante, devido ao entendimento deles sobre mídia, que começássemos com um desenho animado - Os Simpsons, episódio “O Tarado Homer” - pois, neste, fica evidente a relação com a mídia, principalmente, a televisão e como podemos criar possibilidades de produzir mídia. Além disso, estaria no plano do desenho animado que poderia cativar mais os alunos.

15/03/2012 – Não houve aula neste dia devido à paralisação nacional dos professores pela valorização da educação.

22/03/2013 – Nos encontramos na sala de vídeo. A ideia era dá “conta pé” inicial para introdução da discussão da mídia. Como ela pode ser aliada e também opressora. Neste sentido, selecionamos o desenho animado dos Simpsons, episódio “Tarado Homer”. Escolhemos um desenho animado para quebrar um pouco o clima sério e ao mesmo tempo inserir a seriedade do tema. Neste sentido, o episódio mostrou que Homer é acusado de assédio sexual pela Babá de seus filhos. O motivo foi um chiclete – Vênus de Milo – avaliado em mais de seis mil dólares, que Homer roubou de uma feira de doces e que ficou preso na calça da babá. O ato de pegar o chiclete aparentou assédio pela Babá, pois o chiclete estava grudado na parte de trás da calça, na região das nádegas. Homer tenta provar sua inocência, uma vez que o caso ganhou repercussão nacional e toda mídia o incriminava. Sua inocência é provada após um zelador, Willie, que tinha o costume, com uma câmera, de fazer filmes escondidos e, neste caso, filmou o momento exato em que Homer pega somente o chiclete, inocentando-o.

Após o filme, abrimos para discussões. Perguntamos o que chamou mais a atenção deles. A maioria dos alunos ficou inibida, mas, alguns ousaram em perguntar e também colocar seu ponto de vista. Foi o caso de uma aluna, que chegou meio atrasada, sentou lá no fundo da sala, mas, ficou atenta ao episódio. ATHENA, seu nome. Ela disse que achou interessante o filme e disse como a mídia consegue manipular as pessoas. Neste aspecto, intervimos e explicamos que ela tinha razão, mas, que é possível também usá-la (a mídia) a nosso favor. Ela, naquele momento, ficou admirada e sem entender como a mídia poderia ser usada a favor. Relembramos o próprio filme quando Homer tenta fazer uma fala na TV pública e explicar sua inocência. Mas, os índices de audiência neste tipo de TV, eram baixos. Este aspecto foi motivo de discussão e também questionamos o quanto estamos arraigados a assistir somente a TV comercial. Perguntamos quantos assistem a TV Escola, Futura, TV Brasil, somente uns dois alunos disseram que, de vez em quando, assistem a programação. Com isto, reforçamos o papel da TV pública, na qual seus programas respeitam a diversidade cultural,

ainda, que informação veiculada em seus noticiários não é dramatizada para atrair público, ou seja, trata-se de um noticiário sério e responsável.

Neste sentido, informamos que era possível construir a nossa mídia. Poderia ser um jornal impresso, filmando e postando na internet entre outros e que de agora em diante começaríamos a pensar nessas possibilidades.

Dissemos também, que eles, às vezes, estão com as ferramentas nas mãos e não fazem uso dela para este fim, como o celular, por exemplo, pois, ele possui câmera, pode está conectado a internet e isso pode gerar um bom conteúdo. Percebemos que os alunos ainda não “sentiram” que esta possibilidade fosse viável. Havia uma desconfiança no ar.

Outros alunos acharam engraçado o filme e a maneira como o Homer tentou solucionar o problema dele. Aproveitamos para informar também que podemos pensar na mídia com aspectos irônicos. Perguntamos se conheciam os trabalhos de cartunistas. Eles ficaram em dúvida, mas, quando falamos dos grafiteiros eles mostraram ânimo então, explicamos que estes artistas fazem sua obra com humor e seriedade e este poderia ser um ingrediente a mais em nossas construções.

Neste dia também, aproveitamos o momento da discussão para introduzir a ideia, ou melhor, o conceito de mídia. Então, explicamos que a mídia é um meio, uma forma de passar uma informação, uma mensagem. De modo geral, está vinculada a um conglomerado de empresas da comunicação, como a televisão, o rádio, o jornal e mais recente a internet. Mas, sobretudo, a mídia somos nós. Naquele momento nós estávamos sendo mídia, pois, estávamos passando uma mensagem. Explicamos também, que tudo que vêem, ouvem, lêem não é por acaso e natural e há pessoas por trás disso tudo conduzindo processo da emissão da mensagem até a recepção. Foi neste aspecto que os alunos começaram a refletir melhor sobre tudo que estávamos falando e voltaram a pensar no filme dizendo que “quando a televisão queria audiência ela mostrou só Homer como um tarado, monstro, em tudo inclusive modificando as respostas dele, mas, quando precisou fazer uma retratação, quase ninguém notou, foi muito rápido”. Esta reflexão veio da aluna ATHENA e nós concordamos com ela e acrescentamos dizendo, na maioria das vezes, a televisão só mostra aquilo que ela quer.

Perguntamos: Quem assiste ou já assistiu ao jogo de futebol no campo (no estádio)? Poucos se manifestaram. Continuamos: Na televisão? A maioria. Então, dissemos como é diferente ver essas duas realidades, pois, no campo nosso olhar é livre e na televisão ele é condicionado por um diretor de imagem que passa aquilo que ele quer, ou melhor, que é pago para passar aquilo.

Outro aspecto da mídia – esportiva – foi quando perguntamos se eles conheciam algum jogador de futebol dos times do Estado. Não sabiam, apenas ouvimos um aluno responder que conhecia o jogador Waldson, que já teve passagem pelo Botafogo do Rio de Janeiro e de times tradicionais do Estado como Sergipe e Confiança e nesta temporada estava defendendo o Itabaiana, ou seja, estava sempre na mídia, mas, os alunos não lembravam nenhum outro jogador que atua no Estado. Mas, quando perguntamos sobre o Ronaldinho Gaúcho, foi unânime a resposta, todos conheciam. Foi neste sentido que mostramos como são veiculados esses jogadores e também são criados os ídolos esportivos, pois, eles geram audiência na mídia e, portanto, pode ser bem explorada sua imagem.

Percebemos com essas discussões que os alunos ficaram um pouco com uma desconfiança no olhar, como se estivesse ouvindo pela primeira vez sobre esta realidade. Parecia que havíamos começado a quebrar o encanto. Concluimos esta discussão informando que este será nosso propósito, ou melhor, vamos construir

nossa mídia. A ATHENA ficou entusiasmada e dissemos que queríamos contar com ela para esta construção. Ela afirmou positivamente.

Por fim, apresentamos a proposta para o ano letivo e que consistia, basicamente, no tema esporte e que aliado a este vivenciariamos as quatro modalidades (Basquetebol, Voleibol, Handebol, Futebol e a Ginástica), mas, paralelamente estaríamos vivenciando outros jogos (queimado) e também nossa construção com a mídia. Pedimos, para que comesçassem a observar as notícias que são veiculadas na mídia – rádio, televisão, internet, jornal - que relacionam o esporte. Informamos que a próxima aula seria na quadra a fim vivenciar algumas práticas. Eles gostaram da ideia.

A reflexão que fizemos foi que o propósito foi atingido. Provocamos a ideia de mídia e que ela não era neutra. Além disso, percebemos que existem alunos com perfil para dá continuidade ao processo sendo colaboradores, autores e multiplicadores.

29/03/2012 – A aula foi na quadra poliesportiva. Nesses dias iniciais estamos nos conhecendo e também familiarizando os conteúdos básicos que serão ministrados durante o ano letivo. Assim, a cada dia eles vêem uma modalidade esportiva na perspectiva do jogo. Hoje, especificamente, eles viram o Voleibol e também brincaram com o Queimado. A maioria dos alunos participou, mas, um pequeno grupo não quis participar de nenhuma atividade. Perguntamos o porquê e eles disseram que na próxima aula participariam. Ficamos incomodados com a atitude de alguns alunos deste pequeno grupo que não participavam da aula prática, pois, se limitaram a zombar dos colegas que estavam jogando.

Nossa atitude foi instantânea e conversamos com estes alunos, inclusive, alertando que eles não precisariam ficar na quadra, caso não quisessem, mas, que não permitiríamos que ficassem com atitudes desrespeitosas com os colegas. A bronca surtiu efeito e eles pararam.

Eles haviam solicitado jogar futebol, então, reservamos alguns minutos finais para esta prática e assim, a quadra ficou dividida em dois grupos: futebol (após o voleibol) e queimado.

No final da aula, fizemos um grande círculo refletimos sobre o que eles acabaram de realizar e abrimos para perguntas. Explicamos também, que de hoje em diante reuniríamos no final da aula para pensarmos o que fizemos. De imediato um aluno perguntou se a aula, na próxima semana, seria na quadra. Ratificamos o encontro na quadra e aproveitamos para avisar que iríamos filmar as atividades e gostaríamos de contar com a ajuda deles.

Perguntamos se algum aluno já havia filmado e somente um afirmou positivamente (HERMES). Então, avisamos que contaríamos com a ajuda desse aluno para o próximo encontro. Ele ficou com um “ar” de surpresa e ao mesmo tempo, parecia está preocupado, nervoso. Aproximamos então e explicamos que a ideia era brincar com a máquina e que ele não ficasse preocupado.

Por fim alertamos, mais uma vez, que não permitiríamos o desrespeito com os colegas, pois, é muito cômodo ficar numa posição de inércia e não se arriscar a aprender o novo.

Refletimos – professores – que estamos conhecendo os alunos e já é possível perceber o interesse de alguns pelas aulas e também pela discussão de mídia. A ideia é ir inicialmente garimpando aqueles com interesse e depois, estes irem “contaminando” os demais. Com isso, já dispomos de dois nomes, entre os alunos, que toparam a construção da mídia (ATHENA e HERMES).

Combinamos também em ficar observando mais de perto estes alunos que não querem participar e preferem a zombaria, estávamos convictos em que todo momento formativo.

05/04/2012 – Semana Santa.

12/04/2012 – Nosso encontro fora na quadra como havíamos combinado. Explicamos aos alunos sobre a aula que envolveria o futebol e o queimado, pois, eles haviam solicitado no último encontro. Dissemos também que gostaríamos que todos participassem e não queríamos ver alunos fora das atividades. Mesmo assim, um pequeno grupo ficou encostado nas laterais da quadra.

Estamos ainda criando um laço de afetividade com os alunos, ao mesmo tempo em que observamos aqueles com interesse sobre os equipamentos midiáticos e que serão convidados para formalizar um grupo de multiplicadores.

Durante a aula os alunos nos convidaram para jogar com eles. Isto foi importante, pois, aproximamos mais ainda nossas relações de amizade. Neste dia iniciamos o processo de captura de imagens. Primeiro passamos a máquina para HERMES e explicamos o básico do funcionamento. Após esta tomada de consciência pelo aluno, dissemos que ficasse a vontade para filmar como e o quisesse incluir.

Enquanto jogávamos observávamos também como o HERMES estava filmando. Ele conduziu as filmagens com um “ar” responsável, sério e quase não falava. Também, víamos que outros alunos se aproximaram dele e questionavam sobre a filmadora. Então, percebíamos explicando aos colegas e mostrando as imagens capturadas. Em especial, três alunos aproximaram dele: MINERVA, HELENA e ULISSES. A primeira, a princípio pelo fato de não está participando da aula prática e aguçou a curiosidade dela. A segunda havia participado da aula e entre um intervalo e outro se aproximava de HERMES para ver as filmagens o mesmo aconteceu com o terceiro.

No final da aula sentamos em um grande círculo e discutimos sobre a aula. Explicamos mais uma vez que eles estão vivenciando os esportes (Basquete, Futebol, Handebol e Voleibol) de modo geral, mas, que haverá dias em que haverá somente uma modalidade na qual serão trabalhados os fundamentos, a história, as regras etc.

Perguntamos ao HERMES como foi a experiência em lidar com a filmadora e ele soltou um sorriso. Entendemos perfeitamente aquele sorriso, pois, a princípio, ele estava apreensivo com o uso da filmadora, tendo em vista ser um aluno sério, fechado, falar pouco e demonstrar ter responsabilidade com as coisas, por isso, ficara com medo. Mas, imediatamente disse: “foi tranquilo”.

ATHENA que chegara um pouco atrasada e não participou das filmagens iniciais, reiteramos o convite e a ideia de nos ajudar na próxima aula a qual aceitou prontamente.

Encerramos o encontro avisando aos alunos que nos encontraríamos na quadra para continuarmos as atividades esportivas.

Antes de dispensarmos os alunos nos aproximamos de HELENA, MINERVA e ULISSES perguntamos se eles poderiam nos ajudar também com o trabalho de filmar. Eles disseram de imediato que não sabiam filmar, mas, explicamos que este não era o problema, uma vez que ninguém ainda dominava os equipamentos e hoje o HERMES fez seu primeiro ensaio com a câmara. Então, eles aceitaram nos ajudar.

Portanto, temos agora cinco alunos que paralelamente irão nos ajudar nas filmagens (HERMES, ATHENA, MINERVA, HELENA e ULISSES).

16/04/2012 a 12/06/2012 foi o período em que os professores do Ensino do Estado de Sergipe estavam em greve. Compreendemos a luta dos trabalhadores por melhoria nas condições de trabalho e salariais.

Além disso, estamos na vida real da escola, sem cortes, com a realidade pura e crua, mas, observamos que começar um processo novo – com a inclusão da mídia nas aulas de Educação Física – e, logo depois, ser paralisado por um longo período, pode quebrar o ritmo, o aprendizado, da parceria entre professores e alunos e da cumplicidade no processo de construção.

Portanto, nossa reflexão é que devemos dá dois passos atrás, para seguirmos novamente do marco zero.

14/06/2012 – Após um longo período (58 dias) de greve dos Professores da Rede Estadual de Ensino, retornamos as atividades. Neste dia, em especial, encontramos a escola um pouco dispersa, ausência de alunos e professores, como também, para aqueles alunos que ali estavam não se apresentavam muito interessados nas atividades escolares, popularmente, “matando aula”.

Na turma da 8ª Série A, a intenção neste dia foi colocar a disposição dos alunos os equipamentos (a máquina fotográfica e a filmadora) para retomar o aprendizado com estes equipamentos em virtude da longa paralisação. Assim, nos encontramos na sala e depois, partimos para quadra de esportes.

Antes, falamos à turma da nossa intenção que consistia aprender lidar com os equipamentos, como havíamos explicado antes da greve, pensando em construir nossa mídia. Então, solicitamos voluntários, no mínimo dois, pois, teríamos dois equipamentos para serem usados. Três aceitaram o desafio, mas, por motivo de um ter que sair mais cedo, somente dois conduziram o processo (foram eles: ATHENA e o HERMES). Neste sentido, separamos os dois do restante dos alunos (os quais foram para quadra), sentamos e apresentamos as máquinas e como funcionava, depois, pedimos que as manuseassem. Avisamos que eles estavam livres para fazer filmagens e fotografias como quisessem e assim, eles fizeram. O HERMES já havia experienciado os equipamentos antes da greve e ajudou no seu manuseio.

Era um dia atípico, mas, parece-nos que dias atípicos na escola são comuns e após quase 60 (sessenta) dias de paralisação, havia um desânimo no ar. Os alunos pareciam querer que a aula acabasse logo para poder ir embora. Alguns, sequer esboçaram a intenção de participar da aula, pelo contrário, pegaram seu material escolar e ficaram no canto da quadra somente esperando o horário de acabar.

Outros que se aventuraram na aula pediram que realizássemos um jogo de futebol e queimado. Então, refletimos e achamos melhor não forçar o conteúdo naquele momento e aproveitar o ânimo desses poucos que queriam se aventurar. Resolvemos que faríamos o jogo de futebol e também queimado. Dividimos o espaço, respectivamente, para as duas práticas e perguntamos aos alunos se poderíamos participar os quais aceitaram nossa participação. Percebemos que no jogo de futebol só havia meninos, mas, no queimado, apesar de um número maior de meninas, havia também meninos. Não quisemos intervir, por enquanto, nessa separação, até por que hoje seria um dia para ficamos mais observando os comportamentos de modo geral e capturar ou entender o movimento da turma como um todo.

Estas atividades foram desenvolvidas no decorrer da aula e também, nossos voluntários fizeram suas tomadas. Percebemos que no início eles estavam tímidos, envergonhados de estarem com a máquina na mão, mas, com o passar da aula, eles foram naturalizando suas ações e ficaram mais a vontade. De vez em quando, eles perguntavam se era para filmar isto ou aquilo então, respondíamos que eles ficassem livres para filmar o que quisessem, pois, hoje seria um dia para aprender a lidar com os equipamentos.

No final da aula, sentamos em um grande círculo e conversamos sobre a dinâmica da aula. Que eles ficaram nessa aula mais livre, mas, conforme havíamos planejado, haverá outros conteúdos (Futebol, Basquetebol, Voleibol e Handebol) que serão vistos durante o ano. Explicamos que estas modalidades serão apreendidas a princípio com uma ideia geral, a partir do jogo dessa modalidade, depois, mais sistematizados com seus fundamentos, regras.

Explicamos que eles foram filmados pelos colegas que estão aprendendo a lidar com os equipamentos e que serão voluntários para ensinar aos que quiserem aprender, portanto, aqueles que quiserem participar eram só ir se juntando. Reforçamos a ideia de que a intenção, neste momento, era de adaptação, de aprendizados com aqueles instrumentos e que ninguém ficasse com vergonha, pois, uns ajudariam aos demais alunos a manusearem os equipamentos e que, agora, partiríamos para realizar algo mais intencionalizado e estaria aberto para quem quisesse participar. Por fim, explicamos que para próxima aula iríamos formalizar alguns grupos e que fossem pensando nisso, como também, haveria tarefas para estes grupos e que a aula se daria em dois momentos na sala e na quadra.

Neste início de processo, estávamos também exercitando a confiança mútua, ou seja, além de estabelecer laços de confiança entre alunos e professores, estabelecemos também confiança no que estamos construindo, com princípios éticos, respeitando os valores individuais, mas, também valorizando a importância do trabalho coletivo e sendo honesto uns com os outros.

Depois que encerramos a aula, sentamos para avaliar este dia e consideramos que fora bem produtivo. Além disso, os alunos exercitaram o manuseio dos equipamentos que consistiu em mais um passo para apropriação da ideia de mídia-educação. Apesar de somente dois alunos fazerem este exercício, percebemos que isto instigou os demais.

Durante a greve, pensamos em reorganizar o planejamento, como também, o cronograma que havíamos elaborado no início do ano. Mas, achamos pertinente não atrapalhar o movimento de greve e, com isso, combinamos de reorganizar o planejamento, somente agora (pós-greve) alterando principalmente, dois aspectos; O conteúdo que não entraria a Ginástica e o cronograma que irá até meados de fevereiro de 2013.

21/06/2012 – Neste dia, ao chegarmos à sala havia uma professora corrigindo as provas de matemática que realizara. Apesar do atraso, foi importante, pois ficamos no corredor, na porta da sala, e alguns alunos aproximaram-se e relataram situações importantes. A Primeira delas foi quando uma aluna perguntou se iríamos para quadra, pois, segundo ela, não gostaria de trocar de roupas naquele banheiro (referindo-se ao banheiro da escola), que estava muito sujo. Segundo, que não gostava de ir para quadra, pois havia muita gente. Ela gosta de jogar em outro lugar, não no colégio.

Ao entrarmos na sala, conversamos sobre como seria a aula. Explicamos este primeiro momento estava reservado para construção de grupos e eles nos entregariam os nomes para formalizar as tarefas. Neste sentido, já formalizados os grupos, solicitamos que cada um trouxesse uma notícia, informação, fato, reportagem entre outros, que envolvesse o esporte, atletas, ou outros do campo esportivo, advindas dos diversos meios como o jornal, a internet, a televisão, o rádio, etc., Explicamos, que daríamos continuidade ao processo de apreensão da mídia a qual havíamos discutido no início do ano.

Fomos para quadra e ouvimos as mesmas solicitações em que os alunos (meninos) queriam jogar futebol, mas, neste dia explicamos que incluiríamos também o basquetebol como conteúdo já preestabelecido. A princípio, houve uma resistência, depois fomos brincando e fluíu o jogo. Sobre jogo, usamos uma só tabela e limitamos o espaço. A equipe que defendia, não poderia sair da área delimitada (garrafão). Só poderia sair quando recuperasse a bola. Esta estratégia servia para evitar os contatos mais fortes e evitar acidentes, pois, no início de uma prática, os alunos correm à procura da bola em velocidade o que geram lesões.

No início, deixamos os alunos livres e poderia fazer o que quiser, ou seja, carregar a bola, driblar com duas mãos, correr com a bola, etc, mas, depois, fomos limitando os passos (somente dois) a não ser que quicasse a bola. Este, o drible, era ilimitado quanto ao quicar ao solo, mas, quando o aluno parasse de driblar, só poderia arremessar ou passar ao colega e não driblar novamente. Preocupamo-nos com as faltas, o contato e, portanto, não poderia empurrar os colegas.

O legal desse jogo foi que no final da aula falamos que vivenciaríamos o voleibol no próximo encontro e algumas meninas, justamente as que resistiam a jogar, disseram: “**não, agora eu só quero basquete**”. Por fim, deixamos os alunos jogarem futebol, somente aqueles que queriam e outros continuaram no Basquetebol, o que mostra que oportunizar outras práticas aos alunos quebra a hegemonia do futebol e queimado. Não descartamos estes elementos da cultura corporal, no entanto, é importante, no nosso entender, que eles conheçam outras práticas.

Paralelamente, os colaboradores/voluntários, realizaram as filmagens dos jogos (futebol e basquetebol). Por enquanto, estamos numa fase de captura de imagens e familiarização dos equipamentos. Percebemos que outros alunos e alunas ficaram interessados nos equipamentos e HERMES e ATHENA repassaram algumas informações. Então, convidamos esses alunos a vivenciarem os equipamentos na próxima aula.

Neste dia, um fato nos chamou a atenção, é que um professor usa a quadra para uma escolinha (paga) e nem é professor da escola. Isto ocorre já há um bom tempo. Não sabemos ainda se ele paga a alguém da escola, mas, é no mínimo estranho.

Por fim, fizemos um círculo sentado ao chão e avaliamos a aula. Explicamos que, às vezes, por vergonha, deixamos de aprender uma modalidade esportiva, como a de hoje (Basquetebol) e que esta não é difícil e também é um jogo muito prazeroso de brincar, como foi relatado por alguns que participaram. Dissemos que é importante enfrentar o desconhecido e aprender coisas novas. Alguns alunos concordaram com isso ressaltando que gostariam de continuar jogando Basquetebol.

Fomos informados que a escola iria dar um período de férias do meio do ano e retornaria no dia 09/07/2012. Mais uma vez iremos interromper o processo de aprendizagem que estamos realizando, o que tem prejudicado nosso planejamento,

mas, estamos conscientes que esta é a realidade escolar, viva, com suas particularidades e realidades. Então, colocamos nossos passos futuros, o qual consistia em dar continuidade ao planejamento e também às atividades de apreensão, uso e construção da mídia, assim, relembramos da tarefa dos grupos e encerramos a aula.

Um aluno, em especial, disse que não via nada de esporte, pois, não tinha tempo, quando não estava na escola, estava trabalhando, mas ele tinha e-mail, facebook, Orkut, dissemos a ele, que poderia ser por qualquer meio, que era só ficar atento. Este aluno é o HERMES e está nos ajudando nas imagens.

Os grupos ficaram compostos assim: **Grupo “A”** - JJ Menezes Mendonça; JE Bispo Júnior; CJ Cunha de Jesus; Richa Menezes Santos; Dav de Andrade Oliveira. **Grupo “B”** - Erna Bispo dos Santos; Die Barros da Cunha; HERMES de Jesus Rezende; Ever de Assis Silva. **Grupo “C”** - Geo Silva Santos; Alvan Passos de Jesus; Fabi Bispo dos Santos. **Grupo “D”** - CALYPSO de Menezes Santos; Les Lima dos Santos; Dani Fernandes Santos. **Grupo “E”** - Van Menezes de Souza; Van Oliveira Mota; Jofa de Fátima de Carvalho Lima; Richa Menezes Santos. **Grupo “F”** - HELENA de Almeida Silva; And Oliveira de Jesus; MINERVA Garcia dos Santos; ATHENA de Oliveira Sampaio; ULISSES Mota Lima.

25/06 a 09/07/2012 – Período de Férias – 15 dias – do meio do ano.

12/07/2012 – Nosso reencontro, após o recesso de férias do meio do ano foi primeiro na sala e para surpresa nossa, os alunos entregaram os trabalhos - dos grupos - sobre o que eles viram na mídia que relacionasse o esporte, atletas, futebol, ou seja, qualquer fato esportivo. Pensamos até que eles não iriam entregar, pois, passamos 15 (quinze dias sem aulas), mas, ao contrário, todos os grupos entregaram. Consideramos importante este ato dos alunos, pois, demonstrou interesse com a discussão e responsabilidade com suas obrigações.

Depois, como havíamos combinado no último encontro, fomos para quadra. Dividimos o espaço da quadra com a “tal” escolinha de futebol. Ficamos sabendo que já houve vários conflitos com professores da escola e esta atividade que, inclusive, é externa à escola. Resolvemos que iríamos levar para coordenação da Escola, para que este fato não ocorresse mais durante o horário das aulas.

Subdividimos nosso espaço, pois, havia os alunos que queriam jogar futebol e com isso, não queríamos forçar nesse primeiro dia após as férias, então, ficou o espaço do vôlei e do futebol, respectivamente.

A ideia era brincar com o Vôlei sem estabelecer regras oficiais, somente algumas regras básicas. Com isto, dividimos os alunos ficando 6 de um lado e 7 de outro. Então, uma aluna disse que estava errado, pois, a partir das regras deste esporte, o correto seria 6 contra 6. Respondemos a ela que não teria importância isto, pois, naquele momento o que estava em questão era a participação de todos.

No início cada aluno poderia dá quantos toques quisessem na bola, depois reduzimos para três por equipe e assim que completassem os três toques deveriam passar para o outro lado e quando a bola tocasse o chão seria ponto.

Outro aspecto importante do jogo foi colocar todos para executar os movimentos (saque) rodiziando e aqueles que achavam que não sabiam começaram a desafiar sua própria dificuldade. Mesmo com as dificuldades de alguns o jogo fluiu.

Paralelamente outros alunos jogavam futebol em espaço menor e com uma trave pequena. Expusemos que todos deveriam jogar e que era importante aprender a passar a bola para o colega.

Durante os jogos, alguns alunos ficaram sem fazer nenhuma atividade e alguns desses riam dos outros quando alguém errava. Foi neste momento que fizemos uma parada nas atividades de jogos e deixamos claro para eles que não iríamos admitir tal atitude e aqueles alunos que quisessem sair ou ir embora ficassem a vontade para isto. Esta ação foi suficiente para que eles acabassem com a zombaria de mau gosto.

No Final da aula, fizemos um círculo e discutimos sobre o jogo e que o importante não era ganhar, mas participar da brincadeira e principalmente, colocar os outros alunos que sentiam dificuldade em jogar, para participar. Sobre as “mangações” explicamos como era fácil rir do colega por estar tentando fazer. Ficar numa posição cômoda, somente rindo ou mangando seria mais fácil, ou seja, ficar numa posição confortável de zombaria do que arriscar a participar. Pedimos que não se repetisse tal atitude, pois, isto era um desrespeito não só com os colegas mais com todos nós, inclusive com eles mesmos.

Depois disso, expusemos também sobre o processo de seleção de talentos que ocorre no âmbito do esporte e o porquê de muitos ficarem “excluídos” do processo, mas, que isto não inviabilizava nosso aprendizado pelo esporte.

Perguntamos se alguém queria falar alguma coisa, mas, eles já estavam querendo ir embora. Um detalhe importante é que a maioria dos alunos mora nos povoados das redondezas da cidade e vem para escola nos ônibus dos estudantes o que, de certa forma, condicionam a saírem em um determinado horário.

Por fim, explicamos que no próximo encontro nós iríamos para sala de vídeo discutir sobre os trabalhos construídos e também ver as filmagens e fotos realizadas por eles. A ideia a partir daí é discutir sobre o esporte na mídia fazendo relações com o que jogamos (nosso jogo) e também sobre o que filmar, pensando num roteiro pré-elaborado.

Ainda pensando na ideia de apropriação dos meios, um aluno (HERMES) fez algumas filmagens. Estamos observando os alunos que têm interesse nas filmagens, bem como, observando a responsabilidade de alguns com o tema da mídia e com isso, convidando-os para manusear a máquina para que possamos constituir um grupo permanente com as atribuições de produção da mídia e também de repassar os aprendizados aos colegas.

19/07/2012 – Neste dia, iríamos para sala de vídeo para discutirmos sobre os trabalhos e também íamos ver as imagens capturadas nos dias anteriores. No entanto, preferimos vê-las na sala mesmo com ajuda de um note book.

Iniciamos a aula recuperando os trabalhos que os grupos pesquisaram e realizamos uma dinâmica em que cada grupo apresentava, ou explicava o que pesquisou, para isto devolvemos os trabalhos e assim, todos foram perdendo a timidez e expondo onde pesquisou e o que encontraram.

Explicamos da importância de registrar a fonte na qual retirou a informação se foi da internet, qual site; se foi da TV, que emissora, programa etc, e se foi de algum impresso, livro ou revista, dizer também. Com isto acordado, solicitamos que todos os grupos colocassem essas informações e trouxessem na próxima semana. Percebemos que houve captura de informações a partir da Televisão, da internet, de livros. Isto foi importante, pois, apresenta um universo amplo em relação aos meios.

Em seguida, mostramos então as imagens capturadas nos dias anteriores e o que nos chamou a atenção foi que um grupo (meninos) que só gosta de jogar bola ficou entusiasmado ao ver-se nas imagens. Alguns disseram: “professor quando vai passar na sala de vídeo”; “Eu posso ter uma cópia?” Após este momento, informamos que a próxima aula seria na quadra e antes que todos os alunos fossem embora, convidamos alguns para que ficassem, pois, queríamos conversar com eles.

Reunimo-nos com um grupo que desde início do ano letivo vem demonstrando interesse na interlocução com a mídia. Neste sentido, convidamos para fazer parte de um grupo em que eles seriam os protagonistas dessas interlocuções, dos aprendizados da mídia, ou seja, seriam os “multiplicadores”.

Eles ficaram deslumbrados com a ideia e toparam de imediato, com isso, aproveitamos a discussão para elucidar mais o conceito de mídia. Explicamos da captura das imagens e como elas são editadas para mostrar somente o que interessa e que elas não são imagens aleatórias, são preparadas para um público e, portanto, traz um aspecto ideológico também.

Explicamos que a ideia era que este grupo, após sua criação, pudesse se configurar numa célula que germinasse outras construções. Foi neste instante que perguntamos se eles assistiram ao filme *Matrix* (somente um havia assistido) e que a ideia, não como o filme, mas que se configurasse num lugar onde se gera, onde se cria pensando na interlocução com a mídia. Para surpresa nossa, eles ficaram fascinados com isto e pediram para ver o filme.

Expomos que seria interessante dá um nome ao grupo. Foi quando um integrante (HERMES) disse: “Por que não fica *Matrix*?” Todos aceitaram de imediato e assim ficou constituído o grupo: **ATHENA, HELENA, ULISSES, HERMES e MINERVA**. Explicamos a eles que na próxima aula conversaríamos sobre o roteiro de imagens e qual o papel deles no processo e que, a princípio, eles seriam os multiplicadores.

Desde o intervalo da aula até o final chamou-nos a atenção uma aluna que estava lendo um Romance, bem séria e com um tom responsável. Falamos do grupo que acabara de se formar e se ela não tinha interesse em participar a qual aceitou prontamente. Seu nome é **CALYPSO**.

Sentamos – professores – para fazermos uma reflexão do dia e foi unânime o entendimento que este fora um dia muito importante, marcante para nossos passos seguintes e principalmente por que constituímos o grupo, sem imposição, sem pressão para os alunos, apostando na cumplicidade e na autonomia deles. Saímos contentes e ansiosos para o próximo encontro.

26/07/2012 – Iniciamos a aula com a necessidade de separar o Grupo *Matrix*, ora constituído no último encontro com a inclusão de CALYPSO, que ficou na sala e o restante foi para quadra. Esta separação fora necessária, pois precisávamos esclarecer bem o papel do Grupo, suas tarefas, o que se esperava dele e também, informar mais detalhes sobre a pesquisa.

Assim, tivemos uma conversa aberta sobre a ideia da pesquisa a qual estávamos realizando e que eles seriam nossos aliados. Explicamos também que a ideia de pensar na mídia seria, principalmente, por dentro, construindo, um jornalzinho, blog, vídeo etc. Eles ficaram contentes com a ideia, sentimos o entusiasmo do grupo. Este foi um dia marcante, pois, os alunos sentiram-se autores e protagonistas do processo e isso deu um diferencial ao grupo.

Então, o segundo passo, foi lidar com os equipamentos. Como dois alunos já estavam familiarizados, eles foram ajudando aos demais e assim, todos do grupo vivenciaram os equipamentos. Percebemos que alguns integrantes ficavam com receio de manusear as câmeras. Explicamos que a ideia era perder o medo dos equipamentos e que eles ficassem a vontade para manuseá-los. Assim, foram perdendo a inibição e começaram a brincar com a câmera (fotográfica e filmadora) registrando todos os passos.

Depois deste momento, abordamos sobre o roteiro, bem como, da tomada de consciência sobre ele (o roteiro), pensamos então, em sua construção como uma forma de exercício para aquele dia. Eles sugeriram então, a aula de Educação Física e questionaram como seria a elaboração e o que pensar a partir do que foi explicado. Com isso, surgiu a seguinte ideia: Pegar a quadra vazia; depois os alunos entrando; a aula em si e por fim, depoimentos de professores. Ficamos contentes com a construção e assim, eles partiram para suas capturas.

Na quadra o restante dos alunos já estava em suas atividades do jogar futebol, queimado e vôlei, com isso, o *Matrix* aproveitou e realizou a captura das imagens a partir da aula em movimento. Não deu tempo para que eles realizassem aquilo que haviam previsto no roteiro (quadra vazia, os alunos entrando, etc.), então, acordaram em continuar as filmagens a partir do próximo encontro.

Nossa reflexão (professores) que este dia foi bastante proveitoso e dinâmico com o Grupo *Matrix* intensificando suas ações de forma autônoma e também, com o restante da turma em suas atividades.

02/08/2012 – Os alunos do grupo *Matrix* continuaram a elaboração do Roteiro de filmagens para aula de Educação Física e também vivenciando as máquinas. Ao ir para quadra, uma aluna questionou sobre os banheiros para trocar de roupas e disse: “era bom filmar os banheiros!” Esta ideia foi capturada por nós que dissemos: “Por que não?!” Foi aí que eles sugeriram filmar toda escola, principalmente, sobre do ginásio de Esportes – “os repórteres” - como alguns disseram - ficaram de elaborar um roteiro para próxima aula e entregar para que saíssem pelo espaço da escola.

Na quadra, com o restante dos alunos, a aula transitava com jogo de futebol e queimado e os alunos convidaram os professores (nós) para participar os quais aceitaram e paralelamente, os *Matrix's* iam registrando todos os passos. Percebemos que o “*Matrix*” está mais solto com os equipamentos, antes ficavam mais com a máquina para fotografar e tinham medo de filmar, mas, hoje, mesmo aqueles alunos que não pegavam a filmadora, agora, até briga por ela. Portanto, consideramos importante deixá-los mais a vontade e também conceder mais tempo para a produção do vídeo sobre as aulas de Educação Física.

Em nossa roda de conversa final, ressaltamos para o Grupo *Matrix* que seria interessante todos terem e-mail para conversarmos e trocar ideias, desde primeiro contato, mas, ainda há pessoas sem e-mail e acesso à internet. Questionamos sobre isso, e disseram que não iria pagar em *Lan House*. Isto nos chamou a atenção, pois, O Colégio possui uma sala de informática com acesso a internet, mas eles alegam que é uma “sala fantasma”, não há ninguém para ajudar a eles quando precisam. Só acessam quando um professor os leva.

Neste dia também, conversamos da possibilidade de construir um jornal impresso. A ideia foi bem recebida e uma aluna (ATHENA) do Grupo achou interessante, pois, conhecia o jornal do Grêmio. No final da aula nos reunimos em círculo, avisávamos o que aconteceria no próximo encontro, falamos para todos do que

estava acontecendo com o grupo *Matrix* e aqueles que quisessem participar procurassem o Grupo. Por fim, os alunos pediram para realizar um amistoso no futebol para próxima quinta.

09/08/2012 – Chegamos ao Colégio e os alunos já estavam esperando. Trancaram a quadra para que os meninos da “escolinha” não entrassem, uma vez que eles iriam fazer um amistoso. Todos se dirigiram para quadra com exceção do Grupo “*Matrix*” que ficou na sala. Eles explicaram o Roteiro que elaboraram. Disseram que estavam sem ideias, mas, ficou bem interessante, conforme abaixo:

“O Espaço do Cemb” – **Roteiro:** Filmar a entrada do Colégio; Falar sobre o Murilo; Filmar as salas, corredores, professores, banheiros, biblioteca, sala de professores, sala de computação; refeitório; o Miltão; meios de entrada; cada um fala um pouco sobre o assunto; entrevistar a mulher da biblioteca, entrevistar o Presidente o Grêmio, entrevistar o Diretor (Eder); Terminar com o professor Sérgio dando entrevista sobre o que achou da filmagem.

4ª SEMANA 2012
 4ª SEMANA 2012
 4ª SEMANA 2012

8

ANOTAÇÕES IMPORTANTES

01 - "O Espaço do CEMB"

02 - Filmar a entrada do colégio

03 - Filmar sobre o Murilo

04 - Filmar as salas, corredores, professores, banheiros, biblioteca, sala de professores, sala de computação, refeitório, o Miltão

05 - Cada um fala um pouco sobre o assunto

06 - Entrevistar a mulher da biblioteca

07 - Entrevistar o presidente do Grêmio

08 - Entrevistar o diretor (EDER)

09 - Terminar com Sérgio dando entrevista sobre o que achou da filmagem

Roteiro elaborado pelos alunos – *Matrix*

Conversamos sobre o roteiro de filmagem e outras ideias foram surgindo, como a questão do Miltão (o Ginásio de esporte do Cemb) que se encontra em ruínas.

Após esta conversa os alunos do *Matrix* iriam filmar o Espaço Cemb, mas, devido ao “amistoso” pedimos que se concentrassem no jogo e na próxima semana eles dariam conta do Roteiro o que foi aceito por todos.

Aproveitamos o momento para presentear os membros do Grupo com um Romance. Esta iniciativa foi estimulada devida um dos membros – CALYPSO – ter revelado gostar de ler Romances. Mas, como percebemos que eles têm pouco conhecimento sobre os clássicos da literatura brasileira, entregamos “Clarissa” de Erico Veríssimo. Todos ficaram satisfeitos e gerou uma ansiedade em quem começaria primeiro a ler. Neste primeiro momento ficou com CALYPSO e depois ele seria compartilhado com todos.

Explicamos que precisamos terminar as filmagens para que comecemos a elaborar a edição dos filmes. Nesse momento, explicamos um pouco do significado da edição. Principalmente, que este momento é especial, pois, o olhar deles passa a vigorar, entra em destaque a ideia deles e por isto, toda parte editorial ficará por conta deles, ou seja, o que vai ser cortado, colocar efeitos, música, etc.

Aproveitamos a roda de conversa para falar de nosso Jornal – que será elaborado – e que hoje a tarefa a ser passada ao restante da turma servirá de matéria para compor o jornal. ATHENA sugeriu pegarmos o jornalzinho do Grêmio do Cemb para ter uma ideia como seria o nosso. Achamos interessante e importante a iniciativa da aluna o que já estabelece a autonomia por parte do grupo.

Na quadra, foram feitas as imagens do jogo e também a continuidade da aula que envolveu jogos de queimado e futebol. Após este momento, nos reunimos com a turma toda e passamos a tarefa para os demais grupos, com exceção do *Matrix*, a ser realizada com um prazo de quinze dias e que consistia em: Pegar um “fato olímpico” – algo que aconteceu nas Olimpíadas e que gerasse uma atenção especial - que eles tivessem visto na mídia (radio, jornal, internet, televisão) e fizessem uma redação com introdução, desenvolvimento e conclusão.

Explicamos melhor o que seria o “fato” com exemplos, pois, alguns grupos não entenderam: Quebra do braço do levantador de peso; Dopping no esporte; Protestos realizados durante os jogos etc, ai eles entenderam melhor. Também alertamos que agora seria diferente da primeira tarefa, pois, não era só pegar algo da mídia e simplesmente copiar. Eles iriam fazer, com suas próprias palavras e que só o fato serviria de base.

Expusemos para todos que esta atividade iria compor um jornalzinho que o grupo (*Matrix*) irá confeccionar. O Grupo também ficou esclarecido que sua participação nesta atividade era de editoração, então, eles não precisavam trazer uma vez que ficarão com a responsabilidade de organizar todo material.

No final, dissemos que a próxima aula seria na quadra com a realização de um jogo de Handebol, pois já vimos futebol, basquetebol, voleibol e agora seria a vez do handebol. Eles ficaram curiosos, pois, nunca havia experienciado este jogo.

Em nossa reflexão, o ponto importante é que o Grupo *Matrix* está mais solto com os equipamentos, pois, antes eles ficavam com medo, empurrando um para outro. Agora, todos vivenciam e orientam uns aos outros e compartilham entre si.

16/08/2012 – Logo quando chegamos à sala alguns alunos do *Matrix* vieram solicitar que a filmagem do “espaço Cemb” ficasse para outro dia, pois, três integrantes não estariam em aula. Além disso, eles queriam participar da parte prática. Com isso, a filmagem ficou para próxima semana. Mesmo assim conversamos sobre os encaminhamentos de nossos roteiros e que precisávamos fechá-los. Neste dia, verificamos a possibilidade de nos reunir no sábado ou na quarta pela manhã para observarmos as imagens e elaborar o jornalzinho

Na quadra experimentamos o Handebol. A princípio houve uma rejeição, depois, os alunos foram ganhando coragem para se aventurar. Colocamos algumas regras para não haver acidentes, como delimitação do espaço; não poder segurar o adversário, não empurrar; não tomar bola no contra-ataque entre outras. Após este momento, abrimos para que os alunos jogassem futebol e queimado. É impressionante como os alunos estão arraigados às práticas (de futebol e queimado) e como é difícil propor outra coisa além disso, mas, alertamos os alunos que continuaríamos com o Handebol no próximo encontro como fora planejado no início do ano.

Neste dia ficou marcado pela chegada de um novo integrante à turma – Joflá – que veio devido a um sério problema com uma professora de Educação Física da Escola. Explicamos sobre o *Matrix* e ele ficou interessado em participar e já foi dando ideias de filmar a escola dizendo que “há uns lugares bons para ser

mostrado”, no sentido de denúncia. Pegamos o contato dele para integrar ao grupo.

Por fim, reunimos os alunos, conversamos um pouco sobre a tarefa que está agendada e a aula da próxima semana.

23/08/2012 – Ao chegarmos à sala colocamos no quadro uma síntese da proposta que envolve as quatro modalidades esportivas (Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futebol) de acordo com o planejamento, para que eles não perdessem de vista a ideia de como estamos trabalhando. Apesar de já termos exposto isto no início do ano, muitos alunos ainda estão sem entender. Outro ponto importante é a ideia deles vivenciarem estes quatro conteúdos clássicos da Educação Física, pois, estão muito arraigados ao futebol (meninos) e ao queimado (meninas). Alguns alunos se manifestaram insatisfeitos com a proposta, pois, querem somente o futebol e queimado. Explicamos que estão numa fase em que estes seriam os conteúdos a serem dados e que seria importante conhecê-los.

Reiteramos sobre o trabalho que eles têm a realizar, ou seja, da construção de um texto sobre um fato olímpico e aproveitamos para explicar, aos que ainda têm dúvidas, sobre como deve ser esta tarefa.

Na roda com o grupo *Matrix*, conversamos sobre como eles estão se sentindo nesta construção, pois, já estava acontecendo desentendimento interno ao grupo. A queixa é que há um aluno que não está ajudando muito e está ficando para alguns fazerem as tarefas.

Com isto, explicamos o sentido do Grupo e principalmente que ninguém é forçado a integrar o *Matrix* e aqueles que quisessem sair ou não estivessem se sentindo bem no Grupo, ficassem à vontade para sair. Esta conversa foi importante – “lavando a roupa suja” – pois, percebemos que há questões fortes em jogo e a idade em que estão com sentimentos de ciúmes, inveja, poder entre outros ajudam a aflorar estes sentimentos e isto tem prejudicado o bom andamento do Grupo.

Isto serviu também para alertar o novo integrante do Grupo – Joflá – que não está ajudando de modo geral. Foi assim, que nós – professores – tivemos uma conversa, em particular, com ele e explicamos, mais uma vez, que não era forçado ficar, mas, que ele teria que ajudar aos demais. Ele se comprometeu a ajudar mais ao Grupo.

A partir disso voltamos a conversar sobre as filmagens, ou melhor, para que eles fechassem as filmagens de acordo com o roteiro. Com isto, saíram pelo Colégio filmando os pontos que ainda faltavam para captura das imagens e ao retornarem, conversamos com o *Matrix* para pensarmos na produção do vídeo sobre o espaço cemb. Percebemos que a conversa surtiu efeito, pois, eles cumpriram o roteiro na íntegra e ainda acrescentaram ao roteiro outros lugares a ser filmado. Explicamos que ficamos contentes da autonomia do Grupo e também da criatividade.

Lembramos sobre a ideia do Jornal impresso que ainda não se constituiu e que eles estão com as matérias dos demais Grupos, portanto, é preciso ter cuidado para não perdê-las. A responsável por organizar esta etapa está sendo CALYPSO, mas, alertamos que todo o *Matrix* fica responsável pela construção que vai desde a transcrição, redação, organização até o cuidado com o trabalho dos outros grupos.

Na quadra, alguns alunos se recusam a jogar, simplesmente por não gostar do Handebol e outros, por que não querem se sujar. Assim, elaboramos estratégias em que valorizassem aqueles que participavam e os que não, perderiam pontos e se quisessem recuperá-los, elaborariam textos para o jornal e isto estaria valendo já para as próximas aulas.

Esta estratégia foi necessária por que valoriza os que participam e também cria a cultura de que eles precisam escrever ou compensar sua inércia e será importante para construção do jornal.

30/08/2012 – Neste dia também, separamos o Grupo *Matrix* ficando em sala e o restante foi para quadra. Fizemos, com o *Matrix*, uma revisão geral de tudo que tínhamos apreendido: equipamentos, roteiro, sobre mídia e seus interesses e também sobre a experiência de está lidando com este tema. Os alunos ficaram soltos, conversamos bem abertos, principalmente, que eles eram protagonistas desta história. Eles eram os autores, atores, produtores da mídia. Este foi um momento importante, pois, via-se o sorriso estampado no rosto deles, como se não tivessem acreditando naquilo. Sentiram-se importantes também, nesta construção.

Depois, conversamos sobre a decupagem. Explicamos o que era, como os filmes, novelas, propagandas, vídeo-clipes são preparados para passar somente aquilo que interessa, ou seja, há uma preparação das imagens. Este foi outro momento de tomada de consciência pelo grupo e ao falar do vídeo que estavam produzindo, precisariam também fazer estes cortes. Ou melhor, preparar a edição.

Com isto posto, os alunos começaram a realizar a decupagem: Colocamos as imagens, até então capturadas, no computador e eles iam dizendo o que deveria ficar no vídeo e o que deveria sair. Incluímos também frases em que deveria ter um efeito e o título do filme. Como na escola não tínhamos alguém para nos ajudar nesta tarefa de decupagem e efeitos, esta parte foi realizada fora do Cemb.

Após este momento que fora bastante enriquecedor, acordamos de revisar o filme editado para apresentação a turma. Para isto, marcamos uma segunda-feira (próxima depois deste encontro) uma vez que o último horário é vago.

Reiteramos também com o *Matrix* sobre o jornal, pois, ainda não foi elaborado o primeiro número e que isto era para ser construído por eles. Fizemos um e-mail de um dos membros do *Matrix*, HELENA, mas, ainda falta o ULISSES, o qual explica que não acessa a internet porque, para isto, tem que pagar numa Lan House.

Na quadra os alunos experienciaram o Handebol e apesar de alguns não participarem, os quais foram notificados sobre isto, foi proveitoso, pois, aprenderam mais um componente da cultura corporal de movimento e a maioria gostou.

Finalizamos com uma conversa sobre os trabalhos a serem entregues os quais fariam parte do jornal que o Grupo *Matrix* estava construindo. Avisamos que o próximo encontro apresentaria o primeiro vídeo elaborado pelo *Matrix*, portanto, nosso encontro seria na sala de vídeo.

06/09/2012 – Neste dia houve paralisação dos Professores da Rede Estadual de Ensino.

12/09/2012 – (quarta-feira). Este foi um encontro extra-aula. Devido a paralisação dos Professores, não conseguimos agendar para a segunda-feira, conforme havíamos combinado, com o *Matrix*, para que observasse o vídeo já editado e fizesse as últimas observações antes da apresentação que seria dia 13/09.

Neste dia, somente três integrantes fizeram as observações e solicitaram: Por mais músicas; colocar o nome do vídeo (“O Espaço Cemb”); retirar algumas imagens e explicaram também que estavam faltando as entrevistas finais para fechar.

Por fim, solicitamos que deveriam planejar a apresentação do vídeo, pois, seriam eles que fariam este papel.

13/09/2012 – Este foi um dia especial. Fomos para sala de vídeo, pois, iríamos apresentar à turma o filme produzido pelo *Matrix*. Colocamos todos os membros do *Matrix* à frente da sala e aguardamos o restante da turma chegar.

Percebemos certa ansiedade e também vergonha do Grupo, pois, naquele instante, eles eram os protagonistas, eram os donos da aula e isso os deixou um pouco assustados. Antes da apresentação do vídeo, eles explicaram um pouco sobre a ideia do vídeo e como fora produzido, mas, à medida que começavam a falar - o nervosismo, a timidez e também, por estarem diante de seus colegas de sala, - começaram a se calar esperando pelos questionamentos.

Após a exibição do Vídeo que se intitulava “O Espaço Cemb”, abriu-se para questionamentos a serem feitos aos integrantes do *Matrix* pelo restante dos alunos presentes.

Poucos se manifestaram em questionar. Mas, foi perceptível a admiração pela produção daquele grupo em especial que trouxe para sala uma criação em mídia. Alguns alunos disseram que eles eram “CDF”, mas, reiteramos que todos da sala foram importantes e que a ideia é que eles participem também.

Neste dia, nós professores, fizemos questão de filmar este momento que foi ímpar desde que começamos o processo de produção consciente de mídia. Pois, neste dia se complementava um ciclo de produção que até então estava fragmentado. Assim, compreendemos que mesmo com todos os percalços, obstáculos, problemas que a vida real escolar nos mostra foi possível estabelecer uma produção consciente da mídia, de estabelecer nexos entre a realidade escolar – a vida dos alunos – e uma produção consciente e responsável da mídia.

Dedicamos também outro momento da aula para a exibição de um vídeo musical *Playing for Change*. Segundo informações extraídas do próprio site “é um movimento de multimídia criado para inspirar, conectar, e trazer paz ao mundo através da música. A ideia do projeto surgiu da crença de que a música tem o poder de atravessar fronteiras e superar a distância entre as pessoas. Sejam as diferenças geográficas, políticas, econômicas, espirituais ou ideológicas, a música tem o poder universal de transcender e unir a todos como um só povo”. Assim, eles construíram um estúdio de gravação móvel, equipado com alta tecnologia usada nos melhores estúdios e saíram pelo mundo até onde a música os levava.

Em 2007 eles criaram a fundação *Playing for Change*, uma empresa sem fins lucrativos, cuja missão era retribuir tudo que os músicos e suas comunidades haviam compartilhado com entre si, pois, não queriam apenas gravar músicas e divulgá-las para o mundo.

Disponível em: <http://playingforchange.com>. Acesso em: 10/09/2013.

Para nós, consistia numa produção conectada pela música em que aparecem vários cantores nos quatro cantos do mundo que cantam a mesma música, no mesmo ritmo, no mesmo tom e isto se deu graças às possibilidades da tecnologia no campo midiático. A ideia era fazer um paralelo ao vídeo que eles produziram e também mostrar como a edição é um momento mágico na produção de vídeo.

Logo no início do vídeo, percebemos que alguns alunos estavam usando palavras preconceituosas e com resquícios de puro racismo. Intervimos imediatamente e tivemos de usar um tom mais duro, inclusive, avisando que aqueles que não quisessem ver poderiam sair. Demos exemplo dos feirantes de Itabaiana em que muitas vezes são discriminados pela sua condição.

A “bronca” surtiu efeito – acreditamos que a maioria dos alunos tem pais que trabalham na feira e isto foi determinante – pois, ficaram atentos até o final.

Explicamos depois que eles poderiam produzir também algo semelhante se quisessem. Abrimos para questionamentos, mas, não houve apenas alguns integrantes do *Matrix* pediram cópia dos vídeos apresentados no dia, principalmente do vídeo musical. Impressionante, como eles ficaram atentos a este vídeo.

Falamos mais uma vez sobre os trabalhos e alertamos que alguns grupos não entregaram e que teriam até a próxima aula para fazer isto. Neste dia também, reforçamos a ideia da elaboração do Jornal. Uma integrante do *Matrix* deu a ideia de reunirmos nas segundas no último horário, já que não havia aula, pois, somente a quinta-feira estava com o tempo ficando muito curto. Esta ideia foi compartilhada por todos. E sentimos o Grupo *Matrix* mais focado no trabalho deles.

Particularmente, percebemos uma pontada de ciúmes dos demais alunos com o Grupo *Matrix* quando apresentaram o vídeo. Por isto, no final reforçamos aos que quiserem participar do Grupo é só chegar.

Avisamos que na próxima aula – quinta-feira – iríamos fechar o ciclo do Handebol.

20/09/2012 – Começamos a aula reunindo-se com o Grupo *Matrix*. Havia alguns pontos pendentes para conversarmos. Então, explicamos que ainda faltava fazer entrevista com o Diretor da escola para fecharmos o vídeo e também, esta entrevista serviria para o Jornal.

Explicamos ao Grupo que se faz necessário agendar com o Diretor, pois, não é só chegar, a hora que quiser e fazer a entrevista uma vez que o Diretor tem suas atribuições e por isso, é importante um contato prévio. Com isto, reiteramos que é fundamental, além de elaborar um roteiro de questões para a entrevista, que expliquem também do que se trata e que antes de começar a entrevista devemos “quebrar o gelo”, bater um papo, se apresentar, explicar qual a intencionalidade de você e agradecer a disposição dele. Eles entenderam e antes de irem para a quadra foram organizar o roteiro da entrevista.

Na quadra, fechamos o ciclo do Handebol e também suas filmagens. Houve boa participação, mas, alguns alunos recusaram a participar ainda arraigados ao queimado e o futebol. Neste dia, entregamos uma apostila contendo todo conteúdo do handebol (histórico, fundamentos, regras básicas etc) para que eles leiam, pois, seria conteúdo para prova.

Esta foi uma estratégia também, para que os alunos aderissem mais os conteúdos e aprendessem para além do futebol. Explicamos que a partir da próxima aula o conteúdo seria o Voleibol, assim como estava previsto no planejamento. Por fim, tiramos algumas dúvidas dos alunos sobre o processo avaliativo, sobre os textos e também, explicamos que independente de nota, eles poderiam continuar escrevendo matérias que serão utilizadas no jornalzinho.

Por fim, voltamos a conversar com o Grupo *Matrix* – em nossa roda de conversa – principalmente, sobre a construção jornal impresso. Eles alegaram que estão com dificuldades de marcar um encontro entre si, mas, que tentarão se reunir e que terminarão as pendências do Jornal e da entrevista.

Percebemos que há estranhamentos entre alguns membros, ou seja, nem todos do *Matrix* estão se dedicando em relação aos demais e isto está gerando uma rixa no Grupo. Alertamos então, que estamos disponíveis para ajudar, orientar no que for possível e que se há problema no grupo conversaremos para sua resolução. Eles entenderam a mensagem e ficaram de conversar na próxima aula.

27/09/2012 – Iniciamos a aula na quadra, pois, hoje, começaria a sistematização – ciclo – do Voleibol. Como sempre houve estranhamento de alguns alunos a participarem das atividades práticas, mas, em contrapartida, àqueles que não gostavam do Handebol participaram do Vôlei. No geral, a maioria participou das atividades da aula.

A proposta era passar o básico dos fundamentos, ou seja, a manchete, o saque, o toque e o jogo em si. Assim, começamos em círculo e fomos desenvolvendo as atividades o que culminou com o jogo final. Após este momento, abrimos para aqueles que queriam jogar futebol e também o queimado.

No encerramento da aula, fizemos um grande círculo e discutimos sobre a avaliação. Rememoramos todo processo avaliativo que envolvia tudo que estávamos fazendo desde participação na aula até as provas, os trabalhos e alertamos para aqueles que precisam melhorar suas notas pensarem nisso, já que muitos estão com notas ruins.

Reiteramos que aqueles que tiveram notas baixas ou não entregaram trabalhos, poderiam fazê-lo e entregar para o grupo *Matrix*, pois, eles estão organizando um jornal da turma e o trabalho serviria de matéria para o jornal. Com isto posto, alguns alunos vieram tirar dúvidas sobre o trabalho, uma vez que queriam recuperar a nota. Isto foi importante, pois, serviu de subsídio para o Jornal. No final, informamos que continuaríamos com o Vôlei na próxima aula.

Finalizando o encontro, reunimos com o Grupo *Matrix* e discutimos sobre o jornal e também, como poderíamos resolver a questão do tempo uma vez que este tem sido o problema maior para que eles se reúnam constituindo-se no empecilho maior para que se cumpram as metas estabelecidas pelo Grupo.

Neste sentido, aproveitamos a ideia de CALYPSO, que sugeriu nos reunirmos na segunda-feira, no último horário, uma vez que é vago. Todos concordaram com a sugestão e se prontificaram a fechar o vídeo e dá início a construção do primeiro jornal. Informamos ao grupo que estaríamos de segunda à quinta, a partir da 15h no Cemb a disposição do Grupo e dos demais alunos para tirar dúvidas, orientar, ou seja, a disposição deles. Este horário é bem flexível, pois, perpassa o antes e o depois do intervalo dos alunos o que facilita nossos contatos.

01/10/2012 – (Segunda-feira) – Como havíamos combinado nos reunimos na escola. Neste dia todos do *Matrix* estavam presentes (Joflá, CALYPSO, HELENA, ATHENA, MINERVA, ULISSES e HERMES). Encontramos um lugar improvisado na entrada da Secretaria do CEMB. Foi bom por que ficamos bem próximos um do outro em pequeno círculo. Os *Matrix's* expuseram suas dúvidas e o ULISSES deu a ideia de fazermos um modelo do jornal em papel e lápis (boneca).

Ficamos satisfeitos com a ideia do aluno e dissemos que deveria ser por ai mesmo, que o primeiro passo era rascunhar para as ideias irem germinando. Para o nome do jornal surgiram três opções: “*Matrix*”, “O Espaço Cemb” e “Educação Física e Renascença” e foi eleito o *Matrix*.

Depois, surgiu a estrutura do Jornal que foi: Cabeçalho com o nome, número, mês, etc; “Histórico” do Jornal; “Corpo editorial” – “Quem somos”; “Reflexão”; “Seções Diversos”.

O Grupo entendeu que deveria ter estas seções e caso fosse necessário abriria outras. Com isto, no Histórico deveria ter um resumo do que era o Jornal e como ele nasceu; No Corpo Editorial eles propuseram que deveria ser todo o Grupo. CALYPSO explicou que era necessário que todos ajudassem na construção do

Jornal, por isso, a proposta era que ninguém ficasse sem ajudar; na Seção Quem Somos o Grupo propôs que ficasse apenas no primeiro número e que nos outros não haveria necessidade de repetir; Na Seção Reflexão os membros do *Matrix* disseram que deveria está as notícias, reportagens, as matérias dos outros grupos etc. Compreendemos então que esta seção seria o eixo central do jornal, a parte principal e por fim, Seções Diversos contemplaria tudo a mais que as outras seções não fizeram como notícias nacionais, internacionais, sobre o esporte em Itabaiana, no Brasil, no Mundo. De posse do modelo que estava sendo elaborado de lápis e papel, ULISSES fez uma revisão geral e todos concordaram com as propostas.

Este momento foi cansativo e gerou debate, opiniões diferentes, propostas entre outros e, às vezes, o grupo ficava impaciente, mas, explicávamos que a construção deveria ser assim mesmo e quando estamos diante de outras pessoas, com opiniões diferentes, devemos respeitá-las e principalmente, ouvir os colegas. Explicamos, no entanto, que depois que é formalizado a construção ela se torna forte e duradoura, pois, será fruto de um coletivo, consciente do que está fazendo. Dissemos então, que agora era digitar tudo que foi “rabiscado” e incluir as matérias, pois, praticamente, já existe um número pronto. Mais uma vez eles expuseram a dificuldade em digitar, pois, não dispunham de computador em casa. No entanto, reiteramos que o Colégio possui uma sala de informática e que poderiam utilizá-la. Isto foi encarado com risos, pois, disseram que nunca a sala está disponível. Diante disto, CALYPSO se comprometeu e ficou responsável por digitá-lo e passar depois para uma avaliação do Grupo.

Por acaso, o Diretor da escola passou no momento de nossa reunião e foi oportuno, pois, os alunos agendaram como ele, para o dia seguinte, uma entrevista o que fecharia o vídeo sobre o espaço Cemb.

A entrevista também iria fazer parte do Jornalzinho. Aproveitamos o momento para alertar ao Grupo que seria importante elaborar um roteiro com questões para a entrevista com o Diretor do Cemb. Um dos membros do *Matrix*, ULISSES, indagou se não era interessante fazer logo o roteiro já que estavam todos reunidos. Todos concordaram e elaboraram o seguinte roteiro para a entrevista: 1. O que acha do Cemb no tocante ao desenvolvimento dos alunos?; 2. O que o Cemb está precisando?; 3. A reforma quando vai sair?; 4. A importância do Cemb para o contexto de Itabaiana, principalmente no tocante ao espaço?; 5. Sobre o Miltão: os motivos de está assim, O que aconteceu; O medo?.

Por fim, CALYPSO sugeriu que cada um ficasse com uma pergunta para fazê-la, pois, assim, todos ajudariam e não ficaria a cargo de um só para entrevistar. Todos concordaram com a ideia e explicamos que, independente dessa estratégia, todos deveriam saber o roteiro na íntegra. Ainda, que poderiam, a depender do momento da entrevista, fazer outras questões para além do roteiro.

As queixas sobre alguns membros do *Matrix* continuavam. CALYPSO exclamou que “era melhor não ter a pessoa no Grupo do que ficar nome e não ajudar em nada”. Explicamos aos alunos que iríamos – professores, juntamente com o Grupo - resolver esta questão. Mas, o importante era que o *Matrix* estava andando, com autonomia, com uma boa produção, com seriedade e que estas questões referentes às pessoas que não querem ajudar ao Grupo existem por que muitos ainda não aprenderam o sentido de trabalhar coletivamente, mas, que não compactuaremos com isto.

No final da reunião reiteramos a importância de se trabalhar em grupo e um ajudar o outro e vice-versa e como foi criativo e produtivo dia hoje, principalmente,

quando os alunos pensam juntos e as ideias são respeitadas por todos. O encontro fluiu bastante.

Já nos retirando do Colégio uma integrante do *Matrix* – CALYPSO – disse o quanto gosta de fotografar. Ficamos entusiasmados também e dissemos que ela poderia pensar em fazer uma exposição que teria nosso apoio em tudo. Disponibilidade das máquinas etc, ajudar no que fosse possível. No entanto, relatou que tem medo, pois, é casada e tudo que faz tem que passar pelo aval do marido. Explicamos que o relacionamento tem que ser compartilhado mesmo, mas, não haveria nenhum mal nisto. Que ela pensasse bem que nós a ajudaríamos, inclusive conversando com marido caso fosse necessário

Estamos convictos – professores – que a aproximação com os sujeitos e ao campo, com imersão mais ampla e para além do horário das aulas, foi necessário. Numa tarde como esta, resolvemos pendências que se arrastavam por um longo tempo. Óbvio que há autonomia para que os alunos elaborem e realizem suas atividades, mas, por conta dos conflitos internos, findam atrapalhando o bom andamento do Grupo.

02/10/2012 – (Terça-feira) - Chegamos com o propósito de entregar as câmeras aos alunos para realizar a entrevista com o Diretor do Cemb. Foi decidido pelo grupo que cada um faria uma pergunta e assim, todos participariam do processo. Deixamos os alunos livres para realizar a tarefa.

No final da tarde, eles devolveram os equipamentos e disseram que foi boa a entrevista, mas, aconteceram alguns imprevistos como a bateria da filmadora descarregar o que foi suprido com uso do celular de um membro do Grupo (HELENA).

Foi importante estarmos ausentes, pois, assim eles ficaram mais a vontade, uma vez que relataram que nossa presença causaria certa inibição. Combinamos que depois nos reuniríamos para transcrever toda entrevista.

03/10/2012 – (quarta-feira) – Estávamos no Colégio com o intuito de tirar dúvidas dos alunos e também para orientar o Grupo *Matrix*. Ficamos no refeitório, pois, a biblioteca estava fechada e com cadeado. Assim, alguns alunos quiseram rever os trabalhos e outros até entregaram. Em especial, conversamos com um grupo que está ligado na discussão de mídia (Vano, Vanm e Jofá), explicamos sobre o *Matrix* e convidamos para participar também do Grupo, mas, elas preferiram ficar em trio como estão, pois, há rivalidades entre alguns alunos que já estão no *Matrix*.

Um ponto importante deste encontro com estas alunas foi que perguntamos de onde elas estão tirando as informações referentes às tarefas que solicitamos. Responderam que ora vão à biblioteca da escola ou tiram da internet. Este Grupo tem demonstrado que estão compreendendo a relação da Educação Física com a mídia o que fica evidente nos textos que trazem e também em suas garimpagens.

Neste dia, percebemos que outros alunos queriam integrar o *Matrix* – “Professor eu queria ficar só filmando”. Entendemos a solicitação, pois, esses alunos nunca querem participar das aulas práticas na quadra e como estabelecemos, no critério de avaliação, a participação nessas aulas eles estavam procurando compensar a não participação. Com isto, explicamos quais eram as obrigações do *Matrix* e o que eles teriam que fazer. Neste aspecto, perceberam que teriam muito trabalho, então, não insistiram mais. Mesmo assim, informamos que na próxima aula na quadra, eles ficariam com a câmera.

Por fim, reunimos com alguns integrantes do *Matrix* (CALYPSO, HELENA, ULISSES e HERMES) que expuseram sobre a entrevista com o Diretor. Eles disseram ainda, que todos participaram de acordo com o que fora planejado, em que cada membro do *Matrix* faria uma pergunta. Consideraram que foi boa, mas, que teve alguns contratemplos como o da bateria da filmadora que descarregou, mas, explicaram que usaram o celular complementando a gravação. Este aspecto foi importante, pois, os alunos já começam a fazer uso de seus equipamentos – celulares – para um fim determinado e que fora planejado, percebendo as possibilidades para além de trocas de mensagens.

Eles disseram ainda que todos participaram de acordo com o que fora planejado e cada membro do *Matrix* fez uma pergunta. Explicaram ainda que o Diretor foi bastante atencioso com o Grupo e antes de começar a entrevista procurou saber sobre as perguntas. Com isto, explicaram tudo antes, sobre o Grupo *Matrix*, seus objetivos, a finalidade da entrevista e também, que ela iria compor o jornal que eles estão construindo.

Eles ficaram contentes com este momento, pois, foi a primeira vez que estavam diante do Diretor com um propósito, pois, até então, o contato com ele era numa relação esporádica Diretor x alunos quando havia algum evento, ou mesmo, quando ele precisava informar algo sobre a o Colégio, mas, nunca tinham sentado, na sala dele, e ainda realizar uma entrevista. Percebemos que isto deixou o Grupo com um sentimento de importância, eles se sentiram importantes. O próprio Diretor já olhava para o Grupo diferenciado e reconhecendo o papel deles no contexto do Colégio.

04/10/2012 – As aulas foram encerradas, pois, precisariam preparar a escola para as Eleições. Isto ocorreu numa quinta-feira, sendo que as eleições seriam realizadas no domingo, mas, que gerou um esvaziamento prematuro de alunos e professores, com isso, não houve aula.

09/10/2012 – (Terça-feira) – Reunimo-nos com o *Matrix* no horário do intervalo do lanche às 15:30h para fazer ajustes no Jornal. Como estratégia para agilizar o processo, cada um ficou com uma cópia e com isto, íamos fazendo a leitura e pontuando o que precisaria retirar, ou mesmo, acrescentar.

Também, aproveitamos o momento, para irmos pensando e dando sugestões para o próximo número. Foi assim que surgiu a ideia de criarmos uma logomarca para o jornal. Esta ideia foi sugerida CALYPSO e explicou que conversaria com marido, pois, o mesmo realiza trabalhos deste tipo e que pediria para criar o nosso, a ideia foi aceita por todos.

Ela (CALYPSO) também manifestou problemas pessoais e queria sair do Grupo. Todos demonstraram solidariedade com a colega e de sua importância dentro do Grupo. Tentamos identificar o que estava acontecendo e se poderíamos ajudar, mas, ela recusou-se dizer-nos. Propomos então, que ela ficasse *freelancer*, ou seja, ficaria nos ajudando por fora. Ela ficou de pensar.

Marcamos para o dia seguinte, após uma releitura de todos em casa, o fechamento do jornal. Paralelamente, estávamos construindo o número 2 do jornal que versará sobre o espaço do Cemb.

10/10/2012 – (Quarta-feira) – Nosso encontro neste dia foi, principalmente, para orientação e dúvidas sobre o jornal. Com isso, fomos verificar o “Logo” o qual CALYPSO havia enviado por e-mail. Como havia dois modelos, colocamos em apreciação do

Grupo para a escolha. O logo escolhido estava muito grande, assim, ficamos responsáveis de fazer alguns ajustes no seu tamanho.

No tocante ao fechamento do Jornal foi discutido também qual seria nosso público alvo, pois, assim, saberíamos que tipos de matéria colocariam. Neste aspecto, questionamos o que eles esperam com o jornal e a quem pretendem atingir.

Disseram-nos que o Jornal deve atingir a escola, os professores, a Direção e os alunos. Achamos interessante esta inquietação e falamos que pensassem nisso, mas, que o Jornal poderia ganhar também o espaço fora dos muros da escola e com as tecnologias, internet entre outros, isto ficaria mais fácil e que poderíamos até pensar em um Blog. Eles alegam que a internet é sempre complicada, pois, nunca está disponível quando eles querem na escola.

Estávamos num período em que a mídia, em especial a televisão, noticiava morte de uma notória apresentadora de televisão – Hebe Camargo – O Grupo questionou se não seria interessante colocar algo, a opinião deles, pois, quase todos os canais – local e nacional – de televisão, transmitiram este fato.

Este foi um momento importante, abriu-se um debate interno no Grupo em que uns achavam que deveriam apenas noticiar, mas, outros, achavam que outras coisas estão acontecendo no mundo e principalmente em Itabaiana e não tem tanta notoriedade como, por exemplo, a violência no trânsito, violência nas ruas, a questão das drogas entre outros.

Ficamos entusiasmados com o posicionamento deles e aproveitamos para reiterar que esta era a ideia principal quando formalizamos o Grupo e criamos nossa mídia. Que eles ousassem em suas criações, que fizessem suas críticas, opiniões, sobre tudo, mas, que para cada caso, eles tivessem o cuidado no que iriam escrever e responsabilidade com a informação. Dissemos também que esta era a potência da mídia nas mãos deles e que eles poderiam voar em suas construções. Neste dia, eles ficaram mais atentos naquilo que estavam produzindo e também no potencial que estava nas mãos deles. Com isto, fechamos o primeiro número do jornal.

Na sequência, partimos então, para fechar o jornal referente ao segundo número, uma vez que já estava todo construído e com temática definida que era sobre o espaço do Cemb.

Havia a entrevista com o Diretor, com os professores e a visão dos alunos sobre a realidade do espaço do Cemb. Escolhemos também, quais fotos deveriam fazer parte deste número.

Foi um encontro bem produtivo e percebemos que o Grupo estava precisando deste momento para se organizar, pois, frequentemente havia atritos dos membros, entre si, por conta de alguns não estarem ajudando.

11/10/2012 – Neste dia, entregamos os Jornais ao Grupo *Matrix* para serem distribuídos na Escola. Alguns alunos do *Matrix* voltaram a reclamar da participação de membros do Grupo. Nós – Professores – já havíamos conversado com o Joflá, pois, ele que tem sido o gerador das reclamações pelo Grupo. Então, como não surtiu efeito, pois, esperávamos que ele estabelecesse um compromisso com os demais colegas, realizamos uma reunião e ficou decidido que faríamos subdivisões. Neste sentido, alguns ficariam responsáveis pela edição e outros construiriam matérias, bem como, ficavam responsáveis por pegar as matérias do restante da turma e repassá-la aos editores. Esta ação possibilitou que o Grupo continuasse junto sendo que, cada um, teria sua função definida e específica. A ideia era que não

sobrecarregasse um ou outro. Os membros do grupo gostaram dessa mudança, pois, com isso, as funções ficaram mais claras.

Na quadra, continuamos trabalhando com o Voleibol. No início, organizamos os alunos em pequenos círculos nos quais vivenciavam o toque. A ideia era não deixar a bola cair e à medida que apareciam as dúvidas, nós (professores) íamos orientando-os. Depois, ainda em círculos, eles associavam o toque com a manchete. No terceiro momento, dividimos a turma ficando dois grupos de um lado e do outro da rede, respectivamente. Então, vivenciamos o toque e a manchete só que passando sobre a rede de um lado para o outro. Não havia jogo ainda, pedíamos apenas que não deixassem a bola cair e poderiam passar quantas vezes quisessem aos colegas, tanto de um lado quanto do outro. Após esta etapa, incluímos o saque, rodiziando para que todos realizassem e também, orientávamos aqueles que não estavam conseguindo realizar o movimento.

Por fim, deixamos livres com o jogo em si, com espaço delimitado à quadra de Vôlei e cada grupo podendo realizar somente três toques, mas, que não importava o número de participantes em cada grupo. Ao encerrarmos perguntamos se alguém teria alguma questão e liberamos para os que queriam jogar futebol e com isso, um grupo continuou com o voleibol e outro foi jogar futebol.

Neste dia chamou-nos a atenção uma aluna de outra turma que pediu para jogar futebol com os meninos. Ela era muito habilidosa com a bola e foi importante a presença dela, pois, eles estão sempre separando – meninos e meninas – entre si e naquele momento, explicamos para os demais alunos (meninos e meninas) da importância de jogar de forma mista.

Outro aspecto marcante neste dia foi como é impressionante como se cria a cultura do descaso e isto vai se naturalizando no ambiente escolar. Houve a paralisação devido à greve (60 dias) e outros dias isolados, além dos feriados e agora o período das eleições em que se fecha a escola antes e depois do pleito. Muitos professores não vieram, mesmo depois das eleições, com isso, a maioria dos alunos ia embora, pois, nossa aula, por exemplo, que acontece nos últimos horários, foi prejudicada por falta de alunos. A ameaça agora que paira neste ambiente é que os motoristas dos ônibus – os responsáveis por trazer os alunos dos povoados mais distantes – ameaçam parar suas atividades por que estão sem receber salário há três meses.

Nossa reflexão é que este ano foi atípico, quase se reduziu o ano letivo no segundo semestre. Aparentemente os alunos gostam desse quadro, pois, realizam muitos trabalhos “tapa buraco”, mas, ficam prejudicados na apreensão dos conteúdos das disciplinas que terá impacto na vida deles mais adiante.

Tudo é motivo para que não aconteçam as aulas! Somente um pequeno grupo que nos questionava se haveria aula estava presente, mesmo assim já foram nos avisando que iriam embora mais cedo.

Não resta dúvida que qualquer planejamento escolar para um ciclo de aprendizagem, cai por terra com uma realidade dessas. Nosso caso ainda era mais agravante, pois, tínhamos apenas um encontro semanal, tendo em vista que são concentradas duas aulas seguidas neste encontro. Avisamos a todos que o Jornal nº 1 estava com os membros do *Matrix* que iria ser distribuído e também, avisamos a todos que nosso próximo encontro seria na sala de vídeo, pois, iríamos assistir a um filme.

22/10/2012 (Segunda-feira) – Estes dias, para além de nossa aula semanal, têm sido muito gratificante e produtivo. Além disso, têm deixado o Grupo mais focado em suas

funções e construções. No entanto, mais uma vez o descaso fica aparente. Os alunos foram embora e muitos não vieram devido à paralisação de alguns motoristas responsáveis pelos ônibus que transportam os alunos dos povoados para o Colégio. Com isto, muitas aulas foram suspensas e por conta disso, eles não esperaram para planejarmos sobre o Jornal e outras questões do Grupo. Apenas dois integrantes do *Matrix* estavam presentes, mas, disseram que iriam embora, pois, todos da turma já haviam partido e não havia ônibus, portanto, precisariam sair mais cedo.

De imediato, pensamos numa estratégia para não perder o entusiasmo, o movimento, o devir do Grupo e aproveitar que eles começaram a exercitar mais frequentemente a autonomia referente à produção da mídia. Assim, tentamos fazer algo em forma de tarefa, ou seja, que eles revisassem os textos dos outros grupos em casa e também, avisassem aos demais integrantes do *Matrix* sobre isto e assim, ganharíamos tempo na revisão dos textos. Eles levaram todos os textos a serem revisados e disseram que distribuiriam com os demais integrantes do *Matrix*.

Avisamos que estaríamos no dia seguinte – terça-feira – no mesmo horário, a disposição deles para revisarmos tudo.

- 23/10/2012 (Terça-feira) – Conforme combinado, estávamos no Colégio no intervalo do lanche, a disposição do Grupo *Matrix* para tirar dúvidas, mas, poucos apareceram, pois, os alunos ainda sofrem com a paralisação dos motoristas de ônibus. Somente alguns ônibus vieram e o número de alunos foi reduzido de modo geral. Mesmo assim, alguns integrantes do *Matrix* estiveram presentes e disseram apenas que o jornal estava andando e que estão lendo os textos, mas, que ainda não terminaram. Este dia foi importante, pois, conversamos com o Coordenador do Cemb sobre a sala de informática e sobre o uso dela, pois, os alunos alegam que ela é uma “sala fantasma” e que é muito difícil usá-la, a não ser que seja com um professor. Neste sentido, o Coordenador explicou que esta informação é um pouco verdadeira, pois, o Colégio sofre com a falta de funcionários e não há uma pessoa específica para ficar na sala de informática, mas, ressaltou que quando nós quisermos usá-la não haveria problema algum e que ele liberaria a sala. Segundo o Coordenador a sala está condicionada a ter um professor presente com os alunos o que implica em certo controle em seu fluxo e de certa maneira os alunos têm razão, pois, não há uma liberdade em ir e vir no tocante aos equipamentos. No entanto, ele foi enfático ao dizer que quando nós quiséssemos a sala estaria a disposição.
- Repassamos esta informação ao Grupo, para quando eles precisassem não haveria obstáculo e que nós professores estaríamos de prontidão para mediar esta necessidade.

- 24/10/2012 (Quarta-feira) – Nos reunimos com o Grupo *Matrix*, na sala e no horário do intervalo e estavam presentes: CALYPSO, HELENA, ATHENA, HERMES e ULISSES. Estrategicamente, cada um estava com uma cópia do Jornal N° 2, na qual traziam os ajustes, observações e sugestões. Com isto, realizamos a primeira leitura coletiva e cada um ia incluindo sua sugestão. Neste momento, parávamos e refletíamos sobre a sugestão do colega e o que era consenso permanecia no jornal. Depois, discutimos sobre a inclusão de fotos e quais deveriam estar nas matérias. Algumas não estavam bem nítidas, então, sugerimos também incluir algumas que saíram na mídia, principalmente, as que se referiam ao Ginásio de Esportes “Miltão”, todos concordaram com esta ideia.

Como havia uma entrevista transcrita com o Diretor, então, fizemos uma releitura e consertamos os erros. Assim, solicitamos que um membro do *Matrix* (ATHENA prontificou-se em fazer) entregasse ao Diretor para ele também fazer sua leitura e, estando em conformidade com o que estava transcrito, passar para nós incluímos no jornal. Ele devolveu com pequenos ajustes e com isto, fechamos o jornal. Decidimos também que incluíríamos uma foto do Diretor no momento da entrevista.

Os responsáveis pela edição do Jornal explicaram que as seções ficaram muito grandes por conta da entrevista e que, por isso, reduziriam as outras seções.

Neste dia também, observamos que os alunos foram embora por volta das 3:30h, pois, não haveria mais aula, estavam sem professores para as duas aulas finais.

Por fim, percebemos que era necessário fazer uma releitura e passar um “pente fino”, pois, alguns membros do *Matrix* não vieram e seria importante saber se há sugestões e ajustes pela parte deles. Com isto, o jornal ainda ficou pendente e decidimos que na próxima semana faríamos uma leitura geral para fechá-lo, todos concordaram.

25/10/2012 – Como prevíamos fomos para sala de vídeo assistir ao filme “127 horas” - dirigido por Danny Boyle - que conta uma história real do alpinista Aron Ralston, que após sofrer uma queda em um desfiladeiro em Utah (EUA), fica preso com o braço sob uma pedra durante cinco dias. Ele faz uma retrospectiva da vida, rememorando os fatos que aconteceram seu acidente. Faz pensar nos amigos, namorada, os pais e também em duas meninas que conheceu antes do acidente. Ele cria coragem para sobreviver aos elementos que dificultam a sua recuperação. Depois de muitas horas sentindo dor e sem ninguém por perto para ajudá-lo, ele decide amputar o braço com um canivete que levava consigo. O alpinista descobre que sua luta pela sobrevivência durante mais de cinco dias (durou 127 horas) foi marcada por memórias e momentos de muita tensão. Assim, tem forças para se libertar por qualquer meio necessário.

Antes de começar o filme entregamos a cada Grupo um roteiro de questões em que constava: 1. O que seriam esportes de aventura?; 2. Que são trilhas ecológicas?; 3. Que cuidado que devemos ter com esportes de aventura?; 4. Como poderíamos pensar nesta prática nas aulas de educação física no Cemb? Ou seja, no final, deveriam por a visão deles.

Explicamos que cada Grupo ficaria responsável por fazer uma matéria para jornal e o filme que iriam assistir ajudaria nesta tarefa. Mas, que eles não seriam obrigados a fazer esta construção, somente os que quisessem.

Neste dia, alguns ônibus que fazem o transporte escolar não vieram e isto acarretou em 18 ausências na turma. Durante o filme os alunos pediram para parar, pois, precisariam sair mais cedo por conta da ausência dos ônibus. Decidimos então, que continuaríamos por assisti-lo em outro dia.

Após este momento, nos reunimos na roda de conversa com o Grupo *Matrix* e decidimos que a distribuição dos jornais (nº 2) ficaria pendente, pois, haveria ajustes ainda por fazer. Os alunos expuseram a dificuldade de acessar os computadores na escola, por isso, justifica a demora na confecção do jornal. Reiteramos que estamos a disposição deles para o uso da sala de informática e este não seria mais um problema.

Por fim, alertamos para que os alunos – *Matrix* – tivessem mais empenho com as questões do Grupo, da confecção do Jornal, pois, eles são os responsáveis por esta dinâmica.

01/11/2012 – Realizamos a avaliação com a turma que foi dividida em subgrupos. A prova versava sobre os conteúdos do Voleibol e do Handebol. Mas, para o *Matrix*, sua tarefa era fechar o jornal nº 2 e após várias discussões ficou combinado que um membro (CALYPSO) do grupo iria digitá-lo, pois, possuía computador em casa. Neste instante, reiteramos que a sala de informática ficava a disposição deles a hora que quisessem, pois, já havíamos conversado com o Coordenador sobre nosso uso.

Neste dia ULISSES trouxe boas ideias para o jornal, a exemplo de incluir notícias internacionais e também locais. Ele explicou que um vereador de Itabaiana foi eleito, mas, corria o risco de ficar de fora por conta da legenda do partido. Neste aspecto, dissemos a ULISSES que sua proposta era importante e interessante, mas, que ele averiguasse a informação trazendo todos os detalhes e aí, faríamos uma síntese. Isto foi explicado a todos do Grupo para que sempre observe a veracidade da informação, que façamos do jornal uma fonte segura, pois, somos responsáveis por tudo que colocamos nele.

Aproveitamos também o momento e esboçamos o próximo número do jornal cujo tema será “Educação Física e os Esportes Radicais”. Foi sugerido pelos *Matrix*'s realizar entrevistas com os professores de Ed. Física, sobre a visão deles de Educação Física. Esta ideia foi bem acolhida pelo Grupo.

As ideias foram surgindo, pois, os integrantes do *Matrix* estão mais soltos e estão percebendo que podem construir o jornal sozinho, que são autores, atores e que já não é estranha a discussão, a criação e a produção da mídia, ou seja, o processo de formação, com autonomia e de forma esclarecida, está se consolidando no Grupo. Com isso, CALYPSO sugeriu que na capa do Jornal colocássemos uma foto do Cemb com o pôr do sol, sem ninguém na foto, que ficaria mais bonito. Aprovamos sua ideia e disponibilizamos a máquina fotográfica para isto.

Outro ponto discutido foi sobre os Jogos Internos. Explicamos que o Coordenador havia sugerido filmar os jogos internos. Então, repassamos sobre esta possibilidade e dissemos que também os ajudaríamos nesta empreitada. Assim, surgiu a ideia de trazer para o jornal os detalhes dos Jogos como os campeões, as chaves, sobre as medalhas entre outros.

Por fim, entendemos que a construção do Jornal é sempre um dilema, com problemas de todas as ordens que vai de relacionamentos entre os membros até problemas estruturais, como digitar o texto, mas, no final, verificamos que é bem produtivo, com muitas ideias que vão surgindo e germinando no contexto. Saímos satisfeitos com a construção.

06/11/2012 (Terça-feira) – logo na chegada ao Colégio, uma imagem nos chamou a atenção: A escola encontrava-se muito suja, com papéis espalhados, garrafas plásticas vazias pelo chão, etc, uma grande sujeira. Os Alunos disseram que foi por conta das provas do Enem e que foram instaladas várias barracas de vendas de água, salgados, doces entre outros e eles deixaram a sujeira. Achamos lamentável. Reunimo-nos no intervalo do lanche e fechamos os pontos do segundo número do jornal. Foi sugerido por CALYPSO que incluíssemos um contato no final com e-mail. Ela ficou de criar e repassar ao grupo. Ela também deu a ideia de criarmos uma página no Facebook para o jornal. Ficamos entusiasmados com as ideias da colega e aprovamos imediatamente. Sendo assim, seguramos por mais um dia para fecharmos o jornal no intuito de acrescentar estes itens propostos pela colega do Grupo.

Discutimos também, sobre a permanência de alguns membros no *Matrix*, pois, não há contribuição deles para com o Grupo. Com isso, nós professores, ficamos de conversar com o colega que não tem dado sinal de interesse com as questões, bem como, com a construção que o Grupo está realizando. Por fim, marcamos para o dia seguinte para que se concretizassem as pendências.

07/11/2012 - (Quarta-feira) – A intenção era passar um “pente fino” no jornal nº 2. Com isso, fizemos a leitura e “batemos o martelo” para sua impressão. CALYPSO informou que fez o e-mail do jornal – Matrix.alunos2012@gmail.com e todos integrantes do Grupo usaria a senha para qualquer atividade que fosse necessária.

Com isso, serviria para que outras pessoas possam entrar em contato com o Grupo. Informou também que não está conseguindo criar a página no Facebook, mas, que continuaria tentando. Então sugerimos que imprimiria o jornal no dia seguinte já com o e-mail.

Neste dia também, refletimos sobre as matérias que estávamos escrevendo para o jornal e isto foi provocado por uma discussão interna do Grupo quando CALYPSO disse que “as matérias estavam muito longas” e que deveríamos por mais fotos, palavras cruzadas, passatempo entre outros. No entanto, a MINERVA e ATHENA disseram que a qualidade de nossas matérias era melhor – “nossas matérias são melhores”.

Aproveitamos esta “deixa” e fizemos uma comparação com o Jornal do Grêmio do Cemb e entendemos que as nossas matérias se constituíam em um diferencial, pois, elas passavam pelo processo de pesquisa, revisão geral e traziam certa profundidade nos temas.

Esta reflexão - compartilhada entre alunos e professores - deixou-nos orgulhosos de todo processo até agora. Com isto, dissemos ao Grupo que poderíamos pensar coletivamente, pois, as reflexões tinham fundamento e merecia uma atenção a mais como também, pensar em como melhorar o jornal neste aspecto.

CALYPSO sugeriu que colocássemos uma parte no jornal que tivesse diversão com palavras cruzadas, jogo dos erros entre outros. Disse também que iria providenciar isto para que o Grupo apreciasse.

08/11/2012 – Fomos para quadra e demos sequência ao planejamento com a introdução ao futebol. Neste sentido, a ideia principal era colocar para todos os alunos a importância de jogar coletivamente, de estimular o senso de cooperação, de valorizar o colega e principalmente, incluir as meninas no jogo, uma vez que é constante a separação por sexo quando o tema é futebol.

A proposta era trabalhar agora o Basquetebol, mas, por conta do estado das tabelas (quebradas) e ocasionando perigo aos alunos, decidimos suspendê-lo do planejamento. Após os primeiros envolvimento da turma com estas modalidades, voltamos a iniciar o processo de apreensão do esporte com a observação que o Basquetebol ficaria de fora até que fizessem a reforma das tabelas. Os alunos pediram para deixar futebol no lugar, avisamos que iríamos pensar sobre a solicitação deles.

Para “quebrar o gelo”, começamos com o tradicional “bestinha” em círculo, mas, só poderiam dar um toque na bola. Depois, introduzimos o passe e a recepção no futebol através do jogo lúdico em roda e de mãos dadas. Percebemos também, o quanto os alunos estão arraigados aos preconceitos que marcam nossa sociedade, pois, alguns meninos se recusavam a dar as mãos aos colegas (do mesmo sexo), o que fez nós – professores – interrompermos a aula e explicar que alguns

preconceitos não deveriam existir e que dá a mão ao colega não iria mudar a sua opção sexual e que era, inclusive, falta de educação com seus próprios colegas. A interrupção surtiu efeito e todos reiniciaram as atividades como havíamos proposto.

Por fim, no jogo final, limitamos os chutes. Inicialmente, somente as meninas poderiam chutar e depois todos, mas, somente de perto, ou seja, dentro da área. Parávamos a aula sempre para provocar a reflexão dos alunos quando se joga coletivamente e ainda de mãos dadas, estimulando o pensar coletivo e não individual.

No final da aula, sentamos na quadra, em um grande círculo, ressaltamos a importância de pensar no colega como parte importante no jogo coletivo, pois, não há heróis. Eles são construídos pela sociedade e a mídia tem uma participação determinante nesta construção, principalmente no esporte. Além disso, alertamos que não adianta ter um artilheiro (herói) sem uma boa defesa, ou melhor, que todos têm uma importância no jogo e seria muito mais interessante por os colegas, principalmente, as colegas para participarem ativamente no jogo.

Reiteramos a importância de deixar os preconceitos de lado e principalmente evitar um posicionamento machista diante dos colegas. Finalizamos informando que continuaríamos com o futebol, na próxima aula, sendo que o jogo seria mais solto.

Neste dia também, houve filmagem de momentos da aula, pelo *Matrix*, que servirá de outro vídeo, intitulado “As Aulas de Educação Física”.

Alguns grupos que estão escrevendo sobre esportes radicais e de aventura, trilhas ecológicas etc, nos procurou para tirar dúvidas e aproveitamos para conscientizá-los que esta matéria iria para o Jornal nº 3.

Sentamos com o *Matrix* em nossa roda de conversa e antes mesmo de iniciarmos nossas discussões sobre o Jornal nº 3, batemos o martelo no Jornal nº 2 e encaminhamos para impressão. Foi unânime o reconhecimento que o jornal estava muito bem elaborado, rico de informações e com notícias importantes. Demos os parabéns ao Grupo *Matrix* reiterando o compromisso e cumplicidade que estabelecemos nesta construção. Todos do Grupo se sentiram importantes no processo, principalmente, quando viram materializadas suas construções.

Em seguida discutimos sobre o Jornal nº 3. Neste aspecto, o Grupo havia elaborado algumas perguntas - uma vez que iria entrevistar professores de Educação Física do Cemb - para serem aplicadas. Após leitura e discussão com o Grupo as perguntas ficaram: 1. O que é Educação Física para você?; 2. Como você trabalha a Educação Física?; 3. O que você acha do Cemb para as aulas de Educação Física?; 4. Quais pontos positivos e negativos que você considera para a Educação Física; 5. O que você considera que poderia melhorar?

Com isto, alertamos que antes mesmo de partirem para entrevistar seria necessário fazer um agendamento prévio com os referidos professores e também, que eles deveriam explicar o propósito da entrevista, que incluía expor sobre o Grupo *Matrix*, sobre o Jornal, etc, ou seja, que fizessem como foi a entrevista com o Diretor do Cemb. Por fim, explicamos que eles ficassem livres para fazerem outras questões que achassem necessárias.

12/11/2012 (Segunda-feira) – Fomos à escola com o intuito de entregar os jornais para distribuição. Logo na entrada da sala nos deparamos com alguns membros do *Matrix* e uma pergunta feita por MINERVA nos deixou admirados e espantados, mas, que fora interessante para abriremos uma discussão com o Grupo. MINERVA

perguntou: “E quando acabar as aulas o jornal acabará?” Respondemos que o sentido de todo esse processo que estamos realizando no Colégio sobre a produção consciente da mídia é para germinar, ou seja, estamos plantando uma semente para nascer e renascer sempre, pois, esta construção, tudo que estamos realizando é patrimônio deles e da escola. Assim, dependia deles para que ele continuasse ativo.

Neste sentido, aproveitamos o momento oportuno para reiterarmos a ideia dos multiplicadores, bem como, da semente que eles estão plantando e que isto, poderia ficar para sempre se o sentido fosse apreendido e repassado aos demais. Explicamos também, que mesmo alguns saindo da escola, poderiam participar de forma virtual, com e-mail, blog, pelas redes sociais, ou seja, o centro estaria na escola, mas, a construção poderia vir de vários lugares. O que era importante neste momento era repassar o conhecimento apreendido para outros alunos de forma que ficasse em permanente movimento, um devir constante. Dissemos que só dependia deles.

Foi neste instante que percebemos que a “ficha” começou a cair para alguns membros do Grupo, principalmente MINERVA. Eles começaram a entender nosso propósito na escola e a potência que estava sendo criada naquele processo. Este dia, apesar de ser um pequeno instante, foi muito bom no processo de aprendizagem em mídia-educação.

21/11/2012 (Quarta-feira) – Começaram os Jogos internos e o Coordenador do Cemb havia nos convidado a filmar alguns jogos. Com isto convidamos alguns membros do *Matrix* para realizar as filmagens, bem como, nós professores, realizávamos algumas filmagens.

Um fato marcante que nos chamou a atenção foi o boicote da maioria dos professores de Educação Física, pois, alegaram que não houve reunião para organizar o evento e que este estaria vindo de cima para baixo.

Filmamos a estréia da nossa turma - 9º ano “A” – no futebol. Foi um “desastre”, perderam de primeira, 4 a 1 e foram eliminados, era notória a tristeza dos jogadores, mas, que também foi motivo de muitas risadas. Aproveitamos a oportunidade para explicar que eles precisariam ser mais coletivos. Pois, no jogo, percebemos o quanto alguns queriam resolver o jogo sozinho o que foi determinante para sua derrocada. Reiteramos a ideia de pensar coletivo, neste momento do jogo.

A notícia boa foi que eles foram campeões no Handebol. Ficamos contentes, pois, quando apresentamos o Handebol e se constituiu em conteúdo nosso, os alunos recusavam a participar, foi preciso criar estratégias avaliativas (participação) para transmitir este conteúdo. Principalmente, por que os que mais se negavam eram justamente os que só queriam futebol e nos Jogos internos a participação nesta modalidade foi frustrante.

Neste dia, um professor de Educação Física do Cemb - Henry - nos falou que preferiria não dá entrevista e responderia digitando e entregando ao Grupo. Estava ele referindo-se às entrevistas que comporia o jornal. Com isso, os alunos haviam consultado ele para entrevistá-lo, agendando a hora, e que seria publicado no Jornal. Ele ficou um tanto receoso, disse, inclusive, que é um sujeito muito crítico e que as pessoas não gostam do que ele fala, portanto, prefere escrever. Aceitamos a proposta dele e respeitamos a posição do professor.

Neste aspecto, explicamos ao Professor os objetivos do Grupo *Matrix* e sobre o jornal que estamos construindo e que a ideia, naquele número do jornal, era

publicar sobre a Educação Física e que haveria um espaço para a visão dos professores sobre esta temática. Mas, também haveria seções sobre o esporte, os esportes radicais, esportes da natureza, trilhas etc. que estão sendo construídos pelos alunos. Mesmo assim, ele preferiu entregar digitado.

Cada dia na escola é uma realidade particular. Temos que estar sempre preparados para lidar com situações diversas e adversas. São problemas estruturais, materiais e principalmente, de relacionamentos. É constante, quase que todos os dias, termos que intervir nos problemas relacionais. Os alunos chegam com mau humor, raiva, chorando, etc. Todas as vezes nos aproximamos e tentamos mediar a situação, mas, quase sempre eles não se abrem. Neste dia uma aluna (membro do *Matrix*), estava muito nervosa e abalada. Perguntamos se havia algum problema com ela. Ela respondeu em tom choroso: “É melhor deixar quieto!”. Insistimos que ela não deveria ficar assim, então, respondeu em tom bravo: “Isto porque não é seu namorado que está ameaçado de morte [...], ameaçado de invadir sua casa para matá-lo”.

Ficamos abalados também com este fato, pois, até o momento, não havíamos passado por uma situação parecida. Mesmo assim, demos apoio, perguntamos a ela se não seria melhor conversar com outras pessoas, levar o caso as autoridades, mas ela preferiu que ficássemos em silêncio. Respeitamos a decisão dela, principalmente, por que na cidade de Itabaiana a violência é uma questão preocupante e dissemos que estaríamos a disposição caso ela precisasse.

Fomos embora neste dia com um nó na garganta, com uma sensação de impotência. Ficamos atados sem poder fazer nada. Principalmente, por que era uma integrante do *Matrix*, que vem se dedicando bastante ao Grupo, que está sendo solidária em vários aspectos ao Grupo e agora, não pudemos fazer nada, só o carinho, o apoio.

Chegamos a falar com o Coordenador, mas, pedimos que ele mantivesse segredo em respeito à solicitação da aluna. Ele disse que vê isto constantemente e já pensou em formalizar um projeto (mas, ainda não teve tempo), junto ao governo federal - tipo o Projeto Ética e Cidadania – para conhecer mais de perto estes problemas, pois, segundo ele, não é só isso, há a questão das drogas, violência entre outros acontecendo no interior da escola. Explicou ainda, que se nós precisássemos de alguma ajuda poderia contar com ele.

Ficamos agradecidos, mas, dissemos que iríamos esperar pela posição da aluna.

22/11/2012 – Fomos para sala de vídeo para continuar exibindo o filme 127 horas do ponto de onde parou. No final abrimos para perguntas e um aluno perguntou por que o protagonista do filme, quando estava preso à rocha, furava o braço. Explicamos que aquela parte do braço não estava sendo irrigado pelo sangue, por isso ele fez um torniquete e também ia liberando o sangue aos pouco para não perder o braço todo ou gerar uma gangrena em que apodrece o tecido e há proliferação de bactérias e, neste caso do filme, ele estava tentando evitar isto. Perguntamos se eles conheciam tanto a gangrena quanto o torniquete e a resposta foi negativa, assim, passamos a explicar um pouco sobre estes termos.

Os alunos ficaram de olhos arregalados e atentos (caso raríssimo na turma) para as cenas do filme e da explicação. Como a cidade de Itabaiana é propícia para este tipo de aventura, pois, possuem trilhas, rios, serras e acontecem principalmente nos fim de semana muitas atividades desse gênero. Aproveitamos para orientar os alunos de quando sair para uma atividade semelhante a do filme precaver-se e também, principalmente, avisar para onde está indo.

Alguns alunos entregaram o trabalho sobre esportes radicais, ficamos satisfeitos com isto, pois, havíamos dito que eles não precisariam entregar somente os que quisessem. Isto deu ânimo ao processo de autonomia que estávamos propondo e também refletiu no compromisso com nossa proposta que estamos semeando.

Outros grupos tiraram dúvidas, pois, queriam colocar somente o que pesquisaram literalmente e não era bem assim que se tratava a tarefa. Explicamos, mais uma vez, que eles deveriam por também, além da pesquisa realizada, a visão deles sobre aqueles esportes, como poderia ser nas aulas de Educação Física e também, como poderia ser no Cemb, assim, completaria a atividade. Eles compreenderam melhor a atividade solicitada e ficaram de entregar na próxima semana.

No tocante às entrevistas, que estão sendo realizadas pelos integrantes do *Matrix*, para o Jornal nº 3, percebemos que estão provocando certo estranhamento por parte de alguns professores e até medo em se expor. Com este fato evidente, explicamos aos alunos que não era para “forçar a barra” e aqueles professores que não quiserem participar do processo, eles poderiam deixar de lado.

Mais uma vez conversamos com uma aluna do Grupo *Matrix* – HELENA - sobre como ela estava se sentindo em relação ao problema com o namorado. Ela nos informou que estava tudo bem. Ficamos mais tranquilos e refletimos como um pequeno gesto, somente de atenção e carinho já mudou o olhar dessa aluna para conosco. Ela é uma pessoa fechada, de poucas palavras e com “cara de poucos amigos”, mas, bastou um pouco de atenção, de se preocupar com o problema dela, mesmo sem poder resolver, para aproximar-nos mais ainda. Ficamos contentes tanto pelo problema dela ter passado e também por ficar mais forte e cúmplice nossa amizade.

Por fim, avisamos a turma que nosso próximo encontro seria na quadra e continuaríamos com o aprendizado do futebol.

29/11/2012 – Fomos para quadra e demos sequência ao futebol. Trabalhamos com a ideia do chute, recepção e passes. Propomos que sempre passasse a bola para as meninas chutarem. Isto foi motivador, pois, havia sempre um monopólio dos meninos com ânsia de fazer gols. Então, nas atividades de passe, recepção e chute, este era realizado por uma menina e, ocasionalmente, um menino fazia o chute final.

No jogo final, continuamos modificamos a regra e só era validado o gol quando realizado por uma menina, para que elas tivessem mais oportunidades para chutar e permanecer com a bola.

Outra estratégia para evitar acidentes entre eles e evitar contatos mais fortes, quando de posse da bola, nenhum aluno poderia tomá-la, evitando assim as faltas. Vale ressaltar que os meninos foram solidários e percebemos então, que eles precisam ser provocados para pensar no colega como parte integrante das atividades.

Percebemos que os alunos quando estimulados a pensar no outro, como foi no jogo, eles perdem um pouco a visão individualista e, principalmente, dominadora de que só os meninos podem jogar bola. No final da aula abrimos para um jogo normal em que não mais estariam aquelas regras e o processo solidário continuou. Isto só ratificou nosso objetivo.

É importante ressaltar que, a cada aula, deixamos disponíveis os equipamentos (filmadora e máquina fotográfica) para que façam os registros, as filmagens, mas, que esta ação seja bem livre, fruto da autonomia deles.

Iniciamos a roda de conversa com o *Matrix*, discutimos sobre a transcrição das entrevistas, uma vez que o computador continua sendo um problema. Reiteramos

a ideia do uso da sala de informática, mas, eles não toparam por considerar que é sempre um problema e, segundo eles, a sala está sempre fechada.

O Grupo esclareceu que apenas duas entrevistas precisariam ser transcritas, pois, os outros professores enviaram digitalizados via e-mail. Então, fomos solidários com o Grupo e estas entrevistas foram passadas para nós (professores) e a transcrevemos. Como uma entrevista, por conta do próprio professor, ficou muito grande, foi preciso enxugar as respostas para caber no jornal. Este trabalho foi delicado e minucioso, pois, não queríamos mexer no sentido que as respostas estavam em respeito ao professor entrevistado.

Nossa reflexão foi que o Jornal nº 3 estava quase completo, precisando apenas de ajustes finais e da escolha das fotos, pois, já tínhamos as entrevistas, as matérias dos grupos sobre esportes radicais e etc., agora, era só fechar. Por fim, ressaltamos que eles – *Matrix* – de vez em quando entrem no e-mail do Grupo para ver se há alguma mensagem.

06/12/2012 – Antes de irmos para quadra, exibimos um filme documentário sobre Nicholas James Vujicic. A ideia era chocar os alunos uma vez que durante as aulas práticas na quadra, há sempre alguns alunos que alegam motivos para participar.

Nick Vujicic, como é chamado nasceu em 4 de dezembro de 1982 em Melbourne, na Austrália e tornou-se um pregador e palestrante motivacional. Nascido sem pernas e braços devido a rara síndrome Tetra-amelia, Vujicic viveu uma vida de dificuldades e privações ao longo de sua infância. No entanto, ele conseguiu superar essas dificuldades. Aos dezessete anos, iniciou sua própria organização sem fins lucrativos chamada Life Without Limbs (em português: Vida sem Membros), na qual é Diretor. Depois da escola, Vujicic frequentou a faculdade e se formou com uma bidiplomação (Contabilidade e Planejamento Financeiro).

Deste ponto em diante, ele começou suas viagens como um palestrante motivacional e sua vida atraiu mais e mais a cobertura da mídia de massa. Atualmente, ele dá palestras regularmente sobre vários assuntos tais como a deficiência, a esperança e o sentido da vida.

Explicamos aos alunos que buscamos as informações sobre ele na seguinte fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Nick_Vujicic. Acesso em 05/12/2012.

Os alunos ficaram boquiabertos, nunca tinham visto algo daquela natureza. Eles viram um sujeito sem braços e pernas, jogando futebol, nadando, mergulhando, surfando, fazendo saltos ornamentais, jogando Cricket entre outros. Explicamos a eles que às vezes, temos tudo – capacidade física, escola com estrutura física, material disponível (bolas e etc) e até pessoas para orientar – mas, nos negamos a fazer (referindo-se a prática de Ed. Física) e outras pessoas - como o Nick Vujicic - não têm, mas, tem um desejo imenso de realizá-las.

Neste dia, coincidência ou não, todos os alunos participaram da prática, até aqueles que nunca praticavam e sempre arrumava uma desculpa. Olhamos entre si (professores) e sem precisar falar nada, balançamos a cabeça com ar de surpresa ao ver todos participando da aula.

Hoje, fecharíamos o ciclo do futebol, mas, por conta da mostra do vídeo atrasamos o início da aula na quadra. Começamos com atividades de passe, recepção e chute ao gol. Depois, realizamos um pequeno jogo em que só poderia passa e recepcionar para o chute. Quando o aluno estava com a bola não poderia ser tomada, apenas poderia ficar na frente atrapalhando sua visão, mas não tocá-lo. Com isto, queríamos garantir que todos, principalmente as meninas, jogassem, sem se preocupar que os outros iriam tomar a bola.

Além desse aspecto, quando uma equipe perdia bola, deveria voltar imediatamente para sua área, não poderia interceptar o jogador (contrário) no retorno. Com isto também, evitamos os choques e o contato excessivo. As meninas gostaram, pois, sempre eram as que chutavam ao gol. Percebemos que os meninos, os “peladeiros” ficavam ansiosos para chutar, mas, compreendiam também, que não era o momento deles. Neste sentido, agradecemos a colaboração deles e dissemos que era importante colocar as meninas e outros mais que têm medo de jogar para participar de forma plena e era esta nossa intenção. No final abrimos para o jogo normal e também para quem quisesse jogar queimado.

Em nossa roda de conversa, realizamos também uma reunião antecipada com o Grupo *Matrix* para fecharmos o jornal. Como já estava no final da aula e eles precisariam ir embora para pegar os ônibus, acordamos que cada um levaria uma cópia do jornal para casa e passaria um “pente fino” em todo texto e depois traria no próximo encontro com as sugestões e ajustes.

No final deste encontro, nós professores, fizemos uma reflexão no sentido de que estamos no mês de dezembro, que habitualmente marca o fim do ano letivo, no entanto, este ano deveria ser diferente devido aos sessenta dias de greve, além das férias do meio do ano. A previsão do encerramento seria para fevereiro, mas, a realidade é outra. São poucos professores que cumprem rigorosamente a sua jornada e o ano letivo foi encurtado para quatro meses. Sem exageros a escola já apresenta sinais de fim de ano, com poucas aulas, os alunos indo embora, um quadro lamentável.

13/12/2012 – Começamos a aula realizando uma revisão de todo o processo avaliativo. Explicando sobre as notas até então adquiridas pelos alunos e falamos também, sobre a última avaliação. Explicamos que existiam ainda pessoas com notas baixas e provavelmente iriam ficar em recuperação. Deixamos claro, e os alunos compreenderam também, que se tratava de um processo e aqueles que estavam em situação ruim em notas, era por que se recusaram estritamente a participar das atividades, das aulas, das tarefas, enfim, do processo.

Aproveitamos para parabenizar e agradecer a todos os alunos que contribuíram na construção do jornal, principalmente, aqueles que voluntariamente compunham as matérias e ajudavam ao *Matrix* organizar a edição.

Neste sentido, explicamos que o jornal número 4 estaria a cargo do pessoal do *Matrix*, principalmente CALYPSO, HELENA e ULISSES. Com isso, avisamos para aqueles que quisessem continuar a elaborar matérias que conversassem com esses alunos. Explicamos ainda que este número não haveria nenhuma participação nossa - Professores - portanto, ficaria aberto para eles continuar o movimento.

Na quadra foi outro dia de participação geral dos alunos. Entendemos também, que a estratégia de articular uma nota participativa funciona melhor para as dinâmicas práticas na aula.

Com isto, retomamos o futebol, primeiro com atividades básicas como passar, receber, passar de novo, isto em círculo, em duplas, trios. Também o famigerado “bestinha”, só que com um adendo: só poderia topar na bola uma vez. A partir daí, realizamos atividades específicas como em duplas passar e receber e chutar ao gol. Após estas atividades retomamos o jogo de mãos dadas para que os alunos reflitam sempre que o processo do jogo é coletivo e que é importante estar pensando no colega, pois, deslocar, chutar, defender junto ao colega exige um

pensar coletivo, um pensar no outro. Após esta etapa, deixamos mais livres para o jogo propriamente dito.

No final, abrimos para a prática do vôlei, futebol e queimado, mas, os alunos escolheram dividir a quadra em dois espaços no qual ficou o futebol de um lado e o queimado do outro.

Explicamos aos alunos que a ideia, conforme nosso planejamento era fechar o processo com Basquetebol, mas, devido a situação em que se encontravam as tabelas, ficava preocupante, pois, elas estavam encostadas e sem condições de uso, causando perigo caso viesse a cair. Inclusive, nos Jogos Internos, as partidas de Basquetebol foram realizadas em outra escola. Então, propomos a eles que fecharíamos o processo fazendo um torneio com as quatro modalidades que foram tematizadas durante o ano letivo (futebol, voleibol, handebol e queimado).

A princípio, eles gostaram da ideia e ficaram entusiasmados. Então, resolvemos formar equipes mistas como meninas e meninos.

18/12/2012 (Terça-feira) – Fomos à escola com o propósito de distribuirmos o Jornal Nº 3 e ao chegarmos no Colégio um fato importante nos chamou a atenção. Uma aluna – do grupo *Matrix* – CALYPSO, nos informou que a Professora de Literatura queria conversar conosco sobre o Jornal *Matrix*.

Ficamos curiosos e apreensivos e imediatamente, fomos até a sala onde estava ministrando aula e nos apresentamos. Como não queríamos atrapalhar a aula, agendamos para conversar no dia 20/12.

A princípio, ela ficara curiosa sobre a criação do Jornal e queria saber o que motivara aquela construção. Esta inquietação da professora também nos deixou entusiasmados, não víamos o momento de estabelecer contato imediato, pois, tínhamos atingido de certa forma, o público – professor – escolar.

Este foi um fato importante, pois, estávamos sempre questionando até que ponto o Jornal estava conseguindo entrar no ambiente escolar. Saímos da escola com a vontade que passasse logo os dias para poder conversar com a Professora.

20/12/2012 – Chegamos à escola e antes mesmo de iniciarmos o contato com a turma, fomos conversar com a professora Edriana de Literatura e Português. Ela nos indagou como surgira aquela ideia do Jornal *Matrix* e ficou curiosa por que já existe um jornal no Cemb que é o do Grêmio e também por que fez uma Especialização à Distância pela PUC-SP na área de Comunicação na qual uma das tarefas no curso, era a possibilidade de construção de um jornal.

Explicamos então, que se tratava de uma pesquisa Doutorado e que a ideia era desenvolver a perspectiva de mídia-educação com os alunos a partir da Ed. Física e que esta construção se desse de forma autônoma e responsável.

Ela explicou que a chamou a atenção dela foi o fato de conhecer a turma e justamente ser esta com muitas dificuldades em escrever e quando viu o Jornal *Matrix* ficou surpresa.

Com isto, ressaltamos que todo processo dá-se com a construção das matérias, depois, fazemos a leitura e releitura, passamos um “pente fino” e que os erros grotescos da língua portuguesa, são corrigidos antes que o jornal saia em sua versão final. Explicamos ainda que existe um Grupo, justamente o *Matrix*, que fica responsável por fazer o papel de editores.

A criação do Grupo partiu de nossas observações dos alunos, aqueles que demonstravam ter afinidade ou interesse com a discussão ia se incorporando e convidando outros. Ou seja, a ideia de *Matrix* é só uma alusão ao filme, mas, que

esta criação se materializasse em um lugar propício para a educação germinar e florescer.

Neste aspecto, a Professora de Literatura disse que agora estava entendendo melhor e que ficou feliz com isso, desejando boa sorte a todos nós e que isto possa gerar muitos frutos. Pois, considera que não é fácil lidar com esta faixa etária, pois, há muitas brigas, ciúmes, problemas de relacionamentos etc. Dissemos que estamos convivendo com isso o tempo todo e que já fizemos várias reorganizações para que isto não perturbe de vez o grupo, inclusive com a saída de alguns membros.

Conversamos também, sobre o ano letivo que fora muito conturbado, paralisações, feriados, greve, férias, entre outras e isso tudo cansou alunos e professores e agora na reta final, quase não conseguimos motivar os alunos. Ela ressaltou que está sofrendo com isto também, pois, a impressão que paira no ar é que estão condensando o ano letivo em um semestre e isto prejudica o aprendizado dos alunos.

Concordamos com esta questão e explicamos que não produzimos mais, pois, pensávamos também na criação de um blog ou de uma página, mas não foi possível, por contas desses obstáculos. Por fim, convidamos a professora para fazer parte das entrevistas que iremos realizar e ela aceitou prontamente. Pegamos os contatos necessários, dissemos que deixaríamos para o início do próximo ano letivo e que agendaríamos com ela.

Na quadra, apresentamos e distribuimos a tabela dos jogos de nossa turma e mostramos aos alunos como ficaram os grupos, pois, redefinimos todos para que não ficasse um grupo mais forte que outro. Assim, a partir deste dia já começaríamos, e terminaríamos dia 10 de janeiro, mas, eles alegaram que alguns grupos estavam incompletos, pois, muitos alunos não vieram. Então, deixamos para começar na próxima aula prática.

Alguns alunos também queriam sair de seus grupos, pois, considerou que ficaram fracos com a nova reorganização. Explicamos que o principal era participar das atividades.

Por fim, como não iniciariamos os jogos da turma, dividimos os alunos em pequenos grupos de interesse e realizamos jogos de futebol, voleibol e queimado. Estamos numa fase de concretização das modalidades esportivas através dos jogos e isto fecharia nossa programação.

Na roda de conversa com o *Matrix* falamos que iríamos agendar umas entrevistas com eles e que estas não tinham mais a ver com suas tarefas e sim, era uma necessidade da pesquisa e que eles iriam nos ajudar. Explicamos que deixaríamos o ano letivo acabar, pois, sabíamos que estavam sobrecarregados com as tarefas de fim de ano e depois, entraríamos em contato.

27/12/2012 – Neste dia, reservamos a sala de vídeo e informamos aos alunos que a aula seria lá. Pois, precisávamos rever todas as notas uma vez que a Secretaria do Cemb informara que havia invertido as notas dos alunos e inclusive, já havia alunos reprovados. No entanto, esta informação não era verdadeira, foi criada por nós – professores – e tratava-se de uma confraternização surpresa com a turma.

Eles chegaram apreensivos, mas, logo foram mudando o aspecto facial e descontraído. Assim que todos chegaram, abrimos os armários tiramos salgadinhos, doces e refrigerantes. Dissemos que aquele encontro representava nossa confraternização de natal e ano novo.

Percebemos que muitos alunos ficaram emocionados e alguns até choraram com a surpresa. Com isso, desejamos um bom ano novo a todos.

Este foi um dia calmo e observando os alunos, percebemos que alguns ficavam envergonhados em pegar um salgado, um doce, então saímos servindo a cada um com a maior satisfação que poderíamos ter. Não dissemos mais nada, mas, fizemos o possível para abraçar cada um e desejar um bom ano novo.

Nossa reflexão foi que precisávamos deste momento por tudo que foi realizado durante o ano. Além disso, foi um momento de abraçar cada aluno, de comemorar e agradecer tudo que fora construído. Neste aspecto, percebemos a aproximação de alunos que sempre se esquivavam e também, pairava sobre o ambiente um momento de paz e tranqüilidade e olhar dos alunos para conosco era de anuência e cumplicidade.

03/01/2013 – Retomamos as aulas no novo ano, mas, nem parecia que houve uma mudança, ou seja, que já estávamos em 2013, pois, o ritmo do trabalho, principalmente no mês de dezembro em que os alunos foram envolvidos em muitas atividades foi intenso. Percebemos mais ainda que a nossa confraternização fora necessária, pois, foi um momento para nos abraçarmos, esvaziar as obrigações, olhar entre si, sem o compromisso de colocar tarefas ou exigir trabalhos e isto nos deixou mais leves e também mais cúmplices uns com os outros.

Fomos para quadra e distribuimos os alunos de acordo com os interesses. Pois, não mais iríamos realizar o torneio por vários motivos entre os quais os alunos estavam envolvidos nas obrigações com outras matérias, principalmente, na preparação de uma peça de teatro que fora elaborada pela Professora de Literatura. Com isso, houve o jogo de vôlei, futebol e queimado.

Percebemos que no início do ano letivo, alguns meninos também participavam do queimado, mas, na reta final, quando deixamos livres para escolher, esta modalidade era praticada somente pelas meninas e o futebol, na contrapartida, também envolve o corpo discente masculino. A prática do Vôlei é a que consegue mesclar e equilibrar a relação com ambos os sexos.

Os alunos do Grupo *Matrix* ressaltaram que estão muito atarefados, mas, que darão conta do Jornal nº 4 e solicitaram o arquivo de fotos que eles haviam tirados durante o ano. Ficamos contentes que eles estivessem pensando na construção do Jornal, pois, neste número, era crucial, que não houvesse nenhuma intervenção nossa.

No final, reforçamos o aviso para quem quisesse contribuir com o Jornal, procurassem os integrantes do *Matrix*.

10/01/2013 – Havia poucos alunos para aula (precisamente 9 – nove). A alegação era que a maioria fora ver uma apresentação de teatro, pois, estava ocorrendo no Colégio a Semana de Literatura. Então, dispensamos os alunos, pois, eles queriam ensaiar sua peça de teatro, uma vez que no próximo dia 17/01 estava marcado para a apresentação da turma e achamos importante que eles se preparassem. Comprometemo-nos a filmar a apresentação de teatro da turma no próximo encontro. Mesmo assim, um pequeno grupo de alunos – os “boleiros” – ficaram na quadra conosco e deixamos livres para a prática do futebol.

Aproveitamos o momento para fazer uma reflexão avaliativa do ano e acreditamos termos atingido nossos objetivos. Mais do que criarmos um jornal, ou mesmo, de tematizar conteúdos no âmbito dos esportes, os alunos - principalmente do Grupo

Matrix - descobriram o sentido da autonomia, descobriram o papel da mídia, descobriram que podem ser construtores e não só receptores da mídia.

Esta reflexão nos deixou contentes, pois, quando iniciamos o processo não imaginávamos que provocaríamos tanto a percepção dos alunos no tocante à mídia e a sociedade de modo geral. Para além dos conteúdos, estamos formando sujeitos – com responsabilidade – para viver em nossa sociedade de modo que possam ser críticos e atuantes.

17/01/2013 – Neste dia estava marcado para apresentação da turma no teatro da escola que faz parte da Semana Literária que o Cemb realiza todos os anos e é organizada pela professora de Literatura/Português. Desta vez ficamos – professores – de cobrir a apresentação, ou seja, filmar todo o processo. Neste sentido, filmamos os bastidores, a preparação dos alunos para apresentação. Alguns ensaiavam os detalhes de sua fala, outros ajustavam o figurino, os cabelos etc. Percebemos que os alunos estavam “eufóricos” e também, muito nervosos e não era para menos, pois, o teatro estava repleto de pessoas entre alunos – de várias turmas – professores, convidados, coordenadores, o Diretor entre tantos.

Havia apresentação de outras turmas, exibição de filmes e depois, também, houve homenagem aos professores, técnicos, alunos entre outros. Tudo isso, fez o tempo “voar” e foi combinado, pela Professora de Literatura, que a 8ª Série “A” – 9º ano - ficaria para o dia 18. Percebemos uma decepção por parte de alguns alunos, pois, haviam ensaiado bastante, mas, também, alívio de alguns que nem esperaram uma segunda ordem e foram imediatamente embora. Entregamos a câmera a um membro do *Matrix* – MINERVA – para fazer as filmagens no dia seguinte, uma vez que nós não estaríamos presentes. Algo que foi lamentável, pois, seria um momento ímpar, mas, tínhamos outros compromissos. Isto ocorreu devido ao volume de atividades que ficaram para o final do ano letivo e findaram que foram concentradas muitas apresentações, homenagens etc, tudo no mesmo dia.

Alguns alunos – Grupo *Matrix* – passavam por nós e diziam que estão terminando o Jornal e disseram: “Este será o melhor jornal de todos”. Ficamos felizes com esta notícia, pois, já no final do ano letivo, os alunos já aprovados nas matérias, sem as aulas práticas e eles ainda mantendo o compromisso em elaborar o Jornal, isto mostra o compromisso que assumiram e também a cumplicidade no processo. Esta informação nos deixou radiantes, pois, esperávamos que o processo de aprendizado em mídia-educação mantivesse um devir constante.

Este dia fora importante também por que concretizamos dois agendamentos para nossas entrevistas: O primeiro foi da professora de Literatura que em pleno “corre-corre”, ajustando as entradas dos alunos no teatro, organizando os bastidores, organizando também o cerimonial, além de, vez em quando, parar para fazer algumas falas diante da platéia, explicando uma coisa ou outra e, neste vai e vem, em certo momento, paramos para conversar. Antes de começarmos a conversar demos os parabéns a ela pelo trabalho realizado e dissemos que tudo, mesmo com a correria, estava muito bonito, pelo fato de ter feito com amor à educação, à formação dos alunos.

Neste sentido, fizemos o convite à Professora para fazer parte de nossas entrevistas, a qual aceitou prontamente. Esta professora possui uma diferenciação em relação às demais, pois, estimula a relação com a mídia (construção de jornal e produção de vídeos) entre os alunos.

O Segundo agendamento fora com o estudante Wmarques. Ele havia sido Presidente do Grêmio e estava deixando o mandato neste ano. Configura-se com

um sujeito importante para nossa pesquisa, pois, foi um dos idealizadores do Jornal do Grêmio do Cemb.

Fizemos nossa apresentação e conversamos rapidamente em que informamos do que se tratava nossa pesquisa e quais eram nossos objetivos. Ele fora bem educado conosco e nos disse que estava muito curioso em conhecer sobre o *Matrix*, pois já havia lido e gostou do jornal. Com isso, agendamos para dia 06 de fevereiro nossa conversa.

06/02/2013 – Chegamos ao Cemb com o propósito de conversamos com o Wmarques – ex-presidente do Grêmio Escolar – o qual fora o idealizador do jornal desta entidade. Apesar de conceder colocar o nome na íntegra na entrevista, optamos modificá-lo e manter sua privacidade.

O Cemb estava bem vazio. Os pouquíssimos alunos que lá estavam eram os que ainda precisavam fazer avaliações de recuperação, ou mesmo, alguma turma que estava repondo aulas. Encontramo-nos no corredor e ele sugeriu que fôssemos para sala do Grêmio. Lá explicamos o propósito da pesquisa que estava sendo realizada e sobre a ideia de mídia-educação que perpassa, na pesquisa, tendo como “pano de fundo” as aulas de Educação Física. Neste aspecto, como foi construído um jornal pela 8ª Série A, ficamos interessados em ouvir o pessoal do Grêmio já que existe também um jornal.

Com isso, perguntamos como surgiu a ideia de construir o jornal do Grêmio. Ele explicou que trouxera a ideia de outra escola (municipal) na qual uma professora (Nivalda) realizou uma experiência em educomunicação (exatamente assim ele chamou a experiência que apesar da nomenclatura coincide com o que chamamos de mídia-educação).

Com isso, quando veio para o Cemb trouxe esta experiência de lá. Então, ele elaborou um projeto para o Grêmio e hoje o jornal encontra-se na 14ª edição. Ele disse que a ideia era que “os alunos fossem protagonistas desta construção”. Explicou que o jornal é bem diversificado com várias seções.

Questionamos o que representa o Jornal para ele, para os alunos e para a escola e se há represálias, censura na construção. Wmarques explicou que já sofreu algumas críticas, mas, não represálias, disse que os alunos têm autonomia para a construção, são livres, mas, que não fazem uma crítica destrutiva, pessoal, dura. Por exemplo, eles abordam a questão do atraso da reforma da escola, fala sobre a greve dos professores e outros assuntos, mas, sem ofender pessoalmente ninguém. Neste aspecto, perguntamos se isto não representa uma forma de poder nas mãos, pois, finda o jornal tendo uma voz ativa. Ele disse que nunca havia pensado por este aspecto, mas, observando melhor, disse se tratar de um poder sim.

Questionamos se ele tinha conhecimento do *Matrix*. Ele falou que estava muito curioso para saber do jornal quando viu pela primeira vez, pois, já havia lido três números e queria saber como surgiu, o qual considerou “muito bom”, só sugeriu que não ficasse restrito à Educação Física.

Explicamos que o propósito naquele momento da construção do *Matrix* estava vinculado à Educação Física, dentro de um projeto maior de educação. Este enquadramento tinha a ver também com a pesquisa que estava sendo realizada, mas, que isto se constituía num primeiro passo e que o objetivo maior seria que os alunos “voassem” e não se limitasse à Educação Física. Ou seja, o importante para a pesquisa e o processo de intervenção era deixar claro que eles podem ter um instrumento nas mãos, assim como a internet, *You tube*, *Facebook* e tantos outros, com um potencial criativo enorme.

No final do encontro Wmarques entregou-nos o projeto da construção do jornal e também a última edição publicada. Ficamos honrados e agradecemos por nos atender neste encontro.

O Colégio estava quase vazio, pois, a maioria dos professores já havia encerrado as aulas. A professora de Educação Física explicou que havia algumas pendências, como recuperação, alunos com falta etc e que, portanto, ainda viria depois do carnaval, mas, que não tinha nada a ver com a 8ª Série “A” e aproveitaria este intervalo para fechar as cadernetas. Então, combinamos de nos encontrar no dia 14 de fevereiro – pós carnaval – para conversarmos sobre o processo, ou seja, seria nossa primeira entrevista e que ela seria a entrevistada.

21/02/2013 – Este dia foi marcado para realizarmos a entrevista com a Professora de Educação Física. Havíamos combinado nos encontrarmos no Colégio no dia 14, mas, devido ao feriado de carnaval e alguns contratempo particulares, alteramos para esta data a realização de nossa a conversa. A Escola estava vazia e somente um ou outro professor se encontrava

Fomos informados que a tão sonhada reforma estrutura do Colégio iria sair finalmente. Faltava apenas assinar alguns termos com as empresas que farão a construção, mas, a previsão para o início das obras será para julho ou agosto de 2013.

Nossa conversa foi tranqüila e harmoniosa. Fizemos inicialmente uma avaliação do processo de ensino e das interlocuções com a mídia e concordamos que nossos objetivos foram alcançados. O ponto forte desse encontro foi saber que a Professora pretende continuar com as atividades em Mídia-educação para o próximo ano letivo. Ficamos satisfeitos com a informação nos disponibilizamos para ajudar no que for preciso.

10/04/2013 – Neste dia voltamos ao campo – CEMB – para realizar uma entrevista. O Colégio estava repleto de alunos, pois, estava na primeira semana do ano letivo de 2013.

Nossa entrevistada era CALYPSO integrante do Grupo *Matrix*. Nosso encontro foi na sala de aula referente ao 1º Ano do Ensino Médio. A primeira surpresa foi perceber que quase todos os alunos da 8ª Série “A”, com exceção de Pay, MINERVA e ULISSES, estavam nesta turma e foi emocionante revê-los todos, abraçá-lo, cumprimentá-los.

A outra surpresa foi saber que ela – CALYPSO – tem pretensão de continuar o Jornal e que segundo ela mesma, se outras pessoas ajudarem ela topará continuar com a experiência. Esta notícia foi importante, pois, ratifica nossa estada no campo com a cumplicidade de seus atores sociais.

A entrevista transcorreu tranqüila, como um bate papo e fizemos o registro que teve a colega HELENA nos ajudando nas filmagens. Aproveitamos também para agendar a entrevista com VANO, VANM e JOFÁ.

17/04/2013 – Voltamos ao CEMB e fomos até a sala de aula do 1º Ano do ensino Médio conversar com VANO, VANM e JOFÁ. Elas estavam no fundo da sala e solicitou que fizessemos a entrevista com as três juntas.

Um fato importante destas alunas foi que elas também pretendem continuar com a experiência em mídia e na construção do Jornal e se disponibilizaram a ajudar no que for preciso. Este fato foi importante por que elas não eram membros do Grupo *Matrix*, mas, ajudaram durante todo ano letivo de 2012.

Foi importante este encontro, pois, pudemos ouvir mais de perto o entendimento delas sobre mídia, sobre a experiência do Jornal *Matrix* e também sobre os planos futuros.

Neste dia, agendamos com outros alunos e também com o Coordenador para conversarmos.

02/05/2013 – Mais uma vez estávamos no CEMB para realizar as entrevistas. Neste dia iniciamos às 13:00h com ULISSES, pois, o mesmo, este ano, está trabalhando integralmente e este era um horário flexível – do almoço – para conversarmos.

A notícia que nos deixou triste foi saber que ele havia abandonado os estudos para trabalhar e também está pretendendo casar. Ele é uma excelente pessoa, um bom aluno e no Grupo foi um dos que mais nos ajudou no tocante as ideias a serem construídas.

Depois conversamos com GIRL, a qual havia solicitado as perguntas antecipadamente para responder primeiro. Apesar de estarmos descontraídos a relação com a entrevista foi numa relação pergunta e resposta, inclusive nos entregou o que havia escrito

Tanto ULISSES, quanto HELENA, disseram que gostaria de continuar com a experiência em mídia, principalmente o Jornal. O ULISSES inclusive fez um apelo para que o grupo não parasse, pois, foi uma construção nunca realizada até hoje com eles na escola. Já a HELENA relatou que ajudaria, mas, se outros ajudassem.

Aproveitamos a visita e também conversamos com o Coordenador do CEMB, o qual nos atendeu cordialmente em sua sala. Ele falou de suas experiências – mesmo sem o entendimento necessário – em mídia e também nos parabenizou pelo trabalho realizado. Disse ainda que o CEMB precisa de mais experiências com esta e que as portas estarão sempre abertas para nós.

15/05/2013 – Neste dia, a ideia era fechar o ciclo das entrevistas com HERMES e MINERVA. Então, voltamos ao campo e realizamos nossa conversa com estes dois membros do *Matrix* em horários distintos, uma vez que MINERVA está pela manhã e HERMES à tarde, mas, na quarta-feira MINERVA tem aulas pela manhã e tarde. Com isso, fechamos com HERMES no intervalo 15:30h e MINERVA às 16:00h.

A primeira informação que soubemos e que se constituiu um fato muito importante para a pesquisa, foi saber que o Jornal está em andamento. Já existem grupos pesquisando e formulando as matérias. Isto nos deixou eufóricos, pois, saber que a semente havia sido plantada e que toda a construção realizada não iria acabar e sim, continuar era nossa maior conquista.

03/06/2013 a 13/06/2013 – greve geral dos professores da Rede de Ensino Estadual.

16/08/2013 – Fomos ao CEMB instigados pela informação que veiculou na mídia de que o Colégio Murilo Braga entraria em reformas e ampliação. Neste sentido, percebemos que quase todo CEMB está em reformas. As salas de aula foram deslocadas para outros locais como Biblioteca, Sala de Vídeo, Memorial etc.. O acesso principal dos alunos foi fechado e algumas Alas foram isoladas. Ouvimos muitas reclamações, mas, há uma concordância de que era necessária a reforma.

APÊNDICE II - ENTREVISTAS

Neste apêndice encontram-se as entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa. Neste sentido, os sujeitos foram escolhidos a partir de nossas observações no decorrer do processo de intervenção no ano letivo que demonstraram compromisso ou interesse pela temática que, direta ou indiretamente, “tocou” a relação Educação Física, Mídia e Formação.

Assim, compartilham com o processo os integrantes do Grupo *Matrix*; Alguns alunos da 8ª Série “A” – 9º Ano – que foram significativos na construção, análise e produção da mídia; Um Coordenador em Educação do Cemb que atuou mais próximo dos alunos, bem como, abriu espaços do Colégio para o Grupo *Matrix*, para Professores e para os Pesquisadores; A Professora de Literatura do Cemb que estabeleceu nexos conosco ao desenvolver trabalhos com a mídia; seja na construção do jornal do Grêmio; seja na programação da rádio do Cemb; seja na produção de vídeo. Por fim, a Professora de Educação Física que estabeleceu uma parceria na construção da pesquisa mantendo uma cumplicidade no processo de formação em mídia-educação dos alunos.

Portanto, são seis entrevistas com membros do Grupo *Matrix* (ATHENA, CALYPSO, ULISSES, GIRL, HERMES e MINERVA,); Três alunos da 8ª série “A” (VANO, VANM, JOFÁ); Uma com a professora de literatura (PL); Um Coordenador (CO) e uma Professora de Educação Física (PEF). Neste aspecto, utilizaremos “SER” para identificar o entrevistador.

ENTREVISTA COM “PEF” – PROFESSORA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

21/02/2013 – Havíamos combinado nos encontrarmos no Colégio no dia 14, mas, devido ao feriado de carnaval e alguns contratempo particulares, alteramos para esta data a realização de nossa conversa. De imediato foi esclarecido que não identificaríamos o nome, bem como manteríamos reservado as gravações.

A Professora de Educação Física foi parceira incondicional no processo de aprendizagem sobre mídia-educação. Era fundamental, portanto, conversarmos sobre a experiência realizada e saber também, os passos futuros da Professora em relação à temática mídia-educação.

SER – Existe no Cemb o Jornal do Grêmio, você já o leu? Que diferença você vê em relação ao Jornal do *Matrix*?

Pef – Já vi pregado no mural do Grêmio, mas, nunca nenhum aluno me deu. Via rapidamente. No que percebi, o *Matrix* tem mais notícias da Educação Física, apesar de ter notícias de modo geral. O do Grêmio são notícias mais gerais do Colégio, mas, é tudo muito resumido. Já o *Matrix* as informações eram mais densas. Umás até muito grandes e isto fez os alunos pensarem mais, pesquisarem [...], foi um diferencial.

SER – Você já havia realizado uma experiência dessas – com mídia – que foi realizada aqui?

Pef – Não, de construir não. Assim, já havia passado vídeo, passava trabalhos para os alunos pesquisarem na mídia, na internet, na televisão, mas, de construir jornal [...] não.

SER – Como você ver a participação de outros professores lidando com a mídia. Eles estão preparados para atuar provocando a autonomia e a reflexão crítica?

- Pef – Nunca percebi outros professores realizando um trabalho como este. Teve a Professora de Literatura, mas, também não conhecia seu trabalho. Só soube por que ela nos procurou.
- SER - Você pretende continuar relacionando a mídia em suas aulas de Educação Física. Como, Por quê?
- Pef – Sim. Porque é importante que eles vejam outras coisas a mais do que a Educação Física e também, percebam o que está por trás das coisas. Não é só ver e acreditar, mas, mudar a visão deles para o que ver na mídia. Esta experiência me ajudou a perceber que podemos ajudar o aluno a ver as demais coisas da sociedade. Assim, a Educação Física ajudando a educação deles como um todo e não só na prática de atividade física, entende?
- SER – Bom, e como pretende fazer isso?
- Pef – Interessante por que eles fazem pesquisas, entrevistas, produzem vídeos, jornais com um olhar mais crítico a partir daí, muda a visão. Não é só ir para internet pegar e copiar [...], assim, não precisaria nem de um professor.
- SER – Aproveitando, por que é tão difícil usar a Sala de Informática do CEMB?
- Pef – Bem, eu uso mais a Sala de Vídeo. Mas, acontece que precisa ter um professor com os alunos [...] fique responsável. Às vezes passo tarefas para eles pesquisarem e eles trazem da internet, mas, quando preciso eu vou lá com os alunos. Agendo com a Coordenação [...]. Não é sempre.
- SER - Na experiência que realizamos o que mais te marcou, houve alguma coisa que você levará para sempre em sua vida?
- Pef – Sim, a continuação do Jornal e principalmente, os alunos que participaram do *Matrix*.
- SER – Como assim?
- Pef - Percebemos a mudança deles no olhar para mídia. Ficaram mais críticos, mais observadores, até já falam melhor e escrevem melhor. Foi uma mudança radical. Eu também descobri o quanto eles são inteligentes e criativos [...]. Pois, no dia a dia da escola, muitos alunos passam por nós, mas, não marcam [...], passam, mas, o Grupo do *Matrix* não, eles me fizeram acreditar que é possível mudar [...].
- SER - Vocês discutem ou já discutiram a inserção da mídia na construção do Projeto Pedagógico da escola, como?
- Pef – Não, nunca participamos desta construção no Projeto da Escola. Geralmente é mais burocrático, ou quando querem mudar algo, como o das avaliações que caiu de 6 para 4 notas. Sobre um projeto de mídia [...] nunca vi ninguém discutindo.
- SER - No seu olhar qual a mídia está mais presente no cotidiano dos alunos, como observa isto? Você percebe algum domínio desta sobre o comportamento dos alunos, como?
- Pef – O Celular, com certeza. Na aula prática ainda eles largam mais. Mas, quando estamos na sala eles ficam muito ligado ao celular, o tempo todo, é quase um vício.
- SER – Você já pensou em construir algo com isso – o celular – com os alunos. Talvez fotografia, vídeos [...]?
- Pef – Ainda não, mas, do jeito que as coisas caminham com o uso do celular, vai ser preciso.
- SER – Queria aproveitar para agradecer a parceria durante este ano letivo e dizer que fiquei muito feliz com as construções aqui realizadas e se não fosse a sua ajuda, acredito que seria impossível [...] muito obrigado mesmo! Mas, a gente continua!
- Pef – Eu também agradeço. Aprendi muito, pois, como já havia falado, não tinha experiência com a mídia. Minha formação nem de longe fazia isto. Às vezes, fazíamos uma crítica sobre um programa, sobre o esporte [...], mas, aqui eu aprendi fazendo [...] e vi que é possível, foi muito bom e com certeza, continuarei o trabalho.

ENTREVISTA COM “ATHENA” - *MATRIX*

04/04/2013 – Neste dia, após, previamente agendado o encontro, fomos até a casa de uma aluna, ATHENA, que é membro do *Matrix* para conversarmos sobre a experiência de ter participado na construção do grupo e também da experiência com mídia.

Primeiro, explicamos o propósito da entrevista que se tratava agora de um feed-back para ver se eles entenderam nossa proposta e que seria bem simples, que ela não se preocupasse, era apenas um “bate-papo”. Alertamos que não identificaríamos o entrevistado e usaríamos nomes fictícios. Chegamos a sua casa por volta das 17:00h. Ela estava tomando conta de uma sobrinha de 2 anos.

A moradia é simples e afastada do centro da cidade. Localiza-se em povoado chamado Barro Preto. Seus pais possuem um bar e a casa é anexa a este estabelecimento. Logo que chegamos sua mãe veio nos cumprimentar e foi bastante educada conosco.

Percebemos de imediato que são pessoas simples, trabalhadoras e têm uma preocupação com a formação de ATHENA. Todos trabalham, mas, ela é a única em que a família aposta nos estudos, por isso, está disponível para estudar. A irmã mais velha chegara do trabalho (é representante de vendas) e já foi dizendo que “só depende dela” que todos estão fazendo o máximo para que estude e conquiste sua independência. Disse ainda que “até para lavar os pratos, quando é época de provas, ela fica livre”.

ATHENA nos informou que seu desejo é fazer o vestibular para medicina. Neste aspecto, reiteramos o apoio durante o ano letivo de 2012 e explicamos que estaríamos a disposição dela para ajudar nessa caminhada no que fosse possível. Ficamos emocionados com a simplicidade do lugar, das pessoas, de ATHENA e de sua família.

A partir daí, resgatamos um questionário aplicado em 08 de março de 2012 e perguntamos se ela reconhecia o seu. Com isso, começamos a “bate-papo”.

SER – Bom, a partir do questionário, no início do ano letivo, você respondeu assim: Você tem acesso a algum meio de comunicação? Qual (is)? ATHENA: Sim, celular, computador, televisão; Qual você mais utiliza?; ATHENA: celular; O que significa Mídia? Dê sua opinião sobre isto; ATHENA: algo da comunicação. De que maneira você se comunica com as pessoas, com seus amigos, com seus parentes?; ATHENA; pessoalmente, ou pelo celular e às vezes web.com; Como você fica sabendo das notícias que ocorrem em sua cidade, no Brasil e no mundo? ATHENA: Pela televisão ou internet.

Por que trouxemos este questionário? Porque a gente discutiu mídia e a gente construiu certa mídia, né? Produzimos vídeo e construímos um jornal. Você tem todos eles guardados?

ATHENA - Eu até estava falando com minha mãe para procurar, pois, estão guardados.

SER – bem, agora aqui é para nossa pesquisa, por isso elaboramos umas perguntas. Na verdade é o que a gente chama de feed back, ou seja, se vocês entenderam [...]

ATHENA – Sei, se a gente entendeu o que você quis mostrar.

SER - a gente tinha um problema que às vezes, quando precisávamos fazer uma tarefa, digitar o jornal, por exemplo, vocês sempre alegavam dificuldade, que não tinham computador em casa, ou que a irmã iria usar etc., ou seja, havia muitas dificuldades,

mas, o celular vocês utilizavam bastante, é comum isto, vocês ainda usam bastante o celular?

ATHENA – Sim, por que é mais pessoal você leva para onde quer.

SER – Tem internet o celular?

ATHENA – Agora tem, mas, antes não tinha.

SER – E sobre a sala de informática, havia esta dificuldade de acesso, pois, os alunos alegavam está sempre fechada, não ter ninguém para ajudar os alunos, o que você achava disso?

ATHENA – Digamos assim, a sala de informática tem que reservar. Geralmente, quando o professor vai lá, aí, diz o aluno não pode, aluno não vai. Tem medo que possa quebrar. Assim mesmo, há câmaras, mas, tenho certeza que se precisasse e falasse antes com certeza eles liberariam, para usar a internet.

SER – No questionário que aplicamos no início do ano/2012, havia uma pergunta o que era mídia, mudou alguma coisa, depois deste processo que fizemos de produzir mídia, o que é mídia para você hoje?

ATHENA – Não, o que vc me ensinou, mídia é algo que a gente ver, mas, a gente não sabe se realmente é verdade ou não, não tem certeza, a gente tem que coletar fatos para saber se realmente o que a mídia divulga é verdade de fato.

SER – Com relação à produção que vocês fizeram: Vocês produziram um vídeo, filmaram, construíram um jornal [...], você acha que isso foi uma mídia?

ATHENA – É sim uma mídia. Porque de certa maneira a gente procurou saber coisas que iríamos escrever, fizemos entrevistas com as professoras, ou seja, ou até mesmo procurou saber mais sobre as pessoas, sobre algo, coisas, como o lugar do Colégio, como o Diretor que nós fomos falar [...], é uma mídia sim.

SER – Você foi uma pessoa que trouxe o jornal do Grêmio para a gente dá uma olhada. O que você diferencia do Jornal *Matrix* de outro que você conhece como do Grêmio?

ATHENA – Eu acho, digamos, eu sei comparar mais sobre o do Grêmio, ele tem assuntos falando mais sobre o colégio, fatos que acontecem no colégio e o nosso não. A gente falava fatos do Colégio, fatos que aconteciam na cidade e digamos também tinha as brincadeiras, que o Grêmio também tinha, mas, o grêmio é mais focado prá o Colégio, para os estudantes, o nosso influenciava mais um pouco.

SER – O que mais te marcou nesta experiência, mesmo diferenciando o jornal do Grêmio, o que mais te marcou?

ATHENA – No geral?

SER – Sim.

ATHENA – Primeiro foi a convivência com as pessoas. Tipo, mesmo sendo amigos, colegas, era convivência difícil. Outro, tipo, às vezes tinha trabalho do Colégio e você marca alguém prá fazer, você me ajuda e tal e lá não, era um grupo e a gente, mesmo não querendo, a gente tinha que se reunir para sair algo por que senão ia sair “A”. Vou fazer isso, se você quiser fazer você faça e não, para criar o jornal *Matrix* a gente tinha que se reunir realmente, senão, não saia nada.

SER – Pegando esse gancho, havia matérias que vocês tinham que pesquisar, ou seja, buscar a informação com veracidade e fazer a mídia com certa responsabilidade [...]. Porque poderiam escrever qualquer coisa no jornal, o jornal era de vocês, pois existem as redes sociais, Face, e você pode escrever o que quiser, de repente até dá uma informação errada. Como você vê o *Matrix* com esta responsabilidade?

ATHENA – Eu acho assim, quando você cria o Face você faz o que quiser, tipo, é você que está divulgando, mas, é para quem quiser ler, para quem quiser acessar, mas, com o *Matrix* era uma coisa mais responsável. Você tinha que falar com certeza, tinha que pesquisar, pois vai gerar comentários tipo: você falou isso, mas, não é verdade. Como

é que vai falar sem ter certeza?. A gente tem que ter certeza do que vai falar como a mídia [...], se lembra do filme, dos Simpsons, que assistimos? Simplesmente, tiraram fotos, filmaram [...], imaginaram uma coisa mas, a realidade era outra [...], a mídia de certa forma modificou. Então, a gente tem que saber o que fala, principalmente quando é algo de responsabilidade [...].

SER – Você pretende continuar com a experiência do *Matrix* ou qualquer outro jornal? Vocês viram que é possível na escola construir um jornal, eu sei que existe o jornal do Grêmio, [...], mas, é possível vocês terem outra voz [...].

ATHENA - Então, eu gostaria de falar sobre isto. Tipo assim [...] eu estava em outra chapa. Nossa chapa não ganhou, então, ai falou (o candidato a presidência do Grêmio), para a gente construir outro jornal. O que o Grêmio não está cumprindo, a gente fazer cumprindo [...] a gente ser a voz dos estudantes [...] cobrando [...].

SER – Você percebeu que o jornal, a mídia é um potencial forte na mão, [...] sabendo usar, com responsabilidade [...]? Vocês podem usar a seu favor, como resistência, em prol de uma causa!

ATHENA – Essa ficha caiu!

SER – O que você poderia colocar em termos críticos, do processo da construção da mídia, do Grupo, minha, ou seja, [...] sua crítica?

ATHENA – A crítica que eu faria era saber dividir. Quando você estava filmando só você, é saber dividir, pois, não queriam dividir, compartilhar com outra pessoa, acho que é isso não é ter posse. Eu vou fazer isso e só é eu [...], não, já que é um grupo é todo mundo. Mesmo que um não queira, tá, eu não quero, ai tudo bem, mas, deveria ter o dever de perguntar, ou senão dividir, tudo bem, mas, teria que compartilhar [...]. As pessoas acham que é meu ai não quer dividir [...], acho que não.

SER – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? De tudo que viu durante as aulas, é claro que eu me preocupei com a questão da mídia, mas, gostaria de acrescentar alguma coisa de tudo que vivenciamos alguma coisa que você não gostou?

ATHENA – Não.

SER – Tá legal! Bem, foi um bate-papo, eu fiz um roteiro para depois transcrever.

ENTREVISTA COM “CALYPSO” - *MATRIX*

10/04/2013 – Partimos para realizar outra entrevista. Nossa entrevistada era uma integrante do *Matrix* cujo nome fictício é CALYPSO. Agendamos o encontro para a escola, tendo em vista a dificuldade de nos encontrarmos em sua residência. Também, estava na primeira semana de aula/2013, o que nos deixavam mais tranquilo e mais a vontade, pois, as cobranças e obrigações escolares ainda estavam no início.

CALYPSO, como a maioria dos alunos da 8ª Série “A”, mora afastada de Itabaiana em um povoado e foi uma aluna que se destacou entre o Grupo. Primeiro pela sua responsabilidade nas tarefas; Segundo, pelas suas ideias que foram materializadas nas filmagens, no jornal entre outros; Por fim, pelo compromisso e cumplicidade em construir a relação com a mídia. Apesar disso, ela foi tolhida em muitas ações simplesmente por já ser casada e o marido, segundo ela mesma, não a permitir fazer quase nada para além das aulas, como por exemplo, uma exposição fotográfica. Além disso, ela quase abandonou o Grupo por que o marido não queria, foi preciso criar estratégias – como ela ficar free-lance – para continuar no *Matrix*.

Combinamos o encontro para o horário do intervalo do lanche (15:30h), mas, chegamos mais cedo, por volta das 15:00h, pois os alunos já estavam livres. Foi emocionante ver quase todos os alunos do ano anterior (8ª Série A, 9º ano) nesta turma que agora era 1º ano “A” do ensino médio. Cumprimentamos todos – um a um – e desejamos sucesso de agora por diante. Foi importante este contato, pois, agendamos também com outros alunos (as) que representavam um grupo – não *Matrix* – que durante o processo de apropriação, reflexão e produção da mídia, ajudavam bastante na construção do Jornal. Este Grupo era composto por três alunas (VANO, VANM e JOFÁ). Então, ficou agendado para o dia 17 de abril no mesmo horário desta entrevista.

Para registro das informações, usamos a filmadora e pedimos a uma aluna (ex-integrante do *Matrix*, GIRL) para fazer a gravação. De início, recuperamos o questionário aplicado no início do ano letivo de 2012, pois, seria importante relembrar algumas questões.

SER – No questionário havia uma pergunta que dizia: O que era mídia? Você disse que era “um meio de se comunicar com as pessoas”, mudou? [...]. Depois da construção que fizemos, mudou, se eu perguntasse o que era mídia para você hoje?

CALYPSO – É um meio de se comunicar, saber o que está acontecendo no mundo, meio de relacionar com as pessoas [...], é, mudou um pouco.

SER – Percebemos, durante o processo aqui, principalmente, sempre que precisávamos digitar alguma coisa, o jornal, era uma dificuldade do uso do computador. Às vezes você levava para casa, eu levava, às vezes, ATHENA sempre havia uma dificuldade. A escola possui uma sala de informática [...], como você está vendo isso hoje no Colégio, permanece isso? Como você se comunica com os colegas, como você lida com isso na escola?

CALYPSO – Isto está acontecendo ainda. Para se comunicar com os colegas, basicamente eu me comunico pelo celular [...] mensagens. [...] A sala de informática ninguém usa, só se um professor levar.

SER – Nós produzimos vídeos, construímos um jornal, o que representou isto para você?

CALYPSO – Representou uma história assim em minha vida. Como algo que marca.

SER – Então, o que mais te marcou?

CALYPSO – Tudo, o envolvimento com os colegas, as dificuldades, vê se conseguia conciliar, se juntar com eles, a parte mais difícil, por que muitos não tinham interesse né?

SER – Teria alguma coisa que teria te marcado mais e que você vai levar para sempre em sua vida?

CALYPSO – Tem muito. Sua amizade, o ensinamento, aproximação mais com os colegas, minha amizade com HELENA, a construção dos jornais.

SER – Aqui na escola tem um jornal também, o que você acha de diferente entre o *Matrix* e o jornal do Grêmio?

CALYPSO – Bom, no Grêmio quando eu lia só via coisas sobre o Cemb e quando nós construíamos, nós colocávamos mais informação sobre o mundo, sobre as pessoas lá fora.

SER – Essa é a diferença que você vê?

CALYPSO – Eu acho, no meu ponto de vista.

SER – Outro momento, você disse, durante a construção que o jornal tinha muita parte escrita, deveria colocar mais umas fotos. Alguém colocou também, que isto era que tinha um diferencial do jornal, escrever as matérias, se preocupar com o que está escrito, era mais sério, você pensou nisso?

CALYPSO – Sim. Quando eu construía pesquisava antes na internet, nas redes, ficava de olho nas notícias que passavam na televisão, assim.

SER – Vocês pretendem continuar com esta experiência e a construção do jornal?

CALYPSO - se tivessem gente assim, poderia ser que rolasse.

SER – A ideia foi plantar uma semente, germinar, a ideia de *Matrix* era essa.

CALYPSO - [...].nós tentamos o ano passado, tentamos construir juntos, eu e HELENA [...], ai, tínhamos acertado com uma menina a impressão e divulgação, mas, quando já estava tudo pronto uma menina desistiu e ficou só entre a gente, não circulou.

SER – Saiba que o corpo editorial não precisa ser o mesmo. Aqui, por exemplo, você e HELENA, se quiserem, abrem para todo mundo, mas se quiserem topa é um potencial na mão de vocês. Era isso que queria mostrar, o jornal, o vídeo, a mídia de modo geral, não é neutra [...] e pode ser um potencial na mão de vocês, vocês como protagonistas dessa história [...],O jornal 4 vocês fizeram uma homenagem ao Professor Sérgio Dorenski, por que? O que motivou isto?

CALYPSO – Bom, eu gostei muito de como foi, assim, ensinado a gente a como lidar com as tecnologias, então, quando chegou no último jornal, agora, não, vamos fazer uma homenagem à Sérgio, já que ensinou muitas coisas a gente, bem vamos fazer um número especial para ele.

SER – Foi ideia sua?

CALYPSO – Foi.

SER – Bacana, eu fiquei muito feliz, muito emocionado com homenagem de vocês. Então, está ai a sacada, do mesmo jeito que você fez a homenagem pode se tornar uma potência para outras coisas também, pensem nisso.

CALYPSO – Começou muita gente querendo, ah eu topo, mas, na hora do fazer, ficaram somente eu e HELENA fazendo ai, na hora de imprimir, não tinha ninguém.

SER – Que críticas você faria a todo este processo que foi construído aqui, as aulas, ao *Matrix*, a escola, de modo geral?

CALYPSO – Nada não, por mim faria a mesma coisa. Só queria assim, com a chegada de novos componentes, tivessem a compreensão de mais responsabilidade.

SER – Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?

CALYPSO – Não, só de agradecer por tudo.

SER – Obrigado.

ENTREVISTA COM “VANO”, “VANM” e “JOFÁ” – 8ª série “A”

17/04/2013 – Conforme havíamos combinado fomos ao Colégio Murilo Braga para realizar a entrevista com as alunas (Vano, Vanm e Jofá). Chegamos por volta das 15:00h e esperamos o intervalo do lanche para que pudéssemos entrar na sala, pois, havia um professor ministrando aula.

Estas alunas não fazem parte do Grupo *Matrix*, mas, do restante da turma, foram as que mais se aproximaram da discussão no tocante a construção da mídia durante o processo de intervenção. Além disso, em suas pesquisas trouxeram textos que abordavam a relação do esporte com a mídia e isto foi importante para nossas reflexões. Em todos os números do Jornal elas escreveram matérias, mesmo quando havíamos informado que não era obrigado e sim, para aqueles que quisessem contribuir com o jornal.

Elas pediram para ficarem juntas, pois, estavam envergonhadas e também não queriam ser filmadas. Avisamos que a filmadora era mais para captura o áudio e não iríamos exibir nenhuma imagem e que este trabalho agora era para pesquisa, portanto, que não se preocupassem.

Então, ficamos no fundo da sala e começamos nossa conversa. Como estratégia, começamos exibindo o questionário que fora aplicado no início do ano letivo de 2012 o qual foi identificado pelas entrevistadas, respectivamente.

SER – Primeiro queria saber de vocês, com relação ao uso de computador, pois, muita gente reclamava que sentia dificuldade em acessar, não conseguia usar a sala de informática. Vocês sentiram isso?

Jofá – Sim.

Vano – Dificuldade bastante;

SER – Por que? Se vocês precisassem pesquisar.

Vano – acho que não rola. Só com um professor.

Vanm – Só deixa entrar com um professor.

SER – O uso do celular vocês fazem bastante, não é? Vocês usam também para pesquisa na escola? Naquelas pesquisas que pedimos vocês usaram o celular?

Vano – Sim.

Vanm – Todas!

SER – todas?

Vano – Só a primeira que não foi com o celular.

Jofá – Só não a primeira.

SER – A primeira vocês foram para biblioteca não foi?

Jofá – Não, em casa no computador de meu irmão.

SER – Como vocês pesquisavam? Assim, vocês botavam palavras e ai, achavam, no Google?

Jofá – Era.

Vanm- Era.

SER – Chegavam a ler o texto?

Vano – Às vezes sim. Assim, pegava os trechos mais importantes.

Jofá – Pegava as partes importantes.

Vanm – Tipo assim resumia.

SER - Lia e colocava lá?

Vanm – Sim.

SER – Vocês já leram alguma vez o jornal do Grêmio?

Vanm – Já.

SER – O que vocês acham em relação ao que foi construído aqui, o Jornal *Matrix*?

Jofá – Bom.

Vanm – Muito melhor, muito melhor do que o do Grêmio.

SER – Por quê?

Vanm – Porque o do Grêmio não falava nada que interessava

Vano – O *Matrix* fala mais a realidade da gente.

SER – O que você mais diferenciava em relação ao nosso (*Matrix*)?

Vanm – Porque assim, eles falavam mais dos eventos importantes que iriam acontecer aqui no Colégio e a gente não, falava sobre a mídia, a Educação Física.

SER – Teve um Grupo que ficou responsável de construir o jornal, mas, era em parceria com todos, era aberto, mas, findou que não deu para criar este clima de parceria e um Grupo, pequeno, findou, levando as coisas, “tocando a bola”. Então, eles filmaram, fizeram vídeo e, principalmente, fizeram o jornal. Como vocês perceberam esta construção? O que foi isso? O que representou isto nas aulas de Educação Física?

Vano – Eles fizeram mostrar a gente como foi o nosso dia a dia em nossas aulas.

Vanm – Eles fizeram um resumo do que aconteceu em nossas as aulas de educação Física e eles usaram a mídia.

SER – Isso tem algum impacto? Esta mídia foi construída por eles [...]. Até pouco tempo, só víamos a mídia de cima para baixo, a gente não intervia, com as redes sociais abrem canais importantes [...] é uma potência na mão de vocês [...]. A grande sacada é vocês ter um instrumento na mão. Esta ideia está plantada, de vocês também construir mídia [...], não é só da Globo, do SBT, do Jornal Nacional, sendo mais direto, vocês podem construir também [...]. No jornal 4 vocês escreveram uma matéria em homenagem [...] até tem um depoimento assim, de vocês, no início achei ele chato, mas, depois [...].

Vanm – Nós não vimos, foi ela (referindo-se a Vano).

SER – qual o propósito dessa matéria, por que você fez esta homenagem?

Vano – Apesar de ser um pouquinho chato, a gente gostou.

Vanm – É, um pouquinho chato, mas, a gente gostou.

SER – [...] há muitas críticas à educação física [...] dizem que a educação física ninguém precisa fazer nada, não precisa estudar [...]. Então, quando a gente vem com uma proposta dessas, primeiro a gente quer uma cumplicidade com vocês, pois, a gente vem com toda dedicação, de coração aberto, fazendo o melhor para vocês, pois, a gente acredita no que está fazendo [...]. Vocês pretendem continuar escrevendo para o jornal?

Vanm – Sim, pretendemos.

SER – Outra coisa foi sobre as matérias que compunha os jornais, pois, a gente pedia para pesquisar a informação, ver se era verdade, colocar as fontes, isto era importante [...], talvez isto seja um diferencial do *Matrix*, ou seja, ter responsabilidade no que está escrevendo [...] onde tirou a informação, isto era a responsabilidade com a matéria [...]. As matérias de vocês foram legais, todas, havia fontes, livros, internet [...], querem acrescentar alguma coisa?

Vano/Vanm/Jofá – Não.

SER - Que críticas vocês fariam ao processo? Tudo, o que vocês quiserem sobre as aulas de Educação Física, sobre o *Matrix*, tudo.

Jofá – Nenhuma. A Vano tem! Não, não, nenhuma.

SER – No início – por que era para começar em março nosso processo, mas, vieram a greve, depois férias né? - nós entregamos um questionário [...], nele havia uma pergunta o que é mídia para vocês. O que vocês responderam?

Vanm – meios de comunicação.

Vano – Significa ter comunicação, ex: TV, rádio.

Jofá – Meios de comunicação; coisas bem interessantes.

SER – Mudou alguma coisa? De lá para cá mudou?

Vanm – Não. Meios de comunicação

Vano – Comunicar com outras pessoas.

Jofá – Meio de comunicação, meio de informar as pessoas.

SER – Por que?

Jofá – Porque pode ter muitas informações.

Vanm – Por que tá todo mundo conectado, em tudo.

SER – bom, então era isto, muito obrigado.

ENTREVISTA COM “ULISSES” – MEMBRO DO *MATRIX*

02/05/2013 – Este aluno, membro do *Matrix*, deixou os estudos momentaneamente após o ano letivo de 2012. Segundo ele, não estava conciliando trabalhar e estudar, por isso, preferiu parar com intuito de prosseguir-lo à noite. Por conta disso, esta foi uma dificuldade de agendarmos o encontro, pois, ou faríamos no horário do almoço ou mesmo em sua residência. A princípio agendamos para o feriado de

1º de maio, mas, como foi um dia de chuva e a região onde mora é afastada da cidade, já na divisa entre a cidade de Itabaiana/SE e a cidade de Moita Bonita/SE, preferimos redefinir o encontro para o dia 02 (quinta-feira) de maio, às 13:00h no Cemb.

Era crucial a participação deste sujeito nas entrevistas, pois, foi com suas ideias e ações que materializamos nossas construções durante o processo de apropriação e produção da mídia, ele foi fundamental para evoluir o processo.

Encontramo-nos no Cemb às 13:00h como havíamos combinado. Procuramos uma sala vazia em que pudéssemos ficar mais a vontade e para surpresa nossa, havia uma ala “C” em que todas as salas estão vazias. Como existe uma reforma a ser realizada no Colégio e, nesta ala, há muitas imperfeições nas estruturas das salas como buracos no telhado, paredes sujas entre outros, acreditamos que fosse por isso que o espaço estivesse vazio.

Começamos a conversar dizendo que ficamos tristes em saber que ele havia deixado os estudos momentaneamente, pois, é um bom aluno com um potencial muito grande, mas, entendemos as pressões do mundo do trabalho. Segundo ele, além da incompatibilidade entre estudo e trabalho, está pensando em casar o que agravou mais ainda a necessidade de trabalhar.

Como estratégia, recuperamos o questionário aplicado em março de 2012 e começamos a conversa.

SER – [...] depois de todo processo que nós construímos. Você construiu o jornal, teve as matérias, vocês produziram um vídeo, depois disso tudo houve uma ideia do que é mídia. No início você disse que mídia é: “pessoas que trabalham no meio artístico, com televisão, rádio, revistas”. Mudou este seu entendimento?

ULISSES – mudou!

SER - Bom, se eu te perguntasse o que é mídia prá você hoje, o que seria?

ULISSES – É tudo que passa a ideia para alguém. Uma ideia, uma notícia, um leteiro...tudo é mídia.

SER – A gente tinha uma dificuldade quando precisávamos digitar alguma coisa. Algumas vezes eu levei outras vezes CALYPSO, ATHENA [...], como você via esta dificuldade, ela existia mesmo?

ULISSES – Sim, uns dias tinham [...] quando estava com o Coordenador [...] era mais fácil, mas, outras vezes só entrava com professor.

SER – Como você resolvia estas questões de pesquisas em internet, por exemplo?

ULISSES – Da minha parte [...] junto com os colegas, um pouco com celular. Um passava para outro.

SER – Já usava o celular com internet?

ULISSES – Não, no início não, mas, depois que a gente começou a fazer o negócio da mídia aí sim.

SER – Ah, legal. Então, nesta experiência que você fez [...] você deu boas ideias para o jornal [...] o que mais te marcou?

ULISSES – O que mais me marcou foi o conhecimento que agente aprendeu e também o conjunto de pessoas que fizeram por onde nós não desistimos. Foi bom para mim, eu gostei muito de trabalhar com a mídia, com o professor, foi uma experiência nova, gostei muito.

SER – Neste processo de construção você teria alguma coisa que dissesse isso aqui eu vou levar para o resto de minha vida?

ULISSES – O Companheirismo que a gente encontrou entre os colegas, entre os colegas e o professor.

- SER – Aqui na escola havia o jornal do Grêmio [...]. Você já leu o Jornal do Grêmio? Consegue identificar uma diferença entre o Jornal do *Matrix*?
- ULISSES – Li assim, de passagem, pouco. O Jornal da gente era uma coisa mais para os alunos. Os alunos que mostravam o que era realidade aqui do Murilo e o do Grêmio escondia realidades que tem aqui.
- SER – Então, o Jornal do *Matrix* era mais realista?
- ULISSES – Era mais transparente, assim.
- SER – Então era uma preocupação nossa [...]. A gente se preocupou em dá a informação com segurança [...] como você vê a seriedade da construção das matérias do *Matrix*?
- ULISSES – A responsabilidade, porque tudo que a gente tem que fazer deve ser com responsabilidade, pois, se tiver algum erro...!
- SER – Se você fosse fazer outra construção dessa em outra escola, em outro local, um outro jornal, um dos princípios então, seria a responsabilidade?
- ULISSES – Sim, primeiro é a responsabilidade e saber de onde vem a notícia, se é original, saber a fonte de onde vem.
- SER – Você pretende continuar com esta experiência?
- ULISSES – Por enquanto não, porque agora estou trabalhando. Mas, se eu voltar pro Colégio, por que eu tenho vontade de terminar o ensino médio, ai eu tenho vontade de construir outro jornalzinho.
- SER – [...] Só uma dica: não necessariamente, fisicamente, você precisa está presente no Colégio, se as meninas continuarem com o jornal [...] você pode contribuir com pitacos, escrever uma matéria.
- ULISSES – Se as meninas precisarem de alguma coisa, sim.
- SER – Que críticas você faria a todo processo, independente da construção da mídia, do jornal, tudo mesmo, as aulas de Educação Física, do Colégio.
- ULISSES – Não, para mim não teve.
- SER – Você gostaria de acrescentar alguma coisa a mais?
- ULISSES – Para que o pessoal que fez não desistisse que as meninas continuassem com o jornal porque foi uma experiência muito legal que a gente nunca tinha feito isso aqui assim e o professor veio e conseguiu fazer.
- SER – Legal. No número 4 do jornal vocês fizeram uma homenagem [...]. A maneira como vocês construíram foi bem interessante. O que motivou vocês fazerem esta homenagem?
- ULISSES – O que motivou foi por que estava terminando o ano e a gente aprendeu muita coisa com o Professor ai a gente decidiu retribuir o aprendizado que a gente teve com o senhor para passar palavras que às vezes a gente não poderia dizer assim, como no jornalzinho.
- SER – Legal, acho que é isto. Obrigado e desculpe ter lhe incomodado.
- ULISSES – Não, eu que agradeço.

ENTREVISTA COM “GIRL” – *MATRIX*

- 02/05/2013 – Voltamos à sala de aula, no intervalo, e conversamos com GIRL. Ela integrou o Grupo e se constituiu numa pessoa importante para o *Matrix* pela sua seriedade e responsabilidade com as tarefas.
- A princípio ela não queria participar da conversa, achava ainda que fosse atribuição do *Matrix* e que seria filmada, haveria vídeo, ou seja, estava tímida,

mas, assim que percebeu que era um “bate-papo” como já havíamos explicado, ela se prontificou, mas, queria ver as perguntas. Passamos as questões e após fazer a leitura, começamos. Mesmo assim, só foi possível realizar a entrevista com uma conversa mais formal e objetiva, seguindo as perguntas do roteiro para que ela ficasse mais a vontade.

Descobrimos que assim como “CALYPSO”, ela é uma pessoa muito presa em casa, mora em um povoado afastado da cidade e só sai de casa para igreja e com os pais. Além disso, já é noiva e isto tem tolhido qualquer tentativa de envolver-se em outras ações na escola como aluna, pois, o noivo tem muito ciúmes dela. Não foi à toa que percebemos que ela manteve uma relação de amizade com CALYPSO muito forte. Talvez, por compartilhar os mesmos problemas.

SER - Percebemos durante nossas aulas que vocês alegavam dificuldades em usar o computador na escola, por quê?

GIRL – Sim, porque a sala de computação não ficava aberta e nem fica, ai, tínhamos e temos muito pouco acesso.

SER - Mas, o celular vocês usam bastante, não? O celular é com internet?

GIRL – O celular usamos bastante por que todo mundo pode ter acesso a um, mas, não utilizo a internet do meu celular.

SER - Entregamos um questionário no início do ano (2012) com algumas questões e uma delas questionava o que era o que mídia. Mudou alguma coisa de lá prá cá? Hoje, se eu te perguntasse o que diria sobre o que é mídia.

GIRL – É todo meio de comunicação. Televisão, rádio, internet, celular [...].

SER – Então mudou?

GIRL – Cresceu.

SER - Nós realizamos filmagens, produzimos filmes e construímos um jornal impresso e você ajudou nisso. O que isto representou isso prá você?

GIRL – Representou muito prá mim. Foi muito legal e interessante e ainda representa uma experiência muito boa aprender sobre a mídia.

SER - O que mais te marcou nesta experiência e o que você considera que vai levar para sempre?

GIRL – O que mais me marcou foi a amizade de CALYPSO que fiz através deste trabalho e o que vou levar para sempre são os momentos bons durante esse período.

SER - Na escola você sabe que existe o jornal do Grêmio, você já leu?

GIRL – Sim.

SER - O que você acha que é diferente do *Matrix*?

GIRL – O Jornal deles, do Grêmio, são mais notícias e às vezes pode até ser que eles nem procurem saber se é verdade a notícia e o nosso não. Todas as nossas notícias eram confirmadas.

SER – Esta era a diferença?

GIRL – Sim.

SER - Vocês fizeram uma homenagem ao Professor Sérgio Dorenski, no jornal nº 4, por quê? Por que fizeram isso?

GIRL – Porque ele nos trouxe o saber da mídia, trouxe-nos conhecimentos, ai nós sentimos no dever de fazer essa homenagem [...].

SER - Nós nos preocupamos em escrever com seriedade, responsabilidade [...], pesquisando as informações, o que você acha disso? Como você acha que deve ser as matérias do jornal?

- GIRL – Acho muito importante por que não devemos dizer coisas, dá informações sem ter certeza de que são verdadeiras. Eu acho que elas (as matérias) têm que ser divertidas, inspiradoras, chamar a atenção e dá notícias importantes.
- SER - Vocês pretendem continuar com esta experiência da mídia, com a produção de vídeo, jornal, etc.?
- GIRL – Pode ser que sim. Não tenho mais a mesma vontade que no começo, mas, sempre vou lembrar-me dos jornais feitos e apóio quem tem a vontade de fazê-los.
- SER - Que críticas você faria para nosso processo aqui na escola, nas aulas, no *Matrix* – grupo – Jornal, vídeo etc?[...] Pode soltar o verbo!
- GIRL – Nenhuma para mim foi tudo legal, no respeito, só buscando o interesse do aluno na mídia, nas aulas, que é muito importante.
- SER - Gostaria de acrescentar alguma coisa, qualquer coisa?
- GIRL – Nada, só agradecer o desempenho de vocês professores e pela oportunidade de conhecer muitas coisas novas, entender a mídia e ter a chance de construir os jornais.

ENTREVISTA COM “CO” – COORDENADOR DO CEMB

- 02/05/2013 – Neste dia também conversamos com o Coordenador do Cemb (CO). Encontramo-nos na Diretoria da Escola e apesar de está muito ocupado com as atribuições do início do ano letivo, como distribuição de livros, está resolvendo problemas com o estágio, entre outros, ele reservou um tempinho para nossa conversa.
- Rememoramos a ideia do trabalho que fora desenvolvido, uma vez que já havíamos discutido no início do ano letivo de 2012. Com isso, expusemos os objetivos da pesquisa e o que significou a construção do *Matrix*. Após esta conversa inicial começamos nosso “bate-papo”.
- SER – Os alunos aqui produziram vídeos, construíram um jornalzinho que foi até o quarto número. Minha pergunta é neste sentido, como você vê a relação da produção da mídia pelos alunos na escola? É claro que fizemos algo específico na Educação Física, mas, abrimos também para questão do espaço do Cemb e outros [...]
- CO – Então, veja só, eu sou extremamente a favor certo? Mesmo por que hoje tudo funcionam com a mídia e a gente sabe disso. Eu dou exemplo até de algumas escolas, não daqui da região, mas, da região sul e sudeste que utilizam a internet como meio de educação, como meio de incluir os alunos nas aulas. E hoje, tudo funciona em cima da internet. Hoje, você faz uma pesquisa e os alunos vão prá lá, por que não tem livros em casa. O Facebook, eu não vou dizer 99%, mas, 90% dos alunos, alunos e professores, têm. E hoje é o que se mais usa, então, nada mais justo que você se atualizar, por que hoje tudo está em cima das mídias. A gente hoje trabalha com retroprojeto, com DVD [...] tudo isso é mídia. O que seria das escolas hoje se a gente não tivesse esse apoio? Seria muito difícil. Então, eu acho muito viável ainda mais pela questão da melhoria da tecnologia, cada dia melhora e a gente precisa tá se atualizando e revendo certos conceitos.
- SER – Você já chegou a trabalhar com alguma turma com a mídia? Eles na produção da mídia. Não passando filme [...] que seria o primeiro processo [...] quando fazemos uma análise crítica da mídia [...] mas, eles produzindo também?
- CO – Eu já trabalhei [...] eu, sem querer, meio “sem que tivesse noção da história” bota aspas. A gente produziu um vídeo – documentário – sobre a cidade de Itabaiana, aonde eu

levei os alunos no local de origem, no prédio da igreja velha de Itabaiana que está em ruínas [...], fizemos uma dramatização sobre a história de Itabaiana no local original onde era [...], produzimos um pequeno filme, mais ou menos de 5 minutos [...] uma coisa simples, mas, que foram eles mesmos que deram a ideia. A minha ideia era tirar umas fotos, mas, os meninos têm celular e celular é câmera, ai eles filmaram [...] terminou sendo um atrativo muito mais interessante [...] o mais importante foi que eles que fizeram e adoraram [...] eles gostaram de participar [...] uma coisa simples que se tornou uma coisa bem grande [...] não tive oportunidade de fazer aqui ainda no Murilo, mas, [...] até hoje quando passo pelos alunos eles perguntam e ai professor esse ano vai ter a filmagem? [...]. Outra brincadeira que eu fiz também e que eles gostaram foi a questão das festas juninas [...], a gente fez um casamento caipira e ele filmou o casamento todo [...] o menino filmou, levou e depois trouxe para mim mostrar [...] ele tinha o dom de mexer nas mídias, que eu não tenho [...].

SER – Mas isto é legal, é bacana, interessante é você ficar no meio do processo orientando, até trazer ele para fazer uma amostra na escola [...].

CO – A gente fez, no ano passado, inclusive os meninos incluíram esta atividade que a gente fez, no dia da apresentação dos professores, Entendeu? [...] Mostraram a filmagem do o dia que nós fomos para a Serra, filmagem do casamento caipira, a filmagem do aniversário de Itabaiana, do Caminhoneiro, alguns alunos filmaram eles mesmos [...], por conta deles mesmos. É algo que engrandece.

SER – Legal, a gente vê que você já tem uma noção da mídia como ferramenta pedagógica, mesmo dizendo que não sabe, mas, findamos trabalhando com ela [...] a ideia que a mídia está em toda parte [...] e com isso também, presenciamos ela no cotidiano dos alunos constantemente. Nas suas experiências o que você tem notado no tocante no dia a dia dos alunos, qual mídia está mais presente?

CO – Atualmente é internet, mas, a internet via celular. Internet hoje é celular [...], você passa no corredor você vê o aluno com um celular, não precisa ser modelo mais recente, mas, todos têm a internetzinha que eles usam [...].

SER – [...] fazendo um parêntese [...] Um professor no Rio de Janeiro, parece que é professor de artes [...] algo assim, cansado de pedir para que os alunos desligassem os celulares, resolveu unir o olhar dos alunos a partir do celular e pediu para que registrassem tudo que viam de casa para escola e vice-versa [...]. O resultado foi surpreendente, eles fizeram uma exposição e repercutiu nacionalmente, então, já há experiências que mostram o uso do celular como uma potência nas mãos dos alunos [...] este é um dos nossos objetivos, ou seja, tornar a mídia uma potência nas mãos deles, pois, se nós que somos formadores não se apropriamos dessa linguagem finda eles aprendendo da maneira que eles acham que é o correto, fazendo como querem no tocante à linguagem, à escrita [...], a banalizam da informação. No nosso jornal, por exemplo, um de nossos cuidados era não banalizar a informação, ter o cuidado com a informação [...].

CO – Você vê hoje [...] muitos programas, aplicativos na internet [...] Msn, Facebook, Skype [...] e nós estamos lá no final, no rabo do foguete e não acompanhamos.[...] Também já existe uma legislação sobre o uso da mídia, que pode ser punido [...] antes a gente colocava a foto e não tinha nada [...] então, já há punições [...]. Hoje, se você fizer isso, tem que se pensar muito em botar uma foto, pois, a pessoa pode se sentir denegrido, humilhado, vítima de bulling [...].

SER – Bem, esta uma preocupação nossa [...] os professores nunca acompanham o que os alunos estão vivenciando. Não só produzir, mas, também produzir consciente do que está fazendo, com um recado a dá, com responsabilidade [...]. Na construção do

Planejamento vocês discutem isso, ou seja, a inclusão da mídia no Projeto Político Pedagógico da Escola, ou seja, como inserir a mídia nas aulas?

CO – Veja bem, nós temos aqui alguns professores que fazem [...] utilizam, vídeos, faz filmagens [...], a gente tem equipamentos [...], temos cuidado com o uso. Não tem assim [...] um programa pronto, escrito, para se discutir todo ano. Alguém sempre lembra e pergunta, por exemplo, e aí aquele vídeo do projeto do meio ambiente? [...], a gente filma a Serra, [...] da questão do Açude da Marcela, do desmatamento, a questão da poluição [...], são tematizados em forma de mídia, [...] mas, não temos o projeto [...] é sempre off.

SER – Sei, vocês tematizam as questões da educação, da cidade, da sociedade, da formação dos alunos através da mídia, mas, não pararam para discutir na escola, não existe um Projeto?

CO – É, existe projetos para essas questões, mas, não para a mídia. Ai, a gente discute, mas sempre em off [...], é como está sendo feito. Mas, [...] eu não acredito que exista uma escola aqui que tenha isto em seu projeto, eu desconheço, é sempre em off [...], mas, no projeto, às vezes, nem aparece [...].

SER – Você falou da sala de informática ai eu gostaria de perguntar sobre o uso dela, por que os alunos, sempre que havia uma tarefa para pesquisar ou mesmo digitar [...], diziam que a sala estava sempre fechada, que só poderia ir com um professor. Eu até passei a informação que você havia me dito, que ela estava disponível caso nós quiséssemos, mas, criou-se uma cultura, por parte dos alunos, que a Sala de Informática era uma “Sala Fantasma”.

CO – É rega da escola [...], mas se você fosse precisar [...].

SER – Certo, mas, a Sala de Informática não é um ambiente em que os alunos, por exemplo, estão sem aula, ai querem ir à sala de informática, mesmo sem uma pessoa lá, professor pode liberar um computador? ai não existe, isto não tem né?

CO – Não. Deixa eu explicar [...] esta semana uns alunos vieram solicitar - pesquisar um trabalho - ai eu levei os alunos lá. [...], quando a direção chegou, estavam no facebook [...] ai, já sabe né? Você deixou? [...] Às vezes a gente que fazer e fica impedido de fazer por causa de alguns detalhes, [...] que eu, particularmente, não vejo nenhum problema [...], eu deixo, tomo bronca, mas, eu faço, mas, aviso que tenha cuidado com sites [...], até por que eu mesmo uso [...]. A gente tá na escola [...] tudo gera algo mais. Se deixa, e eles estão no Facebook ai tem bronca, se não usa tem bronca [...], no semestre passado eles poucos usaram, mas [...].

SER – o ano passado foi um ano muito conturbado, praticamente o ano começou no meio, a partir de agosto. Houve greve, férias [...] isto tudo prejudicou.

CO – Um problema sério também é a questão de funcionários [...] é muito complicado, veja só, estou aqui sozinho, fazendo várias coisas ao mesmo tempo [...].

SER – [...] sabemos o que é uma escola [...], mas, esse também é um trabalho de formação [...] o aluno ter a responsabilidade, ter consciência do que está fazendo, ver que aquilo ali como também uma propriedade dele, nossa e saber o risco que é entrar e baixar em um site desses. Existem os bloqueadores, mas, o importante é ele ter consciência, responsabilidade de baixar um arquivo assim.

CO – Veja só, aqui não temos bloqueadores [...].

SER – Alguma coisa que você queira acrescentar, dizer?

CO – Não, só agradecer [...] a gente agradece também a sua disponibilidade de ter vindo. Dá-nos oportunidade de conhecer outros meios, [...]. Estamos disponíveis a hora que quiser voltar, fique à vontade viu?

SER – Obrigado.

ENTREVISTA COM “PL” – PROFESSORA LITERATURA/CEMB

08/05/2013 – A entrevista com a Professora de Literatura (PL) do Cemb deu-se na DR3 – Diretoria Regional de Educação – pois, neste ano a Professora não iria lecionar no Cemb, com isso, agendamos para o seu local de trabalho atual. De início, ela já expunha sua tristeza em não está na escola, pois, realizou bons trabalhos e sente um carinho muito grande pelo corpo docente, que considera de excelente qualidade, e, principalmente, pelo corpo discente, uma vez que, estes alunos, ao serem estimulados, produzem trabalhos importantes.

A escolha desta professora para entrevista deu-se pelos contatos ocasionais durante o processo de imersão ao campo de pesquisa quando percebemos que havia em comum a relação com a mídia, uma vez que ela já havia trabalhado com os alunos no tocante à rádio do Cemb, ajudou na criação do jornal do Grêmio e também, fez uma especialização em Educomunicação.

Portanto, agradecemos a disponibilidade da professora em dar-nos a entrevista em seguida explicamos o propósito da pesquisa, dos nossos objetivos e também, rememoramos a construção que foi realizada com os alunos da 8ª série “A” - 9º ano – com relação à produção da mídia.

Esta entrevista teve dois momentos: O primeiro com a gravação e transcrição e o segundo em que foi entregue a Professora que reviu e entregou uma nova versão com os ajustes, mas, que não foi alterado o sentido das respostas.

SER – Percebemos que você trabalhou com mídia [...], na Semana de Literatura do Cemb. Você apresentou um vídeo [...], também participou e participa na construção do jornal do Grêmio [...]. Então, percebemos que você já esboçava uma visão de trabalhar com mídia [...], a gente começa por aí. Você viu o jornal do *Matrix*? Lá no Cemb já existe o jornal do Grêmio [...] o que você diferenciava jornal do *Matrix* do Grêmio?

PL – Li pelo menos duas edições do jornalzinho *Matrix* [...] Logo me interessei, porque já estava envolvida com o Jornal do Grêmio e queria conhecer a proposta desse outro jornal que surgia na escola. Pensei que poderíamos aproveitá-lo para enriquecer a proposta do Jornal do Grêmio. Logo, tivemos o primeiro contato e entendi que o *Matrix* fazia parte de sua pesquisa.

Bem, considero algumas diferenças: primeiro, o caráter temático do *Matrix*. Segundo, todas as seções do *Matrix* são assinadas por um ou vários alunos. O jornal do Grêmio tinha produção tanto de professores quanto de alunos, geralmente alunos do 3º ano do ensino médio. Inclusive uma dessas alunas tornou-se colunista. Em uma das edições o tema foi o espaço do CEMB; em outra foi a Educação Física.

A edição que tratava do espaço do CEMB me incomodou porque estávamos (eu, alguns professores e equipe diretiva) fazendo um trabalho externo de resgate da opinião pública sobre o CEMB, cuja imagem está bastante desgastada em virtude da prática de um jornalismo “despreparado, irresponsável e incompetente” dos meios de comunicação locais (rádios e site de internet). Então, quando li a seções assinadas por alunos da escola e vi as fotos ali contidas pensei: “É essa também a imagem que nossos alunos veem!”. Daí pensei que eles poderiam contrapor ao lado da imagem dos banheiros quebrados e Miltão interditado, outras imagens com aspectos positivos que contra-argumentassem a necessidade urgente da reforma para sensibilizar a sociedade e as autoridades competentes. Como você percebe, também me interessei pelo *Matrix* por uma questão ideológica em defesa do CEMB.

Bem, foi então que, após ter tido aquele papo com você, entendi sua proposta, mas não tivemos tempo de aprofundarmos o assunto.

- SER – A gente pedia para pesquisar, pois, às vezes ficava uma dúvida, por exemplo, o descaso do Miltão [...]. Quanto tempo está parado? Uns diziam tantos anos, outros [...], ficava uma dúvida [...]. Então, vamos pesquisar isto, vamos conversar com o Diretor.
- PL – Você trabalhava a informação não informação de ouvir falar, a informação com dados, pesquisa, indo lá, verificando.
- SER – É, isso marcou os sujeitos. Havia um aluno o ULISSES que era muito inteligente, [...] as grandes ideias do *Matrix* vinham dele, dele e CALYPSO. Ele era fantástico [...], pena que deixou os estudos para trabalhar, pois, está pensando em casar [...]. O jornal temático tem um fundo de verdade, mas, a princípio a gente não taxava o que iria ser a temática, claro, a gente tinha que trazer para Educação Física e o primeiro passo foi ver como era a escola, então, soltamos a câmara na mão dos alunos e eles começaram a mexer, filmar o espaço, aí a gente já tinha um número do jornal, já tinha uma temática, depois foram as aulas de Educação Física, [...], mais ou menos é isso aí. Então, é isso que você vê como diferença, o jornal temático?
- PL – É. Na verdade o Jornal do Grêmio eu dava o apoio e surgiu assim, o antigo Presidente me procurou e queria a ideia do jornal [...] tinha uma proposta de fazer o jornal, só que a minha experiência era na área pedagógica e o Grêmio tinha outra proposta diferenciada e eu não consegui compartilhar com a ideia do Presidente da época, aí entrou o Wmarques [...], aí, ele teve a facilidade de aproveitar o que eu já fazia e jogou para o Grêmio e consegui estruturar o jornalzinho. A minha visão é pedagógica por quê? [...] Eu integrava aos professores da escola para cada um desenvolver atividades com os alunos e para depois divulgar a produção do jornal, não tinha produção dos professores, então, era uma produção dos alunos, no máximo o editorial. Aí ele pegou montou a estrutura, [...] só que a estrutura dele era fechada, do jornal, “tal isso”, “tal isso” [...], por isso, eu percebi que o jornal *Matrix* era temático. [...] um mês era falando disso, outro mês falava de outro aspecto, por isso, eu disse que era temático e o jornalzinho do Grêmio não é temático, ele dá as manchetes principais e depois têm os artigos e a estrutura que já estão fixas. Os dois ou três números do *Matrix* que eu vi vocês deixavam mais abertos um pouco para que eles pudessem produzir de acordo com o que fosse achando importante e interessante, talvez com dicas suas. Entre a proposta do jornal do Grêmio e a do *Matrix*, considero que a do *Matrix* tem muito mais uma concepção pedagógica, contribuindo para a formação de sujeitos estimulando o desenvolvimento de habilidades diversas, dentre as quais as de ler e ir além do que vê, expressar-se e escrever, expondo opiniões. O jornal do Grêmio tem uma formatação que se aproxima mais de um jornal, pois expõe matérias apenas de interesse do próprio grêmio. É verdade que, como tinha o apoio de professores, também os interesses do CEMB também eram atendidos. Já o *Matrix*, pelo que pude observar, apesar de ainda estar em processo de construção de sua formatação, tinha um formato mais livre, o que possivelmente pudesse proporcionar maior diversidade de sugestões dadas pela turma e avalizada por você.
- SER – É, certo. Na verdade mais de orientação, nunca dizíamos o que fazer, na verdade nós pescávamos a ideia deles. Às vezes estávamos no grupo e alguém soltava algo e aí discutíamos aquela ideia, dizíamos: coloca na seção “Diversos”. Às vezes, esta ideia era o próprio número do Jornal. Outra vez saiu um comentário, por exemplo, iria ter os jogos internos, aí, “vamos fazer a cobertura? [...]” Aí, alguém dizia, “tomara que este ano tenha medalha”. Aí, opa! Pescava essas coisas. Vamos escrever algo sobre isto? Aí saía no jornal, “este ano esperamos medalhas”, algo assim.
- PL – Na verdade você estava ali vendo como a ideia ia surgindo e aproveitando a opinião deles.
- SER – Era isso. O que você acha desse jornal temático? Que pontos negativos [...]?

- PL – O jornal temático é interessante porque leva o aluno ou grupo de alunos a se aprofundarem no tema escolhido através de pesquisa de campo ou bibliográfica, de entrevistas, o que contribuirá para desenvolver neles habilidades de confrontar informações. Essa estrutura se assemelha a um fanzine. Penso que poderia ser mais aberto, abrindo espaços para outros temas secundários de interesse dos adolescentes, através de seções menores a fim de enriquecer o jornal, estimulando a curiosidade dos leitores, pois os mesmos poderão observar que há outras possibilidades de leitura e de acesso a outras informações. Acho que o jornal temático, apesar de ser bastante enriquecedor para quem o monta, fecha as possibilidades do leitor (e que leitor será esse: os próprios alunos que produziram? Os alunos da turma? Os alunos da escola?) que terá somente uma única opção de tema para ler. E se o tema não lhe interessar?
- SER – Você trabalhou com a produção de um vídeo. [...] você havia dito que fez uma especialização na PUC do Rio, o que te motivou a trabalhar com a mídia?
- PL – Foi bem interessante, pois quando eu fiz a especialização eu disse: “isto vai dá tanto trabalho”. Não é? Pois, você tem que dá aula, planejar, arrumar outro horário, orientar. Eu já trabalho com jornalzinho escolar desde 2001. Foi uma forma que encontrei de estimular os alunos a pesquisarem, lerem, escreverem e se sentirem autores. Ainda tenho a primeira edição com capa ilustrada por um aluno, que hoje se destaca no meio radiofônico e nas artes plásticas. Os alunos se sentiam valorizados vendo seus textos lidos por outros colegas, por professores e até familiares.
- A especialização em Tecnologias em Educação pela PUC/RIO, que concluí em 2010 me instrumentalizou muito mais abrindo minha visão sobre o uso das mídias como recurso pedagógico. Mas antes disso, acho que em 2003, não recordo bem, fiz um curso à distância da TV Escola, que tratava do tema. Toda essa formação foi bastante enriquecedora para mim.
- Foi assim que consegui aceitar o desafio de fazer um “filme” com meus alunos da 7ª B/2012/CEMB, sobre a obra Trama covarde, de Odete de Barros Mott, cujo enredo é bastante simples e que considerei adequado para a turma, uma vez que apresentava pouca maturidade em leitura de obras literárias juvenis. Fiquei surpresa, porque os alunos se mostraram bastante envolvidos. Até quem não tinha lido a obra, decidiu ler espontaneamente (não sei se por inteiro) para poder entender o personagem que iria representar. E acredite: eu só dei uma ajudinha na organização do roteiro. Fiquei muito satisfeita com a adaptação que eles fizeram da obra, com o envolvimento na hora da gravação, e com o resultado final do vídeo que foi apresentado na Semana Literária.
- Com esse trabalho, sugerido de última hora pela própria turma, descobri outro instrumento bastante aceito pelos alunos para trabalhar nas minhas aulas com literatura. O legal da produção do vídeo é que se pode corrigir o que não deu certo e gravar outra vez. Os próprios alunos se autoavaliavam e pediam para refazerem a cena. Eles queriam que saísse tudo perfeito.
- SER – Um pouco o papel que nós fizemos também, as ideias vão surgindo e a gente só orientando.
- PL – E deu certo, pois, se fossem apresentar a peça de teatro eles iam se dá mal, por que, eram tímidos, falavam baixo. No vídeo não, eles se sentiram tão importantes! A gente saiu do espaço da escola [...], foram dois dias de filmagem, alguns alunos ficaram enraivados por que queria participar, mas, não tinha personagem para todo mundo. Veja, antes eles não queriam depois, viram a movimentação e isto estimulou, fizeram questão de fazer parte. Os que não leram a história e não entenderam, compreenderam melhor o roteiro do filme. Entenderam melhor, o tema do livro, a leitura e apresentação da imagem e os dois juntos, esta ponte entre um e outro ficou interessante.

- SER – Bom, ficou legal [...] eu vi o vídeo e capturei a ideia.
- PL – veja só e não tivemos muito tempo. Foi uma semana, dois dias de gravação [...], não deu para pegar mais detalhes, já começou no seqüestro e não teve uma voz antes para explicar [...].
- SER – Mas, agora dá para pegar ele do jeito que está e fazer um processo de edição, colocar som, música, tirar os ruídos, sons [...], tudo isso é possível de fazer.
- PL – [...] pois é, há ruídos, justamente na hora que estava gravando os fogos a voz deles quase não dá para ouvir. Ficou baixa, mas, foi tão natural a gravação deles que não quisemos fazer outra [...].
- SER – Mas, dá para fazer a edição [...], nas falas que não consegue ouvir você coloca letrinhas embaixo [...], vai incrementando e deixa um vídeo-texto bem legal.
- PL – Achei interessante por que eu disse que era um filme e você disse que era um vídeo-texto. Ai eu fiquei, por que vídeo-texto [...].
- SER – Ah, é só uma nomenclatura que usamos no Grupo [...], para dizer que estamos apresentando um texto em forma de vídeo.
- PL – Ah, eu pensei que tinha feito uma filme (risos).
- SER – Esqueça, foi um filme mesmo. Nossos trabalhos, às vezes têm um recado a dá como se fosse um texto, só que em forma de vídeo. Aproveitando, vocês abordam a inserção da mídia quando estão discutindo o Planejamento Escolar?
- PL – Esporádico. Às vezes um professor de Geografia, História, Literatura, faz um trabalho, mas, não discute o conceito de mídia. Eu penso no aspecto pedagógico, de como lidar com isso, com a formação dos alunos, pois, assim eles vão tendo consciência da informação, que muitas vezes é mentirosa, não é verdadeira. Como o Cemb, que sai na mídia muitas notícias ruins, que quase tudo no Cemb não presta, mas, ninguém vem no Colégio conversar com os professores, com os alunos averiguar a realidade nossa, aproveitam o momento político só para criticar e criticar de forma errada como se tudo lá não prestasse. Lá existe um espaço imenso e possível de fazer muitas coisas na educação. É o maior Colégio da região com um espaço imenso. Há um corpo de professores excelente, que foram minhas referências e hoje são meus colegas. Os alunos, quando estimulados, são fantásticos e com um potencial enorme [...].
- SER – Durante uma conversa nossa no Cemb você ficou admirada com o Jornal principalmente pelo fato de ser aqueles alunos, que você já conhecia e saber que eles tinham dificuldades em ler, escrever, falar, expressar-se [...], o que você acha disso?
- PL – Eu acredito que foi um presente para eles. Pois, em 2011 eu trabalhei um pouco com eles com o rádio (do Cemb) e ai, eles viram também um pouco de mídia em 2012 com este trabalho. Então, eu fiquei feliz quando vi o *Matrix*. Foi um presente para a turma, pois, foram dois anos com a mídia. Provocou um amadurecimento, a percepção deles mudou, há uma mudança de olhar, pois, eles passaram a ver além do que está vendo. Eles não tinham esta percepção e foram montando o jornal. Isso é importante e valoriza-os, pois, se reconhecem no que estão fazendo.
- SER – Você gostaria de acrescentar alguma coisa, qualquer coisa?
- PL - Quanto ao jornal *Matrix*, gostaria de dar uma sugestão para outra oportunidade com esse trabalho: manter um equilíbrio entre texto e imagem. Nem muita imagem para pouco texto; nem muito texto para pouca imagem. Isso é imprescindível para criar e manter um ciclo de leitores jovens (crianças e adolescentes). Sugiro isso porque considero tão importante quem produz quanto quem ler os textos que serão veiculados em um jornal escolar.
- Gostaria ainda de fazer um desabafo: às vezes me sinto solitária no trabalho docente e em especial com o trabalho com a mídia.

Só para ilustrar: na escola onde eu trabalho pela rede municipal, haverá uma gincana ambiental. Foram divididos grupos de professores para cada grupo de alunos. Um dos professores, já antigo na escola e com experiência em gincana apresentou sua proposta para as tarefas que os alunos vão realizar. Para cada tema um aluno ou grupo de alunos vai estudar o material que ele vai preparar e apresentar no dia. Questionei se não deveríamos levar a discussão sobre o tema Educação Ambiental para as turmas para que eles próprios pudessem executar sob nossa orientação as tarefas. Entendi que não. Nem mesmo uma simples paródia. O referido professor baixou da internet uma paródia sobre educação ambiental feita por alunos de outra escola para nossos alunos ensaiarem. Ainda questionei: “Pensei que os alunos produziram a paródia!” então ele pediu que as alunas escolhidas acrescentassem mais duas estrofes à paródia.

É isso! Parece que não consigo dialogar concepção de ensino com meus colegas. Penso que tanto numa gincana, quanto na produção de um jornal, de um vídeo ou de um programa de rádio escolar nós professores temos o papel de munir nossos alunos com conhecimentos necessários para que eles próprios produzam conhecimento, sejam autores e coautores de várias produções que existem ou deveriam existir na escola. Sinto-me sozinha, parece que não entendo bem o que é educação e qual é a função da escola ou qual é a concepção de educação e a função da escola para meus pares.

Mas, nesse caminho, vez ou outra, encontro alguém, seja colega de trabalho ou não, seja aluno ou ex-aluno, em quem me apoio para desenvolver o que sei fazer e o que acho que pode ser bastante proveitoso para o aprendizado de meus alunos. O trabalho que você está realizando com o *Matrix* é mais um desses aportes que me sustentam, pois, quando penso que não vale mais a pena tanto esforço (porque trabalhar com a mídia – e com concepção mais aberta de educação - demanda esforço mesmo: planejamento, execução e finalização do produto!), vejo que outros trabalhos nessa área estão sendo executados e dão frutos e vejo que não sou tão solitária assim, só não tenho a sorte de cruzar os mesmos caminhos com pessoas que de fato pensam a escola. Além disso, meu encanto e motivação maior, ressalvados os entraves que encontramos diariamente em nossa prática pedagógica, são meus alunos. Eles são os verdadeiros protagonistas da minha caminhada com a mídia. Eu me surpreendo tanto com eles que olho para trás e percebo que meu esforço, estresse e dores de cabeça (literalmente) valeram a pena!

ENTREVISTA COM “HERMES” - MEMBRO DO *MATRIX*

15/05/2013 – Neste dia realizamos a entrevista com “HERMES”. Este sujeito foi o primeiro a integrar o Grupo e também, juntamente com ATHENA, a manusear os equipamentos. Foi ele também que indicou o nome *Matrix* para o Grupo, pois, era o único que já havia assistido ao filme e achou interessante que o grupo tivesse este nome.

No início dos trabalhos no Colégio, ele tinha a função de “multiplicador” de ensinar aos demais aquilo que ia aprendendo, como mexer na máquina de filmar, fotografar e também executava as filmagens. O “ponta pé” inicial em termos de grupo foi iniciado por ele.

“HERMES”, como outros alunos na cidade de Itabaiana é diferenciado, pois, seu tempo é muito escasso uma vez que ajuda os pais, ou seja, quando não está na escola está trabalhando com eles que são agricultores e comercializam seus produtos na feira da cidade. Estes fatores fizeram com que nosso encontro fosse na Escola e no horário do intervalo.

Este é um fato importante, pois, a dificuldade de reuniões extra-aulas durante o processo de apropriação do conhecimento midiático era evidente. Além disso, este aluno alertava da dificuldade de realizar leituras por conta de seu trabalho. Mesmo assim, com estas dificuldades, ele diferenciava-se entre os demais pela sua seriedade e responsabilidade com as tarefas e com o Grupo.

Reportamo-nos ao questionário aplicado em 2012 e iniciamos nossa conversa.

SER – Inicialmente, gostaria de agradecer a sua disponibilidade de aceitar esta conversa e dizer que você é uma pessoa importante e fundamental para o nosso trabalho, pois, foi o primeiro a integrar o grupo e também a ajudar no processo [...].

HERMES – Nada, eu quase não fiz nada [...].

SER – Você não tem ideia de suas contribuições, no final do ano, você até pediu para sair do grupo, por que não estava ajudando muito, mas, [...] foi você que iniciou os trabalhos com a câmara e também ensinou aos colegas a pegar na máquina, lembra?

HERMES – Ah, sim.

SER – Teve ainda o nome do Grupo, *Matrix* que você foi o único que tinha assistido ao filme e falou: “ah, deixa esse nome!” Não foi?

HERMES – Foi.

SER – Então, eu vou pular um pouco as questões e vou perguntar a partir daquele questionário que fizemos no início do ano de 2012 [...]. Lá havia uma pergunta sobre o que era mídia, certo? Depois de tudo que fizemos da construção do jornal, das filmagens, de nossas discussões [...] se eu te perguntasse o que é mídia prá você hoje? Mudou alguma coisa?

HERMES – Sim, mudou, mudou tudo.

SER – Como? O que você acha que mudou mais?

HERMES – No início eu sabia que era a televisão, mais a televisão, o rádio [...] estas coisas, mas, depois que o senhor veio e a gente fez o jornalzinho, os vídeos, aquele filme que você passou [...], ai eu vi que a mídia era quase tudo, até a gente.

SER – Ah, legal e esta mudança foi por causa de nossos trabalhos com a mídia?

HERMES – Sim, pois eu sabia o que era, mas, quando a gente fez o jornal, o senhor mandou a gente pesquisar, os filmes eu vi como tudo era feito [...] ai mudou.

SER – Diga uma coisa, quando a gente fazia os trabalhos, as pesquisas para o jornal [...] vocês sempre diziam que não dava para digitar, por que não tinha computador [...]. Você mesmo era um que dizia que não acessa a internet, não tinha tempo e nem via os e-mail's [...]. Como você resolvia isso? Quando havia pesquisa pela internet como você fazia?

HERMES – Com os colegas, os que tinham. No celular.

SER – Seu celular tem internet?

HERMES – Não, mas, dos colegas sim [...].

SER – E a sala de informática, você não utilizava?

HERMES – Só quando ia com algum professor. Sozinho não [...].

SER – Por que?

HERMES – Estava sempre fechada [...], a gente não podia ficar, só com um professor mesmo.

SER – Certo. Veja só, nós fizemos várias coisas aqui né? Produzimos vídeos, o jornal, filmamos, tiramos fotos [...], várias coisas. O que mais te marcou? Assim, isto eu nunca vou esquecer e vou levar para sempre [...].

HERMES – Acho que tudo. Conhecer sobre mídia, porque antes eu não pensava o que era. Eu sabia, mas, [...] não me ligava. Agora não, fico até observando mais [...]. Os colegas também do Grupo, eles me ajudaram bastante [...], às vezes não dava tempo prá ler.

Quando você entregava o jornal para a gente ler e corrigir, mudar [...], eu nunca tinha tempo [...] as meninas, CALYPSO, HELENA, ATHENA é quem me ajudavam.

SER – Bacana. Você já leu o Jornal do Grêmio? Que diferença você faz do *Matrix*?

HERMES – O nosso tem mais notícias. O do Grêmio é mais notícias do Colégio e o nosso não. Nós fazemos pesquisas e o do Grêmio parece que é só para eles [...].

SER – Você falou em algo importante. Nós para colocarmos a notícia no jornal fazíamos pesquisas, procurava saber realmente se aquela informação era verdadeira, o que você acha disso?

HERMES – Responsabilidade né?

SER – É assim que deve ser as matérias nos jornais, com responsabilidade?

HERMES – Sim, por que muitas vezes tá uma coisa e não é verdade. A gente não escrevia somente a verdade. Quando a gente não sabia deixava de fora para pesquisar [...].

SER – E você já sabia disso, de escrever com responsabilidade?

HERMES – Assim, mais ou menos, nunca me preocupei, mas, com o jornalzinho [...], o grupo [...], as reuniões ai eu aprendi mais [...].

SER – Você pretende continuar com esta experiência, assim, aqui na escola, fora [...]?

HERMES – Não sei, mas eu gostei [...] eu aprendi muito [...] se os colegas continuarem, ai, sim.

SER – Mas, você sabe como fazer ou não?

HERMES – Sim, algumas coisas.

SER – Sabe por onde começar [...] né?

HERMES – Sei.

SER – Que críticas você faria a todo processo, as aulas, ao grupo [...] o que quiser?

HERMES – Não, não tenho nenhuma.

SER – Você gostaria de acrescentar alguma coisa a mais [...], qualquer coisa?

HERMES – Só agradecer a você e pedir desculpas porque no final eu me afastei muito.

SER – Que isso! Você foi muito importante no Grupo. Na pesquisa eu chamo você de “multiplicador”, aquele que foi o primeiro a aprender e a ensinar os demais [...] eu é que agradeço.

ENTREVISTA COM “MINERVA” - MEMBRO DO *MATRIX*

15/05/2013 – Neste dia fechamos o ciclo de entrevistas com os membros do *Matrix*. Primeiro com HERMES e depois MINERVA. Esta, também foi uma aluna que se diferenciou dos demais da turma. Primeiro, por que as informações trazidas, por nós professores, na relação com a mídia, como filmes, vídeos entre outros, não eram tão novidades para ela, o que a princípio a afastava e, ao mesmo tempo, provocava uma discussão por já conhecer o assunto e isto foi fundamental para nos aproximar;

Não gostava muito de está com o Grupo ou mesmo com os colegas da turma, com raríssima exceção. Talvez, pela sua idade (18 anos) e já ter mais experiências na vida, por isso, não se enturmava muito. No entanto, ao fazer parte do *Matrix* declarou que foi uma das melhores coisas do grupo.

Percebemos que ela tinha muito a contribuir e possuía uma visão amadurecida das questões da mídia, dos filmes, dos jornais. Desde que convidamos a fazer parte do *Matrix* que suas ideias e reflexões passaram a fazer parte de todo o processo inclusive, com a ideia de continuidade do Jornal.

Com isso, reportamo-nos o questionário inicial e iniciamos nossa conversa.

SER - Percebemos durante nossas aulas que vocês alegavam dificuldades em usar o computador na escola, por quê? Mas, o celular vocês usam bastante, não? Você mesmo chamou de “Sala Fantasma”.

MINERVA – Porque sempre que precisamos diziam que não tem ninguém lá, ou estão quebrados (computadores). Quanto ao celular, não uso muito.

SER - O celular é com internet? Como utilizam?

MINERVA – não.

SER - No início do ano entregamos um questionário com algumas perguntas e uma delas abordava o que era o que mídia, você pode explicar hoje? Que tipo de mídia você pode descrever? Lá, respondeu que mídia era “conjunto de meios de comunicação que envolve jornais, TV, revista, internet, etc”. Mudou?

MINERVA – Sim, um pouco. Todo conjunto de transmissão de informação como telejornais que traz informações em geral, mas, só as que dão audiência e algumas são sensacionalistas.

SER - Nós durante as aulas realizamos filmagens, produzimos filmes e construímos um jornal impresso, o que isto representou e representa para você? O que mais te marcou nesta experiência e o que você considera que vai levar para sempre?

MINERVA – Apesar de não estar inteiramente integrada ao Grupo, ao jornal, foi uma experiência muito proveitosa e o que eu posso levar foi a convivência de uma maneira diferente com os meus colegas.

SER - Existe na escola o jornal do Grêmio, o que você diferenciaria do *Matrix*?

MINERVA – O *Matrix* tem mais conteúdo.

SER - O Jornal 4 vocês fizeram uma homenagem a Sérgio Dorenski, por quê? O que motivou vocês a fazerem isto?

MINERVA – Por que foi quem idealizou o projeto que, até então, nunca ninguém tinha feito um trabalho assim. Era a forma de dizer que aprendemos [...], ficou marcado para nós.

SER - Durante a construção do jornal, nos preocupamos em escrever com seriedade e pesquisando as informações, o que você acha disso? Como você acha que deve ser as matérias do jornal?

MINERVA – Que sempre tenha a verdade e não tem muito que mudar só se aprimorar ao passar do tempo.

SER - Vocês pretendem continuar com esta experiência/aprendizado com a mídia, com a produção de vídeo?

MINERVA – Sim, mas, só se for pra diversão.

SER - Que críticas você faria para nosso processo aqui na escola, nas aulas, no *Matrix* – grupo – Jornal, vídeo etc...?

MINERVA – Que melhore cada vez mais.

SER - O que você gostaria de acrescentar...?

MINERVA – Que o projeto foi uma boa iniciativa e quem sabe não possa ajudar alguém a usar a mídia para provocar boas ações.

APÊNDICE III

PLANEJAMENTOS E PLANOS DE AULA

Neste apêndice encontram-se: Os Planejamentos. O primeiro que fora elaborado para o período de intervenção, mas, que representava uma “intenção” ao campo de pesquisa, sem uma turma definida; O segundo Planejamento - definitivo e reelaborado – para o início das aulas já com a turma definida; Os Planos de Aula para o processo de intervenção. Estes estão mantidos como concebidos inicialmente em sua base, mas, que sofrera três alterações importantes: o cronograma, a retirada dos conteúdos Ginástica e Basquetebol. Além disso, para efeito de ilustração, deixamos apenas o Plano de aula referente a apresentação da proposta de ensino e o referente à segunda aula.

A partir do primeiro dia de março de dois mil e doze (01/03/2012) reformulamos, portanto, o Planejamento sendo compatível com o calendário escolar normal e com suas particularidades no tocante aos horários das aulas e turma, respectivamente. No entanto, as interrupções provocadas por greves, paralisações e férias, basicamente forçaram uma mudança estrutural no Planejamento e, conseqüentemente, nos Planos de aula, como também, os conteúdos e metodologias adotadas.

Neste sentido, no tocante ao cronograma, a mudança principal foi a perspectiva de prolongar o calendário até fevereiro de 2013, uma vez que o primeiro semestre fora comprometido; Com relação aos conteúdos, apesar de estar implícito o “Basquetebol” e ainda, ter iniciado o processo de aprendizagem, optamos por suspendê-lo uma vez que os equipamentos da quadra (tabelas, suporte dos aros) para as aulas estavam apresentando perigo aos alunos devido a seu estado de conservação; Quanto ao conteúdo Ginástica fizemos uma reflexão e decidimos retirá-lo também, tendo em vista a gama de conteúdos propostos, principalmente o esporte e a mídia. Além disso, devido às paralisações, o calendário ficou comprometido com o nosso tempo de intervenção.

Portanto, nossa intervenção inicia-se em março/2012, mas, efetivamente, somente a partir de julho/agosto/2012, que começamos compartilhar e consolidar conhecimentos em mídia-educação, educação física e esportes. Bem como, o processo de volta ao campo só foi possível em 2013 após o período de férias e início do ano letivo.

PLANEJAMENTO ESCOLAR (PROVISÓRIO-INTENÇÃO)

COLÉGIO ESTADUAL MURILO BRAGA

SÉRIE: 8ª Série – 9º ANO

TURMA: A definir

Ementa: Mídia-educação como conteúdo pedagógico nas aulas de Educação Física. As Tecnologias de Informação e Comunicação no contexto educacional e na EDF. O esporte, a ginástica e suas relações com a Mídia e as Tic's.

Objetivo Geral: Proporcionar aos alunos o encontro entre a mídia e as Tic's de forma autônoma e esclarecida.

Objetivos Específicos:

- Tematizar a mídia/tic's nas aulas de educação Física;
- Estimular a “produção responsável” no tocante ao uso das Tic's e Mídia;
- Relacionar as manifestações culturais, como o esporte, ginástica, nas aulas de Educação Física tendo a Mídia/Tic's no processo de mediação;
- Proporcionar a pesquisa no universo escolar a partir da relação Educação Física e Mídia/Tic's

Conteúdo:

- Mídia-educação/Educação Física;
- Tic's na educação/Educação Física;
- Esporte e Mídia/Tic's;
- Ginástica e Mídia/Tic's;

Metodologia: - Aulas práticas e teóricas; apropriação dos meios; Apresentação de Vídeos; construção de vídeos e outras Tic's.

Avaliação: Qualitativa-processual; Trabalhos escritos; Pesquisas de campo; Apresentação em grupo.

Cronograma Provisório:

MÊS	DIA (quarta e quinta)
MARÇO	7-8-14-15-21-22-28-29
ABRIL	4-5-11-12-18-19-25-26
MAIO	2-3-9-10-16-17-23-24-30-31
JUNHO	6-7-13-14-20-21-27-28
JULHO	Férias
AGOSTO	1-2-8-9-15-16-22-23-29-30
SETEMBRO	5-6-12-13-19-20

DISTRIBUIÇÃO CONTEÚDO/CRONOGRAMA:

Março

07/03/2012 – Primeiro Encontro. Apresentação da proposta de ensino. Introdução à discussão de Mídia;

08/03/2012 – Questionário sobre os tipos de mídias/tic's presentes no cotidiano dos alunos;

- 14/03/2012 – Observação do fenômeno esportivo, da Educação Física e da Ginástica, pela lente da mídia impressa, da TV, do rádio e pela internet;
- 15/03/2012 – Idem; Observação do fenômeno esportivo, da Educação Física e da Ginástica, pela lente da mídia impressa, da TV, do rádio e pela internet;
- 21/03/2012 – Análise/reflexão das mídias e Tic's, em busca da ideia de mídia-educação reflexão crítica dos conteúdos midiáticos, principalmente no campo esportivo (SOBRE);
- 22/03/2012 – Análise/reflexão das mídias e Tic's, em busca da ideia de mídia-educação reflexão crítica dos conteúdos midiáticos, principalmente no campo esportivo (SOBRE);
- 28/03/2012 – Apresentação de Vídeos. Experiências didáticas com uso de vídeos, imagens, reportagens, entre outros (COM);
- 29/03/2012 – Introdução/iniciando a construção dos meios. Criando um ambiente propício para a educação acontecer (ATRAVÉS);

Abril

- 04/04/2012 – Retomar os conteúdos discutidos no âmbito do Sobre, Com, Através;
- 05/04/2012 – Retomar os conteúdos discutidos no âmbito do Sobre, Com, Através;
- 11/04/2012 – Reflexão sobre uma produção no campo midiático, responsável;
- 12/04/2012 – Reflexão sobre uma produção autônoma e a caminho do esclarecimento;
- 18/04/2012 – **Formação de um grupo permanente para análise, uso e produção das Tic's e Mídia no ambiente escolar;**
- 19/04/2012 – Construção de metas para o Grupo permanente;
- 25/04/2012 – Exercitando a autonomia do grupo permanente;
- 26/04/2012 – Exercitando a autonomia do grupo permanente;

Mai

- 02/05/2012 – Reflexão sobre a construção, produção do grupo;
- 03/05/2012 – Reflexão sobre a construção, produção do grupo – processo de mediação;
- 09/05/2012 – Retomando a discussão a partir de novos parâmetros;
- 10/05/2012 – Reconstrução da produção midiática;
- 16/05/2012 – Exercitando a autonomia do grupo permanente;
- 17/05/2012 – Exercitando a autonomia do grupo permanente;
- 23/05/2012 – Exercitando a autonomia do grupo permanente;
- 24/05/2012 – Exercitando a autonomia do grupo permanente;
- 30/05/2012 – Sociabilização do processo de construção midiática do grupo;
- 31/05/2012 – Sociabilização do processo de construção midiática do grupo;

Junho

06/06/2012 – Retomar os conteúdos discutidos no âmbito do Sobre, Com, Através, agora com o olhar do grupo e de suas construções;

07/06/2012 – Retomar os conteúdos discutidos no âmbito do Sobre, Com, Através, agora com o olhar do grupo e de suas construções;

13/06/2012 – Elaboração/Roteiro para apreensão do discurso midiático no campo esportivo, da ginástica e da educação física, pela lente da mídia e das Tic's;

14/06/2012 – Elaboração/Roteiro para apreensão do discurso midiático no campo esportivo, da ginástica e da educação física, pela lente da mídia e das Tic's;

20/06/2012 – Espaço aberto para construção – produção responsável;

21/06/2012 – Espaço aberto para construção – produção responsável;

27/06/2012 – Sociabilização do processo de construção midiática do grupo;

28/06/2012 – Sociabilização do processo de construção midiática do grupo;

Agosto/Setembro

01/08/2012 – Período para reorganizar o grupo. Manter viva a *Matrix* e realizar as entrevistas individuais e com o grupo que irá até meados de setembro.

REFERÊNCIAS:

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Imagem e ação: a televisão e a Educação Física Escolar**. In: Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física**. Bauru/SP. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte, 1998a.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**, UFES: Vitória 1997.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. Campinas: Autores Associados, 1992.

_____. _____. São Paulo: Cortez, 2009.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

_____. **Crianças, cinema e educação: além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2011.

FANTIN, Mônica e GIRARDELLO, Gilka. **Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papirus, 2008.

GALLARDO, Jorge S. Pérez. **Ginástica**. In: Dicionário crítico de Educação Física. Orgs. GONZALEZ, Fernando J. e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Ijuí: UNIJUI, 2005.

KUNZ, E. **Educação física: ensino & mudança**. Ijuí: UNIJUI, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUI, 1994.

_____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUI, Vol. 1, 2001.

_____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUI, Vol. 2, 2002.

_____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUI, Vol. 3, 2005.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, S. A. **Reinvenção do esporte: possibilidades de prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2001.

PAES, Roberto R. **Educação Física Escolar: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Campinas. Tese de Doutorado, 1996.

PIRES, Giovani De Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física. In: **Revista Motrivivência**. Dezembro de 1997.

_____. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. **Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física**. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

PIRES, G. DE L. E SILVEIRA J. **Esporte educacional ... existe? Tarefa e compromisso da educação física com o esporte na escola**. Esporte, educação, estado e sociedade. Chapecó: Argus, 2007.

PIRES, Giovani. D. e RIBEIRO, Sergio D. D. **Pesquisa em Educação Física e Mídia: contribuições do Labomídia/UFSC**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010.

PLANEJAMENTO II – “REFORMULADO” - DEFINITIVO

COLÉGIO ESTADUAL MURILO BRAGA

DISCIPLINA: Educação Física

SÉRIE: 8ª Série - 9º ANO

TURMA: “A” – Vespertino.

Dia/Horário: Quinta-Feira - 15:50h às 17:30h (duas aulas seqüenciais).

Ementa: Mídia e Educação Física no contexto escolar. As Tecnologias de Informação e Comunicação na educação e na Educação Física. O esporte - Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futsal - e suas relações com a Mídia e as Tic’s. A criação/produção em mídia de forma autônoma, consciente, esclarecida e responsável no contexto escolar.

Objetivo Geral: Proporcionar aos alunos do ensino fundamental – de forma crítica, criativa e reflexiva no exercício da autonomia - o encontro entre a mídia e as Tic’s nas aulas de Educação Física.

Objetivos Específicos:

- Tematizar a mídia/tic’s nas aulas de Educação Física;
- Estimular a “produção responsável” no tocante ao uso das Tic’s e Mídia;
- Conhecer outras áreas que interligam a Educação Física e a Mídia;
- Relacionar as manifestações culturais, como o esporte, nas aulas de Educação Física tendo a Mídia/Tic’s no processo de mediação;
- Proporcionar a pesquisa no universo escolar a partir da relação Educação Física, Esporte e Mídia/Tic’s, conhecendo a história dos esportes e suas “tramas” em nossa sociedade;
- Conhecer e vivenciar práticas esportivas (Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futsal);
- Promover o senso crítico, o sentido de cooperação, sociabilização a partir das práticas esportivas (Basquetebol, Voleibol, Handebol e Futsal);
- Conhecer e redimensionar as regras e práticas esportivas no universo escolar;

Conteúdos Temáticos:

1º Ciclo:

- Apresentação dos Conteúdos;
- O esporte na sociedade moderna atual;
- Contato inicial com as modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal, com a mídia e os equipamentos-filmadora);
- Mídia e esporte - Introdução ao aprendizado da relação esporte e mídia.

2º Ciclo:

- Aprofundamento do conhecimento sobre as modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol);
- Regras básicas das modalidades esportivas Basquetebol e Voleibol;
- Fundamentos básicos das modalidades esportivas Basquetebol, Voleibol;
- Construção do Jogo a partir das modalidades esportivas Basquetebol e Voleibol;
- Espetacularização do esporte (telespetáculo);

- Mídia e esporte – Aprofundamento da relação esporte e mídia (Roteiro, edição, decupagem).

3º Ciclo:

- Aprofundamento do conhecimento sobre as modalidades esportivas (Handebol e Futsal);
- Regras básicas das modalidades esportivas Handebol e Futsal;
- Fundamentos básicos das modalidades esportivas Handebol e Futsal;
- História das modalidades esportivas Handebol e Futsal;
- Construção do Jogo a partir das modalidades esportivas Handebol e Futsal;
- Mídia (produção).

4º Ciclo:

- Revisão geral das modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal);
- Mídia e esporte – reflexão crítica do conhecimento em mídia e a produção autônoma;
- Materialização da produção em mídia (jornal e vídeos produzidos)

Metodologia: - Aulas práticas e teóricas; apropriação dos meios técnicos como filmadora; Apresentação de vídeos, filmes; construção de vídeos e outras TIC's.

Avaliação: Qualitativa-processual; Trabalhos e provas escritas; Pesquisas de campo; Apresentação em grupo.

CRONOGRAMA (Reelaborado a partir do dia/aula - uma vez por semana para as aulas a partir do dia 01/03 sendo um encontro semanal):

MÊS	DIA (Quinta-Feira- duas aulas por dia)
MARÇO	1-8-15-22-29
ABRIL	5-12-19-26
MAIO	3-10-17-24-31
JUNHO	7-14-21-28
JULHO	Férias
Agosto	1-8-15 (retorno ao campo)
Setembro	6-13-20 (retorno ao campo)

DISTRIBUIÇÃO CONTEÚDO/CRONOGRAMA

OBSERVAÇÃO: Os conteúdos da Ginástica e do Basquetebol continuam como ilustração e intenção inicial do Planejamento, mas, que não foram contemplados, com exceção de uma única aula do Basquetebol.

Março – 1º Ciclo – Conhecendo a Realidade Escolar; Apresentação dos Conteúdos; Elaboração da crítica ao esporte; Contato inicial com as modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal, com a mídia e os equipamentos (filmadora).

01/03/2012 – Apresentação da proposta de ensino para o ano letivo com os temas: Esporte, Ginástica e Mídia. Primeiro Encontro. Introdução à discussão de Mídia;

08/03/2012 – Uma introdução aos esportes coletivos: Futsal e voleibol. A Mídia na vida dos alunos e suas formas de comunicação. Questionário sobre os tipos de mídias/tic's presentes no cotidiano dos alunos;

15/03/2012 – Uma introdução ao estudo da mídia. A mídia em nossa sociedade. A relação da mídia com Educação Física e esportes (análise Crítica). Observação do fenômeno esportivo e da Educação Física pela lente da mídia impressa, da TV, do rádio e pela internet;

22/03/2012 – Uma introdução ao Voleibol. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Observação do fenômeno esportivo e da Educação Física pela lente da mídia impressa, da TV, do rádio e pela internet;

29/03/2012 – Introdução ao Futsal. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise/reflexão das mídias e Tic's, em busca da ideia de mídia-educação reflexão crítica dos conteúdos midiáticos, principalmente no campo esportivo;

30/03/2012 – **REFLEXÃO DO MÊS** – Do primeiro encontro a o último dia do mês a ideia é estabelecer nexos entre a Educação Física, o Esporte e a Mídia. Com isto, passaremos a observar o fenômeno esportivo, da Educação Física e da Ginástica, pela lente da mídia impressa, da TV, do rádio e pela internet entre outros. Estabeleceremos Análise/reflexão das mídias e Tic's como primeiro passo para buscar a ideia de mídia-educação, por isto será necessária a reflexão crítica dos conteúdos midiáticos, principalmente no campo esportivo (SOBRE). Também, Apresentaremos Vídeos, filmes e experiências didáticas com uso de mídia, imagens, reportagens, entre outros (COM) seguindo a linha de Mídia-educação. O primeiro mês representa a “quebra de gelo” para a mídia e também para apreensão dos conteúdos esportivos (introdução) – Voleibol e Futsal.

Abril – 2º Ciclo – Aprofundamento do conhecimento sobre as modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal), sobre a mídia e os equipamentos (filmadora) e início da produção em mídia. Roteiro, edição, decupagem em pauta.

05/04/2012 – Uma introdução ao Basquetebol. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Observação ao contexto da mídia no campo esportivo. Análise/reflexão das mídias e Tic's, em busca da ideia de mídia-educação. Reflexão crítica dos conteúdos midiáticos, principalmente no campo esportivo (SOBRE);

12/04/2012 – Uma introdução ao Handebol. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Reflexão acerca das mensagens da mídia (geral) e do campo esportivo (específico). Reflexão sobre uma produção autônoma e a caminho do esclarecimento (ATRAVÉS);

19/04/2012 – Voleibol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Construção de metas para o Grupo permanente;

26/04/2012 – Voleibol - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise

das mensagens da mídia no campo esportivo. Exercitando a autonomia do grupo permanente (aprendendo os segredos: roteiro, decupagem, edição);

30/04/2012 – REFLEXÃO DO MÊS – Reiniciaremos (retomar) o processo de aprendizagem em mídia-educação com apresentação de Vídeos, com experiências didáticas com uso de vídeos, imagens, reportagens, entre outros (COM). Faremos a Introdução/iniciação da construção dos meios, criando um ambiente propício para a educação acontecer (ATRAVÉS), como a produção de vídeos. Estabeleceremos reflexões críticas sobre uma produção no campo midiático responsável. Bem como, estimularemos a criação/formação de um grupo permanente para análise, uso e produção de Mídia no ambiente escolar exercitando a autonomia, a responsabilidade, a conscientização, o esclarecimento. Continuaremos com a apreensão dos conteúdos esportivos (Basquetebol e Handebol) de forma ainda introdutória e iniciaremos mais especificamente o Voleibol.

Maio – 3º Ciclo – Rememorando o conhecimento apreendido nas modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal) e com a mídia e os equipamentos (filmadora). Ratificar a produção em mídia.

03/05/2012 – Basquetebol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Reflexão sobre a construção, produção do grupo – processo de mediação;

10/05/2012 – Basquetebol - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Reconstrução da produção midiática;

17/05/2012 – Handebol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Exercitando a autonomia do grupo permanente com a criação de vídeos e de um Jornal impresso;

24/05/2012 – Handebol- fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Exercitando a autonomia do grupo permanente, socializando a produção/construção da mídia;

31/05/2012 – Futsal, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Sociabilização do processo da construção midiática do grupo com apresentação e distribuição dos vídeos e do jornal, respectivamente;

31/05/2012 – REFLEXÃO DO MÊS – Reiniciaremos (retomar) o processo de aprendizagem em mídia-educação com a análise crítica das mensagens midiáticas; Apresentação de vídeos, com experiências didáticas com uso de vídeos, imagens, reportagens, entre outros (COM, SOBRE). Consolidaremos a construção/criação de um Grupo permanente para a produção em mídia-educação, no ambiente escolar, acontecer (ATRAVÉS). Estabeleceremos reflexões críticas sobre uma produção no campo

mediático responsável com autonomia, responsabilidade, conscientização, esclarecimento. Sociabilização do processo de construção midiática do grupo com os demais alunos do Colégio, da cidade. Continuaremos com a apreensão dos conteúdos esportivos (Futsal, Handebol), a Ginástica e a relação destes com a mídia.

Junho - 4º Ciclo – Fechamento do ciclo de aprendizagem das modalidades esportivas (Voleibol, Basquetebol, Handebol e Futsal). Aprofundamento do conhecimento em mídia e os equipamentos (filmadora). Materialização da produção em mídia (jornal e vídeos produzidos). Sociabilização do processo de aprendizagem em mídia-educação.

07/06/2012 – Futsal - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar. Processo de “multiplicação” sobre a apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar se consolida. Análise, reflexão crítica, utilização e produção da mídia, tendo como referencia o esporte e a educação física, se completam. Retomar os conteúdos discutidos no âmbito do Sobre, Com, Através, agora com o olhar do grupo e de suas construções;

14/06/2012 – A Ginástica. Aspectos históricos. Concepções históricas da Ginástica. A Ginástica no âmbito escolar na atualidade. Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar. Processo de “multiplicação” sobre a apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar se consolida. Análise, reflexão crítica, utilização e produção da mídia, tendo como referencia o esporte e a educação física, se completam;

21/06/2012 – Ginástica – Possibilidades de aplicação no contexto escolar. Processo de “multiplicação” sobre a apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar se consolida. Análise, reflexão crítica, utilização e produção da mídia, tendo como referencia o esporte e a educação física, se completam. Espaço aberto para construção – produção responsável;

28/06/2012 – Revisão Geral sobre os esportes e a Ginástica. Apropriação dos meios (filmadora). Processo de “multiplicação” sobre a apropriação dos meios no cotidiano escolar concretiza-se. Sociabilização do processo de construção midiática do grupo;

30/06/2012 – **REFLEXÃO DO MÊS** – Observação do processo de mídia-educação em evidência: Aprendizagem em mídia-educação com a análise crítica das mensagens midiáticas; Apresentação de vídeos, com experiências didáticas com uso de vídeos, imagens, reportagens, entre outros (COM, SOBRE). Consolidaremos a construção/criação de um Grupo permanente para a produção em mídia-educação, no ambiente escolar, acontecer (ATRAVÉS). Reflexões críticas sobre uma produção no campo mediático responsável com autonomia, responsabilidade, conscientização, esclarecimento. Sociabilização do processo de construção midiática do grupo com os demais alunos do Colégio, da cidade. A relação esporte e mídia completada (Voleibol, Basquetebol, Futsal, Handebol), a Ginástica no contexto escolar.

Agosto/Setembro

01/08/ a 13/09/2012 – Período para reorganizar o Grupo. Manter vivo a construção realizada pelo Grupo. Novos contatos para as entrevistas individuais e com os integrantes do Grupo.

CRONOGRAMA DEMONSTRATIVO - Datas efetivas de intervenção ao campo (Reelaborado dia/aula uma vez por semana a partir de 01/03 com as paralisações ocorridas e ampliação do calendário):

MÊS	DIA (Quinta-Feira- duas aulas por dia)
MARÇO	1-8-15(Paralisação)-22-29
ABRIL	5 (Semana Santa)-12- Greve
MAIO	Greve
JUNHO	Greve -14-21- Férias
JULHO	Férias – 12-19-26
AGOSTO	2-9-16-23-30
SETEMBRO	6 (Paralisação) -13-20-27
OUTUBRO	4-(Preparar a escola para eleições)11-18-25
NOVEMBRO	1-8-15-22-29
DEZEMBRO	6-13-20-27
JANEIRO/2013	3-10-17 (Semana Literária)-24-31
FEVEREIRO/2013	7-14-21

REFERÊNCIAS:

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. **Imagem e ação**: a televisão e a Educação Física Escolar. In: Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Mídia e educação**: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física. Bauru/SP. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte, 1998a.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução, UFES: Vitória 1997.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. Campinas: Autores Associados, 1992.

_____. _____. São Paulo: Cortez, 2009.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

_____. **Crianças, cinema e educação: além do arco-íris.** São Paulo: Annablume, 2011.

FANTIN, Mônica e GIRARDELLO, Gilka. **Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância.** Campinas: Papirus, 2008.

GALLARDO, Jorge S. Pérez. **Ginástica.** In: Dicionário crítico de Educação Física. Orgs. GONZALEZ, Fernando J. e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Ijuí: UNIJUI, 2005.

KUNZ, E. **Educação física: ensino & mudança.** Ijuí: UNIJUI, 1991.

_____. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: UNIJUI, 1994.

_____. **Didática da Educação Física.** Ijuí: UNIJUI, Vol. 1, 2001.

_____. **Didática da Educação Física.** Ijuí: UNIJUI, Vol. 2, 2002.

_____. **Didática da Educação Física.** Ijuí: UNIJUI, Vol. 3, 2005.

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade.** São Paulo: Cortez, 2005.

OLIVEIRA, S. A. **Reinvenção do esporte: possibilidades de prática pedagógica.** Campinas: Autores Associados, 2001.

PAES, Roberto R. **Educação Física Escolar: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.** Campinas. Tese de Doutorado, 1996.

PIRES, Giovani De Lorenzi. **Globalização, cultura esportiva e educação física.** In: **Revista Motrivivência.** Dezembro de 1997.

_____. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória.** Ijuí: Unijuí, 2002.

_____. **Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física.** In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas.** São Paulo: Hucitec, 2003.

PIRES, G. DE L. E SILVEIRA J. **Esporte educacional ... existe? Tarefa e compromisso da educação física com o esporte na escola.** Esporte, educação, estado e sociedade. Chapecó: Argus, 2007.

PIRES, Giovani. D. e RIBEIRO, Sergio D. D. **Pesquisa em Educação Física e Mídia: contribuições do Labomídia/UFSC.** Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010.

COLÉGIO ESTADUAL MURILO BRAGA
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSOR: Sérgio Dorenski – e-mail: dorenski@gmail.com
SÉRIE: 8ª – 9º Ano
TURMA: “A”
PERÍODO: Vespertino
DATA: 01/03/2012

PLANO DE AULA

TEMA PRINCIPAL: Apresentação da proposta de ensino para o ano letivo com os temas: Esporte, ginástica e mídia.

1. OBJETIVOS DA AULA:

- Estabelecer o primeiro contato com a turma;
- Apresentar o planejamento anual;
- Discutir acerca dos conteúdos que serão ministrados durante o ano letivo;
- Apresentar a discussão de mídia como uma proposta para o ano letivo;
- estabelecer um primeiro momentos de práticas esportivas.

2. METODOLOGIA

2.1 – Primeiro momento:

- Aula expositiva e /ou com apresentação do Planejamento;
- Discussão introdutória da relação da Educação Física, Mídia e Esporte.

2.2 – Segundo momento:

- Subdivisões do espaço em que caracterizasse os jogos (Futsal e voleibol e logo após, basquetebol e Futsal), pequenos jogos, sem regras rígidas cujo principal objetivo era tentar fazer o ponto.

2.3 – Terceiro momento:

- Roda de conversa com todos os alunos – revisando tudo que viram no dia
- Informação dos conteúdos da próxima aula e tarefas.

3. CONTEÚDO:

- Planejamento – apresentação;
- Introdução às práticas esportivas (Futsal, vôlei, basquete e handebol) e jogos da cultura local (Queimado)

4. AVALIAÇÃO

- Reflexão acerca da aula, dos primeiros contatos, perspectiva de trabalhar com a mídia;
- qualitativa processual;

REFERÊNCIAS PARA OS PLANOS:

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro: esporte, televisão e educação física.** Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Imagem e ação: a televisão e a Educação Física Escolar.** In: Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Mídia e educação: análise da relação dos meios de comunicação de massa com a educação física.** Bauru/SP. Seminário Brasileiro em Pedagogia do Esporte, 1998a.

BELLONI, Maria Luíza. **O que é mídia-educação.** Campinas: Autores Associados, 2001.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução,** UFES: Vitória 1997.

_____. **Educação física e aprendizagem social.** Porto Alegre: Magister, 1992.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: A História que não se conta.** Campinas, SP, 1991.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

_____. _____. São Paulo: Cortez, 2009.

DAIUTO, Moacir. **Basquetebol, metodologia do ensino.** São Paulo: Hemus, 1991.

DIETRICH, Knut et al. **Os grandes jogos: metodologia e prática.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1984.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália.** Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

_____. **Crianças, cinema e educação: além do arco-íris.** São Paulo: Annablume, 2011.

FANTIN, Mônica e GIRARDELLO, Gilka. **Liga, roda, clica: Estudos em mídia, cultura e infância.** Campinas: Papirus, 2008.

FERREIRA, Aluísio & XAVIER, Elias. **Basquetebol: técnicas e táticas, uma abordagem didática pedagógica,** São Paulo: EPU, 1987.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física.** São Paulo: Scipione, 1989.

GALLARDO, Jorge S. Pérez. **Ginástica.** In: Dicionário crítico de Educação Física. Orgs. GONZALEZ, Fernando J. e FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Ijuí: UNIJUI, 2005.

GRECO, Pablo Juan e BRENDA, Rodolfo Novellino. **Iniciação esportiva universal.** Belo Horizonte, MG: UFMG, 1998.

HILDEBRANDT, Reiner. **Concepções abertas no ensino da educação física.** Rio de Janeiro: ao livro técnico, 1980.

- KUNZ, Elenor. **Educação física: ensino & mudança**. Ijuí: UNIJUÍ, 1991.
- _____. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: UNIJUÍ, 1994.
- _____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, Vol. 1, 2001.
- _____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, Vol. 2, 2002.
- _____. **Didática da Educação Física**. Ijuí: UNIJUÍ, Vol. 3, 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LUCENA, R.F.. **Futsal e a iniciação**. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.
- _____. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.
- MOREIRA, Wagner Wey e SIMÕES, Regina. **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: editora UNIMEP, 2002.
- OLIVEIRA, S. A. **Reinvenção do esporte: possibilidades de prática pedagógica**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. **O que é educação física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade**. São Paulo: Cortez, 2005.
- PAES, Roberto Rodrigues. **Aprendizagem e competição precoce: o caso do basquetebol**, Campinas, SP: Unicamp, 1992.
- _____. **Educação Física Escolar: O esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.
- PIRES, Giovani De Lorenzi. **Educação física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.
- _____. **Globalização, cultura esportiva e educação física**. In: **Revista Motrivivência**. Dezembro de 1997.
- _____. **Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte**. **Revista de Educação Física/UEM**. Maringá-PR, 1998.
- _____. **Cultura Esportiva e Mídia: abordagem crítico-emancipatória no ensino de graduação em Educação Física**. In: BETTI, Mauro (org.). **Educação Física e mídia, novos olhares, outras práticas**. São Paulo: Hucitec, 2003.

PIRES, G. DE L. E SILVEIRA J. **Esporte educacional... existe?** Tarefa e compromisso da educação física com o esporte na escola. Esporte, educação, estado e sociedade. Chapecó: Argus, 2007.

PIRES, Giovani. D. e RIBEIRO, Sergio D. D. **Pesquisa em Educação Física e Mídia:** contribuições do Labomídia/UFSC. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2010.

PRONI, Marcelo e LUCENA, Ricardo. **Esporte:** história e sociedade. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RODRIGUES, Pedro Luis de La Paz. Baloncesto: aspectos históricos, metodológicos y de organización de competencias. Habana: Pueblo e Educación, 1989.

SILVA, Ana Márcia. **Esporte espetáculo:** a mercadorização do movimento corporal humano. Florianópolis: Dissertação de Mestrado. 1991.

SOARES, Carmen. **Educação física:** raízes européias e Brasil. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

STÖCKER, Gerhard. **Basquetebol:** sua prática na escola e no lazer, Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

COLÉGIO ESTADUAL MURILO BRAGA
DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
PROFESSOR: Sérgio Dorenski – e-mail: dorenski@gmail.com
SÉRIE: 8ª – 9º Ano
TURMA: “A”
PERÍODO: Vespertino
DATA: 08/03/2012

PLANO DE AULA

TEMA PRINCIPAL: Uma introdução aos esportes coletivos: Futsal e voleibol.
TEMA TRANSVERSAL: A Mídia na vida dos alunos, seus, formas de comunicação.

1. OBJETIVOS DA AULA:

- Restabelecer o contato com a turma;
- Reapresentar o planejamento anual;
- Rediscutir acerca dos conteúdos que serão ministrados durante o ano letivo;
- Reapresentar a discussão de mídia como uma proposta para o ano letivo;
- Analisar o entendimento dos alunos acerca da mídia e das comunicações (questionário);
- Iniciar as atividades práticas sobre o Futsal e voleibol.

2. METODOLOGIA

2.1 – Primeiro momento:

- aula expositiva e /ou com projeção de filme em sala;
- Aplicação de um questionário – sobre mídia e comunicação.

2.2 – Segundo momento:

- aula prática em quadra;
- atividades do jogo de voleibol e Futsal (jogo dessas modalidades sem o rigor regra oficiais, tendo cuidado com acidentes, incluir todos no processo do jogo);
- atividade de queimado.

2.3 – Terceiro momento:

- Roda de conversa com todos os alunos – revisando tudo que viram no dia
- Informação dos conteúdos da próxima aula e tarefas.

3. CONTEÚDO:

- Planejamento – reapresentação;
- Introdução às práticas esportivas (Futsal, vôlei) e jogos da cultura local (Queimado)

4. AVALIAÇÃO

- Reflexão acerca da aula;
- qualitativa processual;

REFERÊNCIAS

- Idem...

TABELA: DISTRIBUIÇÃO DO CONTEÚDO/AULA

OBS: Construimos todos os planos de aula, mas, deixamos neste apêndice uma síntese geral.

DATA	TEMA PRINCIPAL	TEMA TRANSVERSAL
01/03/2012	Apresentação da proposta de ensino para o ano letivo com os temas: Esporte, ginástica e mídia	
08/03/2012	Uma introdução aos esportes coletivos: Futsal e voleibol	A Mídia na vida dos alunos, seus, formas de comunicação
15/03/2012	Uma introdução ao estudo da mídia. A mídia em nossa sociedade. A relação da mídia com Educação Física e esportes	
22/03/2012	Uma introdução ao Voleibol	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar
29/03/2012	Introdução ao Futsal	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar
05/04/2012	Uma introdução ao Basquetebol	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores); Observação ao contexto da mídia no campo esportivo
12/04/2012	Uma introdução ao Handebol	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores). Reflexão acerca das mensagens da mídia (geral) e do campo esportivo (específico)
19/04/2012	Voleibol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
26/04/2012	Voleibol - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (multiplicadores). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
03/05/2012	Basquetebol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
10/05/2012	Basquetebol - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
17/05/2012	Handebol, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
24/05/2012	Handebol- fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo.
31/05/2012	Futsal, aspectos históricos, fundamentos básicos e regras iniciais	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (produção). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo
07/06/2012	Futsal - fundamentos básicos e regras iniciais. Implicações de sua prática no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Exercício da autonomia e responsabilidade na produção da mídia
14/06/2012	A Ginástica. Aspectos históricos. Concepções históricas da Ginástica. A Ginástica no âmbito escolar na atualidade	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise, reflexão crítica, utilização e produção da mídia, tendo como referencia o esporte e a educação física. Processo de “multiplicação” sobre a apropriação dos meios
21/06/2012	Ginástica – Possibilidades de aplicação no contexto escolar	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo. Produção Responsável em Mídia
28/06/2012	Revisão Geral sobre os esportes e a Ginástica	Apropriação dos meios (filmadora) no cotidiano escolar (sociabilização). Análise das mensagens da mídia no campo esportivo

APÊNDICE IV

I QUESTIONÁRIO APLICADO À TURMA EM OBSERVAÇÃO

1. Sexo: () Feminino () Masculino
2. Idade:
3. Você tem acesso a algum meio de comunicação? Qual (is)? Qual você mais utiliza?
4. O que significa Mídia? Dê sua opinião sobre isto.
5. De que maneira você se comunica com as pessoas, com seus amigos, com seus parentes?
6. Como você fica sabendo das notícias que ocorre em sua cidade, no Brasil e no mundo?

II QUESTIONÁRIO APLICADO À TURMA (*MATRIX*)

QUESTIONÁRIO ECONÔMICO (SOCIAL)

1. Qual seu estado civil?

- 1.1 Solteiro ();
- 1.2 Casado () / mora com um companheiro ();
- 1.3 Separado () / divorciado() / desquitado();
- 1.4 Viúvo ().

2. Onde e como você mora atualmente?

- 2.1 Em casa ou apartamento, com minha família ();
- 2.2 Em quarto ou cômodo alugado ();
- 2.3 Em habitação coletiva: hotel, hospedaria, quartel, pensionato, república etc ();
- 2.4 Outra situação (). Qual? _____

3. Quem mora com você?

- 3.1. Moro sozinho ();
- 3.2. Pai e/ou mãe ();
- 3.3. Esposo () / companheiro();
- 3.4. Filhos (as) ();
- 3.4. Irmãos (ãs) ();
- 3.5. Outros parentes, amigos (as) ou colegas ();
- 3.6. Outra situação (). Qual? _____

4. Quantas pessoas moram em sua casa? (Contando com seus pais, irmãos ou outras pessoas...).

- 4.1 Duas pessoas ();
- 4.2 Três ();
- 4.3 Quatro ();
- 4.4 Cinco ();
- 4.5 Mais de cinco ();

5. Até quando seu pai estudou?

- 5.1 Não estudou ();
- 5.2 Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário) ();
- 5.3 Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio) ();

- 5.4 Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto ();
- 5.5 Ensino médio completo ();
- 5.6 Ensino superior incompleto ();
- 5.7 Ensino superior completo ();
- 5.8 Pós-graduação ().

6. Até quando sua mãe estudou?

- 6.1 Não estudou ();
- 6.2 Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental ();
- 6.3 Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental ();
- 6.4 Ensino médio incompleto ();
- 6.5 Ensino médio completo ();
- 6.6 Ensino superior incompleto ();
- 6.7 Ensino superior completo ();
- 6.8 Pós-graduação ().

7. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar? (Considere a renda de todos que moram na sua casa e como referência o salário a partir de jan.2013 R\$ 678,00 inclusive).

- 7.1 Até 1 salário mínimo ();
- 7.2 De 1 a 2 salários mínimo();
- 7.3 De 2 a 5 salários mínimos ();
- 7.4 De 5 a 10 salários mínimos ();
- 7.5 De 10 a 30 salários mínimos ();
- 7.6 De 30 a 50 salários mínimos ();
- 7.7 Mais de 50 salários mínimos ();
- 7.8 Nenhuma renda (). Outra atividade econômica (). Qual? _____

8. Como e onde é sua casa?

- 8.1. Própria ();
- 8.2. Alugada ();
- 8.3. É em rua calçada ou asfaltada ();
- 8.4. Tem água corrente na torneira ();
- 8.5. Tem eletricidade ();
- 8.6. É situada em zona rural ();

9. Recebe algum incentivo do Governo Federal tipo Bolsa Família?

- 9.1. Sim (); Qual? _____
- 9.2 Não. ()

10. Como vem para escola?

- 10.1 Ônibus escolar gratuito ();
- 10.2 Ônibus particular ();
- 10.3 À pé ();
- 10.3 Outro (). Qual? _____

APENDICE V
ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM: ALUNOS (*Matrix*);
ALUNOS (8ª “A”); PROFESSOR DE LITERATURA;
PROFESSOR (Educação Física)

01. Percebemos durante nossas aulas que vocês alegavam dificuldades em usar o computador na escola, por quê? Mas, o celular vocês usam bastante, não?
02. O celular é com internet? Como utilizam?
03. No início do ano entregamos um questionário com algumas questões e uma delas questionava o que era o que mídia, você pode explicar hoje? Que tipo de mídia você pode descrever?
04. Nós durante as aulas realizamos filmagens, produzimos filmes e construímos um jornal impresso, o que isto representou e representa para você? O que mais te marcou nesta experiência e o que você considera que vai levar para sempre?
05. Existe na escola o jornal do Grêmio, o que você diferenciaria do *Matrix*?
06. O Jornal 4 vocês fizeram uma homenagem a Sérgio Dorenski, por quê? O que motivou vocês a fazerem isto?
07. Durante a construção do jornal, nos preocupamos em escrever com seriedade e pesquisando as informações, o que você acha disso? Como você acha que deve ser as matérias do jornal?
08. Vocês pretendem continuar com esta experiência/aprendizado com a mídia, com a produção de vídeo?
09. Que críticas você faria para nosso processo aqui na escola, nas aulas, no *Matrix* – grupo – Jornal, vídeo etc...?
10. O que você gostaria de acrescentar...?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS ALUNOS (8ª “A”)

01. Vocês tinham dificuldades em usar o computador na escola, por quê? Mas, o celular vocês usam bastante, não?
02. O celular é com internet? Como utilizam?
03. No início do ano entregamos um questionário com algumas questões e uma delas questionava o que era o que mídia, você pode explicar hoje? Que tipo de mídia você pode descrever?
04. Quando faziam as pesquisas para colocar no Jornal, como pesquisavam? Usavam a internet? O que mais te marcou nesta experiência o que você considera que vai levar para sempre?
05. Existe na escola o jornal do Grêmio, o que você diferenciaria do *Matrix*? Você acompanhou o trabalho do grupo que ficou responsável pelas filmagens e o jornal? Você entendeu o que eles estavam fazendo?
06. O Jornal 4 houve uma homenagem ao professor Sérgio Dorenski o que você achou disso?
07. Durante a construção do jornal, nos preocupamos em escrever com seriedade e pesquisando as informações, o que você acha disso? Como você acha que deve ser as matérias dos jornais, da mídia de modo geral?
08. Que críticas você faria para nosso processo aqui na escola, nas aulas, para o Jornal
09. O que você gostaria de acrescentar...?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR (Literatura)

01. Existe na escola o jornal do Grêmio, o que você diferenciaria do *Matrix*?
02. Como você ver a participação de outros professores lidando com a mídia. Eles estão preparados para atuar provocando a autonomia e a reflexão crítica?
03. O que te motivou a trabalhar com a mídia (vídeo e jornal) na formação dos alunos do cemb?
04. Vocês discutem a inserção da mídia na construção do Projeto Pedagógico da escola, como?
05. No seu olhar qual a mídia está mais presente no cotidiano dos alunos, como observa isto? Você percebe algum domínio desta sobre o comportamento dos alunos, como?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSOR (Educação Física)

01. Existe na escola o jornal do Grêmio, o que você diferenciaria do *Matrix*?
02. Você já havia realizado uma experiência desta – com a mídia - que foi feita aqui?
02. Como você ver a participação de outros professores lidando com a mídia. Eles estão preparados para atuar provocando a autonomia e a reflexão crítica?
03. Você pretende continuar relacionando a mídia em suas aulas de Educação Física. Como, Por quê?
04. Na experiência que realizamos o que mais te marcou, houve alguma coisa que você levará para sempre em sua vida?
05. Vocês discutem ou já discutiram a inserção da mídia na construção do Projeto Pedagógico da escola, como?
06. No seu olhar qual a mídia está mais presente no cotidiano dos alunos, como observa isto? Você percebe algum domínio desta sobre o comportamento dos alunos, como?

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM COORDENADOR CEMB

01. Existe na escola o jornal do Grêmio, o que você diferenciaria do *Matrix*?
02. Os alunos da 8ª Série A construíram vídeos, jornal, filmaram etc. Como você vê a relação dos alunos e a produção da mídia no ambiente escolar?
03. Você já trabalhou esta temática – mídia – com seus alunos?
04. Vocês discutem a inserção da mídia – aqui no Cemb – na construção do projeto político pedagógico? Como?
05. No seu olhar que mídia está mais presente na realidade dos alunos?
06. Os alunos alegam que a Sala de informática está sempre vazia e sem uma pessoa para coordenar – um “fantasma” – com isso, eles não a utilizam, por que isto ocorre?

APÊNDICE VI

Neste Apêndice encontram-se as sínteses dos trabalhos desenvolvidos no âmbito acadêmico (Disciplinas e Monografias) e que foram importantes para iniciação da discussão em Mídia-Educação.

- Clésio A. Lima. – **“Mídia e Basquetebol”** (2007) – Analisou a influência da Mídia na moda instituída na prática do Basquetebol (tênis – popular basqueteira – camisas; etc), numa escolinha de Basquetebol e percebeu como a influência da NBA (advinda da mídia) foi determinante nestas escolhas;
- Eduardo Teles de Oliveira – **“Análise do Discurso Midiático Divulgados em Alguns Sites da Internet Relacionados à Atividade Física e à Saúde e sua influência na construção do Corpo”** (2007). Percebeu as estratégias/apelos discursivos adotadas pela mídia e suas contradições no aspecto científico;
- João Bosco Tavares de Carvalho - **“O Esporte Midiático como Divertimento Controlado pela Indústria Cultural e o Discurso da Realidade sobre a Educação Física [...]”**(2008). Este estudo revelou a influência da mídia nas escolhas para o divertimento. Além da influência dos heróis esportivos sobre o imaginário dos alunos, ou seja, um divertimento controlado pela Indústria Cultural;
- Joelma Correia do Santos – **“A Influências da Mídia no Comportamento de Crianças e Adolescente em um Jogo de Futsal”** (2008). A partir de uma escolinha de futsal, a pesquisadora analisou a influência do telespetáculo esportivo nas escolhas, nos gestos, na moda dos alunos que freqüentavam a escolinha;
- Paula Aragão – **“Educação Física, Esporte e Mídia: Uma união para emancipação ou mais um passo para a semi-formação?”**(2008); Neste estudo, a pesquisadora foi tocada pela alta freqüência de seus alunos (de Educação Física) nas Lan Houses da cidade de Gracho Cardoso interior de Sergipe. Desenvolveu um trabalho com a Observação e entrevistas no contexto educacional. Ou seja, analisou a visão dos professores/diretor/coordenador e principalmente, dos alunos da escola sobre sua “presença” nestas casas de divertimento controlado e também, os tipos de jogos, principalmente, os violentos;
- Jênisson Alves Andrade – **“Educação Física, Esporte e Mídia: Influências e busca de possibilidades de intervenções”** (2008); Durante o Estágio de prática de Ensino da Educação Física, o pesquisador observou a influência da Mídia no cotidiano escolar, referente às aulas de educação Física, seja nas práticas esportivas; seja nas danças e “escolhas” musicais. Conclui com a necessidade de um trabalho mais sério nas aulas de Educação Física para subverter a lógica da Indústria Cultural;

- Alice Lany da Rocha Santos – **“O ‘Creu’ da Mídia na Escola: Influências da mídia no cotidiano dos alunos”** (2008); A Pesquisadora percebeu durante seu estágio de Prática de Ensino, que a banalização da cultura está presente no cotidiano dos alunos. Neste aspecto, as “ondas” de massa (mídiaicas) que são veiculadas na televisão, rádio, DVD entre outros, são marcantes na vida dos alunos, a exemplo da dança (?) e música (?) do Creu.

Trabalhos Monográficos:

- **“Basquetebol na Década de 80: uma história na e da mídia”** (2006), de Sueli Costa Santos. Neste estudo, a pesquisadora confrontou as informações nos jornais sobre o basquetebol e realizou entrevistas com os sujeitos que dirigiam a Federação Sergipana de Basquetebol na década de 80 e com jornalistas que cobriam os Jogos da Primavera (maior evento esportivo amador de Sergipe que tem seu auge nesta década). Fica evidente a relação indissociável entre mídia e esporte;
- **“A Influência da Mídia no Imaginário dos Alunos na Construção dos Saberes/Fazeres dentro da Educação Física”** (2007), de Eliana Pereira de Jesus. O “alerta” principal deste trabalho foi a presença da mídia no imaginário dos alunos nas aulas de Educação Física. Seja no gesto reproduzido, a exemplo do gol sendo comemorado com o dedo indicador para o alto, seja na vontade (provocada pelo fetiche do herói esportivo) de tornar-se um ídolo do esporte;
- **“Esporte e Mídia: Uma relação Indissociável no âmbito da Educação Física”** (2007), de Laete Oliveira Cordeiro. O Pesquisador, na constituição da pesquisa, trabalhou em dois momentos. Primeiro, observando o comportamento dos alunos no tocante à influência da mídia e assim, constatando como a violência é “naturalizada” pois, quando um herói esportivo (Ronaldinho, Romário entre outros) fala palavras, faz gestos, ou mesmo dão “carrinhos” (entrada com os dois pés por trás ou frente) eles a reproduzem sem constrangimento; O segundo momento, foi a experiência com mídia em que os alunos produziram jornal, utilizaram de câmara fotográfica e repensaram a construção da mídia, fazendo a sua própria mídia;
- **“A Mídia nas Aulas de Educação Física: Uma possibilidade”** de Cássia Fernanda C. Santos. Este trabalho tem sido minha inspiração para trabalhar com a mídia na Educação Física. A pesquisadora, utilizando-se da Observação Participante desenvolveu com alunos da 5ª Série do ensino fundamental, da Escola Pública a ideia de uma educação para e com a mídia. Os Recursos/instrumentos para a metodologia como câmara de filma e fotográfica, provocaram a reflexão dos alunos para a relação entre Educação Física e Mídia, não só no aprender a usar os equipamentos, mas, principalmente, o que registrar. Nesta pesquisa ficou evidente a mudança de olhar em relação à mídia, por parte dos alunos. Parafraseando um dos sujeitos da pesquisa: “agora sei como é feito a mídia, como são feitos os jornais, as novelas [...] e não é como um passo de mágica, como parece ser”! Esta pesquisa demonstrou que é possível estimular os alunos a pensarem, construir suas mídias, a partir de sua realidade de modo autônomo a caminho da emancipação.

- **“Mídia e Formação Cultural na Educação Física”** de Aliomar de Carvalho - O Pesquisador trabalha com o conceito de múltiplas mediações, bem como do sujeito- receptor, a partir da linha Latino Americana da Comunicação Social (Guillermo Orozco e Jesús Martin-Barbero). O local (campo) é interessante, pois se constitui como um espaço destinado para ver jogos de futebol, então o que o pesquisador investiga é como os sujeitos-receptores interpretam as mensagem (discurso) da mídia;
- **“A Relação Esporte e Mídia nas Escolas Privadas: Um instrumento para atrair matrículas?”** de Érika Christina Alves Rocha. Nesta pesquisa, a preocupação central é como as escolas da rede privada de ensino, utilizam o esporte e a mídia para atrair alunos numa forma funcional de compra e venda de mercadoria. Tirou como amostra as três escolas campeãs de três competições que são marcantes no Estado, os Jogos escolares da TV Sergipe (afiliada à Rede Globo); Os Jogos da TV Atalaia (afiliada à Record) e os Jogos da Primavera;
- **“Três Espiãs são Demais [...] na Formação dos Sujeitos”** de Tatiane Lemos. Neste estudo a pesquisadora analisa a influência da Mídia no imaginário das crianças a partir do desenho animado “Três Espiãs Demais”. O discurso ideológico bem como, a propensão a consumir demasiadamente, são traços que configuram a pesquisa.